

As Flores do Ruanda

Adelson Correia da Costa

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Copyright © 2012 by Adelson Correia da Costa, CPF 388.107.604-25, RG 1877965 SDS PE. All rights reserved worldwide. No part of this publication may be replicated, redistributed, or given away in any form without the prior written consent of the author/publisher or the terms relayed to you herein.

ISBN 978-85-7869-233-9

Author: Adelson Correia da Costa,

Créditos da imagem da Capa:

Nome do arquivo: Ntrama Church Altar.jpg

Autor: Scott Chacon from Dublin, CA, USA

<http://www.flickr.com/people/52724571@N00>

Licença: Creative Commons 2.0 Generic

http://en.wikipedia.org/wiki/File:Ntrama_Church_Altar.jpg

Table of Contents

[Title Page](#)

[Contracapa](#)

[Apresentação](#)

[Início](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

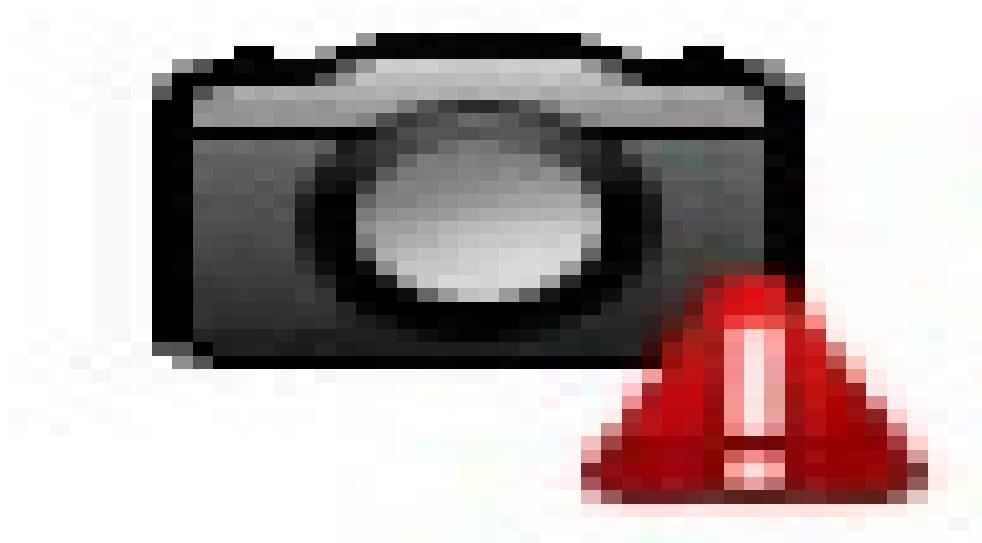
[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

As Flores do Ruanda



Adelson Correia da Costa

Apresentação

Este livro é uma obra de ficção. Todas as falas e tramas são frutos da minha imaginação. A narrativa se desenrola por sobre um fundo verídico: o genocídio de 1994 ocorrido em um pequeno país africano chamado Ruanda e por isso há um paralelo cronológico e factual com a realidade. Algumas autoridades da época foram inseridas ou citadas tão somente pelo valor histórico que possuem e estão em contexto ficcional. Este texto está narrado em primeira e terceira pessoa. Preferi manter alguns termos africanos na sua escrita original, em sua maioria, por não haver correspondentes em português.

— Capitão, o que faremos com tantos cativos?

— Quem ficou responsável pelos suprimentos do rancho, tenente?

— Fui eu, meu senhor!

— Você estocou alimentos para todos esses presos?

— Não, meu capitão!

— Não se preocupou com isso, quando programou a retaguarda desta operação, tenente Ota Uwiragiye? Não pensou na labuta de mantimento da gente rendida?

— Desgraçadamente, não, senhor!

— Por que não o fez?

— Eu não imaginava que faríamos tantos prisioneiros!

— Você não acreditou na capacidade do seu líder?

— A este ponto não!

— A comida da tropa deles durará para sempre?

— Não, capitão!

— Porventura temos dinheiro de sobra para contratar num assentista o manjar desse povo?

— Não!

— Pretende saquear alguma estância para alimentá-los?

— Não, meu senhor!

— Tem dó de gente desse jaez?

— Sinceramente, não...

— Então mate todos eles!

Em minutos, o tenente Ota Uwiragiye formou um grande pelotão de fuzilamento e ordenou:

— Fogo!

As Flores do Ruanda

Capítulo I

2004 — O Ruanda lembra os seus mortos

No dia 6 de abril de 2004, eu estava novamente no Ruanda, uma pequena república soberana da África Central que faz fronteira ao norte com Uganda, sul com Burundi, oeste com o Congo (antigo Zaire) e leste com a Tanzânia. Era a segunda vez que visitava o país e, desta feita, com o objetivo de superar alguns traumas decorrentes da minha primeira estada dez anos antes. Aquela seria uma experiência redentora e confesso que precisei de muita coragem para voltar, pois iria reviver uma época no meu passado repleta de memórias desagradáveis que me marcaram profundamente.

Quando saí do país africano pela primeira vez, em 1994, meu pai, um senador americano, colocou-me para fazer análise com um terapeuta behaviorista amigo havia muito tempo da nossa família e conhecido em todos os Estados Unidos da América. Foi este profissional quem me aconselhou a realizar uma segunda visita a Kigali, a capital ruandesa. Eu não me considerava uma mulher tão problemática a ponto de condicionar minha preciosa felicidade aos conselhos que ouvia deitada sobre um divã de um psicanalista amalucado. Por outro lado, como o meu pai quis tanto que eu seguisse aquela terapêutica, não me opus ao seu desejo, pois, na condição de boa filha, amava-o e gostava quando ele aprovava algo que eu fazia.

O governo do Presidente Paul Kagame fez uma programação de 7 a 13 de abril de 2004 para relembrar os dez anos do terrível genocídio ruandês ocorrido de 6 de abril a 10 de julho de 1994. O genocídio foi uma catástrofe decorrente do massacre, corpo a corpo, de indivíduos da etnia tutsi perpetrado pelos da etnia hutu com os quais convive no país. Aproximadamente oitocentas mil pessoas foram trucidadas em um período de cem dias, quantidade parelha à mortandade nos cerca de 4 anos da Guerra Civil Americana, que com seu poderio bélico dizimou algo em torno de 3% da população dos EUA. Segundo o meu analista, aquela era a oportunidade certa para eu ajustar, de uma vez por todas, as pendências com o meu pretérito. A princípio, resisti e não quis tal retorno de jeito algum. Ele me convenceu com o argumento de que muitos dias haviam transcorrido desde o episódio e que nós trabalhávamos o meu lado emocional havia bastante tempo. Acreditava que eu estaria pronta para o reencontro. Eu não queria tornar àquele lugar. Para que reviver o passado se acreditava que havia superado as más lembranças? Será que elas incomodavam o meu presente de forma tão pungente como acreditava o meu psicólogo? Eu pensava que não.

— Isabelle, se você comparecer ao evento em Kigali e retornar bem, eu falo para seu pai

que você não mais precisa de mim e podemos pôr um termo nas nossas seções de análise.

— Sério? Jura? Quem me dera!

Poder me livrar do meu incômodo amigo apresentou-se como um presente de grande valor. Assim, coloquei nos dois pratos da balança, de um lado o ruim e do outro a lacuna do bom, e escolhi a opção de retorno à África Central.

No Ruanda, vivem basicamente três grupos étnicos: os hutus (rutus), que formam a maioria com cerca de oitenta e cinco por cento da população; os twas (tuás) com menos de um por cento e os tutsis (tútsis) com mais ou menos quatorze por cento. Os twas foram os primeiros habitantes a chegarem à região montanhosa do atual Ruanda, por volta do século VI a.C. Em sequência, chegaram em meados do século VI d.C. os hutus e, aproximadamente, cem anos depois, os primeiros tutsis. Os twas se comunicam entre si em rukiga, sua linguagem original, todavia se utilizam do kinyarwanda (kinyaruandês, ruandês), inglês e francês presentes no país.

No idioma rukiga, a flexão de número, singular ou plural, é feita pelos prefixos MA e BA, respectivamente. A palavra batwa (twas) é plural de matwa, assim como bahutu de mahutu e batutsi de matutsi respectivamente. Os termos twas (plural dado por tutsis, hutus e por nós mesmos) e batwa (plural no rukiga) são a mesma coisa, pois se referem a mais de um indivíduo, da mesma maneira como matwa e twa a apenas um.

Os twas são um povo pigmeu indígena de altura e peso médios de um metro e meio e quarenta e cinco quilogramas que habitam a África Central e parte da Ásia. Existem relatos da sua presença na região desde os tempos dos egípcios.

No início da formação histórica do país, os três grupos étnicos, os hutus agricultores, os tutsis pastores e os twas caçadores e extratores dos recursos das selvas coexistiram em harmonia até que a região foi colonizada pelos europeus. O Ruanda, na conferência de Bruxelas, em 1890, foi dado à Alemanha. Os alemães controlaram a região até a derrota na Primeira Guerra Mundial, quando o protetorado do Ruanda foi entregue à Bélgica.

Os belgas identificaram os indivíduos por meio de cartões raciais e dividiram formalmente a população por grupos étnicos. A ação de marcar com cédulas de identidade os grupos é tida como instigadora da cisão étnica. Eles se acercaram da minoria tutsi para governar o país e discriminaram os hutus, o que acelerou a exacerbação do ódio racial.

Os hutus, entre os anos de 50 e 60 do século passado, tomaram o poder, expulsaram os belgas e massacraram os tutsis, que, aos milhares, fugiram para o exílio em países vizinhos, onde fundaram um movimento de resistência armada. Em face da morte de quase um milhão de tutsis, há um paralelo entre o genocídio ruandês e o holocausto judeu impetrado pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial.

Ao chegar a Kigali, no caminho do aeroporto kanombe ao Hotel Mil Colinas, eu não vi sequer um rosto familiar. A maioria das pessoas que conheci em 1994 fora morta ou expulsa do país. Inicialmente, eu pretendia participar de toda a semana de eventos; contudo, assim que cheguei, resolvi mudar. Impetrei ao gerente do hotel que tentasse conseguir uma passagem para o dia 7 de abril, de modo que eu deixasse o país imediatamente logo na primeira jornada do evento. Não vi sentido em subsistir no lugar, pois, ao pôr novamente o pé por lá, percebi que o caso estava superado e nada mais tinha a ver comigo. Achei por bem decidir que já cumpriria o trato com o meu analista, ao ficar somente dois dias. Eu não estava esperançosa de conseguir um voo, visto que a cidade estava prenhe de pessoas de outras nacionalidades, que igualmente iriam partir por via aérea. Naquela ocasião, andando pelas ruas da cidade, percebia que muita gente se sentia assim:

Como uma garota arrependida que atira sua boneca na fogueira e nada pode fazer enquanto as chamas a consomem. Na manhã seguinte, ao remover as cinzas, constata que mais nada há do seu brinquedo predileto a não ser a lembrança. Assume um sentimento de culpa que carrega no peito a partir de então, por ter queimado uma boneca de maneira tão estúpida.

Enquanto andava pelas ruas da cidade, eu via muita gente caminhando em direção ao estádio local de futebol onde aconteceria a principal solenidade do evento. No país, quem sobreviveu ao ano de 1994 carrega a morte como fardo na memória ou a vida como dádiva por ter escapado das garras do genocídio ruandês. Muitos creditavam à sorte suas existências em curso. Imaginavam que nasceram de novo no fatídico ano lembrado e estavam, no momento, após uma década, brindando ao batismo de uma nova oportunidade ou lamentando o aniversário de alguma história triste. Eles se olhavam e não sabiam se sorriam por suas trajetórias em curso ou se choravam por seus mortos retornados.

Eu me chamo Isabelle. Sou uma médica americana nascida em Nova Iorque. Tenho ascendência francesa. Meus avós migraram da França para os Estados Unidos da América e tiveram o meu pai, atualmente um político americano nacionalista, que tem apreço à nação francesa, em respeito à origem dos seus genitores. Por atuar em favor da agenda franco-americana, sempre teve prestígio perante o governo francês.

Eu estava, em 2004, arruando à solta por Kigali, feliz por não ser reconhecida pelas pessoas que passavam por mim. Encontrei poucas delas com as quais convivera em 1994. Em meio à multidão, comecei a temer não estar preparada para a triste recorrência do pretérito. Ao caminhar, amaldiçoava o meu psicólogo por ter me mandado de volta àquele lugar, chantageando-me com a possibilidade de término das suas chatas seções de análise. Eu me perguntava por que não guardava a história ruim comigo, partia para os EUA e dizia para o meu amigo em Nova Iorque:

Cara, eu sou maluca, contudo gosto de mim desse jeito. Não preciso dos seus serviços, tampouco da sua terapia. Deixe-me em paz com minha maluquice!

Considero-me uma boa pessoa, amigável, companheira e sensível. A minha mãe dizia que sou valente, que tenho gênio forte e pavio curto. Não sou de deixar para depois o que posso resolver agora. Sou do tipo: ou gosta de mim ou me odeia. Desde menina, sempre fui uma garota hiperativa, com uma energia acima da média. Por conseguinte, praticava quase todo tipo de esporte para o qual fosse convidada; porém em dois, em particular, me destaquei: nas lutas de competição e no tiro esportivo na modalidade fossa olímpica. Aprendi a atirar muitíssimo bem por influência do senador que considerava a caça seu passatempo predileto. Quando me conscientizei de que era uma covardia atirar nos pobres patos em migração pelos banhados do Estado do Missouri, entrei para uma escola de tiro ao alvo e comecei a competir contra outros seres humanos. Em vez de abater aves inocentes, passei a quebrar, à bala, pratos ou discos de onze centímetros de diâmetro feitos de betume e calcário arremessados ao ar por incansáveis máquinas. As geringonças lançavam 75 alvos em série de 25 e, por conta disto, eram a razão de meus tormentos. Elas sempre me venciam no final, a despeito de eu quebrar um monte de pratos. Meu treinador costumava me dizer:

Caramba! Erre alguns pratos, Isabelle, senão perderei o meu emprego, por não ter mais nada que lhe ensinar. Ah! Ah! Ah! Ah!

Meu pai possuía amigos nas Forças Armadas e no poder executivo americano, entre os quais, profissionais de segurança e franco-atiradores, que executavam tiros de precisão em alvos a longas distâncias. Percebendo minha habilidade, apresentou-me àquelas pessoas com as quais pratiquei por um bom tempo. Achava legal acertar um objeto a um quilômetro e meio. Consideraram-me entre os melhores e cogitaram inclusive me levar para os Fuzileiros Navais, no entanto, ele foi radicalmente contra.

Alto lá! Minha filhinha é doce e meiga e não foi criada para atirar em seres humanos em qualquer porcaria de guerra de vocês! Ela atira por medalhas!

Não participei, por longo tempo, de equipes americanas de tiro de competição porquanto outra obrigação tomou conta de quase todo o meu tempo de juventude: o curso de medicina. Chegou um momento em minha vida no qual tive de fazer uma escolha difícil: ou continuava competindo ou me tornava uma boa médica. Discuti a questão com os meus familiares e eles foram acordes que eu priorizasse os estudos da medicina, pois o esporte é algo efêmero e duraria somente o tempo em que persistisse minha juventude e vitalidade. Hoje sou uma boa médica. Por outro lado, se alguém estiver encaixado na mira de uma arma em minha mão, está

enrascado, se me fez algum mal relevante que me faça premer o gatilho a qualquer ponto de distância que eu esteja. O judô, associado ao meu temperamento impulsivo, fizeram-me uma brigona quando menina. Meu pai adquiriu o hábito de me tirar de encrencas nas escolas por onde eu passava. Sempre brigava com os meninos da minha idade. As meninas me achavam diferente. Nunca fui uma garota má, porém vivia em disputas. Eu era uma adversária dura nas brigas e assídua convidada às salas dos diretores das instituições de ensino nas quais eu era aceita, sem muitos obstáculos, apenas por ser filha de um político influente.

Ao caminhar pela cidade, imaginava que poderia ou deveria estar participando de uma linda manhã no Central Parque de Nova Iorque. Todavia, estava no Ruanda outra vez após tanto tempo. Eu passei pelo Centro Hospitalar de Kigali, o CHK, onde trabalhei em 1994. Lá estava, à sua frente, o majestoso podocarpus, um tipo de árvore que me traz muitas lembranças. Por toda a cidade, havia eventos interessantes, tais como: espetáculos de músicas, tertúlias de poesias, peças de teatros, exibições de filmes e exposições de arte a rememorem o horror, mas também a celebrar a vitória da vida sobre a morte. O amor e a esperança de um futuro de paz e prosperidade eram a mensagem transparente em Kigali em 2004, além do apelo por justiça contra os perpetradores da carnificina.

Na ocasião, haveria um evento no Amahoro National Stadium. Peguei um táxi à porta do hotel, pela manhã, e comecei o meu trajeto para o local da cerimônia em memória ao decênio do genocídio ruandês. Saímos do hotel e passamos defronte ao Union Trade Center, dobramos à direita e pegamos uma longa estrada sem cruzamentos nem congestionamentos de trânsito. O veículo desenvolvia sua velocidade tranquilamente, o que fez o percurso tornar-se prazeroso. Eu fiz questão de sair cedo, justamente para não perder tempo no caminho até o Amahoro Stadium. Passamos pelo parlamento ruandês e seguimos viagem até chegarmos ao famoso restaurante kigalense Chez Lando, que me trouxe boas recordações. Dobramos à esquerda e nos avizinhamos do nosso local de destino. No trajeto, li a programação do evento e resolvi que sairia do Amahoro, após o pronunciamento do Presidente da República do Ruanda, Paul Kagame. Segundo o folheto em minhas mãos, dado pelo pessoal do Hotel Mil Colinas, ocorreria às doze horas e quinze minutos. Inicialmente, teríamos discursos de autoridades convidadas e depoimentos de vítimas sobreviventes. Antes da fala do presidente, aconteceria um ato de 10 minutos de silêncio em recordação dos mortos e, após, seríamos contemplados com apresentações de música e poesia e outros relatos de vítimas. Esta seria a ocasião em que eu sairia do estádio, conforme minha intenção, confirmada por mim mesma introspectivamente durante o trajeto de táxi. Em outras localidades do país, ocorriam cerimônias semelhantes com a mesma finalidade.

À porta do estádio, segui as pessoas que iam em direção às arquibancadas. Entrei e encontrei uma acomodação entre as 65 mil pessoas que estavam no local. Uma banda se apresentou para a plateia e, depois, no horário programado, o Presidente Kagame discursou emocionadamente. Em suas palavras, culpava a França, apontando os franceses como contribuintes decisivos para a ocorrência da matança e, inclusive, como circunstantes dos combates.

Eles, de caso pensado, treinaram e armaram os soldados do governo e as milícias que estavam se encaminhando para cometer o genocídio e eles sabiam o que os hutus iriam fazer.

O duro libelo sem meias-palavras foi suficiente para que o Ministro de Relações Exteriores do governo francês do Presidente François Mitterrand, Renaud Muselier, abreviasse sua curta visita ao país. O Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas, Kofi Annan, conclamou-nos a fazer um minuto de silêncio, ao meio-dia local, para marcar o dia internacional de reflexão sobre o genocídio ruandês. Solicitou que as nações do mundo inteiro adotassem medidas preventivas e efetivas para que um genocídio não voltasse a ocorrer. Houve críticas pela não participação de algumas grandes nações nos eventos patrocinados pela autoridade ruandesa. Outras, como a Bélgica e os Estados Unidos, rogaram escusas pela sua passividade diante dos fatos ocorridos em 1994.

Quando eu estava sentada em meio ao povo, julgando saborear um confortável e desejado anonimato, um soldado que mantinha a segurança das arquibancadas do Amahoro estendeu-me um olhar cuidadoso, de modo intrigante. Pus meus óculos escuros e, camuflada em indiferença, esperei que parasse de me observar. Cri ser inoportuna tal sondagem, pois a ocasião lutuosa não era propícia a galanteios. Logo após, veio para junto de mim. Preparei-me para, educadamente, despedi-lo, caso viesse me inquirir com uma corte inadequada. Simplesmente me perguntou:

— A senhora é a Dra. Isabelle, não é?

— Sim.

Eu lhe respondi afirmativamente, pois imaginei que poderia ser portador de alguma informação do Hotel Mil Colinas. O gerente, que ficara de confirmar minha partida de avião à tarde, dissera-me que, se conseguisse uma desistência, mandaria alguém me procurar no estádio.

— Eu a conheço do ano de 1994, senhora!

Arrependi-me de ter lhe confirmado o meu nome.

— Você deve estar enganado. Talvez esteja me confundindo com outra Isabelle!

— Acredito que não, senhora. Se não bastasse a semelhança, como poderia haver outra Isabelle no Ruanda, branca e médica? Eu servi na inteligência da Frente Patriótica Ruandesa em 1994, quando eu era ainda um adolescente!

— Nós nunca nos vimos antes, meu rapaz, porque esta é a primeira vez que ponho os pés neste país! Por favor, dê-me licença, tenho de ir. Adeus!

Após sair do local, o militar, agora com outros colegas, perseverava em observar a médica. Fez-lhe um sinal; entretanto, ela não lhe quis dar atenção. Ela permaneceu andando e, propositadamente, penetrou numa aglomeração para dificultar o trabalho de aproximação. Ele correu na direção dela, temendo a perder de vista entre tantas pessoas. Algo a dizia que o outro tinha por missão não a deixar escapar. Para ventura do soldado, a cor e o aspecto de Isabelle a diferenciavam de quase todas as pessoas no estádio de futebol. O hutu inquiriu transeuntes no lugar:

— Vocês viram uma mulher branca passar por aqui?

— Ela seguiu em direção ao ponto de táxi!

O jovem oficial retornou para seu posto e foi dizer aos companheiros que suspeita já fugira do Amahoro. Requereu ser liberado da incumbência que julgou idiota e inoportuna, pois fora ignorado:

Ela que fosse para onde quisesse ir!

Seu superior imediato passou um rádio para o centro de comando e teve uma resposta nada agradável.

— Tenente! Pelo amor de Deus! Encontre a americana, imediatamente! Você não deveria ter deixado a mulher escapar. Ela deve ser perigosa ou estar envolvida em algo sinistro, pois o alto comando do exército a quer agora mesmo.

— Ela já foi para o aeroporto, senhor. Deve ter regressado ao seu país!

— Pois vá lá e laxe o maldito avião no ar! Se não a trouxermos de volta, serviremos em Byumba, a partir de amanhã!

— Sério, senhor?

— Você pensa que estou brincando, tenente? Foi o próprio Ministro da Defesa quem acabou de me dizer isso pelo rádio! Ande logo, rapaz!

— Se ela resistir à prisão, estou autorizado a atirar?

— Imagino que não, pois a querem viva! Vá atrás dela e fique atento ao rádio que lhe darei instruções durante o trajeto. Por enquanto, não use arma de fogo, se ela tentar fugir novamente. Não a perca de vista!

Ao chegar, outra vez, à porta do Amahoro, a médica já tinha pegado um táxi havia instantes. Questionou alguns taxistas, pois sabia que não podia errar na captura, pois que disto dependia seu futuro na corporação.

— Vocês viram uma bela gringa passar por aqui?

Obteve como resposta:

— Ela veio aqui, sim! Estava apressada. Disse que estava quase na hora do seu avião decolar.

— Para onde ela foi?

— Ela foi ao Mil Colinas e de lá, com certeza, para o kanombe.

O tenente embalou em carreira para o aeroporto de Kigali. Ligou o rádio da viatura e entrou a dizer:

Atenção, câmbio, aqui é o tenente Ngoma em missão de busca e captura de uma mulher americana que possivelmente se encaminha para o kanombe. Se a encontrarem em outro caminho, detenham-na, mas procurem não utilizar violência desnecessária. Ajam com determinação, mas tenham cautela, pois não sabemos se é perigosa!

Cheguei ao aeroporto e me sentei em um banco à espera do horário do meu voo. Não tinha intenção de passar mais um minuto do meu tempo no país. Tornara para aproveitar a oportunidade de ajustar-me ao passado e me dava por satisfeita. Nós, passageiros, fomos chamados para o avião. Entrei na aeronave e, finalmente, senti-me longe, quando ela começou a taxiar pela pista secundária.

De repente, soldados do exército ruandês adentraram no kanombe assustando toda a gente. Indaguei-me: será uma revolução ou um golpe de estado? Eles invadiram a pista com seus veículos e impediram a decolagem. Três militares armados entraram no avião. Olharam para um lado e para outro e, quando me viram, caminharam ao meu encontro. Um jovem oficial se perfilou fronteiro e me questionou:

— A senhora é a americana Dra. Isabelle?

— Sim, sou eu mesma, por quê?

— Preciso que me acompanhe, doutora!

— Por que você acredita que eu faria isso?

— Meu superior deseja vê-la.

Pela insígnia no uniforme do oficial, percebi que ele era um jovem tenente, fato que me trouxe lembranças de outra pessoa que conhecera havia uma década no mesmo lugar. Mostrou-se surpreso, quando o interpelei utilizando sua patente no exército ruandês.

— Tenente, tenho de partir. Diga ao seu superior que o verei em outra oportunidade!

— Quem a chama é alguém especial, senhora. Ele me incumbiu de lhe dar algo para convencê-la a aceitar o encontro.

O tenente Ngoma chamou um soldado e o mandou buscar em uma viatura do exército que estava na frente do avião uma encomenda. Retornou com um lindo arranjo floral. O buquê não significaria muito para mim, se não constasse de antúrios, helicônias, estrelícias, gengibres e violetas-africanas. Peguei as flores e seu aroma me fez voltar dez anos no tempo. Lágrimas começaram a cair dos meus olhos, pois a recordação do twa Tharcisse Mugabe apareceu transparente em minha mente. Espantei-me por perceber que justamente no momento da minha saída de Kigali, os meus fantasmas finalmente se expressavam na tristeza que escorria em minha face.

— De onde são estas flores? — perguntei ao oficial. Ele me pegou pelo ombro e falou:

— No caminho para cá, disseram-me pelo rádio que a senhora me faria esta pergunta, Dra. Isabelle. Mandaram-me lhe dizer que a resposta para ela fará parte do assunto que será tratado, após me acompanhar.

Os outros passageiros me olhavam admirados. Eu recebia flores, contudo, com o olhar lacrimajante, estava sendo obrigada a desembarcar contra minha vontade. Eles avaliavam-me:

O buquê é um aceno de amizade ou deboche de gosto duvidoso, inadequado à ocasião?

Os tripulantes procuravam entender por que motivo o exército daquele país havia parado a aeronave. Eles estavam assustados e com pena de mim, pois era-lhes evidente que aqueles homens sinistros, fardados e armados estavam me capturando.

Perguntei ao tenente:

— Quem é esta pessoa que insiste tanto em falar comigo, oficial?

— O próprio Presidente da República deste país, Paul Kagame, Dra. Isabelle.

Levantei-me da cadeira e acompanhei os soldados pelo corredor apertado. Um sargento confiscara e carregava minha bagagem. Todos estavam assustados dentro da aeronave. Sentiram a tensão no ar que nos seguia, para alívio deles. Os militares, todos jovens, não sabiam ao certo por que me detinham e isso ficava explícito nos seus olhares curiosos. Desci as escadas ao encontro do destino. Enquanto passava pela pista, as pessoas a bordo do avião iam às janelas para me verem caminhar pelo kanombe escoltada por militares. Olhavam-me curiosas e temiam pela minha sorte. Percebi que elas acreditavam que eu me metera em uma bela encrenca ou que deveria ser uma pessoa muito perigosa a ponto de terem quase atropelado um avião daquele tamanho em pleno trabalho de decolagem, somente para me segurarem por mais tempo no Ruanda.

As Flores do Ruanda

Capítulo II

Cerca de dez anos antes — Kigali

Até meados dos anos oitenta do século XX, a rotina de vida de Isabelle em Nova Iorque era movimentada. Seu pai passava a maior parte do tempo em Washington, a serviço do Senado. Ela e a mãe moravam em Nova Iorque. Ele ia para casa todos os finais de semana. Ao amanhecer, ela ia para o treinamento de tiro esportivo, à tarde, para a faculdade de medicina e, à noite, treinava judô e defesa pessoal. Defendera a equipe americana de lutas em uma olimpíada e obtivera uma medalha de prata. Ficou triste por não ter sido campeã.

Isabelle competiu nos XXIV jogos olímpicos em Seul, na Coreia do Sul, em 1988, na modalidade do Judô, na faixa de peso médio. Fez uma etapa classificatória arrasadora, entretanto, na semifinal, contra uma garota alemã, machucou-se seriamente. Derrubou a europeia, intentando vencer por ippon, contudo, conseguiu tão-somente um waza-ari. Esta pontuação é concedida quando o lutador tenta o ippon, porém não realiza o golpe com perfeição e o adversário não cai com as costas completamente ajustadas ao chão. Ganhou a luta, entretanto, luxou o braço, pois a alemã caiu com todo o peso sobre ele. Um drama terrível instalou-se de imediato: ela não deveria disputar a medalha de ouro naquele estado. Muitos tentaram persuadi-la a não tornar ao dojo, no entanto, preferiu entrar. Na final, quando o público a viu chegar segurando o braço para não se desconjuntar do resto do corpo, fez um sentido silêncio. Isabelle olhou para a adversária e viu a expressão de felicidade estampada na cara da maligna. A russa abotoou um risinho sarcástico, quando a cumprimentou. O ouro tinha dono. Assim que se iniciou o combate, a oponente segurou a ianque pelo kimono e a arremessou ao tatame, conseguindo um ippon, o dito golpe perfeito. Isabelle se estatelou no piso e sentiu novamente uma grande dor. Todos a cumprimentaram. Redes de TV de todo o mundo queriam-na entrevistar. Declararam que ela tinha o espírito olímpico nas veias. Na realidade, esta americana não pensa naquele espírito, tampouco que ganhou uma medalha de prata. Sente que perdeu a de ouro. Desta forma se comportou em Seul, assim age agora e, deste modo, sempre será a Isabelle.

* * * * *

Quando concluí o curso de medicina, aos 25 anos, encontrei a oportunidade de fazer um trabalho filantrópico para a Cruz Vermelha, inicialmente, na Índia, no entanto, depois, me mandaram para o Ruanda. Um professor da faculdade me escolheu. Aceitei de imediato, todavia não antes de lhe perguntar, por curiosidade:

— Por que o senhor me indicou para este trabalho, professor?

— Porque você é uma rica menininha mimada, Isabelle!

Aquele homem de meia-idade era um bom cidadão americano típico eleitor do partido democrata, que estava no poder. Meu pai era um republicano que fazia oposição ao Presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, que ficava do lado do professor. Meu mestre, depois de ser contatado pelo pessoal da Cruz Vermelha, avaliara o currículo de todos os formandos de medicina daquele ano. Ponderou que eu tivera a sorte de nascer em uma família com ótimos recursos financeiros e, por conta disso, acreditou que eu tinha o dever moral de ajudar os pobres do outro lado do mundo, sem levar em conta que eles também existiam em Nova Iorque.

— Por acaso, isso é motivo para o senhor me punir?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Participar da Cruz Vermelha não é uma punição, Isabelle. Eu penso que um ano e meio de contato com a pobreza e sofrimento do Terceiro Mundo fará com que se torne uma mulher madura.

Benditas e proféticas palavras daquele senhor!

Ao chegar pela primeira vez ao Ruanda, em meados de 1993 e deixar o aeroporto de Kigali, fui levada diretamente para o escritório da Cruz Vermelha local. Lá encontrei o Dr. Mike, um elegante médico inglês senhoril que contava 54 anos. Superintendia as operações de assistência médica na África Central. Era um inteligentíssimo senhor de materialismo calcificado e incorrigível. Por causa do conflito, o Dr. Mike desejava montar uma equipe formada de profissionais experientes em questões militares. Estava fazendo alguns ajustes no seu grupo de trabalho, através do rodízio de pessoas. Como eu era uma novata, não se agradou da minha indicação para o posto de médico justamente ali. Eu iria atuar provavelmente no Centro Hospitalar de Kigali, um hospital sob monitoramento do governo da Bélgica, em uma ação de ajuda àquele país.

A primeira coisa que me impressionou naquela capital foi seu relevo acidentado. A cidade, assim como quase todo o Ruanda, possui muitos morros e, por conseguinte, as pessoas do lugar chamam aquela nação de a terra das mil colinas. Mil Colinas, ademais, é o nome do hotel para onde fui inicialmente até que o médico decidisse onde me acomodar. De início, falou-me que eu ficaria em um centro religioso aos cuidados de um bispo italiano. Informei que pretendia morar sozinha nalgum lugar do centro da cidade, uma vez que minha viagem tinha, como uma das principais motivações, minha inserção numa nova cultura. Eu era jovem e

curiosa. A oportunidade de interagir com pessoas diferentes das quais mantinha contato nos EUA me seduziu. Um espírito aventureiro me levou à África. O Dr. Mike estranhou meus interesses.

— Excêntrica sua fundamentação, Dra. Isabelle. Todos que estão aqui justificam sua participação em programas de assistência ao Terceiro Mundo, com o desejo de prestar auxílio a pessoas necessitadas.

— Sentir-me-ei muitíssimo bem em ajudar os outros, Dr. Mike, todavia também quero adquirir conhecimentos para minha vida profissional e me tornar uma mulher experiente.

— A senhora vem de uma família rica, não é?

— Sim, nunca precisei me esforçar para conseguir bens materiais.

— Quer dizer que sua aventura africana é um capricho duma jovem garota nova-iorquina?

— Não chegaria até esse ponto em uma análise profunda da questão, contudo se o senhor quiser interpretar os meus ideais por este ângulo, não o condenarei por isso.

— Está certo, Dra. Isabelle, não me cabe avaliar seus sentimentos. É o bastante a senhora atuar com vontade e abnegação, pois há muito que um médico pode fazer em um país tão carente como este.

— Fui alertada neste sentido, porém, meu contrato com a Cruz Vermelha é de um ano e meio. Creio que poderei suportar a carga de serviço neste lapso de tempo.

— A senhora acertou o valor da sua ajuda de custo?

— Já, todavia, como lhe disse antes, não me importo com o dinheiro que ganhar nesta empreitada.

— Temos quatro núcleos de atuação, Dra. Isabelle: Kigali, Kibungo, Butare e Kibuye. Tínhamos cinco, mas a nossa agência em Byumba deixou de funcionar há pouco tempo, pois esta governança não tem condições de oferecer segurança aos nossos voluntários no Norte do país.

— Por que não?

— Os rebeldes tutsis fizeram uma incursão no Norte. Aquela região virou um inferno. Não temos como atuar lá a não ser em operações conjuntas com o exército.

— O que eles querem, Dr. Mike?

— Não acredito que a senhora não leu, ao menos, um pouco sobre a história deste país, antes de vir para cá!

— Infelizmente, não tive tempo. Até a semana passada, não tinha certeza para qual local a Cruz Vermelha me enviaria. Acreditei que iria para algum país oriental e supus que fosse a Índia.

— Por que a senhora não foi para lá?

— Provavelmente, por alguma questão política interna da Cruz Vermelha. De última hora, uma garota romena foi no meu lugar. Um colega da Cruz Vermelha me declarou, extra oficialmente, que pessoas influentes naquele outro país solicitaram a presença dela.

— A senhora se conformou com essa injustiça?

— O que eu poderia fazer se os próprios indianos impuseram outra profissional em meu lugar? Senti-me rejeitada e desisti de ajudá-los. Que façam bom proveito da médica romena!

— Faz sentido. Foi por isso que veio uma pessoa a mais para cá. Em tal caso, a senhora leu a história da Índia e não a nossa?

— Exatamente!

O Dr. Mike pegou um grande mapa e o espalhou por sobre a mesa de trabalho. Mostrou-me as características geográficas do país, ao passo que me falou um pouco sobre o Ruanda. Explicou-me, ademais, as divisões políticas em províncias, distritos, prefeituras, cidades, vilas etc. Falou-me da economia voltada para a lavoura e pecuária, da história e da composição étnica.

— Por que há tão poucos twas? — perguntei-lhe.

— Eles são apenas 1% do povo daqui, mas até que são muitos, em decorrência das péssimas condições em que vivem. Na verdade, estão sendo exterminados por tutsis e hutus!

— Que horror!

O médico me aclarou que os tutsis e os hutus viviam um embate histórico pela hegemonia do poder. Por muitos anos, aqueles estiveram no comando, entretanto, à época, eram os hutus, que dominavam o país. Os tutsis foram perseguidos e massacrados em algumas oportunidades recentes e, por conta disto, milhares fugiram do país, principalmente, para a vizinha Uganda. Lá fundaram um movimento guerrilheiro chamado Frente Patriótica Ruandesa. O objetivo do movimento tutsi era descer até a capital e tomar o poder central do país. Segundo o inglês, a situação ficava pior, a cada dia que passava. Os hutus estavam usando a força bruta para intimidar os tutsis civis residentes no país, em represália aos ataques que sofriam a partir da fronteira norte. Ele me relatou que alguns burgos setentrionais do país já estavam em poder da FPR.

O despatriado grupo rebelde, seus membros, assim como seus simpatizantes atuantes, eram também conhecidos por inkotanyis, palavra que significa invencíveis, em ruandês. Os tutsis, em geral, eram cognominados pelos hutus de inyenzi (baratas) de forma pejorativa e ofensiva. Dizem que a origem deste termo com esta acepção remonta ao tempo em que os tutsis exilados adentravam no país na privacidade das noites e se camuflavam durante os dias, costume adotado pelas baratas, insetos de hábitos noturnos. A pressão bélica no Norte inquietava os hutus, que viam a possibilidade de perderem o poder e serem expulsos do país cada vez mais factível.

— Ainda existe tempo de a senhora desistir dessa empreitada, Dra. Isabelle! Eu estou sendo flexível com os profissionais que não se sentem à vontade de trabalhar neste lugar. Esta semana, liberei três de nossos colaboradores. Eles não estavam se sentindo seguros aqui. Quando há um caso de desistência, costumo desabonar a ficha do profissional, de modo que não encontre outra oportunidade perante a Cruz Vermelha, porém, neste país, estou agindo de maneira diferente.

— Quem se candidata para a Cruz Vermelha sabe que atuará em locais de conflito!

— Isto é verdade, Dra. Isabelle, todavia a situação nesta região do mundo é inusitada. Não existe uma frente de batalha delimitada. Temo que esta contenda chegue às nossas casas em alguma ocasião. Existe um sem-número de civis despreparados em ação. A coisa está caminhando para uma desordem total. Como poderei lhe oferecer segurança, se a arruaça bater à sua porta? Estou fazendo um monitoramento sistemático da situação neste país. Mantenha sempre uma mala de viagem cheia e pronta para ser usada, em caso de emergência. Darei o sinal para partirmos, assim que não houver mais segurança para realizarmos nosso trabalho medicinal.

— O senhor não é nada animador, Dr. Mike!

— Estou sendo sincero com a senhora. Este não é lugar para uma mulher jovem, bonita e fina. Talvez possa encontrar algo a contento em uma nação da Europa Oriental ou mesmo da Ásia.

— O que o senhor está me dizendo? Quer que eu retorne, neste instante, para o aeroporto? Será que pode cair uma bomba sobre nossas cabeças daqui a cinco minutos?

— Ah, Ah, Ah, Ah. Vejo que possui senso de humor. Isto é bom. Ajuda a aliviar a tensão. Não precisa ir-se hoje. Só há voo daqui a dois dias.

— Vá que seja, senhor! Reserve-me uma cadeira confortável nesse avião. Eu irei nele. Sou americana e não uma francesa com vocação para Joana D'Arc, que gostava de se envolver em lutas na Idade Média.

— Foi uma decisão sensata. Aproveite estes dois dias de visita. Eu a levarei para o Hotel Mil Colinas e depois iremos diretamente para o Centro Hospitalar de Kigali, onde a senhora trabalharia se ficasse. Pelo menos nestes dois dias, pretendo lhe mostrar como é feita a medicina no Terceiro Mundo.

Quando nós estávamos a ponto de sair do local, uma jovem chegou às pressas. O Dr. Mike falou para ela:

— Bom dia, Rose. Algum problema?

Rose Kabaguyoi era uma competente enfermeira recém-passante de 22 anos de idade que trabalhava no Centro Hospitalar de Kigali. Era uma jovem tutsi alta, elegante e de talhe esguio. Exorbitava da beleza. Possuía os traços do rosto finos, como a maioria das pessoas da sua etnia. Belíssima, manuscrita, obra de talho. Morava na Fazenda Boa Esperança (Fazenda

BE ou FBE), de propriedade do fazendeiro Sr. Emmanuel Habimana, que andava pela casa dos 60 anos. A propriedade rural ficava na Província do Sul, no distrito de Gitarama, que dista 70 quilômetros da capital. Rose fazia uma viagem cansativa de ida e volta, sempre que tinha plantão no Centro Hospitalar.

— Temo que sim, Dr. Mike. Há uma emergência para o senhor no Hospital!

— Vamos então, Rose. Venha conosco, Dra. Isabelle. É uma boa oportunidade para a senhora conhecer o CHK. Será bem-vinda ao nosso inferno particular. Antes de tudo, esta garota formosa é Rose Kabaguyoi, uma de nossas enfermeiras. Rose, esta é a Dra. Isabelle, que ficaria conosco, mas está de partida. Como você veio, Rose? Está de carro?

— Eu estou a pé. Vim em uma ambulância; entretanto, ela não pôde ser deixada à minha disposição, pois estava transportando um paciente.

— Nesse caso, utilizaremos a Land Rover da Cruz Vermelha.

O Dr. Mike guiou a picape com pressa, porém com segurança, pelas estreitas ruas da cidade. Rose dirigiu-me a palavra.

— Por que a senhora não ficará conosco, Dra. Isabelle?

— O Dr. Mike me informou que a situação política deste país está conturbada.

— A Cruz Vermelha não está pronta para estas situações?

— Só está, Rose. Na verdade, a Cruz Vermelha atua em regiões de conflito.

— Sendo assim, por que não fica conosco? A senhora parece ser uma boa pessoa.

— Obrigada, Rose. Não se preocupe que virá outro médico em meu lugar. O Dr. Mike não acha prudente que eu fique, visto que esta é minha primeira missão para a Cruz Vermelha. Ele pretende trazer um profissional mais experiente. Talvez eu vá para a Índia ou Paquistão, que na realidade eram minha opção inicial.

— Quando partirá?

— Depois de amanhã.

— Não vou sair do seu lado. Tentarei fazê-la mudar de ideia, pois gostei da senhora.

— Grata, colega, entretanto, eu já tomei minha decisão!

Nós estávamos, então, em meados de 1993. A situação no Ruanda não era boa, todavia nem de longe se comparava ao caos que se iniciaria no primeiro semestre do ano seguinte. Existiam hostilidades, contudo a palavra da moda, no momento, era paz. Hutus e tutsis negociavam a possível assinatura de um acordo de partilha do poder, mediante a instalação dum regime democrático que contemplasse amplas e livres eleições para todos os cargos políticos.

— O Dr. Mike não lhe falou que nós iniciamos um processo de pacificação? — Rose me esclareceu.

Eu perguntei ao Dr. Mike, que parecia alheio à nossa conversa:

— Os conflitos estão terminando, Dr. Mike! Rose me diz que as partes assinarão um tratado de não agressão.

— Não confie nisto, Dra. Isabelle. Empenham-se apenas em ganhar tempo com esta estratégia e ficar bem com a opinião pública mundial.

— Por que o governo e a Frente Patriótica Ruandesa querem impressionar as outras nações?

— Por dinheiro, doutora! Sem uma perspectiva de trégua, não há como os países financiadores enviarem valores a serem utilizados em projetos de desenvolvimento e assistência social. Sabem que quase toda a riqueza que transferirem será usada no esforço de campanha militar. Tendem a conter os envios de verbas até que as desavenças terminem. Os políticos do Ocidente se sentirão culpados, caso seu capital financie a aquisição de armas.

— Quais países enviam recursos para esta revolução?

— Bem, em relação ao dinheiro e assistência aos hutus, a França é a campeã!

— E no caso dos tutsis?

— Isto fica principalmente por conta de Uganda, onde está sua base militar. Existe muita sujeira por trás duma contenda destas, Dra. Isabelle.

Chegamos ao hospital e caminhamos céleres ao encontro da urgência apontada por Rose. A ocorrência era um torpe estupro de uma twa, praticado provavelmente por um hutu ou tutsi. Fiquei incomodada pelo fato do primeiro caso médico que presenciava no país ser o de violência sexual contra uma mulher. O Dr. Mike percebeu meu constrangimento e tentou me tranquilizar.

— Não fique impressionada, Dra. Isabelle. Kigali não é Nova Iorque. Aqui casos de estupros são quase tão comuns como as epidemias de gripe.

O Dr. Mike exagerou, evidentemente, para reforçar o fato de existir muita violência contra as mulheres no Ruanda em tempos de exceção.

Olhei para a lânguida twa quase desfalecida ao leito e a comisseração tomou conta do meu ser. Ela estava toda ensanguentada. Sofria e sentia muitas dores. Como toda twa era pequenininha. Aparentava ser uma pessoa frágil e assaz jovem. Não pude acreditar que o meu cartão de visita fosse um caso daqueles. Considerei ser uma covardia um homem maltratar uma pigmeia como aquela. Perguntei para Rose:

— Qual é a idade desta menina?

— Ela deve ter uns 12 anos, Dra. Isabelle.

— Será que prenderam o criminoso?

— Ele não será preso!

— Por que não? Como você pode dizer isso?

— Não sei se a senhora notou que ela é twa!

— Sim, e daí? O que tem isso de especial?

— Geralmente aqui ninguém é preso por maltratar os twas.

— Os twas são uma pequena minoria. Eles não são contemplados pela justiça regular — acrescentou o médico.

— Por que não?

— Basicamente, porque não possuem registro formal como cidadãos. Por conseguinte, têm muitas dificuldades de reivindicar seus direitos nos órgãos oficiais. São segregados por tutsis e hutus em decorrência do preconceito étnico contra eles...

— Quer me dizer que essa menina não possui registro de nascimento ou cédula de identificação?

— Provavelmente, não. É como se não existisse oficialmente.

— Por que ninguém se insurge contra isso, Dr. Mike?

— Existem algumas ONGs que lutam pelos direitos dos twas do Ruanda, do Burundi e do Congo. Esta não é uma causa da Cruz Vermelha. Tenho muito a fazer como médico e não posso acumular outras funções. A senhora pode contatar o pessoal das ONGs e da Igreja e descobrir o que pode empreender para ajudá-los. Alguns missionários levantam esta bandeira, no entanto, é uma tarefa ingrata.

— Por que será que o facínora atacou esta garota? Não vejo nada nela que pudesse atrair a atenção de um homem.

O médico respondeu:

— Este é legalmente um crime sexual, todavia o prazer carnal não foi a motivação do estuprador, Dra. Isabelle! Ele não se sentiu sexualmente atraído por ela. Eu lhe garanto!

— Como o senhor sabe disso?

— Existe uma crença antiga neste lugar de que um homem pode curar uma dor em suas costas, se fizer sexo com uma twa. É uma superstição absurda, entretanto, não para a gente daqui. Há muita ignorância na África Central.

— Será que ele estava com algum problema de coluna?

O Dr. Mike fez um breve silêncio e Rose parafraseou a informação do médico:

— Antes ele estivesse com dores nas costas, Dra. Isabelle. É quase certo que o agressor é portador do vírus HIV. No desespero de se livrar da doença, fez sexo com a twa. Estes atentados contra as pigmeias são frutos da ignorância do povo e se tornaram comuns ultimamente.

Fiquei abismada com o caso da garota. Foi difícil, sendo uma profissional da área médica, constatar que, em pleno ano de 1993, existissem crendices absurdas como aquela. Senti-me mal, após ajudar o Dr. Mike nos trabalhos de atendimento da twa. Não estava certa de que ela sobrevivesse aos ferimentos e ao período pós-operatório. Não havia nada mais que eu pudesse realizar. Eu e Rose fomos para o portão do hospital para tomarmos um pouco de ar fresco. Era tarde e o clima esfriava. Uma viatura do exército parou à porta do Centro Hospitalar e dela saiu um militar alto e elegante. Cumprimentou-nos como um cavalheiro e se dirigiu a Rose.

— O Dr. Mike está no CHK, Rose? O general Gedeon Bagirubwira deseja vê-lo.

— Irei chamá-lo, tenente Fred Kaka. Aguarde um momento — Apontou, apresentando-me ao militar hutu.

— Está é nossa nova integrante do corpo médico do Centro Hospitalar, a Dra. Isabelle. Ela é americana e trabalha para a Cruz Vermelha.

— Muito prazer, senhorita! Encantado em conhecê-la. Parabéns por sua beleza! Nós do exército devemos à Cruz Vermelha. Se precisar de algo, pode contar conosco. O Dr. Mike é um notável colaborador nosso — o tenente Fred Kaka era um bem-apegoado e inteligente jovem militar hutu de porte grave aos 29 anos de idade.

— O prazer é todo meu, senhor. Obrigada pelo elogio, é bondade sua.

* * * * *

Rose foi chamar o Dr. Mike, que, por certo, estaria dentro do hospital paquerando as enfermeiras tutsis. Quando chegou e viu a viatura do exército ruandês e o tenente Fred Kaka, percebeu que teria de comparecer ao Quartel de Kigali para encontrar o próprio general Bagirubwira, um poderoso, narcisista e déspota militar hutu de 59 anos, antitútsi convicto. O médico possuía uma grande amizade com o general hutu. Para que a médica novata não ficasse sozinha, à toa, tateando o que fazer pelas ruas da cidade, pediu a Rose que a acompanhasse por um pequeno roteiro turístico. Fez mil recomendações para a garota.

— Pode ficar despreocupado, Dr. Mike. Eu cuidarei bem da Dra. Isabelle!

— Rose, passeie com a doutora por aí, mas tente não influenciá-la a ficar conosco! Esta é uma decisão importante que cabe somente a ela. Fique fora disto!

— Está certo, doutor.

A tutsi notava que a visitante hesitava em partir. A experiência com a pobre twa fizera a médica sentir desconforto. Algo dizia a Isabelle que aquele país necessitava de mulheres fortes como ela, principalmente, por ser médica. Até então não tinha certeza se ficaria para cumprir o contrato com a Cruz Vermelha. O Dr. Mike fora-lhe claro, ao dizer que queria alguém experiente em missões daquela natureza.

Dra. Isabelle, eu não posso aproveitá-la sequer nos apoios, porque um dia até estes empregos serão afetados por esta guerra!

— Oh! Como pode? A senhora viu o mesmo que eu, doutora?

— Vi sim. Eu sei a que se refere. À beleza do tenente Fred Kaka, não é?

— Sim! Admiro-lhe o garbo. É uma pena que esteja de casamento marcado para o ano que vem.

— Não se afobe, Rose. Já vi alianças caírem à porta da igreja!

— Quem me dera! Não neste caso. O tenente Fred Kaka é querido pelas mulheres de Kigali, mas somente tem olhos para uma de nós. Ele é um homem diferente dos demais desta cidade. Estudou no exterior, é belo, inteligente e fino. Mora com os pais. Sua mãe o protege demais. Sempre foi mimado!

— Isto não é defeito. Ser integrante duma boa família é uma graça.

— Eu sei, Dra. Isabelle, contudo tenho muitas amigas que gostariam que ele fosse um pouco mais malicioso no trato com as mulheres.

— Ah! Ah! Ah! Ah!... Aleluia! Percebo que as garotas do Ruanda são tirantes às americanas!

Rose gostou de ver a recém-chegada sorrir. Ela notara que a experiência com a twa violentada fizera mal. Olhou para o outro lado da rua e viu Tharcisse Mugabe sentado em um banquinho encostado ao tronco e à sombra de um majestoso podocarpo. A árvore é nativa da África e foi plantada na capital pela administração do país como parte de um projeto paisagístico, visto que, além de bela, adaptou-se bem às médias altitudes e condições climáticas da Província de Kigali. Tharcisse Mugabe era um inteligente twa de 27 anos que fora criado com o apoio de um estancieiro da cidade de Byumba que criava gado ankole (ancolé). Seu pai foi um trabalhador de confiança na propriedade e em agradecimento aos valiosos trabalhos executados, o patrão dera educação ao garoto twa. Todavia, mesmo sendo portador de educação formal, não encontrava uma oportunidade de emprego. Ele não quis labutar com o artesanato de barro como fazia a maioria dos pigmeus e encontrou um ramo inusitado de atividade: a produção e venda de flores usadas nos eventos fúnebres de Kigali. A

tutsi falou:

— Vou lhe apresentar outro twa, Dra. Isabelle!

— Eu não sei se gostaria, amiga. Uma twa foi o bastante por hoje!

— Porém, este é diferente dos outros.

— O que ele tem de especial?

— É inteligente, meigo e um doce de pessoa, além de educado e prestativo!

— Está bem, Rose, vamos conhecer seu amigo twa! Afinal de contas, estou ao seu dispor. Você hoje é minha patroa. É o Dr. Mike de saias!

— Cruz-credo! Eu lá quero ser o inglês namorado!

— Eu o achei atraente, Rose!

— A senhora e metade das tutsis de Kigali!

— Ele só gosta das tutsis?

— Não apenas ele prefere a nós tutsis, mas também a maioria dos homens. As hutus não têm o nosso charme. Ah! Ah! Ah! Ah!

— Ora essa! Charme ou outra coisa, Rose Kabaguyoi? — Rose riu e falou:

— Tudo, Dra. Isabelle! Ah! Ah! Ah! Ah!

— Quem sabe se o Dr. Mike não me ache parecida com uma tutsi? Uma tutsi americana! Ah! Ah! Ah! Ah!

Rose chamou Tharcisse Mugabe.

— **Tharcisse Mugabe! Tharcisse Mugabe! Venha cá!**

O twa chegou num átimo em disparada.

— O que foi, senhora Rose Kabaguyoi?

— Ora bolas! Não me chame de senhora! Eu não sou tão velha assim!

— Como queira, Srta. Rose, eu não mais a chamarei de senhora!

Fazer Tharcisse Mugabe parar de tratar Rose de modo respeitoso e excessivamente formal cheio de bajulações não era fácil. Tal servilismo fazia parte de uma educação fundamentada em submissão e na inferioridade que ele acreditava ter em relação a outras pessoas. Para ele, tutsis e hutus eram naturalmente melhores que os twas e, por conta disto, ao serem cumprimentados, merecedores de rapapés. Isto lhe foi ensinado nas escolas que frequentou. Ele sempre tratava a tutsi jovialmente, quando era repreendido, mas logo retornava à formalidade.

— Quero que você conheça a Dra. Isabelle. Trabalha conosco no Centro Hospitalar. Se ela precisar de algo, faça, está bem?

— Está certo, Srta. Rose! Muito prazer, Dra. Isabelle, meu nome é Tharcisse Mugabe.

— O que faz com tantas flores bonitas, Tharcisse Mugabe?

— Eu as vendo, doutora. Não quer comprar algumas?

— Por que eu compraria flores? Eu as recebo!

— A senhora não ganharia o suficiente para decorar a sala da sua casa. Poderia receber um buquê de um amigo ou namorado...

— Pois deixe de ser sovina e me dê uma flor dessas para eu pôr no meu penteado! — Percebi que o twa poupava algum dinheiro e restringia os gastos.

— Não posso, Dra. Isabelle! As flores são meu ganha-pão!

— Você conseguirá vender todas?

— A maioria vendo. As que sobram deixo com um amigo que as negocia na porta do cemitério no dia posterior. Os mortos não são tão exigentes em relação ao estado das flores quanto os vivos.

— Vejo que é um twa esperto, Tharcisse! Bem que me disseram isso antes! Como morre tanta gente por estas bandas, aposto que seu negócio vai bem.

* * * * *

Rose pretendia me levar à feira local. Tinha como incumbência mostrar-me um pouco da cidade. Resolveu unir o útil ao agradável, pois queria adquirir algumas batatas para levar consigo para a Fazenda BE, que se encontrava em entressafra. Convidou Tharcisse Mugabe.

— Vamos, Tharcisse. Vamos conosco ao mercado!

O mercado de Kigali é uma ruidosa e multicolorida feira ao ar livre muito movimentada e concorrida de farta quinquilharia oferecida aos pregões esgoelados por feirantes. Exala uma africanidade ímpar por meio da abundância material. Sua especialidade é a venda de frutas, verduras e cereais, porém outras coisas são comercializadas no local, até mesmo de maneira clandestina. As pessoas prestavam atenção em mim, enquanto nos movimentávamos pelas estreitas ruelas formadas pela disposição das barracas em linhas paralelas entre si. Vários produtos ficavam expostos ao chão por sobre toalhas estendidas. Percebi que a higiene não era o forte do local. No entanto, não estava ali para realizar uma inspeção sanitária, e sim para

conhecer o lugar. Rose se entreteve a pechinchar o preço das suas batatas com os feirantes. Discutia em voz alta com as pessoas em kinyarwanda. Eu não entendia patavina do que falavam. Passou-me a impressão de ser uma dura negociante, pois eu nunca vira ninguém demorar tanto para comprar dois quilogramas de batatas.

Quando finalmente ela havia adquirido o produto e estávamos de saída, na borda da feira, uma algazarra encaminhou-se em nossa direção, proveniente de dentro do mercado. Dois hutus gritavam em perseguição a um indivíduo. Era outro twa que, quando passou por nós, se atirou nos braços de Tharcisse, percebendo que estava cercado. Os homens chegaram e o arrastaram à força para o lado. Começaram a espancá-lo com força. Todos em volta nada fizeram. Rose permaneceu impassível, checando se todas as batatas que comprara permaneciam dentro da sua sacola, que fora derrubada pelo twa que chegara veloz ao nosso encontro. Ele levava uma surra pesada demais para seu corpo pequeno e frágil. A cena lembrou-me a jovem pigmeia que naquela hora padecia em um leito do Centro Hospitalar, vítima da fúria covarde de algum desconhecido como aqueles brutos. Parti para cima dos homens, peguei as batatas da sacola de Rose e as atirei contra os caras que batiam no twa. Um dos hutus me deu um tapa na testa e fui parar no solo a dois metros de distância, estatelando-me sobre uma barraca de madeira velha, que se quebrou produzindo um estrondo forte de panelas de argila quebradas. O hutu pensou que me nocauteara e se desguarneceu. Tornei com mais raiva e pulei nas costas dele, acertando-lhe por trás um pontapé na cabeça. Ele ruiu. Rose, atônita, não sabia o que fazer. Ela imaginou que seu emprego estaria perdido, se algo me acontecesse na barafunda. Ela me olhava, enquanto eu estava ensandecida em meio a uma briga generalizada. Outras pessoas entraram na contenda e tomavam o partido do twa e de mim ou dos hutus. A rusga passou a ser um acerto de contas entre hutus e tutsis e cada vez se tornava mais violenta. Barracas aos pedaços voavam para todos os lados. Paus, pedras e toda a sorte de objetos contundentes eram usados como armas. Já se podia perceber algum sangue salpicado no chão. Tharcisse postou-se ao meu lado portando um aterrador porrete de madeira com um prego afiado na ponta, ameaçando cacetejar qualquer pessoa que tentasse me atingir. O outro twa, Mukono, brigava endemoniadamente e feria outros homens com até duas vezes seu tamanho. Rose rouquejava como louca o meu nome, implorando-me que eu saísse dali, mas não conseguia apaziguar-nos. Eu não poderia abandonar aquela rinha. Perdera totalmente o patrulhamento da minha razão. Sempre fui uma garota impulsiva. Meus pais, desde minha adolescência, haviam desistido de controlar o meu ânimo agitado. Eu, quando mais jovem, fora atleta, treinara e competira em eventos esportivos. Praticara artes marciais como recomendação médica para descarregar minha adrenalina sempre alta. Eu também gostava de esportes de aventuras, tipo alpinismo e paraquedismo. No fim das contas, eu era boa de tapas. Estava habituada a levar sopapos em competições de lutas pela equipe olímpica dos EUA, por isso, não saí do meio da agitação. Ainda que não pudesse vencer um homem jovem e forte, ao menos podia contundi-lo com alguma gravidade, se quisesse. Eu soltei pernadas para todos os lados; levei e dei tapas e mais tapas no pega pra capar. Eles não poderiam ferir outro pigmeu e ficar tudo por isso mesmo. Se eu não vira o elemento que fizera o trabalho sujo na pigmeia internada no hospital, pelo menos aqueles eu pegaria. Eu via a face do agressor da garota em cada ser que se empenhava em surrar o twa à minha frente. Somente depois, com o sangue esfriado, pude perceber que correria um sério risco.

A polícia chegou e parou a balbúrdia. Boa parte da feira tornara-se uma enorme bagunça. Muitos feirantes tiveram prejuízos. Pessoas espertas aproveitaram para saquear as mercadorias. Fizeram um arrastão nos produtos expostos. Os policiais mal puderam acreditar, quando perceberam que uma médica americana estava envolvida na confusão. Ficaram temerosos de me levar presa sem uma autorização. Passaram um rádio para a base de operações e, consoante eram orientados, aguardaram onde estavam, com todos os contidos. Colocaram-nos de joelhos, inclusive eu e os dois twas, com as mãos sobre a nuca. Nove pessoas foram detidas sob a mira dos rifles dos soldados hutus. Rose ficou de fora do tumulto; não teve coragem de desferir um único golpe sequer, apesar de não ter saído de junto de mim. Havia muita gente observando a cena. O lugar ficou mais agitado quando chegaram os repórteres da Television Libre des Milles Collines, ou Rádio Mil Colinas, que, apesar do nome garboso, não era uma rede de televisão, mas simplesmente uma estação de rádio. Entraram a transmitir o ocorrido ao vivo para um programa folhetinesco, o que fez aportar muita gente ao local. Os kigalenses chegavam e se espantavam ao me verem toda desalinhada, ajoelhada e rendida pelos militares; ainda mais, por estar envolvida no tumulto. Se eu tivesse tentado conseguir uma entrada apoteótica no Ruanda, não teria conseguido uma tão perfeita, de modo intencional. As testemunhas comentaram o caso para a imprensa falada e escrita, aumentando a gravidade da situação e dos meus feitos no quebra-pau contra os homens hutus.

Alardearam que eu era uma grande mestra em Kung Fu e que viram quando eu, com não mais que um golpe de pernas, conseguira derrubar dois lutadores de uma vez só.

Dez minutos depois, chegaram o Dr. Mike e o tenente Fred Kaka, que estiveram em companhia do general Gedeon Bagirubwira. O líder hutu mandou o tenente resolver a questão da maneira mais diplomática possível, porquanto existia uma americana envolvida na rusga. A recomendação era para se minimizar as consequências da algazarra. Ordenou que se dispensassem a todos e que o assunto morresse ali mesmo, se não houvesse mortos no entrevero. Determinou que os materiais da imprensa fossem apreendidos para averiguação do conteúdo fotográfico que seria divulgado sobre o incidente. O general não queria ver uma imagem de Isabelle estendida no chão de uma feira de Kigali estampada nos jornais do dia seguinte. O caso poderia se tornar um embaraço diplomático.

Naquela época, um acordo de ajuda entre a França e o Ruanda estava em curso. Os militares franceses treinavam e aparelhavam, anonimamente, grupos paramilitares hutus, milícias, que agiam à revelia da lei. Elas provocavam medo e infudiam terror atroz. A mais famosa, atuante e sanguinária de todas era a Interahamwe, nome que significava algo como Aqueles que lutam juntos. Qualquer incidente diplomático ruim envolvendo políticos que apoiavam o pacto franco-ruandês na ONU seria prejudicial para a governança local.

O Presidente ruandês Juvénal Habyarimana admira o pai da médica americana, um político aliado à garantia do apoio dos Estados Unidos ao Ruanda hutu.

O Dr. Mike chegou, aproximou-se e me tirou do meio dos prisioneiros. Levou-me para dentro da picape Land Rover. Pediu-me que ficasse quieta. Ordenou a Tharcisse que não saísse de perto de mim. Já calma, dentro do veículo, falei para o colega:

— E o twa, Dr. Mike?

— Qual twa, Dra. Isabelle? Ele já não está aqui do seu lado?

— Não me refiro a Tharcisse Mugabe. Falo do outro twa!

— Que outro twa? A senhora, em duas horas, sozinha, envolveu-se com dois pigmeus?

— Dois não, três! Esqueceu-se da garota no hospital?

— Lamentavelmente, tenho a lhe dizer que ela faleceu! Não suportou os ferimentos!

— O senhor está percebendo como essa gente é ruim? Vá buscar o outro twa, logo, antes que o enterrem vivo!

O Dr. Mike não compreendeu como, em menos de uma tarde em Kigali, eu já conhecera três twas, que pertencem a um grupo étnico tão pouco numeroso. Olhou em volta e não viu mais nenhum pigmeu além do que estava ao meu lado, pois Mukono estava trancafiado dentro de uma viatura policial. Sondou Tharcisse:

— A quem ela está se referindo?

— Ela está falando de Mukono, Dr. Mike.

— O quê?

O médico virou-se e disse:

— Pelo amor de Deus, Dra. Isabelle! Mukono é um twa treteiro muito do ladrãozinho e não vale nada! Esqueça-o. Não se meta com ele, pois vive se envolvendo em tumulto. Custa-me crer que ainda esteja vivo! Passou um tempo foragido. Cuidava que estivesse morto!

— Deixe de ser exagerado. Os homens se reuniram para espancá-lo até a morte em praça pública! Sabe o que fez de errado?

— Não, doutora, eu não sei o que ele fez de errado.

— Furtou duas laranjas, provavelmente, porque estava com fome.

— Dra. Isabelle, a senhora está no Ruanda e não em Nova Iorque! Aqui, roubar um doce é o mesmo que um automóvel nos USA. Essa gente tem princípios morais diferentes dos nossos.

— A lei de Deus é universal! A justiça é um conceito e não uma maldita norma escrita pelo homem. Elas nem sempre andam juntas. Vá tirar Mukono das mãos dos insanos. O senhor não acha suficiente por hoje o martírio da garotinha no hospital? Se não o trouxer, eu vou

buscá-lo pessoalmente. Se cheguei até aqui, não vou dar um passo para trás.

— Está bem! Pare com essa ladainha, por favor! Verei o que pode ser feito!

* * * * *

O Dr. Mike não suportou a falação da colega e se arrependeu de tê-la mostrado o suplício da pequena twa morta naquele dia. Percebeu que a experiência fora prejudicial e se sentiu culpado pelo estado de Isabelle. Por isso, ainda que a contragosto, foi falar com o tenente Fred Kaka para pedir pelo problemático twa. Mukono estava detido dentro de uma viatura policial. Seria o único preso de toda a confusão. O Dr. Mike estava acostumado a ver os ruandeses sempre tomarem as mesmas medidas em situações daquela natureza.

Por que ele haveria de pedir que agissem de outro modo daquela vez?

— Tenente Fred Kaka, vim lhe pedir que solte esse twa.

— Fora de questão, Dr. Mike! O pigmeu já está detido. Ele foi o único que recebeu uma queixa formal de furto. Um feirante prestou uma contra ele.

— Furtou apenas duas laranjas, tenente!

— Sei disto, todavia a lei não manda que contemos as laranjas. Talvez seja algum atenuante quando for processado.

— Sabemos que não haverá processo para ele!

— É verdade! A ordem que recebi é para dar um fim a este desgraçado, durante o caminho de volta. Não querem vê-lo no distrito policial. Ele é um reincidente habitual para nós e sua cota de arruaças já se esgotou para a polícia.

— Sendo assim, deixe-me falar com o general Bagirubwira. Vou pedir-lhe que livre esse coitado. Passe um rádio para ele!

— Francamente, Dr. Mike! Tratamos aqui da prisão de um mísero twa! Se levarmos este caso ao general, ele nos matará e nos perguntará depois por que o consultamos sobre um assunto tão insignificante. Nós somos capazes de resolver isso por aqui mesmo. Por que o senhor está defendendo um twa?

— Eles também são seres humanos...

— Ah! Ah! Ah! Ah! Não me faça rir! Aposto que há uma mulher por trás desse seu súbito interesse nessa gente. Foi a médica maluca que lhe pediu isso, não foi? Sabe o que as

testemunhas me falaram? Declararam-me que ela enfrentou os hutus para defender este pestinha! Ah! Ah! Ah! Ah! Pode levar seu twa, Dr. Mike, mas mantenha-o longe de mim.

— Obrigado, tenente Fred Kaka.

— Só mais uma coisa: quanto tempo a doidona ficará em Kigali?

— A Dra. Isabelle? Ela retornará para os USA depois de amanhã. Está apenas de passagem.

— Ótimo! Pelo bem dela e do Ruanda! Ela é muito perigosa, Dr. Mike. Foi o senhor quem a ensinou a lutar Kung Fu? Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

O Dr. Mike ficou furioso comigo. O povo fez um belo alarido. Antes de sairmos do local, os ruandeses cercaram a Land Rover da Cruz Vermelha onde estávamos eu, o Dr. Mike, Rose e os dois twas. As pessoas à nossa volta pulavam, gritavam, acenavam e riam em algazarra em nossa direção. Havia muita gente rindo por ali. O Dr. Mike estava envergonhado, pois imaginou que *pagara um enorme mico* na feira por minha causa. Durante o trajeto de retorno, deu-me um grande ralho. Tive certeza que o meu contrato com a Cruz Vermelha fora para os ares. Nada que eu fizesse faria aquele homem me aceitar na sua equipe de trabalho. Avaliava se tinha exagerado em alguma coisa para ele estar possesso daquele jeito. Eu estava nem aí para o fato de ficar ou não. Não fora aceita na Índia e estavam me mandando para fora da África. Eu possuía o meu país, que não era pouca coisa para se desfrutar. O Dr. Mike, enquanto dirigia, não parava de esbravejar. Os pobres twas estavam acautelados no banco de trás calados como pedras, olhando-nos de viés. Pareciam temer mais a ira do inglês que os facões hutus dos quais tinham acabado de se livrar. Eu sentia dores de cabeça em decorrência dos golpes sofridos. O médico ameaçou demitir Rose do Centro Hospitalar, chamando-a de incompetente, por não ter cuidado bem de mim. Não se conformou com o fato de ela ter me levado para a feira livre na minha chegada a Kigali.

— Santo Deus, Rose Kabaguyoi! Você é mesmo uma provinciana sem modos! Onde tirou a ideia de levar a Dra. Isabelle para comprar batata no dia da chegada dela?

— Perdão, Dr. Mike. Sei que errei.

— Você não entende que esta mulher não sabe como são as coisas por aqui? Ela pensa que está no Central Parque de Nova Iorque, onde se pode falar e fazer o que se quer!

— Desculpe-me, senhor.

Ele falava com Rose, como se ela tivesse acompanhado uma louca incapaz que se envolvera em um entrevero.

— Pedi-lhe para ficar de olho nela!

— Eu estava atenta. Só me distraí um pouco, na hora de pagar as batatas. Quando tirava o dinheiro da minha bolsa, tomei um susto, ao vê-la se atirar, como uma louca, em cima dos hutus armados. Ela é muito corajosa! Tenho medo até de olhar para aqueles homens. Já pensou no perigo que a Dra. Isabelle correu?

Os twas e Rose ficaram pelo caminho. Quanto a mim, o Dr. Mike fez questão de deixar dentro do Hotel Mil Colinas. De tanto cuidado que estava tendo comigo, deu-me a impressão que, se eu permitisse, deixar-me-ia dentro do meu próprio quarto. Ele foi embora e eu me recolhi. Mais ou menos às dez da noite, um funcionário do hotel bateu à porta do meu aposento, avisando-me que meus pais me aguardavam em uma ligação telefônica. Fui atender.

— Filha, está tudo bem com você aí em Kigali? — indagou-me.

— Sim, pai, está tudo em ordem! Estive indiretamente envolvida em um probleminha hoje à tarde, porém está tudo resolvido.

— O pessoal da Cruz Vermelha de Nova Iorque ousou me ligar, informando-me que você retornaria amanhã. Eu os lembrei que acatara sem lhes causar problemas terem-lhe negado estada na Índia. Não aceitei, de maneira alguma, sua saída daí, antes de falar com você pessoalmente! Isto não é um absurdo?

Meu pai é um dos políticos mais importantes do Senado Americano e tem muita influência política mundo afora. É muito calmo; no entanto, quando se irrita com algo, torna-se contundente. Não sei o que ele argumentou contra o pessoal da Cruz Vermelha, todavia o certo é que resolveram me deixar em Kigali. Minha mãe, mais sensata, me questionou:

— Você pretende mesmo ficar nesse país, filhinha? Já estou sentindo sua falta. Até a sua cadelinha está estressada de saudades.

— Não sei, mãe...

* * * * *

O pai de Isabelle sentia que chegara a hora de ela assumir alguma responsabilidade na vida. Ele nascera numa família pobre que migrara da França para Nova Iorque e vencera na vida política por ser um líder justo e austero dotado de carisma. Não estava feliz com o desenvolvimento da rebenta até aquela época. Em sua opinião, um ano e meio em um país distante, mantendo contato com uma cultura diferente da qual fora criada, faria bem a garota como pessoa e cidadã americana. Viu no Ruanda uma boa opção, após o fracasso indiano, pois Isabelle conheceria a pobreza e as agruras que existem na Terra. Veria que a vida não se resume às compras nas lojas da Quinta Avenida de que tanto gostava. Além do mais, era do seu agrado o fato de os franceses estarem conveniados com o país. Ele, pessoalmente,

conhecia os interesses gauleses na África. Aquela república era estratégica para a França dentro da geopolítica centro-africana. Fez-lhe bem o fato de sua filha estar a serviço naquele pequeno e pobre país amigo. Acabara de citar este êxito no plenário do Senado e fora congratulado por isso. Não seria boa decisão uma mudança de plano, pelo menos, por alguns dias. Então a convenceu a ficar por um tempo em Kigali, para ajudá-lo em seus discursos por um franco-ruandês governo hutu nos USA.

— Pai, o chefe da equipe da Cruz Vermelha daqui externou-me que não me quer na sua equipe de trabalho!

Meu pai se enervou e eu tive de lhe repetir o que expusera.

— Ah! É um tal Dr. Mike, não é, filhinha?

— É sim!

— Eu já cuidei dele! Não a importunará!

— O que o senhor fez com ele, pai?

— Nada de mais, filha. Somente o convenci a mudar de opinião! Ele é esquisito e misterioso. Não encontrei muita coisa sobre o tipo em nossos arquivos. Tome cuidado com esse inglês! Se é mesmo inglês.

— Ele não me pareceu uma má pessoa! Somente, temeu por minha segurança. Além do que, o senhor sempre desconfia dos ingleses.

— Está certo, Isabelle — anuiu. — Vai ver, é pirraça da minha parte. No entanto, sua segurança aí não é ele. Procure os militares franceses se precisar. Eu a recomendei ao coronel Pierre Raynaud, o chefe da missão francesa. Esse está ao seu dispor!

— Obrigada! Diga à mãe que lhe mando um beijo.

— Espere, não desligue sem se despedir da sua mãe, senão ela me mata! Há outra coisa: você quer que eu tire o tal Dr. Mike daí? Posso colocá-la como chefe da equipe médica e mandá-lo para outro lugar...

— Santo Deus! Não faça isso, pai! O senhor mesmo me contou que eu viria para cá com o objetivo de me tornar independente. Não me venha com essa sua superproteção outra vez!

— Tudo bem, filha! Nunca me lembro que você não é mais a garotinha que vivia no meu colo! Tenha cautela com esse Dr. Mike, eu o achei estranho quando pedi a ficha dele para o pessoal da inteligência. Tem certeza de que o sujeito não é mais que um simples médico?

— Tenho, sim! Largue a mania de enxergar política em tudo! Deixe minha experiência neste país à minha custa. O que o senhor procura?

— Como queira, filha. Não busco mais nada! Não quero interferir nos seus trabalhos, pelo menos desta vez. Eu lhe prometi isso e vou cumprir. Um beijo! Vou passar o telefone para sua mãe!

— Está certo, pai. Um beijo e se cuida!

* * * * *

Quando compareci de manhã ao pequeno escritório da Cruz Vermelha, encontrei o Dr. Mike calado e pensativo. Parecia que ele tinha tomado, na madrugada anterior, um porre da horrorosa cerveja de banana dos twas. Não me falou nada sobre o que ocorrera na noite passada, nem acerca de suas atitudes e as reações das pessoas que o demoveram da iniciativa de me mandar de volta para casa. Eu, por meu lado, achei prudente não tocar no assunto. O Dr. Mike me entregou uns papéis para eu assinar e duas batas brancas com o meu nome impresso no bolso superior esquerdo. Eu iniciaria, imediatamente, meus plantões no CHK. Simplesmente me disse para comparecer ao hospital e me apresentar ao médico Dr. Paul Nicayenzi. Ele ficou tão contrariado com minha permanência que sequer se importou com o fato de não me acompanhar até o hospital. Quando saí, Tharcisse Mugabe estava à porta me aguardando. Seguiu-me até ali.

— Bom dia, Dra. Isabelle.

— Bom dia, Tharcisse Mugabe. O que você faz por aqui?

— Esperava a senhora.

— Por que você me aguardava, twa?

— Por nada. Quero me despedir da senhora!

— Não vou mais partir, Tharcisse!

O twa fez uma vívida expressão de felicidade e me referiu:

— Que bom! Vejo que a senhora está muito bem com este roupão branco.

— Isto não é um roupão, twa bobo! É uma bata de médica. Estou indo trabalhar!

— A senhora caminha para o Centro Hospitalar de Kigali? Posso acompanhá-la?

— Pode e deve, pois não sei qual direção tomar.

* * * * *

Dias depois, Isabelle saberia que o próprio Presidente Juvénal Habyarimana conversara na madrugada anterior com o Dr. Mike, exigindo a permanência dela. Declarara que a

presença da filha de um dos mais importantes políticos americanos, de oposição ao Presidente dos USA, Bill Clinton, trabalhando para os pobres do seu país, era motivo de orgulho e uma honra impagável. Entendeu aquela estada como um sinal verde da liderança ianque para celebrar a coesão dos esforços da França com os hutus. Fez ver ao Dr. Mike que ele lidava com o provável próximo presidente dos EUA, ou seja, com o futuro homem mais poderoso do mundo. Explicou que a recusa da contribuição espontânea da jovem médica era uma tremenda falta de educação, seria um crime de lesa-pátria e traria sérios embaraços políticos para o Ruanda, que estava em processo de colaboração militar com os franceses. Falou que pretendia oficializar, com honras, a permanência da americana no país, dando-lhe status de diplomata, contudo fora desaconselhado pelo embaixador dos Estados Unidos, que temeu atentados terroristas contra Isabelle, se sua origem política fosse abertamente divulgada. O diplomata expusera ao presidente que a passagem da conterrânea pelo Ruanda não tinha conotação oficial, no entanto, puramente pessoal, ou seja, ela estava ali, por ser uma profissional da área de saúde e não por ter pai senador americano. Não obstante ser prestigioso na Cruz Vermelha, o Dr. Mike não foi páreo para tanta pressão sobre si.

* * * * *

Minha primeira semana pela Cruz Vermelha foi produtiva. Em pouco tempo, no Centro Hospitalar de Kigali, eu aprendera muito, pois à minha disposição, estava toda sorte de enfermos e doenças a serem tratadas. O maior enfrentamento medicinal para o país era a epidemia de AIDS, que se expandia largamente pela população local como uma devastadora aftosa moral. A falta de informação e os preconceitos criavam um meio generoso de contágio, tornando tão sinistra enfermidade um achaque corriqueiro para aquele povo. Comecei a ajudar o Dr. Mike a redigir alguns artigos para revistas científicas da América do Norte, Europa e Ásia. Eu gostava de escrever e trabalhava duro nas pesquisas. Monitorávamos alguns trabalhos de campo para grandes laboratórios farmacêuticos multinacionais e ganhávamos dinheiro com isso. Junto de nós, tínhamos um amplo campo de pesquisa médica. A desgraça dos ruandeses era fonte de informação para a saúde do outro lado do mundo. Com a execução dessas atividades, consegui desarmar o Dr. Mike em relação à minha pessoa. Passou paulatinamente a admirar e reconhecer minha importância para o Centro Hospitalar e para o encaminhamento dos seus trabalhos de pesquisa médico-farmacêutica. Comecei a compreender que seu negócio na África não era tão simplesmente assistencialista. Era um exímio empreendedor e sabia gerar riqueza para si. Não havia como negar que eu era uma parceira ideal para ele, pois além de secundá-lo trabalhando feito uma insone mula de carga, não exigia nenhuma remuneração em troca. Para que iria querer dinheiro, se minha família não sabia sequer o que fazer com o tanto que possuía? Eu não conseguiria gastar o que tinha na América. No Ruanda, despendia muito do meu próprio bolso em prol das pessoas paupérrimas e famintas. Não queria saber o quanto o Dr. Mike ganhava com seus relatórios de monitoramento de suas pesquisas. Só lhe exigia que me repassasse um pouco para obras filantrópicas. Com o passar dos meses, adquiri uma imagem inusitada em Kigali. Adjetivaram-me de excêntrica. Uma coisa me atrapalhava: minha amizade com os twas. Nem os hutus nem

os tutsis compreendiam por que eu me envolvia cada vez mais com eles. Por meio de Tharcisse Mugabe, aproximei-me deles e da sua comunidade local. Desde o incidente no meu primeiro dia, na feira livre, meu nome ganhara notoriedade no lugar e entraram a associar o meu comportamento estranho para os padrões locais ao efeito das crenças e do modo de vida dos twas. Apesar de os kigalenses não me verem com cigarros entre os dedos, não consegui apaziguar o espírito público ou evitar boatos de que eu fumava maconha, assim como, ludicamente, faziam os meus pequeninos companheiros pigmeus.

Em uma reluzente e morna tarde de domingo, o Dr. Mike me levou para passear de carro pelo que chamava de Kigali Rural, que, para mim, não passava dos arredores da cidade. Paramos no píncaro de um cerro e ficamos a gozar o vale que se espraiava lá embaixo donde viéramos. Pelo sim, pelo não, aproveitei para lhe comunicar que não pretendia permanecer no Hotel Mil Colinas. Como iria passar muito tempo na cidade, resolvi alugar uma casa, para desespero dele, que me queria vivendo no hotel. Contraindicou-me morar sozinha.

— De maneira alguma, o Dr. Mike. Não posso residir em um hotel. Sinceramente, não sei como o senhor consegue. Uma mulher necessita de alguma privacidade!

— Dra. Isabelle, é perigoso uma dama isolar-se em Kigali. Não conheço outro caso destes, nos dias de hoje.

— Deixe de ser exagerado, doutor! O tenente Fred Kaka me deu uma arma, para minha proteção!

— Que tipo de arma?

— Um fuzil.

— O quê? Puxa vida! A senhora deve estar de brincadeira comigo!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Estou brincando. Ele me deu esta pistola aqui, quando eu lhe disse que iria morar só.

Abri minha bolsa e lhe mostrei a arma que me fora dada pelo tenente Fred Kaka: uma pistola Taurus. Ao percebê-la ensaiada em minha mão, o médico arregalou os olhos.

— Cuidado, Dra. Isabelle! Não brinque com isso! Aponte-a para outro lado!

— Não se afobe, ela está travada! Preste atenção.

Engatilhei a pistola, no segundo seguinte, eu mirei e no terceiro desferi três tiros exatos que partiram ao meio o fino caule de uma jovem grevílea que pendia ao vento no cume da serra. O Dr. Mike, após o susto, aplaudiu-me e riu da minha perícia e atrevimento com a arma. Declarou-me:

— Estava errado ao seu respeito. Percebo que o Ruanda é que deve temê-la. A cada dia, faz algo que me surpreende. É uma jovem de valor. Gostaria de ter uma filha assim.

— Credo! Já me basta um pai zeloso.

O Dr. Mike riu outra vez. Estava assaz feliz.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Está certo, doutora.

Os meses haviam passado e o meu relacionamento com o Dr. Mike estreitou-nos os laços. Os nossos trabalhos até altas horas da madrugada nos uniram. A solidão produzida pela minha experiência em um lugar tão distante entregou-me aos encantos melodiosos do médico inglês. Ele era um senhor elegante e nobre. Era um inglês típico. Aos poucos, nossa conversa foi ficando íntima. A bucólica paisagem e a brisa dum aprazível final de tarde ruandesa me encheram de romantismo amolecendo-me a membrana que o permitiu entrar. O anoitecer empurrava as últimas réstias de luz por sobre as colinas adiante. Dei-me ao ardor crepuscular e aos beijos daquele homem pela primeira vez em minha vida. Não sei se por amor ou por carência me enrosquei em seu ser. Apesar de saber que ele era um galanteador, não houve, em mim, força para questionar alguma conveniência de minha postura em relação a ele. Entreguei-me como a Troia que lhe abre as portas. Simplesmente, franqueei-lhe o meu corpo em cio como tanto queria, ainda que incertezas povoassem minha alma. A juventude assenhoreou-se de minha ávida sede de viver. Na África, ele era meu conselheiro, amigo e orientador e, a partir daquele momento, o meu consorte. Eu lhe dava mais motivos para se preocupar comigo, durante minha aventura no país, que caminhava para uma forte ebulição e convulsão social: o reinado das trevas chegaria ao Ruanda. Eu a amar, no princípio, sem saber que o país, no final, espargiria no solo sangue em volume infinitamente superior às viscosas gotas de suor e mel que nos uniam por sobre a relva daquela colina de Kigali.

O Dr. Mike tornou-se íntimo diarista da rua por onde chegava, do endereço que buscava e da campainha acionada à porta que eu lhe abria!

As Flores do Ruanda

Capítulo III

Os twas

A partir do final do século XIX, deu-se início a uma redução considerável das florestas centro-africanas para os batwa manterem seu modo de vida primitivo como caçadores e extratores de recursos naturais. A criação de áreas de treinamento militar e de extensos parques nacionais, em atendimento ao clamor mundial pela preservação do meio ambiente, obrigou-os a migrarem, em grande número, para as periferias das cidades, sobrevivendo na completa penúria, em sua maioria. Uma miríade de twas passou a subsistir exclusivamente da mendicância, em virtude da sua inaptidão técnica para competir com tutsis e hutus por colocações profissionais. Vários se mantêm da realização de serviços de pouco valor para os membros das outras etnias. Alguns vivem de arrendamento ou ocupação ilegal de terras. Somente 1,6% dos twas possuem terra cultivável suficiente para sua subsistência e 91% deles não tem a mínima educação formal e são analfabetos. A maioria não tem registros perante a burocracia estatal, o que inviabiliza o acesso a saúde, escolas e verbas de programas sociais. Possuem uma alta taxa de mortalidade infantil. Em algumas comunidades de twas, cerca de 60% das crianças não conseguem chegar ao quinto ano de vida. Entre 1993 e 1994, os hutus e os tutsis afirmavam-me que a miséria dos twas decorria do fato de não quererem interagir com os outros dois grupos étnicos hegemônicos. As características de povo nômade eram vistas como uma expressão de atraso cultural. Os twas compartilham os recursos que conseguem. Quando um indivíduo caça, não acumula o excedente, divide-o com os outros membros do grupo. Um pigmeu que tente não repartir o que possui de sobra corre o risco de ser punido pela maioria com a perda do excesso.

No meu segundo mês de Cruz Vermelha, finalmente, pude aceitar o convite de Tharcisse Mugabe para conhecer a vila dos twas de Kigali. O Dr. Mike não quis ir comigo, pois teria um encontro, no Chez Lando, com o pessoal do partido do governo do qual os franceses, políticos hutus radicais e o próprio Presidente Juvénal Habyarimana iriam participar. Para que o médico concordasse, sem sobressaltos, com minha ida à aldeota dos pigmeus, precisei me acercar da companhia de Rose, do namorado dela, Elizaphan, e do Padre Jumpe, que possuía uma larga experiência caritativa no trato com os twas. O vigário era um missionário angolano de 42 anos que, segundo ele mesmo contava, o bom Deus o fez ir ao gueto para confortar cristãmente os pobres e evangelizar os ímpios, através de um ministério de excluídos. Supunha-se mediano dos negócios entre o céu e a terra. Elizaphan era um hutu de 29 anos que trabalhava como agricultor na Fazenda Boa Esperança. Apesar de ele e Rose serem de

etnias diferentes, davam-se bem.

Tentei conseguir a liberação da Land Rover da Cruz Vermelha utilizada pelo Dr. Mike.

— Não, não e não, Dra. Isabelle!

— Ora! Esse veículo não é seu, Dr. Mike. Pertence à Cruz Vermelha!

— Por acaso, a senhora fará algum trabalho para a organização na aldeia dos twas?

— Não!

— Sendo assim, desista, pois eu não lhe entregarei a chave desta picape!

Menti, com a esperança de convencê-lo a me entregar o veículo:

— Saiba que farei um relatório da visita para os Médicos sem Fronteiras sobre as doenças e as necessidades básicas das crianças twas!

— Mal posso crer! Agora a senhora tenta me convencer que passou a fazer pesquisas de campo por conta própria?

— O senhor não acredita, por se achar o único capaz de ser notado pelos organismos internacionais neste país!

O Dr. Mike não nos liberou o veículo. Quando eu estava prestes a desistir da visita, calhou de Elizaphan falar:

— Dra. Isabelle, pedirei ao motorista do caminhão da Fazenda BE que nos deixe no local.

Ele não estava em Kigali tão somente para acompanhar sua noiva Rose. Fazia o serviço de entrega do fabrico da Fazenda BE no mercado local. Era complacente com alguns amigos feirantes: disponibilizava os produtos pela manhã e aguardava o pagamento ao final da tarde após a sua comercialização. Ganhava, deste modo, uns trocados sem conhecimento do patrão. Consegui que o caminhoneiro nos levasse ao povoado dos twas e depois, no final da tarde, passasse por lá para nos apanhar. Achei uma boa solução para o problema, pois não aceitara a sugestão do Dr. Mike de deixar a visita para outro dia.

Ao chegarmos à aldeota dos batwa, fomos cercados por saltitantes e tísicas crianças pequeninhas, algumas desnudas. Elas me tomaram por alvo principal da sua curiosidade. Tive de segurar as minhas calças para que não fossem arrancadas pelos diabretes. Perguntei a Tharcisse Mugabe:

— O que estes pirralhos querem? Por que me agarram assim?

— Eles estão curiosos, Dra. Isabelle!

— Curiosos com o quê, meu rapaz?

— Estranham sua cor e suas vestes masculinas. Estão achando a senhora bonita, mas

exótica também.

— Pois então os agradeça e tire-os daqui. Estão a me sufocar, Tharcisse Mugabe! O que dizem?

— Estas crianças falam rukiga e kinyarwanda! Algumas, dependendo da vivência, conhecem um pouco de francês e inclusive já tem quem apareça na vila falando algumas palavras em inglês!

— Onde elas aprendem todo esse calão?

— Na rua! Quase todas mendigam em Kigali e travam conhecimento com muitas pessoas diferentes.

— Elas vão sozinhas esmolar?

— Sim, Dra. Isabelle. Seus pais, quando não vivem da mendicidade, têm outros afazeres. As menores andam acompanhadas dos responsáveis, porém, muito novas, ganham o mundo por si mesmas.

— Não aprendem nada? Elas não comparecem a escolas?

— Não. É raro um twa saber ler como eu.

Após a intervenção de Tharcisse Mugabe, os esqueléticos e pobres fedelhos me deixaram um pouco sossegada. Pude assim perceber o que havia em minha volta. O cenário era de penúria. A mal-ajambrada aldeia continha uma porção de minúsculas casinhas de um vão, feitas de palhas de bananeiras. Mais pareciam tocas ou ninhos de grandes pássaros. Os afortunados possuíam choupanas de sapê com paredes feitas de juncos ou finas varas de bambu entrelaçadas e preenchidas com barro grudento e de teto de palhas. As casas se estendiam ao longo dum barranco. O local foi o único pedaço de terra em que puderam se fixar sem serem despejados pelos latifundiários ruandeses tutsis ou hutus.

Falei para o reverendo:

— Como pode haver tanta miséria em pleno final do milênio?

— Dra. Isabelle, o mundo é um ambiente iníquo. Eu trago a palavra do Mais Alto para os desvalidos.

O clérigo resolveu rezar uma missa no povoado de gente pobre. De início, acreditei ser oportunismo dele e lhe falei:

— Padre Jumpe, estas pessoas não estão à espera de orações! Elas precisam de assistência material!

— Se a senhora queria trazer o pão, por que se acercou de um reverendo? Melhor seria ter trazido o padeiro!

Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome...

O religioso iniciou uma bendizente oração que foi sentidamente acompanhada por muitos no vilarejo. Os twas não entendiam o significado daquelas frases, que recitavam trechos do sermão da montanha, contudo criam se tratar de algo importante e inebriante para eles, pois afiavam ouvidos largos. Tornou-me ao juízo os ensinamentos de Santo Agostinho de que a fé dispensa compreensão: *credo quia absurdum*. Ficaram com os olhos fixos na augusta figura do pároco, atentos à pregação. Eu imaginava o que se passava pelas mentes dos pequenos. Talvez aceitassem que o credo lhes trouxesse boas novas dum futuro melhor.

Jesus, pois, vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo se assentado, aproximaram-se os seus discípulos; e ele se pôs a ensiná-los, dizendo:

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos; bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus.

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.

A prédica do Padre Jumpe, em meio à agrura daquelas pessoas fracas, era-lhes um convite à triste resignação cristã. Ele me pareceu ser ele um zeloso colaborador dos pigmeus. Ele incentivara os twas a entrarem no ramo de produção de flores para os velórios de Kigali. Após a breve missa celebrada em campo aberto, ele, na companhia de Tharcisse Mugabe, a quem chamava de gestor do projeto, nos levou para um local plano por trás de um barranco onde cultivavam espécies de plantas tropicais.

Aqueles canteiros repletos de flores foram um dos lugares mais bonitos em que já estive em minha vida. Sua dimensão excedia um simples jardim porque se associava ao pão de uma gente carente. Era um santuário voltado à obra do Iluminado. A plantação de flores dos batwa emanava um perfume magnífico. As borboletas voando de flor em flor pelos jardins lembraram-me as gravuras dos livros de contos infantis americanos que meu pai lia para mim, quando eu era criança e teimava em dormir. As flores adornavam a paisagem em minha volta.

Tharcisse Mugabe e Padre Jumpe me explicaram que havia algumas variedades de flores tropicais à minha volta. O cura, com sua voz melodiosa de canto gregoriano, falou:

— Nós optamos pelas flores tropicais destinadas ao corte, Dra. Isabelle. Elas são perenes, de rara beleza e se prestam aos eventos funerários tão comuns neste país. Por enquanto, negociamos apenas flores, todavia, em um futuro próximo, quem sabe, não venderemos mudas também e faremos deste pequenino país um imenso jardim.

— Decerto, padre. É possível perceber, neste lugar, a santidade a que o senhor se referiu há pouco no seu credo. Vocês fazem um ótimo trabalho aqui, amigos.

O religioso me pegou pelo braço e me levou com ele para um passeio pela plantação dos twas e me disse:

— Vamos, Dra. Isabelle, formarei para a senhora um lindo buquê de flores em agradecimento à sua devoção.

Com uma tesoura na mão, foi, em passos lentos, cortando uma de cada espécie de flor do jardim. Juntava-as na minha mão, formando um lindo e multicolorido arranjo floral.

— Esta vermelha pequena é uma antúrio, muito comercializada no mundo todo.

Ele me entregou a antúrio e a beije!

— Esta flor vermelha e amarela é da helicônia, esta planta com as folhas parecidas com as da bananeira. Não se sabe quantos tipos existem no mundo.

Uma helicônia juntou-se à antúrio em minhas mãos!

— Esta outra é a que mais aprecio. É uma flor da estrelícia. Ela é originária da África do Sul e é chamada de ave-do-paraíso em decorrência do seu formato peculiar.

Recebi a admirável flor com formato de pássaro que, de tão bela, nada devia às aves e me pareceu teimar querer ser uma delas e mudar de reino.

— Estas duas são as flores do gengibre ornamental. O gengibre é uma planta asiática originária da ilha de Java, da Índia e da China, de onde se difundiu pelas regiões tropicais do mundo. Há duas espécies desta planta: a primeira é a gengibre-abacaxi porquanto sua inflorescência se assemelha ao ananás; a segunda é chamada de gengibre-magnífico ou colmeia, pois faz lembrar uma construção das abelhas.

Finalmente, em minhas mãos, tive um lindo e fresco buquê de flores como jamais recebera. Não imaginara que as mais lindas flores ser-me-iam dadas pelas mãos de um simpático sacerdote angolano.

— Nunca pensei que existissem flores com o nome de gengibre, padre!

— Pois há. E veja esta outra aqui, a flor do bastão do imperador que do mesmo modo é uma espécie de gengibre.

— É uma flor vermelha, muito viva e bela, senhor. Vejo que a gengibre imperador é a

mais linda!

— Tenha calma, doutora, não se apresse em conclusões. Todas estas flores que a senhora viu e que tem em mãos estão simbolizando as mortes deste país!

— Mortes? E por qual razão?

— Elas estão sendo adquiridas para ornamentações de funerais!

— Entendo. Estão tendo boa saída porque existem muitos eventos fúnebres neste lugar.

— Lamentavelmente, sim, Dra. Isabelle. Iniciamos este projeto com os twas para celebrarmos a vida por meio da criação divina do nosso Pai Eterno, entretanto, estamos ornamentando o passamento. Foi esta a opção de negócio que se sobressaiu em face do projeto. Não sei se estou sendo ético, na qualidade de servo do senhor, ao continuar à frente desta empreitada!

— Eu o compreendo, Padre Jumpe. O que o senhor tem em mente?

— Penso na senhora e em sua benignidade. Sempre imagino como é boa para os twas...

— Ora essa! O senhor não está falando sério comigo!

— Por que eu brincaria, minha filha?

— Não conheço nada de flores!

— Contudo entende do amor e da justiça. Isso é tudo que se precisa ter para lidar com esta gente sofrida. Imagine que a atividade de comercialização de flores é um aspecto a mais da sua medicina para eles. Se não comem, morrem. Se comem mal ou pouco, aumentam os trabalhos clínicos da senhora!

— É verdade, padre. O senhor está certo e é perspicaz! Vê-se por que prosperou no comércio de flores.

— Quero que a senhora esteja presente em apenas alguns momentos neste lugar. O conhecimento foi difundido. Olhe para este simples, mas pertinaz twa, Tharcisse Mugabe: ele é um ser humano inteligente e versado neste afazer; sabe mais que eu e já ombreia com os melhores técnicos, por amar as flores. Não mais precisa da minha assistência técnica.

O Padre Jumpe me levou para uma estufa rústica erigida pelos twas onde existiam inúmeras plantas em vasos. As flores me pareceram das mais lindas que eu vira na vida. O perfume que exalavam era doce e magnífico. Existiam flores nas cores violeta, vermelha, branca e rosa.

— Aqui, nesta estufa, está o tesouro desta plantação, Dra. Isabelle. Estes lindos exemplares são violetas-africanas. São flores de vaso que chegam aos lares e celebram a vida todas as manhãs em que desabrocham e perfumam o ambiente. A violeta-africana é considerada uma bela miniatura do reino vegetal. Em muitos lugares, ela é conhecida por violeta-do-cabo. Ela possui cores variadas, podendo ser branca, roxa, bicolor e de diferentes

tonalidades. A violeta-africana era a preferida dos antigos gregos e símbolo de Atenas. Os romanos a usavam para fazerem requintados perfumes femininos.

Após termos aqueles instantes de êxtase, Tharcisse Mugabe nos levou a uma fumarenta e quente palhoça na qual funcionava uma pequena olaria. O trabalho com o barro é uma marca tatuada na existência dos twas. Ao chegar ao local, percebi que cerca de quarenta mulheres trabalhavam sentadas ou ajoelhadas, moldando a argila para fornejam potes, panelas, pratos e artesanatos em geral. Faziam uma bela manufatura. Imaginei que não haveria dificuldade de encontrar mercado para aquela fornada, dada a qualidade e beleza dos objetos que a compunham. Nas peças, era pintado um fundo fosco ou escuro, como base por sobre o qual elas punham figuras coloridas e alegres. Eu fiquei impressionada com o fato de uma gente sofrida como aquela fazer peças com temática tão vibrante. Os potes dos twas expressavam a personalidade dum povo que não vê os percalços da vida como empecilho à obtenção da sua felicidade. Homens vinham das terras pantanosas de Bugesera com barro acondicionado em lençóis úmidos que carregavam nos ombros.

Logo chegou a hora de partirmos e deixarmos o assentamento pobre. Entramos no caminhão da Fazenda BE e iniciamos o caminho de retorno para a Kigali Urbana. A povoação dos twas ficava nos arrabaldes do lugar, na Kigali Rural. Logo após pegarmos a estrada de volta, cruzamos com um comboio policial indo em direção à comuna twa. De cima da carroceria, vi em uma camioneta Toyota algo que me pareceu ser um enorme animal morto. Perguntei aos presentes:

— O que era aquilo no veículo? — Elizaphan me respondeu:

— Eles estão com pressa e passaram rápido, contudo eu acredito ser um gorila abatido, Dra. Isabelle!

— Gorila? Por que levam um gorila para a aldeia?

— Não tenho a menor ideia, doutora!

A tutsi Rose Kabaguyoi falou:

— Eu penso que os hutus tentam encontrar quem matou aquele bicho. Buscam culpados nesta freguesia. Notei que entre eles estão hutus da polícia, da guarda florestal e da Interahamwe. Acredito que a situação não está boa para nossos amigos, ali atrás.

— Desgraçadamente, no Ruanda de hoje, um gorila vale mais que toda a gente daquela aldeia, Dra. Isabelle — falou o Padre Jumpe.

— Por quê, padre?

— Entra mais dinheiro neste país para preservação dos gorilas que para melhorias das condições de saúde dos twas. Estes animais são fonte de renda para muita gente importante, por meio do turismo ecológico.

— Pois então vamos voltar para ajudá-los!

Elizaphan falou em tom de incredulidade às minhas palavras.

— Credo em cruz! A senhora deve estar louca, Dra. Isabelle! Não devemos retornar agora. Aquela gente que passou por nós é da pesada!

— Qual o quê! Pois da pesada sou eu também! O padre me elegeu protetora dos twas! Eu vou voltar. Se não quiserem vir comigo, me deixem aqui. Pare este caminhão, motorista!

Os homens já se imaginavam adiante entrando em Kigali, quando ouvimos estampidos de tiros vindos do local donde partíramos. Instintivamente, o motorista acelerou o veículo para se afastar do perigo. Eu, por meu lado, do alto da carroceria, encostei minha cabeça na boleia, bati na lataria e falei para ele:

— Pare, motorista! Temos de retornar!

O condutor, impassível, perseverou no seu trajeto e inclusive acelerou mais ainda. Escutamos outros tiros vindos do povoado dos twas. Não resisti e gritei:

— Pare este carro, homem de Deus!

* * * * *

O Padre Jumpe, vendo a aflição da amiga, tomou-lhe o partido. Retornaram ao vilarejo. Quando chegaram, encontraram dois twas mortos caídos no pátio, um homem e uma mulher. Formavam um casal e deixaram órfãos. A esposa tombou por uma perfuração no peito, ao tentar acudir o marido agonizante alvejado por arma de fogo. Mukono, ademais, fora ferido na perna sem maior gravidade e estava sentado sobre uma pedra forcejando por conter o sangue que saía do seu ferimento. A súcia interahamwe chefiada por Canisous Rubuga estava no local com a contumaz vilania. Ele era um psicopata nato. Um sujeito pouco inteligente metido a machacaz violento que se julgava esperto e que, em uma sociedade justa e regrada, seria encaminhado para isolamento com tratamento medicamentoso. Achava-se um hutu da gema e com dever moral de lutar em defesa de sua etnia. Ele só possuía malignidade congênita como condutora de uma vida proscrita da legalidade. Douto no saber das trevas, era um tipo perigoso que agia com força desmedida, sem constrangimento ou sentimento de culpa. Ignorante, não compreendia a justa medida da torpeza dos seus atos de crueldade. A médica perguntou:

— O que está havendo aqui? Por que vocês estão atirando nesses pobres-diabos?

— Estamos cumprindo um mando de prisão contra os twas — falou-me o líder hutu.

— Qual é a acusação?

— Homicídio!

— Francamente! Que homicídio? Quem eles mataram?

— Um gorila das montanhas!

Os twas adentravam clandestinamente nas reservas florestais em busca de recursos e isso gerava a desconfiança de que estariam por trás das mortes de gorilas, quando ocorriam. As pessoas acreditavam que os pigmeus comessem de tudo. Na realidade, abatiam apenas pequenos roedores para sua subsistência. O gorila das montanhas, animal protegido por lei, vive na Serra Vulcânica do Virunga, uma estreita faixa de terra montanhosa entre os países do Congo, Uganda e Ruanda.

— Essa é muito boa! Quem mata um gorila não comete homicídio algum! Eles teriam cometido este delito se tivessem assassinado um humano e não um animal!

— Para nós é a mesma coisa! Gorila é bicho sagrado e protegido por lei. Não podemos matá-lo, doutora!

— Tirar a vida de gente pode? Por que razão vocês alvejaram estas pessoas? — falei indignada com tamanha impiedade.

— Não assassinamos ninguém. Estes twas evadiram-se quando chegamos ao local. Quem não deve nada não foge da polícia!

A captura de caçadores de gorila é bem-vista nos meios policiais. A notícia já chegara ao mundo editorial e encontrar culpados era uma questão prioritária para o governo. Como prova do crime, os guardas-florestais apresentaram pequenos apetrechos de caça provavelmente confeccionados pelos twas. Tharcisse Mugabe falou:

— Essas armadilhas só prestam para bichos pequenos e não têm efeito em um gorila desse tamanho!

— Sim, mas, se vocês caçaram no parque, na mesma semana, poderiam ter feito algo além de abater ratazanas!

Mukono, que estava calado até então, falou:

— Esses instrumentos são meus. Fui eu que os pus no mato! Canisous Rubuga, ao ouvir a confissão, sacou seu facão e abalou em direção ao pequeno twa.

O Padre Jumpe interveio em favor de Mukono, pondo-se fronteiro ao hutu.

— Você não o ceifará, miliciano. Já houve mortes o bastante por hoje! Aquele rapaz confessou ser dono de armadilhas para caçar roedores e não primatas mais largos que você! O delito que cometeu ao violar colinas protegidas por lei deve ser alvo de normas escritas e não desse seu machete!

Canisous Rubuga ficou furioso e falou para o pároco:

— Saia da frente, padre. Matar religioso dá azar! Não quero isso. Deixe-me cumprir o meu dever e procure uma igreja para fazer o seu trabalho também!

Isabelle tomou a iniciativa e contradisse Canisous Rubuga:

— Este twa precisa de atendimento médico. Eu, na qualidade de médica, devo levá-lo ao Centro Hospitalar. De lá, não fugirá, eu lhe garanto. Procure seus superiores e peça que resolvam este assunto para você, pois se perdeu nesta ação. Não lhe bastam as duas mortes que causou?

Na época, os franceses treinavam os hutus nas reservas naturais pretextando formar guardas-florestais, quando, na realidade, davam curso à milícia hutu extrema Interahamwe. Provavelmente, eles, durante seus treinamentos, encontraram o gorila morto e buscavam culpados. O chefe miliciano hutu falou:

— Está bem, Dra. Isabelle, desta vez, que seja como a senhora quer. Nós vamos deixar este twa, por enquanto, sob seus cuidados médicos. Esteja certa de que do hospital irá direto para um presídio aguardar seu julgamento. Este caso se refere a animais sagrados do mundo. Nós, ruandeses, não queremos ser responsáveis pelo fim dos gorilas das montanhas. Se nós, do nosso lado, não dermos o exemplo, não poderemos pedir uma contrapartida do Congo e do Zaire do outro lado da reserva.

— Não seja dramático! Não há prova alguma contra Mukono, no tocante à morte do gorila.

— Eu não sei o que a senhora vê nesses twas imundos, doutora. Eles são um bando de preguiçosos que vivem somente de esmola.

— Mendigam uma vez que não lhes dão oportunidade de emprego.

— Como poderiam trabalhar, se não servem para fazer nada benfeito?

— Não lhes deram estudos ou formação técnica também.

— A senhora que fique com seus amigos imprestáveis. Nós temos de ir. Temos muito serviço adiante.

— Que tipo de serviço? Matar tutsis na calada da noite?

— A senhora ou é muito corajosa ou não tem amor à sua própria vida, Dra. Isabelle. Não deveria falar assim diante de milicianos. São formados para reagir a insultos. Aconselho que não saia do interior do Centro Hospitalar de Kigali. Lá os médicos têm serventia para este país. Das ruas cuidamos nós!

— Você não está na rua, Canisous Rubuga. Isto aqui é uma vila que acaba de ser abençoada pelas palavras de Deus proferidas pelo Padre Jumpe. Está profanando um santuário familiar sem autorização para tal!

— Fique com seus pigmeus, doutora; no entanto, tome cuidado para não cair nos vícios de álcool e droga.

— Obrigada pela preocupação. Esteja tranquilo, não costumo ter hábitos prejudiciais à

minha saúde. Não esqueça que sou médica e entendo melhor que você os efeitos dos entorpecentes. E sei o que é uma mente doente.

A médica fez um torniquete em Mukono e o carregaram para o hospital. Os pequenos aldeões estavam sentidos com a morte do casal. Os twas estavam tristes e derramados em face da situação e fizeram um silêncio obsequioso em respeito aos falecidos que eram queridos entre eles. Muitos inculparam Mukono pelo ocorrido. Havia um grupo que tentava, de longas datas, expulsar o indômito e divergente pigmeu da comunidade de Kigali, sob o argumento de que gerava discórdias e aglutinava problemas. Não obstante, outros o tinham por boa nomeada e viam nele a perseverança da espiritualidade ancestral do povo indígena twa das florestas. Ocorriam muitas demonstrações de poder por parte de Mukono que serviam de argumento para os mais velhos e saudosos acreditarem que ele seria, em breve, o guia espiritual de todos os twas, pois nele residiam os ancestrais gloriosos do povo. Mukono, um twa levado da breca, era um raro elo de integração do seu povo indígena com as crenças seculares vivenciadas por meio de rituais de magia e alucinações, proporcionadas por drogas e ervas das florestas tão somente por ele conhecidas e manipuladas. Afastados do convívio das matas, os jovens estavam perdendo a identidade selvagem extratora e coletora. Mukono era uma grata exceção querida pelos idosos por ser da estirpe milenária dos grandiosos twas. Os anciãos temiam a dispersão dos indivíduos da sua etnia. O twa era a teimosia em pessoa. Valente, não se acovardava diante do perigo, tampouco negava suas raízes silvícolas.

* * * * *

Quando cheguei à porta do Hospital, o Dr. Mike estava me esperando. Pareceu-me aflito com minha segurança. A notícia de que a Interahamwe fora para a aldeia twa com pretensões vandálicas de rotina cumprir um mando de prisão o deixara preocupado. Por pouco, não o encontramos no caminho, pois já estava se dirigindo com a Land Rover para a estrada que levava à povoação dos twas. Era necessário iniciar, de imediato, os procedimentos medicamentosos para assepsia e sutura do ferimento na perna de Mukono. Falei para o Dr. Mike:

— O senhor não vai me ajudar?

— Não, Dra. Isabelle! Esse ladrãozinho aí é um assunto seu! Esse twa não vale nada! Já lhe disse isso antes. Mas vejo que o ferimento não é grave e a que senhora pode tranquilamente se incumbir do caso, na companhia da senhorita Rose. Eu igualmente lhe avisei que os twas são sinais de encrenca para a senhora! Espere e verá!

Às vezes, o médico inglês, com sua lenga-lenga convincente para cima de mim, dava-me nos nervos. Eu haveria de não mais cair nos logros e conversas daquele senhor!

— Muito obrigada pela sua preocupação! Não me venha com reprimendas ou sermões, Dr. Mike, porque já ouvi um hoje. E me dê licença!

Entrei com Rose, improvisamos uma sala de cirurgia e tratamos Mukono. Tudo correu bem. Eu, de caso pensado, após a intervenção médica, dei-lhe um forte sedativo por via intravenosa que o faria dormir por muitas horas. Quando saí e cheguei à frente do hospital, havia dois milicianos do outro lado da rua sob o podocarpo, inquietando Tharcisse Mugabe em seu ponto comercial. Aguardavam o meu aparecimento. Avizinharam-se e um deles me perguntou:

— Onde a senhora deixou o criminoso, doutora?

— Que criminoso?

— O twa Mukono. Nós viemos buscá-lo!

Fiz uma expressão séria e exagerei acerca do quadro do paciente. Resolvi blefá-los, visando reverter a incumbência de arrastarem com eles o twa.

Vocês querem prendê-lo? Pois fiquem sabendo que não lhe darei alta deste hospital, por causa do seu grave estado de saúde. Ele está sob efeito de fortes medicamentos, pois tem uma terrível infecção na perna. Provavelmente, não acordará até a noite de amanhã. Vocês não poderão remover o doente deste hospital nas condições em que se encontra. Seria preciso uma ambulância, pois, se desligarmos os aparelhos a que está ligado, morrerá no minuto seguinte. E mais uma coisa: ele está acometido de uma grave doença contagiosa. Se vocês o levarem, procurem não respirar profundamente ao lado dele!

— Não nos relataram que o caso era tão grave! Mandaram-nos arrastá-lo, pois ele levava só uma facadinha boba...

— Pois sim! Facadinha boba? Não me façam rir! Levou três tiros também. Apresentem-nos o mandado de prisão!

* * * * *

Os interahamwes não compreendiam o que significa estar acometido, no entanto, perceberam, pela expressão da doutora, que não seria boa coisa para eles. Também não sabiam o que era mandado de prisão, todavia entenderam que a americana queria algum comprovante ou recibo em forma de papel. Perceberam que estavam se envolvendo em uma situação delicada. Haviam imaginado que, quando chegassem ao hospital, encontrariam um ambiente receptivo e preparado para a ocorrência, todavia viam que não fora acordada previamente a prisão do twa e não lhes foram dadas claras ordens de utilizar a força bruta no caso. Saíram de lado e conversaram um pouco entre si. Chegaram à conclusão de que o melhor a fazer era se desterrarem e somente falarem com seu chefe, Canisous Rubuga, no dia seguinte. Ele estava na região de meretrício de Kigali, provavelmente embriagado, avizinado da sua prostituta favorita, Anne-Marie Kenyama, e não sentiria a falta deles durante a noite. Mukono estava salvo de outra enrascada. As situações perigosas e sinistras e as formas inesperadas

como o twa se safava delas aumentavam o carisma e a aura mística em torno dele entre os pigmeus. Havia entre eles quem acreditasse que Mukono tinha o corpo fechado e que nada ou ninguém conseguiria exterminá-lo

* * * * *

Com o tempo, percebi que o Padre Jumpe descobrira um meio pouco ortodoxo de angariar dinheiro, apoderando-se dos conhecimentos de Mukono e Domitilla, sua mulher twa, acerca de ervas coletadas nas florestas do Ruanda. Domitilla era uma matriarca conselheira dos twas e obstetrix quando necessário.

Eu, em uma oportunidade, repreendi o vigário e cobreilhe que fosse um pouco piedoso em relação à pobreza dos outros.

— O senhor não tem vergonha, Padre Jumpe? Está a lucrar com suas artimanhas teológicas à custa dos pobres twas!

— Não são todos os pigmeus, Dra. Isabelle. Eu apenas me apoio nas observações empíricas de Domitilla e Mukono!

— O senhor é bem pago por este trabalho?

— Por Cristo! Não ganho muito! Mantenho contato tão somente com um colaborador independente em Angola que trabalha para alguns laboratórios europeus.

— Por que esse freelancer preguiçoso não vem aqui e entra na selva como faz Mukono todo dia?

— É assaz ocupado. Além do que é perigoso adentrar nos parques florestais deste país.

— E o dinheiro? Quanto o senhor já ganhou? Quero saber isso direito para dar a parte que cabe ao casal de curandeiros.

— Eu sou um homem de Deus, minha filha. Não procuro o bem material.

O Padre Jumpe era benévolo, um bom beato, todavia pouco, além disso. Eu sabia que mentia e explorava a boa vontade e ingenuidade de Mukono e Domitilla. No início, não me preocupei com o seu assédio aos twas. Depois que comecei a aumentar os meus contatos com os dois, percebi que as plantas que tinham catalogadas informalmente nas suas mentes poderiam conter princípios ativos de valiosa generosidade para a farmacologia mundial e seus empresários.

— Não me venha com esse papo, seu prelado capitalista!

— Dra. Isabelle, a senhora é perspicaz. Tenho pena do Dr. Mike em suas mãos! Ah! Ah! Ah! Ah!

Na oportunidade, estávamos em minha residência e pegamos na palavra até alta hora da noite. O Padre Jumpe me confessou de boa-fé que contrabandeava qualquer panaceia, quer fosse planta ou animal minúsculo que contivesse, nos seus corpos, substâncias resistentes às pragas, que devastavam as plantações mundo afora, e às doenças dos animais, estando os humanos aí incluídos.

— Cuide bem do que a senhora fará, Dra. Isabelle. Eu lhe confessei, por sugestão dos meus superiores, pois seu pai, em Washington, vigia os caminhos que a senhora percorre e chegou a mim. Ele ameaçou nos denunciar e só não o fará se a senhora lhe der um retorno, confirmando que minha companhia não é prejudicial para a senhora.

— O meu pai lhe disse isso?

— Em puríssimo som! Ele tampouco se deu ao trabalho de ligar para a senhora. Incumbiu-me de esclarecer o caso e fazê-la telefonar para ele. Deixou-me com uma fina, resistente e encerada corda em volta do gogó!

— Não pode ser! Ele teve essa capacidade?

— Pois é, teve. Seu pai é um político astuto e atento!

Eu começava a ficar do lado do Padre Jumpe e contra a petulância do meu pai. Ele prometera me deixar levar a vida em paz em Kigali, porém, outra vez, dava uma amostra de sua incapacidade de me dar corda adiante.

— Há outra coisa importante que eu queria que a senhora observasse!

— O que mais eu hei de levar em conta, padre?

O angolano Padre Jumpe me falou:

— Os meus clientes estão satisfeitos com o trabalho de Mukono e

Domitilla, ainda que aqueles mezinheiros não saibam o que fazem.

— O que é uma puta sacanagem, padre! O senhor é um belíssimo manipulador cara de pau!

— Eu sei, Dra. Isabelle, mas aguarde pelo lado bom da história.

— Estou ansiosa para saber o melhor dessa sua sagrada gula. Não me faça esperar!

— Mukono não passa duma criança crescida e malcriada. Muitos falam que ele tem facilidade de escapar das encrencas em que se mete. Eu lhe garanto, Dra. Isabelle: o twa está vivo por nossa interferência em seu favor perante autoridades e políticos nalgumas ocasiões. A senhora sabe que meus patrões pagam muita propina neste país. Mukono, há muito, que deveria estar do outro lado das grades e de lá viajaria sem retorno para um pobre cemitério. Já revertemos ordem de prisão contra ele!

— Por que seus patrões, simplesmente, não se apresentam a Mukono, põem-no numa

residência confortável e o fazem assinar um contrato de prestação de serviços?

— Técnicos disfarçados mantêm contatos esporádicos com aquele twa, no Congo e no Burundi. Ele não para em um canto, pois é muito ativo. O diagnóstico corrente é que Mukono somente é útil no seu jeito livre e selvagem. Se descobrir ser alvo duma trama envolvendo seus conhecimentos sobre ervas, será capaz de parar tudo o que faz atualmente. Talvez vá ajudar Tharcisse Mugabe a vender seus vasos de violetas-africanas em frente ao Centro Hospitalar e a senhora passará a ter não só um, porém dois twas apaixonados.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Isto seria o terror, Padre Jumpe! Ah! Ah! Ah! Ah! Está bem, eu me dou por satisfeita. Vou ficar quieta acerca deste nosso segredo. Persevere em seu creio em deus padre nesta terra colinosa, contudo nunca esqueça que eu estou de olho no senhor e principalmente no bem-estar dos meus amigos!

— Vamos, Dra. Isabelle. Não há tempo a perder!

— Aonde? A esta hora da noite, eu devo dormir. Até mais ver, Padre Jumpe! — falei-lhe cansada.

— Não, doutora, nós temos de correr para um telefone, agora mesmo!

— Para quê?

— Meu Deus! Vê-se que a senhora, às vezes, tem o raciocínio lento de um twa!

— Não me ofenda, padre, nem meus queridos amigos! Vamos telefonar para quem?

— Para seu pai. Somente a senhora pode sossegá-lo!

Saí do conforto do meu lar na noite alta em companhia do religioso para encontrarmos um aparelho público intacto. Demoramos a achar um que funcionasse e que não tivesse sido alvo de depredações. O Padre Jumpe estava, deveras, ansioso de que eu mantivesse contato com o meu pai e lhe pedisse que parasse as investigações das atividades dos seus patrões.

Fui com o Padre Jumpe no seu veículo. Rodamos por alguns bairros da cidade sem sucesso. Estive prestes a desistir; entretanto, o pároco estava irreduzível. Espertamente, questionou-me:

— Por que nós não vamos ligar do Centro Hospitalar, Dra. Isabelle?

— O senhor está louco? Não posso fazer uma ligação internacional de lá.

— Este é um caso de emergência!

— Que emergência, padre? Na realidade, vou tratar dos seus interesses e não de um caso urgente para muitos.

Após dirigirmos por um bom tempo, chegamos a uma rua animada e barulhenta e foi onde nós efetuamos a chamada telefônica. Tivemos de esperar bastante até conseguirmos um contato telefônico com a operadora americana. Nesse meio-tempo, o lugar foi ficando muito agitado e

borbulhante de gente. Percebi que ali ficava uma área de meretrício. Havia mulheres vulgares com roupas minúsculas e homens alegres e embriagados assediando-as. Nossa presença foi notada de imediato. O Padre Jumpe me olhou comiserado, por ter me levado àquele lugar e por ele mesmo, um senhor dos evangelhos, estar presente num local pecaminoso. Na sua ânsia de ligar para o senador americano, o pároco não notara a cova em que se metera. Uma prostituta se aproximou e entrou a reclamar conosco vulgarmente.

— Ei, filhinha de papai, não vê que esse é um telefone público? Sai logo daí e deixe que outros utilizem o aparelho!

Eu fiz como se nada estivesse sendo falado e continuei tentando conseguir uma conexão aberta com os Estados Unidos. A meretriz estava irredutível.

— Cruz-credo! Sai daí piranha branca, eu quero usar esse telefone!

O Padre Jumpe me falou ponderadamente, temendo acontecer algum entrevero entre mim e a insolente garota. Conhecia minha má fama de arruaceira de juízo virado.

— Venha comigo, Dra. Isabelle, nós haveremos de encontrar um telefone funcionando, nalgum outro lugar. Deixemos este sítio de ócio!

— Andei demais, padre. Só saio daqui para minha casa!

— Vá com o padre e sai daí, baranga burra! Não tem medo de apanhar? O Hotel Mil Colinas agora está contratando americanas, é? — ela percebera o meu sotaque Yankee.

Não suportei o acinte e as ofensas daquela mulher e parti para as respostas adequadas. Nada me amedrontara até então na minha vida e não seria uma criatura desqualificada como aquela que me faria acovardar.

— Quê? Pois sim! A quem você chama de piranha, mulher desclassificada?

— Sai desse telefone! Você está surda? — açodada, ela tentou me arrastar pelo braço.

Duas outras desairosas garotas de faces rascunhadas se aproximaram de nós, o que tornou as ofensas mais ríspidas. A primeira que chegara ficou confiante, em decorrência da presença de colegas. Eu não me intimidei. Se enfrentara à tapa os hutus da Interahamwe armados de facões, imagine se três piranhas nervosas me afugentariam? O Padre Jumpe suava frio, constrangido com a situação em que nós havíamos nos metido. Implorava-me para sairmos do lugar, temendo alguma violência contra nós dois. Finalmente eu consegui falar com os meus pais em Washington.

— Mãe, o pai está me obrigando a sair deste lugar. Por causa dele, vou ter de ir para mais longe e demorarei para voltar para casa, pois meu serviço voltará ao princípio!

— O que este desalmado está fazendo, filha? Eu bem notei, nestes dias, que ele está com aquele olhar de quem trama algo! Você lembra como ele fica, não é?

— Lembro mãe. Contenha-o aí. Ok?

— Ora, ora! Deixe comigo, filha! Onde já se viu? Nós prometemos deixar você sossegada!

As mulheres ao nosso lado riam sem parar e zombavam de nós em um inglês limpo e claro.

— Pai, mande-me uma mamadeira quentinha! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Pai, eu quero dar! Ah! Ah! Ah! — as ofensas só aumentavam.

Eu estava perdendo a paciência com as garotas inconvenientes e insolentes. Desliguei o telefone e fui para cima da mais ousada entre elas.

— Vá se ferrar, sua vagabunda de terceira classe!

Peguei o braço do Padre Jumpe e comecei a caminhar para fora da rua odiosa. Uma das damas exclamou:

Mãe, o pai ainda come sua bundinha?

Eu me descontrolei completamente. Quando isso acontecia, era sinal de problemas. Parti novamente para cima da mulher-dama, agarrei seu cabelo e lhe dei um tremendo soco no rosto. A ogresa caiu longe, rolando pela rua. As outras duas se atiraram em cima de mim e iniciamos uma enorme confusão. Hutus e tutsis se aglomeraram rindo da nossa luta, batendo palmas ao redor, atiçando a contenda. O Padre Jumpe forcejava por apartar a briga, todavia não conseguia nada de efetivo. Quando conseguia segurar uma das oponentes, as outras partiam para cima, batendo-me e apanhando igualmente. Uma das zinhas se atracou comigo, derrubando-me. Ela apertou o meu pescoço e enroscou-se em mim de forma lasciva e sufocante com um forte abraço de pitonisa. As outras aproveitaram o meu enlace e me bateram com mais força. Saúde e disposição não me faltavam, nem vontade de dar uns paus nas vadias que blasfemaram a lembrança da minha mãe. Em meio a balbúrdia, o Padre Jumpe gritava:

Valha-me Deus, Dra. Isabelle! Senhoras, parem com essa desavença! Alguém ajude a parar esta confusão!

De repente, outra garota, igualmente cortesã, se atirou entre nós quatro e tomou o meu partido na briga. A situação, antes desfavorável, começou a pender para o meu lado, a partir da ajuda da estranha e bati forte de imediato. De repente, uma das brigonas pegou uma garrafa vazia de cerveja Primus e estraçalhou-a na cabeça da minha companheira fazendo com que sangue escorresse pelo seu corpo. Não satisfeita, outra agressora desferiu uma pedrada no mesmo lugar onde antes batera o vasilhame. A colega caiu desacordada e entrou em obnubilação, sem mais dar acordo de si. Parti para cima da rival armada e a feri com um

pontapé violento, que a fez sair de combate. Neste instante, ao ver sua bem-amada meretriz ferida, o hutu Canisous Rubuga sacou uma pistola e disparou três tiros para o alto, dispersando a multidão. Aos gritos, afugentou as três arruaceiras, que foram arrastadas, acoitadas e salvas da sua ira por companheiros seus. Elas foram para locais seguros dentro dos estabelecimentos daquela rua. Canisous Rubuga foi ao encontro da sua amada.

— Anne-Marie, não posso sair por um momento sem que você se meta em confusão!

Anne-Marie Kenyama, a amante do chefe da Interahamwe, era uma pessoa valente. Redarguiu, ainda tonta, com as pancadas que recebera na cabeça.

— Aquelas três vagabundas estavam batendo na garota. Eu não gosto de covardia!

— Foi apenas por isso, realmente, que você se meteu na rusga dessa branca?

* * * * *

Canisous Rubuga imaginou que Anne-Marie se envolvera na confusão por causa duma rixa anterior com uma das brigonas que estava na algazarra. Ela tinha ciúme doentio quando qualquer mulher se aproximava dele. Uma das oponentes assediava seu amante. Na realidade, outra razão maior, de desconhecimento do hutu, do mesmo modo, motivou Anne-Marie: Ela tinha uma vida dupla e uma das prostitutas brigonas estava bisbilhotando algumas atividades clandestinas da amante do hutu, que era uma informante da Frente Patriótica Ruandesa dentro de Kigali.

Anne-Marie Kenyama era uma tutsi de 27 anos, proveniente do exílio em Uganda. Ela sentia um ódio virulento e mortal pelos hutus desde a infância quando vira seus pais e irmãos tutsis serem mortos por membros da etnia agressora. A partir daí, só acumulara remorsos ao longo duma sina calejada. Um milagre desses que somente se dão nas guerras a fez sobreviver ao ataque hutu à sua residência anos atrás. Jurara vingança contra os agressores e encontrou a oportunidade que queria, ao se aliar à Frente Patriótica Ruandesa na sua campanha para derrubar o presidente hutu Juvénal Habyarimana. Ela sabia que, se a desafeta a associasse aos tutsis do exílio em Uganda, sua vida nada valeria. Sua aproximação de Canisous Rubuga era um generoso meio de ela obter informações acerca das atividades dos interahamwes e dos militares franceses no Ruanda. Durante as bebedeiras, ao seu lado, o hutu apequenava-se e contava detalhes importantes. Ela sabia toda a rotina de treinamento da soldadesca hutu ministrada pelos franceses nas reservas florestais ao norte. Certa ocasião, aconteceu-lhe de conversar com o embriagado hutu sobre este assunto:

—Opa! Quer dizer que o senhor está treinando para ser guarda-florestal?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Eu vou cuidar dos animais, Anne-Marie! Ah! Ah! Ah! Ah!

Canisous Rubuga, em um de seus porres, falou para ela:

— Anne-Marie, nós estamos elaborando um plano de matarmos os tutsis!

— Fale-me novidades! Não é isso que vocês fazem todo dia?

— Não, desta vez a coisa será grandiosa! Será muito maior.

Anne-Marie, na convivência com seu hutu querido, adquirira a capacidade de pressentir quando ele estava prestes a lhe dar alguma informação de valor para a Frente Patriótica Ruandesa. Escutava-o com atenção, até quando não dizia coisa com coisa. Serviu-lhe outro copo de Primus.

— Nós estamos detalhando um plano de extermínio de todos os tutsis.

— Que horror! Você delira, Canisous Rubuga!

— Claro que não, Anne-Marie. Os militares discutem tudo. Recenseiam e cadastram os tutsis.

— Vocês pretendem levar todos para campos de concentração?

— É isso mesmo. Nós prenderemos todos e os exterminaremos!

Essa informação obtida pela jovem tutsi foi repassada à cúpula da Frente Patriótica Ruandesa no Norte. Na época, esta foi a primeira vez que os tutsis ouviram falar de maneira tão convincente e detalhada da arquitetura de tal plano. Levaram a questão a sério e aumentaram os trabalhos de inteligência, que passaram a incluir outras pessoas e recursos. A revelação de Canisous Rubuga, em uma cama, para sua amante foi um dos estopins para a decisão de se acelerar as manobras da FPR rumo à capital. A partir daquele momento, os combates se intensificaram. O comandante Kagame, o líder da guerrilha tutsi, decidiu que era chegada a hora de acelerar e resolver de vez aquela conflagração, caso desejasse ainda encontrar tutsis vivos no solo ruandês. Comentou:

Viver é esbarrar contra o futuro. Ou vamos ao encontro dele ou ele retorna para nos buscar.

A união de Anne-Marie com Canisous Rubuga era cômoda para ela, pois, acobertada no romance, não era obrigada a ir para a cama com outros frequentadores dos prostíbulos. A devoção ao líder hutu a livrava dos perigosos contatos sexuais com os tutsis ou hutus, que andavam por aquele ambiente promíscuo, o que lhe minimizava o risco de contrair AIDS. Algumas das suas companheiras de profissão eram soropositivas, fato que a amedrontava, pois, de vez em quando, via uma ou outra inçando a doença, através de relações inseguras.

Canisous Rubuga era um banco de dados fônicos. Um túmulo diante dos homens e um rádio ligado, quando bêbado e excitado contíguo à ambulatriz preferida. Todos os homens que frequentavam a zona de meretrício temiam abeirar Anne-Marie, pois ela poderia significar

morte certa, pelo fato de ser mulher do líder da Interahamwe, um sujeito notoriamente valente e ciumento. Canisous Rubuga gostava de saber que Anne-Marie era só dele, não obstante fosse uma dama da noite de toda Kigali, porquanto isso lhe dava certo prestígio entre seus companheiros. Ele sonhava pôr Anne-Marie em uma residência confortável longe dos covis imundos e proporcionar-lhe uma vida digna, porém dois motivos o impediam de maneira categórica: primeiro, se ele fizesse isso, seria seu fim como líder hutu, pois seus pares de etnia não aceitariam sua convivência em termos maritais com uma tutsi; segundo, ele não queria constranger a esposa e filhos, amancebando-se com uma meretriz tutsi ainda que a amasse. Este dilema era um dos motivos de ser uma pessoa rancorosa e violenta. A mulher que tinha em casa não lhe propiciava amor e a de quem gostava na rua não podia ser inteiramente sua e dar-lhe todo sentimento que possuía em si. Anne-Marie e Canisous Rubuga amavam-se de modo inusitado. Cada um tinha como objetivo ferir mortalmente a linhagem do outro em meio às carícias que trocavam. Talvez, se tivessem partido do país, teriam encontrado tranquilidade para viver uma vida normal em conjunto. No Ruanda daquele tempo, não teriam este luxo. Sendo um interahamwe e a outra guerrilheira dos Inkotanyis, chegaria o instante da provação em que um teria de sacar a arma antes do outro, apaixonadamente.

* * * * *

Os três tiros desferidos para o alto por Canisous Rubuga foram suficientes para compelir as pessoas a se esgueirarem do local. Imediatamente, paramos a confusão. O hutu somente tinha olhos para sua mulher. Eu estava sentada na calçada, quando o Padre Jumpe se aproximou e me tirou para um canto. Ao perceber o ferimento na cabeça de Anne-Marie, fui ao seu encontro para lhe prestar auxílio e agradecer-lhe a ajuda. Sem ela, teria levado uma surra das três prostitutas. Falei para o colega:

— Credo! O senhor não fez nada para me ajudar, padre! Ficou no bem-bom o tempo todo! Que bela companhia o senhor é!

— Minha filha, eu sou um homem de Deus. Tudo foi muito rápido. Estava a pensar no que eu poderia fazer por você, quando aquele hutu apareceu atirando à larga. Todos nós corremos para nos proteger dos disparos. É um instinto normal do ser humano.

— Está certo, sem mágoas por enquanto. Apanhe minha maleta de primeiros-socorros no carro e a traga cá!

— Para quê, minha jovem? Vamos sair deste lugar sinistro!

— Não posso, padre! Não percebe que sou médica e que há gente ferida aqui? — lembrei-o do meu juramento de formatura.

Canisous Rubuga estava preocupado com o sangramento na nuca de sua companheira. De início, não queria que eu a tocasse.

— Não, Dra. Isabelle. Deixe-a em paz. Eu cuido dela!

— Só me faltava essa, hutu! Vá que seja. Trate-a do jeito que quiser. Eu vou partir, deveras. Fique com a minha valise. Ela contém tudo o que você precisará para a pequena cirurgia. Dê os pontos no couro cabeludo com atenção. Cuidado para não atingir alguma artéria vital quando suturar o ferimento!

— Será necessário costurá-la, Dra. Isabelle?

— É claro que sim. Pegue logo essa maleta! Não vê que ela está perdendo um tempo precioso?

— E essa tal artéria vital na cabeça dela?

— Não só na dela, mas na sua do mesmo modo! Um homem em Gitarama teve esta artéria rompida e perdeu a visão, a voz e os movimentos dez segundos após o erro do médico — eu ria em silêncio da ignorância do hutu.

Após falar isso, dirigi-me para o veículo do Padre Jumpe. Quando entrei, o homem me chamou, bracejando em minha direção.

— Dra. Isabelle, não me leve a mal, mas venha realizar seu trabalho. Depois a senhora irá embora!

Eu sabia que ele não ousaria assumir tal responsabilidade. Ele era um hutu ignorante, que pouco fora à escola e que possuía sua posição de destaque na caserna, não devido à inteligência, porém em decorrência da sua valentia e crueldade no tratamento dispensado aos tutsis. Ele desistiu de medicar a Tutisi apenas porque acreditou na história das artérias mortais que eu tinha inventado. O hutu, resignado, caminhou em direção a um bar próximo, para continuar a beber suas cervejas Primus. Eu examinei Anne-Marie e fiz o possível para amenizar-lhe a situação, todavia eu havia de levá-la ao Centro Hospitalar. Ela tinha tomado uma pancada na cabeça muito forte. Eu queria me certificar, por meio de uma tomografia, se havia outra contusão além da perceptível. A tutsi estava meio tonta.

— Vamos logo, Padre Jumpe!

— Vamos aonde?

— Para o Centro Hospitalar. Eu preciso submeter esta mulher a uns exames de rotina.

— São mesmo necessários, Dra. Isabelle?

— Claro que são indispensáveis, padre! Nunca me meti nos seus afazeres pastorais! Eu o ensinei a orar algum dia?

— Está certo, filha — aquiesceu resignado. — Saiamos daqui. Que noite!

Então, falei para a tutsi:

— Escute, preciso levá-la ao hospital. Está me ouvindo?

Anne-Marie não conseguia me entender bem. Eu tinha obrigação de fazer o que estivesse ao meu alcance para ajudar aquela companheira, pois, se não tivesse sido nela a pedrada, por certo, seria em mim. Tão forte fora o impacto na tutsi que eu não tive certeza se teria aguentado uma pancada daquelas. No caminho para o hospital, fiquei a imaginar se retornaria para me vingar das prostitutas. Eu faria o possível para o Dr. Mike não ficar sabendo daquela confusão, contudo, quando chegamos ao portão do CHK, em alta noite, lá estava o médico inglês esperando-nos sisudo, com expressão de poucos amigos na face. Primeiramente, desferiu sua ira contra o padre-cura.

— Padre Jumpe, como pôde o senhor levar a Dra. Isabelle para uma área de prostituição? Logo o senhor, um papista tão devoto, sucumbir aos prazeres da carne! Que pouca-vergonha é frequentar um covil de perdição daqueles!

— Alto lá, Dr. Mike! Eu não costumo andar em más companhias! Eu e a Dra. Isabelle fomos acolá para efetuarmos um telefonema. O senhor, tão amigo do presidente deste país, poderia pedir-lhe para melhorar as telecomunicações do Ruanda.

— Vocês foram ligar para quem?

— Esta é uma história minha e da Dra. Isabelle. Além de ranzinza deu para ser curioso também?

Durante o trajeto até o hospital, o Padre Jumpe me pedira para que não contasse a ninguém o motivo que nos levou a procurar um telefone público naquela hora da noite. Como eu envolvera o nome do meu pai na história, não diria nada realmente. Tampouco teria sido necessário o clérigo me pedir discricção. Eu sabia de alguns negócios políticos nebulosos nos quais ele se envolvia. Nestes casos, mantinha-me distante. Eu, simplesmente, ficava em silêncio e não comentava nada com ninguém. O Dr. Mike apelou para mim:

— O que vocês foram fazer naquele lugar, Dra. Isabelle?

— Nós fomos tomar umas Primus, Dr. Mike. Eu e o Padre Jumpe fomos beber uma cervejinha...

O médico não resistiu à minha cara de pau, nem se conteve ao me ver mentir cinicamente daquela forma.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Vocês foram tomar cerveja e dar tapas nas putas de lá? Qual a razão da briga com as prostitutas? O Padre Jumpe não quis pagar pelo serviço das madames? Ah! Ah! Ah! Ah!

O Padre Jumpe repreendeu o inglês pela grosseria.

— Não seja insolente, Dr. Mike!

Neste momento, uma enfermeira veio me chamar, dizendo que Anne-Marie estava pronta para a pequena intervenção cirúrgica. Entrei e me despedi do Padre Jumpe e do Dr. Mike. A confusão com as messalinas somou-se a algumas atitudes impulsivas que eu tive em Kigali,

contribuindo para minha fama de amalucada que pecava por falta de decoro. Eu era uma mulher muito descolada e desinibida, o que causava estranheza nas pessoas dali. Meu jeito solto e informal de me vestir alienada de moda e a praxe desleixada de cuidar dos cabelos criaram-me um visual avesso à sociedade local. Eu era assunto em muitas rodas de mexerico. Havia quem me amasse e quem me odiasse. Eu era capaz de matar e morrer por meus amigos e de exterminar meus inimigos. Não me controlava nas vezes em que pisavam no meu calo. Por estranho que pareça, alguns ruandeses entendiam bem este arroubo e o aceitavam com complacência e admiração. Afinal vivenciavam uma época conflituosa, quando estar vivo ou morto é casualidade. A bravura que eu expressava era vista, por estes, como uma virtude em um mundo hostil como o Ruanda. O Dr. Mike dizia aos próximos que eu me encaixara a prumo naquele país.

— Eu tenho de pedir desculpas à senhora, Dra. Isabelle.

— Por quê, Dr. Mike?

— Por ter procurado fazê-la desistir de trabalhar no Ruanda!

— O senhor não tentou me fazer desistir. O senhor buscou me impedir de ficar!

— Está bem, está bem, vá lá que seja! Devo-lhe escusas do mesmo jeito...

— Qual a razão, Dr. Mike? Seja mais específico.

— Eu tive medo, no início, de que a senhora pudesse se machucar no Ruanda, mas...

— Mas...?

— Agora sei que este país não aguenta a senhora, Dra. Isabelle... Ah! Ah! Ah! Ah! Onde já se viu uma médica americana chegar a tapas com três putas de Kigali? Ah! Ah! Ah! Ah!

— Não seja grosso e odioso, Dr. Mike...

— Calma, não se irrite, pois pode sobrar um Kung Fu para mim também! Ah! Ah! Ah! Ah!

Muito contrariada, saí do hospital e fui para o sacrário da minha casa dormir, pois estava exausta e desejava privacidade. O Dr. Mike permaneceu no hospital. Eu saí avinagrada e ele ficou rindo abertamente na frente de todo o quadro de pessoal do Centro Hospitalar, constrangendo-me, deveras.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Cinco dias após este episódio, uma das meretrizes que se envolveram na rixa contra mim e Anne-Marie apareceu morta em um dos outeiros da cidade. Imediatamente, o povo acreditou que eu mandara fazer o serviço sujo de eliminar aquela mulher. As outras duas sumiram também; provavelmente fugiram temerosas de serem as próximas assassinadas. Se as outras cortesãs foram mortas, não sei, pois seus corpos nunca foram encontrados. É lógico acreditar que elas se foram para outro bordel de algum outro país africano. Anne-Marie contara aos tutsis que a bisbilhoteira descobrira que ela era simpatizante da Frente Patriótica Ruandesa e

ameaçara-lhe contar isso para o hutu Canisous Rubuga. Foi o que bastou para a FPR dar um fim à coitada. Temeram que ela encontrasse alguma vantagem em delatar um inkotanyi para os hutus. Se Anne-Marie Kenyama provocou a morte da rival por medo de ser delatada como assecla da FPR ou por ciúme do assédio daquela a Canisous Rubuga, da mesma maneira restar-me-á como uma questão sem resposta. Eu não consegui convencer ninguém de minha inocência e de que não estava por trás do sumiço das três jovens dos prostíbulos de Kigali, nem mesmo o Dr. Mike ou Rose. A única pessoa que assumiu abertamente ter fé em mim foi o crendeiro Tharcisse Mugabe, porém este não valia como um ponto em meu favor, pois juraria e diria qualquer coisa para me agradar, até contra sua razão. Por estranho que pareça, todos no Ruanda acharam normal eu ter mandado eliminar as piranhas tutsis. Ainda que me julgassem a responsável, não viam crime em matar mulher de vida desairosa ou prostituta à toa. Eu agira conforme a praxe local, pois assim se fazia naquele país num ano terrível de guerra.

As Flores do Ruanda

Capítulo IV

O poder hutu

De uma feita, o Dr. Mike me convidou para um jantar em um distinto clube local, ao qual compareceria a nata social. Tratava-se de uma cerimônia aglutinadora de militantes do Movimento Revolucionário Nacional para o Desenvolvimento (MRND), partido político do Presidente Juvénal Habyarimana. O evento marcava o lançamento da plataforma política do governo para o ano de 1994. Ao chegarmos, fomos solenemente recebidos por umas belas garotas hutus que se acercaram de nós e nos encaminharam para uma imensa mesa central de comensais. Quase todos os assentos estavam ocupados por ministros, jornalistas, militares e embaixadores de nações alinhadas com a autoridade do Ruanda. O fausto e o desperdício do dinheiro público caracterizavam a ocasião. Ao nosso lado, estava o general Gedeon Bagirubwira, com a costumeira empáfia, e sua família. Os filhos estavam correndo pelo salão, o que enervava o militar, o qual não parava de admoestar a esposa.

— Não lhe disse, mulher, para não trazermos as crianças! Vá lá e as aquiete. O presidente está em via de adentrar neste salão.

A esposa do general, uma distinta senhora forte, senhoril e corpulenta, saiu com muita dificuldade da sua cadeira e foi ao encontro dos filhos tentar acalmá-los. Ela repetiu esta tarefa em duas outras oportunidades, para desespero do general Bagirubwira, que, não vendo outra solução para seus garotos, resolveu prendê-los, com uma sutileza que somente ele poderia ter. Mandou alguém chamar o tenente Fred Kaka.

— Tenente, leve os meus filhos com você e cuide deles até este jantar terminar!

— E a segurança do evento, general? Eu estou responsável por ela!

— Pois acrescente os meus filhos ao seu relatório de segurança, que eu quero entregue amanhã cedo em minha mesa. Vamos, tenente, acelere sua missão!

O pobre tenente Fred Kaka passou boa parte da noite fazendo as vezes de babá de dois pestinhas sem igual. Com certeza, desejou estar longe em uma ação de combate contra os rebeldes da Frente Patriótica Ruandesa, em vez de ficar ao lado dos incansáveis filhos do general Gedeon Bagirubwira. Momentos depois, apareceu o Presidente Juvénal Habyarimana com uma comitiva de seguranças à sua volta. Todos pararam o que estavam fazendo e se puseram de pé. Alguns políticos discursaram em um palco extravagantemente decorado com

violetas-africanas, helicônias, antúrios, estrelicias e gengibres de Tharcisse Mugabe. O presidente fez um discurso em tom conciliador com os tutsis; por outro lado, o general Gedeon foi contundente em sua catilinária contra a etnia adversária. Falei para o Dr. Mike:

— O presidente fez um bom pronunciamento. Encheu-me de esperanças de que este conflito termine logo.

— Não fique tão confiante ou esperançosa, Dra. Isabelle. Ele está tão somente defendendo os interesses comerciais e políticos do país.

— Como assim?

— Como não pode garantir à comunidade internacional uma vitória rápida sobre a Frente Patriótica Ruandesa, sinaliza um acordo de paz. Com isso, diminui-se um pouco o nervosismo do mercado em relação ao Ruanda e os investidores aplicam seu dinheiro aqui.

— Entendo, Dr. Mike. É uma pena. O senhor me lembra meu pai falando. Ah! Ah! Ah! Ah!

O presidente veio se sentar à nossa mesa, porém, lamentavelmente, acomodou-se do outro lado, longe de nós. Eu esperava uma oportunidade para falar com ele e cobrar-lhe assistência aos twas. Eles careciam de uma legislação que os amparasse e os equiparasse aos demais cidadãos. Necessitavam ter documentos de identificação e cartões de saúde que lhes proporcionassem acesso à rede pública. Eu o questionaria acerca do analfabetismo, da falta de escolas para os twas e da proibição de exercerem a caça e a pesca, seus meios tradicionais de subsistência. O Dr. Mike não permitiu que eu me avizinhasse do presidente e explicitasse um assunto inoportuno para a ocasião. Argumentou-me, questionando a pertinácia das minhas observações:

— Não se pode falar essas coisas diretamente para o presidente, Dra. Isabelle!

— Por que não? Posso saber?

— A senhora deve esgotar os meios intermédios legais, antes de ter acesso ao presidente. Não pode ser assim, ainda mais em público!

— Que meios são esses?

— O funcionalismo, a administração pública, doutora!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ótima piada, Dr. Mike! Estes burocratas ladrões não conseguem comprar remédios para que seus parentes sejam assistidos por nós, quanto mais legislar em favor dos pigmeus!

— Ora essa, Dra. Isabelle! Não fale mal desta gente aqui! As pessoas podem notar. Nós fomos gentilmente convidados para este evento. Não é cortês da sua parte. Filie-se a uma ONG e deixe nosso presidente jantar sossegado! Ele tem uma peleja militar com que se preocupar!

— O senhor é um nazista safado e odioso, Dr. Mike! Como pode não se compadecer do

sofrimento dos twas deste país? Estenda a mão à caridade e apiede-se dos pobres ao menos uma vez!

— Não seja ingrata! Faço um trabalho valoroso para este povo. Ocorre que o Ruanda é um Estado intolerante dividido em castas como a Índia. Nós temos de realizar os nossos esforços, sem acercarmo-nos de escolhas ou interesses étnicos. Se eu não agir assim, perderei a credibilidade com a autoridade constituída. Que poderia eu fazer pelos pobres daqui, se fosse contra o poder vigente? Se é para consertar este lugar na marra, em vez de mim deveriam ter trazido o Batman para cá!

— Sim! Entendo sua situação, Dr. Mike, e até a acho, às vezes, coerente, entretanto, não sou como o senhor. Odeio injustiças, quer sejam pessoais ou sociais. Não sei trabalhar pelas beiradas com tanta diplomacia à sua maneira. Se não quer que me dirija, agora, ao presidente, não o farei, pois prometi ser sua companhia nesta noite. Fique tranquilo, que eu não falarei mal do seu chefe — fiquei à parte do devorismo descarado no conciliábulo hutu.

— Obrigado, Dra. Isabelle.

O médico suava frio, temendo que eu fizesse algum escândalo ou aprontasse um barraco em tal ambiente glamoroso, fino e formal. Todos comemos bastante, pois havia no salão uma fartura que eu não encontrava nas ruas da cidade. Senti-me desconfortável ao constatar abundância e tanta comida desperdiçada, enquanto os meus pacientes mal tinham uma molécula de proteína para pôr na língua. Um grupo de música africana começou a animar o ambiente. A comezaina iniciou-se e todos entraram a beber despreocupadamente e a alegria tomou conta do lugar. O Dr. Mike e o general Gedeon Bagirubwira estavam em um séquito de bajuladores e oportunistas políticos em volta do presidente, provavelmente falando de política. O grupo soltava sonoras gargalhadas e consumia garrafas e mais garrafas de puro uísque escocês. Por umas palavrinhas com a elite ruandesa, o Dr. Mike me deixou à margem. Eu, tampouco, iria para dentro de uma roda de homens barulhentos e mal-educados. As senhoras da sociedade kigalense queriam distância de mim e de minhas bizarras involuntárias. Minha fama de brigona, encrenqueira e maconheira as afugentava. Calmamente, um homem branco que me olhava desde minha chegada à mesa, vendo-me sozinha, abeirou-se de mim. Ele falou-me num limpo francês caro e nostálgico:

— Bonsoir, Mademoiselle Isabelle, meu nome é Pierre Raynaud. Permite-me uma dança?

* * * * *

Isabelle olhou para o francês e viu seus brilhantes olhos azuis fitarem-na atentamente. A música romântica entrando em seus ouvidos cansados de escutar as grosserias dos bêbados do salão, o jeito terno do gaulês e o descaso do Dr. Mike, que a deixou sozinha, amoleceram-na a ponto de não poder recusar a corte do homem à sua frente. Iniciaram uma dança suave e aconchegante, deslizando pelo salão à moda francesa. Monsieur Raynaud desempenhou-se

como um valsista habilidoso. Parecia que tinham patins sob os pés e bailavam em uma apresentação do antigo grupo de espetáculo no gelo Holiday on Ice. O Dr. Mike os olhava de longe e ela percebia que o ciúme o consumia. O general Bagirubwira, sob o efeito de generosas doses de uísque, torturava o coitado.

— Ah! Ah! Ah! Parece que tua mulher resolveu ir para a França, Dr. Mike. Ah! Ah! Ah! Ah! Bem que me disseram que os ingleses são chifrudos! Ah! Ah! Ah! Ah!

O Dr. Mike absorvia, da melhor maneira que podia, toda a gozação. O general não o perdoava e não lhe dava descanso um minuto sequer. Apontava para a americana e para o francês na pista de dança e passava a mão nos cabelos grisalhos do médico. Isabelle, de longe, fingia não perceber o que se passava na mesa dos homens e acenava para o Dr. Mike e amigos de copo. Quando fazia isso, a algazarra aumentava. Outros oficiais, além do general, uniram-se para espezinhar o inglês. Ela achava um justo castigo, por ele tê-la largado sozinha para tratar da sua política com os hutus.

— Nossa! Ele está fungando o pescoço dela!

— Agora vai!

— Aquele francês é um depravado! Dizem que já pegou dez putinhas só nesta semana!

O general Gedeon Bagirubwira se deliciava com a situação constrangedora do seu amigo inglês. Rindo compridamente, tirou uma pistola do seu coldre e a ofereceu ao Dr. Mike em tom de chacota.

— Tome, inglês, pegue esta arma e acerte três tiros na cabeça do francês corneador ali com sua médica. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Todos no grupo:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

Irritado, o Dr. Mike saiu de perto dos hutus indiscretos e foi se sentar no lugar à mesa onde antes estivera ao meu lado. Havia passado quase uma hora desde que eu iniciara a dança e estava abraçada ao francês. Nós, além de dançarmos, conversamos neste meio-tempo. Falamos da França, dos Estados Unidos e das nossas recordações. Ele conhecia o meu país, pois estudara lá. Isto ajudou o nosso diálogo

— Estava curioso para conhecê-la pessoalmente, Isabelle.

Eu bloqueei a pressa do francês.

— Dra. Isabelle, por enquanto, senhor.

— Como queira, Dra. Isabelle.

— Por que monsieur estava curioso de me conhecer?

— A senhorita é muito conhecida em Kigali. Talvez em todo o Ruanda. Espanta-me que, apesar do pouco tempo de permanência neste país, tenha adquirido certa notoriedade.

— O que o senhor chama de fama tomo por fofocas ao meu respeito, próprias de bocas vadias deste lugar.

— Ah! Ah! Ah! Deveras, senhora, se quer enxergar as coisas por este ângulo.

— Não existe ângulo algum, senhor. Fofoqueiro é igual aqui ou em Nova Iorque!

— Deixemos isso para lá, pois vejo que é um assunto que não lhe agrada.

— Grata pela compreensão.

— Diga-me como foi que a senhora surrou em dois milicianos da Interahamwe?

— Não dei surra em ninguém, apenas me defendi. O povo aumenta a história! Quem lhe contou uma barbaridade dessas? Eles não eram da Interahamwe. Os hutus e ficaram espantados com o inusitado enfrentamento de uma mulher branca em plena praça pública!

— Ah! Ah! Ah! Não se afobe nem fique com raiva de mim. Não quero descobrir como a senhora bateu nos milicianos do jeito óbvio em cima de mim.

— Ah! Ah! Ah! Eu não ousaria. O senhor parece ser um bom homem.

— Nós demos uns tapas neles, Dra. Isabelle, pois passaram do limite. Onde já se viu bater em uma dama americana?

— Nós quem? Quem bateu naqueles vândalos, por minha causa?

— Nós do exército francês. Eu sou militar. Sou o coronel Pierre Raynaud.

— A França está metida na rusga deste país?

— Sim, Dra. Isabelle. Estamos envolvidos até o pescoço neste conflito entre tutsis e hutus.

— De qual lado?

— Oficialmente, do lado de ninguém, todavia, na prática, defendemos os interesses do regime hutu, nosso aliado em questões de geopolítica global.

— Somente por isso mesmo?

— Nem eu sei ao certo. Isto é um tema confidencial, mas acredito que os ingleses estão com os tutsis, o que é um bom motivo para os franceses estarem do lado hutu. Ah! Ah! Ah! Ah!

— Como os ingleses estão nesta história? Não os vejo por aqui.

— Estão em surdina em Uganda, de onde partem as investidas dos tutsis.

— Você tem certeza disso?

— Veja os tutsis da Frente Patriótica Ruandesa. Eles falam um inglês puro. Não querem ouvir falar do idioma francês. Ah! Ah! Ah! Ah! Nós ministramos treinamentos para o exército ruandês e também para a Interahamwe.

— Cruz-credo! É o senhor quem está a criar aqueles lucíferes?

— Não, Dra. Isabelle. Nós não influenciemos o pensamento deles. Nosso convênio é para treinar o militar. A aplicação prática das habilidades que desenvolvemos neles é uma tarefa da autonomia deste país.

— Isto não tira a culpa de vocês.

— Pense, doutora; se eu lhe vendo uma boa arma, não posso ser recriminado, se a senhora atirar no que não deve. Os países ricos têm programas de venda de armas ou auxílio militar para os pobres. Não somos uma exceção. Se não formos nós, virão outras nações realizar o serviço

— Com os milicianos da Interahamwe?

— Sim, Dra. Isabelle. A soldadesca hutu é uma polícia política. Há inúmeras no mundo inteiro. Ela é notada não por ela em si mesma, contudo por estarmos em uma ocasião conturbada, quando se requer atuação.

— Matando-se tutsis indiscriminadamente?

— Não achem a esmo, doutora! Os milicianos agridem aqueles contra os quais temos fortes evidências de colaboração com os agressores. Infelizmente, contamos um sem-número de tutsis neste país que sonha com a tomada do poder pela Frente Patriótica Ruandesa e faz algo de concreto nesse sentido.

— O senhor tem uma lábia boa! Se persistir nesse argumento, vai me convencer a entrar para a Interahamwe, pegar um facão grande e sair cortando a garganta de muita gente por aqui. A começar por aquele ali — apontei solene e lentamente para o presidente e general Juvénal Habyarimana.

— Ah! Ah! Ah! Ah! A senhora é espirituosa...

* * * * *

Após algum tempo, Isabelle retornou para o seu local à mesa. O Dr. Mike estava num

pileque só, se corroendo por dentro com ciúmes dela com o coronel. O francês o cumprimentou, visto que se conheciam. O médico pagava o preço por ser mulhengo. Como Pierre Raynaud costumava vê-lo de caso com as tutsis, não a respeitou como uma garota exclusiva, pois imaginou-a como mais um flerte do médico. O inglês percebeu isso e falou para o francês:

* * * * *

— Por que não desenterrou uma defunta de hutu para o acompanhar, miliciano francês? Não percebe que a Dra. Isabelle possui companhia nesta noite?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Eu, um miliciano? Não seja tão espirituoso, meu caro.

— Procure a cabana de algum tutsi para pôr fogo. A noite está terminando.

— Senhor, respeito seu estado, todavia posso tomar isso como um insulto.

— Se for um insulto? Qual o problema?

— Não queira sentir a ira dum oficial francês! Eu, no seu lugar, não gostaria...

— Vá à merda você e seus facões franceses!

A discórdia ficou tensa entre os dois. Eu estava pasma, por sentir que aqueles dois homens estavam prestes a se esbofetarem por minha causa. Tentei acalmar o ânimo do Dr. Mike, no entanto, percebi que a embriaguez encharcara seu raciocínio.

— Senhores, por que não agem como duas pessoas civilizadas? Esta discussão é ridícula!

O médico tornou a provocar o coronel Pierre Raynaud.

— Não se importe, Dra. Isabelle. Nós, ingleses, estamos habituados a dar surras nos medíocres franceses.

Eu repreendi o Dr. Mike.

— Dr. Mike, o senhor está sendo grosseiro e inconveniente!

O coronel Pierre Raynaud acrescentou:

— Não se importe com esse alcoólatra, doutora! Somente não lhe dou uns tapas aqui mesmo, por respeito à presença do presidente deste país e à sua ao nosso lado. Amanhã, quando estiver melhor, eu converso com ele de homem para homem.

Ao escutar a ameaça, o Dr. Mike partiu para cima do oficial francês e lhe desferiu um soco no rosto que o fez tombar para trás. Pierre Raynaud era jovem e mais bem condicionado fisicamente que o Dr. Mike. Recobrou o equilíbrio em questão de segundos e contra-atacou.

Devolveu com juro o golpe que sofrera, empreendendo uma força superior. Entraram a rolar pelo salão trocando socos e pontapés. Do outro lado, o general Gedeon Bagirubwira com seu grupo de hutus não paravam de rir. Estavam radiantes por terem conseguido incitar uma briga entre os dois gringos.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Eu estava desesperada pedindo a alguém que separasse aqueles dois homens inconsequentes. Não imaginara que a situação entre ambos chegasse àquele ponto. Ninguém estava disposto a parar a confusão. Até o presidente olhava atento o desenrolar da contenda. De repente, chegados não sei donde, Rose e Elizaphan se somaram a mim para acudir o Dr. Mike, que levava uma surra das boas. Nós três, juntos, conseguimos separar os brigões. Elizaphan se atracou com o coronel Pierre Raynaud e conseguiu contê-lo; eu e Rose seguramos o Dr. Mike, que começava a sentir as dores em consequência dos golpes que tomou. Os dois arruaceiros se sentaram à mesma mesa em que eu estava e empreenderam um diálogo civilizado. O francês iniciou-se em tomar generosas doses de uísque com o Dr. Mike e, por meio do álcool, anestesiando seus cérebros hormonados, selaram a paz entre ambos. Para minha revolta, entraram a rir da situação ridícula em que se envolveram por causa de uma mulher.

— Ah! Ah! Ah! Ah!

Meu maior desejo era abandonar aquele lugar de homens embriagados. Todavia, Rose me pediu, por tudo, que eu ficasse em sua companhia até o final da festa. Se há uma coisa que as americanas não deixam na mão é uma amiga, principalmente, quando o fato se relaciona à vida noturna.

— Por favor, Dra. Isabelle, não se vá. Não me deixe aqui em meio a tanta gente mal-encarada!

— O que raio veio fazer em um evento do partido político do governo hutu, Rose? Está querendo se matar?

— Não, Dra. Isabelle. Eu vim acompanhar Elizaphan. O maldito não me preveniu aonde iríamos. Apenas me falou que seria uma festa em Kigali.

— Ele é do partido extremista hutu? É o cúmulo da safadeza! Além de ser hutu, convive com estes assassinos de tutsi! Vou falar-lhe agora mesmo. Se maltrata tutsi, que não se enamore de uma delas.

— Calma, Dra. Isabelle! Já houve confusão de mais por hoje; deixe-o quieto! Elizaphan não é um *maria vai com as outras*. É um bom e pacífico hutu que não se envolve em política ou matanças.

— Afinal de contas, por que ele está aqui?

— Por ser um hutu de confiança na FBE, foi escolhido por nosso patrão para acompanhá-lo neste evento.

— Seu patrão não é tutsi?

— Em carne e osso!

— E aí?

— Não me pergunte; tampouco entendo algo dessa história. Não me sinto bem, aqui. Não me deixe sozinha, por favor!

— Não se exaspere, Rose, não vou abandoná-la. É realmente estranho que o Sr. Emmanuel Habimana, sendo um tutsi tão fervoroso, esteja neste lugar!

O Dr. Mike explicou-nos:

— O Sr. Habimana, a despeito de ser tutsi, é um homem rico, Dra. Isabelle.

— O que tem a ver a riqueza com sua simpatia pelos hutus?

— Ele não dispensa apreço a essa gente. Na verdade, deve odiá-la, assim como fazem todos os tutsis.

— Ele está aqui obrigado, Dr. Mike?

— Sim e não. Não é uma resposta fácil. Na verdade, digamos que está a fazer política, neste momento, ou talvez falemos que trate dos seus interesses econômicos no Ruanda.

Olhei em volta e vi o cafeicultor tutsi conversando reservadamente com o Presidente Juvénal Habyarimana do outro lado do salão em uma mesa simples. Tomavam a cerveja francesa Mutzig, mais cara e de melhor qualidade que a Primus, que abarrotava as outras mesas. Monsieur Raynaud continuou as explicações do Dr. Mike acerca das razões da presença do estancieiro tutsi no evento político hutu. O médico alcoolizado, após ver as saborosas mutzigs na mesa do presidente, foi à procura de uma para si.

— Se há Mutzig para eles, por que não para mim também? Os senhores querem Mutzig?

Eu lhe respondi que não queríamos, pois acreditava que o Dr. Mike iria encontrar confusão certa aonde quer que fosse buscar as mutzigs. Rose me falou:

— Não se preocupe, Dra. Isabelle. Deixe lá o doutor. Ele não está em perigo entre essa gente daqui. Todos gostam dele no Ruanda. Os hutus são seus companheiros de boêmia e estão habituados ao seu jeito!

— Está bem, Rose. Você está certa. Não sou babá de um homenzarrão desses!

O Dr. Mike saiu cambaleando pelo meio do salão. Três minutos depois, retornou equilibrando, entre seus dois braços, três garrafas de legítimas mutzigs. Eu fiquei com uma e, finalmente, consumi minha primeira dose de álcool na festa. O coronel francês continuou o assunto sobre o fazendeiro tutsi que não desgrudava do Presidente Juvénal Habyarimana.

— O estancieiro Emmanuel Habimana é o maior contribuinte do partido do presidente,

Dra. Isabelle!

— O senhor por contribuinte quer dizer extorquido. Eles o exploram?

— Se a senhora vê a política por este ângulo, não serei eu que a contestarei. Por meu lado, prefiro pensar que o Sr. Emmanuel adquira algumas garantias pessoais e recebe alguns privilégios em troca das suas contribuições financeiras ao partido da governança hutu.

— Você quer dizer que ele dá dinheiro aos hutus que matam sua gente? Eles não têm medo que o Sr. Habimana tome uma atitude de revanche e cause-lhes algum dano em represália? Afinal é rico, poderoso e, por certo, deve ter carta na manga para seus momentos de aperto!

— São tempos difíceis, Dra. Isabelle. Em um regime político conflituoso, esforços são necessários e produzem situações esdrúxulas como esta de vermos o dinheiro tutsi comprando para os hutus facões que servem para cortar seus próprios pescoços. Não sei aonde isso vai parar!

Curiosa com a explicação do coronel Pierre Raynaud, Rose quis saber como o tutsi conseguia preservar sua integridade física e riqueza, lidando tão avizinhado aos potentados hutus.

— Por que, simplesmente, não tomam tudo o que ele possui?

— Por que ninguém sabe o quanto tem. O Sr. Emmanuel Habimana é um empreendedor astuto. A maior parte da sua fortuna está no exterior.

Rose pensou em si, nos irmãos e nos seus pais, que moravam na Fazenda Boa Esperança.

— Como não podem pôr a mão na maior parte do dinheiro dele, não há perigo de lhe tomarem a propriedade rural?

— Estes hutus são políticos e não empresários, senhorita. Se tomarem as empresas dos tutsis, terão de trabalhar e deixarão de ser parasitas da burocracia deste país. Querem a Fazenda BE funcionando muitíssimo bem e dando lucro, pois só assim têm direito ao seu pedaço da riqueza do fazendeiro.

O Dr. Mike emendou o francês:

— Não tema, pois você não será despejada, Rose. O poder executivo não cometerá a loucura de estatizar empresas ou expropriar bens dos cidadãos. Se fizer isso, dará um tiro na própria perna pois serão imediatamente cortados, pela comunidade internacional, financiamentos em curso no Ruanda e bloqueadas as concessões doutros. A corrupção e a farra do desvio de verbas públicas sofrerão um revés neste país.

Em um canto da sala, o Sr. Habimana assinou um cheque e o entregou ao general Gedeon que, por sua vez, se dirigiu ao encontro do Presidente Juvénal Habyarimana e aos uísques escoceses.

O produtor rural, bastante contrariado, veio ao encontro de Rose e Elizaphan, que

estavam ao nosso lado.

— Boa noite, senhores, desculpem-me não lhes ter dado atenção, pois eu tratava de negócios.

— Nós compreendemos, senhor. Fez bons negócios hoje? — perguntei-lhe.

* * * * *

Isabelle falou com a intenção de fazê-lo ver que sabia que financiava os assassinos da sua própria gente, mas o Sr. Emmanuel não compreendia a situação da mesma forma que ela. Acreditava que todo o acontecido ali não passava de questões comerciais. Era sua propriedade que estava em jogo no salão. Para ele, a FBE, herdada dos seus pais, era mais importante que todos os tutsis do Ruanda juntos. Gerir seu negócio era sua religião para a qual dispensava uma devoção xiita. Ele não a respondeu e limitou-se a convocar seus dois acompanhantes para saírem do local imediatamente. Percebia-se claramente que não estava se sentindo à vontade no ambiente agitado, tampouco considerava aquela uma festa sua. Foram-se os três, bem-idos, de volta para a cidade de Gitarama.

* * * * *

Eu, o Dr. Mike e Pierre Raynaud fomos atrás deles, seguindo no veículo da Cruz Vermelha. Bem à nossa frente, seguia a viatura da Fazenda Boa Esperança com os nossos amigos de Gitarama dentro. Aquela foi a primeira oportunidade que tive de avistar uma barreira formada pelos hutus radicais. Estávamos em um bairro onde muitos tutsis habitavam. Os milicianos da Interahamwe abarreiravam todos que se aproximavam deles e checavam seus cartões raciais. Na ocasião, no limiar do ano, eles ainda não acoassavam e matavam a bel-prazer os tutsis que tentassem passar pela cancela, porém constrangimentos e algumas mortes sempre ocorriam. Aquelas operações faziam parte do treinamento da tropa miliciana para atuação posterior quando o cruelíssimo genocídio viesse para valer. O veículo do Sr. Emmanuel Habimana foi parado. Nós ficamos um pouco atrás. Deram ordens para que aguardássemos a vez de averiguação. Ficamos quietos, observando o desenrolar da cena adiante. Percebi que os hutus eram rapazes muito novos. Alguns recentemente saídos da adolescência. Bebiam cerveja quente de sorgo e fumavam muita marijuana. Um rapaz afoito, ao olhar dentro do carro e perceber a beleza de Rose, abriu a porta do veículo, puxou-a para fora com violência, agarrou-a pela cintura e tentou beijá-la, enquanto a comprimia contra o veículo. Outros caras se achegaram para tentar desfrutar a bela tutsi. Elizaphan abalou do veículo e atingiu o primeiro interahamwe que encontrou à frente. Outro, por trás dele, desferiu-lhe um golpe de facão que passou raspando suas costas, marcando-a com um leve arranhão. O Sr. Habimana, o coronel francês, eu e o Dr. Mike, instintivamente, saímos dos veículos para

acudir Rose e Elizaphan, quando um sonoro estampido de arma pesada abafou todas as vozes de desespero. Um disparo de rifle AK-47 (Automatov Kalashnikov) russo espatifou os vidros do veículo da Fazenda Boa Esperança e arrefeceu o ímpeto dos milicianos, que compreenderam de imediato donde partira aquele tiro e o que significava para eles. Puseram-se todos firmes, todavia inertes. O hutu Canisous Rubuga, líder da Interahamwe, gritou para seus comandados:

— **O que está havendo aí?**

Todos ficaram paralisados à mercê da arma do potente hutu. Ele nos olhou e depois o Sr. Emmanuel Habimana, por fim, seus homens, com os quais falou com rispidez. Apontou o cafeicultor e disse para seus capangas:

— Esse tutsi aí possui passe livre. Ele tem coração hutu. Ah! Ah! Ah! Ah!

Ao ouvir Canisous Rubuga dizer aos interahamwes que o Sr. Habimana, um tutsi, tinha passagem garantida pela cancela, compreendi, de forma cristalina, os contatos do estancieiro com os militares e políticos hutus momentos antes. O fazendeiro ligou o carro e partiu de imediato. Ao sair, Rose olhou-me profundamente. Vi na sua expressão, ainda fresco, o terror que ela sentira havia instantes. Fiquei assustada, ao perceber a aflição da minha melhor amiga. Fiz por sobre o corpo o sinal da cruz, benzendo-me e rogando a Deus que não permitisse a bela jovem se ver, algum dia, nas mãos de monstros daquela espécie. O coronel Pierre Raynaud se abeirou dos hutus e começou a conversar detidamente com eles. Observou a área em volta e deu várias orientações aos milicianos de como proceder em ocasiões como aquela, quando ficavam diante de gente prestigiada e distinta, ainda que tutsi. Reprochou o líder interahamwe:

— O que se passa aqui, Canisous Rubuga? Isto mais parece uma festa que uma operação de segurança. E toda essa bebida! Não lhe disse que não misturasse diversão com trabalho!

Era só o que me faltava naquela noite: ouvir uma lição do modo de operação da Interahamwe. Eu não gostava nada daquela gente violenta. Falei para o médico:

— Vamos cair fora daqui, Dr. Mike! O senhor quer aprender a ser interahamwe? Quer saber como se esquarteja tutsi? O francês está ensinando isso tudo aqui e agora.

— Estou vendo. É uma pena que uma nação tão distinta como a França chamele tais atividades.

— Não acredito que os franceses em geral saibam o que seus soldados fazem neste lugar. Alguém tem de denunciar isso!

— Conte para seu pai, Dra. Isabelle. É um político influente e, por certo, o próximo presidente americano. Ele haverá de dar um basta nesses treinamentos de formação desta milícia hutu com beneplácito francês.

— É o que farei amanhã. Esta será minha primeira tarefa logo ao acordar. O meu pai é cabeça-dura, mas benigno. Talvez tenha de falar por muito tempo com ele ou com minha mãe

se ele não me atender. Posso chegar atrasada ao centro hospitalar amanhã, Dr. Mike?

— Não me importa quanto tempo a senhora necessite ficar grudada ao telefone, Dra. Isabelle. Se alguém morrer no hospital por falta dos seus cuidados, não se preocupe, pois milhares de outras vidas a senhora poderá salvar, por meio do senador.

Realmente, durante uma semana inteira, grudei-me ao telefone público a ligar para o meu pai e minha mãe, explicando-lhes que o exército francês formava um comando paramilitar hutu assassino de civis. Ele argumentou:

— Isabelle, minha filha, você não nos disse que iria ao Ruanda para clinicar e desenvolver seus conhecimentos medicinais?

— Estou fazendo isso, pai!

— Então, por que você está se envolvendo na política interna desse país?

— Apenas procuro evitar mais mortes!

— Essas mortes sequer aconteceram. Como pode ter certeza de que ocorrerão?

— Já há gente morrendo. Todos tutsis!

— Não, Isabelle. Eu fiz como lhe prometi e estou aqui em mãos com um relatório da nossa embaixada aí no Ruanda. Temos mais hutus que tutsis assassinados!

— Quê? Só vejo tutsi ser enterrado!

— É por você ainda não ter ido ao norte desse país, filhinha! Ali os tutsis da Frente Patriótica Ruandesa dão uma cossa feia nos hutus. Você não acha normal que, em uma época de pelejas militares, eles eliminem os espiões em Kigali? Não posso pedir ao Presidente Juvénal Habyarimana que se omita diante de um exército rebelde que invadiu seu país. Eu estaria pedindo-lhe que cometesse um crime de estado. Por mais que eu a ame, não faria isso. Atenha-se ao bonito trabalho médico e deixe que os ruandeses se entendam entre si. Essa gente briga há séculos. A História está cobrando uma posição definitiva dos hutus e dos tutsis neste ano de 1994. Vamos ver no que vai dar isso tudo no final. Eu igualmente ouvi falar desse boato de genocídio contra os tutsis. Nós estamos atentos a isso. São rumores que partem da ala minoritária radical do poder hutu. Esses xiitas estão sob controle. Vou fazer algo por você. Vou me empenhar para que, neste semestre, o Presidente Juvénal Habyarimana e o comandante Paul Kagame se sentem à mesa para chegarem a um acordo. Está bem assim para você?

— Está ótimo, pai. O senhor não imagina o quanto fico agradecida!

— Quer que mande de volta para a França o coronel Pierre Raynaud, Isabelle?

— O senhor levará com ele todos os soldados?

— Não me exija isso, filha. É claro que não posso pedir para tirarem as tropas francesas daí. Se elas saírem, os belgas, os alemães ou os ingleses as substituirão. A França possui interesses geopolíticos legítimos na África Central. Não se meta em política. Eu e sua mãe

estamos orgulhosos do seu trabalho como médica. O embaixador nos disse que você é querida no Ruanda. Igualmente nos falou de uma boataria a seu respeito, contudo conhecemos nossa menina mais que ninguém neste mundo. Você saiu com o formato do pai. Ah! Ah! Ah! Ah!

— Está bem! Eu o compreendo; mas não tire monsieur Raynaud do Ruanda. Melhor com um conhecido que com um estranho trazido pelos franceses.

— Está certo, Isabelle, que seja da forma que você deseja! Só mais uma coisa, filha: não me jogue contra sua mãe. Ela não está bem de saúde. Não a preocupe com esses assuntos de conflitos étnicos e mortes. Ela começa a se preocupar com sua segurança no Ruanda. Se você deseja completar seu estágio na Cruz Vermelha, deixe-a fora da política. Converse diretamente comigo. Fale com ela tão somente sobre os pigmeus, seus amigos. Ela adora ter notícia deles. Como é o nome do seu noivo, mesmo? Ah! Tharcisse Mugabe. Nome esquisito, esse. Ah! Ah! Ah!

— Credo, Pai! Ele é só meu amigo! Beijos na mãe. Até logo.

* * * * *

Enquanto estavam na barreira dos hutus, o Dr. Mike e o coronel Pierre Raynaud conversavam.

— Leve a Dra. Isabelle deste lugar, Dr. Mike. Eu fico com estes hutus.

— Compreendo. Na realidade, eles são suas criações.

— Não exagere! Eu tenho de corrigir alguns rumos por aqui.

— Pode iniciar o trabalho. Eu e a Dra. Isabelle estamos curiosos para saber que você ensina a esses homens.

— Dr. Mike, tire-a daqui. Estamos dentro de um massacre. Há tutsis assassinados por estes homens em nossa volta, não percebeu?

O médico olhou em torno de si, todavia divisou apenas o escuro da noite profunda. Ouviu os sons agudos dos animais em predação e os chiados de suas presas abatidas sob o breu. Ele imaginou que a Dra. Isabelle poderia fazer um escândalo que seria capa do New York Times, se percebesse os corpos ensanguentados dos pobres homens, mulheres e crianças tutsis nas imediações.

* * * * *

Perguntei-lhe de dentro do veículo, pressentindo que algo não estava certo:

— Qual é o problema?

— Não há nada errado, Dra. Isabelle! Consegui nossa liberação. Nós vamos partir!

— Como não haveríamos de ser liberados? Essa gente é clandestina! Não têm autoridade sobre nós da Cruz Vermelha. Temos salvo-conduto no Ruanda. Nós trabalhamos ao lado dos chefes desses homens! Quer que eu vá resolver essa questão pelo senhor? Está tudo muito lento aí!

— Não precisamos da sua ajuda, tampouco da sua valentia. Guarde-as para os americanos, seus amigos, quando a senhora retornar!

Ao ouvirem minha voz vinda da Land Rover e o meu claro sotaque Yankee, os rapazes da Interahamwe se inquietaram. Dois deles, de facão em punho, andaram em minha direção, como se fossem cães farejando uma cadela no cio. Amedrontei-me, ao ver aqueles homens horríveis com andrajos coloridos e extravagantes se achegando. Senti na alma o temor que acometera Rose havia instantes. Quando estavam perto da picafe, o coronel Pierre Raynaud ordenou que retornassem.

— Vocês dois, retornem para cá!

Eles atenderam o francês sem esboçar reação ou contrariedade. O coronel Pierre Raynaud ficou com os hutus na contenção e nós, eu e o Dr. Mike, iniciamos a desejada ultrapassagem da cancela improvisada no caminho de barro. Pressenti um movimento brusco na brenha escura à borda da rua em meio à ramaria. Vi um ser pequeno saindo da escuridão. Era o twa Mukono. De imediato, imaginei que estava ferido, contudo de relance, percebi que ele dispunha de um facão quase do seu tamanho e que provavelmente caçava na mata na hora e local inadequados. Os olhos do twa brilharam feito fogo quando me olhou: faiscaram ao meu encontro! Percebi que aquele olhar não parecia de uma criatura humana. Olhos triangulares, brilhosos e espichados como os de um gato na escuridão. O twa me mirou desafiadoramente ao passar por ele e grunhiu ou riu cinicamente para mim, despejando escárnio através de um olhar felino. Eu gritei e pedi ao Dr. Mike que parasse o veículo.

— Pare este carro!

Ele não me atendeu. Estava louco para sair do lugar. Eu insisti:

— Por favor, dê ré neste veículo!

— Nem pensar! Não é uma boa ideia voltar lá!

— Há um twa entre aqueles hutus, dentro do matagal, fora desta estrada. Ele será logo descoberto!

— A senhora tem certeza disso?

— Claro que sim, acabei de vê-lo. É Mukono. Bem que dizem que ele é sobrenatural!

— Como a senhora pode ter tanta certeza? Está tudo tão escuro.

— Eu o vi. Só pode ser Mukono, pois seus olhos eram vermelhos!

— Gente de olhos vermelhos, doutora? A senhora deve ter visto algum animal conferindo a agitação incomum nesta noite surda. Por aqui deve ser seu território de caça. Provavelmente, é um espécime macho dominante em ação!

— Era ele, Dr. Mike; eu percebi! Não parecia com gente, contudo era Mukono. Dá-me calafrios só de pensar!

Ele foi irônico comigo.

— Se Mukono, neste momento, está com o tihoso no corpo, não acha que já tem ajuda suficiente contra aqueles hutus?

— Não brinque com essas coisas, Dr. Mike! Não se deve zombar das forças da natureza para as quais nós não temos explicações lógicas!

Meu namorado deu ré no veículo e parou a uns vinte metros da barreira dos interahamwes. Deixou-me dentro do carro e voltou para junto deles.

— Não saia de dentro desta picape por nada, Dra. Isabelle. Se alguém ou alguma alma penada que erre pela terra abeirar a senhora, grite que eu venho acudi-la. Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

Ao se chegar ao grupo, o Dr. Mike viu Mukono sentado em um canto da borda da rua, encostado a um eucalipto. O sentimento interahamwe enchia o pigmeu e transbordava pelo seu olhar. O médico se dirigiu a Canisous Rubuga.

— O que um twa faz aqui, Canisous Rubuga?

— Isso é da sua conta?

— Digamos que sim! Por que o abarreirou? Você vai matar o coitado? Que mal ele lhe fez? Há uma frente patriótica dos twas atacando os hutus também?

Canisous Rubuga riu.

— Ah! Ah! Ah! Ah! FPT. Esta é ótima, Dr. Mike. Já nos bastam os Inkotanyis. Não tenho interesse em matar esse merdinha twa!

— Pois então o solte!

— Ele não está preso! Trabalha por conta própria. Ajuda-nos a esfaquear os tutsis que passam por aqui. Esse pestinha é bom com um facão na mão, pois faz um trabalho ótimo.

Quase que as baratas não sangram, ao morrerem por meio dos golpes dele. Esse twa já deve ter matado muita gente no Ruanda. É dos bons, Dr. Mike. Fique conosco e poderá constatar daqui a pouco!

— Minha nossa! Não seja maluco, Canisous Rubuga! Agora está a recrutar twas para a Interahamwe? Vocês hutus estão ensandecidos! Alguém tem de pôr um fim nisto ou vocês tornarão este país um mar de sangue tutsi.

— Pode crer que faremos isso!

— Não seja maluco, homem! Você está ouvindo muita programação antitútsi da rádio Ruanda ou da Mil Colinas. Estão pregando violência contra gente indefesa. Eles não são os malfeitores que dizem a você que são.

— Pegue o twa da Dra. Isabelle e o leve com você! O que a doidona faz com esses pigmeus, Dr. Mike? Ela os cria como cachorrinhos, para que a lambam? Ah! Ah! Ah! Ah!

— O que fez para convencê-lo a ajudar você neste trabalho sujo?

— Nada...

— Nada? Como nada? Não seja mentiroso, Canisous Rubuga!

Monsieur Raynaud, que escutava a conversa, falou para o médico:

— Canisous Rubuga prometeu a Mukono livre acesso às reservas florestais!

O Dr. Mike percebeu o engodo.

— Ele liberou a caça? Este twa é um caçador e coletor das reservas naturais da África Central.

— Bingo! Assim temos outro miliciano à disposição desse hutu.

— Canisous Rubuga não tem autoridade para dar livre-conduto aos parques florestais a Mukono! — o médico falou.

— Eu sei disto, o senhor e Canisous Rubuga igualmente sabem, mas não o pobre twa. Ele já matou no mínimo umas cinco pessoas hoje à noite. Em vão, pois é logrado. Leve-o com o senhor, Dr. Mike, eu me entendo com este desordeiro sem escrúpulos!

O inglês pegou Mukono pelo braço e o levou para a Land Rover. Ao chegar, colocou-o na traseira do veículo, para que a médica não o visse salpicado de sangue alheio. Ligou o carro e seguiu adiante a toda velocidade.

* * * * *

Ao chegarmos em frente à minha casa e pararmos o veículo, desci e fui olhar Mukono, no entanto, não o encontrei. Chamei o médico.

— Dr. Mike, Mukono não está mais aqui! Será que caiu?

— Claro que não, Dra. Isabelle, ele é ágil. Deve ter pulado!

— Acha que ele saltou da carroceria para o chão, estando o veículo naquela velocidade?

O inglês estava cansado e queria pôr termo à noite agitada.

— Não sei se pulou! A senhora não me contou que ele vira bicho? Talvez agora ele seja um pássaro e tenha voado de volta para perto dos seus amigos hutus — sua voz era dura.

— Ele voltaria para aquela barreira depois que o salvamos dela? Não faz sentido!

— Não sei aonde Mukono foi. Deve estar em algum lugar nas campinas, seu verdadeiro lar.

— Sei...

— Não me peça para retornar àquela cancela novamente. Juro-lhe que a deixo ir sozinha desta vez! Amizades têm limites e regras de conduta.

— Não faria isso, Dr. Mike. Salvamos Mukono uma vez nesta noite e é o bastante. Se for burro ou teimoso o suficiente para forçar passagem por aquele obstáculo, é problema dele. Como o senhor falou, o twa está a descansar nalgum toco de árvore em alguma destas ditas mil colinas deste país, aguardando os interahamwes se mandarem!

* * * * *

Isabelle nunca soube se Mukono retornou à barreira para assassinar mais tutsis ou aproveitou a oportunidade que lhe deram para se distanciar do diabólico Canisous Rubuga. O certo é que, durante o genocídio ruandês, twas foram coagidos pelos hutus a participar de matanças de tutsis. Ou acudiam ao chamamento, ou morriam. Muitos deles, além disso, foram mortos pelos hutus sob suspeita de favorecerem apavorados tutsis em fuga. Um bom número de twas favoreceu a Frente Patriótica Ruandesa. Na realidade, viram-se envolvidos na luta entre tutsis e hutus sem saber os motivos da sua existência. Protagonizaram o elo fraco da corrente odiosa do genocídio. Em termos proporcionais, os pigmeus foram os que mais baixas sofreram. Trinta por cento deles foram dizimados no genocídio, percentual superior aos dez por cento dos tutsis chacinados durante a matança de 1994, no Ruanda.

* * * * *

A imagem do twa com a expressão do rosto transformada, fixando-me pelo olhar felino, encantando-me diretamente, não saiu da minha cabeça por muitos dias. A partir daquele momento, passei a acreditar nos boatos de que o pigmeu era sobrenatural. Eu sou uma médica e não tinha justificativas científicas para esta crença, porém a aparição fantasmagórica de Mukono, no escuro, perto da janela da Land Rover me fez rever alguns dos meus conceitos. A África é um continente imenso cheio de magia. Nada impedia que um pouco dela tivesse tomado a matéria do twa. Passei a rezar com regularidade na capela do Padre Junpe, temerosa de que algum mal me acontecesse. Mantive uma vela acesa ao lado de minha cama, aos pés da imagem da Virgem Maria. Os fosforescentes olhos felinos de Mukono tentaram pular em mim na noite em que ultrapassamos a contenção hutu. Seus olhos pareceram não lhe pertencer e querer me dizer algo de forma urgente. Seria sobre um genocídio que estaria chegando? Poderia algum espírito transportado por Mukono ter-me envolvido em algum enredo espectral? Estaria ele me dizendo que o twa Mukono estaria no fim? Decerto, boas novas aqueles olhos em brasa não me trariam.

Entramos, finalmente, em minha residência. Naquela noite, o Dr. Mike dormiu comigo. Compensando tanta contrariedade, nós nos embalamos em um final de noite amoroso e vibrante. Ele, como uma serpente dedicada, apertava e me sufocava, tentando se vingar de mim por causa do ciúme que eu lhe causara ao bailar à francesa. O meu lorde inglês, quando tomava umas Primus, atendia a meus desejos à cama. Meu amado me deu prazer espontaneamente e se tornou meu servo. Saboreei os seus pecados, pois, no êxtase, eu queria me refugiar das maldades que compunham minha mente naqueles dias de terror. Entregue ao sexo libertino, abstrai-me do horror ruandês. Imaginei por quantas camas já não tinham ecoado falsas aquelas frases caprichosamente sussurradas ao meu ouvido, virguladas num morno e erótico palavreado inebriante, provocando minha plenitude. Eu escapara do feitiço twa, mas caíra na lábia inglesa. Por uns momentos, esqueci-me de que estava em um país sofrido e turbado. Dei vazão à minha juventude, sede de viver e sensualidade pagã, em troca da inutilidade dos meus esforços para salvar da morte uma gente triste e amargurada. Enquanto sentia o corpo quente do Dr. Mike por sobre o meu, acercava-me da constatação de que não era meu o fardo do mundo. Não criara o bem ou o mal e tampouco me cabia compreender toda aquela insensatez em baile de vampiros. Antes de ser uma boa médica, na realidade, eu era uma menina que pensava em se realizar como mulher. Não senti vergonha da minha materialidade e do asco que tive por muito do que presenciara, naquela noite. No mundo, existem vários políticos poderosos que venceram um jogo eleitoral referendado pelos homens e que nada faziam para estancar o sangue que meus medicamentos não conseguiam fazer parar de jorrar do âmago daquele povo. Eu não me sentia responsável por tantas mortes. Queria ter perfume, hidratante e água morna antes de dormir. Minha grandeza como mulher estava no fato de ser uma pessoa comum usufruidora dos privilégios da simplicidade e do sossego anônimo, sem necessidade de grandes feitos. Não sabia se existiam outras pessoas que pensassem assim, porém eu estava em fuga, por todo o tempo, em disparada ao encontro delas. O Dr. Mike nunca entenderia isso. Ele me instigava, em meu sonho materialista repleto de gozo. Enquanto me beijava, instantaneamente, transformava-me com seu erotismo deleitante. Ele nunca perceberia que eu, ademais, sentia a pressão para ser uma boa alienada daquela

matança que a ninguém servia; que minha militância feroz era um remendo malfeito; que o ideal seria não ocorrer o movimento contrário e que tudo rumasse para um lado só. Que, às vezes, fraca, eu não mais desejava remediar. Almejava ter casa, marido, filhos, paz, amor e um cachorro barulhento lambendo meu pé pela manhã. Queria envelhecer contígua a um companheiro discreto e atencioso, que não fosse percebido, por outras, ao andar por aí. Ser a estrela do meu espaço; a delegada do meu quarto. Para que tantos heróis no mundo? Estava farta deles todos. Se não fossem o mal e as privações, sequer existiriam. Eu ansiava caminhar pelas ruas de Nova Iorque no verão, como uma feliz moça anônima de batom na boca e de saia curta, certa do quanto é bom não ter o que fazer em passeio pelo centro de Manhattan.

Adormeci com meu egoísmo e momentânea alienação materialista e egocêntrica. No amanhecer seguinte, ao acordar, percebi que o Dr. Mike não estava mais ao meu lado na cama pecadora e blasfema ao lado da Virgem Maria em cujos pés havia uma vela gasta e arrependida. Dele ficara tão somente o cheiro de suor, em meio aos odores de Primus, Mutzig e uísque que aderiam à minha consciência. Lembrei-me que prometera a ele ligar para o meu pai e pedir-lhe que extinguisse a Interahamwe. Tomei banho, arrumei-me e saí para encontrar um telefone público que funcionasse ao menos uma vez, sonhando salvar o Ruanda do genocídio que se avizinhava a galope, com um simples telefonema. Esta era eu, a Isabelle, na ocasião, ainda sem saber que o pior era provável e avizinhava-se de mim. O facão de Canisous Rubuga e o espírito de Mukono eram apenas um cartão de apresentação do demônio que visitaria o Ruanda, desembarcado de um avião em chamas na noite de 6 de abril de 1994, próximo ao aeroporto Kanombe de Kigali.

As Flores do Ruanda

Capítulo V

A visão

Uma vez, eu padecia em um dia daqueles. Estava tendo muito trabalho no Centro Hospitalar de Kigali. Resolvi fazer um pequeno intervalo de tempo livre. Fui até Tharcisse Mugabe para descansar por uns instantes e conversar com o meu doce amigo twa. Fazia uma tarde mansa de clima em extremo agradável. A brisa esvoaçava meus cabelos. Chegando ao pontinho do twa, um cheiro gostoso de flores tomou conta de mim.

— Tharcisse, vá comprar um sanduíche e um refrigerante para mim. Aproveite e compre um para você também.

— É para já, Dra. Isabelle! Cuide bem das minhas flores!

Como sempre fazia, quando me realizava um obséquo, o prestimoso twa embalou apressado em busca do meu petisco. Tive a oportunidade de observar as flores no entorno, detalhadamente. Peguei-as nas mãos e senti suas texturas. Encostei-as na narina e inalei seus perfumes, tendo em mente os ensinamentos do Padre Jumpe. Percebi que o twa aprendera bem as lições.

Quando retornou, perguntei-lhe se fora fácil para ele aprender a ler.

— Foi difícil concluir meus estudos, Dra. Isabelle!

— Por quê, Tharcisse Mugabe?

— Os outros garotos do liceu não me queriam com eles!

— Você quer me dizer que sofria discriminações?

— Eu era maltratado. Não podia me sentar perto dos outros alunos. A professora me batia quase todos os dias. Dizia-me:

O que um twa tem a fazer em uma escola? Para que eu queria aprender as letras?

— Uma vez, ela me mandou embora e disse:

Você deve proceder como os outros twas e começar a pedir esmola na praça, para ajudar sua família a encontrar sustento!

— Levou-me à feira, sentou-me em um canto do chão e me fez pedir esmola aos tutsis e hutus que passavam por mim. Durante dois meses, ela me tirava da escola e me deixava no mercado fronteiro. No final da aula, eu voltava, entrava no colégio e entregava o dinheiro para a professora. Dava-me um pouco e ficava com a maior parte do que eu recebia e me dizia:

Está vendo, Tharcisse Mugabe, como você está progredindo? Um twa como você não necessita da leitura para sobreviver! Os tutsis e os hutus nunca lhe darão emprego que requeira algum conhecimento técnico, pois há poucos no Ruanda. Não existem vagas suficientes sequer para os hutus e os tutsis quanto mais para um twa!

— Que horror, Tharcisse Mugabe! Se visse essa sua professora, eu a esganaria!

— Nunca mais a vi, Dra. Isabelle, ela ficou em Byumba.

— Como você parou a mendigação?

— Meu pai desconfiou, quando percebeu que eu chegava com moedas em casa.

— O que ele fez, ao descobrir?

— Deu-me uma sova daquelas!

— Isto não resolveu seu problema, Tharcisse.

— Eu sei, mas ele, além disto, contou o caso ao patrão, um hutu muito bom. O empregador do meu pai se queixou ao Chefe da Colina e este demitiu a professora.

— Devia ser importante o patrão do seu pai.

— É poderoso até hoje. É ele quem comanda a colina de Byumba. É quase tão rico quanto o Sr. Emmanuel Habimana de Gitarama. Ele manda inclusive no Chefe da Colina.

— O que é chefe da colina?

— Ah! Desculpe, Dra. Isabelle. Chefe da colina é como os twas se referem aos chefes de prefeituras. O Chefe da Colina de Byumba é o Chefe da Prefeitura de Byumba. Os twas nunca compreendem a divisão do Ruanda por distritos, prefeituras, vilas e cidades feitas pelos hutus e tutsis. Para nós, não há Ruanda, e sim várias colinas, umas ao lado das outras.

— Ah! Ah! Ah! Faz sentido, Tharcisse Mugabe. Eu, igualmente, só vejo morros neste país.

— Nós somente percebemos o Ruanda ao saímos do país e sermos identificados como nascidos aqui.

* * * * *

Uma vez, um pigmeu que, de longas datas, mendigava e perambulava pelo centro de Kigali, vivendo da assistência alheia, envolveu-se em uma disputa corporal desigual com um tutsi. Chegou por si só cambaleante ao CHK. Na oportunidade, como acontecia sempre que um paciente twa dava entrada, os médicos, todos tutsis, desassistiram-no e viraram as costas. Encaminharam-no para mim.

Mandem esse twa para a médica americana!

Muitos colegas mantinham uma postura crítica de reprovação em relação a mim, em decorrência da minha opção pelos twas. Simplesmente, tinham asco, ao verem um pigmeu ocupar um leito limpo de hospital. Criaram o procedimento de os twas serem atendidos no chão, quando não por mim ou pelo Dr. Mike. A acentuada perda de sangue do pigmeu demonstrou-me que faltou socorro imediato para a pobre, decrépita e desditosa criatura. O twa, quase sem forças, sondou-me:

— Doutora, vou morrer?

— Sinceramente, não sei! Enquanto você lutar, haverá esperança. Deus está acima de nós. Não fale e não se esforce. Mantenha-se calmo.

Não adiantou ter pedido ao twa que relaxasse, pois estava inquieto. Ele precisava de sangue e oxigênio de imediato. Nada que eu fizesse faria o diretor do hospital liberar complacientemente recursos para um pigmeu, pois não tínhamos o suficiente sequer para os tutsis e hutus internados. Precisava da interferência do Dr. Mike para aliviar o sofrimento do pequeno ser.

— Rose, vá urgentemente encontrar o Dr. Mike e conte-lhe o que vê aqui!

— Seja mais específica, Dra. Isabelle. Fale-me o que devo dizer ao médico!

— Apresse-se, Rose, temos pouco tempo para atendermos este senhor. Apenas descreva o estado do paciente e responda às perguntas que o Dr. Mike lhe fará. São muitas coisas que estão em falta por aqui.

Eu sabia que o inglês era um médico experiente e que, quando Rose contasse-lhe minha aflição, ele saberia exatamente o que me faltava. Ela saiu apressada ao encontro dele, sem noção do que lhe iria pedir. Era uma boa enfermeira e gostava de entender tudo o que envolvia sua profissão. Raivosa, falou-me ao sair:

— Ora bolas! Ainda hei de trocar de plantão para atender outro médico, Dra. Isabelle! A senhora está sem métodos!

— Não seja insolente, tutsi assanhada. Ande logo! Vá! Quem sabe você não quer ser a enfermeira do Dr. Paul Nicayenzi?

— Pare! Dra. Isabelle! Não me ofenda. A senhora sabe que eu sou comprometida e gosto de Elizaphan.

Rose, que não se fez de entendida, trouxe o Dr. Mike puxado pelo braço. Ao chegar, ele olhou para o pequeno no leito ao meu lado e diagnosticou a morte com seu olhar tão expressivo em direção a mim. Mesmo sabendo ser uma tarefa vã e um desperdício tremendo, ele, por força de formação, caminhou em direção ao almoxarifado e banco de sangue do hospital. Foi obter o oxigênio e o sangue escassos, pois, acima de tudo, sabia que eu o amaldiçoaria se não o fizesse.

— A senhora faz muitas oferendas para seu Deus? — perguntou-me o twa.

— Não. Nós, cristãos, não temos este costume. Comunicamo-nos com Ele por meio de orações.

— Música, não?

— Sim, temos músicas religiosas; entretanto, elas não são uma comunhão direta com Deus. A oração é o principal meio de falarmos com Ele.

— Queria ouvir uma música matwa, antes de morrer!

Cantarolei parte de uma canção twa, mas parei, por não conhecê-la toda.

— Sinto muito, não o posso atender! Não sei nenhuma música do seu povo, entretanto, prometo aprender alguma depois.

— Nós cantamos para os nossos mortos, os nossos ancestrais. Será que vou encontrar os meus ancestrais ou seus santos após morrer?

— Você é cristão?

— Não sei, nunca fui igrejeiro. Frequentei a capela do Padre Jumpe uma vez. Ele me falou dos santos.

— Estou certa que você é cristão. Todos de boa alma no mundo o são por praticarem os ensinamentos de Cristo. Somos todos filhos do mesmo Senhor.

— Sei que chegou minha hora de partir, senhora. Diga que sou grato a todos e que morri

feliz. Não tenho com o que lhe pagar, não sobrou nada para lhe dar!

— Você não precisa me pagar!

— A vida seria menos penosa para os twas, se houvesse outras pessoas boas como a senhora!

— Se você encontrar mesmo esses seus espíritos da selva com alimento nas mãos, diga-lhes que peço que cuidem melhor dos batwa enquanto estiverem vivos.

O twa falava como se estivesse em confissão derradeira. Rose e o Dr. Mike acompanhavam contemplativos, respeitando a dor do enfermo.

— Conto que os espíritos gostem de mim, pois fui um bom caçador, um bom pai e um bom esposo, entretanto, não aprendi a mendigar bem.

Olhei para Rose e o Dr. Mike, quando o cansaço dos santos derreou-me as costas e permaneci em silêncio, sentindo migalhas de esperança apodrecendo em meu coração. Muda subsisti, por não ter o que lhes dizer e eles ficaram quietos por temerem me falar algo em tal luto preponderante. Simplesmente saí, em total quietude, com o peso do vazio que havia em mim, em estado de contemplação, enquanto o Dr. Mike iniciava o preenchimento do obituário do meu paciente.

* * * * *

O médico pediu à enfermeira:

— Vá atrás dela, Rose, não a deixe só neste momento. A Dra. Isabelle é uma garota imprevisível. Este país está mexendo com a cabeça daquela americana habituada ao bem-bom da vida.

— Não se inquiete, Dr. Mike. Deixe lá a doutora. Ela está bem. Apesar do pouco tempo que a conheço, imagino que a entendo melhor que à minha própria irmã. Eu prefiro a amizade dela à de outras pessoas. Ela precisa de uns instantes de reflexão a sós. Mais tarde eu a procuro. Não há lugar em Kigali onde possam escondê-la de mim.

— Tem razão, Rose. Você é uma boa enfermeira e uma amiga sincera da Dra. Isabelle. Ela só possui a nós dois neste país.

— Ela também conta com Tharcisse Mugabe; não se esqueça, Dr. Mike!

— O twa só traz mais preocupação e responsabilidade para ela.

— Apesar de ser o namorado dela, percebo que o Senhor ainda não alcançou o coração daquela garota maravilhosa. Não sei se um dia venha a conseguir, pois não a conhece.

— Eu tento, Rose.

— É pouco! Dói nela ver o senhor de caso com as tutsis enfermeiras deste hospital. O senhor não deveria se enrabichar por elas; e seja mais discreto. Nunca o perdoarei, se algo ruim acontecer à Dra. Isabelle por causa dos seus atos de infidelidade, Dr. Mike. Chego inclusive a desejar que ela se envolva com o twa Tharcisse Mugabe que tanto a benquer ou com quem mais lhe professe afeição.

— Você está sendo prolixa, trágica e exagerada!

— Creio que não. O senhor tem experiência e apoio para a Dra. Isabelle; por outro lado, o twa lhe dedica tudo de si. Na semana passada, tive um sonho transparente no qual ele entregava a vida por ela. Imagino que seria capaz disto!

O Dr. Mike não gostou do assunto papeado com a enfermeira. Chegou a ponderar a possibilidade de ela malquistá-lo com a amada. Achou melhor sair. Assinou o obituário do pigmeu, sabendo que para nada adiantaria a papelada, pois nem ao menos nome oficial registrado em cartório o morto possuía. Entregou-o à tutsi e saiu.

— Pegue esses formulários e providencie o enterro desse João-ninguém. Consiga umas flores com Tharcisse Mugabe para pôr sobre a cova.

Rose ficou só diante de dois pedaços de matéria sem saber o que fazer com eles. Chamou um colega do hospital, um hutu analfabeto que fazia toda sorte de serviço sujo para a direção do Centro Hospitalar, tal como desentupir privadas imundas e infectadas. Ela entregou-lhe o corpo do twa.

— Leve-o daqui!

— Para quem devo entregar este defunto de twa, Srta. Rose Kabaguyoi?

— Não sei, ele não tem direito a serviço funerário!

— Vou jogá-lo no Rio Nyabarongo!

— Não! Cruz-credo! Não faça isso! Se você atirar esse twa no rio e a Dra. Isabelle descobrir, ela nos mata e perderemos nossos empregos!

— O que faço com ele, então? A senhorita prefere que eu o queime?

— Não, você está doido? Dê-lhe um enterro digno!

— Vou enterrá-lo nos fundos do terreno com o lixo hospitalar, senhorita Rose!

Histérica e atazanada, Rose gesticulava descompassadamente, caminhando entre os vértices do quarto. Ela puxava os cabelos e batia os pés. Finalmente, acalmou-se, parou e pegou o hutu pela manga da bata. Falou-lhe:

— Chega! Não me diga o que fará com ele! A médica me abandonou e me entregou esta tarefa ingrata. Será que ela não sabe que twa morto dá azar? Não quero participar disto, já

tenho pecados demais para justificar a Deus! Enterre-o bem fundo para que os abutres ou outros animais não desencovem e o comam na frente de muita gente. Se a Dra. Isabelle perguntar algo, diga-lhe que o agente funerário veio buscar o corpo e o levou com ele para enterrar como indigente no cemitério. Aproveite e leve isso também!

Ao hutu analfabeto não era praxe se entregar escritos. Ele não sabia o que fazer com o obituário do twa.

— O que é isso, Srta. Rose Kabaguyoi? O que faço com estes papéis?

— Enterre-os junto com ele! Isto é tudo o que consegui de bom da vida. Que leve consigo para onde vai, de forma que não se esqueça, nunca, que não teve nome!

O serviçal do CHK amortalhou o corpo do twa com um saco e o misturou aos rejeitos hospitalares dentro de um carrinho de lixo para camuflá-lo, enquanto transitava por dentro da edificação. Não sentiu o menor constrangimento com o que fazia, pois continuou coletando sequencialmente o lixo dos cestos postos ao longo dos corredores do hospital.

* * * * *

Após a morte do twa, Tharcisse Mugabe tornou-me ao tino e fui ter com ele no ponto de vendas de flores à sombra do majestoso podocarpo. Estava me sentindo mal e precisava espairar um pouco. As suas histórias me faziam bem naquela hora. A morte do pigmeu sob os meus cuidados me atormentara e me fizera procurar o meu amigo. A tarde beirava o seu final e, por isso, o clima entrava a esfriar um pouco. Quando caminhava pelo pátio do Centro Hospitalar, encontrei um grupo de twas. Estavam sentados na grama papeando animadamente, fumando tabaco e bebendo algum tipo de preparação caseira. Ao passar perto deles, uma pigmeia chamou meu nome.

— Dra. Isabelle!

Domitilla me dirigira a palavra. Aproximei-me e lhe perguntei:

— O que você quer de mim, Domitilla?

— Nós soubemos que um matwa foi trazido ferido para este hospital. É alguém da nossa comunidade?

— Acredito que não. Do que ele conseguiu me falar, ficou claro para mim que é de Ruhengeri. Foi azar dele, pois escapou duma região onde há conflitos armados e veio a ser assassinado em Kigali!

— A senhora sabe o nome dele?

— Não, ele não portava documentos de identificação. O atendimento foi tão rápido que nem ao menos me lembrei de perguntar-lhe o nome. Procure uma enfermeira chamada Rose

Kabaguyoi e peça-lhe que mostre o corpo do twa. Quem sabe se um de vocês não o reconhece e avisa a algum parente para vir buscá-lo.

Mukono, que estava entre os integrantes do grupo, resolveu brincar comigo dirigindo-me a palavra na língua nativa dos twas, o rukiga, certo de que eu nada entenderia. Percebi que além do tabaco ele fazia uso de maconha. Exclamou-me, referindo-se ao meu estado físico:

— Nyabo hati oinyenda kunywa kyaayi (Agora a senhora precisa tomar chá).

Pouca coisa entendi do que ele me falou, porém não poderia perder a oportunidade de lhe mostrar que as minhas conversas com Tharcisse Mugabe estavam surtindo algum efeito. Eu tinha facilidade de aprender línguas e o hábito de dialogar em outros idiomas. Portanto respondi em rukiga, para surpresa de Mukono.

— So Noogamba ki? (*O que você disse?*).

Os twas sorriram e bateram palmas para mim, caçoando de Mukono. Domitilla falou-me pausadamente:

— Kyaayi! (*Chá!*).

Ela me estendeu uma caneca e falou:

— Kyaayi gye! (*Chá bom*).

Finalmente entendi, pois era comum eu, Tharcisse, Rose e Elizaphan tomarmos chá em minha casa nos finais de semana. Já ouvira aquela palavra pronunciada pelo twa. Por conseguinte, falei segura de mim:

— Kyaayi ki? (*Que chá?*). Mukono me falou:

— Omuka oaire kurungi (*Você passa a noite bem em casa*)

Não entendi as últimas palavras de Mukono. Mesmo assim, peguei a chávena de chá e bebi, grata por terem me possibilitado o inusitado diálogo.

— Yebare! (*Obrigada*).

Perguntei a Domitilla:

— De que é feito este chá, Domitilla?

Mukono tinha saído de perto do grupo. Atinha-se a urinar atrás de uma árvore e tão somente ele sabia a resposta para a pergunta.

— Não sei ao certo! É de ervas da floresta. Há uma mistura neste chá, posso sentir, Dra. Isabelle. Foi Mukono quem o fez!

Eu estava com a garganta seca e com sede, por conseguinte, aceitei tomar um pouco da beberagem twa. Todavia, eu, meio temerosa por ter sorvido uma infusão desconhecida, perguntei por detalhes sobre o que eu havia ingerido, pois começava a queimar o meu

aparelho digestivo. Mukono retornara.

— Para que serve este chá, Mukono?

Mukono me respondeu:

— É um chá fortificante, Dra. Isabelle. Não tenha medo, pois não é venenoso. Esse chá nunca matou sequer um pássaro. A senhora ficará mais forte para enfrentar os problemas da vida.

— Energético?

— Sim, os soldados gostam de tomá-lo quando têm de enfrentar alguma luta.

— Você quer dizer estimulante?

— Não estou certo, mas deve ser esse mesmo o nome do chá.

Estava me sentindo fraca e cansada. Um energético me cairia bem.

Achei Mukono um pouco estranho, contudo creditei sua agitação ao fato de ele estar fumando o cânhamo. Não vi o menor perigo no chá. Peguei-o e achei o cheiro familiar. Decerto, entre as ervas ali presentes, estava pelo menos alguma das que eu comumente utilizava nas minhas infusões. Senti-me confiante diante disto e tomei o restante do líquido daquela que julguei ser uma inocente xícara de chá ruandês oferecida a mim pelos twas em um final de tarde no pátio do CHK. O Dr. Mike já me alertara para que tomasse cuidado ao ingerir qualquer substância oferecida pelos ruandeses, se eu não conhecesse a procedência. Ele trabalhara com um grupo de cientistas belgas ligados ao Centro Hospitalar, que realizaram, no continente africano, pesquisas científicas de campo nas matas habitadas pelos twas. Existia muita coisa boa e ruim nas ervas que aquele povo utilizava em rituais religiosos e confraternizações pagãs. Para o Dr. Mike, aquela gente, por meio do processo evolutivo e da seleção natural, adquirira tolerância a algumas substâncias que os europeus e outros povos não possuem. Na ocasião, eu estava cansada demais para me lembrar de pormenores que me comunicara havia tempos.

Logo após tomar a bebida oferecida por Mukono, senti que, em passos lentos, entretanto, crescentes, meu coração adquiria ritmo acelerado, minha boca secava e meu corpo esfriava de chofre. Por ser médica, percebi as alterações do meu interior. Algo não estava bem. Imaginei-me, porém, diante duma indisposição momentânea, após uma jornada de trabalho atribulada. Estava, por outro lado, desconfiada do chá do twa. Senti-me um pouco tonta e aquilo me incomodou. Creditei meu súbito mal-estar a origem emocional e estresse e, por isso mesmo, de difícil solução no momento. Conviveria com uma perturbação anímica, até a primeira boa noite de sono. Cogitei entrar no hospital e pedir a opinião do Dr. Mike sobre o meu estado, contudo, como eu o envolvera no atendimento do twa, concluí que esgotara minha cota da paciência do médico inglês no dia. Encostei a mão no meu pescoço tentando aferir-me e, através disto, obter informação acerca de mim mesma. Tentei calcular minha temperatura e desejei ter um termômetro na ocasião. Domitilla me olhou, desconfiada do conteúdo daquela beberagem e me indagou:

— A senhora está se sentindo bem, Dra. Isabelle?

Ela volveu-se para o marido:

— O que você deu para ela beber, Mukono?

— Apenas o nosso chá.

Domitilla olhou-me e revelou:

— O chá pode causar um efeito estranho na senhora, doutora, pois é a primeira vez que o toma. Mukono não deveria tê-lo lhe dado. Vá descansar e aproveite a sensação de bem-estar que ele lhe proporcionará. Com o tempo, quando a senhora tomá-lo mais vezes, vai se acostumar e não sentirá incômodo com seu efeito.

— Está tudo bem, Domitilla. Estou um pouco tonta, mas certamente não é somente por causa desta infusão de vocês. Tive um plantão concorrido. Qual a erva que vocês põem nele?

— Não é só uma erva qualquer. Há umas três delas, Dra. Isabelle, porém a mais forte é um cogumelo.

— Cogumelo? Caramba! Pensei que fossem inofensivas folhinhas!

Despedi-me dos twas e fui andando em direção às flores e ao podocarpo. Inadvertidamente, quando cheguei perto de Tharcisse Mugabe, não lhe dei atenção e continuei caminhado. O twa estranhou o meu comportamento.

— Dra. Isabelle, a senhora vai aonde?

— Não é da sua conta, twa. Vou ao encontro duma amiga. Ela acabou de me chamar!

Tharcisse Mugabe me olhou e imaginou que algo não estava bem, pois eu nunca passaria por ele sem lhe dirigir a palavra. Ele me pegou pelo braço e me trouxe de volta para sua barraca de flores. Não esbocei reação alguma. Estava um pouco tonta e aceitei de bom aviso sentar no seu banquinho. O twa olhou de um lado para o outro buscando alguém conhecido, no entanto, não havia ninguém. Ele me falou:

— Vamos, Dra. Isabelle! Vamos voltar para o hospital. Nós temos de encontrar o Dr. Mike ou a senhorita Rose Kabaguyoi. Percebo que precisa deles. O que a senhora tem?

— Não sei, Tharcisse. Suponho ser o chá de Mukono que eu bebi que está a me causar mal.

— Credo! Eu não lhe disse que Mukono e Domitilla são feiticeiros! A senhora não deve aceitar nada que lhe ofereçam para beber ou comer, sem conhecer o que seja.

— Você acredita que aqueles dois twas me envenenaram?

— Claro que não, Dra. Isabelle!

— Ainda bem, twa, pois estou perdendo a percepção das coisas ao redor. Vá chamar o

Dr. Mike para mim. Com certeza há algo estranho com o chá!

— A senhora tomou o chá de cogumelos?

— Sim.

— Ele a fará ver coisas, contudo não a matará! Como a senhora é uma pessoa tão diferente de nós twas, não sei o que lhe acontecerá ao certo. Quem foi a amiga que a chamou?

— Que amiga? Eu lhe falei isso?

— Contou-me sim! A senhora acabou de me falar que não iria ficar ao meu lado porque a haviam chamado!

— Sim, sim, tenho de me apressar. Ela precisa de mim!

— Para onde ela a levará, Dra. Isabelle?

— Para a cerca, Tharcisse! Para a cerca de bambu!

— Deus do céu! Qual cerca de bambu? Onde a senhora encontrará essa tal cerca? Aguarde-me aqui. Vou chamar o Dr. Mike e a Srta. Rose Kabaguyoi, correndo!

* * * * *

Ideias e percepções começavam a se misturar com as imagens que apareciam gradualmente na mente dela. O twa tentou erguê-la, porém não conseguiu firmá-la de pé. Ele se desesperou e pretendeu ir ao hospital pedir a ajuda de alguém conhecido. Tinha consciência de que a amiga era médica e possuía uma reputação a zelar no trabalho. Ele não queria expô-la a constrangimentos no CHK, adentrando com ela naquele estado sem saber ao certo o mal que a acometia. Pretendia, sem alarde, passar o caso para o Dr. Mike. Pediu ao porteiro do CHK, que ficasse de olho nela do outro lado da rua. O funcionário estava atarefado e, facilmente, esqueceu-se da existência de Isabelle.

* * * * *

Percebi que algo inusitado acontecia. Algo que provinha do meu entorno e saía de dentro do escuro da noite que se iniciava, despregando-se do ar. Alguma coisa imaterial estava por ali, nalgum lugar, espreitando-me sorrateiramente, como um leopardo que se esquiva do luar para surpreender a gazela no escuro. Algo forcejava por se comunicar, pois alguns estímulos me preparavam para um encontro ou aparição em processo. Todo o meu ânimo me empurrava para algum ser que se avizinhava de mim. Um contato se fazia iminente, no fim de tarde triste

na sofrida Kigali. Foi então que, por meio de minha tontura, percebi o Ruanda querer parar o tempo, ao adquirir notável lentidão. As folhas do podocarpo que caíam demoravam mais tempo para atingir o chão. Cada segundo valeu um minuto, cada olhar uma paisagem inteira e cada lembrança um passado imenso. Algo incomum assoberbava ao redor. Uma força superior se apoderou das minhas funções vitais, estimulando-me de diversas maneiras. Estas funções me encaminhavam por suas leis e me representavam de formas diferentes em um volátil contradomínio. Foi quando uma senhora bonita e coberta com uma luz azul aproximou-se de mim. Por certo, era o espírito de alguma mulher morta talvez em Kigali. Ela gesticulou convidando-me para acompanhá-la. Senti algo me erguer da cadeira e me pegar pela mão. Alteei a cabeça e vi uma linda senhora africana. Ela me falou:

— *Isabelle, por que você demora tanto? Eu estou esperando você!*

— Desculpe-me! Tharcisse Mugabe me segurou aqui!

— *O twa?*

— Sim.

— *Deixe-o onde está! Eu preciso mais de você agora que ele.*

— O que você quer de mim? Quem é você?

— *Venha comigo e logo saberá.*

A formosa senhora africana me pegou pela mão e me levantou do banquinho. Eu sorri e lhe falei:

— Se você não tivesse me ajudado, eu nunca conseguiria me elevar deste banco.

Ela me falou:

— *Achegue-se, Isabelle, venha comigo. Dê vazão à fantasia!*

Andamos à noite pelas escuras ruas de Kigali, até chegarmos a um terreno baldio, amplo e bastante arborizado, um bambual.

* * * * *

Tharcisse Mugabe retornou com o Dr. Mike e Rose. Ele se angustiou, quando não viu a amada sentada no lugar onde a deixara.

— Nossa Senhora! Alguém levou a Dra. Isabelle!

— Como você sabe que a levaram? Ela não poderia ter saído daqui, por si só?

— É pouco provável, Dr. Mike. Ela não possuía condições de caminhar sozinha. Sequer a

direção do hospital aqui em frente sabia.

Rose falou:

— Vou telefonar para o tenente Fred Kaka, Dr. Mike!

— Tenha calma, Rose! Primeiro damos uma volta pelo quarteirão. Não alardearemos isto à toa. Vamos nos dividir e caminhar por direções diferentes. Daqui a dez minutos todos nós tornaremos a este lugar.

Procuraram-na arruando por toda a vizinhança sem sucesso. Ao se reencontrarem defronte à carrocinha de flores, Rose não mais aceitou contra-argumentações e ligou para o tenente Fred Kaka. O militar chegou acompanhado de quatro soldados. Integraram uma caçada de detalhes infinitesimais em toda a cidade, durante a noite inteira, esquina por esquina. Além do veículo militar do tenente Fred Kaka, a Land Rover igualmente foi utilizada na busca por Isabelle. Em vão, tentaram ser os mais discretos possíveis. Tomaram como base para a procura a informação de Tharcisse Mugabe de que a médica teria ido para um cercado de bambu. O Dr. Mike, incrédulo, perguntou ao twa:

— Cerca de bambu? Você está lunático, twa? Tem certeza de que foi isso mesmo que escutou a Dra. Isabelle dizer?

— Sim, Dr. Mike, tenho sim.

— E você não teve a esperteza de perguntar onde fica esta porcaria de cerca?

— Ela não sabia.

— Como não sabia?

— Ela me disse que estava sendo chamada para ir à cerca de bambu!

— Quem a chamou, twa?

— Não sei, Dr. Mike! Ela falava para uma mulher que estava ao nosso lado pedindo-lhe algo, mas não havia nada além do vento à roda de nós! Neste instante, amedrontei-me e fui chamar o senhor.

Rose asseriu:

— Ela deve ter conversado com algum antepassado ou amigo morto. Aposto que a Dra. Isabelle está tendo uma revelação! Ela tem estas sensações de vez em quando, pois costuma falar enquanto dorme! Faz isso de forma tão convincente que me dá arrepios. Acredito que a Dra. Isabelle é médium e fala aos espíritos!

— Só me faltava isso daquela americana! Agora está virando portadora de missivas dos céus? E você, Tharcisse Mugabe, twa covarde e imprestável, não deveria tê-la deixado sozinha tão somente por causa de uma alma boba do além! Eu estou crente que essa história tem a ver com o chá de Mukono! Quero averiguar a beberagem do feiticeirozinho de segunda categoria. Vamos com o tenente Fred Kaka procurar a Dra. Isabelle!

Como existiam vários terrenos cercados de bambus em Kigali, tiveram muita dificuldade para localizar a Dra. Isabelle, fato que só aconteceu com a chegada dos primeiros tênues raios de sol, à promessa de amanhecer.

* * * * *

No caminho que percorria, continuava a dialogar com a efigie.

— *O que você sente, Isabelle?*

Eu lhe respondi:

— Eu estou cansada.

— *Então pare de caminhar e voe. Você pode voar!*

Eu levitei até a altura da minha guia e comecei a voejar acompanhando-a por sobre o segmento ondulado da superfície do chão. Uma prazerosa sensação de alívio tomou conta de mim. Vi o mundo com cores diferentes. Tudo estava mais claro e vivo aos meus olhos. Minha visão melhorou bastante. Sentia-me como se tivesse atingindo o nirvana; algo como o desprendimento do corpo e a ausência do sentido de tato. Eu me senti espiritualizada e estava radiante. Pela primeira vez na minha vida, voava.

— Aonde nós vamos? Não podemos subir mais? — indaguei-a.

— *Você quer ir pelo caminho das nuvens?*

— Sim, sim, eu quero ir pelos nimbos!

De caminho, estávamos bem alto, jornadeando contíguas ao azul infinito, colhendo cachos de nuvens pelo céu. Eu, lá de cima, via uma ondulada Kigali com suas luzes acesas e seu dorso atalhado de sombras que subiam e desciam os morros estrelados de pirilampos. Vi o teto do CHK e a carrocinha de Tharcisse Mugabe. Estendi a ela a mão e uma violeta-africana voou subindo do ramallete da terra para o alto até a minha mão.

A madona africana me levou para um terreno baldio tracejado com cercas de bambu. Por trás de uma grande pedra, parou. Com uns gestos de mão, chamou-me para junto de si. Quando cheguei ao seu lado, apontou para o chão e, como se uma lanterna possuísse, iluminou, com um ralo feixe de luz, um cantinho qualquer adjazido a uma pedra escura, para que eu visse restos duma ossada de bebê. O pequeno esqueleto estava incompleto com seus ossos remanescentes limpos tendo alguns sido triturados. Não havia o menor sinal dos músculos e dos demais tecidos. Por certo, fora devorado por animais, insetos, vermes e bactérias. De imediato, compreendi o que ocorria e o que me cabia fazer. Ela queria que eu zelasse pelos poucos ossos restantes do anjinho violado. Certamente, eram ossos de um filho que não pôde proteger, tampouco criar com sossego. Tirei minha bata e catei os ossinhos, um por um, depositando-os

em uma peça minha de roupa, pois o incorpóreo ser não conseguia mover objetos materiais. Sua mão atravessava os ossos, quando ela tentava pegá-los. Deixei-os no mesmo canto por trás da rocha. Ela me explicou:

— *Agora sabe que sou uma mãe, Isabelle. Sou o espírito que representa todas as mães do mundo. Muitas sofrerão no Ruanda este ano, minha filha. Faça algo por todas elas!*

— Sim, percebo. O que posso fazer pelos ruandeses?

— *Você saberá na hora certa minha, filha. Você sempre foi teimosa como seu pai. Eu quero que você seja forte. Você foi escolhida e será posta à prova da tentação e terror!*

Então a negra mulher se tornou uma graciosa dama branca. Era minha mãe que estava à minha frente. Chorei com saudade dela e gelei por dentro, pois a voz era a da minha própria mãe. A frase escolhida era a que eu estava habituada a ouvir *Você sempre é teimosa como seu pai*. Perguntei:

— Escolhida para quê, minha mãe?

— *O diabo a quer, Isabelle! Ele a porá em provação. Seja forte e não arrefeça sua crença em Deus. Não deixe que a vença e sevicie-lhe a alma! Cada virtude do seu coração é necessária para vencê-lo nesse país sem rumo.*

— Quando será este encontro, mãe?

— *O coisa-má em breve chegará a este país. Fique atenta ao Rio Nyabarongo, pois por lá ele passará entre os dois mundos e trará uma imensa bola de fogo que demarcará o limiar de seu curto reinado ruandês! Não posso mais trazê-la de volta para Nova Iorque, meu bebê. Você está só, todavia a guiarei enquanto puder!*

— E o pai?

— *Ele acaba de me abandonar!*

— O pai morreu, mãe?

— *Não chore ainda. Guarde lágrimas para os dias que virão. Não posso mais lhe falar. Não mais tenho permissão!*

Na África misteriosa de tantos encantos e encantamentos, eu, uma pessoa sensível, mergulhara na magia onírica dum continente exótico.

Vieram a mim com suas preocupações. Fizeram-me de portal e me passaram um prenúncio aterrador. Doravante eu precisaria tomar cuidado. Volvi-me para o ectoplasma e o vi sorrir, enquanto se esvaía no ar. Uma boa e bela alma esfumada, eterizada, repleta de aroma e luz. Acenando em minha direção, o feérico espectro, arquétipo da maternidade humana, dissolveu-se na noite escura. Dormi um sono doce e reconfortante. Em meio a anjos, minha mãe me levou para passear por um caminho celeste de luzes azuis em um lindo sonho sideral acontecido longe do Ruanda e o mais abeirado de Deus que eu jamais ousaria estar.

Daí a algumas batidas das horas, escutei rogos repetidos e aflitos...

— Dra. Isabelle! Dra. Isabelle, o que a senhora tem?

Era a voz de Rose. Eu estava tonta e em transe, porém a insistência das pessoas que se achegaram me fez voltar à realidade. Ali estavam, além da enfermeira tutsi, o Dr. Mike, Tharcisse Mugabe e o tenente Fred Kaka. Rose, ao perceber meu estado, começou a chorar. Olhei-a e percebi o que procurava me dizer. Ela falou para os homens.

— Saiam, deixem-me falar com ela! O Dr. Mike olhou para Rose e falou:

— Temos de levá-la imediatamente para o hospital!

Ela falou-lhe:

— O que menos ela precisa nesta ocasião é do seu remédio!

— Está bem. Você dispõe de cinco minutos com ela. Faça o melhor que puder.

Rose chorava, por me ver em más condições. A luz da manhã surgia por sobre as colinas ruandesas. Sentei e me fitei. Minha roupa estava rasgada. Havia marcas de violência em meu corpo. Minhas pernas estavam à mostra. O terror se apoderou de mim. Mirei minha amiga, procurando uma explicação para o meu estado. Ela entendeu e me falou:

— Nós não sabemos o que lhe aconteceu nesta noite, Dra. Isabelle!

— Como vim parar aqui?

— Ninguém sabe. Procuramos pela senhora a noite toda. Somente há poucos instantes alguém ligou para o distrito policial informando ter visto um corpo de mulher branca estirado neste matagal. A senhora não sabe quem a trouxe aqui?

— Eu sei, Rose. Quem me trouxe a este lugar foi minha mãe!

— Não fale assim, Dra. Isabelle, senão eu vou chorar mais ainda!

— Por que você quer chorar?

— Não vê, a senhora foi estuprada!

— Eu? Estuprada? Você está louca?

— Não percebe seu estado? Os soldados estão assustados. Ouvi-os dizer que a senhora está da cor do vento!

— Nossa! Que cor será esta?

— Não sei, nem posso imaginar, entretanto, não deve ser boa coisa! A senhora está pálida, com umas partes amareladas e apresenta algumas marcas roxas pelo corpo. Bateram na

senhora?

— Não, claro que não! Eu não sinto dor!

Avaliei e me senti constrangida. Desejei ter um espelho para ver a tonalidade da minha face. Devia estar pálida e provavelmente com alguma intoxicação leve.

— Rose, você é mulher e me entende. Se eu tivesse sido seviciada enquanto estava dopada, perceberia agora, não acha?

— É verdade, Dra. Isabelle.

— Será que Mukono me fez algum mal?

— Não poderia ter sido ele. Apanhou compridamente da polícia neste fim de noite. Ele teria confessado sob a tortura que lhe impôs o pessoal do tenente Fred Kaka. Além do mais há testemunhas que dizem que passaram a noite com ele, até a polícia o pegar. Alguém pode ter se aproveitado da senhora, doutora, enquanto estava inconsciente. Existem muitos hutus maus em Kigali.

— Não! Se não foi Mukono, não poderia ter sido ninguém mais deste mundo; se fosse assim, eu perceberia. Hei de acertar as minhas pendências com aquele twa, mais à frente.

— Tenha calma, Dra. Isabelle. Não guarde rancor no coração. Ele parece ser inocente. O único mal dele foi ter-lhe dado um chá!

— O que havia no chá, Rose?

— Até agora não sabemos! O Dr. Mike levará uma amostra do cogumelo e a entregará ao Padre Jumpe. Ele poderá esclarecer algo sobre a maldita infusão. A senhora fará os exames?

— Que exames?

— Eu escutei o Dr. Mike dizer ao tenente, há instantes, que fará um exame de corpo de delito na senhora. Ficamos todos desconfiados de violência sexual, em virtude do seu desalinho, quando a vimos aqui deitada nesta pedra!

— Ora essa! Ele está doido? Nem pensar! Estou com as minhas roupas sem alinhamento, possivelmente por ter forcejado por me livrar dos vômitos que me cobrem o corpo todo. Não me sinto violada. Se algo me tocou, certamente, foi um espírito!

— Um espírito ou um feiticeiro do tipo de Mukono, Dra. Isabelle?

— Rose, no íntimo, não quero crer que um twa mandingueiro possa ter tanto poder assim. Estou fiada no bem, pois recebi a visita da minha mãe. Ela não deixaria que me fizessem mal. Mostrou-me uns ossos de bebê atrás daquela pedra ali. Comprometi-me com ela que daria um enterro digno para essa criança. Confirme isso para mim.

Rose foi ao local indicado e constatou a presença da ossada exposta dum rebento, embrulhada em uma peça do meu vestuário. Neste instante, o Dr. Mike a chamou. Eles

conversaram por um momento, enquanto o Padre Jumpe se acercava para me confortar.

— Rose, o Padre Jumpe acabou de chegar.

— Eu o vi, Dr. Mike. Ele está lá dentro com a Dra. Isabelle. O que ele lhe disse?

— Ele traz uma informação de Washington para a Dra. Isabelle.

— Qual?

— Nós precisamos levá-la para a casa dela e não para o hospital. Ela receberá uma dura notícia neste instante!

— Hem! Fale-me logo!

— A mãe dela morreu ontem à noite em Washington!

— Nossa Senhora dos céus! Ela me revelou que falou com sua mãe neste lugar e que foi esta quem a trouxe aqui.

— Se ela confidenciou-lhe isso, nada a fará repousar num leito hospitalar agora. Vamos levá-la e confortá-la como pudermos.

Passei uma semana em Nova Iorque, em decorrência do velório, sufrágio e exéquias da minha mãe. Meu pai ficou sentido com a perda da companheira de longas datas. Ele não se importou quando lhe comuniquei que tornaria ao Ruanda para terminar o meu estágio na Cruz Vermelha. Pela primeira vez, não passou a mão na minha cabeça e me deu conselhos sérios. Apenas alvitrou-me vagamente:

— Vá, filha e cuide-se por si só. Você já é uma mulher adulta. Estou velho e chega a hora de você seguir seu rumo. Estou por aqui, caso precise de mim.

Partiu o meu coração ver o meu pai naquele estado. Durante toda a semana não saí do lado dele, contudo, tinha de retornar ao Ruanda. Prometera isso à minha mãe, ainda que estivesse sob o efeito da psilocibina.

* * * * *

A psilocibina é o principal alcaloide psicoativo existente em alguns cogumelos. Seus efeitos alucinógenos variam de um indivíduo para outro e se assemelham aos do LSD. Provoca desde excitação e euforia com doses pequenas a distorções das formas, cores e alucinações com porções maiores. A ingestão se dá por intermédio de chás de cogumelo desidratado e moído. A primeira impressão costuma ser uma leve tontura, seguida de um possível desconforto gástrico e vômitos. É possível haver alterações nas percepções visuais e na noção de espaço. No clímax, há o estreitamento do campo de consciência. O utente dessa substância pode embarcar em um quadro totalmente desconexo da realidade com alucinações

intermitentes que podem provocar uma relação entre o real e o imaginário, sob domínio de um sentido diferente. Um perfume que invoca uma cor ou um som que carrega uma imagem. Pode-se ouvir, cheirar, sentir ou tocar a inexistência. Se Isabelle tivesse ingerido uma bebida mais concentrada, não se sabe se, até hoje, não estivesse em desvario de mãos dadas à mãe, num éden iridescente e paradisíaco, envolta em névoas frias, animais alados e anjos abençoados pelo toque de Deus.

O Dr. Mike perguntou ao Padre Jumpe:

— O senhor quer me dizer que nesse cogumelo em sua mão existe a psilocibina, Padre Jumpe?

— Exatamente, Dr. Mike. Foi este singelo vegetal que deixou a Dra. Isabelle naquele deprimente onirismo!

— Como o twa Mukono pôs a mão nele?

— Não sei! Mas isso terá de me dizer. Checarei se sua informação ao tenente Fred Kaka de que coletou os cogumelos nas matas é verdadeira!

Até o Dr. Mike, insensível por devoção, comiserou-se na ocasião:

— Não bata no coitado, Padre Jumpe! Ele apanhou demais do tenente Fred Kaka!

— Pela Virgem Santíssima! Eu não maltrataria o twa. Não esqueça que sou um servo de Cristo!

— Às vezes, olho para o senhor e me esqueço disto, padre. Ah! Ah! Ah! Ah!

— Não ria, Dr. Mike, não vê o estado da sua companheira? Ela acaba de perder a mãe!

— Como queira, Padre Jumpe. No entanto, de qual outro jeito Mukono poderia ter conseguido os cogumelos?

— Infelizmente, comigo!

— Como assim?

— Tenho amostras deste vegetal em meu herbário. Não se esqueça que Mukono vem muito aqui me apresentar suas ervas para análise qualitativa e quantitativa.

— Eu sei. Ele vem à sua casa como parte dos estudos de farmacologia para laboratórios internacionais.

— Isto mesmo. Mukono é um twa sagaz. Vive na selva. Talvez ele tenha sentido algum aroma nos meus cogumelos que nos seja indiferente e que para ele tenha algum significado.

— Ele farejou a psilocibina dentro do cogumelo...

— É incrível, mas suponho ser verdade. Aquele doutorou-se nas feitiçarias! Se não foi assim, como mais poderia o twa adivinhar as propriedades especiais que esta frutificação

possui?

— Tudo bem, por esta nós já passamos. De ora em diante, esconda bem seus fungos para que outras pessoas não passem pelo constrangimento da Dra. Isabelle.

— O problema é que os outros twas dizem que Mukono atém-se ao uso deste chá há pelo menos dois anos.

— Nossa! Faz tempo que ele o rouba, Padre Jumpe! Que twa malandro! Ainda bem que levou umas correadas dos militares.

— Não, Dr. Mike! Pense... O senhor é um cientista assim como eu.

O Dr. Mike raciocinou por alguns segundos e depois exclamou apavorado:

— Santo Deus! Mukono cultivava este cogumelo no mato!

— Bingo, meu amigo! Ele introduziu uma espécie exótica neste ecossistema ruandês.

— Este povo é tão sofrido. Não é uma boa notícia saber que pode se aventurar em mais uma droga entorpecente.

— Eu hei de apertar o twa. Preciso da sua ajuda para extinguirmos o canteiro onde Mukono planta a psilocibina.

O médico e o Padre Jumpe forçaram Mukono a indicar os locais de plantio dos cogumelos. Eles passaram seis dias destruindo exemplares da espécie, porém, no final, cansado e constatando ter diante de si um desafio hercúleo, o pároco, resignado, falou:

— Não adianta mais, Dr. Mike, veja estes brotos aqui no caminho. A natureza se encarregou de selecionar os cogumelos intrusos como espécie nativa adaptada a este ambiente natural. Rezemos para que não entrem na dieta de animais irracionais e tampouco na dos seres humanos.

— Será que esses cogumelos não estariam aqui há mais tempo?

— Não sei, amigo! Ainda que Mukono me diga que estas frutificações sejam ruandesas desde o cretáceo, não posso confiar no twa ardiloso. Somente uma auditoria florestal poderia levantar isso. Seria um projeto magnífico obstar a evolução dessa espécie em solo ruandês. Uma tarefa para Deus, Dr. Mike, não para nós, simples mortais. A natureza seguirá seu ciclo evolutivo, desta vez com a interferência maligna do ser humano.

— O senhor quer me dizer: “com a ingerência de Mukono?”

— Não deixa de ser humano, Dr. Mike!

— Às vezes, até um ateu como eu fico pendendo para o lado das crenças da Dra. Isabelle de que o twa é um bicho encarnado ou um satanás em pele de gente!

O Padre Jumpe fez o sinal da cruz e falou:

— Cruzes! Não cite o nome do capeta na minha frente.

— Sendo assim, Padre Jumpe, o senhor terá de exorcizar o twa. Ah! Ah! Ah! Ah!

O Dr. Mike era um cientista herege. Nunca acreditaria em possíveis poderes sobrenaturais de Mukono. Ficou satisfeito ao saber da presença da psilocibina consumida por Isabelle. Ele nunca aceitaria que fantasmas e almas apareceram para ela por meio dum contato místico. Sustentou em cada roda de fofoca em Kigali da qual participou que a americana não conversara com os espíritos, mas simplesmente tinha feito a cabeça numa boa. A má fama da médica aumentava a cada jornada. Mais uma vez, seu nome esteve ligado a drogas.

Os mexericos de que a gringa era louca cresceram um pouco no Ruanda e as maledicências também. Uns afirmaram que ela fora vista de joelhos próxima a um bambual, falando com anjos e santos, iluminada por uma luz azul nunca antes presenciada na terra; outros alardearam que os soldados contaram que a encontraram em uma orgia com os twas, regada a álcool e drogas desconhecidas. Houve um disse me disse de que um anjo ou um santo a revelara que o diabo chegaria brevemente a Kigali. Este foi o boato mais recorrente no Ruanda.

Nos dias que se seguiram, Isabelle teve de rogar a ajuda do tenente Fred Kaka para afugentar a romaria de gente que acorria à sua rua à espera de milagres e curas para as mais variadas mazelas de entes amigos. Ele ficou bastante chateado porquanto as pessoas não o obedeciam e o faziam de bobo, pois, assim que dava as costas, retornavam para incomodar a pobre mulher. A solução somente chegou quando ele, com seus soldados, dispararam fortes rajadas de metralhadora para todos os lados do céu. Ninguém mais acreditou que algum milagre pudesse acontecer em frente daquela casa.

— Porém, Dr. Mike, a Dra. Isabelle externou para Rose Kabaguyoi que viu e falou com a mãe. No exato momento, sua mãe morria em Nova Iorque!

— Quê? Basta, twa! Isso é uma conversa fiada da Dra. Isabelle e daquela tutsi que faz tudo que agrada à sua alma gêmea americana! — o Dr. Mike expressava sua aversão a justificativas religiosas para os dilemas da existência material.

— O senhor crê que as duas, por algum motivo, combinaram sustentar um faz de conta?

— Prefiro acreditar numa ficção que no fato de a Dra. Isabelle ter recebido uma revelação da mãe moribunda de que o cujo está prestes a aportar em Kigali em uma labareda vinda das profundezas do Rio Nyabarongo.

O Dr. Mike sinalizou ao metediço pigmeu que não lhe aprazia o incoerente lero-lero twa, todavia o outro não percebeu e perseverou em seu interrogatório irritante e palavreado sem fim, na esperança de ter suas inquietações dirimidas pelo inglês. Um inverossímil assunto com tema místico avinagrou o senhor. Em vão, procurara em vida o Deus de ombro amigo, ladeiro, simples e espremido entre homens de suor honesto. Era cético, um ateu radical convicto cuja religião só a ele concernia. Opunha-se à universalização do credo, pois acreditava ser toda

unanimidade uma alienação com foco. Ele untava sua consciência irreligiosa com um verniz protetor de indiferença. Se não acreditava na existência de Deus, como poria fé na presença do maligno em Kigali? Usava dizer que era um médico-cruzado a vagar pelo mundo, executando uma medicina material e assistencialista onde quer que existisse uma catástrofe natural ou social. Ele, quando jovem, fora um crente médio regular, porém os mais de trinta anos de profissão vendo o sofrimento, a dor e a miséria do ser humano petrificaram e fecharam seu coração à salvação Divina. Dizia que fora apresentado a um Deus pétreo, punidor de mão pesada e de chicote fino que infligia o sofrimento justamente aos mais fracos e, por vingança, descambara para os lados do niilismo.

— Eu acredito, Dr. Mike, e não quero pagar para ver! O senhor não?

Arreliado com o falatório do impertinente colega inquiridor, que atrapalhava um momento de lazer, o Dr. Mike pegou-o pelo colarinho e o pontapeou para longe de si, despedindo-o com o intuito de terminar a incômoda ladainha twa. Falou-lhe asperamente:

— Besteira, rapaz! Por qual motivo o diabo iria escolher este fim de mundo para seu turismo terrestre? Nem ele iria querer trabalhar tanto! Se vier para esta terra, não irá tomar banho em rio algum. Lúcifer irá rumo ao norte e tentará obstar os Inkotanyis e sua Frente Patriótica Ruandesa, a única esperança de salvação dos coitados tutsis de Kigali. E deixe-me tomar minha Primus em paz, Tharcisse Mugabe! Vá vender seus botões de rosa e fazer suas perguntas idiotas à sua santa Isabelle! Hei de esganar você, twa, por desejar minha mulher. Ah! Ah! Ah! Ah!

Assustado com o rompante de ira do descrente doutor, Tharcisse Mugabe afastou-se de súbito, temendo levar mais uns safanões. O frágil pigmeu tinha medo do inglês. Ele percebeu, finalmente, que o médico cervejara muito e se encantava, soltando gracejos para as tutsis que passavam rebolando as ancas.

Domitilla, matrona twa, não escasseava conselhos a ninguém e, muitas vezes, alertara o apaixonado aldeão sobre o perigo do seu encanto pela forasteira.

Que coisa mais feia, Tharcisse Mugabe! Você vive atrás daquela médica, mulher do Dr. Mike. Por que não torna à realidade e se arruma com uma twa? Um dia desses, aquele médico encherá seu bucho de balas, ou pagará a um hutu para fazer o serviço em você por ele!

Tharcisse Mugabe, enquanto se evadia do médico inglês, matutava:

E se a besta-fera a que a mãe da Dra. Isabelle se referiu for o próprio Dr. Mike, que vive ao lado dela, aproveitando-se da sua bondade?

Ele aligeirou os passos para se distanciar do Dr. Mike, que estava alcoolizado e desolado por toda a situação caótica da saúde no país, a qual se esgueirava do controle. Tharcisse Mugabe pôs sebo nas canelas e foi-se ter bem-ido com suas dúvidas; no entanto, teve tempo de ouvir o médico, em pé, gritar-lhe, à beira do bar, agarrado em um fino tronco de grevílea, que servia de coluna para um terraço de teto de palha:

— **Corra, twa covarde! Corra e vá se esconder debaixo da saia da Dra. Isabelle. Se há uma coisa neste país de que o diabo gosta é de twa!**

O Dr. Mike soltou um riso fácil, qual diabo obreiro ao final do dia:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

As Flores do Ruanda

Capítulo VI

O barro

Os twas, em lamento, costumavam cantar a seguinte canção:

O barro está difícil

O barro não tem mais valor

O barro me dava carne e eu comia muitas vezes

Com outras coisas

O barro me dava o sorgo e eu podia beber cerveja de sorgo

O barro me dava o feijão e eu podia comer todo dia

Com muitas outras coisas

Deixe-me sozinho

Eu estou cansado do alto custo do barro

As xícaras, os pratos e as panelas de plástico chegaram

Em um dia qualquer, o Sr. Habimana foi à aldeota dos twas de Kigali, acompanhado de seguranças hutus e tutsis particulares que contratou no intuito de impor medo e respeito quando da sua chegada. Ele se encontrou com os velhos do lugar e com Mukono e Domitilla. Apresentou um documento e pediu que os twas assinassem-no, se soubessem, ou pusessem uma marca que os identificasse.

— Eu preciso utilizar a terra nos pântanos de Bugesera em conjunto com vocês!

Domitilla, que possuía muita influência na comunidade, sondou o Sr. Emmanuel Habimana:

— Por que o senhor quer usar as nossas terras?

— Preciso realizar alguns testes agronômicos com uma nova cultura.

— O que isso quer dizer?

— Vou pôr uma nova planta acolá. Somente preciso de um pedacinho de terra. Não haverá prejuízo algum para vocês.

— Poderemos continuar coletando o nosso barro?

— Mas é claro que sim. Vocês poderão retirar toda a lama do mundo pelos paludes!

— Quanto o senhor nos pagará por aqueles charcos, Sr. Habimana?

— Bem, só quero um pouquinho de terra. Não acho justo botar dinheiro neste negócio. Eu trouxe uma camioneta cheia de alimentos. Proponho trocá-los por um pedaço de pântano.

O Sr. Emmanuel Habimana era um hábil negociador. Sabia que um povo tão exposto às agruras da fome maisqueria o alimento direto ao dinheiro intermediário. Ele ordenou que o motorista trouxesse o veículo até o centro do povoado e descarregasse as bananas, as laranjas, as batatas e o feijão. Ao verem fartura nunca antes presenciada na comunidade, as magras crianças vorazes correram em direção às frutas e as mães brigaram entre si pelas sacas de feijão. Em questão de minutos, os produtos estavam espalhados pelas cabanas dos twas. Domitilla, apreensiva com a reação do dono da carga, rogou que Mukono reouvesse os gêneros alimentícios da Fazenda BE.

— Faça-os parar, Mukono!

— Como, Domitilla?

— Não sei, mas dê um jeito nisso!

— Não vou tirar a comida da boca das crianças!

Os twas olhavam de relance temerosos para o Sr. Habimana, aguardando a reação dele. Viram-se em uma situação delicada, pois não tinham como pagar uma camioneta cheia de frutas e legumes. Ficaram todos em silêncio temerosos da reação do poderoso fazendeiro. O estancieiro, então, apresentou um contrato de compra das terras barrentas que eles se viram obrigados a cancelar. As frutas e legumes garantiram não mais que três dias do consumo da sua gente. Por não terem como quitar ao Sr. Emmanuel Habimana o prejuízo causado pelas crianças e mulheres da comunidade, avieram-se com o comprador, da forma como acharam possível. Foram ameaçados de prisão pelos hutus que escoltavam o rico tutsi e sucumbiram aos escritos em verba. Ser preso era um dos maiores temores dos twas no Ruanda. Se sofriam com a discriminação enquanto homens livres, naarceragem a situação tomava ares de desgraça total. Eram maltratados pelos guardas e pelos detentos, por serem twas, e quase sempre eram mortos. Seus paludes do lago Mugesera após os limites sul-leste da Kigali Rural foram um presente de uma ONG dos Estados Unidos da América. No final de 1987, a ONG levantou fundos e adquiriu um generoso pedaço de pantanal donde os twas retiravam a argila

necessária para a confecção dos seus potes. No Ruanda daqueles dias, um país tão carente de colinas para plantio, tornou-se uma regalia excessivamente grande os pigmeus disporem de terra lavradia tão-somente para a extração de barro.

Nos anos imediatamente anteriores e no início de 1994, o Banco Africano de Desenvolvimento financiou uma enfiada de projetos agrícolas no Ruanda:

Com a intenção de minimizar o déficit de comida e melhorar as condições de vida da população rural.

Muitos empreendimentos foram prejudicados pelos trágicos eventos ocorridos em 1994. Uma das características marcantes das fazendas no Ruanda é sua pouca dimensão territorial. No presente caso, para acessar o crédito agrícola, o Sr. Habimana precisou demonstrar para a instituição financeira possuir terras livres com uma área maior que a efetivamente tida e com dimensões suficientes para viabilizar um projeto lucrativo. Ele optou pela drenagem e cultivo dos alagados, como forma de gerar um desempenho econômico capaz de arcar com o ônus do financiamento. Um estudo técnico feito por agrônomos do governo contratados por ele sugeriu:

A incorporação das terras devolutas, onde os twas exercem atividade extratora e mineradora prejudicial ao meio ambiente.

Por isso, por meio de tráfico de influência e propina em gestões perante os órgãos da burocracia legal e do documento testemunhal conseguido no dia, ele pôde se acercar do capital de terceiros e, através de advogados, obter um título de posse de terra.

Dos pântanos dos quais os pigmeus retiram, sem licença dos órgãos competentes, grandes quantidades de argila e agriem sistematicamente a natureza local.

Posteriormente à visita do Sr. Emmanuel Habimana à aldeia dos twas, Tharcisse Mugabe comentou o assunto com a médica americana.

— Dra. Isabelle, o maluco do Mukono e sua parceira Domitilla deram os nossos brejos para o Sr. Habimana utilizar em conjunto com a gente.

— Eu o conheço, Tharcisse. Ele é o patrão do namorado de Rose, Elizaphan. Vocês cederam o uso dos pantanais para ele de graça?

— Não, Dra. Isabelle, ele pagou honestamente pelo negócio!

— Quanto ele pagou para vocês?

— Ele nos deu comida. Um veículo cheio de frutas!

— Isto não cheira bem! Veremos no que dá! Se ele criar caso, nós anularemos o negócio. Fique de olho e me informe, se houver algum problema!

— Não temos condições de repor a comida do Sr. Emmanuel Habimana, Dra. Isabelle!

— Você se refere a uma camioneta cheia de bananas? Deixe comigo que eu me entendo com o larápio!

* * * * *

Nos primeiros dias após o fechamento do negócio de venda das terras encharcadas de Bugesera ao cafeicultor, tudo correu bem, porém os twas começaram a ter dificuldade de acesso, pois foram impedidos por funcionários da propriedade rural que atinham-se em medições no local. A situação se agravou após a visita de uns técnicos agrícolas do Banco Africano de Desenvolvimento, que foram avaliar as condições do terreno. O Sr. Habimana empenhara o sucesso do seu negócio com um empréstimo bancário. A liberação do dinheiro dependia da aprovação do projeto agrícola apresentado pelo proprietário rural. Os fiscais do BAD condenaram a atividade extratora dos twas e se indignaram com a finalidade a que se destinava o barro coletado e o negócio, antes acelerado, afrouxou o passo.

— Nós não podemos compactuar com essa situação, Sr. Habimana! Não aprovaremos um projeto agrícola nestes alagadiços, enquanto um grupo de indivíduos retirarem material daqui para uma finalidade alheia ao exercício da agricultura. O senhor precisa nos provar por A mais B que resolverá este problema.

— Nossa, meus amigos! Que mal há em uns míseros potes de barro que eles fazem?

— O problema, Sr. Emmanuel, é que o senhor não citou, em seu projeto, a existência desta atividade extratora na mesma terra para onde serão canalizados os recursos do nosso BAD.

Apesar de não se compadecer com a situação de miséria dos twas, o Sr. Emmanuel Habimana tentou sensibilizar os auditores litigantes do Banco Africano de Desenvolvimento:

— Não levem este detalhe em conta, rapazes! Esta argila que tiram deste charco não ofende em nada a produtividade destas minhas terras. Além do mais, eles são uns pobres coitados que não têm sequer onde caírem mortos.

— Nós não estamos aqui para discutir questões sociais do seu país com o senhor! Nosso trabalho é eminentemente técnico. Não nos leve a mal e entenda nossa posição.

Emmanuel Habimana, vendo-se ameaçado nos seus interesses comerciais, tentou não dissidiar com os fiscais e fazer valer seu melhor argumento nas rodas comerciais de que participava no Ruanda: a propina.

— Nós sabemos que, por intermédio de umas taxas extras, poderemos chegar a um acordo. Afinal, como os senhores próprios disseram, somos todos técnicos!

A carta atirada à mesa pelo fazendeiro pareceu ter sido uma escolha infeliz. Os inspetores do BAD se indignaram com a tentativa de serem corrompidos pelo contratante tutsi e foram ríspidos na resposta. Demonstraram que não seria fácil uma avença para o caso por aquele rumo.

— Não entendemos bem ou o senhor pretende nos subornar, Sr. Emmanuel?

O produtor rural tutsi, vendo a maneira decisiva com que os funcionários do Banco Africano de Desenvolvimento rejeitaram sua proposta de acerto financeiro para uma questão técnica, recuou:

— Não, meus amigos, de modo algum! Conheço a lisura das operações da instituição que representam. Apenas solicitava que, como profissionais do ramo, me apresentassem uma solução viável para este impasse. Não podemos parar este país por causa de reles twas. Eu sou um dos empresários que movem este país. Não posso ser freado por nada neste mundo. Meus negócios são o sangue que corre nas veias da economia ruandesa.

— Nós compreendemos a situação que há aqui, Sr. Emmanuel. Nossa instituição possui compromissos com a problemática social da África, pois somos signatários de vários acordos multinacionais neste sentido, porém existe uma ilegalidade e um jeito empírico e ultrapassado de se extrair o barro deste lodaçal. Lamentavelmente, não podemos aceitar essa situação e não vamos deixar de apontá-la em nosso relatório à matriz, quer isso agrade ou não ao senhor!

— Está bem! Está bem! Eu já concordei com isso! O que os senhores me aconselham a fazer?

— Apresente um adendo à sua proposta.

— Que adendo?

— Um termo aditivo ao projeto que legalize e viabilize a extração desta lama pelos twas!

— Deste pouquinho de barro que eles retiram daqui?

— Por pouco que seja, Sr. Emmanuel Habimana. Infelizmente, a lei não age por cotas.

— Está certo! Que façamos outro projeto! Quanto me cobrarão por este serviço?

— Nós? Não seremos nós que faremos esse trabalho para o senhor! Porém podemos indicar alguém, sem compromisso algum, para lhe apresentar um anteprojeto.

— De acordo. Atenham-se ao que julgarem conveniente!

— Eles chegarão aqui na semana que vem, quando lhe entregarão um orçamento preliminar.

— Orçamento preliminar? Semana que vem? Não chove tempo no meu roçado; chove água! Eles não poderiam me entregar essa papelada amanhã em Gitarama?

— Quê? O senhor não está nos entendendo bem, Sr. Emmanuel! Este pessoal mora na África do Sul. São técnicos renomados e creditados pelo Banco Africano de Desenvolvimento. Não pode ser qualquer pessoa a realizar este serviço para o senhor! Hão de ficar hospedados em Kigali ou aqui mesmo em Bugesera por pelo menos seis meses ou mais.

— Pobre de mim! Isto tudo a minhas expensas? Vocês estão loucos?

— Sr. Emmanuel, elaborar um relatório de impacto ambiental leva tempo, especialmente, em um ecossistema sensível como um pantanal. Aqui há papiros, bambus e palmeiras em profusão. Precisarão acompanhar e medir as estações das águas, catalogar animais e plantas e suas relações com as enchentes...

O estancieiro tutsi não esperou que os fiscais do Banco Africano de Desenvolvimento terminassem sua explicação. Cortou a conversa pelo meio e lhes falou:

— Parem! Parem! Parem! Por favor! Não sou o homem mais rico do mundo! Não planto petróleo, ouro ou diamantes; cultivo café!

— Pois então!

— Qual é o plano B para este impasse?

Os ímprobos auditores chegaram ao ponto da conversa para onde a tinham manejado. Estava no momento exato de aplicarem o golpe fatal no contratante ruandês. Propuseram-lhe:

— O senhor terá de tomar duas atitudes, para que possamos aprovar a liberação do empréstimo, Sr. Habimana: uma para apagar o passado e outra para prevenir o futuro.

— Quais são?

— Para garantir que não haja extração póstera de argila nos brejos de Bugesera, não poderemos mais nos permitir ver twa algum aqui dentro!

— Está certo, está certo. Dói-me, mas farei isso. Vou expulsar aquela gente deste lugar! E qual é a outra condição relativa ao passado?

— Precisamos passar uma esponja na agressão que este pântano sofreu por parte dos malvados pigmeus e fazermos vista grossa a isso tudo que se passou!

— Não sejam exagerados. Eles somente retiraram um pouquinho de lama deste lugar. Não fabricam casas de barro, porém apenas simples potes que vendem no mercado de Kigali!

— Nós não pensamos assim. O senhor deve nos convencer a não citarmos no nosso relatório à divisão de investimentos do BAD o extravio sistemático deste recurso natural.

— Se os senhores relatarem este fato, o que acarretará ao nosso contrato?

— Nada demais se o fizermos! O senhor terá de repor a terra retirada, coletando igual quantidade de outra fonte legal de extração.

— Pois podem fazer isso! Citem o que quiser! Com duas viagens de caminhão de Gitarama para cá, reponho o barro retirado e resolvo esse caso.

— Positivo, Sr. Habimana. Estamos pelo que seja do seu agrado. Entretanto, lembre-se de que haverá um atraso de no mínimo dois a três anos para que o empréstimo, depois de aprovado, seja liberado para sua conta bancária.

— Três anos? Vocês estão malucos? Por que esse tempo todo?

— É o tempo necessário para que o ecossistema torne ao normal, após o senhor repor o barro retirado daqui.

— Sejam razoáveis e práticos! O que terei de fazer para passarmos uma esponja no passado, — referiu-se, discretamente, à tal vista grossa citada antes pelos técnicos do BAD — como os senhores disseram ser possível de ser feito?

— Bem, Sr. Emmanuel, neste caso, o senhor deverá arcar com as taxas extras às quais se referiu no início da nossa conversa, em valores justos para todos nós.

O rico estancieiro viu-se obrigado a pagar uma gorda propina aos fiscais do Banco Africano de Desenvolvimento. Somente assim, pôde usufruir seus charcos comprados aos twas por uma camioneta de bananas com tantos vícios de direito. De acordo com o contrariado senhor Habimana:

Ele ficou mais pobre! Por causa dos malditos twas de Kigali que tiram o precioso barro das terras pantanosas de Bugesera, as quais são tão suas quanto a Fazenda BE de Gitarama!

Ele haveria que tomar uma providência imediata contra os ladrões dos recursos minerais de suas pertenças. Ele daria uma lição nos vadios twas que não esqueceriam jamais!

Por outro lado, ele percebia que os negócios no Ruanda tornavam-se abusivos nos anos de 1993 e 1994. O custeio da fazenda estava sufocante. Na ocasião, falou com seu capataz tutsi, François Mukakalisa, sobre a despótica espoliação de mão de obra assalariada na FBE:

— Meu fiel amigo François Mukakalisa, a mercancia está péssima no Ruanda neste limiar de ano!

— Como pode pensar assim, patrão? As glebas estão férteis e as colinas abundam de café; os silos estão abarrotados de sacas e os caminhões não param de entrar e sair da

Fazenda BE.

— Há algo de sinistro com a produção!

— Como assim, senhor?

— Os custos estão indo para as alturas!

— Não pode ser! Diminuí o soldo dos empregados, como me recomendou! Quem não aceitou de boa vontade foi acossado ou expulso sem direito a nada!

— Eu sei que você é um bom feitor e comanda essa gente regularmente. Será um bom administrador de fazenda, por certo.

— Essa tarefa deixo para seu filho, Sr. Emmanuel Habimana. O que o aflige? Alguém o importuna?

— Não, Mukakalisa, ninguém em especial me incomoda no momento. São os tratos mercantis que estão viciados demais. A cada jornada, tenho de destinar mais dinheiro para comprar a simpatia dos hutus. Esta guerra tola perde este povo e deixa o Ruanda em bancarrota com uma geração de parasitas preguiçosos. Hoje é difícil encontrar um jovem que saiba manusear uma enxada; entretanto, em cada esquina esbarramos num bando deles que entendem de armas.

— São os tempos ruins, senhor! Havemos de ter paciência que há de terminar essa peleja entre a Frente Patriótica Ruandesa e o Exército Hutu.

— Conto que esteja certo, François, pois cada vez mais eu e você trabalhamos para sustentar a gula dos hutus que comandam essa matança da nossa estirpe, o próprio povo tutsi!

* * * * *

Desenvolvi um método de acompanhamento da condição de saúde das crianças twas de Kigali, mesmo sem poder ir ao vilarejo amiúde, pois já não aguentava a implicância do Dr. Mike:

Deixe os twas viverem a vida deles em paz, Dra. Isabelle!

Comprei uma pequena balança de segunda mão de um feirante local e a dei a Tharcisse Mugabe para que ele, quinzenalmente, pesasse as crianças da vila. O desenvolvimento twa fez uma tabelinha em uma folha de papel com frente e verso onde anotou uma identificação para cada pequerrucho nas linhas e os dias nas colunas, certinho. Duas vezes por mês, ele ia à minha

residência com a atualização mais recente da tabela. Notei uma queda generalizada no peso das crianças. Curiosa com o fato, questionei o twa.

— Você se enganou em alguma coisa desta vez, Tharcisse Mugabe, pois todas as crianças perderam peso, algumas de forma acentuada.

— Não há erro algum, Dra. Isabelle!

Ao perceber a seriedade e a segurança do amigo, imaginei que algum surto de doença oportunista ou virose acometera as crianças twas da comunidade de Kigali.

— Como não? O que ocorreria a estas crianças para perderem tanto peso? Estão todas doentes? E por que você não anotou nada destas duas aqui?

— Não, as crianças não estão doentes. As duas que faltam morreram esta semana, uma delas ontem à noite.

Fiquei assustada, pois a provável epidemia poderia ser grave a ponto de ter matado duas crianças.

— Deus do céu! Morreram? Qual o motivo desta desgraça? Você tem alguma ideia?

— Sim, todos nós na aldeia sabemos de que morreram.

— De que elas faleceram, afinal?

Com a maior naturalidade do mundo, como se estivesse me dizendo algo comum e corriqueiro para os twas, ele me falou:

— Elas morreram de fome!

— Quê! De fome? Jesus! Matwa! Não pode ser! Elas estavam quase gordinhas faz um mês!

Pasmei da situação. Estava em pé; todavia, ao ouvir a informação bombástica da boca do amigo, eu me sentei em uma cadeira. Algo acontecera desde a última vez que eu fora à comuna pigmeia. O twa precisava me dizer o que ocorrera de tão grave a ponto de causar a morte de dois inocentes anjinhos nascidos recentemente. Perguntei:

— O que pode ter gerado esta fatalidade?

— Nós não mais fabricamos os potes de barro, Dra. Isabelle! Quase todos agora vivem da mendicância pelas ruas da cidade. Não dispomos de esmolas suficientes nestes tempos. Além do que, os hutus da Interahamwe estão perseguindo os twas pedintes. Espancaram e levaram presos alguns de nós com a alegação de vadiagem. Os que temem pela vida e evitam a mendicância não encontram o que dar para os filhos comerem. Os doentes e fracos morrem. Eu estou bem por causa do meu jardim. Incluí outros twas no meu negócio, mas não tenho flores para todos venderem e não existe tanta gente querendo este produto. Mukono é outro que está tranquilo, pois se alimenta da caça perigosa e ganha dinheiro do Padre Jumpe. A senhora pode nos ajudar?

— É claro que vou ajudar vocês, Tharcisse Mugabe. Vamos hoje mesmo ao povoado! Diga-me uma coisa: por que vocês pararam de fabricar a cerâmica?

— Não temos donde coletar barro, Dra. Isabelle!

— E os paludes de Bugesera? Secaram?

— Para nós, batwa, sim! A senhora esqueceu que eles não mais nos pertencem?

— Sim, eu sei disso, porém existe um acordo com o Sr. Habimana para que vocês continuem a retirar o pouquinho da argila de que necessitam.

— Não existe acordo faz pelo menos um mês e meio! Há twa ocioso como quê! Quem entra nos atoleiros é recebido à bala. Ninguém mais tem coragem de ir apanhar o barro, porém pretendemos ir buscá-lo, escondidos. Se não fizermos isso, morreremos todos de fome. Só vejo uma solução, Dra. Isabelle.

— Qual?

— A senhora precisa nos ajudar a falar com o Sr. Habimana. Ele tem de nos devolver nosso barro.

Peguei minha moto e fui com Tharcisse Mugabe à vila dos twas. A situação deles era crítica. Preparavam-se para ir buscar argila nos brejos de Bugesera, em um claro repto à determinação do rico fazendeiro. Eu não poderia criticar e pedir àquela gente que não se arriscasse, pois era a vida deles que estaria em jogo, se não conseguissem os meios para a subsistência da comunidade.

* * * * *

Durante o dia todo, Isabelle e o twa procuram o Dr. Mike, porém ele não estava na Capital. Saíra em uma das suas misteriosas viagens. Quando foi encontrado, no seu retorno, estava no hotel. O médico desceu do quarto e foi ao encontro de Tharcisse Mugabe que chegara à porta do Mil Colinas e fora impedido de entrar pelos seguranças do estabelecimento.

— O que houve, twa? Aconteceu algo à Dra. Isabelle?

* * * * *

Atendendo ao recado dado por Tharcisse, o Dr. Mike veio à minha residência. Ao chegar, olhou-me penetrantemente, como se averiguasse se algo inusitado ou ruim acontecera a ponto

de me fazer mandar-lhe uma mensagem por meio do twa. Após tatear-me, constatou que tudo estava bem comigo, fato que atiçou sua curiosidade. Eu, na oportunidade, conversei com ele, especialmente, sobre os Estados Unidos e a Inglaterra. Relatamos um para o outro quais eram as nossas rotinas nos nossos países de origem. Ao alcançarmos alta hora, noite adentro, a conversa ficou picante, fazendo-o me apresentar toda uma galantaria de frases de efeito e conteúdo sedutor. Acreditava que eu não percebia o laço que me atirava ao pescoço, a fim de ter-me em seus braços.

Será que o Dr. Mike não percebe que eu não sou uma de suas amigas tutsis?

Ao passo em que o canto de sereia do inglês me sufocava, deixava-me seduzir por ele. Fiz de tudo para mantê-lo à vontade. Sabia que, se lhe desse o que aparentava querer de mim, não me negaria o obséquio de visitar a Fazenda Boa Esperança em Gitarama. De outra forma, seria uma tarefa árdua convencê-lo a fazer algo contra seus princípios em favor de Tharcisse Mugabe ou dos outros twas. Ele considerava os twas fadados à extinção e absorção pelas outras etnias.

— Os twas estão vivendo o final da sua jornada, Dra. Isabelle. Creia nisso e pare de lutar contra a evolução! A seleção natural das espécies é conhecida desde Charles Darwin. Espanta-me constatar que a senhora, uma mulher da ciência, não aceite esta realidade!

— Não seja fatalista! Não os trate como animais irracionais. Lidamos com decisões pensadas e não instintos.

— Os twas que se salvarão da extinção serão os que se misturarem aos tutsis ou hutus.

— Não me faça rir! Não conheço um casamento sequer entre twa e não twa.

— Quem está falando em casório?

— Não?

— Claro que não! A salvação da espécie híbrida e a propagação dos genes dos twas serão alcançadas por meio dos estupros dos hutus contra as pobres pigmeias.

— Às vezes, o acho monstruoso, Dr. Mike! Se não confia ou não tem fé no Divino, pelo menos, tema a possibilidade dum encontro futuro com Deus!

— Os estupros dos hutus têm um propósito histórico, social e antropológico para os twas neste país. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Convidei o Dr. Mike para cearmos e tomarmos o vinho francês que recebera da minha mãe pelos correios no mês anterior. À noite, deitei-me com ele e realizei muitas das suas fantasias afogada em vinho seco. Em troca, apresentei-lhe a amarga fatura dos meus serviços de cortesã americana. Se, no momento, eu lhe pedisse para enfrentar, sozinho, em campo

aberto, todo o exército turco, ele o faria por mim; assim, como haveria de me negar encarar e contestar os interesses de um estancieiro tutsi mal-humorado que não gostava de twa?

Ao enxergar de manhã aquele homem ressecado recusar o desjejum, sair reclamando de dores de cabeça e apregoando arrependimento, com o semblante maldormido e em completo desalinho, ri em surdina, deleitando-me com a cena hilária. Ele fazia sucesso com as tutsis, no entanto, nada entendia das americanas. O lorde inglês teria problemas, se morasse em Nova Iorque. Antes de sair em direção ao hospital, falou-me que providenciaria, ao longo do dia, um modo discreto e socialmente aceitável de ajustarmos o assunto com o cafeicultor Emmanuel Habimana. Percebi que ele ficara possesso comigo, porém não podia fazer nada quanto a isso. Temi que descarregasse sua ira em Tharcisse Mugabe e foi o que exatamente se deu, logo depois, à tarde, quando o encontrou negociando seus potes de violetas-africanas na feira local. Contaram-me que o médico inglês estava possuído pelo capeta, quando pegou o twa e deu-lhe uns cascudos sonoros. Assentou-lhe bofetes em plena praça pública e teve de ser contido por transeuntes para não matar o pobre-diabo. Assim que se desvencilhou do inglês, Tharcisse Mugabe fugiu tão rápido que mesmo um guepardo faminto não o alcançaria em uma savana capinada. O Dr. Mike o perseguiu de Land Rover desembestado a berrar por toda Kigali. Contudo o fujão correu tanto que só parou no cafundó de judas em segurança. O médico ficou a resmungar justificativas para perplexos desentendidos ou supostos ouvintes:

Tharcisse Mugabe é um pigmeu metido a bonzinho, mas, na realidade, é sonso e espertalhão! Um santo do pau oco dissimulado, é isso que ele é! Este sim é o verdadeiro perigo até mais que Mukono! O maldito twa está enchendo de minhocas a cabeça da Dra. Isabelle!

Sem ter alternativas, pois não viu possibilidade de desistir da visita à Fazenda BE sem magoar a namorada, o Dr. Mike procurou seus amigos na embaixada britânica e, por intermédio deles, marcou uma reunião com o Sr. Emmanuel Habimana em Gitarama. Ao saber por terceiros que postulavam terras para os twas, o empresário rural não quisera recebê-los, todavia, diante da inquebrantável insistência do Embaixador Britânico, aceitou o encontro, contudo foi categórico acerca da impossibilidade de Tharcisse Mugabe pôr os pés em sua propriedade:

Pois lá não é lugar para gente preguiçosa, tampouco maconheiros!

Em uma quinta-feira, à tarde, após o almoço, na picape da Cruz Vermelha, eu e o Dr. Mike pegamos o caminho das estradas de terra vermelha dos arredores de Kigali. Larguei-me à experiência de ver a cidade de um ângulo que eu até então desconhecia. Mergulháramos no campesinato ruandês. Em meio a pessoas atarefadas, vimos muitos pássaros: íbis, nectarínias,

rouxinóis, coucais, turacos e tecelões. Pequenos animais cruzaram o nosso caminho. Eram mamíferos roedores. A natureza foi grata com o Ruanda, pois a beleza estava espalhada por todos os cantos para onde olhássemos. Saboreávamos a experiência campeira. Atravessamos arroios de diáfanas águas e pequenas corredeiras afluentes do Rio Nyabarongo.

— Veja aquele belo casal de pássaros ali, Dra. Isabelle!

O Dr. Mike parou a Land Rover e falou-me miúdo, quase aos sussurros, para não atrapalhar o acasalamento dos passarinhos.

— Onde, Dr. Mike?

— Lá no podocarro, à nossa frente, à direita. São turacos iniciando o ritual de acomodação ao amor.

— São lindos!

— O que acha de colocarmos uma armadilha logo ali para levarmos um deles em uma gaiola na volta? Quando nós passarmos por aqui no nosso retorno, pode estar capturado.

— Que nada! Ficou louco? E nós vamos tirar a liberdade dos coitadinhos? Nem pensar!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! — o Dr. Mike sorriu.

Acredito que o médico tenha me proposto isto por pura gozação. Conhecia minha posição em favor da inviolabilidade da natureza que resta no mundo e que não compactuo com caçadas, exceto para a própria subsistência. Ele ligou o veículo e continuamos nossa jornada pela Kigali Rural. Escolhera um percurso que nos mantinha em evidente contato com a natureza. Nós dois precisávamos duma sensação daquelas no país tumultuado.

Ao chegarmos ao portão frontal da Fazenda Boa Esperança, um calafrio tomou conta de mim. Senti-me como um cavaleiro medieval que adentra um enorme castelo repleto de perigo com o propósito de salvar a donzela aprisionada pelo cruel lorde malfeitor da época. Pareceu-me que eu ia para uma audiência com um dos antigos Mwamis, reis tutsis, e não com um fazendeiro de Gitarama. A importância da questão me fazia vacilar. As histórias que me contara o meu pai, com um livro às mãos, à beira de minha cama, quando menina, apareceram na minha mente como uma flor que desabrocha após um longo período de estiagem. Aquele lugar era limpo e encantado. Nada lembrava o Ruanda dos córregos, das favelas e da pobreza que eu conhecera até então. Ali a fartura possuía um desempenho monocromático: o verde tomava conta de tudo. Quanto mais penetrava na FBE e me anexava àquela paisagem rural, com muitas árvores frutíferas, mais acudia à memória a lembrança da minha mãe de avental na cozinha, cedo de manhã, chamando-me insistentemente para desjejuar.

Isabelle, apresse-se, menina! Venha logo comer ou você perderá a hora da sua escola!

Um cheiro fortíssimo de café fresco tomava conta de todo o lugar; entrou pelas minhas narinas e pareceu-me que foi parar dentro do meu útero de tão forte que era. De imediato, percebi por que Rose não suportava me ver tomar um cafezinho para espantar o sono nas tardes cálidas e úmidas, após almoçarmos juntas em minha casa nos anuviados domingos. Sem complacência me encaminhava à sesta:

Meu Deus, Dra. Isabelle! Tire um pequeno cochilo; não vá contra sua natureza. Eu cuido de tudo para a senhora. Não tome tanto café, pois lhe faz mal!

Morar na Fazenda Boa Esperança era o mesmo que enfiar a cabeça dentro de uma saca de café torrado, abrir os pulmões e respirar bem fundo. Um paraíso sonhado por baristas viciados.

Percebi que havia outras lavouras secundárias como feijão, arroz e milho, porém a principal cultura do local era o onipresente café que reverdecia os cerros. Ao largo, pastoreado por ninguém, um razoável rebanho de chifrudo gado ankole, que servia para o consumo próprio e escambo nas baixas estações, ali estava a alimentar-se por si só num esverdeado prado. Por trás do rebanho, alteavam-se os morros cortados em curvas de níveis para acondicionarem fieiras de cafezais.

Fomos recebidos por François Mukakalisa, capataz tutsi, que nos disse para sairmos do veículo. Pediu-nos que lhe entregássemos a chave de ignição da camioneta. Ele a passou para outro empregado rural que levou o automóvel para a garagem local. A residência principal onde moravam os habimanas era larga, entretanto, não luxuosa. Um homem, para ter juntado tanto dinheiro ao longo da vida, não poderia ter o perfil de um gastador de recursos financeiros. O Sr. Emmanuel era comedido em seus dispêndios.

Entramos e fomos recebidos pela esposa do Sr. Emmanuel, uma senhora hutu de aproximadamente 43 anos com os cabelos brancos e descuidados que se chamava Béatha Habimana. Ela nos acomodou em um sofá simples, amplo e discreto assim como todo o mobiliário do lugar. Sequer ornatos havia nas paredes daquela sala. Se não fossem pelas fotos dos membros da família em uma prateleira numa estante e por uns galhos de roseiras com belas rosas vermelhas em um jarro de barro twa, a sala de estar de alfaias rústicas poderia ser confundida com um apenso de um escritório qualquer. Um rádio antigo sintonizado na Mil Colinas com seus programas racistas incutindo ódio contra os tutsis chamou-nos a atenção para as palavras de ira racial e radicalismo sectário, que escutamos, enquanto aguardávamos o cafeicultor nos receber.

Béatha Habimana nos falou:

— Boa tarde, meus amigos. — ela possuía a voz meiga e a fisionomia cansada de quem trabalha muito por longo tempo. — Meu nome é Béatha Habimana. Sentem-se aí e aguardem meu esposo. Ele está supervisionando o embarque dum lote de café vendido para a Bélgica. Já

ouvi falar da senhora, Dra. Isabelle!

— Sério? Meu nome chegou aqui em Gitarama antes de mim?

— Com certeza, sim! De vez em quando, ouço alguma notícia sobre a senhora na Mil Colinas ou leio algo no jornal.

— Boas ou más notícias, Sra. Béatha Habimana?

— Ah! Ah! Ah! Eles divulgam um pouco de tudo. A senhora é um caso à parte, Dra. Isabelle. Toda mulher sofredora lhe tem apreço. Eu adorei a reportagem sobre como deu uma surra em três hutus da Interahamwe. Ah! Ah! Ah! Ah! E é muito valente.

— Não dei sova em ninguém. Eles ficaram constrangidos, ao me baterem em rua pública, e usaram pouca energia na contenda.

— Espero que vocês consigam aquilo que vêm procurar aqui. Eu falei para Emmanuel que deixe esta história de terra de twa para lá. Não precisamos dela. Eu o alertei, além disto, que maltratar twa dá azar!

— Obrigada, Sra. Béatha Habimana. Conto que seu marido seja tão compreensivo quanto a senhora — Ela me esclareceu alguns pormenores de um contrato informal de arrendamento de terras entre o proprietário rural e os twas.

— Lamentavelmente, não conte com isso. Emmanuel é um homem de cabeça dura, porém no final, pode deixar que o convenço a atendê-la. Sei que a senhora é uma boa pessoa que faz muito pelos pobres daqui. Somente não entendo por que defende tanto esses boas-vidas twas. Vivem vagabundeando por aí. Não se importe com eles. O próprio Emmanuel tentou ajudá-los empregando-os aqui, contudo não aprendem nada. Não prestam nem para biscatear. Apenas servem de núncios para fazer mandos, como moleques de recado e mesmo assim se não for notícia importante a ser dada. Nós ademais tentamos trabalhar de meia com alguns deles, arrendando umas pequenas sesmarias de nossas colinas. O que produzissem dividiríamos meio a meio. Foi um desastre! Não conseguiram ficar com as roças. Muitos tiveram suas terras tomadas por tutsis ou hutus. Não têm força para manter o que é deles. Um deles trocou seu lote por umas garrafas de bebidas. Emmanuel teve dificuldade para reaver os terrenos das mãos de terceiros. Houve mortes e ele teve de andar escoltado por seguranças armados, por um bom tempo.

— Nós os estereotipamos, Sra. Béatha Habimana — expliquei-lhe que o povo fabulava muita coisa má sobre eles.

A esposa do Sr. Emmanuel não entendeu ou não se interessou pela minha assertiva. Por isso mudou de conversa.

— É mesmo verdade que o espírito da sua mãe apareceu para a senhora? — tateou-me.

— De certa forma, sim.

O Dr. Mike não gostou do assunto esotérico e saiu para o avarandado contíguo. Foi

observar a rotina agrária da FBE, visto que era uma oportunidade ímpar de presenciar a faina do lugar. Encantou-se com o ruje-ruje dos trabalhos na ceifa do café.

— Eu queria que minha mãe aparecesse para mim, Dra. Isabelle. Como a senhora conseguiu estabelecer um contato com um ser do além?

Fiquei sem saber a resposta que pudesse dar àquela pergunta singular. O Dr. Mike que via, sabia e ouvia tudo, respondeu do terraço:

— Sra. Béatha Habimana, procure um twa de Kigali chamado Mukono e lhe peça um gole de chá! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

— O quê, senhor?

Eu falei para a carola mulher:

— Não ligue para ele, senhora. É um desencaminhado que zomba de nós! É um pagão sem sorte. A única certeza que leva da vida é que irá se queimar na pedra do inferno ao morrer!

O Dr. Mike continuava a soltar largas gargalhadas:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

A Sra. Béatha Habimana fez um sinal da cruz e acendeu uma pequena vela meio gasta numa peanha de cimento aos pés de uma imagem de Nossa Senhora, na tentativa de imunizar aquele lar contra a carga pecaminosa que trazia o Dr. Mike dentro de si. Falei-lhe:

— Ora bolas! Dr. Mike! Deixe-nos em paz e pare com essa pilhéria! Não há nenhuma tutsi de pernas grossas passando pelo senhor aí fora?

A Sra. Béatha Habimana respondeu-nos:

— Temos sim uma tutsi formosa neste cantão! Uma mocetona alta de nome Rose!

— Nós a conhecemos. Rose é minha melhor amiga no Ruanda. É minha enfermeira no Centro Hospitalar de Kigali. Quase esqueci que ela mora neste lugar. Ela está aqui?

— Infelizmente, não. Ela foi a Gitarama, contudo logo retornará. Todavia não é livre, pois namora um hutu feioso chamado Elizaphan.

Eu ri do comentário.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Acho Elizaphan simpático.

— Pois sim! Não seja tão gentil. Percebe-se facilmente que aquela menina linda merece coisa melhor!

Esperamos o Sr. Emmanuel Habimana por cerca de uma hora e meia na companhia da simpática senhora. O Dr. Mike estava disposto a desistir da empreitada ou marcar outra ocasião para a visita, porém foi desestimulado por mim. Ele dizia que eu era irreduzível e, quando pretendia conseguir algo para mim, não arrefecia diante de nada.

O cafeicultor, Emmanuel Habimana, entrou na sala e me olhou penetrantemente, de forma desafiadora, como se quisesse me dizer:

Como você ousa vir à minha casa contrariar os meus interesses comerciais?

— Boa tarde, Dr. Mike e Dra. Isabelle, desculpem-me a demora. A cada dia, esta fazenda me apresenta diferentes desafios. É uma honra receber em minha humilde morada pessoas tão ilustres. Acompanho o trabalho dos senhores faz algum tempo. O Ruanda só tem a agradecer os serviços que prestam para nós.

Eu lhe respondi:

— Nós o compreendemos, Sr. Emmanuel. Sabemos que é um homem ocupado. Durante este tempo ficamos na companhia da sua adorada esposa. Há exagero em suas observações. Existem trabalhos na área médica no Ruanda que alguém deve assumir. Se não formos nós a realizá-los, não haverá dificuldades para se encontrar quem os faça.

— Minha mulher, a despeito de não a conhecer bem, admira-a muito, Dra. Isabelle. Custa-me crer como não lhe tenha oferecido um emprego de administradora desta empresa, durante a conversa entre vocês.

— Meus afazeres são distintos do plantio ou criatório, entretanto, ser-me-ia um prazer trabalhar ao seu lado.

— Pois é, até ontem, antes de falarem da sua visita a esta fazenda, eu juraria que o negócio da Cruz Vermelha se limitasse aos casos de saúde.

— Por coincidência, graves assuntos de saúde me trazem aqui, senhor!

— Como assim?

— Venho lhe comunicar a morte de duas crianças twas da comunidade de Kigali.

— Por que me repassa esse fato em vez de encaminhá-lo ao serviço funerário da capital?

— Porque morreram de subnutrição crônica!

— É uma tristeza o que acontece neste país. Poucos como eu trabalham para gerar alimentos para tantos parasitas que nada fazem além de pegar de espingardas e facões. A pobreza deste país, por certo, matou esses seus amigos. O que quer de mim?

— Que permita o acesso dos twas aos pântanos para que possam retirar a argila de que tanto necessitam, como lhes prometeu que faria.

O estancieiro sabia perfeitamente o motivo da visita. Ele conhecia o nosso interesse de que meus amigos twas continuassem a ter acesso ao suprimento de barro diretamente dos

paludes de Bugesera de que ele agora dispunha e que adquirira por meios pouco éticos.

— Eu realmente iria fazer isso, Dra. Isabelle! Não fui eu quem os proibi de entrar!

— Então quem foi?

— Os órgãos de controle ambiental e o Banco Africano de Desenvolvimento, que financia meu projeto no pantanal. Eles afirmam que a extração de terra daquele lugar é ilegal. Não pense mal de mim. Não acredite que nós empresários ruandeses sejamos ingratos.

— Estamos, na condição de amigos, protegendo os interesses dos Twas, que, em boa parte, depende da fabricação de cerâmica para sobreviver.

— Eu sei disso. Por sinal, eu uso aqui na fazenda os utensílios fabricados por eles. São de boa qualidade, contudo a farta oferta de vasilhames de plástico, a baixo preço, inviabiliza a aquisição dos seus potes. Sendo assim, melhor seria que procurassem um novo ramo de atividade, pois este atual está fadado ao fracasso. São as duras leis do comércio e do mercado. Sei do interesse dos senhores no caso, entretanto, nada posso fazer por aqueles twas.

Curiosa acerca do porquê de o Sr. Habimana tanto querer apoderar-se das terras dos pigmeus, perguntei-lhe:

— O que existe de especial naquelas glebas que tanto o atrai? — ele me disse:

— Não tem nada incomum. Vou drenar aqueles encharcados para iniciar uma nova plantação!

— O senhor plantará o que, ali? Bananas ou café?

— Não. Vou iniciar um ramo novo e lucrativo. Vou plantar patchouli!

— O que é isso?

Ele me respondeu:

— Patchouli é uma planta de onde retiramos um óleo muito usado nas indústrias de cosméticos. Do seu sumo é extraída uma atrativa fragrância ideal para se fazer perfumes. — o produtor rural acreditava que a cultura se adaptaria bem ao ecossistema palustre de Bugesera.

O Sr. Emmanuel Habimana nos levou aos fundos da sua casa onde plantara algumas mudas de patchouli. As plantinhas me pareceram algum tipo destas verduras folhadas que colocamos nas saladas. Elas estavam perfiladas em linha em um canteiro experimental cuidadosamente mantido. Eu quase não acreditei no que ouvira e via ali na minha frente. Aquele homem condenava, talvez à morte, por falta de comida, um bom número de seres humanos, para plantar seu perfume supérfluo. Foi muito para mim e lhe falei rispidamente, sendo depois repreendida pelo Dr. Mike.

— O senhor deveria se envergonhar, Sr. Emmanuel! Como pôde tomar os terrenos dos twas para plantar perfume?

— Eu estou com esta nova cultura entrando de vez no mercado internacional. Tenho de fomentar minhas terras.

* * * * *

Cobiçoso, ele cuidava do pequeno canteiro como se fosse uma criança que tinha adotado. Por conseguinte, era compreensível, porque ele fazia tanta questão de pôr em prática sua nova empreitada. O interesse do fazendeiro em plantar o patchouli decorreu de necessidades financeiras em tempos de exceção. Era uma aposta em dias melhores.

— O senhor deve algo àqueles twas, Sr. Emmanuel Habimana!

O estancieiro percebeu que Isabelle era uma dura negociadora e que estava decidida a lutar por interesses que se confrontavam com os dele. Ele a avaliou e percebeu que não deveria desprezar sua capacidade de causar-lhe algum prejuízo econômico ou político no Ruanda. Lamentou não ter sabido antes que, ao se meter em negociações com os twas, teria necessariamente que a envolver no caso. Não sabia o que fazer com ela, portanto tentou ganhar algum tempo, dando-lhe algum alento. Depois analisaria como se posicionar diante dela e, sobretudo, do Dr. Mike, em relação àquele caso. O Sr. Habimana sabia que o inglês era um homem de prestígio entre os governantes hutus, por isto, deveria agir com cautela no assunto.

* * * * *

— Tive uma jornada sobrecarregada, Dra. Isabelle. Preciso descansar um pouco. E não me sinto bem, contrariando uma jovem tão trabalhadora como a senhorita. Vamos nos dar um tempo e chegarmos a um acordo preliminar. Depois retornaremos a este caso...

— Que acordo o senhor nos propõe?

— Eu lhe darei um prazo de seis meses para a senhora e seus twas continuarem a retirar o barro dos meus charcos. Eu me entenderei com os acionistas deste projeto, por meu lado. Após este período, a senhora os alojará em outro lugar, longe das minhas glebas.

O prazo de seis meses de liberação do acesso dos twas à matéria-prima, que o Sr. Emmanuel Habimana nos oferecia, não era exatamente a melhor opção, entretanto, o Dr. Mike me fez enxergar que era, dentro das atuais circunstâncias, o justo ou o que de melhor poderíamos conseguir. Desta maneira, acertamos com o cafeicultor, da forma como estabelecera. Se não era uma solução para o caso, pelo menos, dava-me um alento para pensar em alternativas ao artesanato.

* * * * *

O Sr. Emmanuel Habimana era um homem sem escrúpulos, quando o assunto era negócio. Prometera o que não queria e tampouco pretendia cumprir no futuro. Ele não poderia adiar o início do plantio de patchouli sequer por uma semana, que dirá por seis meses! Todavia não achou oportuno confrontar abertamente dois ilustres forasteiros a serviço valioso do Ruanda. Ele não acreditava que o poder hutu fosse contra ele em uma contenda contra insignificantes twas. Aqueles pequenos aldeões que utilizavam seu barro eram indigentes sem uma única vírgula em lei que os protegesse. Ele temia o poder de influência dos médicos.

* * * * *

Ao iniciarmos o caminho de saída da quinta, eu e o Dr. Mike, aliviados e com a sensação de missão cumprida, conversávamos descontraidamente como se fôssemos dois colegas à porta de um play station de um centro comercial qualquer. Uma sensação de dever cumprido e de trabalho benfeito tomara conta de nós. Pude ver o quanto era linda e próspera a paisagem rural da Fazenda Boa Esperança repleta de gente simples e animais bem-alimentados. As moitas de café pareciam uma rasteira grama, escorrendo pelas ladeiras do outeiro ao meu lado, como um véu verde que descia pelo dorso de uma bela e fértil mãe africana. O estresse do crespo diálogo anterior travado com o Sr. Habimana produzira efeitos fisiológicos em meu interior: uma vontade louca de urinar tomou conta de mim. Entrei a espremer as pernas uma em outra, comprimindo a bexiga. O médico percebeu meu incômodo, quando denotei não prestar atenção aos seus comentários e me indagou:

— O que foi, Dra. Isabelle?

— Dr. Mike, precisamos retornar, por favor!

— A senhora está louca! Voltar por quê? Esqueceu algo lá?

Ele não desejava rever tão cedo o fazendeiro. Calculava que nossa presença novamente naquela moradia, na ocasião, engendraria efeitos negativos em relação à nossa demanda, tão debatida.

— Preciso urinar, doutor. Dá para entender isso?

— Por que a senhora não utilizou o sanitário da residência dos habimanas? — falou-me em tom de reprovação.

— Simplesmente, porque somente agora senti precisão de urinar!

Para minha contrariedade ele se recusou a dar meia-volta no veículo e retornar à residência da Fazenda Boa Esperança. Propôs-me que urinasse, por ali mesmo, no mato e,

para me encorajar, com aquele jeitão inoportuno dos homens, agravou a situação, dizendo-me que faria o mesmo:

Pois quando um inglês urina os outros urinam também!

De início, achei ridícula e até deselegante a sugestão, entretanto lembrei-me das festas de final de ano, nas quais, em grupos de jovens, fazíamos muitas loucuras do tipo, após animadas comemorações e drinques noite adentro. Desci do veículo e me dirigi à brenha com extremo desvelo, não querendo imaginar o transtorno de ser surpreendida desnuda por algum trabalhador daquela possessão

Não sei se me afastei do veículo além do que deveria, porém, quando estava acorada em um cantinho ermo do matagal, ouvi um burburinho que se encaminhava para mim. Percebi, para meu desespero, que a três metros existia uma trilha estreita por onde as pessoas do local cortavam caminhos entre as distâncias que percorriam no lugar. Fui silenciosamente para trás de uma barreira e fiquei escondida por uns arbustos, olhando na direção donde vinham aquelas vozes cada vez mais próximas. Pude enxergar claramente um grupo de uns oito milicianos da Interahamwe que parou perto de mim. Liderando-o estava o meu conhecido Canisous Rubuga a conversar animadamente com o Sr. Habimana. Os rapazes do grupo, todos jovens hutus radicais, estavam alvoroçados, como se estivessem sob o efeito de drogas ou álcool. Pareciam formar um grupo de punks na Champs Élysées ou de hooligans nos pubs ingleses. Alguns deles amolavam com pedras suas facas de bolso e testavam a seguir os fios das lâminas dos seus facões, ensaiando-os para um lado e para o outro, derrubando galhos, como se cortassem manteiga. Fiquei amedrontada.

E se resolvessem vir capinar minha moita favorita?

Não seria uma boa coisa ser encontrada por aqueles marginais despida na campina. Percebi que estava com um belo problema e entrei a suar frio e tremer as pernas. De repente, fiz um movimento brusco, fruto de um desequilíbrio momentâneo e uma pequena pedra rolou ladeira abaixo. Para minha ventura, o barulho chamou a atenção de apenas um dos hutus. Ele olhou fixamente na direção donde se produziu o som e seus olhos apontaram diretamente para os meus. Eu gelei abruptamente. Estava certa de que seu olhar percebia o meu. Ele caminhou para o local onde eu estava, atenta e curiosamente. Quase que me antecipei e me apresentei de vez, dizendo algo do tipo:

Olá, muito prazer; eu sou a Isabelle e estou aqui nua escutando a conversa de vocês sem querer!

Achei que havia algo estranho naquela cena. Não me senti segura o suficiente para me mostrar aos hutus da Interahamwe. Por conseguinte, enquanto eu ouvia o som das suas botas firmes pisando em gravetos pelo chão acima de mim, eu me escorregava um pouco para baixo até me esconder deitada por trás de uma formação vegetal emaranhada num nível abaixo do meu caçador. Podia vê-lo por uma frincha entre as folhagens por sobre minha cabeça. Entre mim abaixo e ele acima existia um oportuno arbusto. Ele olhou para todos os lados, inclusive para baixo, e atçou a audição concentrando-se como um guepardo que procura um filhote de gazela-de-thomson, agachado e camuflado na savana do Serengeti. Desembainhou seu facão e fez um ritual qualquer com sua lâmina, roçando-a na perna direita, pressentindo ação. Pareceu-me que farejara, de forma tênue, o meu perfume em meio a tantos odores silvestres, contudo não o associou a um ser humano. Nenhum animal possuía tal cheiro produzido pela minha seiva de alfazema misturada com café, lama, estrume de vaca, e urina incontinente que escorria por minhas pernas. Por isso, ele se encheu de dúvidas e curiosidade. Prostrou-se em guarda, como um espadachim prestes a lançar seu machete. E, como um hábil predador, ficou instintivamente no limite de dar o passo certo para me pegar, engatilhando-se contra mim. Contraí meus músculos e me preparei para contra-atacar. Eu teria de agir, de imediato, antes que ele me golpeasse. Uma voz salvadora de comando do seu chefe livrou-me do inoportuno encontro com o miliciano ou do seu bote súbito.

— Ei! Você aí...! Venha escutar as orientações... Tua mãe não lhe deu educação, safado?

Canisous Rubuga advertiu-o grosseiramente, como se falasse com um cão. Achou uma tremenda indelicadeza da parte do seu subordinado afastar-se sem autorização do grupo que escutava o cafeicultor. Ele veio em direção ao rapaz e deu-lhe um tapa na cara, para que todos vissem o castigo e escutassem seu som estalido e pedagógico.

Fiquei imóvel como uma pedra, para não ser percebida por ninguém. Imaginava o que aquela gente tanto falava. As palavras chegavam altas aos meus ouvidos, no entanto, distorcidas pelos ruídos de facões sendo amolados e de risos de mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Falavam depressa numa kinyarwanda por demais vulgar. Eu somente conseguia compreender um pouco do idioma, se meu interlocutor tivesse a prévia intenção de ser entendido por mim. Se, ao menos o Dr. Mike estivesse ali, eu saberia sobre o que conversavam. Saí esgueirando sorrateiramente para não ser percebida por eles. Não podia permanecer um minuto sequer naquele lugar. Temia que o inglês viesse me procurar descuidadamente ou gritasse o meu nome. Ao chegar ao veículo e, após termos nos afastado o suficiente para eu estar certa de que ele não retornaria, por qualquer motivo, contei-lhe o ocorrido e lhe perguntei o que aqueles fanáticos hutus armados e sinistros estavam a fazer na propriedade do Sr. Emmanuel.

Ele me explicou:

— Os hutus provavelmente buscam dinheiro. Extorquem-no. Estão de olho na fortuna do cafezista tutsi.

Eu contra-arguntei.

— Pareceu-me que eles concluíam algo importante em uma conversa amigável.

— Ah! Ah! Ah! Ah! ... Amigável? Uma conversa entre um tutsi e os hutus da Interahamwe? A senhora estava com muita necessidade de urinar por certo! Ah! Ah! Ah! Ah! Desconcentrou-se na certa!

O Dr. Mike, alegre, entrou a cantarolar músicas dos anos sessenta e setenta do século XX, dos tempos da contracultura e do auge do movimento hippie do qual participou. Contraditoriamente à seriedade do seu trabalho, de algum modo, ele também tinha o jeitão despojado, displicente e não engajado, das pessoas daquela época. Ele seguia pilotando e cantando, com sua voz entoada, músicas de Jimi Hendrix e Jennis Joplin. A meu pedido, cantou minha canção preferida da cantora: “Me and Bobby Maggee”, após chilrear “Johnny B. Goode” de Chuck Berry. Não esqueceu, evidentemente, de tributar acordes a Bob Dylan que, segundo o menestrel, era amigo de longas datas. Percebi que, no embalo e na forma como se encaminhava a conversa, se eu desse um pouco de corda àquele violeiro de botequim, dir-me-ia que alguma daquelas músicas era da sua autoria.

— Pegue um uísque no porta-luvas, Dra. Isabelle! — pediu-me animado.

Segurei um litro de Johnny Walker pouco preenchida e servi-lhe uma dose generosa, não antes de tomar os meus próprios goles no gargalo. Por uns bons minutos de viagem, subindo e descendo serras envoltas por um céu pontilhado de estrelas, que escoltavam a lua mais cheia e luzidia que vira em toda minha vida, bebemos e cantamos, celebrando a fortuna twa. De tão grande que era, parecia que a lua estava logo ali no topo de cada morro, pronta para ser acariciada por um toque de minha mão, assim que a Land Rover alcançasse o cume de qualquer colina. Lá com minhas doses, eu me perguntava: não estaria a lua tão próxima para melhor nos bisbilhotar, ao iniciarmos nossos rituais de amor e entrega? Não me importava o quanto visse ou soubesse de nós a lua intrometida e ciumenta, pois aquele homem era meu e de mais ninguém.

A certa altura da viagem, o Dr. Mike parou a picafe, desceu e fez uma rápida fogueirinha, a uns dez metros do caminho, não antes de me convidar para sentar com ele e iniciarmos um segundo Johnny Walker doze anos. Ele pegou um pedaço de queijo de leite de cabra da FBE, enfiou-o num graveto e o assou na fogueira, por meio do calor, com extremo cuidado para que não ficasse tostado pelas chamas altas. A fome, que me sublinhava a urgência, foi enganada ou saciada com uma parte do crestado petisco e tornou quieta para algum lugar dentro de mim, esperando sua vez. Ele pegou da viola de dentro do veículo, tangeu-a firme e intimamente, como se acarinhasse uma amante, e me fez a mais doce das serenatas que eu poderia imaginar que existisse na mãe África naquela noite.

Depois, o Dr. Mike se levantou calmamente e me olhou com uma suavidade penetrante e íntima, como se usasse os meus próprios olhos, os quais eram espontaneamente mais seus que de qualquer outro alguém. Com uma experiente sequência de gestos sedutores, ergueu-me para o encontro do seu busto, de modo tão terno, que me propiciou a sensação de que somente ele sabia me tratar daquela maneira, pois nenhum outro homem jamais me fizera algo igual. Encostou-se na Land Rover e me puxou para junto dele, abraçando-me por trás, enleado em

minha alma. Roçou seu corpo quente contra o meu que, em meio a tal encanto, se ofereceu, sem resistência, como um artigo em promoção. Beijou-me o pescoço, puxou os meus cabelos e me acarinhou inteira, com mãos buliçosas e mornas como compressas. Mordiscou-me as orelhas e me galanteou aos sussurros com arrulhos de pombo enamorado pousado sobre mim. Teso, assenhoreou-se do que em mim restava inviolado, ao derrear-me o dorso e me fincar impiedoso a sensação de tal domínio. Elevou-me aos extremos da minha intimidade rendida, consumida e espalhada por aqueles reverdecidos campos ruandeses.

Quando senti sua audácia aumentar por todas as partes do meu corpo, iniciamos a prática de dar e receber expressados em nosso encanto. Por fim, algo verossímil sussurrou para mim acerca do nosso amor. Pude, finalmente, no instante do íntimo prazer, no meu limite entre corpo e espírito, tocar e perceber o significado daquela lua ou a consequência do seu fascínio sobre mim: a lua que com feitiço me fizera enamorar, descia a colina a sufocar-me em êxtase, ao me transformar no turaco apaixonado que o meu amado queria preso da gaiola na estrada de regresso à Kigali. O espaço inteiro à minha volta se encolheu, espremendo-me contra o suor do meu amante e a lua tampou a abertura para o mundo sobre mim. Em minha submissão claustrofóbica, percebia quão sensual e sufocante é o amor de um casal de pássaros engaiolado.

As Flores do Ruanda

Capítulo VII

A intimidação

O Sr. Emmanuel Habimana se encaminhou para sua casa na companhia de Canisous Rubuga e deixou os outros milicianos numa área ampla próxima dali. Era noite. Os camponeses se recolhiam às suas casas, quem as possuía, ou ao dormitório coletivo, destinado àqueles que iam para seus lares apenas no dia de domingo. Os tutsis e até mesmo os hutus que trabalhavam na propriedade passavam desconfiados, esgueirando-se da tropa da Interahamwe, temerosos daquela movimentação atípica que envolvia gente perigosa. Os milicianos soltavam gracejos para as mulheres, fossem casadas ou solteiras. Conheciam a dimensão do poder dos seus facões e o respaldo dado pelo comando ruandês aos seus atos de vandalismo. Uma jovem hutu mais assanhada flertou com eles, distribuindo sorrisos e insinuações, acreditando ser a mais bela do lugar e merecedora de ser notada pelos visitantes. Os interahamwes não conseguiam disfarçar que queriam as tutsis da fazenda. Era com estas que tinham as fantasias, que somente com a força de suas armas, por meio do medo e terror, poderiam realizar. Um deles falou para outro:

— Já estou cansado desta viagem idiota. Temos de falar para Canisous Rubuga que queremos nos divertir um pouco.

Percebiam que aquela era uma boa oportunidade de conseguirem uma tutsi, pois a Fazenda Boa Esperança era cheia delas. Estavam exaustos por se submeterem a treinamento militar ao lado dos franceses e queriam ter recompensas por tanto esforço. Os jovens hutus viam nas tutsis os motivos de seus sonhos. Ansiavam por terem muitas e muitas delas aos pés. Era uma questão crucial para eles e seria uma prova de que eram homens respeitados, conquistarem as lindas tutsis que os desprezavam pelas ruas. Um interahamwe falou para o colega:

— Eu não me importo se for tutsi ou hutu. Olhe aquela cadelinha ali!

— Qual?

— Quietos! Não espante a garota! A que está sorrindo para nós... Eu vou lá!

— Calma, tome cuidado! Não é melhor nós esperarmos Canisous Rubuga chegar?

— Que nada! Estou pouco ligando para ele. Além do mais, quando eu terminar com ela, mando-a calar a boca e ir para longe. Ele não ficará sabendo de nada. Será que vai demorar ali dentro?

— Não sei, mas se for pegar a garota, apresse-se! Se o chefe chegar, eu digo que você foi urinar.

O miliciano, o mesmo que, momentos antes, quase pusera a mão na Dra. Isabelle, partiu sem a menor cerimônia, em direção da despudorada jovem, arrastando-a pelo braço, levando-a em direção às brenhas donde viera. Ele não se importou com o fato de ali estarem muitas pessoas presentes. O rapaz, ainda que como todos da Interahamwe, sonhasse com uma tutsi a ele submissa em um encontro selvagem de amor, não dispensaria uma hutu nova e fresca sorrindo-lhe fronteira. Ela foi com ele silenciosa e obediente. Agiu como se acatasse uma sentença. A jovem em idade de formação não era uma menina, todavia ainda não era inteiramente uma mulher, por conseguinte, sofreu, sentiu dor, gemeu e mordeu a mão, até sentir o cheiro do próprio sangue. Por ter sido uma boa moça obediente, não padeceu muito. Apanhando e sendo beijada, não gritou, por temer uma reação violenta do hutu que foi seu primeiro homem. No fim das contas, sem agrados ou afagos e sem, ao menos, um aceno de adeus ter recebido, desabrochou sozinha por sobre uma grama que cheirava a pó de café torrado. Sorriu, por enfim sentir-se pronta para viver um belo caso de amor. Refletiu e achou de boa medida ter-se dado a um hutu forte e corajoso como aquele.

Para que todas as vadias tutsis do lugar percebam que o poder de seus pares de etnia é maior até que o dos capatazes da fazenda e parem de se meter com ela, respeitando-a, a partir de então!

Ao chegar à casa onde havia pouco estivera com os médicos, o Sr. Habimana apresentou Canisous Rubuga ao coronel do exército francês, monsieur Raynaud, que lá se encontrava acoitado desde o limiar da manhã. Para surpresa do estancieiro, seus dois convidados, que chegaram sem conhecimento da presença um do outro àquele encontro, não só se conheciam, eram amigos. O Sr. Emmanuel percebia que fora perigoso consorciar dentro de sua morada, na mesma ocasião, o maligno e seus pupilos. Isto começava a preocupá-lo e via como prioridade se livrar o quanto antes dos indivíduos perigosos. Como sempre ocorreu em toda vida, o poder do dinheiro seria o melhor armamento para enfrentar a situação. Estava ciente de que deveria manejar o encontro com extrema cautela e sabedoria.

Emmanuel Habimana era um produtor rural que ficara rico não por acaso. Era um sagaz empreendedor que, ao longo de toda vida, passara por perigos. Desde que o fim o levasse a somar dinheiro à sua fortuna, alguns riscos estaria disposto a assumir. Estava ciente de que não poderia sair, por aí, atirando em twas, por ser tutsi. O prestígio político não estava do seu lado. Por isso, ele precisava conseguir a força da Interahamwe e o respaldo do representante do regime francês para se apoderar de fato dos brejos de Bugesera. Sabia o quanto ganharia com a apropriação dos lotes barrentos e com o plantio massivo de patchouli. Estava habituado

a negociar com gente gananciosa, que fazia de tudo para sugar até o último franco ruandês do seu bolso. O coronel francês, o fazendeiro e o hutu comungavam pelo lucro para si mesmos.

— Bem, não é novidade para ninguém que estou no ramo da produção agrícola. Alguém tem de produzir comida neste país!

Canisous Rubuga permanecia mais quieto que o coronel francês. Este falou:

— Nós sabemos disso, senhor!

O Sr. Emmanuel Habimana perseverou em seu discurso:

— Alguns devem plantar e colher alimentos, se não a fome aumenta. Tornou-se uma atividade arriscada, transportar a produção por estas estradas repletas de emboscadas. Como eu perco alguma parte do que produzo em roubos e cessão às autoridades, cheguei ao limite da exaustão desta propriedade e preciso ampliar os meus negócios.

O francês falou:

— Eu o acho um herói, Sr. Emmanuel. Deve ser difícil produzir em um país acometido por uma revolução!

— Se eu não tocar os negócios adiante, toda essa gente que os senhores veem trabalhando aqui, não terá o que fazer. O Ruanda terá mais marginais, mendigos e busca-amantes.

— O que o aflige? — perguntou o francês.

— Alguns vagabundos twas insistem em retirar generosas porções de barro dos meus campos nos paludes de Bugesera, para fazerem inúteis panelas e jarros que vendem a uns poucos turistas que nos visitam nas estações de caça. Quem deixará de usar uma prática jarra de plástico por um pesado e quebradiço pote twa? Estes pequenos estão recebendo apoio de gente influente vinda doutros lugares do mundo. Pessoas que nada têm a fazer no Ruanda.

— O senhor se refere ao Dr. Mike e à Dra. Isabelle, os médicos?

— Aqueles igualmente, porém há padres e pessoas de ONGs envolvidas nestes crimes contra as nossas propriedades!

O Sr. Emmanuel continuou:

— Já nos foram bastante os anos e anos de dominação estrangeira. Não precisamos de branco nos dizendo o que nós temos a fazer. Os twas se associam a toda sorte de religiosos e aventureiros, para receberem diretamente nas bocas a comida, pois não querem trabalhar.

Monsieur Raynaud possuía estudo, saber e cultura suficientes para entender o significado do discurso do empresário tutsi, porém o interahamwe, Canisous Rubuga, nada escutava.

Não prestou a mínima atenção à conversa fiada do tutsi nojento, mais imundo ainda,

por ter a riqueza conseguida à custa dos trabalhadores hutus que vira sendo explorados na assenzalada fazenda, desde que pusera os pés no lugar.

Uma certeza o oficial interahamwe tinha na ocasião:

Mataria aquele tutsi na ocasião certa! Aguardaria sua oportunidade, para cortar, com seu facão, a criatura vil e dispensável ao Ruanda!

Um forte motivo o levava até ali: dinheiro. Precisava pegar logo o seu e, depois, com a riqueza no bolso, mataria quantos twas o palerma necessitasse. Ele pensou no porquê de ter o trabalho de assassinar alguns imundos pigmeus, se poderia pegar, ali mesmo, a verba de que necessitava para saldar dívidas do vício de jogo. Todavia, para a ventura do Sr. Habimana, o hutu trabalhava com restrições na ocasião, em decorrência da excessiva violência no exercício de funções policiais. Naquela semana, fora advertido pelos seus superiores acerca da violência e valentia excessivas. Imaginou que matar um tutsi rico e prestigioso como aquele empresário rural acarretar-lhe-ia aborrecimentos.

Monsieur Raynaud era um oficial jovem e elegante. Possuía uma filha e uma esposa que amava acima de tudo e que deixara na França, na cidade de Lyon. Ele vivia dia e noite torturado pela saudade da família, do seu indispensável lazer em campos de futebol e da própria França em si mesma.

Não podia imaginar como seu país se envolvera politicamente com outro tão inútil e selvagem!

Quanto mais o tempo passava, menos ele aceitava o que o levava a sair da França para se corromper num fim de mundo. Seu objetivo ali era puramente prático, assim como sua própria estada no Ruanda. Ele apresentou-se como voluntário para aquela missão de paz pelos acréscimos aos soldos. Planejava comprar um apartamento decente para dar um pouco mais de conforto à mulher amada e à filha pequena em Lyon. Sua presença na propriedade do Sr. Emmanuel Habimana decocorreu do dinheiro fácil. Na realidade, ele acreditava que o Ruanda lhe devia muito. Ele dizia aos colegas de tropa:

Todo ouro que garimpasse no país era pouco para pagar a ausência de tudo que deixou para trás: sua família e seu time de futebol de coração!

O Francês perguntou:

— Eu o parablenzo pela posse e gerenciamento de tão bela e próspera fazenda, porém vamos ao que nos interessa: O que, exatamente, o senhor deseja de nós?

Pierre Raynaud sabia previamente que deveria intimidar alguns twas para desocuparem o local de interesse do Sr. Emmanuel Habimana. Alguns teriam de ser abatidos. Imaginou que os tempos mudaram no Ruanda. A demanda do estancieiro era uma prova de que os tutsis não estavam com prestígio, pois nunca imaginara que fossem capazes de pagar tanto dinheiro para se livrarem de um punhado de twas.

Emmanuel Habimana foi ao quarto e retornou com a quantia de dólares acertada entre os pactuários. Canisous Rubuga deveria, em conjunto com sua matilha de lobos, intimidar e expulsar os twas dos brejos em disputa. Monsieur Raynaud ficaria na retaguarda da ação, validando-a, se necessário fosse. O fazendeiro alertou-os de que os dois médicos comunistas usariam todo seu prestígio para evitar que os twas fossem amedrontados; por conseguinte, uma ação dura e intimidadora deveria ser perpetrada de uma única vez. Os twas deveriam ficar assustados e temerosos o suficiente para que nem a proteção dos médicos bolcheviques os animasse a lutar pelos pantanais de Bugesera. Tudo ficou acertado, em termos financeiros, mediante um diálogo complicado, no qual o Sr. Emmanuel, outra vez, demonstrara sua fina habilidade para a negociação. O estancieiro falou:

— Quero deixar claro que não peço aos senhores uma matança generalizada de twas. Isto não seria bem-visto por muita gente importante dentro e fora do país. Acredito que a morte de três ou quatro pode ser tolerada como normal para os negócios. É importante que se faça algumas prisões também. Afinal de contas, estamos a lidar com delinquentes!

Canisous Rubuga mostrou-se insatisfeito.

— A conversa foi boa, mas falta algo!

— O quê, homem? Não ficou tudo acertado entre nós? Não posso ceder além do que acabamos de pactuar!

O cafezista ficou surpreso com a continuidade da negociação, após ele ter entregado a quantia combinada.

O hutu, cheio de subterfúgios, não expressava, claramente, o que tinha em mente.

— Não quero mais dinheiro. Não se preocupe que o senhor brevemente terá uma ou duas cabeças de twa penduradas na parede desta sala. — Falou, apontando para a pele de um leopardo posta na parede da sala como adorno

Por seu lado, o estancieiro exclamou:

— Não quero cabeças, tampouco corpos à minha vista. Isto não é uma ação de vingança. É um negócio econômico para o bem do Ruanda!

— Sim, tenha calma! Tudo está sob controle. Amanhã os pântanos estarão livres para quem quiser se instalar.

— Afinal de contas, o que mais você quer?

— Não vou trabalhar sozinho. Tenho minha tropa. O que meus homens vão ganhar com isso?

— Não sei o que mais eu poderia dar-lhes! O dinheiro que você pediu já não contempla a parte deles?

— Não, claro que não! O Senhor, realmente, acreditou que eu compartilharia o que é meu? Não foi isso que eu prometi aos meus rapazes. Se eu fizesse isso, o preço da missão subiria muito. Isto não seria bom, mesmo!

O empresário rural se assustou com a possibilidade do valor do negócio aumentar. Isto não queria. Percebendo a pressão, ele já supunha o que mais queria Canisous Rubuga.

— Não sei sinceramente qual a nova condição que você quer impor. Não conheço os assuntos das tropas. Você sabe o que é, francês? — o fazendeiro questionou o oficial.

— Eu não tenho a menor ideia do que mais este hutu deseja, Sr. Habimana. Desembucha, miliciano! — disse o francês para Canisous Rubuga.

— Nós vamos levar três mulheres tutsis deste lugar para a viagem de volta. Como estamos num acordo, eu achei por bem incluir esta exigência. Nós as soltaremos nalgum lugar, de onde possam retornar em paz. Se o senhor queria saber o que meus rapazes ganhariam de bom nesta viagem, agora sabe. O pagamento deles é bebida e diversão. É justo, pois vão se atolar no lodo atrás de twa arisco. Arrume-nos umas garrafas de uísque, também!

Estava claro que Canisous Rubuga não tinha o intuito de acariciar as garotas que escolhesse. As meninas que lhe fossem dadas teriam sorte incerta e saúde duvidosa. O Sr. Emmanuel Habimana viu a dimensão da bobagem que cometera, confiando tarefas a pessoas sem caráter. Ele percebeu que fora longe demais para retroceder. Afundara-se o suficiente a ponto de não ter como emergir. O prejuízo que teria se desfizesse o negócio seria imenso e poderia custar-lhe a própria vida. Preferiria que aqueles homens queimassem alguma tapera na sua propriedade, fizessem algum saque, mas não raptassem lavradoras da FBE. Porém o que ele poderia fazer contra a força e a marginalidade dos dois seres ao lado? Simplesmente nada. A partir daquele momento, o tutsi fraqueou e passou a falar miúdo, para que algum facão não cortasse seu próprio pescoço.

— Vocês não podem fazer isso comigo. O que eu vou dizer para essa gente, se raptarem camponesas deste lugar? Vão me achar culpado!

— Isto não é da minha conta. Ou elas vão quietas, com certeza de que estarão aqui de volta ou irão à força assumindo o risco!

Canisous Rubuga apresentou um brilho nos olhos feito uma criança que acaba de entrar

num parque de diversões ou é apresentada a um brinquedo novo. Sorria altissonante, feliz e diligente. Era um homem que matava por esmiuçado hábito, com sincero propósito e estilo de vida. Seu terror vinha de um coração rijo afogado em sangue. Acreditava sinceramente que destruir lhe fazia bem e que o assassinato era algo comum e não reprovável. Sempre pensara assim durante toda a vida. A dura existência o ensinou isso, desde menino.

O coronel do exército francês ficou calado, apenas escutando um monólogo, a partir do instante em que Canisous Rubuga radicalizou. Uma nova situação se apresentava diante dele: passariam a ser estupradores os seus aliados, o que o envolvia em uma ilegalidade maior. O francês questionava se estava valendo a pena a obtenção dos dólares por aquele preço. Ele estava ciente de que era a única força ali capaz de evitar que o hutu seguisse adiante na sua empreitada violenta. Obstaculizar Canisous Rubuga não seria uma tarefa frugal na ocasião. O francês ganharia um inimigo perigoso para o resto dos seus dias no Ruanda e poderia danar-se de algum modo.

Até por ser estrangeiro, acreditava que não adiantaria muita coisa conter o miliciano hutu, pois aquela atitude fazia parte de uma questão mais ampla que seria resolvida por aqueles dois grupos étnicos de alguma maneira, em alguma ocasião, à frente no tempo. A bola de neve do virulento ódio racial aumentava a cada crime cometido. Resolver esta questão não cabia a ele, ao seu exército francês, ou à França, uma vez que ela continha os próprios sentimentos coletivos daquela gente. O ambiente de surto e de exacerbada violência, como o pretendido em alguns cenários, assustava-o. Melhor era não se opor de maneira contundente ao hutu desatinado. Para o coronel, raptar mulheres daquela estância não seria uma ação fácil de digerir, por causa de alguns de seus princípios morais, porém no Ruanda coisas muito estranhas estavam-lhe acontecendo. O gaulês deixou-se envolver pelo desencadear dos acontecimentos.

O Sr. Emmanuel Habimana acompanhou seus convidados até o pátio da estância e convocou todos do lugar. Alguns que não compareceram não foram denunciados pelo estancieiro ou por ninguém mais. Todavia, muita gente atendeu ao chamamento do patrão e foi ao lugar estabelecido, onde ocorriam as festas e as comemorações oficiais. O fato de o encontro ter lugar no pátio da fazenda e não contíguo aos cafezais fez alguns tutsis imaginarem um possível evento festivo. Canisous Rubuga, quando julgou que todos estavam presentes, chamou a tropa, que se aproximou, ruidosamente, para inquietação geral. Os milicianos queriam ação. Pressentiram o cheiro de sangue e lazer. Estavam inquietos como cães diante da ração na mão do dono. Canisous Rubuga olhava atentamente para todas as fêmeas, procurando as jovens, belas e sedutoras entre elas. As tutsis vaidosas, que se arrumaram para a ocasião e realçaram a beleza, tiveram mais probabilidade de terem feito algo errado.

Duas belas e jovens tutsis foram escolhidas de pronto. Era evidente que eram belos espécimes da raça presente no local e, talvez, das mais lindas do Ruanda. Era mesmo um dia de sorte para os hutus. As jovens, num misto de medo e terror, resistiram o tanto que puderam, no entanto, se despregaram dos seus amigos e se juntaram aos estranhos em situação incerta, pela força das armas e da intimidação. Homens impotentes e amedrontados mantinham silêncio, dado que não podiam fazer nada que parasse o curso dos acontecimentos. Ficaram todos sofrendo calados, até a escolha da terceira mulher. Ela, igualmente bela, não era tão

jovem como as outras duas anteriores e era casada, tinha filhos e fortes motivos para ficar e não ir com os hutus. Por isso, gritou, esperneou e apanhou. Foi esbofeteada no rosto por Canisous Rubuga. O marido, que estava a três metros de distância, não aguentando presenciar a agressão à companheira, partiu de súbito ao encontro do chefe hutu, atirando-o ao chão com um potente chute pelas costas. Canisous Rubuga era um homem forte, que já participara de lutas corporais em quantidade maior que a variedade de cicatrizes que exibia quando nu. Não era um líder da interahamwe por acaso: possuía perícia no manuseio de armas. Do chão, lançou seu facão de encontro ao agressor, arrancando-lhe a mão, para pasmo de todos. O desafortunado tutsi não teve tempo de sentir alguma dor, pois antes que Canisous Rubuga completasse seu retorno à posição ereta, num átimo, agira novamente e uma cabeça tutsi rolou a dois metros além de um corpo dividido, tombando sem governo para um chão ensanguentado. A cena trágica foi um claro aviso a quem mais desejasse enfrentá-los. As tutsis foram carregadas para cima dum caminhão a bel-prazer da Interahamwe.

Pierre Raynaud que, até o momento, ficara calado, resolveu participar da farra hutu.

— Aquele garoto também vai!

Para surpresa de todos, o oficial francês tomou uma atitude diferente, demonstrando que gostava de rapazes jovens. Pegou um garoto de uns treze anos de idade e o arrastou para dentro da sua viatura, um veículo militar hutu.

Os delinquentes riram ruidosamente em algazarra. Pierre Raynaud sabia que, de tudo que aqueles hutus fizessem, na ocasião, estaria acumpliciado. Ele entendia o funcionamento dos tribunais militares. Julgou que do mesmo modo deveria se divertir, pois sua pena seria igual fazendo ou não o mesmo que eles. Na sua linha de raciocínio torpe, pegou o garoto, porquanto tinha certeza de que aqueles hutus não o compartilhariam com ele. Era sabido que Canisous Rubuga, depois dos tutsis, o que mais odiava eram os gays. Ninguém da sua tropa transaria com um homem na frente dele, mesmo de tão tenra idade. Pierre Raynaud sabia que, se ele tocasse em uma daquelas três belas tutsis, por certo, não seria o primeiro a fazê-lo. Ele, na realidade, não confiava na saúde daqueles homens. O risco de contrair a AIDS passou pela sua mente como um tremendo minotauro aterrador. O exército francês já o alertara quanto a isso:

Na dúvida, masturbe-se!

Esta frase estava em todos os conselhos informais que recebera, antes de partir para o Ruanda.

Para alívio do Sr. Habimana, os interahamwes e o oficial francês partiram. Ele jurou para si mesmo que nunca mais negociaria com aquela gente selvagem. Todos em seu entorno, que presenciaram o episódio, passaram a recriminá-lo em surdina. E assim foi para o resto da sua vida. Não apanhou dos tutsis, na oportunidade, pelo fato de que os que mais ganhavam naquela

quinta eram os seguranças, que, após a saída dos hutus, tornaram a demonstrar a costumeira valentia.

As garotas no caminhão começaram a sentir a longa e dolorida noite que teriam pela frente. Foram horas de sevícias e maus-tratos. Estupros, um após outro, cometidos por oito hutus atléticos e descontrolados. Não houve complacência ou camaradagem. As três tutsis mergulharam na mais rude noite de suas vidas. Aquela que menos sofreu, decerto, concentrou-se e abstraiu-se no espaço-tempo em um estágio de pleno espiritismo, o que a fez desvencilhar-se do seu corpo e mente. Ela navegou por um grande lago, em um tempo remoto. Viu flores em um jardim ensolarado e muita luz. Comeu doces e riu muito. Passeou por campos lindos. Deitou-se ao lado da mãe, que lhe contou as usuais histórias à cabeceira da cama. Ela caminhou pelo mais lindo caminho que jamais havia percorrido, sempre para trás no tempo, até encontrar o momento mais magnífico da sua infância, o mais belo que tivera junto à falecida mãe. Ela ficou com a mãe, que protegeu a filha de todo o mal do mundo, como sempre tinha feito. A garota não sentiu dor, apesar do açoite que sofria. Ela alcançou a infância em regressão e, por meio do trauma, permaneceu lá, sem nunca mais retornar. Foi tachada de louca, a partir de então, mas, na verdade, sua falecida genitora foi o único ser que não a abandonou na triste ocasião.

Os gritos das vítimas ecoavam pela mata fechada ao longo da estrada. À frente, na mesma via, a Land Rover da Cruz Vermelha descia os últimos morros que a separava de Kigali. Felizes pelo resultado obtido na visita à fazenda do Sr. Emmanuel Habimana, e pelos momentos de amor, os médicos ansiavam pelo momento de dar as boas notícias aos twas. Atrás, ouviam-se os gritos altos das mulheres, que não eram os mais fortes no local, pois o garoto bradejava com uma intensidade maior.

Após a farra chegar ao fim, Canisous Rubuga mandou-as se juntar. Uma delas não o obedeceu e apanhou, outra vez. Persistiu sem obedecer, ao passo que mais apanhava. Simplesmente não o escutava, tampouco o percebia. Surtara para sempre. Pierre Raynaud partiu determinado para cima do louco miliciano da Interahamwe, disposto a dar um basta na situação, que passara do limite. Era hora de parar!

— Pare, imbecil, não vê que a garota está traumatizada? — falou num tom tão alto e sentencioso que até Canisous Rubuga estremeceu.

O hutu prestou atenção na jovem e apercebeu-lhe a alienação. Estava meio abobada. Concluiu como muita gente, a partir de então, que enlouquecera. A reação firme do francês o incomodou; entretanto, ele sabia que não era páreo para um gaulês, pelo menos por enquanto. Resignou-se, dado que ainda precisava dos ensinamentos dele, pois os treinamentos nas reservas proviam a milícia de identidade social. Deixou-a em paz, como quis o coronel e abandonou vivas as outras também. Elas em qualquer estado lhe ficavam bem e não eram ameaças para ele de qualquer jeito. Disse para o oficial:

— Tudo bem, sem desavenças, desta vez. Mande essas putas saírem daqui!

Canisous Rubuga gritou para as garotas tutsis:

— Desapareçam, suas vadias!

Era tudo que duas delas necessitavam ouvir. Pegaram a amiga doente e se foram, sem, ao menos, se preocuparem em apanhar todas as peças de suas roupas. O que queriam, com urgência, era alcançar a maior distância possível dos homens e lá permanecerem. O garoto estava em má situação. O francês batera-lhe muito, culpando-o pelo desabrochar dum homossexualismo prazeroso e convincente. Suas vestes estavam manchadas de sangue. Pierre Raynaud, no entanto, ao final, olhou-o condoído do seu estado e o mandou partir.

O que ele poderia fazer acerca daquela situação? Perdera-se completamente e odiava-se com forte sentimento de culpa!

O francês compreendeu que o mal estava inapagavelmente escrito. Custava-lhe crer que chegara a tal ponto de demência. No seu íntimo, culpou o Ruanda pela sua ação impensada.

Aquela terra pecaminosa o degenerara. Deturpou-se feito a besta no cio!

Quando o assustado e cambaleante garoto tomou um atalho que ele julgou ser o caminho mais curto para a Fazenda Boa Esperança, pois as mulheres tinham seguido naquela direção, tocou, acidentalmente, em Canisous Rubuga, que o segurou pelo ombro e perguntou:

— Aonde vai?

O rapazote, sentindo dores torturantes, virou-se e fitou o brutamontes, sem saber o que dizer. Este pegou da faca inquieta e a introduziu lentamente, com larga destreza, no ventre do adolescente, eviscerando-o com prazer real, sorrindo emocionadamente, com lágrimas de alegria. Pierre Raynaud puxou o hutu pelo braço, surpreso com outro ato de selvageria gratuita, e esbravejou, questionando-o, rispidamente:

— Por que matou esse menino, idiota?

O hutu riu sarcasticamente, encarou-o bem de perto e respondeu:

— O Ruanda não é lugar para gays! Não gosto deles! — simples assim.

Ele expressou sua opinião sem entendimento de que cometia outro delito, desta vez, de discriminação e intolerância. Para o hutu criminoso e violento, um garoto não diferia de um adulto. O fato de ter tido uma experiência homossexual, mesmo que forçada, não livrou a criatura do julgamento distorcido feito pela mente interahamwe de Canisous Rubuga. Muita gente no Ruanda desejava um fim rápido para aquele malquisto hutu brutalhado e perverso.

No estádio do Lyon, um time de futebol francês de uma cidade de mesmo nome, o Paris Saint-Germain, seu oponente, estava impossível de ser contido, pois apresentava um belo jogo. Até eu que não entendo do assunto, percebia que havia uma diferença marcante de qualidade técnica entre aquelas duas equipes esportivas. O Lyon se limitava ao esforço físico e à correria dos seus jogadores, numa tentativa sufocante de evitar ser batido, em campo, de modo humilhante; enquanto o Paris Saint-Germain dava um recital de bom futebol-arte, perfeito e poético como um bom vinho francês sorvido a dois. Para mim, tudo estava correndo dentro dos conformes, pois, a despeito de não torcer por nenhuma daquelas duas equipes de futebol, eu queria muito ver infeliz o homem ao meu lado, um fanático torcedor do Lyon que me levara àquele estádio de futebol. Para meu desespero, sua equipe marcou um gol aos trinta minutos do primeiro tempo de jogo, fazendo um a zero contra o potente Paris Saint-Germain. Ao chegar o intervalo da partida, meu companheiro estava tomado de uma felicidade sincera e contagiante. Qualquer pessoa no mundo que o visse, na ocasião, juraria que ele merecia tudo de bom na vida, por irradiar alegria e simpatia em volta. Fomos a um bar local para aliviarmos o estresse do primeiro tempo de jogo. Tomamos juntos umas cervejas e brindamos ao sucesso do Lyon.

Ao retornarmos às arquibancadas para assistir à segunda etapa da partida, tínhamos outro ânimo em decorrência das cervejas tomadas. Eu já era uma explícita torcedora do Paris Saint-Germain. Para minha felicidade, minha equipe marcou seu primeiro gol aos dez minutos do segundo tempo. Antes de findar o jogo, sacramentou sua vitória. O time do meu colega caiu perdido, como em tantas outras vezes. Ele, ao se ver derrotado, caiu numa tristeza comovente. Explicou-me que não tinha condições de conversarmos naquela noite e marcou nosso bate-papo para o outro dia de manhã em uma padaria próxima à sua casa.

Chegar até o momento de ter em minhas mãos o bilhete que me deu acesso àquele jogo em uma noite de janeiro de 2001, não foi fácil. Fiz muitas pesquisas e contei com a ajuda de amigos da família dos meus pais na França para encontrar o homem que estava do meu lado.

Após o terrível período do genocídio ruandês, dois sentimentos contrastantes tomaram conta do país: vingança e reconciliação. Na presente situação, como parte dos acertos de contas por vias judiciais, precisava do depoimento de Pierre Raynaud, que regressara ao seu país. Eu estava na França visitando parentes e pude atender ao pedido de um amigo americano que estava, pela ONU, em Arusha na Tanzânia envolvido nos trabalhos de apuração dos crimes acontecidos em 1994 no Ruanda. Após dois meses seguindo passos de possíveis pierres por muitos endereços, finalmente, eu o encontrei. Ele não teve o menor constrangimento em me rever e dizer-me tudo o que sabia. Eu, pelo meu lado, não buscava conhecimento de detalhes sangrentos ou covardes. Interessava-me nomes e contatos no Ruanda para extinguirem-se algumas pendências remanescentes.

Eu deveria obter dele informações que servissem de matéria para a promotoria que investigava crimes de genocídio praticados no Ruanda. Não fui diretamente à sua residência,

pois o caso era por demais constrangedor para ser conhecido pela sua esposa ou pelos seus familiares. Encontrei-o pela manhã, em uma pequena padaria. Ele estava sentado a uma mesa com uma menina de uns nove anos de idade. Ela era linda e vivaz. Decerto era sua filha, pois possuía fortes similitudes com ele. Ao perceber a beleza da garota, não pude deixar, pela primeira vez, de imaginar que Pierre era um homem bonito. Percebi-o com uma aparência que eu não soubera adjetivar no passado. Fiquei imaginando como somente ali, depois de tantos anos, eu constataria isso. Ficou claro que o papel escuso desempenhado por aquele senhor anos atrás no Ruanda, cegara-me por completo em relação a ele. A cena familiar cândida, da qual fazia parte, despertou-me outros sentimentos impossíveis de existirem de mim para Pierre no Ruanda. Ali, na ocasião, era um francês típico.

Pierre tomava suco de frutas e comia pão com um dos cem tipos de queijos existentes na França. Disse-me que sua mulher fora ao médico e ele tomava conta da filha até ela voltar. Era proprietário de uma banca de revistas no centro de Lyon. Depois dos desastrosos fatos envolvendo soldados franceses diretamente nas ações dos hutus durante o genocídio de 1994 no Ruanda, a autoridade francesa evitou o debate do assunto em larga escala. A França não queria seu exército, mesmo que indiretamente, associado a atrocidades contra civis e estabeleceu uma espécie de anistia geral. O governo temia os transtornos da divulgação de pormenores da ação das tropas francesas no Ruanda. Pierre conseguira uma aposentadoria precoce. Mandaram-no para a reserva militar. Ele entregou sua filha a uma jovem balconista da padaria que a conhecia e era achegada à garota. Ela falou ao pegar a menina no colo e levá-la consigo para o outro lado do balcão:

— Venha, Jacqueline! Venha me ajudar a vender pão.

— Qual a razão da sua vinda aqui, doutora? Como é mesmo seu nome? Está sendo difícil para eu lembrar.

— Isabelle, Dra. Isabelle.

— Ah! Claro! É que foi há muito tempo, contudo me lembro bem da senhora. Fez um belo trabalho no Ruanda.

— Somente cumpri minha função. Por que deixou o exército francês? — perguntei-lhe, esperançosa de que a resposta para minha pergunta, de algum modo, fosse-me útil.

— Bem, como eu lhe relatei antes, os franceses varreram a poeira para baixo do tapete. As autoridades francesas monitoraram os soldados que serviram no Ruanda treinando os hutus e quem mais teve acesso ao conteúdo das instruções que recebíamos da França. A ordem era para classificar como casos isolados os atos de indisciplina ou qualquer maldade que um soldado francês cometesse contra um africano..

— Foram muitos esses casos?

— Não é fácil entender como o genocídio se deu no Ruanda. Tudo foi muito rápido e ficou fora de controle de imediato, feito um tsunami provocado por uma força sobrenatural. De início, nós evitamos muitas mortes e perseguições dos hutus contra os tutsis, todavia a coisa

ficou banal demais. Na primeira vez que vi um hutu retirar dos braços da mãe uma indefesa criança tutsi e arrancar a cabeça dela a facção, gritei e o matei com uma rajada de mais de trinta balas. Dias depois, quando eu estava em uma situação semelhante, eu salvei a criança, gritei e mandei o hutu cair fora. Daí em diante, não mais me importei, pois já vira muitas mortes e acreditei que aquilo era arraigado, algo intrínseco, uma praxe ou coisa normal, feita diariamente por aquela gente havia muitos anos, como se o país fosse uma imensa rinha de cães. Antes de viajarmos para o Ruanda, o exército nos apresentou um filme que relatava as desavenças históricas entre as duas etnias.

— Entendo — falei-lhe e ele continuou:

— Tampouco tivemos sinalização do comando francês. Não nos indicaram claramente que deveríamos mudar de lado e passar a defender os tutsis, contra os quais estávamos em guerra na fronteira do país. Não podíamos mandar bala para o outro lado, matando uma quantidade de hutus suficiente para apaziguar os ânimos. Por certo, não seria com conversas de um sábado à tarde, que nós acalmaríamos os hutus e, sobretudo, os interahamwes. O meu melhor remédio é o esquecimento. Se eu terei algo para ajustar com Deus após minha morte, estou pronto para isso. Passei a frequentar a igreja todo domingo e nunca mais usei uma arma, desde que deixei o exército. Procuo ser bom e justo com todos. Não por ter virado um fraco medroso, pois persevero firme, porém por ter ficado em mim uma sensação de que atirei em direção errada. Nunca apagarei da memória que matei inocentes com minhas próprias mãos ou levei indiretamente à morte gente fraca e desarmada que não pretendia me fazer mal algum. Eu lhe peço seu perdão, Dra. Isabelle. Estive cego a muitas coisas, uma vez, na vida, quando estive naquele país!

O homem chorava à minha frente, expiando sua culpa, e beijava minha mão. Eu o escutava taciturna e impotente, pois ali, diante de mim, estavam algumas das respostas a muitas perguntas que eu me fazia havia tempos e nem o Dr. Mike conseguira responder na época em que as procurei. Percebi como surgem os erros. Eu escutava a recapitulação dos tempos idos e compreendia como tudo poderia ter sido melhor, se umas tolices tivessem sido evitadas. Ouvia a lamúria do francês típico, bom pai, bom marido e bom amigo para seus vizinhos, consoante eu própria constataria nas campanas sob frio intenso em sua busca pelo bairro. Ele era um garrido torcedor do Lyon, equipe local de futebol. Queixou-se de que seu time não ganhara o campeonato francês. Disse que estava esperançoso com seu futuro próximo, pois sua equipe contratara um jogador brasileiro, craque de bola, chamado Juninho e de ora em diante, seu time mostraria a todos quem é bom de bola. Certamente, o homem à minha frente, com a camisa branca do seu time de coração, agora sim estava com uma farda digna do povo francês, do qual meus avós também fizeram parte.

Escutei monsieur Raynaud por muito tempo e com tanta atenção, como se eu ouvisse a ária para quarta corda da suíte número três de Johann Sebastian Bach. Eu não mais precisei lhe dirigir perguntas, a partir de então. Em salgadas lágrimas escorregadias tombadas à mesa, mergulhou de peito aberto; engatou uma quinta marcha e guiou-se para dentro do túnel escuro do seu pretérito inumado no esquecimento intencional, sem freios ou medo de bater. Pareceu-me, depois, ter-me agradecido por eu lhe propiciar a devassa do passado, seu ajuste de contas com os fantasmas de mulheres e crianças negras tutsis e twas, que plasmavam em nosso

entorno. Eu e Pierre, tomando café com leite na pequena padaria, em meio às peraltices da doce Jacqueline, acertamos as nossas diferenças. Para mim, estávamos quites. Como Pierre me contou, que, deveras, se entendesse com o julgamento divino, ao morrer. Se ele beijara a bíblia em suas mãos e dera recibo para comparecer a um tribunal tão exemplar, quem seria eu para condená-lo antecipadamente? Deus que o negocie em paz. O Divino é o único ser capaz de prover alguma reparação aos mortos vítimas indiretas daquele homem, que como imagético plasma nos olhavam pensativos, quais luminares espectros curiosos e incorpóreos como as dores. Eu o ouviria até o último dos meus dias, se possível fosse, entretanto, a esposa, sentindo a falta dele o procurou e o tirou de mim, desconfiada e enciumada.

Ao perceber se afastando aquela família francesa típica, formada por pessoas simples e merecedoras da felicidade e do amor que nutriam uns pelos outros, pensei nas contradições da existência humana, nas quais o meio e a ocasião, como bem dizia minha avó francesa, às vezes, fazem o ladrão. Decerto, ali não estivera diante de mim o coronel do exército francês, monsieur Raynaud, que fora, em uma ocasião, visto na quinta do Sr. Habimana, em 1994, em um fim de tarde comum nos campos ruandeses. Ele teve a sorte de ser a vida um jogo de dois tempos. Eu, pelo meu lado, dei por encerrada minha demanda em relação àquele francês. Intimamente, saí, daquela padaria, desejando que o tal Juninho, de quem tanto ele tão bem me falara e que com tanto esforço seu Lyon adquirira, fizesse muitos gols. Isto lhe daria contentamento e forças para criar com sossego a singela Jacqueline, que teve a ventura de não ter nascido uma pequenininha twa do Ruanda.

* * * * *

O Sr. Emmanuel Habimana ficou mal na noite trágica em sua propriedade. Não se lembrava de ter havido outra igual, mesmo nos tempos em que fora um menino a brincar de subir e descer os cerros daqueles acres de campos pertencentes ao seu falecido pai levado pela malária. Foram horas de negociações duras, nas quais o limite da tragédia encostou-se em seu peito e, por pouco, não o arrastou à morte. Sentia-se aliviado por sair ileso daquela empreitada sinistra. Errara de forma ímpar, ao impetrar os préstimos da Interahamwe e do corrupto militar francês. Ele imaginou que envolvera gente sem escrúpulos em negócios econômicos. Meteu-se em política sem ter jeito para a coisa. Imaginou por fim:

O que ele poderia fazer diante da ameaça do médico inglês? Se o outro conseguisse parar o fluxo de dinheiro dos bancos para seus negócios, ele entraria em falência em menos de um ano. Como pôde o Dr. Mike acertar tão bem no seu ponto túbio?

Por isso, ele teve de radicalizar. Acreditava, como consolo, que o vexame não fora culpa dele, todavia do casal de médicos estrangeiros, que não deveria ter deixado os afazeres para

os quais foi convocado a comparecer ao Ruanda. Ele se assentou numa cadeira de balanço, ao lado da piscina, com o peso do cenho enrugado e alheou-se com os olhos alhures, vago, miudeando a vida, cogitando à larga. Media com um crescógrafo íntimo e imaginário as moitas nas medradas colinas fartamente iluminadas pela mais fulgurada lua cheia de há muito vista por seu olhar desacostumado à percepção de coisas naturais não violadas por adubos. Ideou que por trás dos outeiros prateados, em uma mesma extensa estrada, os hutus viajavam e, mais à frente, os médicos beiravam a capital, pois saíram mais cedo. Pensava no que faziam na ocasião. Preocupava-se, sobretudo, com a sorte do garoto e das três tutsis. Pedia, em orações, para que Deus os protegesse e não os deixasse sofrer muito ou morrer na mão dos assassinos. Não dormiria à noite, pois, mesmo que tentasse, não conseguiria fechar os olhos, já que imagens deveras fortes e presságios medonhos iluminavam sua mente, deixando-o desperto.

Ordenara que o corpo do seu funcionário, que fora abatido por Canisous Rubuga, ficasse em um ataúde na ermida local, esperando o amanhecer com o desfecho daquilo tudo. Não permitiria que mais de uma cerimônia fúnebre ou enterro transcorressem numa mesma jornada da sua fazenda.

Ao amanhecer, mandaria alguns dos seus funcionários percorrerem a estrada até Kigali para encontrarem os corpos das três tutsis e do garoto!

Pretendia juntar todos em uma cova só, em uma bênção só, pois ali se devia trabalhar e muito. Isto dependeria dos familiares deles. Seus negócios não iam bem e, não obstante serem um assunto delicado, os funerais não poderiam inviabilizar um dia de trabalho e produção.

Preocupada com o hermetismo do marido que não tinha o sestro de ficar inativo sentado em uma cadeira à beira da piscina, cismando por tanto tempo, sua esposa se aproximou, desconfiada de que ele estivesse com algum problema de saúde. Seu esposo era um homem ativo. Vivia para amealhar fortuna. Avesso à quietude, só se calava quando dormia.

— O que há com você, Emmanuel? Está com alguma coisa ruim?

— Não, querida, estou bem de saúde, todavia estou sentido com o que se passou hoje aqui!

— Por que você chamou aquela gente para a fazenda? Não se deve vacilar no trato dispensado àqueles hutus!

— Eu sei, entretanto, o motivo de eles terem vindo aqui foram os negócios da fazenda.

— Negócios de segurança?

— Mais ou menos isso. Precisei deles para executar uma desapropriação de terras invadidas por twas!

— Eu vou contar isso para as mulheres que me ajudam nos serviços domésticos e pedir

que espalhem esta informação pela estância, hoje mesmo. Está quase toda a gente acordada.

— Não preciso que faça isso! Não quero que você se meta nesta história. Eu mesmo terei de esclarecer este caso para meus trabalhadores. Isto é uma obrigação minha!

— Está certo. Como queira!

De repente, foi ouvido, por toda a herdade, o barulho de tiros vindos do outro lado dos cafezais, da área onde ficavam os currais de gado. O senhor Emmanuel Habimana ficou preocupado, imaginando o que de pior poderia acontecer. Chamou seu feitor de confiança, François Mukakalisa, um tutsi alto e forte, e pediu-lhe que fosse urgentemente averiguar do que se tratava. Minutos depois, seu capataz mandou um recado para o fazendeiro, por meio de um garoto.

— Sr. Emmanuel Habimana, o Sr. François mandou-me lhe dizer que um twa tentou roubar um carneiro do redil que fica por trás dos cafezais! O ladrão foi recebido à bala e se embrenhou na mata. Os seguranças caçam-no. Ele disse que se juntou aos outros homens que procuram o twa e que somente retornará com o ladrão na mão dele!

— Pois torne acolá e diga para François que eu não quero ver twa algum na noite de hoje! Já tive dissabores de mais por causa deles. Informe-o que, quando achá-lo, é para matar de imediato e que o enterre fundo em qualquer colina, na mesma hora. Eu não quero revoo de abutres ou corvos neste torrão. Essas aves nojentas dão azar. Não as quero rodeando minha quinta, atrás de corpo podre de twa. Ande, menino! Vá logo dar este mandado ao feitor!

O Sr. Emmanuel olhou para sua mulher, que o acariciava, de pé, ao seu lado, e percebeu o quanto o tempo implacável já apontava para uma velhice chegando na reumática senhora. Os cabelos grisalhos, as rugas no rosto e o corpo sem traços esguios arredondado pela erosão do tempo encobriam-lhe uma saudosa beleza, que ele não vira igual naquelas colinas em volta. Recordou dos tempos em que se conheceram. Ela era uma hutu filha de um capataz de confiança do pai do Sr. Emmanuel, o antigo dono da Fazenda Boa Esperança. Infelizmente, por ser pobre e hutu, não contou com um apoio da família do cafeicultor que facilitasse o relacionamento entre ambos. Amaram-se por anos, secretamente. O romance entre eles venceu barreiras e tiveram de casá-los quando ela ficou pejada do seu primeiro rebento. O pai queria para seu descendente Emmanuel uma tutsi de família tradicional, porém teve de se contentar com a união forçada entre ambos. Era um homem essencialmente prático e religioso. Devia muito do sucesso da propriedade ao pai da jovem hutu Béatha, feitor que imbicava o manejo das glebas. O velho Habimana viu-se obrigado a fazer uma escolha difícil entre proibir o matrimônio e perder o capataz, piorando seus negócios ou assimilar o malgrado de ter seu progênito tutsi casado com uma hutu. O Sr. Emmanuel Habimana sempre foi grato à sua esposa pela zelosa companhia em quaisquer momentos, quer fossem bons ou ruins. Não imaginava sua vida não ligada à dela. Sabia que não sairia do seu lado, enquanto não o visse diligente como sempre estava. Ele lhe falou:

— Às vezes, penso se vale a pena tanto esforço para manter este lugar!

— Você só sabe fazer isso, Emmanuel. Por muitos anos de sua vida você cuidou deste

lugar. Não acredito que possa ser feliz de outro modo!

— Creio, meu bem, que é chegada a hora de entregarmos esta tarefa para o nosso filho. Semana que vem procurarei uma casa na capital.

Sua esposa não levava a sério aquela falácia de abandonar a gestão da FBE. Sempre redarguia com desdém àquela empresa sem sentido. A partir da ocasião em que seu obstinado marido lhe exteriorizara aquela frase e contara-lhe a decisão de mudar de cidade, repetiria o bordão muitas vezes durante dias, numa cíclica e diuturna aflição meditativa. Entretanto, segundo ele lhe confessaria no final:

Nunca teria tempo de procurar uma boa casa disponível em um lugar tranquilo e não confiaria uma tarefa tão importante a ninguém.

Ele nunca pararia de mercadejar café até a morte. Fora sempre assim, por vários anos, nos quais impôs um onipresente e alastrado comando sobre aquelas colinas. Contava as horas em centavos e os dias em francos. Béatha Habimana sabia que estava além das forças daquele homem a decisão de abandonar o senhorio da FBE, pois ele e aquela propriedade faziam um belo caso de amor e, para sua tristeza e resignação, até maior que o sentimento que dedicava a ela.

O fazendeiro tutsi passou horas a fio na cadeira, recebendo o carinho da esposa, ruminando um saudosismo zeloso e fiel a toda sua vida a arar aquelas colinas férteis. Tarde da noite, uma algazarra despertou-o do transe. As três jovens adentraram pela porteira da estância e todos foram ao encontro delas. O garoto não retornara e ficaram sabendo o motivo. A mãe do jovem entrou em desespero. O pai campeava-o em algum lugar da mata, caçando os hutus da Interahamwe e o coronel francês. Não se sabia como não encontrara as tutsis quando estas faziam o caminho de volta. As mulheres estavam exaustas, pois tinham percorrido longa distância até chegar ali, feridas e com o moral bem baixo. A dor maior que sentiam vinha da alma e não do corpo violado. Não deram atenção a ninguém que não fosse seus familiares. Foram acudidas em uma residência qualquer da fazenda, onde passaram o resto daquela noite e, com o amanhecer, foram-se envergonhadas, para nunca mais serem vistas na Fazenda Boa Esperança. Para esquecerem o trauma e escárnio sofridos, as duas jovens tutsis arribaram e se deram o direito de recomeçar do zero, nalgum lugar deste imenso mundo. Elas desferiram, com um curto e certo golpe, um corte longitudinal nas suas vidas, separando pretérito de futuro em duas ocorrências distintas não ligadas entre si. Para isso, utilizaram uma lâmina mais afiada e poderosa que a de uma adaga hutu: o orgulho de uma mulher ferida.

Todavia entre elas existia a terceira jovem desvairada que tornara fora dos monitoramentos emocionais. Enlouqueceu sem se tornar perigosa, mas, mesmo assim, não teve como partir a rumo de decisão. Ela permaneceu na fazenda por muitos dias a mais. Ficou enclausurada em seu mundo de fantasia, chamando insistentemente pela mãe. Chegava a convencer que realmente dialogava, saudavelmente, com sua genitora morta havia tantos anos,

porém a cura nunca a abraçaria. Com o decorrer do tempo, seu comportamento, do trágico, passou a ser engraçado para muitos. Foi apelidada de Tua-mãe. Assim, no lugar, quando alguém oferecia algo não agradável para outra pessoa, poderia ouvir como resposta:

— Dê para a tua mãe!

E, para não haver discussão, escutaria, a seguir, uma explicação:

— Eu falei da Tua-mãe, a filha de Isaac Nyirabazungu! — em referência à jovem louca.

As Flores do Ruanda

Capítulo VIII

O general hutu

À noite, de volta a Kigali, Canisous Rubuga, em companhia do coronel francês, foram para um burgo chamado Runda que fica na mesma estrada antes de se chegar à capital, no sentido Gitarama-Kigali. Dirigiram-se a uma chácara que pertencia ao general Gedeon Bagirubwira, militar que odiava os tutsis acima de qualquer coisa nesta vida. Este crescera ouvindo do pai histórias, que descreviam as animosidades entre as duas etnias e, naquela época, quando os conflitos na fronteira com Uganda se intensificaram, seu ódio enrijecera, demarcando o traço hostil da sua personalidade. Era difícil para o general presenciar amigos morrerem na fronteira de batalha, tombados por armas dos Inkotanyis, sendo ele o responsável pela coordenação da maioria das ações de combate. Isto o fazia um militar implacável, sem clemência com o inimigo tutsi.

O objetivo maior do general, na condição de conselheiro militar do presidente do país, era tornar o Ruanda livre dos tutsis conjurados, de modo que as escassas e disputadas colinas fossem distribuídas entre as pessoas importantes da sua etnia.

Ao saber que alguns membros da Interahamwe, em conjunto com os franceses, negociavam havia dias com o produtor rural tutsi Emmanuel Habimana, dono da próspera Fazenda Boa Esperança, não gostou nada da notícia. De imediato, o general hutu não se sentiu confortável com o que lhe informavam seus homens dos órgãos de inteligência, que possuíam gente infiltrada nas hordas milicianas, inclusive na tropa de Canisous Rubuga. Para ele, um envolvimento secreto era aleivosia, insubordinação ou golpe de estado, pois o estancieiro era um dos principais financiadores da república hutu. O general falou aos próximos:

O tutsi Emmanuel Habimana de Gitarama é um brinquedo de cunhar moeda particular do presidente e por isso tem garantias e salvo-conduto. Não pode um deles miliciano interahamwe acessá-lo ou extorqui-lo por conta própria sem expressa autorização superior!

Diante daquela novidade, ordenara que se investigasse o empresário rural. Apesar de nada ter encontrado que lhe desabonasse a conduta, não confiava em tutsis. Soubera

previamente da data do desfecho da negociata na propriedade rural. Ordenara que se enviasse um recado para Canisous Rubuga, convocando-o a comparecer, de imediato, antes da sua entrada em Kigali, àquela casa de campo, para lhe prestar esclarecimentos sobre a sinistra operação na Fazenda BE. O general queria saber pormenores do caso, sobretudo, quem autorizara a soldadesca realizar uma investida fora da sua competência policial. O trabalho estratégico da Interahamwe era o de fustigar, amedrontar e manter acuados os tutsis residentes no Ruanda. Ela fazia com que os tutsis civis não tivessem fôlego suficiente para proporcionar qualquer tipo de auxílio aos rebeldes da Frente Patriótica Ruandesa.

O general Bagirubwira era um ferrenho defensor do trabalho dos milicianos, por isso, não os queria fazendo coisas erradas. Ele sempre defendia a Interahamwe, quando o presidente demonstrava preocupação com as ações violentas daquela milícia sem fiscalização formal, que estava lhe causando embaraços na política externa. Seu argumento perante o presidente era que o exército corria sério risco combatendo os tutsis na fronteira, tendo dois milhões deles soltos às suas costas, espalhados no país. O general sempre afirmava:

A Interahamwe é um mal necessário em tempos de lutas e será extinta quando a paz for possível!

Esta era uma frase que aprazia ao Presidente da República, pois lhe dava a esperança de que estava diante de uma situação transitória e o fazia tolerar os desmandos e as violações dos direitos humanos praticados por alguns setores do governo. Para o general, não era tempo de armistícios. Em caso de se buscar um tratado de pacificação, pretendia negociar em uma situação estratégica melhor.

Quando um soldado em combate percebe que atiram nele, deseja responder até sua última bala disponível!

O general Gedeon não entendia porquanto Canisous Rubuga estava se metendo em política. Ele imaginou que talvez tivesse subestimado as intenções do hutu carreirista e que, na realidade, ele não possuísse tão somente músculos inofensivos, porém um cérebro ambicioso e em atividade. Precisava saber se seu subordinado estava fazendo jogo duplo, imaginando a possibilidade de vitória tutsi ao final da contenda. Era plausível se pensar que o miliciano, mostrando sua capacidade de prestar serviços a um tutsi, que tinha tudo para ser uma pessoa chave numa hipotética governança rebelde, estaria garantindo seu pedaço do bolo no futuro, fosse qual fosse o resultado da peleja em andamento. A história que seus agentes lhe informaram de que tinha havido um acordo financeiro entre Canisous Rubuga e o Sr. Habimana como pagamento de serviços a serem prestados, que incluíam conflitos agrários e assassinato de twas, não convencera o experiente general. Estava certo de que havia mais

coisa na história. Precisava descobrir a verdade ou ser convencido pelo chefe miliciano de que suas imaginações não passavam de devaneios de um velho general a caminho da reserva.

Canisous Rubuga era um homem valente, porém conhecia o limite do seu poder. Seu terror não chegava perto de arranhar o general Gedeon Bagirubwira. Na realidade, ao invés de respeito, tinha medo do hutu baixinho, ventrudo e gordo. A convocação de última hora não era uma boa notícia. Tomara todo o cuidado possível para manter oculta a ação na FBE, a qual tinha como único objetivo ganhar dinheiro através de uma operação free lance. Ele temia que o general não aprovasse sua ousadia de usar a tropa para fins particulares. Não obstante, depreendeu da intromissão, que existia um informante traidor e espião em sua tropa. Ele necessitaria de todo seu prestígio para sair-se bem da situação. Ele estava descontente com a falta de privacidade para tomar decisões. Seu comando estava em cheque, pois a inteligência hutu atuava dentro do seu grupo de trabalho. Na conversa com o general, além de prestar contas, também teria o que cobrar, visto que sua indubitável autoridade e autonomia foram postas em risco diante da tropa. Nenhum dos seus comandados, a partir daquele momento, confiaria seguir suas ordens, de peito aberto, sabendo que seus passos estavam sendo vigiados por gente tão importante das Forças Armadas Ruandesas.

Canisous Rubuga e Pierre Raynaud entraram na residência e encontraram o general Bagirubwira apoltronado, fronteiro a uma enorme televisão, no centro da sala principal. Em volta, havia bebida e comida suficientes para uma orgia gastronômica. Assistia a uma partida de futebol entre as equipes de Gana e da África do Sul. Ele estava entretido e empolgado com o jogo. Não o desatendeu e negligenciou, de início, a devida acolhida aos convidados. O miliciano hutu permaneceu em pé, esperando ser autorizado a sentar em respeito à patente do oficial à sua frente, contudo o francês não se fez de rogado e se acomodou prontamente, pois ali não existia ninguém a quem devesse obediência. Por longos quinze minutos de jogo, no primeiro tempo da partida, os dois visitantes aguardaram uma manifestação do general. Ele somente dirigiu-lhes a palavra quando se regozijou com um gol da equipe ganesa. Pulou, gritou e abraçou os convidados, a comemorar a crível derrota da África do Sul. O general não gostava dos sul-africanos em decorrência do apartheid naquele país, um regime de segregação racial adotado desde 1948 entre seus habitantes, a qual objetivava o jugo dos brancos sobre negros, mestiços e minorias de origem asiática. O apartheid terminou em 1990.

— Gol! Gol! Gol, meus amigos. Gol de Gana! — gritou o general eufórico. Celebrou no seu íntimo:

A vitória parcial dos negros de Gana contra os brancos mandantes da África do Sul, apesar do predomínio da cor negra entre seus atletas!

O oficial, tomando generosas doses de uísque, finalmente compartilhava sua fêrvida alegria com os convidados. Pierre Raynaud perguntou como poderia acontecer aquela partida, visto que a África do Sul fora banida pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) de participar de eventos internacionais.

— Que FIFA que nada, meu rapaz! Estamos na África. Iríamos perder a oportunidade de dar uma lição nos sul-africanos? Na África, vale tudo. Por sinal, há quanto tempo você está no Ruanda?

O general fez tal pergunta ao coronel francês por curiosidade e por acreditar que o forasteiro estava mal informado de como as coisas ocorriam em solo africano. Acrescentou:

— Ah! Ah! Ah! De onde você tirou essa ideia de que a FIFA esteja preocupada com o que ocorre na África? Ela somente se lembra de nós em duas hipóteses: quando jogamos contra um país europeu ou quando há eleições na entidade. Neste caso, por se tratar de uma partida entre Gana e África do Sul, não dá a mínima importância.

Monsieur Raynaud viu algum sentido nas palavras do general e resolveu não se opor àquela afirmação. Isto empolgou o general, que emendou:

— E não é só na FIFA que o descaso para com os africanos prevalece. A ONU, principalmente aquela, não dá a mínima importância para nós. Se um dia o Ruanda inteiro pegar fogo, os políticos de lá não jogarão um balde de água sequer. Você pode acreditar nisto, rapaz! E olhe que temos gente da África do Sul em cargo importante, lá dentro.

O general Gedeon demonstrava uma felicidade contagiante, pois a seleção de futebol de Gana jogava bem. Ele bebia generosas doses de uísque e estava um pouco ébrio. Por conseguinte, ria muito e falava alto.

— Ah! Ah! Ah! África do Sul... Ah! Ah! Ah! África do Sul... Ferrou-se! Ah! Ah! Ah!

O general finalmente ofereceu bebida para seus amigos.

— Vocês querem um uísque ou uma cerveja?

Canisous Rubuga escolheu uma cerveja. Ele não perderia uma oportunidade de saborear a legítima Mutzig. Por seu lado, monsieur Raynaud preferiu acompanhar Gedeon Bagirubwira no que restava de líquido na garrafa de uísque. O general, certo do sucesso de Gana no jogo que se desenrolava na TV, resolveu esquecer um pouco a peleja esportiva e dar atenção aos convidados. Como não estava de todo sóbrio, riu e tomou Canisous Rubuga como alvo do seu sarcasmo.

— Canisous Rubuga, você é um frouxo! A Interahamwe é um bando de maricas. Ah! Ah! Ah! Vocês, milicianos, somente batem em mulher grávida e tutsi desarmado.

Canisous Rubuga ficou com raiva do homem a maldizer da milícia, entretanto, nada podia fazer por causa do posto que o outro possuía na caserna. Afinal, tratava-se de um general do exército, um dos homens mais poderosos do país. Por seu lado, o oficial não parava de fustigar o chefe dos milicianos.

— Você irá comigo! Vou levá-lo à frente de combate, pois só assim você provará se é ou não um homem de verdade! Quero ver você trocar tiros com os safados Inkotanyis em campo aberto. Você pensa que os guerrilheiros da FPR têm medo desse seu facão? Ah! Ah! Ah! Essa

arma só impõe respeito às prostitutas dos cabarés de terceira categoria. Ah! Ah! Ah! Você só bate em galinha morta! A Interahamwe é uma corja de marias. Ah! Ah! Ah! Vou levar todos para o front. Você já viu um tutsi armado com um rifle à sua frente?

Canisous Rubuga apequenou-se diante do general. Ele não estava se sentindo confortável com a conversa e o melhor que tinha a fazer era ficar quieto e deixar o anfitrião curtir seu uísque como bem quisesse. Apesar do evidente tom de chacota do oficial, ele realmente tinha poder de mandar o miliciano hutu à frente de combate no Norte do país e isso Canisous Rubuga não queria. Ele sabia das desvantagens de ir ao encontro dos tiroteios com os Inkotanyis. Muitos dos seus amigos que tinham ido para a linha de frente morreram por lá. Além do que, ele sentia um prazer especial em comandar a Interahamwe. O bem-estar de um miliciano não era idêntico ao de um soldado em uma campanha militar. A bravura e os feitos heroicos que povoam o imaginário dos militares não faziam parte da realidade dos hutus arruaceiros. Tinham vício pelo poder de dispor da vida e da morte das pessoas. Não o poder político ou herdado da aceitação dos outros. Os inebriados hutus milicianos eram fascinados pela prerrogativa de decidir a sorte das infelizes pessoas que caíam em suas mãos.

Canisous Rubuga era um homem satisfeito consigo mesmo. Estava certo da sua valiosa contribuição social para o Ruanda e para a causa hutu. Sentia-se útil e acreditava ser um cidadão possuidor de um poder hutu que utilizava contra os tutsis, de modo natural. Por conseguinte, não gostou dos comentários do general Gedeon Bagirubwira.

— O senhor exagera um pouco, meu general!

Se o interahamwe estivesse dentro de um quartel, ou em uma situação oficial, não teria contestado seu superior hierárquico, porém considerou o encontro uma ocasião informal, sublinhada pelo local onde estavam e pelo comportamento descontraído do oficial.

— Exagerando, eu? Você só pode estar brincando, soldado! Ah! Ah! Ah! O que você tem feito de bom pelo Ruanda nos últimos anos?

— Tomo conta da cidade para que o senhor possa andar tranquilamente pelas ruas, sem precisar olhar para um lado e outro temendo levar um tiro traiçoeiro!

— Não me faça rir além do que posso. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Eu mesmo cuido da minha segurança.

— Não, meu general, sua proteção é feita por alguns homens do exército, contudo outros hutus importantes não dispõem de um pelotão de soldados em volta deles. Eu limpo as ruas para os hutus não pisarem em lixo quando andam na cidade que lhes pertence.

— Não seja estúpido, soldado! A Interahamwe não passa de uma isca para o safado do Paul Kagame, comandante dos Inkotanyis, engolir com um anzol bem pontudo preso nela! Quanto mais vocês fustigam os tutsis residentes no país, mais o tempo se torna exíguo para o maldito guerrilheiro. Ele, um dia, se precipitará e lançará um ataque desenfreado. Nós estaremos prontos para encontrá-lo no nosso campo de batalha. Será o fim da FPR.

Canisous Rubuga ficou triste. Nunca antes alguém do partido ou do regime ruandês falara

da Interahamwe daquela maneira em sua frente. Ele se sentiu uma peça menor manuseada em um jogo de estratégia militar. Para ele, seu papel era manter limpa a retaguarda do exército, expurgando do país asseclas, traidores, conspiradores e simpatizantes tutsis. A informação de que ele também atuava para instigar e desestabilizar os guerrilheiros da FPR foi-lhe algo novo.

Entre outros motivos, os hutus criaram a Interahamwe para fazer ver aos Inkotanyis que, quanto mais pressionassem o país, mais seus pares no Ruanda sofreriam. Não contavam com a hipótese de o comandante da FPR estar disposto a sacrificar bom número de tutsis, se preciso fosse, para conquistar o país pela guerra. Monsieur Raynaud aventou a falta de comprometimento do comandante Kagame com os tutsis do Ruanda. Ele perguntou ao general:

— E se Paul Kagame não se importar tanto com os tutsis daqui, como imaginamos?

— Como assim não se importar? — sondou o general.

— Ele não é de todo ingênuo e deve saber que uma incursão não pensada contra Kigali colocaria em risco sua missão!

— Para que ele desejaria governar um país tutsi sem tutsi dentro?

— Ele os tem no exílio. Para cada um que o senhor matar aqui, trará outro de fora!

— Você é um coronel francês esperto, meu rapaz, não obstante ter cometido a burrice de vir trabalhar no Ruanda em tempo de guerra.

— Eu sou um soldado, general. Não temo guerras. Sou preparado para isso!

— Tampouco, temo; entretanto, não entro em uma que não seja minha, como você está fazendo.

— Isso é uma questão política. Nós, militares, não temos nada com isso.

— Está bem! Deixemos a política de lado. — o general voltou ao tema anterior — Você não contou com a possibilidade de que, mediante pressão, o senhor Kagame assine um acordo de cessar-fogo!

— Por que ele assinaria um acordo com o governo ruandês do Presidente Juvénal Habyarimana?

— Para dividir o poder, certamente.

— Como seria essa partilha?

— Nós assinamos um tratado e tornamos a FPR um partido político legal no Ruanda. Faremos eleições livres...

— Ah! Entendi. Como a maioria da população é hutu, o Presidente Juvénal Habyarimana ganha a eleição e o seu poder político é amplamente legitimado.

— O senhor é um gaulês sagaz, coronel...

Monsieur Raynaud começava a compreender as intenções maquiavélicas da raposa velha e resumiu o assunto para o general Gedeon:

— A Frente Patriótica Ruandesa assina a paz e entra no Ruanda. Seus soldados ou são incorporados ao exército ruandês ou são espalhados pela população civil. Os Tutsis perdem a eleição por não terem votos suficientes para confrontar os hutus nas urnas...

Embriagado, o general começou a rir.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! E é só, francês? Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O coronel finalizou sua avaliação:

— É, e há mais: uma vez, em solo ruandês, Paul Kagame, Aaron Bitero e os principais líderes inkotanyis poderiam ser presos, assassinados ou sofrem acidentes!

O general não conteve o riso.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Isto aí é com você, meu rapaz! Eu não lhe disse nada! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Notadamente embriagado, o general hutu falava além do recomendável na presença do miliciano da Interahamwe e do coronel francês. Não se sabe se essa conversa, viajando por meio de uma dose de uísque a outra, de boca em boca, pelas farras do Ruanda, tenha chegado ao conhecimento do comandante Kagame.

— Gol! Gol! Gol! Gol, meus amigos. Segundo gol de Gana! — gritou o general, eufórico com mais um tento da seleção para a qual ele estava a torcer.

— Gol de Gana! — falou o coronel francês, contagiado pelo entusiasmo do general.

Não obstante estar fronteiro a um bom jogo, muito disputado, no qual os atletas demonstravam habilidade em campo, Pierre Raynaud acreditava que sua equipe de coração, o Lyon, ganharia de qualquer uma daquelas seleções africanas.

— O Lyon bate qualquer um time desses aí. Fácil, fácil!

O general redarguiu em tom de incredulidade.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Você está maluco demais, francês! Para teu time bastam os sul-africanos brancos. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

— Alto lá! Falar é fácil.

— Ora! Quando foi a última vez que seu time foi campeão francês?

O coronel, ao ouvir a pergunta, ficou calado, pois não podia ir contra tal verdade:

Não se lembrava quando o Lyon tinha ganhado o campeonato francês de futebol!

O general resolveu iniciar o assunto para o qual os dois homens foram convocados, assumindo um tom sério e inquisitivo.

— O que os senhores faziam na Fazenda Boa Esperança?

Canisous Rubuga estava esperando aquela pergunta, desde que recebeu em Gitarama um comunicado da parte do general Gedeon Bagirubwira, ordenando que comparecesse àquela residência. Portanto, apesar de estar em uma situação delicada, ele tivera tempo suficiente para ensaiar o conteúdo e inclusive a entonação da sua resposta. Portanto, resolveu ser direto com o oficial.

— Fui tratar de questão financeira com o Sr. Emmanuel Habimana. A conversa foi dinheiro!

— Não me venha com essa! Dinheiro? Nunca vi um trocado que não esteja aferrado a algo mais!

— Vou prestar-lhe um favorzinho mediante pagamento!

— Você já não tem serviço de mais na Interahamwe? Está faltando tutsi para você estripar? Se quiser, passo-lhe uma lista com nomes agora mesmo, de sorte que não lhe sobre tempo para atender a mandados dos inimigos.

— Não é o caso, meu general. Meu afazer eu cumpro bem. Apenas achei que poderia ganhar um dinheiro extra, quando me surgiu esta oferta. Preciso pagar as minhas dívidas!

— Dívidas de jogo na certa! Já lhe disse que largue esse vício, pois começa a interferir no seu trabalho! A farra, as falcatruas e o descontrole estão perdendo você! E quem lhe fez esta proposta?

— Um capataz da fazenda do Sr. Habimana.

— Ele é tutsi ou hutu?

— Não me preocupei com isso.

— Como não se preocupou com isso? Por acaso, você não sabe que no Ruanda estamos numa época em que a etnia do indivíduo conta para algo?

— Sim, eu sei, meu senhor.

— Eu sei, sim, senhor é pouca coisa, rapaz! Vamos tentar corrigir essa sua burrice! Você não sabe que as inyenzi da Frente Patriótica Ruandesa possuem um pessoal especializado em catalogar atrocidades que cometemos, para quando o conflito terminar, espalhar para o mundo todo? Você quer ir parar num tribunal de guerra por crimes denunciados pelos tutsis com requintes de documentação, nomes, testemunhos e datas, imbecil? O negócio da Interahamwe é

esfolar tutsis anonimamente! Você não deve matar a mando dos inimigos!

— Sim, senhor.

O general estava possesso. Transtornado, esbravejava contra o pobre miliciano hutu, que pressentia sua carreira em via de findar. Quanto mais a conversa com seu superior avançava, menos esperança tinha. O interahamwe acreditava presenciar a aproximação do seu fim. Por seu lado, o general, aos gritos, convocou um subalterno da sua guarda pessoal e de sua confiança.

— Basta, miliciano... **Charles!**

O previdente sargento Charles Musayidire era uma espécie de faz-tudo e chefe de uma segurança pessoal criada para a proteção do general, nos moldes da guarda presidencial, respeitando-se as proporções. Diziam as más-línguas e opositores que o chefe da guarda pessoal era quem, na realidade, comandava o general. O sargento Charles Musayidire era temido por quase toda a tropa em decorrência da amizade e influência sobre o mais potentado militar do exército ruandês depois do Presidente Juvénal Habyarimana. Ele se achegou como quem não soubesse do assunto e ficou calado, aguardando instruções.

O francês, alheado, não entendia bem o que se passava ali. Percebia, no entanto, que à sua margem se desenrolava um assunto interno do exército e em consequência estava mais preocupado com a partida de futebol que passava na TV. Por seu turno, Canisous Rubuga, ao perceber a chegada do sargento Musayidire, gelou por completo e, ainda que ele estivesse empunhando mil facões hutus, não se sentiria protegido. O general, dirigindo-se ao seu chefe de guarda, questionou:

— Charles, como é o nome do rapaz que nós infiltramos na Fazenda BE há uns quinze dias, após descobrirmos as andanças deste moço por aquelas bandas?

O general falou, apontando para Canisous Rubuga. Seu oficial da guarda respondeu-lhe e recebeu, de imediato, a seguinte instrução:

— Mande-o me enviar um relatório completo sobre o cara que negociou com este hutu tolo aqui.

Novamente, o general Gedeon Bagirubwira apontou para o coitado do Canisous Rubuga, como em referência a um hutu idiota. E emendou:

— Até depois de amanhã, quero saber tudo acerca dele. Descubra se é tutsi ou hutu. Tudo mesmo! Quero saber até o nome do mato que usa para limpar a bunda quando defeca na mata!

O general se dirigiu para o miliciano, desta vez, com calma e atenção. O militar estava feliz por julgar ter tomado uma boa decisão e que daquela maneira consertaria a bobagem feita por aquele hutu sem cérebro. No íntimo, imaginou:

O que seria do Ruanda sem um general como ele nas fileiras do exército?

Imaginou ser mais que hora de se tornar presidente da república. Tinha as atitudes adequadas às ambições. No entanto, esta era uma questão para depois de terminada aquela peleia estafante. Olhou para Canisous Rubuga que estava assustado, taciturno e deprimido ao seu lado e condeu-se. Para o general, o intrépido hutu era um bom homem, um bom pai de família e um cidadão que fazia muito pelo Ruanda. Prezava o miliciano que vira ainda criança e era um cão de guarda zeloso. Depois que o soltara nas ruas, Kigali estava mais pacífica, pois ele se atinha ao trabalho sujo necessário para manter a paz e a ordem social. Logo, procurou tranquilizar o chefe da Interahamwe, que dava a impressão de acreditar que sairia daquela sala diretamente para um pelotão de fuzilamento, montado por ali mesmo no quintal daquela chácara.

O general Gedeon Bagirubwira era um homem justo, honrado e protetor da tropa!

— Fique calmo, soldado. Não se abata assim. Você é um homem. Nunca perca o poder hutu. Eu vou resolver isso tudo para você!

Depois de todo o assunto posto e findo e de todas as cenas de indignação, o general indagou, finalmente, Canisous Rubuga:

— Diga-me, meu rapaz! O que você foi fazer na porcaria de rancho do Sr. Emmanuel Habimana?

— Gol! Gol! Gol! Gol da África do Sul!

Monsieur Raynaud, que estava assistindo ao jogo, tomara partido da África do Sul, contrariando o general Bagirubwira, que não podia fazer nada contra a indelicadeza do seu convidado, pois a França não era a Interahamwe. Canisous Rubuga respondeu ao general:

— O Sr. Emmanuel está com problemas com os twas. Um grupo deles invade suas propriedades e retira terra dos brejos de Bugesera!

— Que mal há em os coitados pegarem um pouco de barro para fazerem um pote?

— Não sei, general. Não perguntei, pois não faz parte do meu ofício!

— Aposto que aquele grileiro anticristo tomou o terreno deles ou o local é do governo e está sendo carregado para seus pertences por meios escusos. Charles, veja isso para mim também! O que ele quer que você faça?

— Ele quer que eu amedronte os twas. Devo dar uma surra em alguns e matar uns três deles.

— Está certo, está certo! Isto é um trabalho fácil. Donde raios são estes pigmeus?

— São da vila de Kigali!

O general quase tem um ataque cardíaco, ao ouvir o hutu citar a procedência dos twas que estavam a caminho da morte certa. Virou um copo cheio de uísque dentro da garganta, de impulso, com tanta pressa, que deu a impressão de que a dose dupla caíra-lhe diretamente no intestino, sem molhar dentes, boca ou esôfago. O copo escapou por pouco de entrar-lhe goela adentro.

— Puxa vida! Quê? De onde?

— De Kigali...

— Você ficou maluco? Quer acabar comigo? Como é que vem à minha morada me comprometer desse jeito? Vou acabar com você, Canisous Rubuga! **Charles! Charles! Charles!**

O sargento, que havia saído da sala para providenciar o mando anterior, retornou correndo e encontrou o general transtornado como se estivesse ébrio novamente.

— Valha-me Deus! Charles! Charles! Charles!

— Eu estou aqui, meu general! O que houve?

— Charles, prepare um pelotão de fuzilamento agora mesmo! Nós vamos ter hutu assado para o desjejum de amanhã.

— Qual é o problema, senhor?

Charles o inquiriu na esperança de encontrar uma solução para o caso. O general lhe explicou a situação em que se envolvera.

— Esse mentecapto aí — falou apontando para Canisous Rubuga — mandou seus capangas exterminarem todos aqueles twas punheteiros, amantes da médica maluca lá! Doutora... Doutora... Como é mesmo o nome dela?

— Isabelle, Dra. Isabelle!

O sargento Charles Musayidire percebeu que o assunto era delicado. Sabia que existia uma promessa velada do Presidente Juvénal Habyarimana ao Dr. Mike, dando-lhe garantias de que os twas de Kigali não seriam chacinados. A morte ou a prisão de um ou dois poderia ser tolerada, por ser fácil de justificar ao presidente, porém não havia garantias de que os interahamwes fossem comedidos na realização de uma missão contra pigmeus. Ele resolveu agir rápido para solucionar o problema e para isso questionou Canisous Rubuga.

— Você já deu a ordem para a execução dos twas?

— Já...

Charles e o general gelaram. O sargento continuou:

— A quem você deu esta incumbência?

— A alguns homens do meu pelotão. Eu não iria me locomover até os alagados de Bugesera só para ferrar twa. O serviço será feito no local onde eles coletam o barro na próxima oportunidade que aparecerem!

— Será que eles vão lá todo dia?

— Não sei.

O sargento Charles Musayidire era dotado de um enorme senso prático e isso justificava a confiança que o general depositava nele. Entrou em contato com seus homens do exército na cidade de Bugesera e ordenou-lhes:

Dormissem, comessem, pernoitassem, chapinhassem e, enfim, vivessem na lama, a partir daquele momento, até ordem em contrário. Se encontrassem alguns pigmeus se aproximando dos pântanos, escoltassem-nos liados e em segurança para longe de lá e os escondessem de qualquer interahamwe. Foram-lhes dadas ordens para atirar para matar em qualquer miliciano que se abeirasse a menos de vinte metros de algum deles ou que melassem os pés de barro. Formassem uma patrulha suficiente para cumprir a ordem de imediato.

O oficial da guarda do general sabia que a partir da amanhã seguinte teria a situação em mãos. O problema ocorreria se algum twa aparecesse naquela noite para coletar o barro. Ele imaginava que, com a pressão do Sr. Habimana, bem poderiam os pequeninos estar evitando operar à luz do dia. No mais, era rezar para que tudo desse certo, a partir de então. O sargento Charles Musayidire, por conta própria, resolveu dar algumas explicações ao aturdido Canisous Rubuga.

— O tutsi Emmanuel Habimana é um homem sinistro para nós. Ele é investigado por suspeita de colaboração com a Frente Patriótica Ruandesa. Nós não temos provas contra ele e, conseqüentemente, infiltramos um dos nossos dentro da fazenda. Ele possui muitos funcionários, avassala e demite muita gente. Não foi difícil pôr alguém lá. É um tutsi rico com um emaranhado de negócios no Ruanda. Não podemos simplesmente eliminá-lo sem um motivo justo, pois sua morte daria muita dor de cabeça. Esta não é uma opinião particular, porém do pessoal dos ministérios ligados à economia do país. Eles possuem muita força com o presidente e protegem quem tem competência para gerar riqueza e negociar bens e serviços neste país, como é o caso do Sr. Emmanuel Habimana. Costumam dizer que não vale nada transformar o Ruanda num imenso campo de refugiados dependente da esmola estrangeira. Argumentam que seria uma desgraça para a imagem do país se nós saíssemos por aí assassinando empresários. Por conseguinte, o presidente exige provas consistentes e um relatório regular, para o caso de eliminação de pessoas ricas.

O comandante interahamwe perguntou:

— Compreendo a proteção ao fazendeiro. Todos precisam comer. E os miseráveis twas? O que ganhamos com eles vivos?

— MUITÍSSIMO mais que o café do estancieiro tutsi!

— O quê?

O miliciano ficou curioso em saber de onde vinha o poder dos twas.

— O poder deles se chama Dra. Isabelle!

— Ah! Minha nossa! A médica maluca?

— Sim, meu amigo. Aquela médica controvertida, doidona e maconheira!

— Dra. Isabelle fuma maconha? Não pode ser! Ela é uma médica... Gente que zela pela saúde.

— Eu não sei, tampouco me interessa apurar. Entretanto, dizem que ela não sai do lado dos twas maconhados. Onde há fumaça há fogo!

— O que ela tem de tão poderoso assim? Parece-me ser uma pessoa comum!

— Ela não, entretanto, o namorado dela, sim!

— O Dr. Mike? É, aquele que parece ter o rei na barriga!

— O rei dele não está na barriga, porém no bolso do Presidente Juvénal Habyarimana!

Canisous Rubuga, de repente, sentiu o tamanho da encrenca em que quase se metera. Agradeceu ao sargento Charles Musayidire e lhe fez várias perguntas sobre as providências que ele tinha tomado e se dariam certo. Mesmo sendo tranquilizado pelo chefe da guarda, saiu com mais uma de suas ideias.

— Se você quiser, parto agora mesmo para Bugesera, encontro o meu pessoal no pântano e desfaço as ordens que dei!

Ao ouvirem o plano do miliciano hutu, o sargento Musayidire e o general Gedeon Bagirubwira se entreolharam e não puderam conter o riso. O general resumiu a impressão deles acerca do outro hutu.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Que ideia twa! Você é um estúpido mesmo, Canisous Rubuga! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Se você puser o pé naquele lodo, cai duro de tanto chumbo que comerá! Você não durará um minuto vivo, por dois motivos simples: você é hutu e da Interahamwe. Acabou de escutar a ordem que eu dei! Como você é burro! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Se for para lá, diga que é tutsi. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Na mesma noite, horas após, sete membros da Interahamwe, os mesmos facínoras que aterrorizaram a Fazenda Boa Esperança na ocasião, foram assassinados sob os papiros dos

paludes de Bugesera. Canisous Rubuga, no dia seguinte, juntou sua tropa e discursou lamentando a morte dos companheiros num combate contra a Frente Patriótica Ruandesa. Ele não perdeu a oportunidade de alertar a todos seus subordinados e protegidos da Interahamwe de Kigali que o triste acontecimento era uma prova inequívoca de que existiam guerrilheiros tutsis infiltrados na região de Bugesera até a capital. Exortou a todos a intensificar a pressão sobre os assassinos tutsis. E, para vingar a covarde matança dos amigos milicianos, promoveu uma chacina num lugarejo rural onde havia suspeitos de terem participado do assassinato dos hutus. Três tutsis, mediante tortura, confessaram, em praça pública, cumplicidade nos crimes. Por sorte de Canisous Rubuga, entre os indivíduos executados pelos seus agentes enviados ao lugar estava um para quem possuía uma dívida de jogo por ser quitada. Ele era um jogador que não queria obter a fama de pagador incerto, ainda que para tutsis. Temia não ser chamado para os carteados de pôquer, caso não honrasse compromissos assumidos. Tomou o cuidado de não associar aquela morte à sua pessoa.

O sargento Charles Musayidire aclarou a Canisous Rubuga que os empréstimos para o governo eram obtidos no sistema financeiro internacional. Muitos destes recursos somente chegavam ao Ruanda com o aval do Dr. Mike, que possuía um prestígio incomum para os assuntos da África Central. Qualquer projeto para angariar recursos com facilidade precisava da assinatura dele. O Presidente Juvénal Habyarimana dizia aos achegados que o surrado carimbo de madeira com o nome do Dr. Mike valia no exterior mais que a insígnia do Ruanda. Já sossegado pelo seu chefe da guarda pessoal, o general Gedeon Bagirubwira resolveu perguntar a Canisous Rubuga:

— Quanto o Sr. Emmanuel Habimana lhe pagou?

O interahamwe, em uma situação confortável, mentiria, porém o caso envolvia até o Presidente da República e ele não poderia vacilar com aqueles poderosos senhores. Por isso, mesmo a contragosto, falou a verdade.

— Dez mil dólares!

— O quê? Tudo isso? Aposto que o miserável encontrou diamantes no lodo! Cheque isso também, Charles! Você está com o dinheiro aí, soldado?

— Sim, com seis mil. Os outros quatro estão com o francês ali! — Canisous Rubuga apontou para Pierre Raynaud, que, por ter achado o assunto enfadonho, retirara-se para um canto externo da casa e não mais escutava ou participava da conversa. O general lamentou a existência do valor em mãos alheias.

— Por que você foi envolver um gringo nessa história, idiota? Não sabe mais dar conta do seu serviço sozinho?

— Eu não chamei o francês. Quando cheguei à fazenda, ele já estava lá!

— Anote isso aí, Charles. O gaulês não me parece ser boa gente. Por que será que o Sr. Habimana iria querer um francês metido nisso?

— Não sei — falou Canisous Rubuga.

O sargento Charles Musayidire explicou sua linha de raciocínio para o general.

— O Sr. Emmanuel, apesar de rico, é tutsi. Ele deseja contar com o respaldo dos franceses perante a autoridade do Ruanda. Um jeito de esconder o fato mais facilmente, com o envolvimento de um coronel francês, em caso de necessidade!

O general falou:

— É esperto o tutsi! Temos de tomar cuidado com ele. Quero-o vigiado bem de perto, Charles!

O general Gedeon deu a seguinte orientação para Canisous Rubuga:

— Nós temos de ser honestos com o Sr. Emmanuel Habimana. Ele pôs muito dinheiro nessa história. Não é por ser ele um tutsi que vou tratá-lo como se fosse um twa. Você, Canisous Rubuga, virá amanhã à tarde, aqui na minha chácara, e pegará das minhas mãos uma ordem de prisão contra os twas por invasão de propriedade privada ou posse de maconha. Eu vou encontrar quem assine uma para você. Meu nome não pode ficar envolvido nisso. Você irá à comunidade deles, aqui nos arredores, grita, dá umas correadas em alguns e leva três presos. Não leve nenhuma fêmea de lá, porque não quero saber de mais estupros neste caso. Do jeito que seus milicianos estão agindo, sem governo, daqui a pouco estarão comendo até as twas! A médica doidona ficará possessa e viajará loucamente com a motocicleta infernal diretamente para o distrito policial. Ela não terá sucesso no seu intento, ainda que grite mais que uma mulher parindo gêmeos. Nesse tempo, ela novamente montará na moto e, se não atropelar alguém, chegará onde esteja o Dr. Mike, que acode tudo o que sua amante americana pede. Ele, tampouco, terá sucesso com o chefe de polícia e virá diretamente a mim! Pedirá que eu interceda em seu favor. Eu conseguirei dele que convença a médica pirada a orientar os twas a encontrar outro pântano, mesmo que distante. Após relutar, eu o ajudarei e ordenarei que soltem os twas. Ele ficará me devendo um obséquio que cobrarei de imediato, pois se refere a uma promoção para oficialato: tenho um sobrinho que o presidente teima em não promover, pois o infeliz foi pego pelo serviço secreto em um envolvimento justamente com uma das amantes do Presidente Juvénal Habyarimana. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O miliciano saía, quando o general Gedeon Bagirubwira o chamou.

— Epa! Aonde o senhor pensa que vai, Canisous Rubuga? Não está esquecendo nada?

— Desculpe-me, meu general, não sei o que eu possa ter esquecido!

— O meu dinheiro, seu safado!

— Que dinheiro?

— O que o fazendeiro deu para ter as terras dos outros só para si! Acha que vou trabalhar para você de graça? Você não fará nada! Eu tive de resolver esse assunto todo.

Contrariado, o interahamwe assentiu, em respeito à posição da patente contrária.

— Como queira, meu general! De quanto será sua parte?

— Tudo! Eu quero os cem por cento do seu bolso já! Dê-me logo esses dólares para cá, soldado!

Canisous Rubuga, a muitíssimo contragosto, deu todos os seis mil dólares ao general Gedeon Bagirubwira, despedindo-se de cédula por cédula, contando-as uma a uma em um ritual de martírio comovente. Ali estava um homem amargurado que voltava a pensar em suas dívidas de jogo. Se ele não pagasse o que devia, perderia a credibilidade dos seus oponentes e ninguém mais aceitaria espontaneamente jogar contra ele. Não queria calotear parceiros. Por boa parte daquela noite, o hutu foi visto nos cabarés da capital, a beber exageradamente, fiado e muito irado, desferindo safanões nas ambulatrizes tutsis do lugar.

As Flores do Ruanda

Capítulo IX

Mukono e Dancilla

Mukono era um twa que compensava o analfabetismo e a inaptidão laboral com o fato de ser astuto e destemido no trato com as pessoas na sociedade competitiva e seletiva do Ruanda. Possuía esse nome em alusão a uma comunidade twa homônima do Congo, donde dizem que viera. Ele, como qualquer outro pigmeu, era pequeno, contudo, como sempre dizia:

Matutsi, mahutu e o Ruanda eram grandes, mas isso não fazia diferença!

Em uma conversa com Tharcisse Mugabe, escutei o seguinte sobre o intrépido indivíduo singular:

— Veja Mukono, por exemplo, Dra. Isabelle, ele acredita que não pertence a lugar nenhum. Vive vadiando entre as reservas florestais de Uganda e do Zaire. Não sei como ainda está vivo. Muitos batwa que eu pensava que durariam mais que ele foram mortos por batutsi ou bahutu. Mukono, contudo, continua firme.

— Você acredita que ele é especial, como os twas dizem, Tharcisse Mugabe?

— Para mim, ele é um matwa especial. É perigoso estar ao lado dele, porém é especial, sim. No fundo, é um bom matwa que não aceita injustiças. Penso que, se houvesse mais mukonos no Ruanda, ou já nos teriam matado a todos ou seríamos iguais aos tutsis e hutus!

— É nobre que você pense assim, Tharcisse. Vê-se logo sua inteligência e discernimento. É um crime este país não dar escola para os twas. Você é a prova viva do potencial da sua estirpe!

— Obrigado, senhora.

— Eu não lhe perguntei isso de Mukono. O que quero saber é se você acredita que ele é mesmo espiritualizado e candidato a feiticeiro ou curandeiro de vocês.

— Claro que sim, Dra. Isabelle. Eu já vi Mukono fazer coisas incríveis!

— O quê, por exemplo, você o viu fazer de especial?

— Eu o vi morrer e nascer de novo!

— Quê? Você o viu ressuscitar?

— Sim!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Você é um twazinho muito do mentiroso!

— É a pura verdade, Dra. Isabelle! — asseverou-me.

— Como foi isso? Você o viu subir aos céus como Jesus Cristo?

— Não, eu o vi ser comido por um leão enorme nas savanas do Parque Nacional do Akagera, na região de Rukara.

— Você viu o leão morder, mastigar e comer os pedaços de Mukono?

— Não, porque dei aquela corrida! Eu me virei por um segundo e vi o leão puxar Mukono já expirado por uma das pernas ensanguentadas para dentro de uns arbustos.

— Você não matou o leão? Não ajudou Mukono? Ah! Ah! Ah! Ah!

— Eu não podia fazer nada contra um leão daqueles, doutora! Se fosse uma leoa, que é menor, poderia ter enfrentado!

— Olhe a discriminação, twa machista! Deveria ter enfrentado o leão e esquecer a leoa! Concordo com o Dr. Mike: você é um homenzarrão frouxo, senhor Tharcisse Mugabe! Onde já se viu temer um leãozinho de nada? E qual foi o final dessa história?

— Nós tínhamos ido caçar. Peguei o quanto pude da caça que despertara o interesse do leão e retornei correndo para a vila. Eu nunca corri tanto e tão rápido em minha vida. Enquanto subia e descia serras, meu coração parecia que ia pular para fora de mim. Quando cheguei, esbaforido, ao povoado, fui direto contar o acontecido para Domitilla, porém, assim que entrei na cabana dela, encontrei Mukono deitado em uma esteira no piso de barro batido, dormindo, despreocupadamente, sem nenhum arranhão. Não sei como ele pôde ter chegado antes de mim a Kigali. Como ele se livrou do leão sem nenhum ferimento, Dra. Isabelle?

— Vou eu saber, twa! Ainda não cheguei a brigar com um leão, mas pelo jeito, tudo acontece neste país. Quem sabe não sobra algum para eu matar também. E o que Mukono lhe contou?

— Nada...

— Nada? Como nada? Tá louco? Ele é a única pessoa viva que foi comida por um leão e não diz nada? Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

— Disse-me que não se lembra de coisíssima nenhuma, Dra. Isabelle! Não adianta falar com ele, pois não se recorda! Receio que esteja acoitando algo...

— O que esconderia?

— Acredito que o meu amigo matwa ficou morto na savana!

— Quem tomou o lugar dele, em sua opinião?

— Aposto que o Mukono que está aqui conosco é o leão, Dra. Isabelle! Às vezes, ele me olha esquisito...

— Quê? Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Vamos mudar de assunto, Tharcisse Mugabe! Hoje você está nos seus melhores dias. É um desperdício de talento viver do comércio de flores! Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

Os twas diziam que Mukono teria vida curta e que seria vítima certa dos tutsis ou hutus, por causa da sua desobediência, petulância e falta de freios espontâneos. O tempo passava com ele a presenciar muitos enterros doutros pigmeus, sem ainda ter comparecido ao seu próprio funeral. Quando as circunstâncias ficavam ruins, refugiava-se na mata cerrada donde era quase impossível retirá-lo, em virtude da sua larga experiência em ambientes naturais. Mukono não vivia completamente inserido na vida urbana. Afoito por índole, amiúde, embrenhava-se nas selvas e passava dias sobrevivendo recluso da captura de bichos nas reservas florestais, da pesca no lago Kivu e da coleta de frutas e raízes silvestres. Não gostava de perder para ninguém, a despeito de ser twa e devesse aceitar este desígnio. Tharcisse tentou levá-lo para visitar a amiga Isabelle, todavia foi severamente repreendido pelo Dr. Mike que não queria que ela desse guarida a mais pigmeus. Argumentou:

A casa da Dra. Isabelle não é um albergue de indigentes, que vivem à custa alheia! Lá já acorrem Tharcisse e Dancilla. Dinheiro não estica feito borracha e a coitada não pode sustentar as bocas de tantos twas preguiçosos!

Eu, sendo mulher, percebera qual era o intuito de Mukono comigo: Dancilla. Ele tinha-lhe uma queda e a trazia de olho, porém como era casado e possuía uma esposa atenciosa e dedicada, imaginei que o que sentia pela minha ajudante era tão somente uma atração passadiça própria dos homens. Mukono, no entanto, se apaixonou sinceramente, como me revelou depois:

Pela mais linda e jovial matwa de toda Kigali!

Dancilla era uma formosa menina twa de 12 anos de idade que Tharcisse Mugabe levou para morar comigo, de sorte que eu tivesse alguém que me ajudasse na lida doméstica. O trabalho no CHK era pesado e não havia como eu providenciar o andamento da casa após retornar à noite. Mukono, sempre que podia, dava um jeito de encontrá-la pelas ruas da capital, nas ocasiões em que ela saía para proceder ao atendimento de algum mandado que eu a incumbia de fazer. Minha pequena twa não possuía uma opinião formada acerca daquele homem, pois era uma jovem inúbil recém-chegada à puberdade, que não definira quais seriam seus caminhos escolhidos no amor. Em minha opinião, Dancilla era apenas uma menina ainda não pronta para uma união séria. No máximo, permitiria que ela se iniciasse nas artes da paixão em um namoro moderado com algum rapaz da sua idade, porém nunca com um homem casado. Eu acreditava que seria uma agressão contra a pureza de Dancilla, se eu, na qualidade de sua tutora, permitisse-me vê-la se iniciar com um homem comprometido, mais velho e experiente que ela. Por isso, qualquer pretensão que não fosse um envolvimento amigável dele com ela seria rechaçada por mim, uma vez que eu era responsável pela criação da minha inocente menininha.

O amor que fluiu do matreiro twa para minha pré-adolescente, se platônico fosse, ter-se-ia feito córego e calmamente desaguado em um amplo mar azul de paixões. Todavia, obsessivo, fez-se corredeira e bateu em pedras ao tombar em cascata.

Havia dias Mukono estava num tremendo finca-pé com ousadia e bravura de campana rodeando a FBE, tramando em surdina com o intuito de furtar um carneiro. Aquela era uma empreitada de honra para ele e exigia-lhe sua mais depurada intrepidez. Todos os twas da aldeota sabiam que ele estava em uma demanda pessoal que envolvia uma contenda na Fazenda BE, em Gitarama. Ainda que os twas, com base nos princípios cristãos que iam adquirindo por catequese, reprovassem, em tese, o furto, respeitavam, por outro lado, as motivações de Mukono e a maneira destemida como honrava os antepassados e as tradições de sua gente, tão raras então. Ele passara os últimos dias à espreita, estudando a rotina da propriedade do Sr. Emmanuel Habimana, buscando uma brecha ou uma falha na segurança para entrar furtivamente, pegar uma peça do rebanho e sair o mais rapidamente possível sem ser notado ou perseguido.

No último dia de campana, Mukono concluiu uma avaliação errada do cenário à sua frente, fez uma precipitada incursão na propriedade e foi denunciado pelos cães de guarda. Sua jornada naquela herdade ficou prestes a ir por água abaixo. Esquivou-se dos tiros desferidos pelos tutsis e se embrenhou em carreira no mato fechado, acudindo-se, em desespero, em um ambiente no qual sabia que possuía alguma chance de vida. Mukono conhecia os segredos da selva, porém compreendeu que devia parar e descansar, pois não era páreo para a velocidade dos animais da guarda em seu encalço. Ele se ungiu com uma seiva esverdeada, escura e gosmenta e dissimulou seu cheiro, confundindo a matilha que o farejava para os tutsis armados em sua perseguição. Para escapar, ele subiu em um imenso baobá, a

árvore mais alta que havia no bosque, e ficou imóvel, fingindo ser um galho a mais na copa frondosa e salvadora. Abaixo de si, os cães farejavam sem nada perceberem e os tutsis procuravam gravetos quebrados, pedras bruscamente afastadas, grama achatada ou algum outro tipo de sinal deixado por sua passagem, que lhes indicasse o caminho até seu objeto de desejo. Aquele baobá era uma árvore de caule tão grosso e grande que poucos acreditariam que o twa pudesse escalá-lo com tanta rapidez. Os olhos dos tutsis brilhavam e suas percepções de caçadores se aguçavam em uma busca renitente; no entanto, somente o vento forte, rasgando a floresta, chocava-se contra seus entendimentos. O mesmo vento penetrava, cheirando a seiva, nas narinas dos animais. Como bênção twa, de repente, nuvens negras cobriram o mundo e se concentraram por sobre o baobá. O clima anuviou o teto da mata e entrou a chover pesadamente, como se o mundo estivesse se dissolvendo e os seguranças tutsis se amedrontaram. Perderam a concentração, em meio a muita água, trovões e relâmpagos que caíam como dardos por sobre suas cabeças desgalhando árvores. Cometeram o erro de abandonar a empreitada, ainda que um cachorro, o mais magrinho e pulguento da matilha, começasse a latir, indicando que encontrara algo. O pequeno vira-lata, entre tantos potentes rottweilers, foi o mais sagaz e achou o twa. Mukono, lá do píncaro, vendo a cena, imaginou que, no mundo canino, aquele deveria ser um cachorro matwa, enquanto os outros animais enormes eram batutsi e bahutu. A chuva, ao bater no corpo untado do twa, começou a retirar a seiva, denunciando fracamente seu cheiro, proporcionando um ralo raro ao melhor sabujo. Em questão de segundos ou minutos, os outros bichos, do mesmo modo, teriam a percepção, porém os tutsis que estavam na mata havia muito tempo, para se livrarem da chuva, desterraram-se, por acreditar que o ladrão não mais estava ali. O cãozinho sarnento e cheio de pulgas resignara-se, pois dava como certa a ignorância dos seus donos, que caminhavam de volta para a fazenda a uns trinta metros às suas costas, sem lhe dar a mínima atenção. O vira-lata ficou estático, olhando para cima, absorto, sem entender como, depois de tanto trabalho, iriam deixar a caça ali em cima do baobá, parada e indefesa, derreada ao alcance deles. O bálsamo que, horas antes, farejara no lombo de uma ovelha da Fazenda Boa Esperança estava ali, perfeito e transparente, impregnando todo o ar. Ele indignou-se com a situação. Odiou o inumano ser preto-esverdeado pendurado do galho alto. O cão olhava dentro dos olhos do twa, buscando decifrar o que era tal bicho. Gente tinha certeza que não era, pois aquela espécie de animal estava possuída por uma entidade que não era deste mundo. O cachorrinho via um espírito das selvas dentro do twa, que o olhava do cume e lhe pedia silêncio, clemência e compaixão.

— *Fique quieto, não me denuncie!*

— *Por que eu não faria isso?*

— *Porque sou igual a você.*

— *Você é um cão? Onde está seu rabo? Cadê seu pelo?*

— *Eu, assim como você, sou twa!*

— *O que é isso?*

— *Ser twa é ser o último a comer e roer o osso!*

O cãozinho ficou com pena da criatura frágil, desprotegida e emaranhada nos galhos do baobá. Imaginou que, assim como ele, tal ser igualmente comia as sobras dos rottweilers e somente dispunha do osso, após ter sido limpo pelos dentes afiados dos outros cães. Reconheceu que o melhor a fazer era dar meia-volta e acompanhar sua matilha, na última posição no grupo, como lhe cabia, pois não tinha pedigree e tampouco era rottweiler. Não poderia perder a oportunidade de olhar, pela última vez, fixamente, para o desconhecido espírito que lhe deu tanto trabalho naquele dia. E, para que o outro aprendesse que não existia bicho mais esperto que ele, latiu bem forte, na direção do visitante, como perfazem seus ancestrais cães selvagens africanos. E lhe exclamou por fim:

— *Eu ganhei de você!*

Mukono queria se casar com Dancilla. Sua mulher, Domitilla, já estava velha e cansada e ele precisava de uma segunda companheira, que lhe desse mais prazer e ajudasse a primeira nas duras tarefas a cargo de uma família twa. Sabia que sua atual esposa cacarejaria sem trégua, choraria e faria de tudo para demonstrar que ele não necessitava de outra companhia, pois ainda era capaz de lhe proporcionar carinho e era forte o suficiente para manter o lar e moldar o barro. Diria que a quantidade de potes feitos por ela era suficiente para alimentar a todos. No fim, ela haveria de aceitar Dancilla como a preferida no lar, pois ela era uma twa, como todas as outras.

— Por que você quer desposar outra matwa, Mukono?

— Para ajudá-la nos afazeres do dia a dia.

— Eu não preciso de ajuda!

— Isso quem decide sou eu — o twa queria deixar claro que a decisão era irrevogável.

— Se você for mesmo obter outra esposa, deixe-me, ao menos, escolher!

— Você está maluca? Este é um assunto que só diz respeito a mim.

— Esse caso é da minha conta também, pois sou sua mulher!

— Sei disso. Referi-me ao seu desejo de escolher alguém por mim. Por acaso você conhece minhas preferências?

Domitilla se sentiu ofendida com a inoportuna pergunta. Se ela era sua acompanhante havia tantos anos, como não haveria de saber os gostos do twa? Portanto, ela lhe falou:

— Talvez não conheça mesmo suas preferências, contudo pensei que soubesse quais eram, quando aceitei me casar com você. Agora estou vendo que nossa união foi um erro!

Mukono não queria magoar a companheira, que tanto prezava. Era agradecido a ela e sabia que, se não fosse por ela, estaria morto desde muito tempo, vítima de uma contenda com um tutsi ou hutu. Ela lhe dava conselhos e conseguia amansar seu gênio esquentado. Ele

sondou a mulher, cogitando uma vaga possibilidade de acatar o pedido:

— Qual matwa você escolherá?

— Depois eu lhe conto — redarguiu-lhe Domitilla.

A esposa de Mukono tinha um plano em mãos. Ela ofereceria ao marido, em casamento, sua jovem sobrinha, filha da sua irmã. Tudo combinado, a jovem, depois de casada, em respeito à tia, não se desempenharia nos conformes em termos de atenção, fazendo-o ver o quanto sua primeira mulher lhe fizera bem por tantos anos. Domitilla não se importaria, se o plano desse errado e sua sobrinha se envolvesse sinceramente com seu marido, pois o que não desejava era ver uma estranha mandante do seu lar a cobrar obediência da sua cria. Ela desejava descobrir quem era a intrusa envolvida com seu esposo. Não dispunha de tempo para sair da comunidade, pois a cerâmica e os cuidados com as crianças tomavam todo seu tempo. Pediu a sobrinha que percorresse Kigali e encontrasse a matwa que enfeitiçara seu esposo.

O amigo, Tharcisse Mugabe, pedira-lhe que fosse prudente. Ele o alertara que, se sua esposa procurasse o Dr. Mike e, principalmente, a Dra. Isabelle, contando uma história que envolvia a protegida deles, Dancilla, Mukono estaria em uma grudenta enrascada. Tharcisse Mugabe suava ao imaginar o pior.

A médica americana adora aquela garota e possui um gênio forte, talvez maior até que o de Mukono. Um choque entre os dois não haveria de dar em boa coisa!

— Está certo — falou Mukono. — Vamos mudar de assunto. Vou passar uns dias fora. Espero voltar em uma semana, talvez mais.

— O que você fará?

— Vou ficar um tempo no mato!

— Você ainda está com essa ideia fixa de selva?

— Estou sim. Este país é um pote de pólvora pronto para explodir!

— Como assim, explodir?

— Não sei, mas alguma inquietação... Um aperto no meu coração está me empurrando para as matas ultimamente.

Mukono era sensível e dialogava com os espíritos cultuados pelos twas. Todos acreditavam nisto na comuna. Algumas de suas manifestações em cerimônias ou eventos coletivos, mormente quando estava sob o efeito de álcool ou haxixe e perdia a monitoração da consciência, deixavam as pessoas de boca aberta e assustadas com a sua fantasmagoria explícita. Muita gente tinha medo do lado sinistro do twa. Ele, às vezes, entrava em transe, como se estivesse em outra dimensão, e falava aos pares em uma espécie de linguagem bantu

milênária extinta desde gerações passadas e que provavelmente fora utilizada pelos ancestrais dos pigmeus que chegaram há milhares de anos às colinas ruandesas. Notava-se que havia coerência no que ele expressava quando em transe psicodélico, porquanto as palavras e as sonorizações eram razoavelmente entendidas pelos atuais aldeões. Suas falas continham termos arcaicos saudosos aos ouvidos dos mais velhos, especialmente dos que tiveram na infância experiência em comunidades indígenas das florestas do Ruanda, Burundi, Congo ou Uganda. Seus espíritos, sejam lá quem fossem eles, estavam, na ocasião, empurrando-o para a selva. Queriam-no longe dos facões hutus que se avizinhavam aos milhares em navios vindos da China, importados por empresários e pelo governo ruandês, com dinheiro de fundos internacionais de fomento ao desenvolvimento econômico e social e de tutsis ricos como o Sr. Habimana.

Mukono disse à mulher que percebia uma inquietação acima do normal, nos últimos dias, entre bahutu e batutsi e profetizou-lhe os dias amargos que viriam. Ele, um homem usado a disputas contra humanos e animais, previa que alguma severa peleja estava por vir e que a selva seria seu refúgio.

— Não sei, Domitilla. É apenas um pressentimento... Você, melhor que ninguém, sabe as coisas que eu sinto, às vezes.

Domitilla ficou calada, ouvindo atentamente o marido. Ela sabia que ele tinha sonhos premonitórios e uma sorte danada para prever acontecimentos. Se ele estava dizendo que poderia haver uma escaramuça ali por perto, em dias ou meses, não seria ela quem duvidaria disto. Como mãe, sua primeira reação foi pensar na segurança dos seus rebentos. Depois, ordenaria:

Que não saíssem de perto dela e se, porventura, precisassem se ausentar, que lhe revelassem previamente para qual destino!

Manteria um saco com os recursos necessários a uma fuga, pronto para ser usado. Alertou tão somente algumas outras senhoras próximas a ela sobre as visões que seu cabalístico marido estava tendo durante as noites maldormidas, em que suado e febril editava presságios e agouros.

Ela não poderia sair por aí, alarmando a todos, como se fosse uma louca varrida, sibila ou profetiza do apocalipse!

* * * * *

Um carneiro, ou melhor, uma peça fêmea gorda e bem-cuidada da Fazenda Boa Esperança seria um dote compatível com a beleza e o valor da doce Dancilla donzelinha!

Ele regalaria Dra. Isabelle com a ovelha mais perfeita que pudesse obter no oviário da FBE e tomaria nos seus braços sua desejada e imaculada matwa!

As semanas longe de Kigali só aumentavam a saudade que sentia da visão de Dancilla. Uma aflição tomava conta dele, a cada dia que passava de campana:

E se outro matwa tivesse a mesma ideia, prendesse-a com um mimo melhor e desposasse Dancilla antes de ele voltar?

Mukono teve o cuidado de esconder seus sentimentos dos outros aldeões, para não direcionar a atenção alheia à amada. Contara apenas a Tharcisse Mugabe, seu melhor amigo. Por outro lado, sabia que batwa mais jovens e atraentes que ele desejavam sua preciosa adolescente. Ele, um twa forasteiro do Congo, possuía um histórico de confusões e não queria se envolver em uma disputa contenciosa com outro membro do grupo local por causa de uma mulher. Por conseguinte, teria de arriscar. Deveria agir rápido e na mesma noite. Pensou, meditou e orou aos antepassados e aos espíritos da selva, rogando-lhes proteção, informando-lhes que era hora de agir em prol da demanda. Audaz e voluntarioso, o pequeno, mas impávido twa caminhou adiante. Alguns passos a mais que representavam um largo desfecho à frente, que poria à prova seu brio incomum.

Sua insegurança decorria do fato de que, na ocasião de forte luar tudo estava diferente na Fazenda BE. Sua trama fora por água abaixo. Nada do que Mukono programara e previra que acontecesse veio a ocorrer. Os acontecimentos estavam sendo imprevisíveis justamente na noite escolhida para agir. Por três luas seguidas, os fatos determinantes para o sucesso do seu plano se sucederam nos momentos e na sequência que ele previra, menos então, quando tudo parecia uma imensa bagunça dentro da FBE. Ele não entendia porquanto todos, até aquela hora, permaneciam reunidos, no pátio adjacente à casa do fazendeiro. Somente alguns cães ficaram perto do estábulo do gado. Os seguranças estavam todos longe dali, contíguos ao umbral da estância, como se esperassem um carregamento de suprimentos, que somente ocorria sob a claridade do sol. Estava tudo fácil demais para ele, logo, estava tenso e desconfiado de que tal quietude não passasse de uma armadilha para pegá-lo e que urdissem algo contra ele. Mukono percebia que os seguranças tutsis, mais velhos e experientes, sabiam que um twa malandro ladeava o lugar, utilizando as brechas nas brenhas para se locomover. Na ocasião, ele vira uma movimentação diferente: um miliciano da Interahamwe fizera sexo com uma hutu rural, em um local avizinhado donde estava. Ele, agora, achava que deveria ter averiguado melhor o fato. Não havia como vigiar toda a vasta propriedade sem se denunciar. Ele concentrava seus esforços no entorno do aprisco onde uma ovelha o aguardava.

Uma carneira gorda e mansa que fosse o amuleto como uma aliança de casamento cristão!

Sorratamente, após se lambuzar de seiva, arrastou-se para dentro da propriedade, com o empenho de manter com ele a escuridão e o ilusionismo twa. Mukono era um verdadeiro camaleão. Contrafez-se, imitando vacas, carneiros, porcos e aves, quando necessário foi, pois sabia que os ferozes rottweilers eram treinados para tolerar os animais da fazenda. Abeirou-se do estábulo com arte e destreza felina em transe novamente trazendo de volta os inseparáveis espíritos companheiros. Dopou algumas peças com os produtos que usava em caçadas e pegou a maior de todas. Amordaçou e vendou a ovelha para evitar ruídos quando ela despertasse. Carregou-a para fora do lugar, passando, outra vez, de retorno, pelos rottweilers com redobrado desvelo e sutileza, como uma dissimulada sombra de balão vagando no escuro que, quando vista, é a parte inverossímil de uma ocorrência longínqua.

Quando finalmente alcançou, com a ovelha adormecida em suas costas, a cerca de arame farpado, o mesmo cãozinho sarnento obstou sua saída. Mukono entendeu que o animalzinho previra e presenciara todos seus movimentos, pois, se não fora assim, o bicho não estaria ali adiante, esperando-o justamente fronteiro ao buraco da cerca feito para ele passar. Sentiu que seu fim chegara, pois os tutsis armados estavam a cem metros dele e não mais poderia fugir. Amaldiçoou-se por findar ali. Não previra um desfecho por meio daquele encontro. Aguardou o latido da criatura, entretanto, estranhamente, não a ouviu latir. O cão, esgueirando-se como se fitasse o dono ou membro do seu clã, balançou o rabo, declinou-se e o deixou passar com carneira e tudo. Mukono nunca soube o porquê de o animal tomar uma atitude em seu favor prejudicial aos interesses da estância, pois:

Nunca o vira antes!

Achou que o canicho agira daquele jeito, por ser um reles vira-lata.

Se fosse um rottweiler, a coisa teria sido diferente!

Agradeceu aos espíritos a ventura de ter encontrado pela frente apenas:

Aquele vira-lata pulguento e tolo!

Mukono, por ter estado em transe, não se lembrava dos contatos anteriores que tivera com o cão; sequer percebeu que o animal já o associava ao cheiro da seiva impregnada em seu corpo, sendo impossível ele aparecer besuntado em qualquer lugar daquele cantão sem ser percebido pelo vira-lata; como se gritasse:

Oi, cãozinho, eu estou aqui!

O vira-lata twa, na realidade um sabujo de boa estirpe, com sua demonstração de amizade e atenção para com Mukono, apaziguou os rottweilers, que julgaram ser tal homem frágil, baixinho e novato um dos tantos trabalhadores do lugar, em atividade, quem sabe, de ordenha da criação.

Apesar de tudo, o obstinado twa completou à grande a perigosa demanda!

Ao chegar à vila, Mukono foi recebido como herói. Conseguira completar com sucesso sua empreitada e tinha todo o direito de passar à fase dois do repto. Se alguém, algum dia, estiver em um game de TV e lhe perguntarem:

— O que há em uma comunidade twa? Responda: *fome*.

Entretanto, se perguntarem:

— O que não existe?

Responda: *Segredo*. Fazendo assim, o acerto é garantido.

Domitilla já sabia tudo o que devia daquela história e desejava resolvê-la a pau de vassoura. Quando seu marido retornou, o nome Dancilla tilintava nos seus pesadelos, noite após noite, ombreando os pernilongos em picadas noturnas. Entretanto, ela ficara quieta esperando o desfecho daquilo tudo, pois Tharcisse Mugabe pedira de todos os modos e com tal veemência que ela não fizesse nada contra a jovem. Explicou-lhe que Dancilla não estava sabendo de nada dos atos protagonizados por Mukono. Se a moça sabia ou não do caso ou se amara ou não o marido de outra, não fazia a menor diferença para a experiente twa. O que contava era o fato de a rival existir como obstáculo à felicidade do seu casamento, motivo suficiente para Domitilla convencer Dancilla a partir do lugar ou amancebar-se de imediato com outro alguém, pois havia um único homem interessado nas duas. O que freou seu ímpeto foram a benquerença que nutria pela prole e os esclarecimentos de Tharcisse Mugabe de que aquele não era um assunto exclusivo dos twas que pudesse ser resolvido por um conselho tribal. Dancilla era uma moça de sociedade, filha adotiva de gente importante e poderosa. O twa florista esclareceu Domitilla que, se quisesse estar por perto dos seus filhos por mais

tempo, era melhor não se meter com a menina. Se pretendia tomar alguma atitude, para restaurar sua dignidade como esposa, que se limitasse a Mukono.

Na mesma noite em que chegou à aldeota, após uma longa viagem a pé por mato, colinas e estradas, Mukono, apesar de cansado, para não perder tempo, foi puxando, por uma cordinha, sua ovelha exausta e faminta em direção ao centro da cidade, onde ficava a residência da sua Dancilla. Não tinha por que se delongar em relação àquela questão. Precisava arrematá-la o quanto antes. Estava cheio de confiança e com a autoestima nas alturas, visto que, pelo amor da sua Dancilla, acabara de enfrentar tutsis armados. Não seguira os conselhos de Tharcisse Mugabe, a fim de protelar o desfecho da demanda, pois:

Amizade tem limites!

Ao lembrar-se do som das balas tutsis, passando perto, zumbindo em seus ouvidos, imaginou que nada mais que se pusesse em sua frente faria diferença muito menos uma médica tonta, pois confiava em seus conjuros:

Se necessário fosse, contra ela, descarregaria toda sua poderosa magia!

Eu e Dancilla morávamos em uma rua próxima ao Banque de Kigali. Ao chegar ao endereço, ele chamou pela amada, mas foi recebido por mim.

— O que você quer, Mukono? Já é tarde!

Fiquei temerosa de o Dr. Mike aparecer e dar de cara com o twa, naquela hora da noite, em minha casa. Não que ele mandasse em mim, ou controlasse meus encontros, contudo eu sabia que ele cervejara e quando passava da conta na bebida, ficava um porre difícil de aturar. Ao sair do hospital comigo, após eu passear um pouco pela cidade com ele na garupa da minha motocicleta, deixei-o em um barzinho frugal próximo ao Chez Lando. Ele fora ao encontro de políticos hutus, empresários, artistas, funcionários públicos e algumas celebridades locais. Apesar de dizer a todos que odiava a vida social e politicagem do lugar, o Dr. Mike adorava cantar e tomar algumas cervejas em sarais com socialites. Uma vez, fui com ele para um dos encontros de compadrio, porém não gostei. Aquilo era confraria de boêmios. Gostavam do Dr. Mike, porquanto ele animava o ambiente com seu longo e vibrante violão. Os homens, após beberem muito, falavam muita coisa sobre a governança do Ruanda que deveria ser mantida em segredo principalmente na frente de uma estranha como eu. Nunca mais fui a um outro, apesar das insistências do meu namorado. Primeiro, não gostava de ouvir falar tanto em política; já me bastavam os assuntos do meu pai; segundo, as hutus que ali acorriam não tinham a menor compostura. Quando menos se esperava, via-se uma delas no colo de alguém. Por fim, Mukono disse:

— Preciso ter uma conversa séria com a senhora! — falou-me firme e sentenciosamente.

Antes que eu pudesse responder ao enigmático twa, chegou Tharcisse Mugabe e me intriguei sobre o que Mukono, com uma expressão tão séria no rosto, queria comigo. De imediato, percebi que seu mancomunado parceiro, igualmente, sabia do que se tratava, pois estava esbaforido, como se viesse correndo, em fuga de um bando de hienas famintas. Trazia consigo uma insondável expressão de olhos arregalados prenhes de mea-culpa. Notei que estava sendo empurrada para uma querela qualquer por aqueles dois sujeitos misteriosos à minha frente. Percebi que um era cúmplice do outro. Para tornar mais estranha a situação em que me encontrava, Mukono dispunha de uma horrenda cabra ou ovelha tosquiada, que não parava de berrar provavelmente de fome, sede e cansaço de tanto caminhar. Um médico diagnostica a exaustão até em um bicho, se ocorrer diante de si. Falei-lhe:

— Por que você maltrata essa pobre criatura, Mukono? Deixe-me pegar um pouco de água para ela, senão morre daqui a instantes!

* * * * *

Mukono achou uma ótima coincidência e oportuno passar a coleira da ovelha para as mãos da médica, pois seria anunciado que ela a pertencia, na forma de dote pela bela e meiga Dancilla. De posse do animal, Isabelle atou-o a um poste de luz elétrica defronte à sua residência e providenciou, de imediato, uma bacia com água fresca. A carneira sorveu-a por completo de um só gole de tanta sede que sentia. Ela ralhou contra Mukono, com raiva e expressão de seriedade e desaprovação no rosto.

— O que você faz parado aí? Vamos! Depressa! Vá catar algum capim para essa coitada comer algo!

Mukono foi pego de surpresa pela reação de Isabelle. Não obstante a ovelha fazer parte da história, não era para ser protagonista. Perguntou a Tharcisse Mugabe, que era mais conhecedor do lugar que ele:

— Onde existe grama de pasto perto daqui, Tharcisse?

Mukono olhou em sua volta e reconheceu o azar de estar bem no centro urbano de Kigali.

O Ruanda tem tanto mato e foram lhe pedir isso logo naquele lugar!

Escutou algumas orientações de Tharcisse Mugabe, que conhecia os arredores muito bem, pois passava o dia vendendo flores por ali, e foi atrás do alimento para a ovelha trabalhosa, resmungando sem parar. Ele também estava com tanta fome, que poderia comer o capim no

caminho de retorno e deixar a carneira estúpida morrer de fome.

* * * * *

Mukono chegou com um feixe de folhagem nas costas e o colocou ao alcance da ovelha que entrou a comer e dar sinais de recuperação. Eu, cansada, só pensava em dormir. Fiz para os dois twas um aceno de despedida, no entanto, Mukono falou-me, com uma segurança que beirava a arrogância, petulância, ou as duas coisas numa só:

— Precisamos conversar, doutora!

Confesso que estava exausta e queria me recolher, porém a curiosidade foi maior. Pensei no que tanto o interrogativo twa queria me falar. Percebia que, para ele, deveria ser algo importante, apesar de que para mim não haveria de ser proveitoso, pois não supunha que houvesse alguma coisa em comum entre mim e o twa ardiloso.

Portanto resolvi encurtar o assunto, porque o queria explicado.

— Desembucha, twa, o que você quer de mim?

Com toda a serenidade dos homens conscientes de que estão agindo certo e com toda certeza de que merecia aplausos, Mukono me olhou nos olhos e falou uma frase que não esqueço até hoje, pois representa uma condição da mulher em seu eterno envolvimento com o homem:

— Eu vim buscar Dancilla!

Aquela frase simples e inofensiva à primeira vista representava muito para mim, uma pessoa ciosa dos direitos femininos. Como podia tal ser petulante ter a audácia de dizer que vinha buscar a minha perfilhada Dancilla, por quem tanto eu fizera para vê-la amadurecer como mulher e cidadã ruandesa? O que o twa expressava com a frase “Eu vim buscar Dancilla?”.

Paguei para ver e deixei que ele completasse seu raciocínio.

— Como assim, buscá-la?

— Essa ovelha que está com a senhora é o dote que pago por Dancilla! Conto que o mimo seja do agrado. Qualquer twa ficaria orgulhosa de ter uma prenda a gosto, conseguida com tanto sacrifício. Eu escolhi a mulher que me encantou o coração!

— Mulher! Que mulher? Ah! Ah! Ah! Dancilla ainda é uma menina. — falei, achando hilária a situação. E perguntei-lhe, curiosa:

— A propósito, como foi que você obteve essa rês, "conseguida com tanto sacrifício"?

— Eu a furtei da Fazenda Boa Esperança!

Mukono falou-me isto com a maior naturalidade possível e positiva sinceridade, pois ele raciocinava utilizando os valores twas, sem atentar que diante dele, para quem argumentava, estava uma americana cristã, educada com base na cultura ocidental. O furto daquela ovelha, no entendimento dos twas, por séculos explorados e alienados do conforto mundano, não era visto por intermédio de um restrito código penal à luz do direito de propriedade e posse. Não era encarado somente na sua forma jurídica e legal, todavia em uma ótica social de lutas de classes, pois o modo como foi conseguido o objeto, dentro de um meio hostil, com bravura e perseverança, contava muito para eles. As privações por que passava aquela gente justificavam a satisfação pela obtenção do que lhe era raro às mãos. Eu não possuía, na época, esse entendimento e reagi com indignação contra aquele pequeno mártir de guerrilha urbana, agravando seus dias de provação. O fato de o delito ter ocorrido na Fazenda BE era um motivo suficiente para eu desejar distância daquele animal. Depois de tudo que passamos com o Sr. Emmanuel Habimana, não mais queria ter meu nome associado ao dele, muito menos por meio de uma cabra surrupiada da sua propriedade.

Que absurdo era aquele de Mukono vir me propor a compra da minha Dancilla pagando-me com um animal?

Eu não iria ser má, a ponto de denunciar no distrito policial o petulante ladrãozinho, entretanto, exonerava-me de ser receptadora do objeto daquele furto. Não desejava mal a Mukono, porém a história ultrapassara o limite do aceitável. Por outro lado, eu, hoje, depois de tanto tempo e dos entendimentos terem sido esclarecidos em minha mente, embalados por recordações esmiuçadas, percebo que fui vil com o pobre herói de quadrinhos kigalenses. Mukono foi o único twa que eu conheci no Ruanda que não se achava naturalmente inferior aos tutsis ou hutus. O próprio Tharcisse Mugabe, com toda sua cultura e conhecimento, dava-me a sensação de que se reconhecia menor que os indivíduos das outras etnias, resignado diante das exigências da vida. Mukono expressava um paradoxal sentimento twa de não temer nada ou ninguém. Se pudesse voltar no tempo, agiria de modo diferente. Caberia a mim, sendo uma pessoa com acesso à formação cultural, ter tido o discernimento de avaliar as variáveis em jogo. Todavia não fiz isso. Hoje me arrependo e sei que, no limiar dos anos noventa, eu não estava preparada para o Ruanda. No caso, se estava em uma contenda contra um pigmeu, que, ao menos, eu tivesse levado em conta e entendesse o tipo costumeiro twa de pensar e ver o mundo. O que eu achei loucura e petulância, para eles era normal.

— Você está doido ou acha que sou maluca!

* * * * *

Mukono não entendeu a razão de tanta indignação. A questão era sóbria, prática e corriqueira. Não estava cortejando uma matutsi ou mahutu. Ele apresentava suas credenciais para desposar uma twa livre e solteira sem outro pretendente.

* * * * *

Eu não estava disposta a ceder. Se tinha tomado a responsabilidade pela criação de Dancilla, deveria agir da forma como eu servisse de exemplo para a ela. Aquele não era o caminho que desejava para minha garota.

— Você é solteiro? — perguntei-lhe, sabendo a resposta

— Não, tenho uma esposa e dois filhos.

— Você não vive com eles?

— Claro que sim! Eu não os abandonaria por nada!

* * * * *

Mukono falou da sua firme decisão de nunca largar sua esposa e filhos, acreditando que esta observação o faria crescer no conceito da oponente, pois isso era uma demonstração do seu hábito de amparar quem estivesse dependente das suas decisões.

* * * * *

Eu, como americana, somente poderia aceitar a adesão de um homem casado à outra mulher, se ele não mais tivesse vínculos com a esposa ou companheira. Não dava para passar ilesa pelo meu entendimento a aceitação da poligamia. Não daria vida concubinária à minha Dancilla. Se havia no Ruanda mulheres que se sujeitassem àquilo, nenhuma delas teria meu aval.

— Desgraçadamente, Mukono, não há a mínima possibilidade de você desposar Dancilla, pelos seguintes motivos: você é casado, não reúne condições financeiras para sustentar duas esposas e não tem como proporcionar felicidade a duas companheiras ao mesmo tempo. Sendo assim, minha resposta é não!

O twa, pasmado e arreliado, me olhava de jeito estranho, esgueirado, enquanto semicerrava os olhos e mordida os lábios trêmulos semiabertos pela respiração revolta que

jorrava das narinas, provavelmente por ódio reprimido. A conversa convergiu para um mal-estar. Seus olhos engatilhados jorravam desaprovação. Soltava resmungos inaudíveis, metido consigo numa inquietação serrada. Tharcisse Mugabe me falou, como se eu estivesse cometendo um grave erro, enquanto Mukono me olhava com espanto. Urgiam-me que mudasse de opinião:

— A senhora não pode recusar, Dra. Isabelle. Ele trouxe o dote direitinho de boa fé!

— Não será uma porcaria de cabra que me fará entregar Dancilla para esse homem!

Mukono falou:

— Não é uma cabra, doutora, é uma ovelha!

— Pois que seja! Poderia ser uma vaca ou uma girafa que não faria diferença!

— As coisas não são assim no Ruanda. A senhora deve entregar Dancilla a Mukono. Ele cumpriu a parte dele. — falou o outro agoniado twa.

— Como assim entregar a Mukono? Não estamos aqui falando de uma televisão ou de uma porcaria de objeto qualquer! Trata-se de uma pessoa que prezo como minha própria filha. Ele, ao menos, perguntou a opinião dela?

— Não. — disse-me Tharcisse Mugabe.

Eu não acreditava no que acontecia ali. Falava tão somente com Tharcisse Mugabe, pois Mukono estava calado com uma expressão de raiva e indignação, controlando-se para não explodir ou cometer alguma bobagem. Se Mukono ao menos perguntara se Dancilla o aceitava como esposo, então, desejei saber se ele a conhecia como amiga ou colega. Quis descobrir até aonde iria dar o atrevimento.

— Ele conhece Dancilla?

— Ele conhece sim e a acha bonita. — falou-me Tharcisse Mugabe.

— Sim, eu sei que Dancilla é formosa, contudo o que quero saber é se ele conversa ou conversou algum dia com ela.

* * * * *

Tharcisse Mugabe não estava gostando do rumo da conversa. Conhecia o gênio de Mukono e temia que o assunto não saísse barato para ninguém. Ele teria de ter o maior cuidado com a situação, para não haver alguma desgraça ali na sua frente. Por sorte, teve a preocupação de, com esforço, não permitir que Mukono viesse armado para o encontro. Algo o alertara:

A Dra. Isabelle poderia cometer a insensatez de negar-lhe a mão de Dancilla!

Fato consumado, Mukono seria forçado a tomar uma atitude, para não ficar envergonhado, em desgraça perante a comunidade twa. Perderia parte do prestígio com os homens e, principalmente, com as aldeãs. Qualquer uma delas, a partir de então, poderia solicitar a formação de um conselho tribal, para repelir uma possível investida de Mukono, argumentando que ele, tampouco, não fora aceito por outra pretendida.

— Não, Dra. Isabelle, Mukono nunca falou com Dancilla, mas quase todo dia a vê a furto pelas ruas.

— Você quer me dizer que ele a segue, por aí?

— Não, ele não a segue! Simplesmente sabe por onde ela anda.

— Oh! Para mim isso é a mesmíssima coisa!

* * * * *

Eu ouvira o bastante. Minha decisão estava tomada. Achei Mukono grosseiro e petulante. Além de lhe dizer o não mais convincentedo mundo, devia me preocupar com a segurança de Dancilla, pois aquele indivíduo perigoso a assediava pelos becos do lugar. Fui a mais clara que poderia ser para com ele.

— Minha decisão é definitiva e não existe volta. Não a entregarei a esse homem coisíssima nenhuma! Dancilla é uma menina e não está pronta para se casar, muito menos ser amásia de alguém. Sou contra esta história de bigamia, não me importa se eu esteja na África ou na China. E há mais: não quero o senhor Mukono seguindo-a por aí! Se ele se aproximar dela com um objetivo que não seja de amizade, presto queixa-crime no distrito policial. E me deem licença que vou dormir, porquanto amanhã tenho o que fazer!

* * * * *

O tenaz Mukono não queria sair dali, pois não aceitaria um não como resposta. Entretanto, sabia que Tharcisse Mugabe gostava da médica e ficaria contra ele.

E se ele partisse para uma agressão contra a médica e acabasse com a pérfida

criatura?

Acreditava, por outro lado, que qualquer pessoa tinha o direito de ter sua opinião e se a da outra era contrária à dele, o que se podia fazer contra isso? Discórdia, incompreensão e dissensão foram frequentes, ao longo de toda sua vida, porém ele reservava o direito de agir do jeito que bem entendesse. Por ora, sabia que o melhor era acatar ser puxado por Tharcisse Mugabe, e:

Sair de perto daquela dama sem coração. O que a Dra. Isabelle, uma não twa, tinha a ver com ele e sua amada? A sua Dancilla era uma twa assim como ele e tinham o direito de resolverem suas diferenças em particular. Se nem batutsi ou bahutu se envolviam nos assuntos afetivos dos pigmeus, o que queria a mulher branca com eles? Embarrigaria a matwa e pronto!

Não era o momento de se alongar na questão. Pegou sua ovelha de volta, puxando-a pela cordinha, e seguiu andando com Tharcisse Mugabe, fazendo o caminho de retorno para a comuna e para perto das pessoas que agiam de maneira racional. Ele praguejou e amaldiçoou tudo e todos por ter tido a má sorte twa, num dia de desventura.

Não obstante toda a provação por que passara, sua amada Dancilla ainda não era dele!

Partiram os andarilhos twas pelas ruas escuras da cidade, procurando os bruxuleios dos cantos como intimidados fantasmas noturnos. Coíbiam-se de chamar para si a atenção tutsi ou hutu em solo alheio. Os dois eram a perfeita encarnação da tenacidade e esperança de o Ruanda vir a ser um lugar onde sonhos se realizem. Dois homens discriminados pela sociedade à qual forcejavam por pertencer caminhavam com pernas pequenas que percorrem grandes distâncias, agitavam seus braços pequenos que carregam grandes fardos. Dois twas apaixonados por duas mulheres inacessíveis. De caminho, Tharcisse Mugabe olhou de lado para o amigo cansado, jornadeando sem alpercatas, como quem arrasta o peso do mundo, puxando, por uma corda, uma sofrida ovelha saudosa do curral da Fazenda Boa Esperança e se compadeceu do infortúnio dos dois companheiros de andada. Nada dera certo para Mukono e ou para a carneira ofegante, que não não possuía sequer um nome. Melhor teria sido os dois não terem se conhecido. Ele olhou para o amigo e lhe propôs comiserado:

— Mukono, por que você não esquece Dancilla e se casa com essa ovelha aí? Vocês estão juntos há tanto tempo!

A reação de Mukono, infelizmente, é inarrável.

* * * * *

Na manhã seguinte, bem cedo, saí de casa para outro dia de rotina em Kigali. Pela labuta intensa, eu notava o aumento da violência urbana na cidade. A tolerância dos hutus com os tutsis estava diminuindo a cada ocorrência. As entradas por ferimento de armas brancas cresciam a cada plantão. Eu comentei para o meu namorado:

— Dr. Mike, o que está havendo? Hoje atendi três casos de ferimentos à faca e todos de indivíduos da etnia tutsi.

— Acredito que este país esteja caminhando para uma situação perigosa. A impaciência está tomando conta de todos. Alguém deveria tomar providências urgentes. Os prontuários deste hospital denotam uma situação preocupante, e esta carece de freio!

Foi uma manhã cheia na primeira metade da jornada. Saí para almoçar e convidei o Dr. Mike para ir comigo à minha casa.

— Não posso almoçar hoje com a senhora. Tenho um encontro com o general Gedeon Bagirubwira!

— O que ele quer do senhor, Dr. Mike?

— Estamos elaborando um projeto de atendimento de primeiros socorros por trás das linhas de frente da contraofensiva aos rebeldes da FPR na fronteira com Uganda.

— O que se disponibiliza nestes casos? — perguntei curiosa, pois nunca tivera uma experiência de atendimento a traumas decorrentes do combate.

— Nada de especial que a senhora já não conheça, Dra. Isabelle. Necessitamos de anestésicos e materiais para assepsia, porquanto os ferimentos vêm acompanhados de muita sujeira. Precisamos de uma pequena unidade de terapia intensiva. O objetivo não é recuperar o soldado lesionado para retornar ao combate, porém estabilizá-lo e prepararmos o traslado para um centro adequado, em alguma cidade maior no Ruanda.

— Leve-me um dia com o senhor — Eu falei com interesse de aprender algo novo.

— Nem pensar! Fora de cogitação. A frente de batalha não é lugar para mulheres. Mesmo sabendo do seu feminismo engajado, eu nunca a levaria comigo para um ambiente daqueles. A guerra é a ausência do bom senso. É a falta de entendimento e cavalheirismo. Mesmo quando se ganha, algo se perde. Ela é a amiga da derrota, pois exacerba o sofrimento!

— Porra! Como o senhor é trágico, Dr. Mike!

O inglês ligou a Land Rover e embalou à procura do general hutu. Eu fiquei um pouco

sentida, dado que ele sempre me tratava bem e nunca recusava um pedido meu. A despeito de não amá-lo, era consciente de que me afeiçoara dele e que sua companhia era importante para mim, ao menos, enquanto permanecesse no Ruanda. Em outro lugar e em circunstâncias diferentes, o Dr. Mike poderia ser dispensável, porém, na África, ele era o tipo de homem que me fazia bem. Com ele ao meu lado, sentia-me mais forte e protegida, numa terra de usanças tão estranhas.

Eu notava que, quanto mais a violência aumentava, mais o médico se enterrava na política e menos tempo tinha para mim. Dava-me a impressão de que possuía alguma premência a acertar com as diferenças dos tutsis com os hutus. Não sabia ao certo o que era, todavia algo havia entre o Dr. Mike e a agitação do Ruanda. Toda mulher sente as emoções do homem que está perto dela. Ele me devia algumas explicações. Isto eu resolveria depois, pois no momento pensava em almoçar em casa, ao lado de Dancilla que, naquela hora, devia estar ao portão à minha espera.

Montei na moto e pilotei em direção ao lar. Ao chegar, estranhei o fato de Dancilla não estar me esperando frente à nossa morada como religiosamente fazia todos os dias. Abri a porta e entrei um pouco preocupada. Os cômodos estavam levemente desarrumados, apresentando o aspecto da noite anterior, o que mostrava que Dancilla não fizera o serviço de faxina matinal. Ao chegar à cozinha, preocupei-me de vez, pois o meu almoço sequer fora posto no fogão. Dancilla não estava presente, provavelmente, desde o início do dia, após me despedir dela. Pensei de imediato em ligar para o Dr. Mike e pedir-lhe que resolvesse o problema junto comigo, no entanto, me ocorreu que ele poderia estar em alguma estrada, viajando em companhia do general Bagirubwira, em direção aos horrores dos combates contra a Frente Patriótica Ruandesa. De qualquer forma, não queria importuná-lo, pois, a partir daquela hora, ele estava a serviço do governo ruandês, inclusive participando de reuniões, às quais o próprio Presidente da República comparecia.

Liguei para o hospital e solicitei ao médico chefe do plantão que designasse um colega para me render no segundo turno de serviço, já que eu estava com um problema familiar que me urgia ação imediata. Esperei Dancilla por mais meia hora, porém, como não apareceu, peguei minha motocicleta e comecei a rodar pelo centro, nas imediações de onde eu morava, na esperança de encontrá-la arruando entretida com alguma coisa por ali. Eu estava possessa com a garota e, quando a encontrasse, dir-lhe-ia poucas e boas. A fome foi imperativa e resolvi parar em um dos raros estabelecimentos disponíveis para se fazer um lanche. Os ruandeses não têm o hábito de comer fora de casa. É um comportamento puramente social daquele povo, por conseguinte, contentei-me com o primeiro ponto, no qual encontrei um sanduíche qualquer. Sentei-me em uma mesa, num canto reservado do lugar e aguardei atendimento. Alguns indivíduos bebiam e jogavam baralho a dinheiro. Percebendo que o lugar, na realidade, era um ponto de encontro onde os homens convergiam para cartear, beber, divertir-se e atualizar seus assuntos uns com os outros, pensei em sair. Desejei procurar outro local mais calmo, porém, lamentavelmente, já pagara o valor cobrado e consumia um petisco, enquanto aguardava o taberneiro preparar um suco de frutas. Então, resolvi ficar. Os clientes do bar eram barulhentos. A maioria era hutu, entretanto, havia uns poucos tutsis ali igualmente. Vendo hutus próximos a tutsis, fiquei alerta. De repente, o lugar agitado ficou pior, quando um

grupo da Interahamwe entrou no recinto. Na frente, vinha Canisous Rubuga. Os rapazes se sentaram a uma mesa no centro do salão e começaram a tomar uma bebida quente e forte, muito provavelmente algum conhaque de gengibre. Os poucos tutsis que estavam no recinto saíram imediatamente após a entrada daqueles homens, menos um que, por estar atolado na bebida, não notou a chegada dos milicianos. De imediato, o pobre infeliz chamou, sem perceber, a atenção para si. O líder da Interahamwe, percebendo que outros saíram após sua chegada, olhou para o proprietário da bodega, um hutu, e este lhe acenou positivamente, como que dizendo: Sim, aquele outro é tutsi. Canisous Rubuga foi diretamente ao encontro do bêbado, que estava com a cabeça apoiada sobre a mesa.

— Levanta, barata nojenta!

O tutsi pingüço, meio sonolento e displicente com seu entorno, ao ser sacudido grosseiramente por Canisous Rubuga, levantou o olhar e, com esforço, mirou a figura incômoda que estava atrapalhando sua bebedeira. Quando ele percebeu uns cinco interahamwes à sua volta, deu um pulo da cadeira com uma agilidade olímpica sem igual e caiu umas três vezes. Quando tentava descobrir, às tontas, onde ficava, no cômodo, a porta de farta largura, arremessou-se contra a parede e se machucou, porém conseguiu rolar para fora do lugar, ao ser chutado no traseiro por um dos milicianos. O homem escafedeu-se numa rajada de temor e, em segundos, não era visto a menos de duzentos metros dali. Eu imaginei:

Se alguém, um dia, quiser curar uma bebedeira, que procure a Interahamwe!

Canisous Rubuga deve ter pensado que o boteco estava diferente naquela tarde, pois em um canto do lugar percebi-me sentada, tomando um suco de laranja. Achegou-se com a intenção de papear. Eu não gostava daquele homem violento, grosseiro e vulgar, além do que, sentia-me mal quando estava na presença dele, contudo, na ocasião, Dancilla me proporcionara um caso que me incomodava tanto, que o hutu bruto não mereceu minha atenção. Mesmo tendo percebido minha indiferença, o miliciano iniciou um diálogo.

— Que surpresa, Dra. Isabelle. A senhora deve ser nova por aqui! Estes são tempos diferentes mesmo, em Kigali!

Olhei em volta e analisei melhor o desasseio da espelunca onde estava. Deveras, não havia nada em mim que me relacionasse àquele lugar. O desleixo e a sujeira estavam impregnados pelas paredes gordurosas, pelo balcão e por todo o ambiente. O estabelecimento estava uma autêntica pocilga na ocasião. A fome passou de imediato e larguei o resto do petisco sebento que comia. Resolvi responder a Canisous Rubuga, dado que uma médica é habituada a atender toda sorte de pessoas.

— Pois, não é mesmo! Também fui surpreendida hoje!

— Alguma coisa a incomoda?

— Sim.

— Qual é o problema? Posso ajudar?

— Ajuda vinda de um membro da Interahamwe? Parece piada!

— Nós não somos bichos, Dra. Isabelle. Apenas respondemos às agressões que recebemos dos tutsis!

— O que eles lhe fazem, para merecerem ser punidos violentamente por você? Ficam embriagados em bares, como vocês? — referi-me ao coitado tutsi pinguço que fora expulso havia instantes.

— Não me refiro apenas aos tutsis que moram no Ruanda. Há alguns deles bem ruins em outros cantos que estão loucos para ter uma oportunidade de controlar este país e tornar a vida dos hutus um inferno.

— Está certo. Não quero entrar no mérito dessa questão. Resolvam vocês suas diferenças políticas.

— A senhora quer uma bebida, doutora?

— Não, obrigada. Não estou com a cabeça boa para beber agora.

— O que a aflige?

Eu não desejava tornar pública aquela questão, todavia o tempo passava e a ausência de Dancilla se tornava um caso sério demais para eu protelar uma solução qualquer. Aqueles homens ganhavam a vida andando para lá e para cá pelos bairros da cidade, aterrorizando os pobres tutsis. Talvez algum deles a tivesse visto por aí. Eu não estava em condições de recusar ajuda, ainda que da Interahamwe. Então, eu relatei o sumiço de Dancilla para Canisous Rubuga e seus lacaios animados abeirando-me como raposas rondando um galinheiro. O chefe hutu me falou:

— A senhora não deveria dar tanta importância a esse desaparecimento. Ela é apenas uma twa. Isso acontece quase todo dia por aí!

— Ela é minha amiga e quase uma filha para mim.

Eu conhecia a discriminação que os hutus dispensavam aos tutsis e aos twas, todavia não queria entrar em polêmica com um homem preconceituoso. O meu estado emocional não permitiria que eu raciocinasse bem, visto que pensava apenas em Dancilla e em como resolver aquele problema. No meu íntimo, calculava que, se ela não aparecesse em pouco tempo, prestaria queixa num distrito policial.

— Deixe-me ir, então, a um telefone público ligar para a Rádio Mil Colinas. Programam um chamamento geral e, se sua pigmeia estiver nalgum lugar de Kigali ou das redondezas, será identificada por algum ouvinte.

— Não, não faça isso! Não quero alardear este ocorrido, pois não tenho certeza de que

seja algo grave.

— É melhor prevenir que remediar, doutora; mas compreendo que a senhora não queira escândalos...

Canisous Rubuga entendeu que eu era uma tutora responsável por uma criança twa e que tive a iniciativa de trazê-la aos meus cuidados, de maneira informal. Por isto, não exporia tão abertamente algo que pudesse ser interpretado como negligência. Então, o miliciano, mediante meu consentimento, pôs sua tropa nas ruas à procura de Dancilla. Ele recomendou aos seus homens que tivessem o maior desvelo, agissem com discrição, não dessem informações sobre a procedência da garota e que somente fornecessem o nome dela, em caso de compreensível necessidade.

Eu nunca imaginara, antes daquele encontro em uma taberna do centro da cidade que, em algum dia, seria grata àquele hutu malvado e que a Interahamwe, uma vez, trabalhasse para mim de boa-fé. Quanto mais eu permanecia no Ruanda, mais acreditava que as desgraças e desavenças do país decorriam da intolerância, falta de diálogo e compreensão entre as pessoas. Participar de um encontro proveitoso com um homem faccioso e sectário, cujo tema fosse a ajuda ao próximo, identificar uma faceta filantrópica, entrega e compaixão em Canisous Rubuga foi um dos improváveis acontecimentos que testemunhei em minha estada no Ruanda.

Enclausurada na taberna, percebia, aflita, que as horas batiam com a lentidão das dores e que minha inquietação aumentava como um fluxo hormonal. O hutu, tal profeta do apocalipse, sentia um prazer mórbido de falar de coisas sinistras e prever os terríveis cenários para o desfecho da aventura de Dancilla. Seus relatos de sofrimento e antevistas inoportunas me enervavam gradativamente, porém não podia reprimi-lo, pois ficara refém da sua ajuda e mobilização da tropa, para ter notícias da menina. Quando dei por mim, estava tomando, com ele, uma bebida forte e, talvez, artesanal. Não consegui controlar a ansiedade e o álcool preparava o meu espírito. Era certo que notícias trágicas chegariam pelas bocas dos interahamwes, da forma como eram antecipadas com requintes de detalhes pelo mestre do horror minucioso à minha frente. Ele me servia, generosamente, alguns drinques em louvor à morte calamitosa da garota. Cheguei ao estágio da completa insensatez, rindo feito um bêbado em uma bebedeira sem sentido.

Líquido e posto o fim de Dancilla, restava-me restaurar a dignidade e reparar a perda trágica.

— Eu vou pegar este tarado para a senhora, Dra. Isabelle. Apesar de a menina ser twa, é boa gente e de boa família.

Nós, nos nossos devaneios, exprimíamos uma loucura compartilhada, enquanto bebíamos. Eu, ao acatar tão passivamente a doutrina e os versículos de Canisous Rubuga, me batizei na seita interahamwe.

Não seria ele a reparar a situação. Eu mesma cortaria em mil pedaços o algoz da

Para isso, me bastava outro gole. Eis que, quando nos sentíamos confortáveis e conformados com a tragédia da menina, chegam os milicianos com as notícias esperadas.

— Não encontramos a garota — falou o interahamwe porta-voz do grupo.

— E é só? — perguntou Canisous Rubuga.

— Não, meu senhor... Há mais...!

O rapaz assumiu um tom solene e dramático, sufocando-me com seus relatos. Para agravar minha angústia, ele falava para seu superior, como se descrevesse, ao retornar para o batalhão, as últimas notícias da frente de combate.

— Agora desembucha, miliciano!

— A twa foi raptada, estuprada e morta!

Caí inerte como um presidiário diante de um rifle quente e fumegante. Senti-me inútil como um feriado em alto mar a bordo de um navio militar, em operação de combate. Não fui ao chão, porque houve uma cadeira entre mim e o provável fim da minha queda. Pouco ouvia, no entanto, tudo entendia pelos gestos teatrais do miliciano. Esperava o fim da narração, para decidir o que faria. Não entendia daquelas questões. Eu salvava vidas. Canisous Rubuga estava impassível e tranquilo em uma monótona situação de rotina. Ele agia como se o mensageiro indiscreto lhe falasse da cor do portão da casa verde comprada por um homem que morou no ano passado num distante bairro do Cairo.

— Tem certeza disso? — falou o chefe hutu, percebendo a insensatez do seu subordinado, que não teve modos, ao dar a notícia daquele jeito, perturbando sua companheira de copo.

— Claro que tenho, meu senhor.

— Droga! Seja específico, soldado!

— Um homem a levou à força.

— Levou-a para onde?

— Não sei.

— Basta! Como não sabe, interahamwe? Você não nos disse que a garota está morta? Viu o corpo?

— Não vi, chefe!

— Oh! Quer dizer que você não viu a defunta? E me entra assim, de repente, dizendo para a mãe que a filha morreu?

Indignado com a falta de jeito do seu subordinado no trato do assunto, Canisous Rubuga pegou o rapaz pela beca e o encostou contra a parede, com raiva e violência, sentindo-se culpado também. Ele gritou:

— Fala, safado!

— Já expliquei. Um cara a levou com ele!

— Oh! E, por causa disso, você concluiu que ela está morta?

— Ele a estapeou e a levou à força!

— Sim, e daí? — ponderou o chefe hutu.

O miliciano, sem entender porquanto seu chefe lhe fazia tantas perguntas, desconfiado de que seu erro estava em magoar a mulher branca que estava entre eles, achegou-se a Canisous Rubuga e cochichou ao seu ouvido:

Chefe, o sujeito a levou aos bofetes e ela é apenas uma twa: é lógico que só pode estar morta!

O líder interahamwe tranquilizou-se ao escutar a observação do seu subordinado. Seu soldado raciocinara em face da situação e do quadro que se desenhou, após sua apuração. Chegara a uma conclusão lógica e coerente com a formação de um membro da Interahamwe. Ele próprio, Canisous Rubuga, ensinava à sua gente:

Se levar uma tutsi com você, estupe-a e a deixe viver, caso você tenha a oportunidade de vê-la outra vez, pois uma tutsi é deliciosa. Mas se você estiver em desespero e levar uma twa, estupe-a e a mate, de forma que não conte a ninguém que você a comeu!

O chefe hutu falou para mim.

— Sua pirralha pode estar viva, doutora! — fez um breve silêncio e respirou fundo.

O interahamwe falou, completando seu relato:

— Revelaram-me que o indivíduo deu uns tapas na menina e a levou puxada pelos cabelos. Ele disse que ela lhe pertencia e que tentara fazer a coisa da forma correta. Falou que, se não pôde ser por bem, foi por mal.

Num momento, de imediato, ou melhor, ao exato instante em que ouvi aquelas últimas palavras do miliciano, o nome do Lúcifer espremeu-se em minha voz:

— Mukono...!

— Como? Quem? A senhora conhece o safado? Diga onde ele mora e eu o mato agora mesmo!

O líder hutu dera por encerrou a busca e iniciou a parte boa da missão. Pegou do facão, apontou-o para o alto e tomou despreocupadamente outra dose. Ficou satisfeito de ter encontrado o rastro do pervertido. Quase revelei Mukono para os violentos Interahamwes, contudo, não deveria fazer isso. Não seria prudente, visto que, ao chegarem à aldeia, aqueles arruaceiros não se contentariam em esfolar tão somente um magrinho twa. Mais gente inocente sangraria. Seria obrigada a procurar auxílio para obstar a Interahamwe em operação contra os pigmeus e, indiretamente, poderia salvar também um facínora estuprador. Eu mesma deveria me safar da enrascada em que me metera. Se fosse à polícia pedir providências, dir-me-iam que o caso estava nas mãos de gente competente. Falei:

— Esse assunto é meu. Eu me viro!

Solicitei ao dono do botequim que pusesse outra garrafa de bebida por minha conta e pedi o facão de Canisous Rubuga. Ele redarguiu:

— O meu não, a senhora pode errar! Este machete nunca haverá de falhar. Dê o seu para a moça. — ordenou a um dos seus subordinados, que me entregou a contragosto o próprio objeto de trabalho.

Canisous Rubuga me disse:

— Quando a Interahamwe entra numa parada, é para valer. Esse safado tem de morrer! Pois bem, vá que seja, doutora! Deixo esta história com senhora, por enquanto. Se é mulher o bastante para sangrar o sujeito, veremos; no entanto, se errar, nós iremos atrás do tarado — o hutu falou sentenciosamente.

Quando eu saía com o facão na mão, ele me arguiu:

— Pare! Um momento! E como eu vou saber se a senhora matou o safado?

— O facão voltará melado de sangue!

— Cachorros também têm sangue...

Ele me falou com toda a mansidão do mundo tamanho disparate, mas era do nível dele mesmo! Fiquei imaginando como podia aquele idiota não distinguir sangue humano do de um cão. Os milicianos riam de mim. Um deles me falou:

— Traga a cabeça dele para a gente ver se é bonito! Ah! Ah! Ah!

Outro emendou:

— Traga-o inteiro e vivo para mim, doutora. Minha irmã adora tarados! Ah! Ah! Ah!

Envolvida no embaraço, falei sem cuidar as consequências do que dizia, em tom de

brincadeira:

— Cruzes, que horror! Eu vou trazer um dedo dele para vocês!

* * * * *

Nada de mal era vão ou impensado para Canisous Rubuga. Ele, percebendo a aflição de Isabelle, riu e tomou mais um trago. Ofereceu-a um gole do seu próprio copo, aceito de imediato, pois ela estava refém daquelas designações. Olhou-a e admirou a figura de uma bela médica americana, em pleno centro de Kigali, no ano de 1994, com um facão hutu na mão, e falou alto:

Nossa, como essa doutora é perigosa!

Os milicianos deram estridentes gargalhadas, caçoando de Isabelle. Puseram uma jaqueta deles por sobre uniforme dela. Riram prazerosamente do mesmo modo, por estarem no jogo preferido, no estágio em que se decide o tempo restante de vida de alguns personagens. Ele facilitou até onde pôde as coisas para ela. Agradou-lhe a companhia à mesa de bebida. O facão sagrado da Interahamwe que ela tinha em mãos não era um inofensivo joystick manobrando um jogo de computador. Canisous Rubuga gostava de obter resultados reais e práticos em suas operações e não se permitia erros. Percebeu que o caso envolvia gente de estima da doutora, por isto mitigou-lhe a responsabilidade. Abraçou-a, bateu em suas costas e entendeu, irrevogavelmente:

— Traga-me um dedo dele!

Ele acreditou que a incumbência de amputar apenas um dedo do tarado, sem precisar sangrá-lo todo combinava com o tipo e feminilidade da americana. Ela que fizesse com o resto da vítima o que bem entendesse, pois seu preço estava dado. Não admitiria falhas na missão. Os outros hutus fizeram um sinal de reprovação, porém, no final, ficaram todos bem. Foram recompensados de algum modo pelo esforço para descobrir o paradeiro de Dancilla. Isabelle, por seu lado, deu uma generosa última talagada de conhaque, pegou sua motocicleta e saiu em direção ao vilarejo twa. Até chegar ao seu destino, deveria escolher entre duas opções para Mukono e nada mais: matá-lo ou extrair-lhe um dedo.

Tharcisse Mugabe tinha visto tudo desde o início, a partir do momento em que a Dra. Isabelle entrara na taberna. Ele tinha ficado por trás de uma árvore, observando os passos da paixão, como fazia todo dia. Ao vê-la sair às pressas, de moto, com um cavalarião facão hutu, desembestou-se em direção ao CHK, para pedir socorro ao Dr. Mike, que observara em

frente, na companhia de um poderoso oficial do exército ruandês, horas antes.

Ao chegar desabalado ao hospital, Tharcisse encontrou o médico ao lado duma bela amiga que trabalhava no Centro Hospitalar de Kigali. O inglês se posicionava perto da Land Rover para iniciar o caminho para o hotel onde morava. O twa constatou que teve sorte de encontrá-lo ainda ali prestes a partir. Pensou que, se tivesse demorado um minuto além, a desgraça estaria consumada irremediavelmente. Aproximou-se do Dr. Mike, esbaforido, falando depressa e soluçante, enrolando palavras de tal forma que não estava sendo compreendido.

— Calma, meu rapaz, não fique gago! O que você tem? Por acaso viu um fantasma hutu?
— o twa balbuciava e não se fazia entendido.

— Não, não... Dra. Isabelle — disse isso, apontando para o lugar donde chegara em disparada.

A simples menção do nome da amada, pronunciado dramaticamente pelo twa, pôs o Dr. Mike em alerta de nível cinco.

— O que foi, rapaz, fale pelo amor de Deus? O que houve com a Dra. Isabelle?

Simplesmente, o afônico twa não conseguia coordenar a fala, em decorrência do quadro de exaustão que tomava conta do seu corpo. Ele fizera esforço no limite de sua capacidade física para chegar, no menor lapso de tempo possível, ao local onde estava o Dr. Mike. O tarimbado inglês pegou sua valise, buscou seus medicamentos e aplicou uma injeção calmante no twa, o qual, assim que sentiu os primeiros efeitos da droga, sentado na calçada do hospital, encostado ao muro, falou:

— Dra. Isabelle... A Interahamwe... Lá atrás... Para ali... No bar!

O Dr. Mike começava a ficar assustado com os relatos virgulados de Tharcisse Mugabe e gritou asperamente para o twa:

— O que aconteceu à Dra. Isabelle? Que bar? Onde? O que tem a Interahamwe a ver com isso? Fizeram-lhe algum mal?

O twa recuperava o fôlego, perdia a gagueira, a reticência e readquiria o governo das ideias. Não seria daquela vez que enfartaria, pois estava na presença dum médico experiente. Pôde, enfim, fazer seu relato, com tranquilidade.

— Não! Não lhe fizeram mal. Ela é um deles!

— O quê?

— Sim, Dr. Mike, a Dra. Isabelle é interahamwe!

— Você ficou maluco, meu rapaz? Você está pior que seu amigo doido... Como é mesmo o nome dele? Ah! Mukono... Mukono.

Ao ouvir Dr. Mike pronunciar o nome de Mukono, a ficha caiu de vez para Tharcisse

Mugabe. Imaginou o que poderia ter acontecido com ele, durante o trajeto, se previamente soubesse quem a médica ia matar. Arregalou os olhos em direção ao médico e berrou:

— **Mukoouooooooooo!**

— O quê? — indagou o Dr. Mike.

— Puxa vida! Dr. Mike! Vai acontecer uma desgraça! A Dra. Isabelle está indo na motocicleta de facão na mão, para matar Mukono!

O tagarela girava em volta do médico e pulava com as mãos na cabeça, agitado como um macaco que acabara de comer pimenta! Atroava os céus, gritando sem parar, surtado, aterrado e arfante, puxando as mangas da bata do Dr. Mike.

— Cruz-credo! Santo Deus! Dr. Mike! Ela vai matar Mukono; ela vai liquidar Mukono; vai exterminar Mukono...!

O Inglês deu um safanão no twa, que recobrou a consciência, parando-lhe o palavrório. Perguntou-lhe:

— O quê? E por que ela faria isso? — o médico não acreditou de imediato em tal afirmação de Tharcisse Mugabe, pelo simples fato de saber que a americana adorava os twas e seria incapaz de fazer-lhes algum mal. Quando o agourento, à sua frente, asseriu-lhe, no entanto:

— Mukono levou Dancilla!

Toda a história que se desenrolava naqueles instantes, em sua volta, e que dela participava tão somente na parte relacionada ao twa esbaforido, clareou-se, de modo convincente e aterrador! E bradou:

— Diabos, twa! A Dra. Isabelle benquer os pigmeus e faria qualquer coisa para defendê-los! Principalmente pela pequena Dancilla, a quem ama de verdade, faria loucuras!

O médico, então transformado em piloto, atirou o colega dentro do veículo, jogou depois sua bolsa e abalou a toda velocidade. Em questão de segundos, o motor da maltratada picape implorava pela terceira marcha, todavia não teve tempo de respirar ou saborear a combustão, pois o Dr. Mike já lhe empurrara câmbio adentro a quarta. Até então, aquela era apenas a terceira vez na vida que Tharcisse Mugabe entrava em um veículo automotor. Quando criança, ao lado do pai, andara de trator, na fazenda do seu antigo senhor. Em vista disso, estremeceu-se, vendo a Land Rover diabólica, movendo-se com tal rapidez:

Passar por dentro, por cima ou por fora dos outros veículos, nas estreitas ruas de Kigali!

Ele invejou a fortuna de Mukono, que só tinha um facão com que se preocupar. Ao twa nunca haviam falado de cintos de segurança e da sua utilidade em certas ocasiões, por conseguinte, era sacudido dum lado para o outro e de cima para baixo, por todos os cantos da cabina da Land Rover onde coubesse seu corpo retorcido. O companheiro de jornada maltratando a engrenagem fronteira, não se amedrontava com buracos. Talvez parasse, se diante de si afigurasse algo como um fumegante vulcão, pois, a não ser nesta hipótese, permaneceria a acreditar que havia espaço suficiente para todos neste mundo e que era possível manobrar. Não é sabido se morreu algo ou alguém, em decorrência da arrancada do Dr. Mike, para sair do centro da cidade, redesenhando o tráfego do local. Se isso aconteceu, por certo, não teve muita importância, visto que não houve comentários posteriores ou maiores consequências. Tharcisse Mugabe, por seu lado, afirmou depois que percebera muita gente se atirando pelos cantos, fugindo em desespero do arrastão proporcionado pelo Dr. Mike e que, com certeza, ao menos um cão ele vira, por um milésimo de segundo, sangrar.

Terminado o susto na cidade, o twa deu por si na estrada. A bonança retornou, na medida do possível. O Dr. Mike, agora, acelerava pela zona rural, por uma via de tráfego menos intenso, em direção ao povoado. Maior que a velocidade que ele imprimia à arfante picape, só seu desejo de encontrar uma motocicleta à frente.

Enquanto ele não alcançasse a Dra. Isabelle, seu pé não afrouxaria o pedal do acelerador!

Diante de tanta determinação do homem, a Land Rover desenvolvia seus extremos e consumia suas margens de segurança com uma velocidade assustadora. O twa nunca vira a paisagem colinosa passar tão rápido ao largo como uma dinâmica galeria de vultos. Seus olhos, em um piscar, perdiam lascas das imagens que costumava ver como quadros fincados em uma infinita abóbada azul. Viajar naquela velocidade absurda foi uma experiência nova para Tharcisse Mugabe, que, por ser paupérrimo e seletivo com seus gastos, nunca antes tomara uma condução automotora mediante ingresso pago. Uma única vez antes, ele viajara na picape, entretanto, de maneira normal e sem condições de olhar a paisagem pela janela. Ele, pela primeira vez em sua vida, maravilhado, foi confrontado à Dinâmica, à Cinética e às formas passadiças de maneira pujante. Tharcisse Mugabe estava vendo um mundo fugidio de um ângulo diferente, pois o referencial se movia alucinadamente. O que nos é habitual, para ele estava sendo algo novo e radiante. Sua compreensão da vida e do mundo era diferente da nossa, em virtude da alocação dos eventos e estímulos, ao longo da sua formação mental. Por isso, a velocidade, que para nós parece corriqueira e óbvia, em decorrência da banalização do hábito, intrigou-o de alguma forma, pois não se enquadrava nas cenas em sua memória. O perspicaz twa questionou a si mesmo, em seus íntimos pensamentos:

Se sua realidade em volta passava mais depressa, encurtando as distâncias, não estaria seu tempo de vida restante fluindo mais rápido, envelhecendo-o mais ainda, visto

que ele chegava cedo à sua vila e vivenciava antes os seus destinos traçados e quantificados por Deus?

Tharcisse Mugabe, um inteligente e curioso twa, se externasse a emoção contida no peito e perguntasse isso ao erudito senhor ao lado, o Dr. Mike, teria ouvido um ruidoso não como resposta, talvez deste modo:

Largue de ser tolo, Tharcisse Mugabe. Você é um ignorante mesmo! Não passa de um twa! Procure ler. É óbvio que não. Ocorre justamente o contrário. Quanto mais corremos, mais vagaroso segue o nosso tempo aqui dentro da Land Rover que o das pessoas paradas lá fora.

O médico, acelerando em uma estrada africana, mesmo não estando no Dakar Rally, ia à frente de tudo e de todos, de qualquer jeito, na marra, com uma pressa e vontade obsessivas, para separar Isabelle de Mukono e do facão hutu.

* * * * *

Quando cheguei ao lugarejo twa, chamei a atenção de todos. Com uma fúria animal, irrompi no pátio, onde umas velhas senhoras conversavam e crianças recreavam-se. Muitos, que se julgaram alvo da minha motocicleta, levantaram-se procurando proteção. Gritei para os que estavam à minha frente:

— **Cadê Mukono?**

Ninguém ousou me responder, pois, acima de mim, pairou sinistra perante eles a simbologia da jaqueta perniciososa e do facão hutu em minhas mãos. Ainda que julgassem imprópria minha imagem associada à Interahamwe, não seriam eles os primeiros a duvidar. Diante do silêncio de tanta gente, senti-me questionada, desafiada e pronta para agir.

— Cadê o safado do Mukono? Eu procuro Dancilla!

Um pigmeu que, decerto, como eu, devia ter alguma rixa com o polêmico twa, me encaminhou ao encontro do outro. Não pedi licença e invadi a residência do meu procurado. Encontrei-o soberbo a conversar calmamente com a esposa, Domitilla. Sarcástico, olhou-me com uma expressão triunfalista na face. Não obstante me ver engatilhada, não se importou, pois arma era adorno em Kigali e acreditou que blefava. Falei-lhe tranquila, porém com firmeza, como se procurasse um objeto pessoal, uma cara pertença:

— Onde está Dancilla, Mukono?

Ele, desafiador e prepotente, apontou-me o quarto do casal. Fui em direção a Dancilla e a encontrei deitada, em um colchão de capim, enrolada em um lençol. Puxei sua coberta e a fitei. Percebi que apanhara para se tornar obediente. Ao enxergar a expressão dos seus olhos e as marcas da violência no seu corpo, constatei, de imediato, que ali, em minha frente, estava uma mulher com o que restara dela. Não tive coragem de falar ou perguntar-lhe algo, pois há coisas que somente nós mulheres compartilhamos e que não precisamos verbalizar. Volvi-me em direção ao enigmático e silencioso Mukono e, com meu facão, desferi-lhe um vigoroso, mas canhestro golpe hutu. Por ter sido atacado por uma miliciana debutante, com um pouco de ventura, ele conseguiu se desvencilhar com um mínimo arranhão. Evadiu-se do local, arrastado pela covardia e pressa dos culpados, buscando vida, contudo tombou na saída da sua cabana, surpreso com o ataque, e ficou à mercê de meu machete, que se arremessava no abate definitivo, prestes a arrancar-lhe a cabeça, quando fui contida pelo Dr. Mike, em desespero.

— **Pare, Dra. Isabelle! A senhora vai matar esse twa!**

Não sei donde aparecera o inglês inoportuno. Para mim, segundos antes, tive certeza que no mundo só existiam eu, Mukono e uma lâmina hutu. Fora tão custoso chegar àquele momento, que eu não mais queria parar. Precisei ser dominada à força pelo médico, para não retalhar o twa. Possessa, gritava:

— **Covarde! Safado! Tarado! Canalha! Eu vou matar você...!**

* * * * *

Tharcisse Mugabe estava abismado e abobalhado, pois nunca imaginara ver a amiga descontrolada daquele jeito. Ele simplesmente não sabia o que fazer. Ficou feliz e aliviado, por ter tido a iniciativa de procurar o Dr. Mike, pois vendo-a tão irada e possuída pelo demo, teve certeza de que não conseguiria contê-la de per si. Por isso, em murmúrio, agradeceu, sinceramente, ao médico, que se arremessara, providencialmente, contra ela, salvando a vida de Mukono, jogando-os ao chão. A ação do inglês sobre o corpo de Isabelle causou um forte impacto, que produziu estrondo e gerou estrago nas cerâmicas empilhadas num canto da cabana de palha e argila.

* * * * *

Quando o facão aterrou inerte, desmaiado em local seguro, muita gente curiosa se abeirou de nós. Pareceu-me que todos os interrogativos twas boquiabertos do mundo acudiram ao local. Do chão, eu olhava para caras de pasmo, ao meu redor, acima de mim, e escutava conversinhas paralelas. Chorei copiosamente nos braços do Dr. Mike, não acreditando a que

ponto eu chegara. Pungia-me a dor de Dancilla, além da minha, em meu coração.

Por mais inacreditável que parecesse, a maioria dos twas ficou do meu lado e contra Mukono. Ele possuía má fama de arruaceiro. Para a maior parte deles, o impávido pigmeu durara muito tempo vivo e passara da hora de morrer. Recebi incentivos para ir em frente e continuar o meu trabalho de dar cabo de Mukono. Uma áurea reverberante e humana se apoderou do meu ser. Um filme lindo e suave passou na minha mente, remetendo-me ao tempo ido, ao encontro e ao desejo de ressuscitar minha avó. Se eu a queria de volta, não tinha o direito de pedir que outro se fosse para seu lugar. Eu era uma médica da vida e não da morte. O Dr. Mike, que me apoiava nos meus momentos de desespero, embalava-me e me confortava sentado ao meu lado no chão matwa. Larguei-me ao alento do regaço senil. Ele estava a me abraçar tão forte, que pôde escutar as aceleradas batidas do meu coração. Como um nobre protetor, aguardou, com charme e elegância, que eu, com minha meditação e choro morno, resolvesse meus dilemas e expiasse os meus pecados daquele dia. Esperou-me expurgar o álcool, a ira e a pecaminosa adaga hutu.

Algo me aliviou, ao chegar à vila: Dancilla pelo menos estava viva e inteira, apesar do trauma emocional. Eu fora tão desajeitada no trato da questão, que me entreguei definitivamente ao comando do Dr. Mike. Ele resolveria o assunto, a partir daquele momento. O que fosse decidido por ele, eu acataria. Domitilla, compadecida da minha aflição ou com sentimento de culpa, veio ao meu encontro, pois a minha era igualmente sua indignação. A coisa começava a ficar feia para Mukono, pois duas das damas mais prezadas pelos twas, eu e Domitilla, pusemo-nos contra ele. Mukono corria sério risco de ser ignominiosamente banido da comuna e, para isso se confirmar ou não, formaram um conselho tribal, que se reuniria em poucos minutos, com a aprovação do Dr. Mike, que apresentara minha procuração.

Eu comia raízes cozidas, ao lado de Domitilla, que saboreava côdeas de pão amanhecido abeberadas em sopa rala. Os homens e as mulheres idosos e respeitados na comunidade encaminhavam-se para a formação do juizado indígena. Mukono era a matéria e o réu para o qual se aplicaria a cognição comunal. Ele estava sentado no pátio rodeado por experientes pigmeus. Um vetusto twa, curvado pelo peso do tempo rigoroso, erguido a cajado, estava no comando do evento. Ele possuía o rosto vincado por rugas e parecia um duende amarelado avizinhado a uma fogueira que iluminava a negrejada noite do lugar. Falou suavemente, preocupando-se em se fazer entendido sem maiores dificuldades, com uma profundidade cativante, demonstrando segurança e isenção no comando do evento.

Nós estamos aqui para aplicar a sabedoria e a tradição twas. Buscamos acima de tudo celebrar a vida. Assim eu abro por quem tenha o que falar!

Um senhor se dirigiu ao centro e disse:

Nossa comunidade é frágil e dependemos da nossa união. Mukono só pensa nele. De suas ações, a morte brota para nós. Temos de bani-lo o quanto antes ou entregá-lo à dama que busca em nós sua justiça!

Outro se avizinhou, após a saída do anterior, e falou:

Não podemos nos precipitar. Devemos deixar a Dra. Isabelle determinar o destino dele. Se ela o perdoar, nós também o faremos; se ela entender que permanecem os pecados dele sem ter como remediar, nós o puniremos!

Uma idosa tomou para si a palavra aberta:

Não devemos esquecer que não apenas as bravatas e ousadias de Mukono estão em jogo aqui. Quero registrar e celebrar em homenagem à menina Dancilla, uma mulher matwa. Que todos saibam que sua dor é de todas nós!

Eu cochichei para o Dr. Mike que queria falar. Ele me olhou, fazendo um sinal negativo com a cabeça, com uma expressão de quem me dizia:

Não, de maneira alguma. Eu não podia, porque aquilo era um assunto twa!

Muitas pessoas foram repetitivas ou falaram coisas semelhantes a colocações anteriores. Até que um aldeão falou:

Pode haver mais coisa neste caso que não sabemos. Quero ouvir a médica, e se possível lhe fazer questionamentos!

O twa de cabelos brancos disse que a participação duma estranha somente poderia se dar mediante votação. Votaram e me deram a oportunidade de falar. Conteí toda a história desde a visita de Mukono com Tharcisse Mugabe, até minha saída de motocicleta com a recomendação de levar de volta um dedo de Mukono. Ao escutarem menção aos milicianos, um terror se apoderou dos circunstantes. O senhor falou:

Sendo assim, o problema passa a ser de todos e não apenas de um de nós. Se os hutus vierem buscar Mukono aqui, outros morrerão. Minha opinião é que se lhes enviem um dedo de Mukono ou se faça o banimento!

Outros opinaram:

Mandemos o dedo de Mukono e lhe acrescentemos o degredo!

O condutor, após ouvir muitas outras opiniões acerca do novo desdobramento da questão, determinou apoiado na maioria dos presentes, que caberia a Mukono entender pelo seu dedo ou pela expulsão. E deu a palavra ao valente twa.

Eu tive muitas dificuldades de desterrar o medo para conquistar Dancilla. É justo que ela decida o que eu deva fazer. Ela dirá se me quer sem dedo ou que eu me vá!

Gerou-se uma ruidosa discussão se, por ser Dancilla tão nova, poderia ela deliberar um conselho de anciões. Alguém falou:

Dancilla, como qualquer uma de nós, é uma matwa e, sendo assim, não se pode dar ao luxo de ser incapaz. A infância dos selvagens se resume ao tempo no colo da mãe!

Tamanho convencimento trouxe ao centro do juízo ancião uma acanhada menininha twa, que decidiria a sua felicidade e o destino do audaz Mukono. Ela falou com voz cândida, de forma pueril:

Fiquei triste quando ouvi Mukono, na dúvida, pedir-me para que entendesse por ele! Fico a imaginar, Mukono, se eu mereço um dedo seu!

Mukono ponderou que tinha sofrido muito até chegar ao instante, no qual estava em suas mãos a decisão de ter ou não Dancilla como sua mulher; mais precisamente, estava em seus dedos sua fortuna. Para manter seu corpo intacto e seu porvir livre da ignomínia, havia de

partir da cidade, talvez do Ruanda. Com certeza, os interahamwes já sabiam a identidade do agressor de Dancilla e palavras foram empenhadas. Imaginou-se na Fazenda BE a fugir dos tutsis, dos seus cães e, sobretudo, das balas que o alcançaram zumbindo próximas aos seus ouvidos. Mirou-se são e concluiu que fora um milagre estar inteiro, apesar daquela provação sofrida e da dura demanda cumprida à meia sorte e meia dor. Pensou:

Escapara por muito pouco! E se uma daquelas balas tivesse acertado sua mão? Talvez lhe tivesse arrancado um dedo, na verdade!

No momento em que escutei a pequena e precoce Dancilla falar como uma resoluta aldeã nubente, eu encontrei uma mulher a mais neste mundo masculino e machista, adolescida e maturada de imediato com a urgência daqueles que têm uma vida curta. Somente me coube abraçá-la e felicitá-la ao lado de seu Mukono, ou da parte que lhe sobraria do bígamo, pois outra porção maior do twa pertencia a Domitilla. Por uma peça do destino, para se dividir entre dois amores, ele teve de repartir o corpo em dois pedaços com a equidade que só a experiência mundana é capaz de proporcionar. Por sorte de Mukono, atrás do meu facão hutu, que não o rasgara, tinha vindo o Dr. Mike com sua maleta contendo todos os instrumentos que os médicos usam para tirar pedaços das pessoas, sem esforço ou sofrimento. Como salvaguarda dos demais pigmeus, o médico entregaria o dedo twa ao interahamwe no dia seguinte, numa ação compreensível em meio à barbárie do lugar. Por meu lado, a partir de então, ganhei um inimigo poderoso, astucioso e persistente, que em calada promessa me infligiria dor e sofrimento. Mukono, tal sombria serpente, socorrer-se-ia em seu mais depurado ardid. Jogaria contra mim um quimérico quebranto, mesclando-o ao genocídio, que trombaria comigo adiante. Apunhalar-me-ia o dorso com um enfeitado e perfurante diamante roto do quilate da peçonha de uma sorradeira mamba africana.

Durante o restante da noite, até o dia clarear, tive mais uma demonstração do caráter e vitalidade dos pigmeus. Mesmo diante de tanto sofrimento e privação material, não se fizeram de rogados e celebraram o casamento de Mukono e Dancilla, com música, dança, ginga, cerveja quente de sorgo, pouca comida, entretanto, com fêrvida alegria. O Dr. Mike não deixaria de participar daquela cantarola toda. Tomou da viola na Land Rover e pôs-se a acompanhar a tempo o molejo da percussão melodiosa dos twas.

Imagina se o meu cantador iria perder uma oportunidade daquelas? Somente ele com viola e gaita adaptadas a lugares exóticos poderia ombrear o ritmo daquela gente melódica e, paradoxalmente, alegre, sempre que escuta um timbale de couro de ovelha soar!

As Flores do Ruanda

Capítulo X

O destino de Rose Kabaguyoi

Rose Kabaguyoi era obrigada a fazer o trajeto Gitarama-Kigali-Gitarama, nos dias em que estava de plantão, se ela não pernoitasse em minha casa. Sempre que havia alguma intervenção cirúrgica que requeresse maiores cuidados da minha parte, eu a convocava para dividir comigo as responsabilidades durante os procedimentos de assistência aos pacientes. À época, ela se queixara comigo de que Canisous Rubuga a assediava quando saía do hospital. Eu e Tharcisse Mugabe costumávamos levá-la até o ponto da condução para Gitarama e somente a deixávamos quando estava dentro do lotação. Certa vez, em um de nossos dias de folga, aconteceu-lhe de ir à minha casa para conversarmos como fazíamos de praxe. Perguntei-lhe:

— Rose, por que você, uma pessoa que mora em uma propriedade rural, não procura uma profissão que a fixe ao campo?

— Eu não gosto da labuta na terra, Dra. Isabelle!

— Pois então você deveria morar aqui! É cansativo esse seu deslocamento de uma cidade para outra a cada plantão.

— Na realidade, tenho medo de morar sozinha.

— Eu moro só, Rose!

— Oh! Seu caso é diferente! A senhora é uma mulher de muita fibra e além disso é americana. As pessoas pensariam muito antes de fazer-lhe alguma maldade.

— Compreendo, você está com razão. Mas que tipo específico de mal poderiam lhe causar?

— Muitas ruindades podem ser feitas pelos hutus a uma jovem mulher tutsi, doutora. Tenho de estar sempre alerta, nos dias de hoje. Por exemplo, atualmente, estou sendo assediada por um hutu.

— Que tem isso de mal? O Dr. Mike não a assedia também?

Pega de surpresa, a tutsi ficou aturdida como a garota ao lado da geladeira com o doce na

mão.

— Nossa! Quem lhe disse isso, Dra. Isabelle?

— Eu não sou cega, tampouco tola!

Rose ficou desconcertada. Ela não sabia que a melhor amiga conhecia as investidas do médico sobre ela. Eu, na realidade, sempre soube que o Dr. Mike era mulherengo e não me importava tanto com isso. Percebia que meu caso com ele era passageiro e que, talvez, estivéssemos juntos pelo simples fato de sermos estrangeiros e estarmos vivendo uma aventura tropical.

— Não se preocupe, Dra. Isabelle, o Dr. Mike e eu nunca tivemos nada um com o outro. Ele tem um jeito galanteador. É igual aos homens desta cidade. São todos uns atrevidos!

— Eu sei, Rose. Você é uma linda jovem tutsi. O Dr. Mike adora isso. Às vezes, suponho que ele me quer apenas como contraste perante as africanas que conquista!

— Cruzes! Será que ele não gosta da senhora?

— Ele gosta sim, no entanto, da maneira egoísta e possessiva dele.

— Então por que não o deixa?

— Penso seriamente nisso!

— Desejo que encontre um bom companheiro. A senhora merece. Acredito que deveria trabalhar menos e se divertir um pouco!

— Não sei se terei tempo de viver outro romance no Ruanda. Este país caminha para o caos e se torna, a cada dia, mais violento. Talvez tenha de partir!

— Cruz-credo! Será que chegaremos a tanto, doutora?

— Espero que não, Rose. Contudo há muita gente acreditando que o Ruanda se tornará insuportável em breve.

— Mais um motivo para a senhora encontrar um homem que lhe dê apoio e que esteja ao seu lado nos momentos difíceis. O Dr. Mike está sempre ausente. Por que ele viaja tanto, Dra. Isabelle?

— Não sei. Meu namorado não é apenas um bom médico. Ele age como se fosse um político e diplomata diligente também.

Eu mudei de assunto, pois não estava disposta a revelar os meus sentimentos para Rose de maneira tão transparente.

— Quem é este hutu que está a assedia? Você sabe o nome dele?

— Sim, Canisous Rubuga. É completamente diferente dos outros homens que me dizem galanteios. Ele me dá medo, Dra. Isabelle!

— Cuidado! É um tipo desprezível. Realmente você deve ter cautela com ele!

— Eu tomo muitas precauções. Ele me diz muitas grosserias, quando saio desacompanhada do hospital. A senhora não queira imaginar o que me fala quando me encontra só!

— O que ele lhe diz, Rose?

— Ah! Doutora! Eu não quero entrar em detalhes sobre isso. Ele ameaça me estuprar! E não possui o mínimo romantismo ou educação. Fala em violência e agressão o tempo todo. Mistura prazer com malvadez.

— Puxa! Isso é grave. Amanhã irei ao distrito policial com você para prestarmos uma queixa-crime contra aquele maníaco!

— Deus me livre! Tenho pavor dele. Se eu fizer isso, ele se vingará de mim.

— Como poderia fazer isso? Ele seria o primeiro suspeito.

— Oh! Percebe-se que a senhora ainda não conhece bem como algumas coisas funcionam no Ruanda, Dra. Isabelle. Canisous Rubuga é amigo dos policiais. É um deles. É da polícia. Se dermos parte dele, os hutus rirão de nós.

— Bem, se você tem medo de ir, irei por você. Deixarei claro para a polícia que você não deseja denunciá-lo, contudo achei por bem fazê-lo por conta própria, sem que você soubesse de nada. Deixe este hutu comigo que cuido dele!

— Está certo, doutora. Se a senhora acha melhor assim... Conto que consiga fazê-lo se afastar dos meus caminhos. No entanto, não faça algo que chame atenção, pois não quero que este assunto chegue a Elizaphan.

— Fique tranquila. Serei prudente. O que você acha de vir morar comigo? Há muito espaço nesta residência.

— Isto seria ótimo, Dra. Isabelle. É claro que aceito morar com a senhora.

— Amanhã irei à Fazenda BE para ter uma conversa com seu patrão.

— Sobre o que a senhora falará com o Sr. Emmanuel, doutora?

— É uma longa história. Eu irei com o Dr. Mike discutir uma polêmica referente aos twas. Trata-se de uma questão fundiária. Parece que o tutsi rico quer impedi-los de ter acesso a uns encharcados em Bugesera de onde os coitados retiram o barro para fornejar os potes. Em outra ocasião lhe conto isso em pormenores. Você quer que eu fale com seus pais amanhã na fazenda?

— Não, Dra. Isabelle. Eu mesma devo discutir sua proposta com eles. Tenho certeza de que não se oporão à sua ideia, se eu falar com jeito. Eles têm respeito pela senhora. Vão até ficar orgulhosos. A senhora é uma pessoa importante no Ruanda.

* * * * *

Rose sabia que seria extremamente difícil convencer os pais a deixarem-na viver só na companhia de uma amiga americana na capital. Eles nem ao menos conheciam pessoalmente Isabelle. Ouviram falar dela por algumas citações da filha. A fama da doutora em Gitarama não era boa, em virtude do envolvimento com os pigmeus. A tutsi temia que, se dissesse a amiga que os pais não aprovavam aquela amizade, o convite fosse desfeito.

— Tudo bem, Rose. Que seja como você quer. Aproveite o dia de amanhã, fale com seus pais e peça-lhes permissão.

— Que pena! Amanhã é dia de plantão. Somente depois de amanhã poderei estar em Gitarama com tempo suficiente para ter uma boa conversa com eles.

— Pois eu a libero! Fique na fazenda e converse com calma com seus familiares.

— Está certo, Dra. Isabelle. Utilizarei o dia livre para arrumar as minhas coisas. Não quero chegar à sua casa com uma peça de roupa suja sequer.

* * * * *

Rose Kabaguyoi e o seu bem-amado Elizaphan viviam um grande caso de amor. Um dos romances mais belos e sinceros que presenciei na vida. Conheciam-se desde crianças. Cresceram admirando e amando um ao outro. Rose nasceu na Fazenda BE e Elizaphan na área urbana do lugar. Ele resolveu trabalhar para o Sr. Emmanuel Habimana para estar avizinado ao seu amor. Rose era tutsi e Elizaphan um hutu atarracado e típico. Ela era mais alta que ele, porém isso não tinha a menor importância para os dois. Ao vê-los juntos, todos percebiam que estavam diante de um casal perfeito, em decorrência da afinidade que tinham entre si e da espontaneidade com que se tratavam. Rose se despediu de mim e me afirmou que iria pegar uma condução para Gitarama. Fui com ela até o portão e procurei por Tharcisse Mugabe pelas imediações da minha casa. Como estava um pouco escuro, não o enxerguei em lugar algum. Mesmo assim, sabia que o twa deveria estar por ali, aguardando que eu dormisse. Certa que meu apelo teria resposta, gritei para o vento:

— Tharcisse Mugabe! Tharcisse Mugabe! Onde está você?

O twa saiu de trás de um caminhão parado à distância de uns cem metros. Ele veio correndo ao meu encontro.

— O que foi, Dra. Isabelle? Por que a senhora está berrando assim?

Com uma expressão séria, reclamei com ele, sem deixá-lo notar que brincava. Rose

percebeu a chacota com o twa e riu baixinho, dissimulando seu comportamento.

— Estou gritando o quê? E não deveria? Onde você estava, seu twa imprestável? Não foi você quem alardeou por toda Kigali que é o meu protetor? Que porcaria de protetor é essa que não está ao meu lado quando preciso?

— Eu estava logo ali, Dra. Isabelle!

— Ali onde? Ali não é aqui! O que o senhor fazia tão longe de mim?

— Eu urinava atrás daquele veículo! Por isso, não me aproximei de imediato da senhora.

— Oh! Que coisa feia, twa! Como pôde urinar em via pública? Esta cidade está uma sujeira só e você colabora para piorar as coisas, ainda mais na minha rua! Vou dar queixa de você ao chefe de polícia!

— Nossa Senhora! Não faça isso comigo, Dra. Isabelle! O mahutu é mau. Ele odeia os batwa! — o twa travestiu-se de anjo, a ver se me persuadia pela dó.

— Não existe essa história de mau! Você errou e tem de pagar por essa sem-vergonhice! Rose, vá lá dentro e telefone para o chefe de polícia e peça-o que mande uma guarnição buscar Tharcisse Mugabe, agora mesmo!

Rose riu baixinho, segurando-se para não cair em gargalhadas. Entrou e fingiu ligar para a polícia local. O dispositivo não chegara, ao menos, a dar linha, todavia fingia dialogar com alguém do distrito policial. O pobre twa entrou em desespero. Do lado de fora, eu e Tharcisse escutávamos atentos o desenrolar da conversa de Rose ao telefone.

— Alô! É do distrito policial de Kigali?

— ...

— O quê?

— ...

— O chefe não está?

— ...

— Como?

— ...

— Quem responde por ele?

— ...

— Sim, é o senhor mesmo?

— ...

— Eu quero prestar queixa contra um tarado perigoso que está mostrando suas coisas no meio da rua, em frente à minha casa...

— ...

— Não, não senhor...

— ...

— Ele não é hutu, nem tutsi, entretanto, dizem que é um perigoso twa que acabou de chegar de Uganda de onde vem a Frente Patriótica Ruandesa, senhor...

— ...

— Como? Está certo... Eu aguardo sua chegada!

* * * * *

Tharcisse Mugabe achou que se metera em uma bela encrenca por ter urinado perto dali. Ele não imaginara que a americana pudesse se preocupar tanto com isso! Na comunidade dos twas, aquilo seria um fato banal. Pensou:

Ele havia de fazer algo para reverter sua situação delicada!

Implorou-me súplice aos choramingos, instando-me a perdoá-lo:

— Não faça isso, Dra. Isabelle! Os hutus vão me cozinhar vivo!

— Por que eu deveria protegê-lo dos hutus e esquecer a falta que você cometeu, senhor Tharcisse Mugabe?

— Porque eu gosto da senhora! Eu nunca lhe faria algo de ruim como a senhora está a fazer comigo neste momento! Se um dia a senhora errar, compreenderei e acoitarei seu erro, se preciso for!

Fiquei sensibilizada com a demonstração de carinho do meu twa preferido.

— Você está se saindo um grande conversador, senhor Tharcisse Mugabe! Aproveite esta lábia para vender suas flores. Não a gaste comigo!

— Desfaça esta situação antes que a polícia chegue, por favor!

— O que você quer de mim?

— Ligue de volta e retire a queixa!

— Por que você não foge para a vila, twa?

— Não quero ir antes de a senhora se recolher, chavear a porta e dormir em paz, Dra. Isabelle!

Mais uma vez, senti-me lisonjeada pela espontaneidade e blandície dos sentimentos de Tharcisse em relação a mim.

* * * * *

Isabelle se lembrou de um dia em que ele aguardava fronteiro à casa dela, enquanto ela teimava em não se recolher. Finalmente, quando desligou as lâmpadas e se deitou, ele partiu empurrando sua carrocinha de flores, picando o passo miudinho. Na esquina próxima, olhou para trás e viu que as luzes tornaram a cintilar. O twa volveu e se sentou novamente na calçada defronte ao portão. Ele imaginou:

A Dra. Isabelle deve ter se esquecido de tomar água antes de deitar.

Depois de saciada a sede, Isabelle retornou sonolenta para a cama. Apagou as luzes novamente. Ele, outra vez, pegou seu carrinho e o guiou com as mãos hábeis de ambulante experiente em direção ao povoado dos twas. Como sempre, teria uma extensa caminhada solitária pela frente, contando os miliários ao longo do cansaço. Ela abriu a janela com cuidado de permanecer na penumbra e o viu partir de mansinho sob uma garoa fina, novamente miudeando o passo. Quando ela estava só, à noite, proibia-se de fazê-lo entrar rotineiramente, pois teria de agir assim várias vezes, pois sempre estava ali. Às vezes, no entanto, ficava ao lado dele, conversando animadamente, enquanto aliviava-lhe, com hábeis mãos de médica, os parasitas do couro cabeludo. Nada que fizesse o faria partir antes que ela adormecesse. Ele era feliz ao seu modo contemplativo. A americana riu, ao aconchegar no coração e ver a figura pequena do seu protetor que lhe proporcionava tal sensação de amplitude e esteio espontâneo. Sentiu-se onerada do prazer de lhe propiciar tudo o que sua melhor amiga far-lhe-ia sempre. Ele era frágil e não a protegeria dos facões hutus ou espingardas tutsis, todavia provia-lhe de paz e autoconfiança, tornando-a capaz de pelear por ela mesma, em razão de tanta dignidade a ela oferecida por um atencioso e terno twa.

* * * * *

— Deixe comigo, Tharcisse Mugabe, vou tirar você desta encrenca em que se meteu! Vá deixar Rose no ponto de ônibus para Gitarama e não saia de lá até que ela entre em segurança na lotação.

— E os policiais, Dra. Isabelle?

— Não se inquiete! Quando chegarem aqui, falarei que o twa fugiu de volta para Uganda. Direi que atirei nele e o amedrontei.

— A senhora não possui armas, doutora!

— Quem lhe contou isso? É claro que tenho aqui artilharia suficiente para derrubar um elefante em disparada.

— Nossa! É mesmo?

— É, sim! Tome cuidado com Rose no caminho, porque Canisous Rubuga está com ela a olho!

— O que ele quer dela?

— Ele a assedia e quer matá-la junto com quem estiver ao seu lado!

— Cruz-credo! Dra. Isabelle! Eu não posso ir com a Srta. Rose!

— Você prefere ir com ela e enfrentar Canisous Rubuga ou aguardar a chegada da polícia?

* * * * *

Para o twa, as opções eram terríveis! Todavia, esperto, raciocinou que não era certo o encontro com o miliciano hutu no caminho até o ponto de ônibus para Gitarama, contudo a chegada da polícia era fato consumado.

* * * * *

Falou uma fanfarrice:

— Vou com ela, Dra. Isabelle. Pode ficar tranquila! Se o mahutu aparecer, dou um jeito. Eu avoo uma pedra na cabeça dele!

Rose não se conteve e, enfim, riu do jeito que queria.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Obrigada, Dra. Isabelle — ela, do alto de um metro e oitenta e cinco

centímetros, fez um sinal com a mão indicando a baixa estatura de Tharcisse Mugabe. — Veja como eu estou protegida por este twa! Nem a Interahamwe inteira ousaria me aborrecer agora! Até depois de amanhã. Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

Rose não sabia, até então, que não reveria Isabelle, conforme combinaram. Ela não retornaria para seu trabalho no Centro Hospitalar. Esta verdade surgiria de modo rotundo no dia seguinte. Dentro do ônibus para Gitarama, ela deixou-se levar pela imaginação. Pensou em Tharcisse Mugabe e no quanto era lindo o amor do twa pela sua médica querida. Ela se espantava ao constatar como podia um homem tão inteligente como aquele twa beirar a ingenuidade em face da sua amada. Ficou, de uma vez por todas, claro para a tutsi, que ele acreditaria em qualquer coisa que a amada lhe dissesse, por mais absurda que parecesse. O twa era uma prova de que o amor neblina a razão. Rose imaginou:

A Dra. Isabelle era outro lado de Tharcisse Mugabe. Um inacessível pedaço dele à parte do seu ser!

Sendo conhecedora da Dra. Isabelle, sabia que ele nunca teria a oportunidade de namorar a amiga algum dia. Ela acreditava nisto, não pelo fato de Tharcisse ser um frugal e pobre twa, porém pelo jeito pegajoso e submisso do seu comportamento com a americana. Sabia que a médica sentia por ele um amor fraternal. Rose preferia os homens românticos e acreditava que a colega gostasse dos decididos e de fibra. Para ela, Isabelle encontrara isso no Dr. Mike, que levava um tipo de vida dedicada a causas humanitárias por todo o mundo sem se amedrontar com as consequências de suas decisões, tampouco com as privações de conforto. Pensou:

O twa pequenininho nunca seria este tipo de homem que encanta sua amiga americana!

Rose ideou que Tharcisse Mugabe seria capaz de entregar a própria vida por seu amor à médica americana, se fosse testado a este ponto. Na ocasião, não sabia que a paixão proporcionaria a oportunidade ao twa, de provar tragicamente toda devoção à sua Dra. Isabelle. O amor de Tharcisse Mugabe era uma das coisas mais lindas entre as poucas que havia no Ruanda naquele tempo. O amor que valia sua vida e que poderia ser a razão de sua morte.

Rose, igualmente, pensou no seu amor pelo trabalhador rural Elizaphan. Amava-o, talvez não tão castiçamente como Tharcisse em relação a Isabelle. Ela expressava um forte

sentimento em relação ao seu rústico hutu. Eram diferentes um do outro e seu romance não era bem-visto por muitas pessoas, no entanto, não tinha como declinar do forte sentimento em relação ao seu cotidiano companheiro, desde sua adolescência. Ela sabia que, quando chegasse a Gitarama, ele a estaria esperando para acompanhá-la até a Fazenda Boa Esperança, como sempre fazia quando ela retornava do trabalho. Pedia a ela que largasse o emprego na cidade distante, entretanto, o que ganhava em Gitarama não dava para manter uma família ao lado dela. Ele dizia sim e ela não. Em decorrência disso, não tinham casado até então. Ela acreditou que a convivência diária com a colega de trabalho, longe de Gitarama, a ajudaria a descobrir um meio de afastar Elizaphan da Fazenda BE. Sabia que em tal colina ele nunca prosperaria. Tinha consciência de que o senhor Emmanuel Habimana era um capitalista avaro que explorava seus trabalhadores. Se seu amado não saísse daquele lugar, passaria a vida toda remexendo a terra a plantar pés de café para o empregador rural. Na capital, as oportunidades para um homem trabalhador como Elizaphan eram maiores. Ela sonhava possuir uma residência na zona urbana e abrir uma farmácia para os dois. Enquanto ela trabalhasse no CHK, ele tomaria conta da botica. Ela queria que ele viesse para a cidade, abrisse seus horizontes e parasse de pensar que a vida se resumia aos adubos e às estações do ano. Rose era uma mulher inteligente e conhecia a conjuntura política do Ruanda no ano de 1994. Temia que algo de ruim acontecesse e os hutus cumprissem a promessa de massacrar os tutsis. Confiava que seu relacionamento com Elizaphan a tornasse imune às injúrias por ele ser um deles.

Quando o ônibus parou em Gitarama, Elizaphan veio ao seu encontro.

— Boa noite, meu amor, você demorou hoje!

— Eu fui à casa da Dra. Isabelle, Elizaphan. Não estava no hospital.

— Está bem, eu sabia. Estava com saudades de você.

Elizaphan abraçou sua amada e a beijou apaixonadamente, chamando a atenção das pessoas que desciam do ônibus. Uma senhora lhes falou:

— Hei! Que pouca vergonha é essa, meninos? Já está passando da hora de vocês se casarem para baixarem este fogo um pouco!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Rose riu e o puxou pelos braços, de modo que se separassem das incômodas pessoas ao redor. Elizaphan pegou sua bicicleta, colocou a amada na garupa e saiu a pedalar pelas ruas desertas de Gitarama em direção à Fazenda Boa Esperança. Riam e se roçavam sedutoramente, acobertados pelo escuro e por um dos últimos inocentes luars do primeiro semestre do ano de 1994, no Ruanda. Se outros vissem os carinhos e a alegria dos dois, apertados na campina pelos outeiros cheirando a cafezais, não seriam capazes de imaginar que, algum dia, os campos e as paisagens românticas deixariam de ser calmosas camas de amor e começassem a sangrar. Pararam à beira de uma solitária árvore, um majestoso baobá, já dentro da propriedade do Sr. Emmanuel Habimana, no mesmo local em que se encontravam desde os tempos da puerícia. Sob a árvore, aos 15 anos, a bela tutsi Rose se fez mulher nos

braços do amigo, namorado e amado hutu Elizaphan. A imensa árvore foi a improvisada capela onde estabeleceram união. Dizem que um baobá vive dez mil anos. Aquele, por todo seu tempo de vida, não presenciara amor igual por sobre suas grossas raízes. O baobá, ponto de esplendor na FBE, a fazia saltar às nuvens, desgovernar-se e se entregar ao sexo libertino. Rose imergiu para um descompasso corporal e se misturou ao suor e às carícias do amante, que fincou-lhe a paixão. Daí chegaram ao amor intenso, incompreensível e ingovernável ao explodirem para dentro e implodirem para fora num vai e vem de gozo sem lá ou cá. A noite de Gitarama guardou o segredo de que, algures, dois seres interpretavam o amor com expressões carnis intensas. As árvores da Fazenda Boa Esperança, agitadas pelo vento, aplaudiram e salpicaram o casal com uma chuva de fecundas sementes. As folhas caíram e se grudaram nos corpos suados dos dois amantes desatentos à beleza do mundo em sua volta e à urgência de socorro contra o mal que viria pela frente. Amaram-se e celebraram seu amor, durante boa parte da noite morna.

As margens da estrada de barro vermelho estavam marcadas por eucaliptos plantados em aspecto de enfileiramento. As árvores faziam parte de um programa nacional de reflorestamento e combate à erosão de solo. O Ruanda padecia de um processo de degradação da natureza, fruto de décadas de conflitos agrários, desmatamentos e da pouca terra disponível para uma alta densidade populacional. O fazendeiro arrivista não poderia deixar passar a oportunidade de conseguir alguma verba dos organismos internacionais de financiamento ao Terceiro Mundo. As árvores, além de garantir a proteção dos solos, deveriam amenizar as necessidades alimentares da população por meio da produção de frutos. Este detalhe, porém, não foi observado pelo cafeicultor, que privilegiou o aspecto estético das aleias. A aprovação perante os órgãos do governo, obviamente, deu-se à base de corrupção de funcionários públicos responsáveis pela fiscalização da utilização dos recursos. Os bulevares que orlavam a Fazenda BE estavam apinhados de eucaliptos em crescimento. Os amantes sentaram na relva e começaram a conversar. Elizaphan manteve a bicicleta em suas mãos e ficou brincando com os pedais. Ele se recompunha dos momentos de paixão. Perguntou à sua amada:

— Como foi seu dia hoje?

— Tive um dia bom, Elizaphan. Já lhe falei que fui ver a Dra. Isabelle. Sempre estou bem quando estou com ela, pois é uma pessoa maravilhosa e amiga sincera.

— Está bem. Você retornará a Kigali amanhã?

— Não, amanhã estarei de folga!

— Que pena que não poderei passar o dia com você! O Sr. Emmanuel Habimana determinou que eu vá com o motorista que levará um carregamento de bananas para Kibungo.

— Você tem mesmo de ir?

— Sim. Ele crê que o caminhão deva ser escoltado por trabalhadores hutus por causa do perigo nas estradas.

— Kibungo fica ao sul. As rixas entre a Frente Patriótica Ruandesa e as FAR ainda não

chegaram por lá.

— Quem pode ter certeza disso, Rose?

— Está certo, eu o compreendo, contudo é uma pena passar o dia em Gitarama sem sua companhia.

— Tudo haverá de ficar bem! Vou passar somente um dia na estrada. Diga-me uma coisa: por que você folgará amanhã? Não é um dos seus dias de plantão?

— Sim, porém a Dra. Isabelle me deu uma dispensa amigável!

— Por que ela fez isso?

— Preciso lhe falar uma coisa: eu vou morar com ela!

— Você não deveria fazer isso, Rose! Seus pais sabem disso?

— Contar-lhes-ei mais tarde. Preciso conversar com serenidade sobre isso. Esse é um dos motivos pelos quais a Dra. Isabelle me deu uma folga.

— Quais foram os outros motivos?

— Tenho de preparar minha mudança!

— Você sabe que seu pai não a deixará morar sozinha, em Kigali, Rose. Você é uma tutsi! A capital se tornou um lugar perigoso!

— Não irei morar sozinha...

— Eu sei, porém duas mulheres juntas não acrescentam muito uma à outra.

— Por isso preciso da sua ajuda!

— O que você quer que eu faça?

— Eu irei com ou sem a aprovação dos meus pais! Caso fiquem com raiva de mim, quero que fale com eles quando retornar!

— Não posso lhe prometer isso, pois sou contra sua saída da Fazenda BE, pelo menos, até as coisas se acalmarem no Ruanda. Talvez quando esta guerra acabar...

— Quando esta droga de conflito terminará? Nós esperamos por isso desde 1990, há quatro anos! Irei com ou sem a aprovação de vocês! Igualmente quero que venha para junto de mim, assim que eu consiga uma casa para nós dois!

Elizaphan riu da proposta de Rose, achando-a boa, contudo precipitada.

— Está me pedindo em casamento, Rose? Você sabe que seu pai me matará se eu morar com você sem registrarmos união!

— Entenda como queira, meu querido! O tempo passar rápido demais e devemos tomar

algumas decisões!

— A que você se refere?

— Percebo que você é pouco ambicioso, Elizaphan! Você quer passar sua vida inteira cavoucando sem descanso para o Sr. Habimana até esfalfar-se?

— Ele é o meu patrão, Rose!

— Eu sei, entretanto, paga-lhe mal! — Rose via o empresário tutsi como um autêntico ladravaz de marca maior.

— Muitos aqui ganham o mesmo que eu!

— Cruzes! E isso é motivo de acomodação? Os lavradores não têm sequer um prato de comida decente para as crianças! Os meninos não vão a escolas! Você quer que nossos filhos passem a mesma necessidade que os garotos desta estância?

— Desde muito antes do tempo dos nossos avós que o Ruanda é assim. Você sabe bem disso!

— Este não é o Ruanda que darei aos meus descendentes, com ou sem você ao meu lado! — Rose sabia que seu amado não trocaria a colina por nada deste mundo. O sentimento que o ligava àqueles campos era maior que o apelo de seu encanto de mulher. Isto era-lhe um axioma, inapelável.

— Hei! Você está terminando comigo, Rose?

— Não sei. Gosto de você. Talvez, até mais que deveria, porém se não me acompanhar, ficará para trás na minha vida enterrado neste cerro. Pensei muito e tomei a decisão de partir da Fazenda Boa Esperança. Ela ficará para sempre na minha memória como o lugar onde fomos felizes juntos desde a infância, entretanto, ficou pequena demais para nós dois. O tempo passa e eu preciso garantir o meu futuro. Às vezes, olho para a Dra. Isabelle e sinto que poderia ser uma mulher de sucesso igual a ela.

Elizaphan imaginou:

A maluca da Dra. Isabelle está influenciando negativamente sua amada!

Na realidade, malgrado gostar da médica, tinha ciúmes do relacionamento desta com sua namorada, mormente por a considerar um empecilho ao seu bom envolvimento com a tutsi. Falou:

— Aposto que a médica noiada está por trás disso!

Rose ficou possessa com o namorado. Tinha certeza de que aquela afirmação era um

desatino. Ela conhecia bem a amiga e sabia que não fumava maconha ou utilizava qualquer outro tipo de droga ilícita.

— Deus do céu! Não seja injusto! Você não tem o direito de falar uma insensatez dessas da minha amiga! Ela não é maconheira! De onde você tirou essa conclusão absurda?

— Todo o mundo sabe disso por lá, Rose!

— Todos sabem ou comentam isso? — Rose tentava convencê-lo de que as suspeições baseavam-se em parlas do povo.

— É a mesma coisa!

— Basta! Não é a mesma coisa não, senhor! O povo palavreia uma mentira dessas porque a Dra. Isabelle é uma pessoa de bom coração e ajuda os twas. Por ela andar com eles, não significa que seja viciada!

— Não me diga que ela não vai à aldeia deles atrás de umas folhinhas de maconha?

— Largue de ser idiota, Elizaphan! — a tutsi defendia a amiga vigorosamente.

Rose resolveu deixar de lado a polêmica, pois havia coisas importantes a dizer ao seu namorado. Ela lhe falou:

— Preciso que você vá à minha casa falar com meus pais! Quero seu apoio. Estou sentindo um aperto na alma. Não quero ficar na FBE.

— Por que você não mais quer ficar aqui, Rose?

— Não sei, Elizaphan. Estou com um mau pressentimento... Por exemplo, estou me sentindo vigiada agora mesmo!

O hutu olhou, detidamente, em volta, forçando sua visão em direção ao mato negrejado, no entanto, nada viu ou sentiu exceto o bulício de galhos sacudidos pelo vento e pios de aves acasalando.

— Não há ninguém por aqui!

— Eu sei disto, são só maus pensamentos meus!

— Eu a quero aqui, esperando-me quando eu voltar no final da próxima noite. Repetiremos o mesmo amor que fizemos hoje.

— Os amores nunca são os mesmos de um dia para outro, Elizaphan! Eles se completam! Você me deixa triste. Constatado que estamos nos afastando um do outro. É uma pena! E vamos nos recolher, pois é tarde! Amanhã terei muita coisa a cuidar.

— Você às vezes diz que não me quer, entretanto, sempre volta para mim, Rose!

— Cuidado! Talvez um dia eu vá tão longe, que mesmo se quisesse, não conseguiria retornar para seus braços, Elizaphan!

À noite, um aperto tomou conta do coração de Rose. Ela pressentiu que algo definitivo na sua relação com o hutu estava se aproximando. Ficou melancólica com a falta de apoio dele à decisão de mudar para a capital e para outra perspectiva de vida. Ele vivia para a lide rural e estava excessivamente resignado naquele lugar, cultivado como um enraizado pé de café, lavrado e fincado em terra grudenta. Percebeu que nunca deixaria de ser um pobre trabalhador rural sem esperanças de futuro melhor. Calculou nos dedos os anos em que ele vinha sendo explorado pelo Sr. Emmanuel. Rose não poderia aceitar criar sua progênie longe do saber e com futuro incerto. O fazendeiro dava um pobre lugar para seus trabalhadores morarem e em compensação toda a prole deveria trabalhar também sem pagamento adicional. O senhorio pagava um provento miserável ao chefe da família e recebia em troca o suor de todos seus membros. O caso de Rose era único entre as pessoas da Fazenda BE. O Dr. Paul Nicayenzi, genro do Sr. Emmanuel, pedira por ela e a obsequiou com um emprego de enfermeira no Centro Hospitalar. Ele, no início, assediou a bela tutsi e exigiu-lhe uma retribuição afetiva pelo favor que lhe prestara ao tirá-la da labuta rural. Como era casado com a filha do cafeicultor, Rose nem ao menos se imaginou envolvida com ele. Se fizesse isso, seria seu fim. Para frear as investidas do médico tutsi, Rose contou com a ajuda da Dra. Isabelle. A médica procurou o Dr. Paul Nicayenzi e cobrou-lhe a adoção de uma postura ética e profissional em relação à colega assistente. De imediato, o genro do cafezista não atendeu aos apelos. Quando foi lembrado que a direção do CHK devia um sem-número de favores financeiros aos amigos do Dr. Mike no exterior, aquietou-se, pois o médico inglês fazia tudo que a namorada americana lhe pedia e seria fácil para ele conseguir a demissão do colega galanteador.

Rose, sentada na bicicleta, conduzida por seu namorado, foi em direção à portaria da Fazenda Boa Esperança. Quanto mais se abeiravam do arremate da jornada, mais ouviam os fortes latidos dos cães de guarda. Elizaphan comentou para Rose:

— Nossa mãe! Os cães estão agitados hoje, Rose. Acredito que há alguma coisa neste mato que os incomoda!

— O que poderia haver por aqui?

— Não sei. Talvez algum animal selvagem desgarrado do seu bando.

Dentro do escuro, no ermo matagal, um circunstante Mukono via e percebia tudo o que acontecia entre os dois. O twa espreitava da penumbra e bordejava a Fazenda Boa Esperança, procurando uma falha de segurança, com o objetivo de furtar uma ovelha para servir de dote pela sua bela Dancilla. As picantes cenas de sexo entre Elizaphan e Rose, que presenciou a dez metros de distância, aumentaram a saudade da sua amada Dancilla e o desejo de obter o regalo, a dádiva que a garantisse para si.

Bem cedo, presenciado pelos primeiros raios do sol que escorreram pelas mil colinas ruandesas, Elizaphan saiu da fazenda na boleia de um caminhão repleto de cachos de bananas. Rumava pela estrada de Gitarama a Kigali. O veículo, após cruzar a capital, passaria por

Gikoro, Rwamagana, Kayonza, Kigarama até chegar a Kibungo, onde descarregaria a produção. Aquela era a atividade que mais gostava de fazer para o Sr. Emmanuel. Adorava viajar pelo país e conhecer pessoas diferentes.

Ele estava tenso e pensativo. A conversa que tivera com a namorada na noite anterior não saía da cabeça. Não esquecia o momento em que a deixou à porta da residência dela e a viu com lágrimas nos olhos. Não sabia na ocasião que a imagem de despedida de Rose chorando à sua frente nunca mais sairia da sua mente e o estigmatizaria pelo resto da vida, impregnando seu corpo como se a tivesse tatuada desde todo o sempre em alma. Estava, profundamente, arrependido de tê-la contrariado. Não fora talhado para conversas importantes. Era um indivíduo de uma enxada só. Era simples e sua Rose uma mulher letrada e inteligente. Ele conhecia as coisas da terra e ela da vida. Para Elizaphan, a existência se resumia a um cio arenoso, uma terra fértil com uma grande rede de ciclos de cafezais com nascimento, crescimento, desenvolvimento e morte.

Como fora ignorante indo de encontro à sua amada!

Apalpou os bolsos e checkou o quanto possuía de dinheiro à sua disposição. Resolveu que comeria pouco e beberia menos ainda, de maneira que gastasse quase tudo do que tinha em mãos com um belo presente para sua amada Rose. E, quando retornasse a Kigarama, gritaria o nome da sua paixão, desde a porteira da Fazenda Boa Esperança e a pediria em matrimônio, além de entregar-lhe a aliança adquirida na viagem. Dir-lhe-ia que a acompanharia a qualquer lugar que ela o quisesse levar, pois não saberia viver sem ela. Cair-lhe-ia aos pés, beijar-lhe-ia a poeira dos sapatos, se ela lhe exigisse este ato como marca de restauração e arrependimento. Ficou feliz por ter, finalmente, compreendido sua mulher. Pôs a cabeça para fora da boleia e olhou para as bananas na carroceria do caminhão e viu nelas um monte de francos locais ao dispor do Sr. Emmanuel Habimana.

Ele cuidaria da farmácia da sua adorada tutsi. Pelo amor de Rose, seria outro homem, um boticário serviente, aos braços dela. Ele, um hutu típico, queria ter muitos filhos lindos com ela. Todos altos, belos, elegantes, inteligentes e tutsis como a mãe. Ele não passava de um hutu apaixonado pela mulher certa para ele. Não havia por que esconder isso de ninguém.

Rose passou o dia lavando roupa, dando rumo à mala para uma viagem definitiva. Ela falara com seus familiares sobre a decisão de ir morar em Kigali com a Dra. Isabelle, contudo não foi compreendida de imediato. Seu pai lhe afirmou que, a partir do momento em que ela saísse de casa sem uma aliança no dedo, seria uma puta tutsi a mais no Ruanda. Isto a revoltou e caiu em amuo. Ela passou horas calada em um canto. Seu pai se foi para os afazeres nos cafezais junto aos seus irmãos mais jovens, um rapaz e uma garota. O velho Kabaguyoi, queimado por um sol abrasador e vergado pelo tempo que lhe descalcificava os ossos, apoiava-se em um inseparável cajado, que lhe caía para cacetar, no mato, os escorpiões e as mambas, suas pagas da lida. Rose ficou a observar seu genitor e irmãos que iam ao serviço, a dura labuta que os aguardava em outra jornada de exploração. Um novo aperto ocorreu em seu

coração. Ela se achegou à mãe e lhe falou:

— Mãe, a senhora me deixa colaborar na feitura do almoço?

— Ué! Minha filha! Isto não é serviço para uma dama como você!

— Não, mãe, hoje quero ajudá-la!

— Por quê, Rose? Hoje você está de descanso. Procure Elizaphan! Deve estar aí por perto. Ele sempre ronda nossa casa quando você está aqui!

— Ele viajou para Kibungo!

— Que pena! Justamente no dia de sua folga.

— Nós terminamos, mãe!

A mãe de Rose não levou a sério o fato de a filha ter-se desentendido com o hutu, pois imaginou tratar-se de arrufo de enamorados. Ela acreditava que os dois se amavam e que em breve estariam juntos, novamente como sempre se dava, após as brigas que tinham. Seu esposo não apreciava o fato de a progênita ser namorada de um hutu, no entanto, a matriarca sabia que seu genro era um rapaz direito e que gostava muito da sua bela rebenta e isso era-lhe o bastante, pois o tinha em boa conta. Rose passou a folga ao lado da mãe, pois algo travava seu pulmão dificultando-lhe respirar e a fazia aproximar-se dela incontrolavelmente. À noite, quando retornaram seu pai e seus irmãos, ela fez de tudo para agradá-los. Desejaram-lhe ventura na nova empreitada. Seu pai, mais calmo e consciente dos desígnios da filha, falou:

— Filha, por mim, você ficava aqui na colina ao nosso lado e vivia do cultivo da forma como nossa família sempre fez, desde os tempos dos meus avós. Sei que você é uma menina de cabeça acertada nas letras e não posso impedir que procure seu caminho por si só, longe da terra e do estrume.

Rose beijou a mão do pai e lhe disse:

— Obrigada, pai, prometo que serei uma filha que lhe dará orgulho.

— Você já me dá, e muito, filha!

Mais tarde, quando todos estavam dormindo, foram acordados por alguém batendo à porta. Um segurança da fazenda lhes falou:

— O Sr. Emmanuel chama todos para o pátio!

O pai de Rose perguntou ao homem barulhento:

— O que ele quer de nós?

— Não é só de vocês que quer algo, pois convoca toda a gente! Rose estava cansada, pois passara muitas horas ajudando a mãe na execução dos trabalhos domésticos. Ela pediu ao pai para ficar.

— Pai, eu não vou! Estou exausta! Amanhã o senhor me diz o que o Sr. Emmanuel quer conosco.

— Não, Rose, você decidiu abandonar a fazenda! Ao menos, respeite o nosso patrão no seu último dia aqui!

Contra a sua vontade, Rose sonolenta seguiu a família. Ao chegar ao pátio principal da Fazenda BE, em frente à residência dos donos do lugar, percebeu que muita gente estava reunida. Ela estava curiosa sobre os motivos daquela inesperada reunião e imaginava que pudesse ser até alguma comemoração. De súbito, ela viu a imagem do satanás. Ali adiante, com um enorme facão na mão, estava Canisous Rubuga. Ela ficou bastante nervosa e não conseguiu raciocinar direito. O homem, que tanto a perseguia pelas ruas de Kigali, estava diante de si com os olhos vidrados nos seus. Ela tentou, contudo não conseguiu sair dali. Canisous Rubuga, desde o minuto que entrara na aventura da Fazenda Boa Esperança tinha Rose como um dos seus principais objetivos. Quando obrigou o estancieiro a reunir os agricultores, aguardava ver de qual cava sairia sua desejada tutsi. Não havia como a garota escapar de suas mãos. O interahamwe acendeu um cigarro de maconha para amainar a ansiedade, por ver Rose caminhando, inocentemente, ao lado dos familiares em sua direção. Percebeu a surpresa da garota quando o viu contíguo ao fazendeiro em posição de mando. A tensão da jovem aumentou quando o líder hutu chamou os demais companheiros. Ele a olhou de um jeito lascivo e desafiador.

Rose percebeu aonde chegaria a aventura dos Interahamwes. Ela ficou calada enquanto Canisous Rubuga e seus sequazes a escolhiam juntamente com duas de suas amigas da quinta. O militar francês pegou um garoto que achou atraente. Elas foram atiradas em um caminhão e levadas para fora da FBE. O garoto foi no veículo do militar francês. Os abusos dos hutus começaram, assim que o veículo passou o portão principal. Quando perceberam que não existia mais possibilidade de haver alguma reação dos seguranças do Sr. Emmanuel, iniciaram as seções de ousadias contra as tutsis. Rose inicialmente testemunhou as maldades que os hutus faziam nas suas duas amigas, sentada em um canto na carroceria do caminhão. Nela não tocaram, pois o chefe da soldadesca, que estava na boleia com o motorista, determinara que a tutsi alta e esguia pertencia somente a ele. Os homens fumavam maconha e bebiam muito, ao passo em que torturavam as mulheres: curras e pancadaria.

Quando pararam o veículo e todos desceram, os milicianos estupraram e bateram em Rose. Canisous Rubuga foi o primeiro que a abusou. O chefe da milícia hutu só parou quando não mais tinha forças para copular. Entregou-a depois aos seus subordinados que lhe infringiram mais agonia e rebaixamento moral. Rose suportou sua dor e temeu pelo garoto maltratado pelo militar francês. Ele apanhava e gritava muito, expressando todo o terror por que passava. Ela sentia que menino estava em situação pior que a dela. Ele apanhava para não fazer o barulho que não conseguia conter. Rose era enfermeira e imaginou que ele morreria em decorrência de maus-tratos. Uma de suas amigas enlouqueceu. O francês que judiou do garoto salvou-as da morte, se opondo à intenção de Canisous Rubuga de dar cabo das tutsis.

Largaram as garotas na estrada. Elas caminharam de retorno à Fazenda BE. Rose, ao chegar, abraçou a mãe, o pai e os irmãos. Não condescendeu consigo mesma. Pegou a mala,

pronta, para sua ida a Kigali e decidiu partir. Na época, quando uma mulher era estuprada pelos hutus, havia o consenso de que adquirira AIDS e que não mais serviria para nada de bom. Inapta para o amor carnal, não deveria gerar filhos ou ter marido. A mãe e o pai, ao entenderem o desejo da filha de partir, agiram acordes ao senso comum no Ruanda naquele tempo. Aceitaram sua decisão, pois não mais seria respeitada por ali. Rose, por ser enfermeira, sabia que a chance de ela ter contraído o vírus HIV era grande. Ela decidiu que não iria para a capital morar com a amiga médica. Sairia do Ruanda e talvez da África. O genocídio antecipou-se para ela. O acaso não lhe deixara escolha, ao dar volta à chave do seu desígnio. Foi-se a ter com o destino, carregando nas costas o peso do seu sofrimento tutsi, o quinhão que lhe coube da vasta dor avizinhada. Rose retirou-se da Fazenda BE, para nunca retornar. Regular-se-ia no futuro para expurgar o pretérito. Chorou, ao pôr o primeiro pé fora da porteira, que tantas vezes abriu-lhe os dias e que, no momento, trancava seu inacessível tempo progresso. Ela pensou em Elizaphan e no quanto o amava. Era uma enfermeira profissional e não poderia expô-lo a riscos de saúde. Foi-se à ventura, para sempre, da Fazenda Boa Esperança, a partir de um último e resolutivo olhar umedecido com lágrimas e medo. E quem sabe esperança...

Em 2004, quando eu passava por uma praça no centro de Kigali durante a programação para lembrar os dez anos do genocídio, um som inusitado chamou-me atenção. Era uma música sonorizada por timbales africanos, todavia com uma batida diferente das que ouvira até então no Ruanda. Um grupo angolano de dança ensaiava em uma praça local e aglomerara uma pequena multidão em torno de si. Era um ritmo chamado de maracatu, que animava a todos que presenciavam as evoluções dos integrantes da trupe. Os artistas fantasiados representavam personagens de uma corte real. De repente, meu olhar captou a curiosidade de uma figura que dançava elegantemente no palco fronteiro. Ela estava trajada e camuflada de rainha do maracatu. Acenou para mim. Esforcei-me para reconhecer a angolana que ria em minha direção. Eu nunca estivera em Angola. Não me lembrava de ter conhecido alguém daquele país nos Estados Unidos e o único angolano que eu vira em vida fora o Padre Jumpe. Fui percebendo que a morena era alta, bonita e esguia. Eu me achequei ao grupo para vê-la de perto e melhor, pois minha curiosidade aumentara. Quando alcancei a borda do palco, a rainha do maracatu, assaz maquiada, ajoelhou-se e me falou:

— Deus do céu! Que alegria, Dra. Isabelle! A senhora persevera em linda como sempre!

Não resisti e abracei fortemente minha melhor amiga ruandesa, Rose Kabaguyoi, que eu reencontrava, dez anos após a última vez que nos vimos em frente à minha antiga casa, quando, na ocasião, ela fora pegar uma condução para Gitarama ao lado do twa Tharcisse Mugabe. O homem que conduzia o grupo de dança, desesperado, gesticulava para que Rose tornasse à posição em cena no tablado. Ela não dava sinais de que sairia do meu lado. Falei ao seu ouvido:

— Vá me ver após a apresentação!

— A senhora vai ficar onde, Dra. Isabelle?

— Eu a esperarei no nosso canto.

O nosso canto era o local no qual sempre, durante os nossos intervalos no Centro Hospitalar de Kigali, nos encontrávamos. Saí para o ponto combinado. Poucos minutos depois da minha chegada, ela apareceu.

— Oi, Rose! Que bom encontrá-la tão bem! — falei-lhe com entusiasmo.

— Puxa! É um imenso prazer revê-la!

A uns metros de nós estava um senhor de meia-idade, negro, com duas crianças. Rose fez um sinal para que se aproximassem e os apresentou a mim.

— Dra. Isabelle, este é o meu esposo, Domingos. Ele é angolano!

— Muito prazer, Sr. Domingos! — cumprimentei-o em inglês, entretanto, ela me alertou:

— Ele não entende inglês, francês ou kinyarwanda. O monoglota só fala português! Ah! Ah! Ah!

— Nossa, que pena! Eu iria fazer tantas perguntas sobre você a ele. Tem sorte, Rose!

— Ah! Ah! Ah! — Ela riu e me apresentou suas duas filhas.

— Esta menorzinha é Viviane; a mais velha é a Isabelle!

Senti-me lisonjeada por Rose ter dado o meu nome à sua primeira rebenta. E, antes que perguntasse, contou-me sua história desde o nosso último encontro. Segundo ela, após sair da Fazenda Boa Esperança, passou um tempo no Norte, vivendo uma fase amarga na vida, a qual não quis me relatar em detalhes. Certo é que ganhou dinheiro aproveitando-se do fato de ser uma bela mulher. Quando amealhou o suficiente, abalou do país pela República do Congo. De lá, passou para o Gabão. Não viu naqueles países a menor perspectiva de sucesso, por conseguinte, resolveu ir adiante, mesmo que para isso tivesse de atravessar o Atlântico. Ela conheceu um marinheiro aventureiro que vivia do tráfico de drogas e contrabando entre a África e a América do Sul. Ele viajava para o Brasil de onde se abastecia de cocaína colombiana e boliviana. Trazia o produto para a África e o vendia com lucro. Ela percebeu que ele não seria uma boa companhia, entretanto, como já sofrera e enfrentara muitos percalços, não se importou em correr riscos ao lado dele. No Gabão, Rose não encontrou trabalho e passou a depender do marinheiro para se manter. Ela fez a viagem para o Brasil três vezes. Seu amigo a deixava no bairro do porto de uma cidade brasileira chamada Recife e ia negociar na periferia da cidade. Não a levava consigo, porque os brasileiros com os quais traficava eram indivíduos perigosos. Desde o primeiro dia em que ficara sozinha na cidade do Recife, Rose ouvira o som do maracatu e não resistira ao encanto do ritmo. No bairro antigo da cidade, um grupo de jovens, muitos dos quais negros como ela, costumava se unir para ensaiar em uma praça local. Ela fez amizade com eles. Teve dificuldade de comunicação em inglês ou em kinyarwanda, porém, como é inteligente, percebeu que o francês é similar ao português e pôde arrastar um mínimo diálogo com seus novos colegas. Na terceira viagem, seu companheiro foi morto em um tiroteio e a polícia federal do Brasil apreendeu seu barco. A

tripulação não a denunciou e a polícia ficou sem saber a identidade da tripulante cujas vestes encontrara e se ainda estava em terras brasileiras. Rose não conhecia os indivíduos que viajaram com ela, por conseguinte, não os procurou nas carceragens da cidade. Ela explicou sua situação para seus novos amigos que a ajudaram a se instalar no Brasil. Em resumo, Rose cursou medicina naquele país por uns anos e se tornou médica já em Angola com alguma facilidade. Conheceu seu esposo, Domingos, na faculdade em que ele também estudava, porém turismo. Casou-se com o angolano quando ambos ainda eram estudantes. Domingos provém de uma rica e tradicional família angolana. Foram para Angola, onde ela está até os dias de hoje. Para poder conquistar a tutsi e convencê-la a ir com ele para seu país, ele teve de abraçar a causa do maracatu. Para ele não foi difícil, pois se preparava para ingressar na área do turismo. As manifestações culturais dos povos são uma das matérias dos seus afazeres.

— Dra. Isabelle, farei uma revelação para a senhora que a fará cair de costas!

— Qual?

— Sou médica!

Quase caio de emoção. Deveras, foi uma imensa felicidade saber que a bela tutsi Rose Kabaguyoi agora era uma médica igual a mim. Nós combinamos que daríamos um plantão hospitalar no CHK, para comemorarmos sua formatura.

— Ora! Quero descobrir que tipo de médica a senhora se tornou, Dra. Rose Kabaguyoi!

— Está certo! Será que nos aceitarão?

— Como não nos aceitariam? Trabalhamos lá.

Nós tentamos laborar no hospital juntas, porém não conseguimos, pois o grupo que gerenciava o Centro Hospitalar era novo e não nos conhecia. Passamos as horas sob forte emoção. Não encontramos nossos colegas de profissão de dez anos atrás. Contaram-nos que os médicos, quase todos tutsis, foram mortos pelos hutus durante o genocídio. Uma antiga enfermeira hutu nos afirmou que o Dr. Paul Nicayenzi, genro do Sr. Emmanuel Habimana, fora morto a machadadas durante a invasão do CHK no quarto dia após o início das agressões contra os tutsis. Ela se emocionou, enquanto nos relatava as atrocidades.

— Eu pensei, Dra. Isabelle, que eles respeitariam os hospitais, pois a saúde deles dependia de nós acima de tudo. Estavam enlouquecidos! Quando tudo acabou, as autoridades perceberam a falta de profissionais de saúde. Até eu quase morro durante a invasão do hospital. Só me livrei porque um vizinho tirou o facão da mão de um miliciano que me dera um soco na cara. Ele gritou para aqueloutro demoníaco colega: “Ela não, ela é hutu! Eu a conheço! É minha vizinha!”. Passamos três a quatro anos bem ruins no Ruanda. Quem adoecesse seriamente, não tinha a quem recorrer. Os médicos e enfermeiros doutros países, nos primeiros anos, tiveram medo de vir para o Ruanda. Os que vieram aceitaram em troca de muito dinheiro.

Dentro dos corredores do hospital, eu e Rose recapitulávamos nosso passado naquela edificação. Imaginávamos o sacrilégio que fora a matança dos médicos tutsis numa morada da

saúde. Nós fomos testemunhas do quanto aqueles profissionais assassinados se esforçaram para dar alento a moribundos de toda a sorte que adentravam naqueles vãos.

Fui com Rose até a porta do hospital. Parei e entrei a umedecer os olhos. Uma tristeza tomou conta da minha pessoa. Minha amiga não se esquecera de mim, pois percebeu o que me afligia no momento. Ela me olhou e disse:

— Vamos até lá, Dra. Isabelle!

Pegou-me pela mão e me puxou até o longo e exuberante podocarpo do outro lado da rua. Ao chegar, comentei:

— Você percebe? Esta árvore já não cheira a flores!

— Todo o Ruanda perdeu parte do perfume que teve e a que não soube dar valor!

— Até hoje, tenho saudades de Tharcisse Mugabe.

— Todos nós temos um propósito e um destino a cumprir. Abraçe Deus e encontre seu contentamento, doutora, assim como fiz. Simplesmente, há pessoas que precisam de pouco tempo para exuberar um belo exemplo de vida e deixar uma terna mensagem. Quem conheceu Tharcisse Mugabe como nós foi privilegiado. A razão de vida daquele twa era vender flores e segui-la. Contudo o genocídio separou muitas pessoas queridas umas das outras.

Sob a copa do podocarpo, tornou-me ao juízo o amigo e irmão Tharcisse Mugabe que não via havia muito tempo. Acariciei as raízes que tanto serviram para o descanso dele tempos atrás.

— Por que você não retorna para o Ruanda, Rose?

— Não devo, Dra. Isabelle! Já não me posso dar ao luxo de reviver as colinas! Eu tenho uma filha brasileira e um marido e outra filha angolanos. Não tenho coragem de trazê-los para uma sociedade que fez tanto mal para seus integrantes. Não mais confio no meu país. Não sei se algum dia voltarei a confiar no Ruanda!

— Eu a entendo...

— Além do que, não mais pertenço a este lugar. Meus pais e meus irmãos foram mortos. Não tenho mais ninguém aqui. Minha família é aquela que a senhora vê adiante — Rose apontou-me o marido e as filhas

* * * * *

Caminharam pelo centro da cidade em tom de adeus. Domingos permanecia com as duas filhas um pouco afastado, na mesma rua, esperando que Rose se despedisse de Isabelle. Ele compreendeu a importância daquele encontro para sua esposa. Como um bom companheiro,

ele pacientemente esperava que Rose exorcizasse seus antigos fantasmas durante aqueles momentos de recordações ao lado da amiga do passado. Domingos era muito religioso. Ouvira Rose falar muito da americana e sentia a mão do Altíssimo agraciando-as com um reencontro. Aguardava que uma companheira pronta e com as contas acertadas com os tempos idos emergisse daquela conversa. Amava-a mais que ela a ele. A Dra. Isabelle friamente percebeu isto.

Não fora apenas Isabelle que reconhecera Rose. Quando iniciavam a despedida, um homem rústico ao lado da mulher e três filhos se abeiraram delas. Era Elizaphan com sua família. Eles também atendiam o evento solene.

— Bom dia, Rose, bom dia, Dra. Isabelle!

Ao presenciar seu antigo e verdadeiro amor, Rose emocionou-se. Recordou-se da última vez em que o vira sob os eucaliptos da Fazenda BE, em uma noite de emoção e entrega. Nunca mais teve outra igual. Entretanto, ao vê-lo, diante de si, como um ogro velho e sofrido, consternada, reconheceu que tomara a decisão coerente, quando o abandonou, pois o Elizaphan que estava ali era um proletário rural ruandês típico puído por adubos. A camponesa ao seu lado parecia ter um aviso na testa sinalizando a todos o quanto sofria por falta de víveres. Rose se sentiu como um ex-alcoólatra diante do primeiro gole, após longa abstinência. A recidiva de seu antigo e verdadeiro amor escorreu pelas suas veias viciadas, contudo um cândido e sutil aceno de uma criança, que estava um pouco distante a fez abandonar o torpor por significar maternidade, algo imperativo e resolutivo:

Mamãe, a senhora não vem?

A Dra. Rose Kabaguyoi, baronesa da hotelaria angolana, desenamorou-se do pretérito. Virou-se e mirou a filha de quatro anos de idade. Viu seu esposo e a rebenta brasileira. Todos bem-nascidos, lindos, limpos e saudáveis, e não graças ao Ruanda. Ela sabia que os três a amavam e não importava que ela benquisesse alguém que não conheciam. Não teria forças para abandoná-los da maneira como seu país fizera com ela. Ela o olhou e expressou sua filosofia de vida, contendo um sentimento que havia de abandonar. Ela viu abraçando um fantasma do passado, que tinha de permanecer distante:

— Bela família você tem, Elizaphan. Também casei e tenho duas filhas!

Ele perguntou:

— Elas estão com você, Rose?

Ela desconversou, pois não desejava o enlace entre o antigo e o novo amor.

— Não, Elizaphan, não estão comigo agora. Esperam-me no Mil Colinas.

— Que pena, não posso ir acolá!

— Sei que não é bem-recebido naquele hotel. Você é um bom e simples lavrador, como sempre se esforçou para ser!

Era patente a diferença entre Rose e os outros ao lado. Ela estava muitíssimo bem-vestida. Os outros se trajavam com andrajos. Falou em tom de partida:

— Não moro mais no Ruanda. Viajo hoje. Por certo, esta é a nossa última conversa. Seja feliz com sua esposa e com seus filhos. Adeus, Elizaphan!

Aquele foi o último encontro entre Rose e Elizaphan, duas pessoas que se amaram, e desviaram as suas rotas. Eles não tinham o que fazer para remediar tal situação. Daquela vez, não era uma mera porteira de fazenda que os separava e que viesse abaixo com um simples beijo. Eles viam nas suas faces a certeza da longa ausência que se mantinha firme. O destino os transformara em pessoas distintas entre si. Eles foram um dos tantos casais apartados pelo conflito entre tutsis e hutus no Ruanda. No caso, tiveram a fortuna de a separação possibilitar direito a vida nova, o que não ocorreu quando os motivos foram a espingarda tutsi ou a foice hutu.

As Flores do Ruanda

Capítulo XI

A Frente Patriótica Ruandesa — Os Inkotanyis

Quando os hutus da Interahamwe se foram da FBE, havia convicção de que estavam longe na estrada de Gitarama para Kigali e as movimentações da noite tinham arrefecido, o telefone tocou na morada dos habimanas. O casal e o filho mais velho estavam recolhidos, na sala, pasmos com tudo que acontecera naquele dia e noite que se fazia alta. A mulher atendeu o telefone e de imediato virou-se para o marido com expressões de preocupação, medo e terror gradativos. Seu esposo, ao perceber o desconforto da companheira em manter o diálogo, falou-lhe:

— Deixe que eu atendo, querida!

Ela o olhou e pediu-lhe, através de gestos, que fizesse silêncio, ao mesmo tempo em que falava ao aparelho:

— Emmanuel está dormindo. Hoje tivemos um dia agitado. Ligue amanhã!

O fazendeiro, curioso, imaginava a figura de quem estava a telefonar e a fazia relutar. Como percebeu que o outro instava sua mulher a passar o assunto adiante e esta não o permitia, ficou intrigado e determinou-se participar da conversa.

— Alô, quem fala? Aqui é Emmanuel Habimana! A voz do outro lado alçou-se:

— Colega Emmanuel, o comandante precisa lhe falar!

Era tudo que não poderia advir no resto do fardo. Talvez, a única coisa que pudesse ocorrer para tornar aquela noite um convite ao inferno do Sr. Emmanuel Habimana.

— Tudo bem. Ligue-me amanhã!

— Ele quer vê-lo hoje!

— Santo Deus! Hoje? Você está louco? A esta hora da madrugada?

— Sim, imediatamente!

— Não posso! Tive um dia cheio. Preciso descansar. Amanhã pego a estrada e vou ter com o comandante!

— O senhor ainda não entendeu! Não haverá viagem para lugar algum! O comandante Kagame está aí!

O cafeicultor gelou na hora. Suas pernas tremeram e sua voz principiou a vacilar ao telefone. Com esforço, conseguiu recobrar suas ideias e perguntar:

— Não é possível! Isto é uma piada? O próprio major Paul Kagame aqui? Aqui onde? Em Gitarama?

— Não, Sr. Habimana! O comandante está na sua fazenda!

A reação do fazendeiro, ao ouvir tal informação, gerou preocupação em sua mulher e em seu filho. Ele não tinha segredos para aquelas duas pessoas que estavam ao seu lado, pois elas faziam parte da razão de sua vida. Aclarou-lhes que os guerrilheiros da Frente Patriótica Ruandesa estavam na sua propriedade rural e desejavam falar com ele. Seu filho, de imediato, foi para fora e olhou à roda. Viu que tudo permanecia na absoluta tranquilidade. Retornou e disse isso para seu pai que permanecia com o telefone na mão, tampando o transmissor. Seu filho, calmo, falou que, se os Inkotanyis estivessem mesmo na possessão, não tinham sido vistos pelos seguranças. Provavelmente não queriam ser percebidos por mais ninguém. Orientou o estancieiro a questionar onde seria o encontro com o venerando comandante da FPR.

— No terceiro morro dentro da plantação de bananas, Sr. Emmanuel. Caminhe naquela direção, adentre no bananal, que eles o encontrarão!

Ele vestiu uma roupa de camponês e caminhou pelo escuro de sua propriedade, fingindo ser um dos seus proletários, de sorte que não chamasse a atenção de ninguém. Possuía aquele trapo imediato para uma necessidade de fuga imperativa, do tipo que se deixa tudo para trás em troca da sobrevivência. O cafezista imaginou que o telefonema fora dado de Gitarama, pois da mata não poderia ter sido. Ficou a cuidar o que poderia ter acontecido com ele, se não tivesse aceitado participar do encontro com o comandante dos Inkotanyis. Não seria mentecapto o bastante para recusar atender uma ordem do futuro dono do Ruanda. O produtor rural acreditava sinceramente que, no final, a FPR ganharia a guerra e todos os hutus seriam expulsos do país. Ao adentrar na densa e escura plantação, o senhorio, após caminhar uns quinhentos metros, chegou a uma clareira veladamente feita pelos rebeldes. Foi abordado por um guerrilheiro que conhecia bem.

Ota Uwiragiye era um tutsi de 37 anos, nascido no exílio, contudo possuía os trejeitos e sotaque dos residentes no Ruanda. Olhando-se para ele poder-se-ia jurar que nascera ali mesmo no bananal ruandês e nunca tirara os pés de Kigali ou Gitarama. Era o chefe da inteligência da Frente Patriótica Ruandesa e trabalhava à paisana, infiltrado no país. A visita inesperada do seu comandante à Fazenda Boa Esperança decorreu de um alerta que fizera. Ele era a esperteza em pessoa. Não dispunha de muita tecnologia, todavia criara uma rede interessante de informações baseada em vendedores ambulantes, funcionários de hotéis, de bares, de restaurantes e principalmente em mulheres que importava de Uganda para a vida social noturna da capital. As mulheres, além de, obviamente, terem rendimentos decorrentes do ofício de cortesãs em alguns casos, eram todas secretamente agradadas por Ota Uwiragiye

e recebiam incentivos para se envolverem com políticos, milicianos, funcionários da burocracia e soldados graduados do exército ruandês. Quanto maior a importância do indivíduo, mais estratégico era considerado o envolvimento e a garota recebia maior atenção do chefe da inteligência da FPR. Fora por meio da prostituta Anne-Marie Kenyama, que tomou conhecimento da perigosa aventura do Sr. Emmanuel Habimana.

Ota Uwiragiye, a princípio, vacilou em transmitir para Uganda a notícia sobre o desenrolar das negociações da Interahamwe com o Sr. Emmanuel, pois averiguara bem e chegara à conclusão de que tudo não passava de uma questão comercial agrária. O glebista tutsi estava fazendo grilagem de terras do governo, acreditou. Concluiu que, depois de terminadas as operações de combate e após seu comandante vir a ser proclamado um político importante da República, resolveria as pendências com o fazendeiro, tomando de volta para a União as terras incorporadas ilegalmente à Fazenda BE. Tudo caminhava neste sentido, até que recebeu um segundo informe da perspicaz prostituta Anne-Marie, dando conta do seguinte:

Um importante soldado do exército ruandês, cheio de dinheiro no bolso, passara a noite inteira com ela, rindo e falando muito. O gorducho torrou uma fortuna e lhe prometeu presentes caros. Bebeu muitas doses de uma marca de uísque caríssima. Apesar de tê-la obrigado a beber quase o mesmo tanto que ele, o que a embriagou, tem certeza de que tocou no assunto do informe anterior e se reconheceu preocupado. Ele é um sujeito baixinho, hutu e obeso. Não está certa, contudo acha que se chama Gedeon de alguma coisa!

Ao receber da emissária este informe, Ota Uwiragiye arregalou os olhos e imaginou que poderia estar omitindo de Paul Kagame uma informação importante. Transmitiu-a de imediato e, para sua surpresa, gerou, pela primeira vez desde o limiar da campanha, a presença do comandante da FPR em operação, num local tão adiantado e desguarnecido do solo ruandês. Ota Uwiragiye estava ciente de que vivenciava um acontecimento ímpar na sua vida. O que o fazia pensar assim era a participação do magno comandante e do valente capitão da FPR, Aaron Bitero, ao seu lado, em meio a um imenso e desconfortável bananal, pedindo-lhe proteção e conselhos sobre como agir naquela paragem estranha para eles.

O rico fazendeiro tutsi, ao chegar, olhou atentamente para todos aqueles guerrilheiros à paisana e não distinguiu entre eles algum que se destacasse, exceto seu conhecido Ota Uwiragiye.

Qual daqueles homens era similar a algo que se pudesse supor ser Deus para os pobres e sofridos tutsis?

Ele não sabia como identificar entre os membros da FPR quem era o comandante Kagame. Já vira uma foto dele, porém, apesar do forte luar por sobre suas cabeças, todos

pareciam iguais. Eram altos e magros, esvaziados como quem não tem tempo de zelar pela própria alimentação. Todos tutsis estrangeiros comuns. Imaginou o Ruanda entregue àquele tipo de pessoa, pois era isso que deveria ocorrer e para que isso acontecesse se envolvera nas perigosas e dissimuladas teias armadas pelo agente Ota Uwiragiye. Aqueles homens eram sua aposta em dias melhores para o Ruanda e, paradoxalmente, sua certidão de óbito, se alguém os visse ao seu lado. Diferentemente do cheiro de morte da Interahamwe que acabara de sair da fazenda, aqueles inkotanyis eram vida e esperança tutsis.

Ota Uwiragiye fora orientado a conduzir a conversa com o empresário rural e iniciá-lo com as negociações de praxe, de forma a deixá-lo relaxado e à vontade para tratar com inteligência do assunto principal. Sendo assim, mercadejou com o estancieiro, de modo que este acreditasse não haver nada a mais de especial a ser levado em conta.

— O Sr. Emmanuel Habimana é um tutsi honrado e defensor da nossa causa. Possui uma riqueza imensa. As despesas com o esforço de guerra são grandes. Precisamos da sua colaboração novamente!

— Não pode ser! Já chegou novamente a minha vez de colaborar? Dei muito mais até do que posso da última vez!

— Esta campanha está próxima de uma definição. Sua colaboração fará o jogo pender para o nosso lado, com claros benefícios para os tutsis empresários como o senhor!

— Melhor assim. Melhor que acabe logo, pois se estes conflitos durarem mais um ano, entro em falência. Diga ao comandante Paul Kagame que acabe logo com isso!

— Como queira, falarei da sua preocupação!

Conversavam como se o major-comandante não estivesse presente. Ota Uwiragiye agia assim porquanto fora orientado a proceder dessa maneira e o cafeicultor achou de bom alvitre seguir o interlocutor. Se o comandante quisesse opinar na negociação, que fizesse espontaneamente, pois Ota Uwiragiye não o apontaria para o Sr. Emmanuel. O estancieiro, por seu lado, não arriscaria cometer a gafe de confundir o major Kagame com um subalterno, pois melhor seria fingir respeito que demonstrar desconhecimento.

O tenente Ota Uwiragiye aproveitou a oportunidade para obter do Sr. Emmanuel Habimana informações práticas sobre economia: o que precisava ser feito de imediato após a tomada do poder pelos rebeldes. Ficou curioso, além disto, de saber a opinião do produtor rural acerca de quais localidades do país a FPR deveria enviar, de imediato, soldados para proteger a produção de saques e sabotagens dos hutus, no caso da queda do governo do Presidente Juvénal Habyarimana. Ao dar aquelas contribuições, o empresário se sentiu orgulhoso e útil à causa tutsi. Imaginou que o fim dos hutus deveria estar avizinado, pois mapeavam as fontes de recursos e os locais estratégicos, para implantação de um novo poder. Ota falou:

— O comandante precisa de uma doação para a semana que vem. Como estão seus estoques de café?

— Estão muito baixos, senhor. Preciso ser dispensado desta vez!

— Não tenho como liberá-lo. Chegamos a um momento crucial dos combates. Agora é tudo ou nada! O senhor é um bom tutsi e terá de participar.

— Eu sei... Eu sei. Só peço parcimônia. Governo de gastos é fundamental. Se não fossem as minhas obrigações, iria para Uganda cuidar da contabilidade de vocês. Aposto que está um descalabro. Imagino que em uma governação do comandante Kagame serão necessários bons ministros, profissionais que estejam habituados a lidar com dinheiro e compreendam a importância de poupar. Não estou me oferecendo, contudo, se ele precisar, diga-lhe que posso contribuir na governança. Quanto a causa requer?

— Nós precisamos que o senhor mande um lote de café para um mercador no Burundi. Ele é dos nossos. Venderá o produto e nos repassará o dinheiro.

— Quantas sacas?

— Três caminhões cheios!

— Valha-me Cristo! Assim você me quebrará!

— É o esforço de todos nós, meu amigo.

— Eu sei, eu sei. Sou pressionado pelos dois lados. Os hutus estão me extorquindo, seguidamente.

— Isso acabará, eu lhe garanto. Precisamos da sua colaboração. É para seu próprio bem. Tudo o que o senhor repassar para a Frente Patriótica Ruandesa será generosamente corrigido e ressarcido quando o comandante assumir o mando deste país.

— Vocês anotam tudo direitinho mesmo? Preciso deste retorno em pouco tempo! Terei alguma influência política na administração tutsi? Sempre quis ser um político importante. Isto era um sonho do meu falecido pai.

— É claro, Sr. Emmanuel Habimana.

O fazendeiro cuidou de ideias públicas a ser um barão do café em um mandato político do major Paul Kagame: *Comendador Habimana*.

Quem sabe ele não poderia ser ministro? Ministro trabalha pouco e viaja muito! — pensou.

— Eu venho transferindo boa parte das minhas aplicações dos bancos para as mãos de vocês. Sinceramente, espero ter uma rentabilidade justa no futuro, quando me for devolvida minha contribuição para a Frente.

— O amigo tem muito dinheiro em bancos? Por que não nos deixa guardá-lo? Temos notícias de uma operação do pessoal do Presidente Juvénal Habyarimana de confisco dos bens dos tutsis abastados. Pretendem roubar até o último centavo.

Aquela informação gelou o cafezista. Foi a pior que recebera na semana e agravada o faria cometer uma loucura mais adiante no tempo.

— Não pode ser! Ota Uwiragiye! Isto é ilegal!

— O que é legal no Ruanda de hoje, meu amigo?

— Os hutus têm dinheiro, têm a França bancando-lhes tudo!

— Os tempos estão mudando. Ou o senhor enterra seu dinheiro no solo dentro de um pote twa ou nos passa para protegê-lo.

O astuto Ota criava no imaginário do Sr. Emmanuel um exército de fiscais hutus ávidos para pôr a mão em cada centavo gerado na propriedade rural. Explicava, miudamente, os riscos de utilizar o câmbio negro, em tempos de conflito, reportando-se a castigos terríveis, da decapitação à queima de capitalistas desonestos em fogueiras hutus. Aconselhou o Sr. Emmanuel a pendurar seus francos nos varais da Fazenda BE, pois pelo menos receberiam vento fresco, antes de serem confiscados pelo governo muito em breve.

— Transfira todo seu dinheiro aplicado em bancos para nós. Prometemos-lhe, para quando assumirmos este país, um retorno financeiro a juros três vezes superiores ao praticado no mercado. Além do que lhe daremos poder político!

— Não posso fazer isso, homem. Tudo, hoje em dia, é suspeito! O gerente do meu banco é um hutu esperto. Sabe quase tudo sobre os meus gastos. Precisamos ser cuidadosos. Se eu raspar minha conta, por um minuto sequer, acenderá um alarme na agência bancária e ele chegará até vocês da FPR e nós estaremos fritos!

O tenente Ota Uwiragiye tinha, como meta estabelecida pelo comandante, extorquir o máximo possível do Sr. Habimana; em vista disso, armara o bote no saldo bancário do empresário. Ouvindo aqueles argumentos, desistiu das suas intenções, pois o quesito segurança e o anonimato eram prioritários na sua atividade. Seu líder lhe mandara subtrair dois caminhões de café do produtor rural, antes que os hutus o fizessem, e conseguira três. Estava feliz por isso.

Paul Kagame entendera trocar a classificação do Sr. Emmanuel Habimana de colaborador para suspeito de traição, a partir do momento em que soubera dos encontros inusitados com os bandidos da Interahamwe. Sua ordem era sinalizar para um militante da FPR que trabalhava na propriedade rural, que o estancieiro mudara de lado e que, ao invés de lhe dar proteção, a partir de então, deveria estar vigilante e acompanhar os passos do homem. Ota Uwiragiye, quando olhava o Sr. Emmanuel, acreditava ver alguém que seria um defunto, em breve. Imaginava como era ignorante o fazendeiro. Não percebia que um feitor tutsi em quem depositava confiança, compartilhando com ele a administração da Fazenda Boa Esperança, na realidade, era um inimigo e seria seu algoz, no tempo certo, caso continuasse se

encontrando, de boa vontade, com os milicianos hutus. Ota Uwiragiye faria de tudo para que seu comandante tomasse a decisão de eliminar o Sr. Habimana o mais breve possível, pois se sentia nas mãos do produtor rural, que sabia demais sobre ele e as operações de arrecadação de fundos no Ruanda.

O tenente comandara, dentro do território ruandês, o assassinato de dois tutsis nocivos à causa, naquele mês. Um por traição e outro por ter se tornado alvo da inteligência do exército hutu e estar na iminência de compartilhar dados com torturadores. Agira de forma a parecer trabalho da Interahamwe. O senhor Kagame dizia para seus oficiais que um dos bens que os hutus lhe fizeram foi criar uma soldadesca desordeira. Ele podia entrar no Ruanda, matar um tutsi traidor ou um desafeto hutu e sair limpo sem deixar rastro de suas ações. Na bagunça, qualquer um que empunhasse um facão chinês e se vestisse ou agisse como maluco era miliciano e tinha livre acesso a um monte de lugares no Ruanda por meio da força e da intimidação. Se dessem um facão hutu a um pequeno twa, ele seria temido. Na opinião do comandante da Frente Patriótica Ruandesa, a Interahamwe seria a ruína militar dos hutus.

Ota Uwiragiye tocou no assunto principal:

— O amigo terá de deixar os twas de Kigali em paz. Soubemos que o senhor tem um plano de assassinar alguns deles, entretanto, isso está fora de cogitação!

— Puxa vida! Por quê, homem? Eles são apenas um punhado de twas sujos, beberrões e maconheiros.

— É do interesse do comandante Kagame que nada de mal seja feito contra eles!

— Eu preciso daquelas glebas! Tenho de ganhar mais dinheiro. Até para ter como melhor ajudar vocês.

— O que fará daqueles pântanos?

— Hei de drená-los para iniciar o cultivo de patchouli.

— O que é isso?

— É uma planta da qual se extrai um óleo útil na produção de perfume. Será uma empreitada que proporcionará um ótimo retorno financeiro.

O tenente Ota Uwiragiye olhou para seu comandante e obteve dele um gesto de desaprovação. Neste instante, o fazendeiro percebeu qual daqueles homens era Paul Kagame, todavia ficou calado. O agente tutsi falou:

— Nem pensar, Sr. Emmanuel! Não ponha o dedo sobre o barro dos pigmeus, entendeu? Não queremos que suje suas unhas de lama!

— Sim, meu rapaz! Nunca mais me avizinharei de um twa! Eu percebo que vocês se preocupam com eles, entretanto, não me interessa saber por quê. Todavia, neste caso, o mal já está feito. Por essas horas, alguns já devem estar mortos, estirados entre os finos caules dos úmidos papiros. Vão sobrar vários deles. Deixarei os que permaneçam vivos retirarem o

barro das minhas terras. Eu prometo isso!

O tenente Ota Uwiragiye, ao escutar o estancieiro e constatar que os twas corriam risco iminente de morte, sacou uma faca amolada e a encostou no pescoço do Sr. Emmanuel Habimana, que se encolheu e começou a chorar, implorando por sua vida, cainhando melodiosamente.

— Minha Nossa Senhora dos céus! Por favor, não me mate! Por favor, não me mate!

O Sr. Emmanuel chorou as lágrimas brilhantes dos desesperados. Toda a pressão emocional que passara ao longo do dia com a presença em sua propriedade dos interahamwes aflorou no momento em que uma adaga trêmula pressionava sua garganta, a ponto de fazê-lo sangrar. O tenente estava pronto e determinado, porém aguardava ordens do seu comandante. Um silêncio de morte tomou conta do bananal; sequer aves ou grilos cantavam por perceberem a dor no choro do cafeicultor. Todos os membros da comitiva da FPR permaneciam imóveis, não ousando interferir na decisão do seu comandante. No pensamento de todos, Paul Kagame tinha todo o direito para poupar ou mandar liquidar o tutsi ajoelhado aos pés do tenente. O fazendeiro perseverava em implorar-lhe a vida.

Paul Kagame resolveu poupar o homem, pelo bem da peleja em andamento. O fazendeiro poderia ser útil e estava sendo vigiado de perto. Dos trabalhos de inteligência na rotina do estancieiro, poderiam surgir outras informações valiosas para a Frente Patriótica Ruandesa. Por isso, deixou o produtor rural vivo, no entanto, deu-lhe uma condição para que isso pudesse ser aceito definitivamente. Ele lhe ordenou:

— O senhor Emmanuel deve desfazer o negócio com os hutus! Nenhum twa poderá morrer no Ruanda no dia de hoje nem no de amanhã, pois, se isso acontecer, o senhor ainda terá tempo de ser enterrado na mesma cova aberta para algum deles!

— Santo Deus! Como eu poderei evitar isso, meu comandante? A demanda já está a caminho de ser cumprida!

— Parta imediatamente para a capital, encontre Canisous Rubuga e desfça o combinado! Vá logo e não perca tempo! Aprese-se pela sua própria vida!

O Sr. Emmanuel Habimana abalou mundo afora como lunático, rompendo as serranias no breu da noite, desenfreado, a fugir do bananal, esbarrando nos caules e raízes expostas, tombando e levantando no mesmo impulso. Encontrou a mulher e filho e informou-lhes que iria a Kigali. Tinha pela frente os setenta quilômetros da estrada que separava Gitarama da capital e precisaria fazer o percurso no menor lapso de tempo imaginável por sua mente inquieta, como jamais fizera.

— Pai, eu vou com o senhor!

— Não! Fique aqui e proteja sua mãe, com sua própria vida, se preciso for! Estou com um assunto perigoso e sigiloso a ser tratado na capital! Nem você nem mais ninguém podem participar. Enquanto eu tiro o carro da garagem, ligue para alguém de confiança e veja se obtém alguma informação sobre o paradeiro de Canisous Rubuga!

Seu filho ligou e obteve a informação desejada.

— Pai, Canisous Rubuga acaba de sair da casa do general Gedeon Bagirubwira em Runda e foi para a zona de meretrício em Kigali!

— Como você descobriu isso, filho?

— Liguei para a guarnição da ONU. O coronel francês me deu esta informação. Disse-me que esteve com Canisous Rubuga e o general e que o interahamwe o convidara para ir tomar uma nos puteiros!

— Ora viva! Certo, meu filho! Parabéns! Onde mais eu poderia encontrar um indivíduo desclassificado como aquele hutu? Você é um rapaz perspicaz mesmo. Chegou a hora de assumir os negócios. Eu entrarei na política, pois estou cansado desta vida dura no campo. Seu pai, se a Providência quiser, será ministro em breve. Queira Deus!

Na próxima semana, irei à cidade procurar uma casa para eu e sua mãe morarmos. Não posso deixar que ninguém procure uma por mim. Eu mesmo a encontrarei. É uma questão de gosto!

O Sr. Emmanuel pegou do carro novo e voou ao encontro de Canisous Rubuga nos covis urbanos. Ele andara por lugares como aqueles há muitos anos no ardor da juventude. Havia pouco tempo para livrar da morte os twas e ele próprio.

Jornadeando pelo meio do mato, os guerrilheiros da FPR efetuavam a andada de retorno a uma posição segura dentro do território ruandês. Antes, aguardaram o retorno do colega que enviaram como batedor, para checar a segurança dentro e no entorno da Fazenda BE, que possuía muitos vigilantes. Ele tornou e informou ao major Paul Kagame:

— Senhor, temos um problema de segurança à nossa frente!

— Qual problema?

— Há um pigmeu rondando esta fazenda! Ele está parado perto de uma cerca, adiante.

— Xi! Ele está armado?

— Não.

— O que ele quer aqui a esta hora da noite?

— Acho que ele intenta roubar, senhor! Está bem próximo aos estábulos dos carneiros! Só não entrou até agora, por causa dos cães de guarda, que abarream a área, entretanto, está prestes a dar o bote. Quer que eu o mate à faca silenciosamente e desobstrua o caminho

adiante?

— Não, claro que não! Seu pai já não lhe disse que matar twa dá azar?

— Já, senhor! Todo o mundo sabe disso! Dizem também que transar com uma delas cura dor nas costas!

— Ah! Ah! Ah! É mesmo! Deixemos este pigmeu sossegado! Não viram que o Sr. Habimana quis pôr fim a alguns deles e já está com a má sorte dos mazelentos! Ah! Ah! Ah! Vamos dar a volta e deixar o pequenino agir. Surrupiamos três caminhões de café do fazendeiro; não será a perda de uma única peça de rebanho que o fará se preocupar neste momento!

A aflição do Sr. Emmanuel Habimana era outra naquela noite. Antes de sair, concentrou seus seguranças em torno da sua residência para garantir a mulher e filhos. Deixou os currais à disposição de Mukono.

De caminho, na noite do dia seguinte, após muito jornadearem, no sentido sul-norte, evitando ao máximo as estradas movimentadas, os guerreiros da Frente Patriótica Ruandesa descansaram entrados num sítio da tia de um membro da tropa, que ficava em um burgo rural nas redondezas da cidade de Kinyami. A construção central era grande e ensobradada do tipo perfeito para tombar a canhão, pensaram. Ali onde estavam se sentiam seguros. A eles se associou um pequeno batalhão formado por cento e cinquenta homens, que convergiu célere egresso de Rushashi, ao norte. O capitão Aaron Bitero percebeu que já formavam uma força expressiva capaz de impor respeito. Ele ficara por si só, deputado ao comando da tropa, pois o comandante Kagame rumara em direção a Uganda para coordenar os trabalhos políticos da contenda a partir da central de operações. Após descansar, aposentado por cerca de uma hora e meia, foi para a varanda e principiou a conversar com o tenente Ota Uwiragiye, seguro de que estavam a sós, visto que todos da morada, num gesto admirativo, foram evacuados, para dar privacidade, conforto e segurança aos egrégios viajores. Aproveitando a ocasião, Ota Uwiragiye resolveu matar sua curiosidade:

— Senhor, por que todo este interesse nos twas de Kigali?

O capitão Aaron Bitero era um homem austero lavrado nas escrituras e artes da guerra, próprio das frentes de batalhas ferrenhas, contando 48 anos de idade, de saúde exuberada e compleição taurina. De cultura meã, possuía erudição limítrofe à sabedoria mundana. Seu conhecimento acerca da teoria do mando provinha do comandante Paul Kagame, mais letrado. Era um líder caxias de têmpera rija e tinha uma intuição para os assuntos militares acima de qualquer um no Ruanda. Ele possuía uma maneira rígida de transmitir conhecimentos práticos que adquirira ao longo de toda uma vida de calos e combates. Assumira o comando de apenas uma das tropas da Frente Patriótica Ruandesa, contudo era seu mais destacado guerreiro após o major Paul Kagame. Falou, relatando ao subordinado o que lhe fora passado pelo seu superior:

— São questões estratégicas desta lida, meu companheiro Ota!

— Não vejo como uns inválidos pigmeus possam gerar tanta preocupação para os hutus e para o major!

— Não é por eles, Ota Uwiragiye, mas pelo que representam para um parceiro importante.

— Quem?

— O Dr. Mike, de Kigali!

— Oh! Sim, eu o conheço. Ele é um homem importante naquelas bandas. Oh! É um dos nossos?

— Sim, Ota, ele milita como agente secreto da FPR, se é que temos isso aqui no Ruanda. Usando seu linguajar, ele é um agente, sim! E para que saiba, ele é mais estratégico e importante que você! Deve preservá-lo e apoiá-lo pelo bem da causa!

O capitão Aaron Bitero sabia que Ota Uwiragiye pressionava o Dr. Mike, dificultando-lhe o trabalho para a Frente, por acreditar ser ele um inimigo. Em vista disso, estava esclarecendo as coisas da melhor maneira possível, confiando-lhe segredos, para que seu agente não pusesse a perder um importante projeto que estava em andamento e para o qual o médico era de fundamental importância. Ota Uwiragiye ficou contrariado, ao ouvir a afirmação do capitão Aaron Bitero de que o Dr. Mike era um informante que realizava um trabalho mais valioso que o seu. Sempre achou que fizesse parte da nata da Frente Patriótica Ruandesa e que fosse seu mais dissimulado e brioso agente secreto. Não poderia terminar a conversa sem receber maiores esclarecimentos.

— Nossa! Tem certeza disto, senhor? Não leu minhas laudas?

Ota Uwiragiye via na figura do Dr. Mike alguém de extrema periculosidade para a FPR. Tanto é verdade que já fizera dezenas de alertas ao comando, em Uganda, sobre as atividades do médico dentro do exército ruandês e por trás das frentes de combates, do lado hutu. Inúmeras fotos dele acompanhado de oficiais militares e políticos aferrados à causa hutu foram disponibilizadas por Ota Uwiragiye. Sonhava com o dia em que os conflitos terminassem e fosse possível executar ou prender o médico engajado. Tratava o “relatório Dr. Mike” ou “dossiê Dr. Mike” com zelo especial. Contra ele, armava teias cheias de engodos e armadilhas. Sabia que o Dr. Mike gostava de mulheres novas, por conseguinte, antes de ele iniciá-las na vida mundana, encaminhava algumas delas para fornicar com o médico, sondando-o por meio da sedução. Recebia informações terríveis de parte das garotas, pois o médico era exibido e gostava de falar que andava com autoridades e que era influente e apadrinhado pelo governo ruandês. Ota Uwiragiye dispunha de quatro tutsis agentes da FPR, todas bonitas, que tinham por única missão vigiar os passos do Dr. Mike e se envolver em relações de confiança com ele. Ota relatou, pormenorizadamente, tudo isso para o capitão Aaron Bitero. Após escutar, pacientemente, o capitão redarguiu:

— Eu já sabia disso tudo, Ota. Entenda que o Dr. Mike é um olheiro essencial e nos

repassou informações importantes acerca dos nossos inimigos. Ele nos entregou apógrafos dos empoeirados alfarrábios da mobilização hutu: temos o inventário do seu arsenal bélico; temos cópias de notas fiscais de aquisição de equipamentos pelas FAR e cópia do termo de cooperação do Ruanda com a França. Entregou-nos inteiriça a arca hutu. Como você percebe, o Dr. Mike nos é de inestimável valor, uma fonte que deve ser preservada. E para seu conhecimento, ele sabe que você o vigia!

Ota Uwiragiye tremeu.

Como poderia ser aquilo? Sua identidade e função no Ruanda eram do conhecimento de um homem que desjejuava com o Presidente Juvénal Habyarimana e se embriagava ao lado do general Gedeon Bagirubwira a quem chamava de compadre!

Ele falou:

— Meu capitão, preciso abandonar a missão. Estou inseguro na minha posição. Acredito que o melhor a fazer é voltar para alguma frontaria da peleja.

— Não se desespere, Ota! O Dr. Mike é um agente experiente. Este não é seu primeiro trabalho. Ele nos foi recomendado por gente da Bélgica!

— Puxa vida! Ele não é inglês?

— Não, ele é belga, apesar de tão anglicizado... Eu acho! Ele diz que é inglês! Ou melhor, ninguém sabe se é belga! Não se sabe quem é na realidade. Vive como Dr. Mike, contudo não tem apenas este personagem. Às vezes é um físico em congressos, outras é um paleontólogo...

— Ele não é médico formado? Ele medica!

— Ninguém sabe disso realmente, entretanto, deve ser. O que isso importa? Já o viu perder paciente em hospital por um erro médico?

— Não, meu capitão. Eu nunca ouvi alguém reclamar da competência dele. É benquisto. O que o faria ajudar os tutsis?

— Dinheiro. Muito dinheiro.

— Quanto?

— Milhões de dólares, Ota!

— O que ele faz com tanta grana, capitão?

— Outra vez, respondo-lhe que não sei. Em Uganda, atua anonimamente, via terceiros, no comércio de pedras preciosas. Dizem, naquele país, que ele veio pelos diamantes e pela amizade com o presidente de lá.

— Dá para confiar em um homem como esse?

— Também cuido isto! Todavia, os belgas, que o trouxeram para cá, estão enterrados até o pescoço nessa história. E há os diamantes de Uganda. Os belgas têm muito a perder, se nós fracassarmos. Uniram-se aos ingleses e encontraram uma forma de fazer o Dr. Mike não nos trair. Não entraram em pormenores. Parece que descobriram a verdadeira identidade dele ou uma próxima da realidade e estão com sua família, que inclui uma mulher e uma criança na mira de um rifle engatilhado!

— Sequestraram o filho dele?

— Não, Ota, deixe de ser ingênuo! Não precisariam chegar a este ponto. Estão mantendo a família do Dr. Mike sob vigilância. Isso é o bastante para amedrontá-lo.

— Onde a família dele está?

— Acredito que na Rússia.

— Por que os ingleses se meteram nessa história?

— Caro Ota, no lugar que exista um francês tendo lucro, aparecerá um inglês oferecendo um produto mais barato!

— Devo protegê-lo? Como?

— Você deve fazer de tudo ao seu alcance para o Dr. Mike ter serenidade nestes tempos finais da guerra. Pare de atentá-lo. Ele será importante no derradeiro golpe tutsi para desestabilizar o poder do Presidente Juvénal Habyarimana.

— Que tipo de golpe será esse, capitão?

— Não posso lhe dizer. Ainda estamos planejando. Se eu lhe revelar alguma coisa sobre isso hoje, possa ser que eu precise matá-lo amanhã!

— O que eu posso fazer para ajudar o médico?

— Pare de pressioná-lo. Pare de lhe mandar mulheres. Ele precisa ter sossego para agir!

— Ele lhe pediu para eu parar de usar as garotas?

— Não, Ota. Por ele, você persistiria em enviar-lhe um caminhão cheio de mulheres. Nem ao menos sabe que teríamos esta conversa. Todo homem tem um ponto fraco e o dele é o coração, pelo menos aqui no Ruanda.

— Como assim, capitão?

— Ele está apaixonado por uma médica do CHK, que me contaram ser amalucada e maconheira!

— Ah! Dra. Isabelle! Ela não é maluca, senhor. Possui um jeito próprio... Dela...

— Falam-me muito desta médica, dizem que ajuda os pobres. Um dia hei de conhecê-la, quem sabe já como ministro deste país.

Existiam vários tutsis no lugar e logo correu um boato de que um capitão dos Inkotanyis estava em alguma parte da província. Uma euforia tomou conta da cidade e as atrocidades que estavam sendo cometidas pelo pessoal da Interahamwe pararam de imediato. Os milicianos esconderam seus fâções e se misturaram à população, fingindo serem pessoas comuns. Não demorou muito para chegar ao capitão Aaron Bitero a notícia de que a milícia vandalizava na localidade da cidade de Kinyami. Ele considerou um ultraje e uma tremenda deselegância hutus atuarem sem, ao menos, respeitar sua presença. Ordenou que espalhassem a mensagem seguinte:

A FPR estava em Kinyami para cadastrar os moradores que receberiam lotes de terras, após arruadas as colinas na regência da Frente Patriótica Ruandesa. Mandou explicar que os refugiados de outras batalhas que estavam em solo estrangeiro retornariam para o Ruanda e competiriam com os atuais moradores daquela cidade pela posse das colinas. O cadastro seria a única garantia de que os nativos teriam para exercerem seus direitos no futuro. Para isso, todos deveriam estar reunidos na praça central à tarde. Quem não comparecesse não seria considerado morador de Kinyami e não receberia um lote de terra por meio da reforma agrária!

Praticamente toda a população do burgo rural de Kinyami compareceu ao encontro. Quando os moradores chegaram e se agruparam esperançosos de receber títulos de posse de terra, foram cercados pelos guerrilheiros da Frente Patriótica Ruandesa. O capitão Aaron Bitero se abeirou e os observou a miúdo. Percebeu que estavam assustados, temendo o pior. Nem o capitão nem ninguém em sua tropa conseguiam distinguir quem era tutsi ou hutu entre aquela gente. Os integrantes da FPR eram tutsis provenientes doutros países e não percebiam claramente as diferenças étnicas ruandesas. Em decorrência do impasse, o capitão Aaron Bitero achou por bem tomar uma decisão para encontrar no populacho os milicianos da Interahamwe. Observou bem aqueles rostos fronteiriços, caminhou pelo meio da aglomeração e deparou-se com uma jovem alta, esguia e bonita. Pensou no fundo de sua alma:

Eu adoraria ter me casado com uma tutsi como esta linda mulher!

Ele falou, sussurrando, ao ouvido dela, sedutoramente:

— Você é a tutsi mais linda que vi na minha vida! E ela respondeu:

— Claro que sim, meu capitão!

O capitão Aaron Bitero deu-se por satisfeito com a escolha e puxou a garota pelo braço até o local onde antes ele estivera à frente das pessoas. Falou-lhe:

— Aponte quem é da Interahamwe nesse povaréu aí!

A jovem tomou um susto, ao perceber que caíra sobre ela uma ingente responsabilidade. Todavia não via outra opção a não ser apontar os hutus ali presentes sem claudicar. Ela não sabia ao certo o que era a Interahamwe, porém não seria estúpida o suficiente para perguntar isso ao zangado capitão dos Inkotanyis. Percebeu que ele queria um trabalho bem feito. Assim, usou seus critérios para apontar as pessoas indesejadas da localidade, odiando o fato de não poder selecionar mulheres. Vários hutus da Interahamwe foram apontados por ela, pois tinham o dom de não agradar a ninguém. Outros foram escolhidos somente por serem hutus, sem, necessariamente, da soldadesca. Alguns desafetos da jovem, apesar de tutsis, foram separados a priori. Um homem, mesmo não tendo sido citado pela garota, protestou que estava havendo injustiças nas nomeações. Este foi recolhido pessoalmente pelo capitão. Todos silenciaram, a partir de então, o que proporcionou plena serenidade para a jovem continuar suas designações.

O capitão apartou os eleitos pela garota dos demais e mandou seus guerrilheiros armados os acoosarem... Ordenou:

— Fogo!

Muitos hutus e alguns tutsis tombaram mortos. Correu a notícia, por todo o Ruanda, de que a Frente Patriótica Ruandesa expulsara a Interahamwe da cidade de Kinyami. Ficou restrita a poucas pessoas a informação de que a garota por quem o capitão Aaron Bitero se enamorara por três noites seguidas e albergara naquele burgo era hutu e não tutsi, como imaginara a princípio.

* * * * *

Um dia tive a oportunidade de questionar o capitão Aaron Bitero sobre sua inglória ação em Kinyami. Perguntei-lhe como poderia se sentir honrado em situações daquela monta. Disse-me que fora profilático e redarguiu:

— Dra. Isabelle, as minhas decisões de combate, assim como seus remédios, têm efeitos colaterais; entretanto, no fim, ambos curam mal maior.

As Flores do Ruanda

Capítulo XII

Um tutsi em apuros

Sr. Habimana guiava insanamente seu veículo na estrada de Gitarama para Kigali. Estava ciente da escassez do tempo para salvar sua vida.

Precisava encontrar, ainda naquela noite, o anticristo Canisous Rubuga!

Tinha de fazê-lo retroceder da intenção de assassinar os twas, pois, se algum deles morresse naquele dia, a sombra o alcançaria em seguida pela mão da FPR. O Sr. Emmanuel não sabia que a determinação de poupar os pigmeus Canisous Rubuga acabara de receber do general Gedeon. No instante em que guiava imprudentemente o automóvel, quem caminhava para o além eram os hutus companheiros de tropa de Canisous Rubuga que visitaram sua fazenda horas antes e não os twas.

Apesar de o destino ter sido grato e resolvido a questão para o estancieiro tutsi, ele não estava bem. Seguia para o encontro de um hutu líder interahamwe embriagado e enfurecido pelo fato de o general Gedeon Bagirubwira ter-lhe surrupiado seis mil dólares. Encontrá-lo nos prostíbulos não era algo de bom que o Sr. Emmanuel devesse fazer naquele fim de noite. Ele não tinha como saber que os twas estavam salvos da morte devido à intervenção do general hutu.

Quando o Sr. Emmanuel Habimana chegou ao centro de Kigali, a cidade estava calma. A noite caminhava para seu ocaso e poucas pessoas frequentavam as ruas centrais. Com a aproximação do desfecho do conflito, pouquíssimos tutsis se aventuravam a andar pela capital durante a noite, em virtude do aumento da hostilidade praticada pelas gangs da Interahamwe. No entanto, a premência compelia o empresário diretamente para a perigosa zona de meretrício.

Alta noite, uma matrona meretriz chegou a Canisous Rubuga e lhe pediu ajuda:

— Canisous, há um pessoal da Interahamwe quebrando tudo no meu estabelecimento. Eu temo que haja morte por lá. Por favor, vá correndo e peça à sua gente que não mate ninguém.

Se isso acontecer, eu vou ficar marcada pela polícia e sofrerei restrições de horário de funcionamento. Devo muito a fornecedores, não posso arcar com mais prejuízos.

Canisous Rubuga apressou-se, contrariado, por ter de deixar a casa de tolerância onde se encontrava. Levou com ele a cerveja Primus que tomava e foi bebendo-a na garrafa. Estava chateado e queria ficar sozinho. Demonstrava um enorme sentimento de culpa pelo que poderia acontecer aos seus companheiros de Interahamwe, quando chegassem aos pântanos para tocaiar os twas. Na realidade, seriam eles os emboscados pelo pessoal do general Gedeon Bagirubwira. Orava para que pudesse haver algum tipo de diálogo entre eles. Achava isso pouco provável, pois o destacamento do exército que os aguardava era de Bugesera e não de Kigali. Orientara seu pessoal a resistir a qualquer intento de impedir o cumprimento da missão, pois não imaginara que os militares fizessem alguma objeção à morte de um punhado de twas. Estava desconsolado a ponto de acreditar que o Ruanda estava sendo corrompido por ideias modernas e repugnantes em deriva social.

Como uma pessoa normal imaginaria que o simples assassinato de uns twas pudesse causar constrangimentos a alguém importante?

Canisous Rubuga imaginava que os líderes do Ruanda não deveriam permitir a entrada de estrangeiros que vinham trabalhar com os pigmeus e gerar dissentimento interno no país. Para ele, deveriam achar alguma reserva para onde se levassem os pequenos, bem para longe dali. Após caminhar por alguns minutos com a cafetina, ele já podia observar uns milicianos acoçando um tutsi. Ficou imaginando:

O que diabos fez aquele tutsi se meter em um local tão perigoso para ele?

Revelou para a senhora comerciante:

— Desculpe-me, amiga, porém não vou impedir o tutsi de levar uma surra. Vou ajudar e garantir que o trabalho seja completo. Hoje é a última noite daquela barata nojenta!

— Ai, ai! Está certo, Canisous, no entanto, eu lhe imploro que leve o homem para outro local e o mate distante do meu ponto!

— Levar aonde?

— Sei lá! Esse é seu ofício, não o meu!

— Você tem algum veículo no bar?

— Tenho sim! Pegue aqui a chave e carregue o tutsi com você para outro canto! — a madame passou a chave de uma perua para o hutu.

Ao chegar ao local, ele teve certeza de que aquela estava sendo, verdadeiramente, uma noite atípica, pois, encostado contra a parede, vestido somente com a cueca, com um imenso facão pressionando seu pescoço, estava ninguém menos que o tutsi Emmanuel Habimana, o potentado fazendeiro de Gitarama. O homem, ao perceber a chegada de Canisous Rubuga, tentou lhe dirigir a palavra, contudo não pôde pronunciar algo compreensível, por causa da pressão da lâmina em seu pescoço que começava a sangrar. O chefe miliciano hutu afastou seu subordinado que estava com o facão na mão, prestes a ser enterrado na garganta da vítima. Quando o Sr. Emmanuel, novamente, esboçou falar-lhe algo, o chefe miliciano deu-lhe um tremendo soco, que extravasou parte do ódio decorrente da noite de luto para a Interahamwe. A dor pela perda dos companheiros invadira-lhe as entranhas e era um sentimento que ele ainda não pudera afogar, por inteiro, na bebedeira.

Ao mesmo tempo em que esmurrou o estancieiro, o hutu gritou:

— **Cala a boca inyenzi miserável! Como ousa me dirigir a palavra?**

O cafeicultor tombou por cima das mesas, espalhando pelo chão pedaços de garrafas e copos. Ao cair, o Sr. Habimana percebeu que melhor era ficar calado e contar com uma possível clemência hutu. Canisous Rubuga falou para seus subordinados:

— Amarrem e amordacem esse desafortunado! Ponham-no na perua. Vou levá-lo daqui!

Um miliciano falou:

— Por que a gente não o mata aqui mesmo, chefe?

— Eu prometi à proprietária que não permitiria que se fizesse isso. Por conta deste favor, ela vai liberar umas Primus de graça para vocês!

A medianeira protestou contra a insolência:

— Pare! Pare! Nós não combinamos isso, Canisous Rubuga!

— A senhora me tira do meu canto sossegado, faz-me vir aqui para ter todo esse trabalho e não quer pagar nada? Prefere que eu deixe os meninos liquidarem esta barata aqui mesmo?

A mercadora se lembrou de que estava de sobreaviso e de que não mais poderia haver arruaças em seu estabelecimento, sob pena de ser fechado. A polícia lhe dera este ultimato desde a semana anterior, quando ali ocorreu a morte de um adolescente filho de um importante político hutu. Mesmo percebendo que o caso era diferente, por a vítima ser tutsi, a alcoviteira não queria arriscar, por isso, acedeu.

— Eu sei que você está certo! Claro que não quero ver esse sujeito ser retalhado aqui! Isto é um lugar de respeito! Os cabarés ficam adiante. Todavia, aviso desde já que vou dar apenas uma rodada de cerveja para esse seu povo todo, senão entro em falência.

Quando Canisous Rubuga entrou no carro com a vítima dentro, amarrada e imobilizada, e deu a entender que faria o serviço de per si, um subordinado o questionou:

— Não quer ajuda, chefe?

— O que você disse, miliciano? Por acaso, acredita que eu, sozinho, não tenho capacidade de dar fim a esta barata? Ou acha que pode ter êxito onde eu falharia?

— Não me interprete mal. Apenas quero aliviar seu trabalho. Eu poderia ir com o senhor ou até em seu lugar. Pode ser que queira continuar se divertindo em vez de retornar ao serviço!

— Certo, miliciano. Depois você me explica melhor. Vou indo. E cuide para que os rapazes não criem problemas para a senhoria deste bar!

— Pode ficar tranquilo, chefe! Nós vamos ajudá-la a arrumar esta bagunça. Ela nos prometeu chamar umas garotas amigas dela para nos fazer companhia. Uma dama chamada Anne-Marie perguntou pelo senhor e afirmou-nos que ficaria ao nosso lado, pois sabe que o senhor acabaria vindo aqui. Para onde levará esse corpo?

Os olhos de Canisous Rubuga brilharam, ao ouvir o nome da sua prostituta preferida. Ele a amava. Gostou de saber que ela perguntara por ele. Não deixou de responder à pergunta sobre o destino do defunto Emmanuel Habimana.

— Vou desová-lo na colina Karama, por trás do aeroporto miliciano — o fazendeiro escutava aflito ao diálogo em seu entorno.

— Pretende voltar para cá, ainda hoje, senhor?

Canisous Rubuga compreendeu a preocupação do seu subordinado. O subalterno estava querendo saber se, de lá, o chefe se dirigiria para casa ou seria necessário monitorar-lhe o retorno.

— Não sei se volto ou vou embora. No caminho, resolvo. Você é um bom miliciano, garoto! Permaneça assim. Não se preocupe em demasia, pois esta inyenzi não me dá medo.

Canisous Rubuga guiou a perua em direção ao aeroporto com o Sr. Emmanuel Habimana deitado no assoalho, seminu, liado e amordaçado. Ele desejava seriamente matá-lo, pois não tivera vantagem alguma na negociação com tal indivíduo. O dinheiro ficara todo com o general Bagirubwira. Com ele, não restara nenhum centavo de franco ruandês, muito menos dólares.

Ele, triste e amargurado, imaginava o que ocorria aos seus companheiros de Interahamwe nos charcos de Bugesera. Eram jovens hutus que foram escolhidos a dedo para a missão na Fazenda BE. Se morressem, haveria uma grande perda para a milícia hutu. Canisous Rubuga considerava o estancieiro deitado na perua o maior culpado por tudo. Por isso, decidira, no seu íntimo, que o Sr. Emmanuel teria uma morte lenta e dolorida. Assim que ele chegasse à colina Karama, retiraria a pele do tutsi ainda vivo. No final do trajeto, parou a perua em uma área de mato baixo iluminada tão somente por réstias de luar e desceu o produtor rural, puxando-o grosseiramente para fora do veículo. Tirou-lhe a mordaca; entretanto, não desamarrou suas mãos. O fazendeiro deu por si em terror. Em desespero, perguntou:

— O que está havendo? Por que você está fazendo isso comigo?

Canisous Rubuga exonerou-se de dizer ao Sr. Emmanuel que ele iria morrer por julgá-lo responsável pela morte de seus amigos hutus da Interahamwe. Não estava disposto a dar ao tutsi o prazer de saber que os homens que aterrorizaram sua quinta naquele dia provavelmente já estariam mortos, submersos nos alagados. Portanto, respondeu de maneira evasiva.

— Isto não é um problema meu. Quando cheguei, o senhor já estava em apuros com aqueles homens!

— Como não é um problema seu, Canisous Rubuga? Você é o mandachuva deles! É como se não me dissesse respeito o que afeta os trabalhadores na minha colina! — falava desesperadamente.

— Aqueles rapazes não estão de serviço e por isso não posso me responsabilizar pelas suas atitudes.

— Como não estão de serviço, homem? Pois qual é o encargo da Interahamwe que não seja o de aterrorizar-nos, a nós, os tutsis?

O Sr. Emmanuel Habimana demonstrava sua contumaz habilidade de negociação. Canisous Rubuga era, na ocasião, um homem triste, amargurado, arrasado e inconformado com a perda dos seus companheiros. No seu íntimo, ele via o Sr. Habimana com uma pistola na mão atirando em cada um dos sete integrantes da Interahamwe nos pântanos de Bugesera. Isto tornava os argumentos do estancieiro em seu favor quase vãos. O cafeicultor não podia parar de falar. Notara que o hutu, além de embriagado, estava deprimido com alguma coisa que não sabia o que era e não desejaria descobrir. Falou, ao lembrar do assunto que o trouxera àquele antro de perdição em Kigali:

— Eu vim aqui para o encontrar, Canisous Rubuga! Quando seus rapazes me pararam, eu estava indo ao seu encontro. Eu lhes falei isso, contudo não me levaram a sério, até a senhoria me ouvir e resolver ir buscá-lo. Devo minha vida àquela mulher!

— Ela ainda não salvou sua vida!

— Por que você quer pôr-me fim, meu amigo?

— Não sou seu amigo. Não tenho amigos tutsis!

— Não pense em mim como sendo tutsi. Cuide que sou um mercador. Nós temos um negócio e foi disto que vim lhe falar!

— O que o senhor quer? Nosso negócio está terminado!

Canisous Rubuga deixou o Sr. Emmanuel Habimana falar à vontade, pois sabia que o detido iria morrer em poucos minutos.

Em sua angústia, estava sentindo algum alívio em conversar com alguém, conquanto não tivesse consciência disto. Juntou-se o poder de persuasão do Sr. Emmanuel com a depressão do hutu, para dar um fiapo de esperança à vítima de escapar da morte. O fazendeiro notou a curiosidade do hutu em descobrir os motivos que trouxeram um tutsi a um ambiente hostil

predominantemente hutu. Perseverou em falar, pois sabia que, quando o carrasco não mais o escutasse, partiria para a ação agressiva. Percebia que aquela estava sendo a negociação mais importante da sua vida, pois não representava fortunas em sacas de café, porém sua própria existência humana como tutsi.

— Eu preciso que você desfaça o acordo e não mate os twas!

Esta foi uma afirmação absurda, na concepção de Canisous Rubuga. Ele estava preparado para escutar do Sr. Habimana apelos, rogos, choros e pedidos de clemência como faziam todos os tutsis antes de receberem uma cacetada fatal.

O cafezista, no limiar da morte, queria negociar! O estranho era que ele pretendia dar o dito por desdito. Agora não mais queria mortos os twas!

Canisous Rubuga ficou curioso e, pela primeira vez, desde que viu o fazendeiro acossado pelos hutus, ponderou a possibilidade do defunto não morrer.

Será que o general Gedeon Bagirubwira não confiou apenas na competência dos seus soldados e delegou a tarefa ao Sr. Emmanuel Habimana também? Será que o general pediu para o tutsi procurar o chefe da Interahamwe para que o negócio fosse desfeito, por iniciativa própria ou por ordem do Presidente?

Canisous Rubuga compreendeu que, se o Sr. Habimana tivesse discutido a questão com o general hutu e tivesse recebido daquele alguma incumbência, adquirira imunidade naquela história e não poderia ser morto por ninguém no Ruanda, exceto pelo próprio general ou pelo Presidente da República. Ele questionou o fazendeiro sobre as razões daquela mudança repentina, para saber se não pisava em um terreno minado:

— Por que o senhor não mais quer que eu mate os pigmeus?

O finório Emmanuel Habimana, mesmo em situação delicada, percebeu um vago sinal de acordo proveniente do hutu. Por alguma razão que ele não compreendia bem, a simples menção aos twas tornara diferente o ânimo do seu captor. Ele resolveu aprofundar o tópico, no entanto, com extremo desvelo, pois não poderia, de forma alguma, dizer àquele hutu:

Que o comandante Paul Kagame, o sumo líder tutsi da Frente Patriótica Ruandesa, lhe ordenara aquilo!

Se Canisous Rubuga, ao menos desconfiasse disso, o Sr. Emmanuel Habimana teria tido sorte se tivesse sido morto no botequim onde fora pego. Como o hutu não acreditaria em um argumento postigo explicitamente averbado, resolveu endossar o mais improvável, para deixar claro ao outro que ele dispunha de um segredo que nem sob tortura contaria.

— Eu me arrependi do que estava prestes a fazer. Reconheci meu erro. Eu tive pena dos pobres twas!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Canisous Rubuga não se conteve. E teve o acesso de riso que necessitava soltar havia horas. Com tal afirmação absurda do Sr. Emmanuel Habimana, ele teve uma certeza:

Que o cafeicultor não lhe contaria a verdade, mesmo sob açoite, pois obedecia a uma ordem do líder hutu do exército, general Gedeon Bagirubwira, assim como ele próprio fazia. Canisous não seria louco de forçar o fazendeiro a lhe confessar algo, pois não tinha pormenores do que seu prisioneiro conversara com seu superior militar.

O fazendeiro lhe falou.

— Há outra coisa, Canisous Rubuga: matar twa dá sete anos de azar!

O interahamwe pensou que aquele novo disparate poderia ter sua razão de ser, pois desde que se metera na história de assassinar twa, estava com a má ventura dos desvalidos e nada vinha dando certo para ele. Maldisse do infortúnio.

— Eu não sei se poderei evitar que isso venha a ocorrer, Sr. Habimana!

— Por quê, homem de Deus? Você já ordenou a morte deles?

— Pode ser que sim...

— Como assim? Eu lhe paguei o dinheiro combinado. Tenho meu direito de desistir do acordo!

Ao falar do pagamento, o Sr. Emmanuel não percebeu a arapuca em que se metia, pois desconhecia que o general Gedeon Bagirubwira surrupiara todos os dólares do pobre hutu, que estava ávido de encontrar uma forma de recuperar seu prejuízo.

— O senhor me pagou para matar, não para salvar!

— Como assim? Você está maluco? Matar ou não é uma coisa só!

— O senhor é que pensa! Eu terei de sair agora correndo para impedir que meus rapazes cumpram o que eu lhes ordenei!

Canisous Rubuga não seria ingênuo de dizer ao tutsi que os twas estavam salvos.

Percebeu que o estancieiro desconhecia isto. Intrigou-lhe o fato de o general não ter contado ao fazendeiro tal detalhe. Avaliou que o oficial colocara duas frentes para solucionar o mesmo problema, uma sem saber da outra, para evitar que algum lado declinasse por acreditar no sucesso do outro. Emmanuel Habimana, em desespero, amarrado das mãos e do destino, tendo de se livrar da morte garantida pelo hutu e de outra prometida pelo tutsi Paul Kagame, resolveu encurtar o assunto que tanto valia para ele.

— Tudo bem, meu rapaz, diga-me de uma vez quanto devo lhe dar?

— Doze mil dólares!

— Nossa! Você perdeu o juízo, meu amigo? Quero pedir um desconto em cima dos seis mil que lhe paguei antes!

— Salvar da morte é mais nobre que matar alguém, por isso, é caro! O senhor pode consultar a tabela de preços de qualquer pistoleiro por aí! Salvar é competir contra alguém. Matar é apenas dispor da vítima.

O tutsi não queria saber de minúcias da filosofia interahamwe.

— Acredita, realmente, que farei uma coisa dessas de consultar tabelas de assassinos, meu jovem? Vou lhe dar um cheque, pois, além de ter pressa de resolver este caso, não ando com tanto dinheiro nos bolsos. Aliás, sequer calças tenho agora!

— Seu talonário está dentro da peruca. Como o senhor não iria mais precisar dele, tomei-o dos rapazes para que não fizessem alguma bobagem. E tenho uma caneta também.

O hutu algemou o tutsi às suas exigências. Sem saída, o Sr. Emmanuel Habimana assinou o cheque no valor de doze mil dólares convertidos em francos locais da época e deu a Canisous Rubuga. Mas, por garantia, revelou que precisaria estar vivo no outro dia para o cheque ser pago.

— Está aqui seu dinheiro, meu amigo. Garanta-me que nada se faça de mal àqueles twas! O valor desse cheque é alto. O gerente do banco precisará endossá-lo para que o funcionário do caixa possa pagá-lo a você. Ele ligará para mim. Por isso, eu devo estar na Fazenda Boa Esperança no momento em que o telefone tocar!

— Certo! Tudo bem! Quer que eu o deixe nalgum lugar?

— Sim, eu preciso falar urgentemente com a Dra. Isabelle! Você a conhece, não é?

— Conheço sim.

— Pois bem! Deixe-me avizinado à casa dela! Antes, passemos na bodega para eu pegar as minhas roupas. Não posso visitá-la só de cuecas!

— Vá assim mesmo ver a médica, Sr. Emmanuel!

— Nem pensar! Preciso de minhas vestes!

— Elas não existem mais! Eu ordenei aos rapazes que as queimassem, para não deixarmos pistas ou vestígios!

— Vestígios de quê? Você pretendia me matar?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Claro que não, Sr. Emmanuel — mentiu o hutu.

— Pois que seja! Empreste-me, ao menos, sua camisa. Eu lhe mentirei: direi que fui assaltado e perdi até as minhas roupas. Como estou com este sangue na cabeça, dir-lhe-ei que busco medicina.

O hutu riu, novamente, e falou para o Sr. Emmanuel Habimana:

— O senhor sabe encontrar boas saídas para seus percalços!

— Você está certo, meu jovem. Sempre foi assim por minha vida toda. Mercadejar café no Ruanda não tem sido nada fácil, hoje em dia. E lhe digo que nunca cogite matar um cafeicultor deste país. Meu trabalho agranda estes cantões sem lei. Você mata e eu planto vida. Se minhas bananas não vingarem, você não terá o que comer!

Canisous Rubuga deixou o Sr. Emmanuel em uma esquina próxima à residência da Dra. Isabelle. Não o levou até o portão, para evitar que ela os visse juntos. Fosse lá o que o fazendeiro havia de falar ou negociar com a médica, sua aproximação com o chefe da Interahamwe, decerto, em nada ajudaria.

* * * * *

Quando abri a porta e vi o fazendeiro andrajoso, vestido tão somente com uma camisa suja e de cueca, fiquei assustada, porém não surpresa. Naqueles dias, o aumento da violência contra os tutsis estava assumindo um processo de banalização. O atendimento hospitalar já não era suficiente e se tornara corriqueiro ser procurada em minha residência para atender tutsis feridos pelo pessoal da Interahamwe, a qualquer hora da noite. O que me chamou a atenção no momento foi o fato de o Sr. Habimana ser a pessoa que me pedia socorro.

— Entre, seu Emmanuel. O que houve com o senhor?

— Uma desgraça! Fui assaltado. Levaram até as minhas roupas!

— Esse seu blusão não é do pessoal da Interahamwe?

— Não! Este é do meu filho e na realidade é uma peça muito feia. Jogue-a no lixo, por favor!

O cafezista me entregou a jaqueta e eu lhe dei uma roupa do Dr. Mike para ele vestir. Estava com sangue coagulado por cima de um pequeno ferimento na nuca e tinha um leve corte no pescoço.

— O senhor teve muita sorte! Por pouco, este ferimento no seu pescoço não foi fatal. O da sua cabeça, tampouco lhe causará problemas, entretanto, por segurança, vou indicá-lo para uns exames detalhados mais tarde no hospital.

— Nem pensar! Não se importe, minha jovem. O que você fez é suficiente. Detesto hospitais! A propósito, não foi somente por causa destes ferimentos que eu a procurei!

— Não? O que mais o senhor deseja?

— É sobre seus amigos twas, Dra. Isabelle!

— Aconteceu-lhes algo?

— Não! Queira Deus que não! Nada aconteceu aos pequeninos! Eu vim lhe comunicar uma mudança no nosso acordo...

— O senhor não mais quer franquear-nos o acesso aos pântanos pelos próximos seis meses?

— Exatamente o contrário, Dra. Isabelle. Estou lhe consignando o usufruto dos charcos de Bugesera pelo tempo que quiser!

* * * * *

Ele queria distância dos pigmeus. Para o tutsi, as coisas principiaram a sair do seu controle, a partir do momento em que se meteu na aventura de plantar a patchouli nos paludes. Ele passara a odiar alagados! De forma alguma, queria seu nome associado aos twas, a partir daquele dia ruim.

* * * * *

Eu lhe falei:

— Sr. Emmanuel, conversei com alguns twas aqui na minha casa. Nós determinamos que eles irão incrementar o plantio de flores, que dá algum resultado.

— Flores? Que interessante! Nunca havia pensado nisto. E há mercado para flores no Ruanda?

— Claro que sim! O que não falta por aqui é enterro!

— É mesmo, minha jovem! Muito perspicaz da sua parte! Por que a senhora não abre logo uma funerária e faz um serviço completo? Mas, eles, necessariamente, não têm de desistir do

barro por inteiro.

— Funerária? Ah! Ah! Ah! Cruz credo, Sr. Emmanuel! Nós veremos isso depois.

— Eu vou mandar meu capataz responsável pelo cultivo procurá-la, Dra. Isabelle. Ele é um competente técnico agrícola e tem muito a oferecer à senhora e seus amigos twas na plantação de flores.

— Não é necessário, senhor. Nós temos a ajuda do Padre Jumpe, um excelente botânico. Diga-me uma coisa: por que o senhor mudou tão radicalmente de opinião acerca das necessidades dos twas?

— Por certo foi por causa da minha idade, doutora. Está chegando a hora de me aposentar e quero deixar um pouco do que construí para as gerações seguintes. Este país necessita de homens que plantem. Hoje, no Ruanda, somente tem valor quem sabe usar um machete. As enxadas estão relegadas a segundo plano. É por isso que a fome grassa em todos os cantos desta terra.

Na próxima semana, virei a Kigali procurar uma casa para morar com minha esposa. Não posso delegar esta tarefa para ninguém. Somente eu posso fazer isso. Meu filho tomará conta dos negócios na FBE!

Eu percebi que o argumento de sentimento de culpa não caía bem em um negociante astucioso como o Sr. Emmanuel Habimana. Na ocasião, não tinha como saber o que o fizera mudar de comportamento em relação aos meus amigos. Nada impedia que tentássemos obter sua ajuda na plantação de flores dos twas. Mesmo que a maioria continuasse trabalhando o barro, eu poderia resgatar alguns que esmolavam no centro para o cultivo. O Sr. Emmanuel Habimana, exausto, ganhou o caminho de volta em busca da condução para Gitarama.

— O senhor não veio de carro, Sr. Emmanuel?

— Vim, sim, Dra. Isabelle, contudo tive a desdita de encontrar pela frente um ladrão muito hábil. Levou o meu veículo, assim como as minhas vestes! Os empresários sofrem em tempos de guerra. Temos de plantar para alimentar os soldados e os ladrões que nos roubam. Nestes tempos, está se tornando difícil distinguir quem é quem no Ruanda.

— Não quer telefonar para seu filho vir buscá-lo, Sr. Emmanuel?

— Não, doutora. Tive uma noite agitada e não quero compartilhar más notícias. Raiou o dia! Vou de ônibus para casa. Há anos não entro em um deles. Gitarama dista setenta quilômetros daqui. Será uma ótima oportunidade para meditar e descobrir, com minhas reflexões, para onde este país jornadaieia. Temo que algo de ruim possa acontecer, em breve, no Ruanda!

— O que ocorreria, senhor?

— Não sei! Em meus pensamentos, anjos me falam do inferno...

— O senhor está enigmático hoje!

— Estou somente cuidando do futuro, doutora, como todo mercador costuma fazer. Descobrir tendências é o meu ofício!

* * * * *

O Sr. Habimana caminhou em direção à rodoviária para tomar o ônibus ou lotação qualquer para Gitarama. Ao se deslocar a pé por alguns minutos, percebeu a cidade de um ângulo distinto do qual sempre enxergava, ao vir de carro para tratar dos seus negócios no banco local. Ao entrar no coletivo, ensimesmou-se. O movimento do ônibus pareceu-lhe uma roldana que desenrolava uma película cinematográfica, na qual o personagem principal era ele e cujo tema era sua vida. Um filme passou na sua imaginação, remetendo-o à mais inocente idade, até onde a memória conseguiu mergulhar. O poderoso tutsi, pela primeira vez em sua vida, sentiu um temor real de que o fim estava avizinhado. Forças poderosas estavam se apossando do Ruanda, para tornar as negociações imprevisíveis e sem cabimento. Os valores que seu país tanto prezara no passado estavam sendo substituídos pelo culto ao ódio e à intolerância. O Sr. Emmanuel Habimana, dotado de uma grande capacidade de acertar o que ainda era suposto, via a aproximação de um embate doloroso entre hutus e tutsis, se nada fosse feito para amenizar as diferenças. Ele contava com a probabilidade de o comandante Paul Kagame chegar com seus guerrilheiros à capital do país antes do tsunami que caminhava em sentido contrário e queria varrer Kigali do mapa. O fazendeiro estava cansado, semimorto sob o encargo do corpo castigado. Logo pegou no sono com a cabeça encostada à janela do ônibus. Inquieto e condoído, seu espírito desanexou-se da matéria adormecida e esprou-se no éter embriagando-se ao léu de uma triste premonição, incerto e quântico. Voejou pela lotação até atingi-lhe o teto e perfurar o vento. Absorto e desconexo, em dor de si para si, banzou na sina e infortúnio de se tachear em massa tão abaladiça e instável quanto aquele homem alijado. Emmanuel Habimana sonhou à larga. Na enigmática dimensão por onde sua quimera fluiu, presenciou tempestades, avalanches, vulcões e déficits. Passou ileso por todas as catástrofes do seu devaneio, pois quando chegou a calmaria, precisou estar vivo para pensar em cifras, contar e multiplicar os defuntos apertando com os dedos os botões da sua inseparável máquina de calcular os lucros e os preços das sacas de café.

Canisous Rubuga retornou eufórico à casa de prazer onde estavam seus milicianos. Pediu à proprietária a garrafa mais cara do melhor uísque.

— Não posso lhe oferecer aquele uísque!

— E por que não?

— Aquele produto está reservado para o general Gedeon Bagirubwira!

Canisous Rubuga achou que já cedera demais ao superior naquela noite. Não perderia novamente! Pois, se o sumo oficial poderia gastar seis mil dólares no cabaré, ele tinha como torrar doze mil e se esforçaria para isto. Entrou no estabelecimento sem permissão e pegou da garrafa. Para espanto da comerciante, abriu-a com os dentes e tomou uma dose no gargalo, como um soldado que atira as insígnias ao chão. Além da violência tão presente no caso, a desobediência militar entrava em cena. Ambas se juntavam num redemoinho da magnitude da tempestade que varria os sonhos do Sr. Emmanuel Habimana no mesmo momento, em uma lotação na estrada para Gitarama. A mulher olhou para o desarrazoado interahamwe e falou:

— Você está louco!

— Ainda não, mas vou ficar, se não for buscar Anne-Marie para mim!

Canisous Rubuga agarrou a cafetina por trás, deu-lhe uns chupões no pescoço e beliscou-lhe as nádegas, incomodando-a deveras. A senhoria achou por bem ir imediatamente buscar a moça, caso contrário, ele não a deixaria sossegada, em decorrência da embriaguez. Ela considerava que Anne-Marie era uma mulher que possuía a paciência das pedras, pois somente aquela monja sofredora conseguia suportar com um sorriso no rosto o hutu petulante que vivia em um pileque só.

As Flores do Ruanda

Capítulo XIII

A frente de batalha

Cedo da manhã, dias após as núpcias de Mukono com Dancilla, o Dr. Mike estava em frente ao Centro Hospitalar de Kigali, aguardando a passagem do comboio do general Gedeon Bagirubwira que, consoante combinado, o apanharia para iniciarem uma viagem de inspeção da frente norte de batalha. O médico supervisionaria os trabalhos de primeiros socorros aos lesionados em combate e elaboraria um orçamento militar para a área de saúde das FAR. O general se avizinhou dele de jipe. Sentado no banco de trás, estava o coronel, monsieur Raynaud.

Gedeon Bagirubwira estava sendo pressionado por políticos influentes em decorrência do excesso de violência infundada que grassava na Interahamwe. Por conta disso, trouxera consigo, a título pedagógico, um pequeno contingente de milicianos liderado por Canisous Rubuga. Não deu atenção ao hutu civil, pois via aquela gente desordeira sem ordenança militar como profissionais inferiores aos seus soldados de batalhão. Admoestou seus oficiais, a fim de não os ver misturados à rédua dos malfeitores:

Nada de corja com os interahamwes; rédeas curtas com esses milicianos! Isto aqui é uma guerra pensada e não briga de botequim! Deem-lhe trabalho duro e não mordomia ou diversão! Quero-os duelando com os Inkotanyis para aprenderem a ser machos!

O médico cumprimentou os amigos e se sentou ao lado do francês. Eles iniciaram a viagem rumo ao norte, ao encontro das agruras da peleja setentrional. O general pegou de um mapa do Ruanda e entrou a demonstrar para o Dr. Mike e para o coronel francês sua estratégia de combate e inventiva. Seu projeto consistia em criar um cinturão protetor para conter o avanço da FPR, forçando-a a operar pelas extremidades do país, margeando as fronteiras ao oeste. O cinturão contendor seria aplicado, inicialmente, nas cidades de Ngaru, Rushashi, Mbogo, Murambi, Rutare e Muhura. Esta formação faria com que o inimigo, ávido de alcançar a capital, procurasse um caminho mais longo que a linha reta.

O Dr. Mike escutava, a miúdo, as explicações do general, que estava certo de se encontrar entre pessoas de confiança do exército ruandês, pois todos na viatura tinham

valiosos trabalhos prestados ao país. O médico, curioso, fez uma pergunta ao general, achando desmesuradas as suas convicções calcadas em suposições:

— General, como o senhor pode ter tanta certeza de que a Frente Patriótica Ruandesa continuará avançando pela lateral e não retornará à base para aumentar as forças?

— Porque nós vamos lhes proporcionar uma premência para chegarem logo até nós!

— O que os levaria a ter tanta pressa?

— Vê-se que o senhor é um bom médico, pois é péssimo militar, Dr. Mike! O motivo da urgência do comandante Paul Kagame se chama Interahamwe. Nós vamos aumentar a pressão sobre os tutsis da província de Kigali, para forçá-lo a vir em socorro!

— O senhor matará civis desarmados e inocentes, general? Não tem medo de ser julgado num tribunal por crimes de guerra, quando tudo isso terminar?

— Não seja tolo! Somente sentam no banco dos réus os generais derrotados. O crime militar só gera consequências danosas a quem o comete se vier associado ao fracasso. Além do que a Interahamwe não faz parte do exército; ela é uma ONG.

— A Interahamwe, uma ONG? Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! O senhor está além da conta, general. Hoje o senhor ganharia esta peleia, sozinho, apenas com uma faca!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Só com uma faca? O senhor também está no ponto certo hoje, Dr. Mike. E me passe essa garrafa de uísque aí atrás aos seus pés, discretamente, por favor.

O general pôs a mão esquerda em forma de concha entre as virilhas, pegou uma adaga com a outra e falou:

— Com essa faca, aqui eu vou arrancar os bagos de Paul Kagame. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

A presença do Dr. Mike no Norte era uma valiosa oportunidade para a Frente Patriótica Ruandesa, visto que o inglês era um destacado agente, atuando dentro da estrutura formal da gestão ruandesa. As informações do médico eram importantes para a tomada de decisões estratégicas. O próprio comandante da FPR desistira de algumas iniciativas prestes a serem postas em prática, em decorrência de alguma mensagem, de última hora, do médico, alertando para a inoportunidade de serem levadas adiante, por já serem de conhecimento do exército ruandês. Ele utilizava, de vez em quando, a Estação Muhabura para enviar suas missivas codificadas para o comandante Kagame, quando fosse necessário atingir uma vasta área do território ruandês de imediato e ao mesmo tempo. A Rádio Muhabura era, informalmente, um veículo de comunicação da Frente Patriótica Ruandesa. Por intermédio dos seus programas diários, eram veiculadas mensagens de incentivos à tropa. Na ocasião, por meio de engenhosa e simulada operação de oferta e procura de gado de corte, denunciou a viagem da tropa do general Gedeon Bagirubwira ao Norte:

Uma notícia de última hora da nossa central de jornalismo na íntegra para nossos

ouvintes:

Fazendeiros de Kigali estão preocupados com a oferta de bois de corte e enviam mais deles para o norte. Dizem que, no dia de amanhã, esperam uma grande desova dos rebanhos de ankoles naquela região. Para isso, estão dispostos a incluir suas melhores reses!
Assinado: Billy

Ao escutarem o comunicado, os oficiais da Frente Patriótica Ruandesa, treinados e designados para este fim, repassavam um bilhete ao comandante. Quando havia alguma incerteza sobre o teor do texto, ligavam para a estação de rádio, confirmando o que tinham anotado. No quartel-general da Frente Patriótica Ruandesa existia um receptor sintonizado vinte e quatro horas por dia naquela frequência. O Comandante Paul Kagame, ao ler a missiva assim a entendeu:

Com o termo oferta de bois, o Dr. Mike estava fazendo uma afirmação. Se quisesse perguntar algo teria citado procura ou demanda de bois. A Expressão as melhores reses se referia aos oficiais do exército. Billy era o codinome dado ao general Gedeon Bagirubwira. Assim, foi perfeitamente compreensível que o general, em companhia de oficiais, escoltado, seguiria para o norte.

Em resposta, logo após Billy divulgar sua mensagem, o Dr. Mike escutou a seguinte informação:

Ofertas de bois ao longo das estradas do norte do país!

Ele entendeu que o destacamento militar seria vigiado ou seguido ao longo do caminho. E se preparou para um possível contato ou embate entre o exército e os Inkotanyis. O Dr. Mike se espremia no banco do jipe, como se esperasse um forte impacto contra um poste logo adiante. Quanto mais o tempo passava, mais se arrependia de ter passado a informação à Frente Patriótica Ruandesa, pois, se os homens do general Gedeon fossem atacados, ele poderia morrer. Esperava, sinceramente, que o capitão Aaron Bitero não cometesse a loucura de atacá-los, pois a batalha seria ingente, com perdas expressivas para ambos os lados. Não pretendia se transformar em estatística daquela peleja. Avaliava seu prestígio e serventia para a FPR:

Será que a morte do general Gedeon Bagirubwira valeria a perda da colaboração do Dr. Mike? O que seria melhor para a Frente Patriótica Ruandesa: ambos vivos ou mortos?

Estas conjecturas o atormentavam na viagem.

— O que há com o senhor, Dr. Mike? Algo o preocupa?

— Não, general, nada me aflige!

— Nossa! Mal saiu de Kigali e já está sentindo falta da Dra. Isabelle, homem? Tome uma dose de uísque!

Para mudar o rumo da conversa que levava aos motivos da sua inquietação, o médico achou por bem aceitar o convite do general e tomar uma boa dose de uísque escocês.

Pararam em uma urbe à beira da estrada, pois o general Gedeon Bagirubwira desejou ir ao sanitário em um rústico terminal de ônibus. Quando o comboio estacionou e apresentou sua exuberante artilharia, ambulantes que ofereciam diversos produtos ao longo da estrada abeiraram-se dos soldados, querendo vender-lhes algo. Um garotinho de uns onze a doze anos, de face pueril, com uma bandeja de palha, com muitas frutas no interior, achegou-se ao Dr. Mike e lhe perguntou:

— Quer uma fruta, senhor? Está fresca e é barata!

O Dr. Mike olhou para a criança e falou:

— Não quero, garoto, obrigado!

A bebida ingerida durante a viagem em um veículo que chacoalhava o deixara indisposto para comer seja o que fosse naquele momento. O garoto se aproximou do Dr. Mike, sem olhar para seu rosto e falou-lhe baixo:

— Esteja atento inkotanyi! Você será contatado hoje à noite. Facilite as coisas para nós!

Ao dizer isso, foi ao encontro do primeiro soldado que encontrou e insistiu para aqueloutro adquirir uma fruta. O soldado recusou a oferta. Foi de um em um, até dar a impressão para todos de que não fazia nada na vida a não ser comercializar frutos. Ficou, por ali, entre os militares, chateando todos com uma lorota sem que nem para quê:

Você quer uma fruta? Você quer uma fruta?

Até um soldado lhe dizer:

— Saia daqui, moleque aborrecido! Não percebe que ninguém mais deseja essa porcaria? Você quer vender essa merda a todo o batalhão?

Foi-se satisfeito, pois, após receber tal bronca, ninguém imaginaria que seu objetivo, na ocasião, fora falar com uma única pessoa entre os presentes, no numeroso grupo de militares. O Dr. Mike ficou a cismar se a Frente Patriótica Ruandesa recrutava crianças para seus quadros. Não acreditou que um moleque daqueles pegasse em arma nos combates. Ponderou que o pequerrucho havia de ser do Departamento Militar de Inteligência — DMI da FPR, para

o qual ele próprio estava a serviço remunerado no Ruanda.

Era noite quando a legião hutu entrou em uma localidade da cidade de Kinyami com ostensivo poderio bélico. Os veículos que iam à frente pararam de imediato, sem adentrar no trecho ameaçador. O general Gedeon Bagirubwira perguntou a um subordinado que estava avizinhado:

— O que foi? Por que paramos, sargento?

— Não sei, senhor!

— Pois vá adiante verificar isso! Avie-se, rapaz!

O militar foi averiguar no que esbarrara os veículos da dianteira do comboio que não se movimentavam. Talvez tenha esquecido a ordem do oficial, pois demorou a voltar. O general, contrariado, ordenou para um soldado:

— Soldado! Vá descobrir o que se passa lá na frente e traga o sargento com você!

Em questão de instantes, o sargento tornou correndo.

— Desculpe-me, general! Temos um problema ali adiante. Eu estudava o caso para dar uma opinião!

— Oh! Muito bem, sargento...! **Você não recebe soldo do exército para estudar, idiota! Você é pago para atirar em tutsi!** O que há por lá?

— Está tudo calmo demais neste bairro de Kinyami, meu general. O pessoal está temeroso de avançar!

O general Gedeon Bagirubwira foi com o Dr. Mike e o coronel francês para a vanguarda do pelotão e cuidou que naquela tenra hora da noite deveria haver muitas pessoas pelas ruas. Estava tudo sossegado, dando a impressão de ser uma emboscada dos Inkotanyis. Constatou que agiram corretamente seus subordinados, quando não se afoitaram e recusaram passar descuidadamente por aquela ruela estreita margeada de casas nos dois lados. As residências pareciam casas-fantasma e no local não se ouvia nada exceto latidos de cães e o sibilo das rajadas do vento esfuziante levantando as folhas e a poeira do chão. O general disse para o mesmo militar com quem falara anteriormente:

— Sargento, monte uma patrulha de onze homens e dê uma batida adiante!

O sargento achou dez homens um número insuficiente para lhe dar segurança, em caso de sofrerem um ataque inesperado.

— Por que não vinte homens, senhor?

O general entendeu a preocupação do rapaz, porém não gostou de ter sua decisão contestada por um subalterno. Tampouco, queria perder um sem-número de batedores; por conseguinte resolveu sacrificar tão somente onze dos seus soldados.

— Sou supersticioso, sargento. Não gosto de número par! Junte-se a mais dez soldados e ponha por obra esta missão! Isso é uma ordem! Avante! E coragem, rapaz!

Contrariado, o militar formou um grupo de heróis e, suando frio, adentrou na sinistra viela. Ele e os soldados estavam atentos a qualquer ruído suspeito, caminhando bem no centro da rua. Estavam tão concentrados que um escutava a respiração do outro. Olhavam para as portas e janelas fechadas dos sufocantes pardieiros que os espremiavam dos dois lados e imaginavam que, de repente, se abririam todas e delas sairiam terríveis guerreiros ávidos por mandá-los para o vazadouro mais abeirado dali. O sargento acudia, a cada passo que dava, que receberia, no próximo, uma chuva de projéteis. Temia sentir seu corpo inçado de balas, sangrando e caído em terra alheia.

E se os guerrilheiros lhes atirassem granadas? Qual morte seria menos dolorida: tiros ou explosão? Preferia morrer por tiros de rifles, pois não queria ter seu corpo retalhado aos cotos por uma bomba maldita. Não desejava que seu defunto fosse entregue à sua mulher em Kigali faltando uma perna, um braço ou sem cabeça. Queria evitar que a amada tivesse como última imagem dele um monte de pedaços de carne humana. Por que o general Gedeon Bagirubwira o escolhera para morrer? Decerto, não o achava um bom sargento. O que fizera de errado, para o general fazer uma coisa daquelas com ele, pois nunca falara com ele antes? Como poderia avaliar sua competência militar, achando-o dispensável à tropa? Foram seus superiores que, talvez, contaram alguma coisa má ao seu respeito! Ou teria sido escolhido para isca porque demorou a retornar com a informação para o general? Não fora culpa dele. Encontrara um tenente, quando chegou à dianteira do comboio.

— O que veio bisbilhotar aqui, sargento? — perguntou-lhe o tenente Fred Kaka.

— O general quer saber o que se passa!

— Estamos preocupados com uma possível armadilha nesse arruado aí defronte. Está tudo muito parado com cheiro de tocaia e é um local ótimo para uma emboscada. O que você acha?

— Não sei, senhor, tenho de retornar para informar a situação ao general.

— Recusa-se a dar resposta a questão tão importante, sargento?

— Não, senhor! Não foi esta minha intenção.

— Volte aqui, aonde vai? Não terminei com você!

O sargento voltou, resignado, porém apreensivo, pois o general o esperava.

— Senhor, o general me aguarda!

— Eu sei disso! O general Gedeon está preocupado com o mesmo problema que eu estou a ver se resolvo. Agora, dê seu palpite e pode partir!

O sargento olhou para o tenente e disse:

— Eu, no seu lugar, formaria um grupo de batedores e penetraria nessa viela aí. Não temos outro caminho para entrar na cidade!

— Você é voluntário para esse grupo suicida, sargento?

— Não, senhor!

Ao terminar esta frase, um soldado apareceu correndo e o chamou.

— Sargento, o general quer que o senhor retorne imediatamente!

Sim, somente poderia ter sido tal fato que motivara sua presença ali!

Eles alcançaram o final da viela e dobraram à esquerda, arruando pela localidade, tateando fora dos olhares dos que ficaram atrás. Após quinze minutos, retornaram todos ilesos. O militar se apresentou ao general, que aguardava em frente do batalhão, protegendo-se atrás de um veículo militar. O oficial perguntou:

— O que houve, sargento? O que aconteceu lá?

— Não encontramos ninguém em especial nas ruas, senhor! Apenas três bêbados que interrogamos. Houvemos de invadir algumas casas para confirmar a informação dos pinguços!

— O que eles lhe disseram, rapaz?

— Senhor general, a Frente Patriótica Ruandesa passou por aqui antes de nós. Parece que as inyenzis aterrorizaram a população. Estão todos com medo trancados em suas casas. Ao perceberem nossa aproximação, ficaram mais temerosos!

— Este pequeno vilarejo é tutsi ou hutu?

— Há tutsis e hutus aqui, senhor! A maioria é tutsi.

— Hum! Veremos isso de perto! Vamos pernoitar neste lugar!

O general Bagirubwira ordenou que a tropa seguisse adiante, a cuidar que havia muito a fazer no lugarejo, naquela noite. O terror para aqueles desventurados moradores não acabara. Fora-se com a Frente Patriótica Ruandesa, todavia retornava mais forte com o exército ruandês. O general ordenou aos seus oficiais comandados:

— Assumam uma posição de cerco! Nós vamos sitiá-lo este lugar. Nesta noite, nem o vento sai daqui sem minha autorização. Sargento! Onde foi que você encontrou os alcoólatras?

— Num botequim, senhor! Existe um neste lugar!

— Pois me deixe lá. Vamos, doutor, vamos, francês! Temos trabalho nesta noite.

O burgo foi todo cercado, de modo a tornar impossível alguém fugir. Ao entrar no bar, o general Gedeon Bagirubwira olhou em roda e percebeu que se tratava de um local módico. As paredes eram de barro e o chão de terra batida. As mesas eram feitas de madeira de lei, cortada das matas em derredor da localidade. Um aparelho de som chinês remendado tocava música africana. O general foi recebido pela proprietária do estabelecimento. Ficou curioso de saber por que apenas aquele comércio estava aberto no lugar. Por conseguinte, dirigiu-se à senhoria:

— Por que somente esta bodega está aberta, senhora?

A mulher olhou para o oficial e, com um sinal de cabeça, apontou os três bêbados que estavam sentados em uma mesa, num canto avizinjado à janela. Padeciam de um alcoolismo crônico e permaneciam quietos como zumbis embriagados, bebendo de raro em raro. Ela deu a entender ao general que aqueles homens a fizeram abrir o estabelecimento e não a deixavam fechá-lo, apesar do perigo potencial, em decorrência da presença dos Inkotanyis e das FAR por aquela região. Gedeon Bagirubwira abeirou-se aos homens e ordenou-lhes:

— De pé todos vocês! Encostem-se contra a parede! Mostrem-me suas identifições!

Os pinguços perceberam que haviam se metido em uma encrenca sem tamanho, ainda mais por serem tutsis. Tinham recebido conselhos para que não se expusessem naquele dia, pois além da passagem da Frente Patriótica Ruandesa, que poderia retornar, havia um rumor de que o exército estava a caminho. O encontro daquelas duas forças militares poderia trazer caos à região. Não deram ouvidos aos amigos, pois o vício do álcool foi mais forte que o temor ao perigo latente. O general reclamou da música que tocava no bar. Revelou que não estava ali para escutar música de tutsi e deu à proprietária do estabelecimento um CD dos três tenores, pois gostava de ópera, de preferência italiana. José Plácido Domingo Embil, Luciano Pavarotte e José Carreras encheram o ar com suas vozes marcantes. O general questionou a proprietária:

— Quanto estes homens lhe devem, minha senhora? Feche a conta deles!

— Eles estão bebendo fiado, general.

— Barbaridade! Fiado?

O general dirigiu a palavra aos três homens detidos:

— Vocês não têm vergonha de obrigar esta senhora a manter aberto o estabelecimento e mesmo assim não pagarem a conta?

Obedecendo a ordens, os soldados revistaram os tutsis embriagados, pegaram todo o dinheiro que tinham nos bolsos e entregaram ao general. Este tornou a questionar a

proprietária:

— Qual o valor da conta deles, senhora?

Ela falou um valor exagerado, percebendo que poderia tirar vantagem da situação. O general se dirigiu à mulher, sem ao menos contar a quantia proveniente dos tutsis.

— Pois tome este dinheiro aqui. É tudo que os infelizes possuem. Veja o que sobra e nos traga de bebida. Estes três já não precisam do que tinham! Dê-nos algo bom, porquanto meu amigo inglês aqui — apontando para o Dr. Mike — é um homem fino. O outro é francês e não preciso falar mais nada! Não quero que voltem para seus países falando mal da pinga do Ruanda.

— Nós só temos bebida comum, senhor.

— Pois me traga uma garrafa dessa tal comum, pois hoje será uma noite igualmente comum.

Sentimentos interahamwes começaram a povoar o coração do general hutu ao ordenar aos seus homens:

— Soldados, levem estas baratas pingüças daqui e deem o fim nelas! Os soldados arrastaram os três homens para fora do estabelecimento. Minutos depois, os que ficaram na taberna, bem como os moradores do lugar, escutaram três tiros, que além de porem fim aos desafortunados tutsis, serviram para apresentar o general Gedeon Bagirubwira de forma clara e transparente. Ele, após ouvir da comerciante um relato da ação da FPR no lugar, em companhia do Dr. Mike e do coronel francês, saboreando sua bebida comum, mandou que chamassem seus oficiais do pelotão e falou:

— O porco do Aaron Bitero plantou o terror aqui. A Frente Patriótica Ruandesa está usando a tática de amedrontar a população para obter colaboração na base do medo e ter facilitada sua campanha. Nós vamos mostrar à gente desta região que se ela teme os Inkotanyis tem mais é que ter pavor de nós. Eu quero dez tutsis mortos para cada um dos sessenta hutus que mataram. O local está cercado, tenente?

— Sim, meu general. Ninguém entra ou sai daqui.

— Pois bem, vá lá fora e atenha-se ao serviço! Não queime nada. Não quero chamás que tornem o clima insuportável, nem fumaça entrando pelas janelas deste bar, pois quero beber e conversar com meus amigos sossegado a ouvir minha ópera. — Ave-maria soou no ar: o general era um homem religioso e temente a Deus. — Tenha estilo e não faça bagunça ou alvoroço!

O líder hutu olhou para a proprietária do bar que estava quieta e cabisbaixa. Ele lhe disse:

— Não tema, minha senhora, nada lhe acontecerá!

Ela redarguiu:

— Eu tenho esposo e filho, senhor. Preciso ir para o lado deles, numa situação dessas!

— Nós resolveremos isso! Tenente Fred Kaka, vá à casa desta mulher e traga quem estiver dentro dela para perto de mim. Inclusive cachorro, gato e passarinho. Tudo que se movimente por lá não deve ser tocado! Deixe-os aí na entrada do bar. São meus convidados. Há mais uma coisa, tenente: quando encontrar a vadia tutsi que apontou para o capitão Aaron Bitero os rapazes da Interahamwe, traga-a para mim. A esta quero dar um tratamento especial!

Desta forma foi feito e a sombra negrejou o mundo em trevas. O tenente Fred Kaka, após confirmar o endereço com a dona do bar, resgatou seu esposo e filho adolescente. Deixou-os assustados e amuados sentados no chão à parede frontal do bar. Um macaco pequeno e magro estava liado por um barbante segurado pelo garoto. As cenas que se seguiram, a partir de então, foram brutais. O Dr. Mike percebeu que nunca, antes daquele dia, imaginou que pudesse chorar sem lacrimejar. Nunca pensara que alguém pudesse dissimular o sofrimento e as lágrimas como se saíssem vaporizadas de dentro de si. Nem supusera fingir indiferença à genuína barbárie. À noite, no burgo de Kinyami, convenceu-se de que lutava do lado certo. Ao constatar a amplitude do inferno em face dos seus olhos, compreendeu por que arriscava sua vida numa guerra entre africanos de etnias diferentes. Da pequena janela de um bar, com um copo de Primus à mão, ao ver a matança, compreendeu que aquilo era um assunto da humanidade toda e não apenas de tutsis e hutus.

O Dr. Mike percebeu que algumas mulheres e meninas eram arrastadas para os matagais em torno da vila onde eram estupradas pelos soldados e depois mortas. Os homens tutsis que resistiam aos soldados ou os atacavam eram torturados e tinham uma morte sofrida. Ele observou que, do outro lado da rua, uma vítima negociou com os hutus, que se encaminharam com ela para o interior de uma residência. Retornaram contando generosas cédulas de francos ruandeses. Percebeu que o homem desesperado, ao ser preso, dera dinheiro a três soldados hutus para ser morto por uma única bala na cabeça. Não quis sangrar por meio de facão nem ser retalhado por fuzil ou granada. Temeu sentir dor ou sofrer em demasia antes de morrer. O general Bagirubwira pediu para o Dr. Mike voltar ao carteado.

— Saia dessa janela, Dr. Mike! Faça como o francês e venha ficar conosco no jogo. Deixe os soldados realizarem seu serviço sossegados. Você é inglês e podem pensar que os recrimina!

O Dr. Mike, imediatamente, atendeu ao convite do general. Ele era um espião experiente. O Ruanda não era sua primeira missão. Já trabalhara na Ásia e na Europa Oriental. Achou que o melhor a fazer era juntar-se ao general Gedeon e aceitar seu convite para uma partida de pôquer, jogado na mesa do bar. Meia hora depois de iniciada a matança, o tenente Fred Kaka voltou com uma jovem e a apresentou ao general.

— Esta é a mulher que o senhor queria ver, meu general!

— Hum! Ela até que é uma dedo-duro tutsi bonitinha!

— Ela não é tutsi, senhor, é hutu.

— Tenente, eu não lhe falei que queria a tutsi amiguinha do capitão Aaron Bitero!

— É essa aqui, senhor. Ela é uma hutu!

— Você checkou isso direito? Será que ela não falsificou sua identificação?

— Não, senhor. A informação foi confirmada por três pessoas distintas, em ocasiões diferentes, mediante interrogatórios.

— Eu não sabia que agora o capitão Aaron Bitero está papando as hutus também. Pelo que sei, ele gosta de rapazes. Por isso, há tanto garoto entre os Inkotanyis. São todos amantes dele. Ah! Ah! Ah! Ah!

O general Gedeon Bagirubwira se interessou pela moça, por ela ter sido escolhida por um capitão da Frente Patriótica Ruandesa. Falou para seu tenente:

— Tenente, passe-me essa piranha! Eu quero descobrir o que o safado do Aaron Bitero viu nela!

O tenente Fred Kaka igualmente estava encantado pela beleza da jovem hutu e desejou tê-la enamorada só para si. Tentou iludir o general:

— Não quer que eu a entregue aos rapazes, senhor? Eles darão uma lição nela!

— Você acha que eu não consigo fazer isso também, tenente?

— Perdão, não foi isso que eu quis dizer!

— Pois então fique de boca fechada e me passe a vadia aqui! Ele arrancou a garota das mãos do tenente Fred Kaka. Perguntou-lhe:

— Diga-me, tenente, vocês tiveram o cuidado de deixar um cantinho limpo, sem sangue espalhado, para as fofocações?

— Sim, senhor! Os rapazes levam as garotas para a colina da luxúria adiante, que foi preservada!

O tenente Fred Kaka apontou um lugar que ficava longe, na esperança de que o general, já embriagado, desistisse da garota e a entregasse para ele, contudo, para seu desgosto, o general turrão lhe inquiriu:

— E em volta deste bar? Vocês não derramaram sangue por aqui, estou certo?

— Claro que não, senhor! Nós não o incomodaríamos com a execução do nosso serviço!

— Pois bem! Neste caso eu vou para trás do boteco com ela!

— Vou providenciar uma escolta para o senhor, meu general.

O general ficou possesso com o excesso de zelo do seu tenente:

— Barbaridade! Insinua que eu não sei me defender, sozinho, duma mulher, tenente? Ou quer mandar homens para me ajudar a foder esta vaca? Acredita que eu não posso dar conta disso, sozinho? Você a revistou ou trouxe uma pessoa armada para junto de um general?

— Não, senhor. Fique à vontade! Nós a revistamos — o tenente Fred Kaka assentiu consternado!

O oficial levou a garota para trás do bar. O tenente, desobedecendo ao seu superior, posicionou, com discrição, para que não fossem notados, alguns soldados em locais estratégicos, dando retaguarda ao general. Temia que algum morador do lugar pudesse surpreendê-lo em situação de descuido. O general, ébrio, tentou de tudo, porém não conseguiu uma ereção que lhe permitisse copular com a bela e sedutora jovem hutu. Depois de algum tempo, exausto e ofegante, desistiu de forcejar por penetrar a mulher e acrescentou aos seus rancores outro ódio pela garota:

Decerto, achara melhor a foda com seu maior inimigo, o capitão Aaron Bitero, que com ele!

Para infelicidade da garota, ela perdeu a vaga possibilidade de se sair minimamente bem daquela história: agradar ao oficial sênior com uma submissa cessão de amor. Ela estava tão assustada e com tanto medo que não raciocinou friamente acerca do que lhe acontecia. O general de virilidade incerta voltou para o bar com ira mortal, pois sua masculinidade fora ferida no contato com a mulher hutu do capitão tutsi. Estava disposto a dar um grande corretivo nela e mostrar-lhe que entre os hutus existiam homens mais machos que entre os tutsis. Rompeu a porta, arrastando-a pelos cabelos, chamando seu oficial.

— Tenente! Tenente Fred Kaka!

— O que foi, meu general?

Fred Kaka ficou surpreso com a atitude raivosa de Gedeon Bagirubwira ao regressar ao bar, pois ele esperava que seu superior retornasse calmo e aliviado, depois de um contato íntimo com uma mulher tão jovem e bela.

— Vá correndo chamar Canisous Rubuga! Tenho um serviço para ele!

Ele, pretendendo livrar a jovem hutu, perguntou ao general:

— Não é melhor entregar essa mulher aos meus rapazes, senhor?

— Que seus rapazes que nada, tenente! Ela encarará a Interahamwe inteira! E peça que caprichem no serviço!

— Eu a entrego aos rapazes e depois a passo para a Interahamwe finalizar! — propôs o tenente Fred Kaka, intencionando ganhar tempo para a garota, pois sabia que dificilmente ela

suportaria o monstro torturador psicótico Canisous Rubuga e sua turma.

— Oh! Vamos fazer o seguinte, tenente: primeiro você a entrega a Canisous Rubuga e se sobrar algum pedaço dela, repasse aos seus meninos afeminados ou fique você mesmo com ela no final, pois está me parecendo que meu tenente está afeiçoado por esta vadia! — acrescentou, de modo cortante, em reprimenda: — **E ponto final neste assunto! Temos uma guerra para cuidar. Avie-se, tenente!**

O General objetou a boa-fé do tenente que condoído entregou a garota ao chefe da Interahamwe, Canisous Rubuga. O miliciano seria recompensado com o retorno a Kigali, mediante a qualidade do serviço. Os gritos de dor da jovem reboavam nos ouvidos do apaixonado oficial, como se enfiassem agulhas no seu cérebro. Depois de algum tempo, fez-se um silêncio revelador e definitivo. O interahamwe passou por ele e lhe pediu que comunicasse ao general que o trabalho fora feito.

— A garota aguenta muito, tenente! Precisei lhe bater compridamente para concluir o serviço!

O tenente Fred Kaka caminhou para o local onde se dera o crime e se aproximou da jovem. Viu-a bastante machucada, ensanguentada e em situação desesperadora. Ela o olhou suplicantemente, porém não pôde pronunciar uma palavra sequer. Parecia não ter dentes ou língua, que lhe fora arrancada da boca. Ele virou-se e caminhou em direção ao bar. Encostou-se à janela, fincou-lhe os cotovelos e falou para o general:

— Canisous Rubuga concluiu o serviço, senhor!

— Qual foi o resultado?

— O melhor possível, general!

— Ótimo! Providencie uma foto da vagabunda para enviarmos ao capitão Aaron Bitero com dedicatória!

O tenente Fred Kaka discretamente fez um meneio para que o Dr. Mike o acompanhasse. O médico o atendeu. O general estava tão alcoolizado que sequer percebeu ou deu importância à ausência do inglês. Fred Kaka levou o médico para avaliar a garota. Ao chegar, o Dr. Mike percebeu que ela estava exangue, desfalecida e com intensa hemorragia. Possuía um inchaço na barriga, possivelmente provocado pelo deslocamento do intestino, forçado por algum objeto grande e penetrante improvisado como espéculo retal. O militar olhava para o médico procurando um raio de esperança. O Dr. Mike, percebendo o porquê de o tenente apaixonado o ter chamado ali, olhou-o seriamente e fez um sinal negativo com a cabeça, como se o gritesse com um não silencioso a verdade que não carece do barulho para explodir num coração enamorado:

Essa criatura já é de Deus; não tem salvação na terra, tenente Fred Kaka!

O hutu olhou para a jovem semiestuporada, que compreendia tudo à sua volta. A mesma verdade que passara pelo gesto anterior do Dr. Mike agora inundava os olhos lacrimejantes da garota hutu. Em decorrência de pancadas, a cabeça estava tumefacta; seus olhos exorbitavam em pestanejos frequentes e pareciam soltar da sua face, lançados ao encontro do olhar do tenente Fred Kaka a lhe suplicar um obséquio.

Olhos decididos e expressivos com a certeza, irmã da verdade derradeira, a mais fatal de todas. O tenente tirou sua pistola do coldre, beijou a testa da mulher hutu e pediu para que ela fechasse os olhos. Como foi atendido, teve certeza do que ela queria! Atirou e abreviou-lhe a agonia. O Dr. Mike pegou Fred Kaka pelos ombros e o tirou dali, pois a cena em nada o fazia bem. Falou-lhe:

— Vamos, tenente, o senhor tem mais alguns assuntos militares para cuidar, além deste que já terminou!

Uma hora e meia depois, o oficial chegou para o general e relatou-lhe:

— Terminamos a operação, senhor!

— Muito bem, tenente, muito bem!

— Quer dar algum nome especial para esta ação de combate, general?

— Você acha isso necessário, tenente?

— Não sei pela importância estratégica, mas, pelo número de baixas do inimigo, esta ação em Kinyami será registrada pela história desta guerra, senhor!

— Quantos combatentes inimigos matamos?

— Setecentos e vinte e dois!

— Diga que matamos setecentos e vinte e três. Sou supersticioso e não gosto de número par!

— Sendo assim, teremos de matar mais gente!

— Já não foram mortos todos os tutsis?

— Vários tutsis e uma hutu, general!

— Ah! Sim, a delatora! Ainda há tutsi vivo?

— Sim, senhor! Temos três tutsis vivos aqui: a senhoria, seu esposo e filho!

— Não pode ser, meu rapaz! Eles são hutus!

— Sinto contrariá-lo, meu general, entretanto, são tutsis e, segundo nossas apurações, são simpatizantes da Frente Patriótica Ruandesa. Os hutus daqui foram unânimes em me dizer isso.

— Basta! Não confie nessa gente do Norte, tenente. Está contagiada pelo discurso subversivo do comandante Paul Kagame e pelo blá-blá-blá da Rádio Muhabura!

— Creio que não, senhor...

— **Eles são hutus e ponto final!**

Em decorrência do tom enfático do general, o tenente Fred Kaka se calou e não mais tocou no assunto, pois o justo Gedeon Bagirubwira, oficial sênior, ceifara uma hutu e salvara a vida de três tutsis. A formosa jovem, por sua beleza inacessível e amor defeso ao oficial, condenou-se à morte. Os três tutsis que lhe deram o que beber tiveram melhor fortuna.

O general manteve o diálogo com o tenente Fred Kaka, a curiosar sua opinião acerca das decisões tomadas na linha de frente.

— Como o senhor retrataria esta ação em Kinyami na História, tenente?

— Não a retratarei na História, senhor. Eu a descreverei tecnicamente em meu diário de combate. Se o senhor quer saber minha opinião, digo-lhe que os hutus a esquecerão e os tutsis tenderão a difamá-la.

O general ficou sereno e falou:

— Então está tudo bem, tenente, pois quando acabar esta guerra, não mais haverá tutsis no Ruanda a maldizer de nós!

O devorante Gedeon Bagirubwira mudou de ideia sobre sua decisão anterior de pernoitar em Kinyami e mandou todos se aprontarem para seguir adiante. Deixaram para trás uma localidade arrasada e desolada que outrora fora alegre. Dormiria nalgum lugar permeio ao céu e à terra no mato fronteiro e acantonaria a tropa alhures. Concluiu:

Seus soldados sem ordenança perderam o domínio da situação e fizeram uma bagunça desmedida. Tudo estava uma tremenda imundície e nem cães conseguiriam dormir numa fedentina de sangue daquelas. Ele não era um porco inkotanyi que se contenta com qualquer migalha e vive como selvagem se escondendo pelos matagais. Era um oficial da caserna e de fino trato!

No caminho, a Rádio Muhabura, sendo escutada pelos militares da inteligência do exército, encarregados de decifrar as mensagens codificadas veiculadas pela Frente Patriótica Ruandesa, apresentava propaganda do movimento guerrilheiro e incentivava a deserção dos membros da Interahamwe e sua absorção pela FPR.

Você, jovem membro de algum partido de oposição ao governo, obrigado a integrar a

Interahamwe para salvar sua vida, arrependa-se dos seus atos criminosos e venha se juntar à Frente Patriótica Ruandesa, não importando de que etnia faça parte!

Você, da Interahamwe, abandone as armas e se arrependa do mal que causou e venha para...

Estamos atentos ao comércio de bois no Norte do Ruanda... O mercado está agitado, entretanto, devemos ter novidades em breve.

Aquelas missivas veiculadas na Muhabura, além de incentivarem dissidências, foram um claro aviso ao Dr. Mike para que ficasse atento ao entorno e a um possível contato da FPR. Lembrou-se do recado do garoto durante o dia, que lhe pedira para facilitar as coisas para os Inkotanyis poderem lhe falar. Imaginava um modo de fazer isso e havia de ser na próxima parada, pois, na anterior, não fora possível, em decorrência do massacre ocorrido em Kinyami.

O general Gedeon Bagirubwira, com dor de cabeça oriunda de uma ressaca terrível, não suportando escutar uma resenha tendenciosa, gritou para um sargento que ia com o rádio no veículo da frente:

— **Sargento, desligue essa porcaria de rádio!**

— Não posso, senhor! Monitoro as comunicações dos Inkotanyis. Aqui no Norte, nós podemos progredir, pois atuam maciçamente nesta região. Quem sabe nós não descobrimos um espião!

— O que estão comunicando que nos interesse?

— Hoje nada, senhor!

— E ontem?

— Tampouco teve nada! Apenas suspeitamos dumas mensagens sobre venda de bois.

— Bois?

— Sim, senhor!

— E quantos bois eles têm?

— Não sabemos, general!

— **Sargento, pegue essa droga de rádio e leve esses seus malditos bois para longe daqui! Agora!**

O sargento manobrou seu jipe pelo acostamento, ultrapassando os outros carros e somente se posicionou em linha quando teve certeza de que o som do seu incômodo aparelho não mais chegava ao general Gedeon Bagirubwira. O Dr. Mike gostou de saber que as notas codificadas

que trocava com a Frente Patriótica Ruandesa já chamavam a atenção do pessoal do exército. Ele precisava descobrir o quanto sabiam. Quando retornasse a Kigali, averiguaria isso. Os bois que aborreceram o general tinham de parar de mugir nos noticiários.

As Flores do Ruanda

Capítulo XIV

Os confrontos militares

O capitão Aaron Bitero, do topo de um outeiro, sentado em um penedo, apesar da parca iluminação pública, observava a dantesca mortandade que ocorria lá embaixo no burgo de Kinyami. Odiou o que via e se recriminava por não dispor, na ocasião, de uma força da FPR que pudesse descer o cerro e parar a matança insana perpetrada pelos homens do general Gedeon Bagirubwira. Foram, talvez, os piores momentos na vida do líder tutsi durante a luta pelo poder no Ruanda. Ver sua gente ser covardemente chacinada sem nada poder fazer foi uma dura experiência para o capitão. O testemunho foi decisivo para o restante do conflito, pois o ódio e a indignação nascidos ali diante do massacre fizeram-lhe decidir confrontar o exército do general Gedeon de imediato.

O capitão Aaron Bitero, às vezes, focava sua atenção para o interior do bar e enxergava um sorridente general, a tomar sua bebida gratuita, oferta da casa, a escutar sua ópera predileta. O gordo hutu regia a seleta música clássica movendo seus braços, harmoniosamente, como se nas mãos possuísse batutas alheias à sensação mortuária espriada no ar.

Ota Uwiragiye, o leal espião do comandante Kagame, também observava o morticínio que ocorria abaixo do cerro. Percebeu que aquele era um momento triste para seu capitão, defensor de todos os tutsis. Abeirou-se para confortá-lo, pois o líder não podia baixar a cabeça, ainda que em face da visão de vários tutsis retalhados à faca e balas. Falou para seu superior, temeroso do seu estado anímico:

— Vamos embora, senhor. Dê-me esses binóculos, pois nada temos a fazer aqui! Vamos descansar que teremos um dia longo amanhã.

— Como eu poderei serenar, Ota, se estou a presenciar uma matança de tanta gente inocente?

— É o estilo deles, meu capitão. Isto está próximo de acabar.

— A que preço isso chegará a termo, amigo? Quantas mortes de tutsis ainda veremos, antes de esta guerra terminar?

— Conto que poucas, capitão! Eu estou dando tudo de mim para que poucos tutsis morram.

— Havemos de acelerar, meu amigo. O que vejo agora me mostra que são verdadeiras as informações de que há um plano de extinção dos tutsis.

— Eu sei, capitão.

— Eles querem dar-nos o que os nazistas forcejaram por fazer aos judeus: exterminar-nos. Temos de contatar o Dr. Mike para sabermos o que tanto fala o pançudo alcoólatra!

— Desta vez, eu o procurarei em Kigali e repassarei as informações para o senhor. Não mais me esconderei daquele médico!

— Não, Ota Uwiragiye, nós necessitamos de saber tudo que pudermos até amanhã, pois vou juntar as tropas e vamos atacar esses assassinos hutus. A sorte está lançada. Amanhã o Ruanda mostrará ao mundo a cara que terá para sempre!

No intervalo entre a noite e o amanhecer, quando alguns teimam em não acordar e outros em não dormir, as colinas silenciaram e os fatos consumaram-se. Todos os mortos foram entregues aos desígnios de Deus ou do maligno, e mais nenhum corpo frio se movia na terra gelada pela tóxica bruma ruandesa. O exército descansava numa clareira apinhada de tendas armadas. Os soldados, deitados e cansados, estavam silenciosos e com remorso, medindo sangue, sentindo o peso da responsabilidade de terem tirado tantas vidas inocentes. As adagas sujas identificavam o tamanho da realidade que se assoberbara diante deles, após seus corpos antes quentes esfriarem-se, quietos. Algo os dizia que guerrilheiros tutsis chegariam em breve, pois o convite lhes fora feito. O sangue aspergido nas matas que se apresentara como cheiro em suas narinas ou nódoas em suas mãos ainda não se mostrara como gosto em suas bocas. O alvorecer orvalhado, triste e cabisbaixo, empurrava a sombra para longe dali. A noite acudiu-se por trás da mãe-terra, refugiando-se além dos montes, envergonhada e desejosa de passar adiante a tristeza do Ruanda que recaíra sobre ela como estampidos, lágrimas, lamentos e dor à larga. O sol reapareceu e iluminou os pecados.

O general hutu acreditava que a matança da noite anterior seria suficiente para atrair os guerrilheiros até onde seu regimento estava localizado, pois temia ir-se mais ao norte. Quanto mais setentrional era sua posição, mais distante da base ficava e mais forte oposição seria encontrada. Mandou que todos se preparassem para o combate.

— Tenente Fred Kaka, prepare seus homens, pois macacos sairão destas matas para nos enfrentar, em breve.

— Acredito que ainda hoje, meu general!

— Como o senhor sabe disto, tenente?

— Pela Muhabura. Estão emitindo alertas e convocações à população, orientando que todos se protejam como puderem. Deram até alguns detalhes da operação.

— Hem! Estão dizendo isso tudo por meio de uma maldita estação de rádio?

— Sim, senhor!

— Por que esta infame transmissão não está aqui junto de mim, tenente?

— O senhor expulsou o sargento responsável pelas comunicações de perto de si!

— Eu o expulsei porque ele somente falava de malditos bois. Traga-o de volta de imediato, tenente. Será que vocês nunca aprenderão a ser soldados?

— Acho que não, senhor!

— Você supõe, tenente Fred Kaka? Pois eu tenho certeza disso! Depressa! Traga-me este amaldiçoado rádio, pois quero saber se Paul Kagame me oferece uma canção de amor! Ah! Ah! Ah! Ah!

Pela manhã, a Rádio Muhabura incitou violência contra os soldados do exército ruandês:

Nós vamos acabar com vocês todos, soldados do exército! Vocês são assassinos da pior qualidade! Seu dia, finalmente, chegou. Não mais verão as colinas de Kigali, pois seus corpos fétidos e podres adubarão as matas de Kinyami.

Após matá-los, nós vamos para suas casas dormir com as viúvas que vocês nos deixarem seus tarados depravados nojentos. Vamos dar-lhes algo pior do que vocês deram às nossas garotas em Kinyami!

Nós vamos matar seus filhos. Nós estamos dando a volta pelo leste e estamos perto da nossa capital!

A FPR manteve, ao longo do dia, uma forte propaganda que visava baixar o moral das tropas do exército. Os Inkotanyis, além disso, soltavam dissimuladas informações táticas, sem importância, para garantir que o rádio permanecesse ligado e abeirado ao general hutu. O tenente Fred Kaka veio às pressas até o general Gedeon Bagirubwira e lhe falou:

— Meu general, os homens estão apreensivos e desejam retornar para defender seus familiares!

— Que besteira é esta, tenente?

— Eles não estão em condições emocionais de lutar aqui tão longe de casa!

— Por quê?

— Kigali está sob intenso assalto rebelde, senhor!

— Como você ficou sabendo disto, tenente Fred Kaka?

— Nós contatamos a sede!

O general Gedeon Bagirubwira ficou em dúvida sobre qual atitude tomar em relação àquele problema e questionou o coronel Pierre Raynaud, que lhe respondeu:

— Esta história pode bem ser um truque, general. Não sei como a Frente Patriótica Ruandesa pôde dar a volta e chegar a Kigali sem ser notada. Isto é possível?

— Claro que não! A não ser que tenham se misturado à população ou encontrado pouca resistência pelo caminho via leste do país. Você checkou isso, tenente?

— Senhor, eu não sei a quantidade de guerrilheiros que estão acoossando a capital! O presidente, contudo, quer que o senhor lhe preste esclarecimentos acerca da defesa da sede do governo!

— Quando ele quer que eu faça isso?

— Neste momento, pelo rádio, senhor general!

O general hutu estava em uma encruzilhada. Fizera muito esforço para derrotar os Inkotanyis nas portas boreais, mas tinha de retornar, quando já havia caminhado muito neste sentido. Ou ele ignorava o apelo do presidente, ficava e obtinha um desfecho consagrador, ou tornava e adiava o final da campanha, com franca vantagem para Frente Patriótica Ruandesa. Se ficasse e a capital sofresse algum dano, seria seu fim como militar. Questionou novamente o coronel francês:

— Poderíamos enviar parte do regimento de volta e mantermos nossa posição com o outro contingente, coronel Pierre Raynaud?

— É temeroso adotar esta alternativa, general. Acredito ser exatamente isso que Aaron Bitero quer que o senhor faça! Ele quer que fique mais fraco ao dividir sua tropa!

Após pensar, o general Bagirubwira informou ao presidente que tornava ligeiro para defender a retaguarda. Sua decisão foi aprovada pelo Presidente da República, que não gostou de escutar artilharias tutsis tão próximas apontadas para ele.

Em sua engenhosidade, Aaron Bitero criou um grupo de cerca de cinquenta pessoas residentes na capital e as fez se embrenhar em uma colina de difícil acesso. Mandou-as abrir fogo a esmo. Ele questionara o seu fiel colega:

— Tenente Ota Uwiragiye, quem nós temos de confiança em Kigali?

— Como assim, senhor?

— Quantos soldados você tem no seu grupo em atividade na capital?

— Poucos! Talvez, não mais que trinta homens.

— Necessito que você forme com eles um batalhão e ataque a capital do país!

— Acredito que não entendi bem, senhor!

— Você me compreendeu muitíssimo bem, tenente Ota Uwiragiye!

— Quando será esta ofensiva?

— Hoje! Junte também algumas mulheres na ação, se preciso for. Em último caso, os adolescentes, do mesmo modo.

— Morrerão todos!

— Eu sei que todos morrerão, mas evitarão que outros milhares venham a falecer em um futuro próximo. Peça-os que mantenham o assalto apenas por duas horas. Os que estiverem vivos até então devem fugir!

— Serão duas rudes horas para eles que lhes valerão a vida ou a morte. Qual sua estratégia?

O capitão Aaron Bitero continuou explicando sua estratégia para o enfrentamento com o exército do general hutu:

— Nós, durante o dia de hoje, sinalizaremos na Rádio Muhabura que estamos à porta de Kigali, prontos para invadir a cidade. Não acreditarão facilmente, mas não estarão convictos que nós não poderíamos realmente fazer isso. Falaremos que estamos prontos para tomar o palácio do governo. Nessa ocasião, entra seu grupo de cinquenta ou mais pessoas com armas e granadas. Aplicará o terror numa borda da cidade, próxima ao aeroporto, na colina Karama, onde possa ficar protegido, a ponto de protelar o sucesso da reação da guarda presidencial. Nesse intervalo de tempo, eu espero que o general Gedeon Bagirubwira assuma uma posição de retirada e nos dê as costas e a possibilidade de cercá-lo entre dois cerros a um quilômetro daqui. Diga aos seus homens que é chegada a hora do assalto final e que precisam desviar a atenção da guarda presidencial.

— Isto não será honesto com eles, capitão!

— O nosso compromisso é com o Ruanda, tenente, e com a maioria dos tutsis. Uma parte de nós perecerá nesta guerra. Talvez eu ou você, quem sabe.

— Temo que esta porção seja uma quantidade elevada.

— Você se refere à possibilidade de genocídio, tenente Ota Uwiragiye?

— Sim, senhor. Cada vez mais acredito nisso!

— Se o genocídio vier, os hutus entregarão o Ruanda em nossas mãos, pois somente terão o caos a que recorrer, quando atacarmos de forma definitiva.

— Senhor, valerá a pena uma conquista a tão alto custo?

— Claro que não! Tampouco quero o genocídio. Portanto temos de agir com força e inteligência. Providencie a isca que lhe peço!

— Está certo. Assim será feito! A artilharia está à nossa disposição escondida dentro de sacas de sementes na Fazenda Boa Esperança.

— Eu sei, o lote que entregamos lá!

— Elas se destinam a armar a população tutsi, no momento oportuno.

— Chegou esta ocasião, tenente Ota Uwiragiye. Arme seus tutsis!

— Como queira, senhor. Vou me comunicar com minha base. Em três horas entrará a investida.

— Ótimo, Ota. Agora, intensifique as missivas na Muhabura.

O assalto ao aeroporto kanombe poderia parecer absurdo para o general hutu, todavia atingia a principal rota de fuga desejada pelo presidente. Ele sentir-se-ia deveras atacado em sua intimidade, se visse bombas caindo no aeroporto, sua plataforma de lançamento pessoal em caso de aperto e acreditaria estar diante de um ataque definitivo dos Inkotanyis.

Duas horas e meia depois, mediante uma forte propaganda na Rádio Muhabura, o caos tomou conta da região próxima ao aeroporto na colina Karama. A guarda presidencial se dirigiu para o local com armamento pesado, crente estar diante do ataque derradeiro da Frente Patriótica Ruandesa contra o país. O presidente estava em perigo e o aeroporto estava sob cerco. Os morteiros foram lançados contra a colina e os guerrilheiros se protegeram como puderam.

Ao meio-dia, após as FAR iniciarem o retorno à base, às pressas para acudir a capital sitiada, o tenente Fred Kaka chegou apreensivo perante o general Gedeon Bagirubwira e lhe falou:

— General, o comando afirma que enviou uma mensagem falsa!

— Que mensagem falsa, tenente?

— Não houve um ataque maciço da Frente Patriótica Ruandesa em retaliação às nossas ações em Kinyami, conforme divulgado na Rádio Muhabura! Apenas umas setenta pessoas, despreparadas e maltrapilhas, inclusive prostitutas, atacaram o aeroporto da cidade. Foram todas dizimadas. O tenente dava meia-volta e se encaminhava para outro lugar, quando o general o chamou de volta.

— O que você imagina que possa ter ocorrido, tenente Fred Kaka?

Para responder ao seu superior, ele se virou e baixou a cabeça, para lhe sussurrar algo, dificultando o acesso ao general por mira de rifle. Sua opinião continha um presságio nada bom para o regimento: uma emboscada.

— Eu suponho que o assalto ao aeroporto tem algo a ver conosco, senhor! Nós precisamos estar atentos, pois podemos ser emboscados a qualquer momento. Olhe em roda,

general, e perceba como este lugar é propício para uma tocaia. Precisamos pôr nossos homens em alerta. Podemos ter cometido um grande erro!

Aaron Bitero viu no gesto do tenente a percepção da armadilha e ordenou o disparo, ainda que o General estivesse encoberto. Não poderia desperdiçar um ataque-surpresa. Ao terminar a frase, o tenente Fred Kaka recebeu em seu crânio uma bala retilínea propelida com destreza e que descera absoluta por sobre o mato rasteiro do morro em busca do coração do general Gedeon Bagirubwira. Somente não a recebeu em seu interior, pela providencial nuca do tenente Fred Kaka, que fez seu último gesto consciente em vida. Ao desfalecer, o corpo do tenente caiu sem governo próprio. Antes de tombar, recebeu mais algumas das balas que caíam das duas colinas à esquerda e à direita da falange das FAR atônita e, mortalmente, surpreendida. Quando os soldados do general Bagirubwira conseguiram uma posição que lhes possibilitasse um mínimo de defesa ao sopé dos cerros, boa parte deles já estava morta ou obliterada, agonizando sem condições de luta. O general, Dr. Mike e o coronel francês lançaram-se embaixo do jipe e aguardaram arrefecer o ataque dos Inkotanyis, para tomarem uma decisão que pudesse lhes salvar a vida. Um sargento acudiu-os com um grupo de soldados, atirando sem parar contra os morros. Com um caminhão, ele manobrou para que o general Gedeon Bagirubwira pudesse escapar do fogo cruzado. O médico, o francês e o general pularam no veículo, que abalou velozmente, recebendo um enxurro de balas. Outros veículos o seguiram na retaguarda em sua proteção.

Um a um centenas de soldados hutus caíam exterminados inapelavelmente quebrantados, espingardeados com incessante artilharia. O caminhão em que fugia o general fazia piruetas pela estreita estrada e era fustigado por balas que o atravessavam de um lado a outro. Na sua carroçaria uma chapa reforçada de aço blindado, posta justamente para dar proteção aos soldados em situações como aquela, salvava da morte o general, o médico inglês e o gaulês. Conseguiram se evadir, para desespero do capitão Aaron Bitero, que observava, com contentamento, tantas mortes que se sucediam ao sopé do cerro. Mortes que significavam muitas vidas tutsis que seriam poupadas. Diante do mortal combate, o chefe tutsi comemorou a vida e se questionou se agradaria ao general Gedeon Bagirubwira ouvir suas óperas preferidas naquele momento.

* * * * *

No instante em que Fred Kaka recebeu o tiro fatal na cabeça, sua mãe, em casa, sentiu uma físgada no coração e pressentiu que algo de ruim ocorrera com seu progênito. Ocorreu-lhe uma destas coisas que somente as mães conseguem entender, mas não sabem como explicar aos outros. Ela, que adquirira uma militofobia sincera, se dirigiu ao marido, com uma expressão sombria e amargurada. Com uma voz fatalista, falou-lhe:

— Aconteceu, querido!

Ele convivia com sua mulher havia anos e, por conseguinte, entendeu sobre o que ela

falava, porém, mesmo assim, perguntou-lhe:

— Aconteceu o quê, mulher? Por que você está triste assim?

— Nosso filho...

— Que houve com Fred?

— Não sei, algo ruim o abraçou!

— Rá, rá! Como você pode saber de uma coisa dessas? Como pode ter certeza? Pare de se amargarar!

A mulher se atirou ao marido, inconsolável, gritando aos prantos:

— **Fred, meu Fred. Eu quero o meu Fred de volta!**

— Calma, querida! Eu vou ao quartel obter notícias dele.

O pai do tenente Fred Kaka dirigiu-se à praça do exército onde seu filho servia e, ao chegar ao portão, foi barrado por uma sentinela:

— Alto lá, senhor! Ninguém pode entrar!

— Eu sou pai de um oficial desse regimento e procuro informação sobre o meu filho!

— Infelizmente, tenho ordens para não deixar ninguém entrar!

O homem percebeu uma grande agitação no quartel. Soldados se moveram de um lado a outro para enfim entrarem em formação. Veículos chegavam dos combates no aeroporto da cidade. Alguns traziam corpos dos guerrilheiros mortos, para identificação. Um sargento colega do seu filho o reconheceu e se aproximou.

— Boa tarde, senhor, sou amigo do seu filho!

O pai do tenente reconheceu o colega do filho. Perguntou-lhe:

— Você tem notícias de Fred?

— O tenente Fred Kaka está em uma missão de reconhecimento no Norte, senhor!

— Eu sei disso! Sou o pai dele. Quero saber se está tudo bem por lá!

— Claro que está! Seu filho é um militar treinado para combates!

— Militares, apesar de treinados, também morrem. Desejo saber se ele está ferido!

— Ninguém pode lhe garantir nada neste momento. Perdemos a comunicação por rádio com seu batalhão há uma hora.

— Por que isso ocorreria?

— Sinceramente, não sei! A pior das hipóteses é de que entraram em combate com a Frente Patriótica Ruandesa, entretanto, mesmo assim, a comunicação por rádio com a base é vital e não a abandonariam por qualquer motivo.

— A não ser que tenham sido exterminados, não é?

— Sim, contudo existe a possibilidade de o rádio ter quebrado!

— Não teriam como consertá-lo?

— Dependendo do tipo de problema, não! Porém eles têm um segundo aparelho de reserva!

— Talvez os dois tenham se quebrado?

— Pode ser, senhor!

A derrota do regimento das FAR estava sendo mais factível para o pai que a possível quebra de dois aparelhos de transmissão ao mesmo tempo. Seu filho estaria em apuros e ele nada podia fazer. Perguntou, por fim, ao sargento:

— Qual foi a última transmissão deles?

— Disseram que estavam sob fogo cruzado da Frente Patriótica Ruandesa! — falou com sinceridade em respeito aos sentimentos do pai de um amigo seu.

A premonição tida por sua esposa havia instantes tomou forma como referente a algo crível, nos seus pensamentos. Agradeceu ao sargento e saiu cabisbaixo da frente do quartel agitado, imaginando o que poderia ter acontecido ao seu filho querido e, principalmente, como daria a notícia à esposa, que amava o rebento caçula mais que a ele e a ela juntos. O menino era tudo na vida da mãe, que sempre fora contra seu engajamento no exército! Ela costumava comentar:

— Você não tem vergonha, Fred? Gradua-se em Engenharia da Computação na França e torna ao Ruanda somente para dar tiros em tutsis que não valem o preço da bala gasta? Abandone esse exército e venha ajudar seu pai nos negócios. Foi nisto que deu formar-se numa profissão inútil no Ruanda!

No ano de 1994, a Engenharia da Computação era algo novo demais para o mercado de trabalho do Ruanda, por conseguinte Fred Kaka optou por ingressar no exército ruandês. Como era muito inteligente e possuía uma formação superior, entrou no posto de tenente. Era jovem e gostava do prestígio que a farda lhe dava na sociedade kigalense. Fino, belo e solteiro, fez sucesso entre as mulheres. Galante e sociável, o donzel adorava as festas, o riso e a folga, por isso, ficou conhecido entre os jovens de Kigali. Era um líder nato, exemplo a ser seguido e formador de opiniões.

— Pai, ajude-me a me despedir da minha mãe!

O tenente Fred Kaka chegara, na noite anterior, com o imprevisto de que viajaria para o norte com um regimento do exército ruandês ao encontro da Frente Patriótica Ruandesa. Ingênuo, explicou para seu pai que se tratava de uma missão importante que, por certo, resultaria em um combate decisivo contra os Inkotanyis e que, em vista disso, estava contente por ter sido escolhido como um dos líderes da operação. Seu pai ficou satisfeito e bastante orgulhoso do filho, todavia sua mãe ficou inconsolável e ameaçou invadir, sozinha, o quartel do exército, para impedir a ida do filho na missão.

— Não vá, Fred, não vá! Eu estou com um pensamento ruim!

A mãe do tenente falava de um modo tão seguro e convincente, como se pedisse que acreditassem que ela alguma vez na vida já bebera água. Se aquela fosse a primeira ocasião em que tivesse se comportado daquela maneira, decerto, teria convencido o filho a ficar, porém era uma mãe apaixonada pelo rebento e ciumenta. Já se opusera a muitas das iniciativas do amado progênito, que provava à mãe, no final, que tinha deliberado e agido corretamente. Ela ficou amargurada, por não poder evitar-lhe a viagem ao norte infestado de tutsis armados. Via o Ruanda setentrional como a terra da sombra, sem lei ou piedade. Por isso, negou-se a se despedir dele. O pai dirigiu-se à esposa e falou:

— Mulher, nosso filho tem de partir. Ele não pode seguir viagem sem a bênção materna!

Ela olhou para o filho com a expressão de quem entrega ao Iluminado um tesouro sem preço.

— Que Deus o abençoe, meu filho! Que a Luz o acompanhe nessa viagem!

A mãe beijou o filho, abençoou-o e o entregou a Deus!

O telefone tocou insistentemente no CHK. Lentamente, uma enfermeira, após despachar um visitante que pedia informações sobre um paciente provavelmente internado, atendeu o telefone.

— Alô, boa tarde, Centro Hospitalar de Kigali; no que posso ser útil?

Do outro lado da linha, uma voz distante e cortada por interferência, insistia:

— Alô, eu quero falar com a Dra. Isabelle! Isabelle... Não, não... Dra. Isabelle! Rápido!

— Alô! Alô! Eu não o escuto bem! Fale mais alto!

— Alô, aqui é o Dr. Mike! Por favor!

— Dr. Mike? Ele não se encontra no hospital. Está viajando!

— Não, minha senhora, é o Dr. Mike quem fala!

Para a felicidade do médico, a qualidade da transmissão melhorou, pois a atendente cogitava pôr o aparelho no gancho, movimentando-o neste sentido. Com toda a mansidão do

mundo, ela falou:

— Alô, Dr. Mike, como está o senhor? Como está sendo a viagem? Está aproveitando? Dizem que o Norte é bonito...

O inglês interrompeu a telefonista.

— Chame-me a Dra. Isabelle, é urgente!

— Ela está assistindo um paciente neste momento! Deixe-me um recado que eu a peço que entre em contato com o senhor, depois. Diga-me o seu número?

— Qual é seu nome, minha filha? Chame-me a Dra. Isabelle, agora! Se ela não atender este telefone em trinta segundos, a senhora será demitida e a mando dar plantão na Interahamwe.

A plantonista foi, correndo, chamar a médica.

— Dra. Isabelle! O Dr. Mike está ao telefone e quer falar urgentemente com a senhora!

— Diga-lhe que daqui a pouco eu ligo para ele! Anote o número que usa para me ligar!

— Ele a quer ao telefone imediatamente, senhora. Deve ser algo sério ou perigoso, pois ele disse que se trata da Interahamwe!

— Interahamwe? O que o inglês tem a ver com aqueles lunáticos? Odeio a turma de Canisous Rubuga. Outro bom motivo para acudi-lo mais tarde!

— Por Cristo, doutora! Atenda ao chamado dele agora! Ele conheceu minha voz, tenho certeza disto! Eu sou tutsi. E se ele for da milícia?

Percebendo a aflição da colega, resolveu falar com o Dr. Mike. Manteve o paciente na maca, visto que o quadro dele era estável.

— Alô, é a Dra. Isabelle. Fale, Dr. Mike!

— Dra. Isabelle, aconteceu uma desgraça! Pegue sua maleta e traga material suficiente para fazermos uma cirurgia de pequena gravidade, neste momento!

— Onde o senhor está?

— Não posso lhe falar agora! Esse telefone aí pode está grampeado! Simplesmente pegue a estrada para Kinyami e, quando alguém lhe pedir que pare, atenda! Ele lhe fará um sinal de cruz com os dois braços, para a senhora ter certeza de que fui eu que o mandei.

— Por que o senhor não remove o paciente para cá?

— Tentava fazer isso! Fomos obrigados a parar, pois ele não aguentaria a viagem em um veículo que chacoalha muito.

— Quem é o paciente?

— Isto é a principal coisa que eu não posso lhe dizer. Para seu próprio bem!

— Cruz-credo! Quanto mistério! Estou indo!

— Como a senhora virá?

— Na ambulância, é claro!

— Não, nem pensar! Chamaria muita atenção! Venha na sua moto e sem a bata de médica. Vista uma calça jeans confortável e sua jaqueta da Cruz Vermelha, pode lhe ser útil — santa profecia! — A quantos quilômetros por hora essa motocicleta pode chegar?

— Cento e vinte quilômetros por hora, Dr. Mike!

— Venha a cento e oitenta!

* * * * *

Eu me apressei a preparar uma maleta médica com tudo de que precisava para uma intervenção cirúrgica de emergência em campo aberto. Pedi a uma enfermeira que encaminhasse o meu paciente para outro alguém. Às pressas, preenchi o prontuário dele com as últimas anotações que julguei pertinentes, para conhecimento do colega que me rendesse. Solicitei que a ajudante atualizasse os dados de temperatura e pressão arterial. Fui para o estacionamento do hospital em busca da minha motocicleta. Ao chegar ao veículo, percebi que não havia como me equilibrar nele e carregar o fardo. Fui correndo para frente do CHK e olhei para um ponto familiar. Lá estava o twa Tharcisse Mugabe, sentado sobre as raízes do majestoso podocarpo, vendendo suas flores fúnebres. Gritei em sua direção:

— Tharcisse! Tharcisse! Tharcisse Mugabe!

Não precisei chamar o twa outra vez. Bastou pronunciar seu nome para que viesse correndo arfante em direção à amada!

O que foi, Dra. Isabelle? A senhora está mais branca que de costume. Está mais alva e mais linda! — tentou-me conversar.

— Hum! Olhe o galanteio, seu twa esperto! Suba nesta motocicleta e pegue essa bolsa aí! Abrace-me forte, pois vamos correr!

— Aonde nós vamos?

— Nem eu sei, Tharcisse! Partimos ao encontro do Dr. Mike.

— A senhora tem de se afastar daquele médico, Dra. Isabelle. Ele é garantia de barulho!

— Não exagere, rapaz! Ainda gosto dele!

* * * * *

Eles foram com toda a pressa do mundo. Isabelle passou por um posto de gasolina para abastecer a motocicleta e pegou a estrada para Kinyami a toda velocidade. Tharcisse, outra vez, se encantava com a cinética expressa nas colinas que recuavam céleres ao largo e percebia os postes de luz riscarem sua orelha. Desta vez, estava calmo, pois descobrira que podia sobreviver àquela experiência, desde quando viajara de Land Rover, com o Dr. Mike. Estava ainda mais radiante, pois gostava, por trás, o corpo da sua deusa infinita, na terra de homens simples e mortais. Percebeu que rumavam no sentido da estrada da morte e do campo dos implacáveis Inkotanyis, que entestava o reino das trevas. Porém nada o amedrontaria, enquanto estivesse enlevado ao dorso do seu sincero amor. Mais à frente, as bombas e os morteiros retumbavam pelo céu e a fumaça alta anunciava que seguiam para o reinado da sombra e que o horror estava a postos esperando por eles. Se ambos morressem por uma rajada de balas dos rebeldes da FPR, Tharcisse seria o twa mais feliz do mundo, por estar abraçado à paixão no seu último suspiro de vida. Num fim de tarde de céu e terra avermelhados, enquanto milhares de hutus e tutsis sentiam ódio e falavam de morte, um mero twa sentia amor, alheio ao desespero em volta. Sentia que estava em paz ao lado da amada, ainda que mil trovões de bombas caíssem do céu por sobre sua cabeça. Tharcisse Mugabe se deliciava, numa comovente efusão:

A sua Dra. Isabelle, linda e veloz, cortando a metal o vento frio, com seus cabelos esvoaçantes harmonizados com as pétalas das flores que ele tinha em mãos, era a imagem de uma santa iluminada que ia abençoar uma parte do Ruanda tomada pelo cão!

Na marra, o Dr. Mike se aguentava na carroceria do caminhão, empreendendo não rolar e ficar encostado à placa de aço, o único local do veículo que suportava a carga dos impactos produzidos pelas balas dos guerrilheiros que miravam em direção ao comboio em fuga. Seus ouvidos quase explodiam com o som dos projéteis ricocheteando no metal. O coronel francês e o oficial hutu atinham-se ao mesmo esforço. Em dado momento, o general, por ser excessivamente obeso, não conseguiu suportar, a pulso, seu peso, no instante em que o veículo chacoalhou, ao passar por uma depressão da via. Gedeon Bagirubwira foi arremessado para cima e, no ar, antes de chegar ao teto de lona do caminhão, teve seu ombro rasgado por um projétil de fuzil AK47. Pôde observar, do alto, migalhas de ossos caindo no assoalho do veículo antes de sentir seu próprio baque. O general hutu deu um berro de horror, ao sentir, pela primeira vez em combate, o cheiro do seu próprio sangue.

— **Maldito Aaron Bitero!**

O Dr. Mike olhava para trás do veículo e via os soldados em jipes se achegando para proteger o general. Eles caíam como moscas pulverizadas com inseticidas. Quanto mais

morriam, mais deles apareciam em socorro do oficial baleado. Buscavam eroísmo, promoção, medalhas e salvação. Quando conseguiram chegar ao perímetro fora do alcance dos projéteis tutsis, apenas nove deles mantinham-se na escolta firmes. Por uma sorte que o Dr. Mike não entendeu ser possível, sobrara um motorista vivo para guiar o caminhão. O rapaz ao volante asseriu ser o terceiro a pegar a direção durante a arrancada, pois dos dois soldados condutores antes dele, somente o corpo de um permanecia na cabina do veículo. O outro, ele teve de arremessar agonizante, para fora, como condição de salvar a vida dos que estavam ali ouvindo sua história. Somente assim, com bravura e heroísmo, o grupo pôde ultrapassar uma cachoeira de balas e morteiros e seguir adiante com Gedeon Bagirubwira agonizando de dor.

O general hutu amaldiçoou o Dr. Mike, por ter largado sua valise de primeiros socorros para trás. O médico explanou-lhe que, para estar ali com ela em mãos, só se morto estivesse. Afirmou ao general que não teve tempo sequer de respirar. O Dr. Mike avaliou o quadro do general e concluiu que ele não tinha condições de se manter em fuga. Não poderiam comparecer a um hospital da região, pois seriam descobertos pelos inimigos. Por conseguinte, ordenou ao motorista:

— Pare no primeiro local discreto em que haja uma residência e um telefone público. E seja rápido nesta escolha, soldado, pois o general está ferido. Precisa acamar-se e convalescer um pouco para seguir viagem.

— Eu conheço uma mercearia solitária na próxima entrada à direita que leva para a cidade de Murambi!

Pois vamos até ela!

— Senhor, deve haver clientes no estabelecimento neste momento!

— Soldado, renda-os todos! Não podemos arriscar. Pode haver alguém que nos delate aos Inkotanyis.

— Não é melhor chaciná-los? Nós podemos mandar nossos homens na frente para limpar o caminho e ninguém verá o general!

— Pois bem, que seja, soldado!

O general Gedeon Bagirubwira, percebendo a desenvoltura do Dr. Mike no comando da operação de fuga, falou:

— Parabéns, Dr. Mike, o senhor daria um ótimo oficial do exército. Eu sempre soube que tem sangue hutu nas veias. É sua primeira ordem de morte?

— Sim, general. Nunca antes passara por uma situação extrema desta natureza. A necessidade muda o ser humano. Não fale e economize suas energias o quanto puder!

Após os soldados terem assassinado todos os clientes da quitanda, inclusive o senhorio, o caminhão estacionou. A primeira coisa que o general fez foi criticar seus homens por terem atirado nas vítimas em vez de terem sido silenciosos. O Dr. Mike acomodou o general deitado

em um canto da venda e começou a aplicar-lhe compressas de água fria para manter sua temperatura num nível suportável. Após ter ligado para Isabelle, esperava que ela chegasse a tempo de salvar o homem. O general estava tépido como nunca antes estivera na vida. Seu poder de nada adiantava no momento, na brenha erma.

* * * * *

Eu acelerava pela estrada e percebia o fulgor dos morteiros alumando o céu como estrelas caídas espalhando funerais. Achei o visual parecido com um show pirotécnico em uma noite de réveillon em Nova Iorque. Eu temia que algum fogo caísse perto da moto e interrompesse minha viagem. O twa prestava atenção em cada luz de bomba que iluminava sua amada Isabelle, para se certificar de que eu estava bem e confortável. Ele era só prazer de me ver feliz. Falei para o twa:

— Tharcisse, você já viu um céu tão lindo quanto este?

— Não, Dra. Isabelle!

— Eu não sabia que a guerra era tão fascinante e linda!

— Há uma parte menos bonita nela, senhora!

— Eu sei disto, contudo esta que vemos é a parte que nos cabe desta aflição, por enquanto — o céu estava artificialmente encoberto por brasidos nimbos coloridos a fogo. — Mesmo sabendo das mortes aqui embaixo, não posso negar que o horror do céu fulgurado é poético. Ele está como a última dose de vodca que não devemos tomar, sob pena de ficarmos embriagados: terrível e apaixonante.

— A senhora é inteligente e fala bonito.

— Eita, Tharcisse, que mimice! Pare de me bajular, twa! — e acrescentei: — Este céu me parece uma pintura de Van Gogh!

— Quem foi esse pintor?

— Van Gogh foi um erudito em pintura, Tharcisse. Ele sofria de problemas mentais e por isso possuía uma sensibilidade distinta da maioria das pessoas. Se aqui estivesse, decerto, encontraria serventia para tantas cores por sobre nossas cabeças. — acrescentei: — Esta terra se parece com um quadro de Pablo Picasso!

— Quem foi este outro, senhora? Mais um pintor maluco?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Talvez sim! Pablo Picasso é outro expoente da pintura universal. Por certo, saberia retratar as batalhas aqui embaixo.

Finalmente, chegamos. Eu e o Dr. Mike iniciamos os procedimentos de limpeza e sutura

dos ferimentos do general Bagirubwira. Imobilizamo-lo, para minorar-lhe o sofrimento. Já anoitecera de todo, quando um soldado falou:

— Dr. Mike, devemos ir agora. É perigoso nos mantermos aqui!

— Eu o entendo soldado. Tampouco, quero passar um minuto neste lugar. Não vejo a hora de chegar em casa. Se formos agora, esgueirando-nos dos guerrilheiros que devem estar ao longo da estrada para Kigali, podemos pôr por água abaixo todo o trabalho que fizemos para salvar o general. Ele precisa descansar ao menos uma hora para recuperar suas forças e suportar a remoção até um lugar seguro.

— Sei, senhor. Vou manter os homens em guarda e alertas!

— Muito bem, soldado! Agradeço-lhe por isso.

O soldado falou para o coronel gaulês:

— Senhor, nós não deveríamos rogar ajuda ao exército na capital?

— O exército, você deixou na estrada atrás de você soldado!

— Temos efetivos nos quartéis e há a guarda presidencial!

— Você acredita que o presidente arriscaria perder outra tropa por um general? A posição da Frente Patriótica Ruandesa ficou bem consolidada nesta região. Somente com uma enorme operação poderá ser desfeita. Existe, igualmente, o perigo de chamarmos a atenção do capitão Aaron Bitero, se o exército enviar uma patrulha para cá. Ele se perguntará se esquecemos algo por aqui, para nos arriscarmos, voltando!

— O senhor tem razão, coronel! Sair daqui é um problema só nosso! Pode contar comigo para o que der e vier!

— Obrigado, soldado. Se você chegou até este ponto vivo, é prova de que é um militar especial e brioso. Mas não será com brio ou balas que sairemos desta sinuca. Precisamos de toda nossa esperteza. Estamos cercados pelo inimigo. Ore para que pensem que, neste momento, estejamos a tomar uns drinques nos puteiros de Kigali.

Após observar o tenente Fred Kaka cair desfalecido em vez do general Bagirubwira, o capitão Aaron Bitero amaldiçoou a má pontaria do seu atirador de elite, Kimbolo. Todavia, rapidamente, parou de focar em um único alvo. Viu uma chuva de balas descer morro abaixo ao encontro dos desafortunados hutus. Ele, em toda vida, nunca vira tanta gente morrer em uma só rajada de infelicidade. Em menos de cinco minutos de predação, percebeu que ganhara o combate. Pensou nas dezenas de tutsis que enviou à morte, para lhe proporcionar a visão do extermínio de milhares de soldados do lado oposto. Sentiu-se forte e vingado do massacre de Kinyami. Bastaram duas horas para que os últimos soldados hutus vivos acenassem com bandeiras brancas. Os tutsis desceram as colinas nos dois lados da estrada e começaram o trabalho de identificar sobreviventes em meio a uma infinidade de corpos espalhados pelo

chão. Quando percebiam um mínimo sopro de vida, engatilhavam seus rifles e disparavam contra a nuca dos desafortunados hutus. Realizaram um longo e estafante trabalho de checar, um por um, os possíveis moribundos no asfalto. Os hutus capturados foram reunidos ajoelhados, com as mãos na cabeça à margem da estrada. O tenente Ota Uwiragiye perguntou:

— Capitão, o que faremos com tantos cativos?

— Quem ficou responsável pelos suprimentos do rancho, tenente?

— Fui eu, meu senhor!

— Você estocou alimentos para todos esses presos?

— Não, meu capitão!

— Não se preocupou com isso, quando programou a retaguarda desta operação, tenente Ota Uwiragiye? Não pensou na labuta de mantimento da gente rendida?

— Desgraçadamente, não, senhor!

— Por que não o fez?

— Eu não imaginava que faríamos tantos prisioneiros!

— Você não acreditou na capacidade do seu líder?

— A este ponto não!

— A comida da tropa deles durará para sempre?

— Não, capitão!

— Porventura temos dinheiro de sobra para contratar num assentista o manjar desse povo?

— Não!

— Pretende saquear alguma estância para alimentá-los?

— Não, meu senhor!

— Tem dó de gente desse jaez?

— Sinceramente, não...

— Então mate todos eles!

Em minutos, o tenente Ota Uwiragiye formou um grande pelotão de fuzilamento e ordenou:

— Fogo!

Mais algumas centenas de hutus tombaram exterminados. O capitão vasculhou a barbárie

e encontrou o rastro do caminhão que resgatara da morte o general Gedeon Bagirubwira. Pediu que lhe entregassem uma lanterna e avaliou desveladamente as marcas no solo. Caminhou pisando entre corpos até o final da dispersão de cadáveres. Percebeu que, do veículo, caíram pingos de sangue e, como havia um médico entre os fugitivos, era provável que uma assistência de saúde que os retardasse ocorria. Cuidou que, se o ferido fosse o general ou o francês, eles poderiam estar nalgum hospital da região ou acoitados noutra local, aguardando uma melhor ocasião para seguirem viagem. Aaron Bitero falou para seu auxiliar:

— Tenente Ota Uwiragiye, reúna os meus melhores cinquenta homens e os traga aqui. Junte outros 500 guerrilheiros e os mande vasculhar todos os hospitais da região.

— O que iremos procurar, meu capitão?

— Nós iremos caçar, Ota Uwiragiye! Nós iremos à caça dum enorme e feroz leão, provavelmente, ferido!

— Mantenha alguns homens aqui para que queimem todos estes cadáveres. Menos aquele ali, que deve ser deixado em um local, onde possa ser facilmente encontrado e devolvido aos seus parentes, para ter um enterro cristão!

O capitão apontara o corpo do tenente Fred Kaka. Ele, quando observara do cume de uma colina a matança em Kinyami, notara o comportamento ético do tenente e, sobretudo, sua atenção nos momentos de dor da jovem hutu enamorada. Percebera que o tenente levava o Dr. Mike para tentar encontrar uma salvação para a garota, depois de ferida. Ele o vira matá-la de forma pia e percebera que chorara. O capitão Aaron Bitero sentiu-se culpado de o tenente Fred Kaka não ter tido a chance de dar um único tiro em combate e de não ter podido pelear por sua vida, pois fora atingido pelo primeiro aleivoso disparo que ordenara contra o general hutu.

— Por que o tratamento especial somente para este hutu, capitão?

— Porque não somente entre tutsis existem pessoas dignas no Ruanda, Ota!

O tenente Ota Uwiragiye percorreu os corpos dos soldados do exército ruandês, recolheu oito uniformes e os compartilhou com os guerrilheiros que indicou para irem com ele cumprir a missão que lhe fora dada. Eles se disfarçaram de militares hutus e seguiram viagem para Kigali em dois veículos de guerra equipados com metralhadoras e farta munição. O tenente sabia que iniciava uma aventura arriscada, pois sua vida assim como a dos colegas no grupo estavam em sério risco. Apesar de tudo, forcejaria pelo cumprimento do desafio num grau de dificuldade acima do esperado pelo capitão Aaron Bitero: o defunto não seria deixado nos arrabaldes da cidade! Decidiu que faria a entrega do cadáver do tenente Fred Kaka no domicílio dos seus próprios familiares.

Quando entrou na capital, seguiu diretamente para o portão de acesso ao quartel do exército hutu e falou para a sentinela perfilada:

— Soldado, onde fica a casa do tenente Fred Kaka que serve nessa unidade? — o tenente Ota se disfarçara de oficial hutu.

— Ele não está em casa, senhor. Encontra-se em missão no Norte!

— Eu sei. Estava com ele. Foi morto em combate e nós estamos levando seu corpo para entregar aos familiares. — e falou para um colega no veículo: — Soldado, mostre o rosto do tenente Fred Kaka a esse calouro!

Um dos guerreiros tutsis ergueu um pouco o defunto, de modo que o rosto fosse visto pelos dois soldados que mantinham guarda no portão de acesso ao quartel do exército. Um dos recrutas falou:

— É ele mesmo! Credo em cruz! Deus! É uma lamentável perda para nós! O tenente era um ótimo oficial! Como está a situação na frente de batalha, senhor? Nós temos ouvido boatos terríveis.

— Está tudo sob controle, recruta! Nós demos uma lição nos safados da FPR. Só não matamos todas as baratas nojentas porque alguns poucos covardes fugiram!

— Ótima notícia, senhor! Que grande é o exército hutu!

O soldado se sentiu aliviado com a informação de vitória sobre os rebeldes, pois temia que no dia seguinte fosse enviado com outros colegas da retaguarda para a frontaria em auxílio ao regimento do general Gedeon Bagirubwira, que, para ele, até aquele momento, estava em apuros. Questionou:

— De qual guarnição os senhores são, nunca os vimos por aqui?

— Somos da praça de Gitarama!

— Lá não existe quartel!

— Passará a ter a partir de hoje: criaremos um tiro de guerra lá! Estamos justamente nos deslocando com nosso pessoal para aquela localidade. Formaremos *um arquétipo basal padrão de defesa*, pois temos informações seguras de que as porcas inyenzi estão se movendo pelo oeste em fuga! Nós as cercaremos em Gitarama amanhã e daremos um fim a este fardo, de uma vez por todas!

— Ótima notícia, senhor. Sinto-me aliviado!

— Por que está feliz, garoto? Está com medo de pelear? Soldado que teme a morte não tem valor!

— Não, senhor, não é isso!

— Você faz muitas perguntas, novinho! Entregue-me logo o endereço! Ou será que aguarda que eu entre nesse quartel e o requisite para a última fileira de combate? Preciso de praças corajosos como você!

Em segundos, Ota Uwiragiye teve em mãos o endereço dos pais do falecido tenente Fred Kaka. O soldado medroso pensou:

Não queria sequer imaginar a possibilidade de aquele oficial mal-encarado entrar no quartel e requisitá-lo para uma missão com aqueles soldados sujos e sinistros. Mais pareciam animais que gente!

Ao chegar ao portão do endereço procurado, após chamarem, foram recebidos por pai e mãe aos prantos. O tenente Ota Uwiragiye achou melhor entregar o cadáver dentro da casa, pois a chorosa senhora de aspecto lúgubre certamente chamaria a atenção da vizinhança e aglomeraria gente, o que não desejava de forma alguma. Falou para os pais de Fred Kaka:

— O capitão Aaron Bitero da Frente Patriótica Ruandesa mandou-me entregar-lhes o corpo do seu filho e dizer-lhes que ele tombou com honra e dignificou o serviço militar, enquanto esteve vivo no campo de batalha.

Lutuosos e resignados, os pais choravam, agora em silêncio, para escutar com atenção monástica as palavras do tenente tutsi que viam como um breve ritual sumário de despedida do filho. Receberam uma missiva garatujada de próprio punho pelo capitão Aaron Bitero, para a qual não houve recomendação de ser entregue em mãos, porém anexa ao defunto abandonado nas cercanias dali. O pai perguntou:

— Como exatamente meu filho morreu?

— Ele foi atingido por um disparo de um franco-atirador!

A mãe indagou:

— O que é isso?

— É um profissional especializado em tiros de precisão a longas distâncias.

— Por que ele mirou no nosso filho? — ela perguntou e o oficial respondeu:

— Nosso atirador não mirou especificamente nele! Ele efetuou o primeiro tiro do combate, que geralmente vai em direção ao alvo mais importante do inimigo. Seu filho, por sua capacidade e coagem, acorria aos locais estratégicos e momentos decisivos das ações. Por isso recebeu esta bala que não era dele.

— Como é seu nome, senhor?

— Não posso lhe dar esta informação, senhora, pois esta é uma missão sigilosa! Não fui autorizado a fornecer minha identidade ou a de algum dos meus homens.

— Este é um assunto de mãe, senhor! Não dou a mínima para sua guerra!

— Ela pode bater à sua porta mais adiante!

— Sua guerra já entrou aqui! Nunca sairá deste lar, enquanto eu for viva! Não confunda

tiros com sentimentos! Seu exército pode retornar a esta casa e efetuar mil disparos, que não valerão a bala que me entrega dentro da cabeça do meu filho!

Os soldados que acompanhavam o oficial estavam agitados e apressaram-no com alertas para o perigo que pairava por sobre suas cabeças. O tenente Ota Uwiragiye achou por bem atender aos apelos dos seus guerrilheiros e preparou-se para deixar Kigali, crente que terminara a pior parte de sua missão. Eles se foram, deixando para trás o casal a contemplar o corpo do tenente Fred Kaka derreado no sofá da sala de estar da residência.

Os dois soldados de guarda na entrada do quartel-general ficaram contentes com a passagem dos veículos do exército que trouxeram tão boas notícias da frente de batalha. Quando um oficial passava por eles no portão, limitavam-se a dar continência e somente falavam se fossem abordados com este fim. Na ocasião, eles estavam tão eufóricos que, quando o sargento Musayidire passou, resolveram cumprimentá-lo em uníssono:

— **Parabéns, sargento Charles Musayidire!**

O sargento, sabendo que não era seu dia de aniversário; não ganhara um filho novo; não recebera prêmio de loteria; seu time de futebol era um fracasso e não se casara naqueles dias, não entendeu por que os dois soldados malucos o congratularam.

— Parabéns por quê, seus idiotas?

— Pela grandeza do nosso exército hutu, sargento. **Viva as FAR!**

Estando as forças armadas em uma situação tão delicada, Charles Musayidire achou um tremendo desaforo da parte dos noviços tripudiarem da situação crítica porquanto passava o regimento do general Gedeon Bagirubwira, que pelejara duramente contra as forças da Frente Patriótica Ruandesa em Kinyami. Ele era um homem dotado de grande controle emocional, característica muito apreciada pelo general que sempre o queria por perto para contrapor seus impulsos de ira. Achou por bem não comentar a colocação infeliz dos rapazes, pois se o fizesse, seria capaz de sacar a pistola e atirar contra eles. Simplesmente saiu, depois de responder sarcasticamente.

— É mesmo, que bom! Vocês acham o nosso exército tão grandioso assim, novatos? Vamos ver isso daqui a pouco! Viva as FAR!

Os recrutas entreolharam-se e ficaram boquiabertos, observando o enigmático sargento Musayidire se afastar em direção ao pelotão, sem entenderem a ironia da resposta ao cumprimento recebido. Cinco minutos depois, um pelotão de fuzilamento se aproximou e os prendeu, arrastando-os para o centro do pátio. Os rapazes foram amarrados e vendados. Um militar lhes perguntou:

— Qual a religião de vocês?

Os acusados somente tinham forças para perguntar, em rogos de desespero:

— O que está havendo? O que fizemos de errado? Nós não temos culpa!

— Qual é a religião de vocês, soldados?

— Católica! Nós somos católicos! Por que estamos vendados?

— Vocês estão detidos porque vão morrer neste instante! Isto é um pelotão de fuzilamento! Vocês são estúpidos? Ainda não perceberam isso?

— Deus do céu, colega! Somos amigos neste sofrimento todo! Tenha piedade de nós! Do que nos acusam?

— Não sei. Não me interessa! Eu cumpro ordens! Perguntem isso ao belzebu, daqui a pouco quando chegarem ao inferno!

O sargento Musayidire, na companhia de outros militares de plantão, observava impassivelmente a cena. Os soldados suplicaram:

— Nós queremos falar com um oficial! Deixe-nos falar com um oficial! Tirem as nossas vendas!

— Ou vocês se calam ou vão morrer com este facão aqui, como se fossem dois tutsis!

O soldado carrasco esfregou um facão nos rostos deles, o que foi suficiente para os dois se calarem, pois ninguém prefere morrer mediante tortura psicológica e brutalidade. O verdugo falou:

— Vocês disseram que são católicos, não são?

— Sim, somos!

— Pois rezem antes de morrer. Sejam dignos pelo menos nesta hora!

Os dois soldados, dois belos rapazes novos, ajoelharam-se, rezaram e choraram a angústia do patíbulo, pois sabiam que morreriam em questão de minutos. Um urinava incontinentemente. Após purificarem-se por oração, foram brutalmente empurrados para uma parede onde se efetuavam os fuzilamentos e começaram a escutar as derradeiras palavras da execução:

— Pelotão... Em forma!

— Pelotão... Apresentar armas!

— Pelotão... Apontar!

— Fogo!

Os tristes coitados, liados, vendados e encostados contra a parede, ao ouvirem o forte estrondo de vários tiros em uníssono, tiveram reações diferentes. Um caiu certo da morte sem dor que tivera; o outro ficou em pé, cuidando que o além não era tão ruim assim. Perceberam um silêncio mortal, por uns dez segundos após o estrondo, e depois:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Quase todos os soldados de plantão tripudiavam dos dois infelizes. Apalparam-se em busca de ferimentos. Aparvalhados, tremiam como gelatina, tamanha a emoção que sentiram. Chegaram a supor que haviam ressuscitado. Eles se acharam uns caras de muita sorte. O sargento Charles Musayidire achegou-se aos dois, desvendou-os e gritou:

— **Seus cães! Não pus balas de verdade nestas armas! Não percebem que estão vivos, idiotas?** Esta lição é para nunca mais tripudiarem da infelicidade alheia, nem zombarem da gloriosa arma ruandesa!

— O quê, sargento? Nós não entendemos o que o senhor tenta nos dizer! O que fizemos de errado? Alguém pode nos dizer?

— Não se façam de desentendidos. Vocês me deram parabéns pela grandeza do exército faz poucos minutos!

— Que mal há nisso, senhor?

— Mal nenhum se o momento não nos oferecesse tantos estorvos! Vocês vêm com um deboche desses!

— Nós acabamos de vencer os rebeldes inkotanyis, sargento! A guerra acabou e nós triunfamos!

— Quem lhes disse tal disparate? Como podem falar o que não têm certeza? Os informes dão-nos conta de muitas mortes do nosso lado!

— Não foi isso o que o oficial de Gitarama nos revelou há pouco!

— Que oficial de Gitarama? Vocês ficaram doidos? Ali não existe corporação!

— Sim, sabemos. No entanto, ele está indo para lá criar um tiro de guerra e formar um *arquetipo basal padrão de defesa*. Afirmou-nos isto!

Em meio à loucura, o sargento pressentiu algo estranho na conversa fiada dos seus subordinados.

— Onde foi que vocês o viram?

— No portão! Ele vinha acompanhado de sete soldados em dois veículos nossos e carregava o cadáver do tenente Fred Kaka.

— Quê? Têm certeza? Vocês viram o corpo do tenente?

— Vimos sim!

— O que ele fazia passeando por aí com o defunto do tenente Fred Kaka?

— Queria saber onde fica a casa dos pais dele para entregar-lhes o falecido!

— Há quanto tempo foi isso, novatos?

— Faz vinte minutos, senhor!

— Por que raio vocês não me disseram isso antes?

— Nós tentamos, sargento, mas o senhor não nos deu ouvidos!

Charles Musayidire alinhavou uma patrulha com cerca de quarenta homens, que catou no pátio do quartel. Pegou todos que estavam no raio do seu olhar, pois não havia tempo para convocar soldados. Precisava averiguar aquilo de perto, porquanto aquele contrassenso era a história mais estranha e absurda que ouvira em vinte anos de exército! O sargento não fora comunicado de alguma novidade nas FAR.

O general Bagirubwira não lhe informara que criara um serviço funerário de entrega em domicílio para a corporação!

Falou:

— Um de vocês vem comigo, para o caso de necessitarmos de reconhecimento!

Um dos dois soldados sentinelas subiu em uma das viaturas. Todos partiram céleres em direção ao endereço dos pais do tenente Fred Kaka! O soldado da guarda estava feliz *por ter desvendado uma importante trama da Frente Patriótica Ruandesa dentro de Kigali*. Ele se sentiu herói. Seu medo de um dia ir para o Norte guerrear contra a FPR cessara, pois os rebeldes vieram para perto dele. Lutaria em casa, na sua cidade natal. Era um recruta que se sentia forte, pois estava dentro do quintal que lhe dava vantagens comparativas. Enquanto o veículo corria pela cidade, via pessoas conhecidas pelo caminho que cumprimentavam e aplaudiam, como se ele participasse de uma equipe de futebol entrando no campo de jogo. O soldado estava avizinhado do seu público e, em vista disso, sentia-se pronto para iniciar seu estardalhaço. Quarenta homens contra os sete maltrapilhos que vira havia meia hora seriam até uma covardia. Ele começou a incentivar o motorista, seu amigo de infância e vizinho. Brincaram quando pequenos de esconde-esconde por aquelas ruas. Sentiu-se traquinando no bairro como sempre fizera quando criança. Entrou a instigar o colega motorista.

Vamos, rapaz! Corra! Vamos pegar os safados!

O condutor, reagindo ao estímulo do colega, acelerou o mais que podia. Era bom de volante e estava nas suas cercanias. Igualmente via conhecidos nas calçadas, orgulhosos com sua ação cinematográfica. Adiantou-se aos demais veículos. Por mais que o sargento Charles Musayidire gritasse desesperado mandando-o diminuir a marcha, ele não acudia, provavelmente, por não escutar.

— **Parem, imbecis! Diminuam a velocidade e mantenham a formação! Vocês vão espantar os guerrilheiros!**

Para piorar as coisas, em um cruzamento, o tráfego travancou-se, logo após o primeiro veículo passar. Alguns automóveis pararam defronte ao restante do comboio. O sargento, em desespero, buzinou e urrou contra todos à sua frente:

— **Saiam do caminho, idiotas!**

Poucos atenderam e mesmo assim, lentamente, manobravam, procurando acomodar seus carros para dar passagem aos veículos do exército. O sargento, disposto a passar de imediato, e de qualquer modo, metralhou o carro mais avizinhado e perseverou atirando alienadamente para cima, enquanto praguejava aos berros, amaldiçoando todos os motoristas de Kigali! Em segundos, uma ampla avenida se abriu para a autoridade de Charles Musayidire. Apesar do esforço, o primeiro veículo que passara já dobrava a esquina que dava para a casa dos pais do tenente Fred Kaka.

No instante em que o tenente Ota Uwiragiye saiu da residência, o primeiro veículo do exército ruandês a chegar ao local subiu a calçada da rua em alta velocidade, como se quisesse atropelar uma manada de elefantes. Os soldados hutus tinham a intenção de surpreender os rebeldes, cercando-os até a chegada de reforços e se fazerem úteis ao regimento. Não contaram com a concomitante saída do experiente tenente tutsi da FPR, um homem afeito a dormir por dias a fio, no mato, com o rosto encostado no cano de um Kalashnikov engatilhado. Ota Uwiragiye lutara com os companheiros tutsis na lendária campanha de tomada do poder em Uganda e, desde 1990, estava em contenda contra o governo. Era um soldado adaptado às lutas armadas. Para ele, o horror era o estimado jardim onde descansava. Ao pressentir o vulto do veículo hutu súbito avizinhando, não esperou para descobrir se a barulhenta sombra que crescia à frente era de um leão, de uma girafa ou de um elefante raivoso. Ele, ao virar-se e fixar a junção de mente e olho, mandou bala no primeiro alvo diferenciado que seu instinto selvagem divisou na massa de ferro vindo em sua direção. Acertou a testa do soldado sentinela do portão do quartel hutu com quem, tão animadamente, conversara havia minutos. O cérebro do jovem militar espalhou-se pelo veículo e pelo asfalto em sua volta. Nos mesmos segundos de tempo em que chovia miolos, muita munição pesada chacoalhou o jipe do exército, produzindo uma explosão ouvida em uma área delimitada por um raio de três quarteirões. O hutu Charles Musayidire, vindo mais atrás, ao escutar o estrondo e sentir o chão tremer, percebeu que a guerra chegara a Kigali e que geralmente é implacável com os precipitados candidatos a herói.

A incrível explosão, além de estraçalhar os infelizes soldados do veículo das FAR, matou o guerrilheiro tutsi de guarda ao portão que se encolhera, intentando se proteger do choque do

veículo vindo em sua direção. Todos se atiraram ou foram arremessados ao solo. Os pais do tenente Fred Kaka ficaram aterrorizados e quase surdos, por terem suportado um barulho terrível no interior da residência. Os vidros das janelas espalharam-se pela sala e feriram o casal. A mãe, desesperada, abraçou-se ao corpo frio do filho, pois, para ela, o defunto era o único soldado em quem podia confiar. O tenente Ota Uwiragiye, percebendo a aproximação de mais soldados inimigos, em desespero, vendo a morte latente, gritou para seus pares:

— **Vamos sair daqui agora!**

Os sete guerreiros remanescentes saíram atirando a tomar posição por sobre os dois veículos, enquanto os soldados hutus os caçavam com a fome de ursos ao saírem de hibernação. O tenente Ota Uwiragiye, que estava no veículo dianteiro com mais dois companheiros, via o anterior onde estavam os outros inkotanyis ser açoitado pelos hutus. Os quatro guerrilheiros tutsis foram tombando, um a um, abarrotados de balas, obliterados pelo caminho. O tenente viu, por fim, a viatura desgovernada se atirar na vitrina de uma loja de utilidades domésticas, levando com ele o que restava de vida nos bravos tutsis que ficaram para trás. Ota Uwiragiye sabia que o próximo a cair seria seu veículo com ele e os tutsis remanescentes dentro. Por uns segundos, muita coisa passou pela sua mente. Ele olhou em torno, em meio ao desassossego e viu vários hutus desarmados e felizes por presenciarem a agonia por que ele passava. Pensou no seu capitão Aaron Bitero e na confiança que lhe depositara na missão suicida e venerou a causa tutsi. Finalmente, olhou para o assustado colega ao lado, que possuía uma arma em mãos e pediu para que o terceiro fosse firme ao volante. Arregalou os olhos com uma expressão de ira na face, alçou aos céus a esperança e urrou alto animalesco. Gritou para o mundo surdo e parceiro opaco que lhe roubava a luz:

— **Quem vive pela espada, morre pela espada. Eu quero o terror em minha morte!**

O tenente Ota atirou uma granada contra o povo, estirando várias pessoas inocentes ao chão. Explodiu carros, quebrou vidraças e produziu toda sorte de desordens que foram possíveis para breçar seus caçadores hutus implacáveis. Certa vez, em Uganda, aconteceu-lhe de assistir a um filme americano, no qual havia uma cena em que assaltantes de banco em fuga em um veículo jogaram parte do dinheiro roubado ao chão atrás de si, para produzirem tumulto, entre a multidão, de forma a dificultar a perseguição da polícia. Ele usou o mesmo estratagema atirando na população civil, com sua metralhadora incansável. Seus colegas, na medida do possível, olhavam para ele, incrédulos ante o que viam.

O tenente Ota Uwiragiye enlouquecera de vez, pensaram!

Eles viam a maldição aureolar os traços da fisionomia tosca do tenente, que estava ensandecido e fora de governo emocional. Imaginaram que ele não suportara a pressão e pretendia assassinar todos na cidade inteira. Ota Uwiragiye gritava imprecações contra os hutus e atirava até nos edifícios em volta. A metralhadora do jipe maldito não parava de matar, por um segundo sequer, na mão do enlouquecido tutsi, em fuga num veículo em visível

carreira. Ele sentiu o refluxo dos anos de luta desde Uganda na década anterior que reaparecia num constructo queimando-lhe o cérebro. Percebeu na encruzilhada que malgastara o tempo nas agruras que vivenciou. Sequenciara a vida nos passos que o levavam ao túmulo avizinado. Ao presenciar a oportunidade do seu fim urgente, deixou-se inebriar pelos rancores de uma vida de sofrimento e privação material. O ódio corriqueiro cegou o guerreiro tutsi e no limiar do fim prognosticou-lhe a morte. Ele atirou a esmo matando tudo o que se movia ao redor: gente, cães e bois, a ver se assassinava os próprios ressentimentos, expurgando-os da lembrança de um pretérito de medo e dor. Sentiu-se terminado. Despedia-se do último pente de balas no momento da sua passagem. Desejou partir à grande ao abraçar o expirar da vida, a companheira infiel que lhe sussurrava a morte de há muito em seus ouvidos. Encarou a peito descoberto a imensidão da fatalidade que chegava imperativa. Apequenou-se em desespero, apertou-se contra a própria sorte e se viu espremido como um ponto.

Todavia o fim do bravo é pendular...

O centro da cidade se tornara uma praça de guerra. O sargento Charles Musayidire foi obrigado a parar a operação, para não causar mais desgraça nas ruas aglomeradas de gente. Temeu o julgamento dos seus superiores imediatos. Pessoas importantes e de bem estavam sendo feridas em decorrência daquela perseguição.

Fora da área urbana da capital, no burgo de Rubungu, na Kigali Rural, o tenente Ota Uwiragiye mandou parar o veículo, pois seguir adiante, por aquela estrada, seria cair nos braços das armas inimigas. Ordenou a seus dois companheiros:

— Pare o carro! Vamos todos para dentro da mata. Vamos seguir a pé, a partir daqui!

— Nós vamos deixar este jipe aqui, assim, tenente? É o mesmo que dizer para os hutus: nós entramos aqui nesta mata!

— Nós não temos tempo de camuflá-lo, idiota! Traga-o nas costas, se quiser! Vamos logo!

O tenente Ota e seus dois guerrilheiros tutsis tinham uma extensa caminhada pelo meio das matas, colina após colina, se quisessem rever seus amigos em Kinyami. A sorte ainda não lhe fadara a vida e seus dissabores não tinham terminado, pois um obstinado sargento Musayidire vinha por seu rastro, com energias redobradas numa desapiadada perseguição. O sargento estava enfurecido pelo desastre causado pelo arrastão dos homens em fuga.

Ota Uwiragiye, deveras, acreditou que não havia escapatória e que iria morrer durante a perseguição dos hutus e resolveu levar mais gente para o inferno com ele. Somente escapou da morte pelo caos que gerou na localidade urbana. Não se importou com a ética e sim com a causa da Frente Patriótica Ruandesa e com um fiapo de esperança que lhe dera seu atribulado e exigente destino. Ensinaram-lhe a pedradas que a existência costuma ser rude com os covardes e indecisos que tergiversam na hora de rodar a roleta na mesa do jogo de aposta pela sobrevivência.

Nas cidades de Muhura, Mbogo, Murambi e Rutare, as tropas da FPR vasculhavam todos os lugares onde fosse possível socorrer um homem ferido. Os tutsis campeavam implacavelmente o general Gedeon Bagirubwira em uma esmiuçada busca por detalhes infinitesimais nas colinas e para isso cumpriam ordem expressa do comandante Paul Kagame. Envolveram-se em uma miríade de conflitos com os milicianos da Interahamwe e exterminaram vários grupos deles, mas tiveram muitas baixas. Aproveitavam a oportunidade que os hutus lhes deram, em virtude de o exército ruandês estar agonizando e se recompondo do revés sofrido. Os tutsis sabiam que os inimigos demorariam a restaurar suas forças.

O capitão Aaron Bitero, com uma poderosa tropa de guerrilheiros tutsis, seguiu à procura do seu desafeto general. A partir daquela oportunidade, separou-se do contato direto com o major Kagame e seguia firme por seu lado até alcançar o desfecho da demanda fosse ele qual fosse.

Saindo de Kinyami, descendo pela estrada em direção ao sul, o capitão Aaron Bitero resolveu dar uma batida em Rutare, pois seria aquela cidade a primeira opção de refúgio para o general Bagirubwira e seu grupo em fuga. Ao entrar na localidade, encontrou-a tranquila e amedrontada. Os moradores escutaram as artilharias das FAR e dos Inkotanyis se enfrentando à tarde. O capitão se dirigiu a um comércio local e questionou se alguém avistara militares do exército passarem por ali.

— Provavelmente, há gente ferida entre eles e podem estar neste local a se esconder de nós. O melhor que vocês têm a fazer é colaborar conosco, pois, se alguém desta cidade der guarida aos meus foragidos, eu retornarei e incendiarei este lugar!

— Nenhum soldado em fuga passou ou foi acolhido aqui, senhor. — respondeu um tutsi morador do local.

— Você tem certeza disto?

— Tenho.

— Vamos dar uma batida por aí, mesmo assim.

Aaron Bitero já tinha desistido de procurar o general Gedeon Bagirubwira e seu grupo, pois começava a crer que tinham conseguido chegar à capital, ou estavam inacessíveis, acoitados pelos hutus, quando um homem que voltava de uma caçada o chamou.

— **Senhor!**

Os soldados que acompanhavam o líder saíram em direção ao hutu, porém foram advertidos pelo seu superior.

— Revistem-no e deixem que se abeire! O que você quer de mim?

— Soube que procura hutus?

— Não qualquer um! Nós procuramos soldados hutus!

— Houve um tiroteio em Murambi faz menos de uma hora! Eu caçava por aquelas bandas e escutei tiros.

— Quem participou do tiroteio?

— Eu não vi, senhor!

— O que isso tem a ver comigo? Provavelmente foi o pessoal da Interahamwe em operação.

— Creio que não foram os interahamwes. Não estiveram ali no dia de hoje!

— Como você pode saber de uma coisa dessas?

— Tenho um amigo entre os interahamwes e eu estive com ele ontem. Contou-me que iriam hoje para Rukara. Farão uma grande operação na região, por três dias!

— Você tem certeza disso?

— Absoluta, senhor!

O capitão perguntou a um sargento ao seu lado:

— Sargento, nesta batida que o nosso pessoal realiza, Rukara será averiguada?

— Provavelmente, não, senhor! As patrulhas estão nas cercanias daqui. Não foram autorizadas a se deslocarem até tão ao leste!

— Pois encaminhe um observador civil a Rukara! Peça que meça o poder que a Interahamwe mobilizou e mande uma patrulha enfrentá-los. Esta tropa somente deverá ser formada se não exceder a duzentos homens. Se for necessário pôr mais gente que isso, deixe tudo como está agora.

— Provavelmente, usaremos menos guerrilheiros, senhor! A Interahamwe costuma agir em pequenos grupos.

O capitão se volveu para o homem que entregara os milicianos e lhe perguntou:

— Por que você, um hutu, está traindo sua gente?

— Os interahamwes maltrataram minha mulher!

— Por que fizeram isso com ela?

— Ela é tutsi!

— E seus filhos? Você tem filhos?

— Não, senhor!

— Você não possui ninguém nesta vida?

— Não!

O capitão falou para um subalterno:

— Sargento, entregue uma arma a esse hutu. A partir de agora é um dos nossos! Ele não tem ninguém, se morrer não fará falta!

E falou para o hutu:

— Você agora é um guerrilheiro da Frente Patriótica Ruandesa. É adido nosso! Se pelo menos uma dessas duas histórias que me contou for falsa, você morrerá. Se estiver aqui para me matar, eu prefiro ser morto por um guerrilheiro da FPR que por um maldito hutu traidor!

E falou para o sargento:

— Sargento, fique de olho nesse desertor! Vamos testá-lo no próximo combate. Se for bom, será caucionado, se não, dispense-o sem agrado. Quero-o comigo até sabermos se diz a verdade! Aproveite para ter uma boa conversa com ele, descubra de que paragem é e veja se tem outra informação que nos interesse. Vamos para Murambi caçar leão!

O sargento passou um rádio para a base de operações em Byumba e tentou contatar o tenente Ota Uwiragiye. Queria saber qual agente seria o mais indicado para a missão de reconhecimento em Rukara, porém ficou sabendo que desde que entrara na área urbana de Kigali, não mais dera sinais de vida para a central. Ele deu esta notícia ao capitão Aaron Bitero.

— O tenente Ota é um homem destemido e inteligente, sargento. Deve estar a percorrer o caminho de volta!

— Conto que sim, senhor! Todavia temo por ele, pois é muito valente! Às vezes a coragem se confunde com loucura!

— Sei o que imagina, porém minhas ordens foram claras para ele deixar o cadáver nas imediações de Kigali e retornar!

— O senhor lhe disse que o tenente hutu mereceria um enterro digno feito por sua família?

— Falei isso em particular! Como ficou sabendo?

— Ele comentou com alguns soldados que entregaria o corpo nas mãos dos familiares do tenente das FAR!

— Sério? E onde eles moram?

— Não sei o endereço correto, entretanto, é certo que fica no centro da cidade!

— Nossa Senhora, sargento! Ota Uwiragiye iniciou a invasão de Kigali apenas com sete homens!

— Se não conseguiu se camuflar, temo que sim.

— Você acredita que se renderia, se estivesse sem saída, ou lutaria até a morte?

— Sinceramente não sei!

— Pois vamos voando para Murambi! Temos de pôr as mãos no general Gedeon. Caso Ota seja preso e o pessoal da inteligência do exército descubra sua posição na FPR como um dos mais destacados espões nossos, somente o libertará em troca de um militar da magnitude do general hutu.

* * * * *

Ao abeirar sua tropa da mercearia em Murambi, o capitão Aaron Bitero cercou o local e o varejou com um intenso tiroteio. Balas ricochetearam pela edificação, arrancando pedaços das velhas telhas da cobertura que caíam em direção ao piso. Os projéteis moíam e transformavam os tijolos em poeira que se espalhava no ar. Os soldados hutus, pegados de surpresa, tombaram mortos quase todos. Dentro da casa, as balas vindas da porta frontal descascavam as paredes internas da edificação. A janela de madeira velha ficou estilhaçada pela enxurrada de chumbos que se chocou contra ela. Eu, o Dr. Mike, Tharcisse Mugabe e monsieur Raynaud atiramo-nos de imediato ao chão, protegendo as nossas cabeças contra os pedaços das telhas que caíam do alto e se estilhaçavam contra nós. Quase não se podia enxergar. Era impossível manter os olhos abertos, em decorrência da poeira e dos pedregulhos que pipocavam de todos os lados, como se estivessem em ebulição. O interior da quitanda explodia com fúria, enquanto um tremendo barulho comprimia-nos contra o chão, amedrontando-nos de maneira pujante. As balas sibilavam por sobre nós. O coronel Pierre Raynaud rastejou até onde estava deitado o general Gedeon Bagirubwira e o arrastou com dificuldade para um local seguro. O francês falou:

— Devemos nos render, general. É a única maneira de nos mantermos vivos!

— Está certo, faça o que quiser, entretanto, se certifique de que nossa posição fronteira ao botequim não tenha mais condições de rechaçar este ataque!

— Como poderia ter? Não escuta os gemidos e os gritos de dor? Os soldados estão morrendo um a um!

— Como poderia escutar, em meio a um barulho desses? Vá lá e apresente nossa rendição!

O coronel Pierre Raynaud tirou com muita dificuldade seu casaco e uma camisa branca que usava por baixo do uniforme. Pegou-a e fez dela uma bandeira de paz. Pôs, cuidadosamente, seu pulso para fora da porta e começou a bracejar o tecido com movimentos de rendição, enquanto roufenhava por causa da poeira:

— **Não atirem! Não atirem! Nós nos rendemos!**

Neste exato momento, fez-se um silêncio aterrador. O francês continuou a gesticular.

— **Não atirem! Nós queremos paz...**

Uma bala com precisão infinitesimal chocou-se contra a mão de Pierre Raynaud, rasgando-a. Ele gemeu e soltou a camisa branca já sem nenhuma serventia. Aconchegou-se mais no canto da parede, aterrorizado pelo reinício da troante artilharia. A quitanda se desfazia, como se fosse uma escultura de areia em praia agitada. A morte era certa em questão de minutos ou segundos, quando me pus a clamar:

— **Parem de atirar, seus animais! Existem pessoas neutras aqui! Nós não temos nada com essa guerra de vocês!**

Nova quietude se fez! E uma voz alçou-se da guarnição da Frente Patriótica Ruandesa.

— **Dra. Isabelle, é a senhora quem está aí dentro?**

— **Sim, sou eu mesma! Pare com este tiroteio senão me matará! Este país precisa de médicos como eu! Você resolveu liquidar os poucos que há?**

— **Estas balas não são para a senhora, doutora. Quem mais está aí?**

— **Outro médico, um twa e dois pacientes feridos!**

— **Não há mais ninguém?**

— **Claro que não! Os outros homens que nos acompanhavam, acredito que foram todos mortos por vocês!**

— **Matamos apenas soldados!**

— **Pois eles nos acompanhavam. Quem é você? Acho que o conheço!**

— **Eu sou Elizaphan de Gitarama!**

— **O empregado do Sr. Emmanuel Habimana?**

— **Eu mesmo, senhora!**

— **Você não é hutu? Por que mata sua gente?**

— **É uma longa história. Agora sou inkotanyi!**

* * * * *

Isabelle estava em Murambi a deliberar sua fortuna com um hutu recém-engajado na tutsi Frente Patriótica Ruandesa em Rutare. O capitão Aaron Bitero escutava atento ao diálogo. Ouvira muitas histórias sobre a médica, especialmente por intermédio do Dr. Mike, e teve curiosidade de ver-lhe a face, ainda que por uma primeira e única vez.

O Capitão falou para o interlocutor:

— Peça que saiam todos desarmados e rendidos!

— Será que sairão pacificamente para a morte, senhor?

— Faça-os acreditar que viverão!

Elizaphan, atendendo ao seu capitão, gritou:

— **Dra. Isabelle, vocês terão de sair daí, agora, com as mãos para o alto, se ainda pretendem viver!**

— **Temos feridos graves aqui!**

Aaron Bitero falou para o hutu:

— Diga-lhes que saiam todos em até três minutos. Os feridos que saiam se arrastando!

Elizaphan teatralizou, pretendendo ser convincente e persuasivo:

— **Em três minutos, vamos explodir granadas no lugar! Temos gente próxima o suficiente para fazer isso!**

Os encurralados não tinham escolha. Acreditavam que, quando mostrassem a face fora da mercearia, seriam alvejados por centenas de balas e seus corpos se transformariam em peneiras.

Acreditavam que, se os algozes os quisessem vivos, simplesmente viriam buscá-los. Perceberam que os guerrilheiros desejavam um final espetacular para o cerco. Dariam uma saraivada de balas, quando os cativos estivessem em campo aberto.

* * * * *

Porém uma pessoa ali, naquele resto de cômodo, não era militar e não pensava assim. Eu era uma mulher prática e resolvi apostar minha vida, sem saber, ao certo, o risco que estava correndo. A guerra não era uma das minhas experiências diárias e não tinha como agir tecnicamente diante daquela situação. Falei para os meus amigos que não se moviam do lugar:

— O que há com vocês? Por que estão parados aí? Não escutaram que o homem nos deu três minutos para nos entregarmos? Vamos logo! Mexam-se!

O general Gedeon Bagirubwira, temeroso, perguntou-me:

— A senhora confia neste tal Elizaphan, doutora? — ele queria uma alternativa de negociação antes de pôr a cara na rua.

— Eu não, contudo não temos escolha, general!

Ele agiu como um militar que procura uma saída para uma situação desesperadora e me disse:

— Tente ganhar mais uma horinha! Continue conversando com Elizaphan. Veremos o que pode ser feito!

Fiquei indignada com o oficial que não atava nem desatava e mantinha-se insistindo em um não sei que irritante. Eu lhe falei:

— Pois se o senhor quer permanecer aqui, que fique sozinho, general. Eu tenho mais o que fazer no CHK e é para lá que vou! Vamos Dr. Mike, vamos Tharcisse Mugabe, deixemos os três exércitos resolverem suas diferenças. Vamos sair e atendermos algum sobrevivente se houver!

Como o Dr. Mike não quis ir comigo e segurou o twa, eu saí sozinha, lentamente, de dentro do ponto comercial, em meio à fumaça sufocante. Do lado de fora, uma noite fumarenta escura e cinzenta caía por sobre o mato verde. Uma velha lâmpada cadente, debilmente liada a um maltratado fio elétrico que pendia dum poste, alumia em bruxuleio o entorno da construção e assoberbava minha sombra na parede da venda atrás de mim. As estrelas e a lua estavam encobertas pela camada de fumos decorrente do fogo da luta entre a Frente Patriótica Ruandesa, as guarnições do exército e a Interahamwe.

À meia-luz, saí dos escombros que minimamente me protegiam da fúria da FPR e mostrei minha face ao dragão. Adentrei em um silêncio de morte e caminhei com as pernas trêmulas. Na penumbra, eu quase não via nada. A guerra fumegante nimbava o teto do mundo. O vento frio trazia o odor do sangue e os lamentos dos moribundos para perto de mim. A bruma densa que cobria minha visão e a sensação de impotência diante do desconhecido fizeram me arrepender do meu rompante tolo de bravura. Temi a possibilidade de levar um tiro inútil ali mesmo. Contra mim, poder-se-ia ser gasta uma bala que nada acrescentaria à contenda entre os tutsis e os hutus. Certamente, eu era um alvo fácil para qualquer um dos guerrilheiros escondidos no denso escuro à minha frente. Percebi que os soldados da Frente Patriótica Ruandesa eram homens acostumados à sombra e às ações furtivas, pois nenhum perfil humano se assoberbava. Eu não via ninguém. O vento frio raspando minhas orelhas e a cerração que me envolvia preparavam-me para uma passagem sobrenatural. Eu sentia que caminhava para um portal que me levaria a Deus. Bastava que algum disparo adiante estrondasse para que a lembrança de uma médica americana fosse impressa num insensato rascunho de combate ruandês.

Os guerrilheiros estavam em alerta, pois não compreendiam o que a fazia os encarar de peito aberto, caminhando ao encontro dos canos quentes de suas armas engatilhadas. A noite vendava os olhos de Isabelle, como se ela estivesse enfrentando um pelotão de fuzilamento.

* * * * *

A noite era bravia, mas o escuro mitigava minha angústia, ao anestesiar o meu pavor e me privar das imagens ameaçadoras diante de mim. Podia ouvir os ruídos dos meus algozes fronteiriços algures na moita farta. Via-me como se estivesse dentro do bafô de um enorme monstro, pronto a me abocanhar. Eu sentia o cheiro do suor dos guerrilheiros trazido pela brisa que balançava minhas madeixas. O odor vinha impregnado na fumaça que anunciava os funerais. Tantos aromas eu sentia: da brenha queimada, do chão alcatifado com o sangue quente dos cadáveres que eu pisava ao meu redor, das carnes humanas em brasa espalhadas por tantos campos de batalha na região. Até o meu medo cheirava ao meu próprio suor a escorrer pela minha testa envolta na névoa envenenada daquela região sem lei. O meu temor tinha o sabor amargo da minha dor. Temia receber, em instantes, o meu desfecho de heroína de causa alheia. Aquela não era minha luta e ali não poderia estar minha morte. Eu não via sentido em tal situação nem razão para que um infame guerrilheiro tutsi lançasse uma bala contra meu seio e acabasse com minha existência. Lembrou-me tantos inocentes mortos na peleja, solidarizei-me com todos e me senti igual a eles. Alcei os olhos ao céu e pedi a Deus por eles, por meio de uma oração entredentes sussurrada, sincera e desesperada. Eu já odiava o vil covarde que viesse a me matar sem, ao menos, apresentar-me sua face. Não pude mais continuar, pois minha lentidão apressou aos extremos o meu pulsar. Hesitei e parei, esperando o fim, após caminhar vinte metros porta a fora.

* * * * *

O capitão Aaron Bitero olhava a Dra. Isabelle e imaginava o que faria com ela. Teve plena certeza de que eram verdadeiras as histórias que contavam acerca da médica americana. A má fama de doidona, maconheira e rebelde inconsequente, para ele, assentou-se bem ao aspecto desafiador à sua frente.

Como podia aquela mulher enfrentar desarmada seu regimento sem respeito algum por suas armas?

Aaron Bitero viu a imagem de uma criatura branca e destemida vindo em sua direção, pronta a enterrar uma faca em seu coração, cortando a cerração de uma fria noite em Murambi, como se fosse uma santa que reprovasse sua ação belicosa. Achou-a linda e corajosa. Pensou no que poderia ter o Ruanda para cativar uma formosa e jovem médica americana a ponto de fazê-la abraçar a morte com tanto denodo e elegância.

Se uma estrangeira inocente via sentido em se doar pelo bem do Ruanda, tutsis e hutus não mereciam aquele país, enquanto não construíssem a paz!

Aaron Bitero era um homem comum, porém esperto.

Sabia que a americana possuía conforto e manjar farto no lugar de onde viera. O que a motivava a se arriscar por africanos em guerra? Imaginou que ela não estava no Ruanda por questões ideológicas, de cor ou étnicas nem pelos que guerreavam entre si, mas pelos que não tinham armas nas mãos para se defender!

Atrás de mim, Tharcisse Mugabe entrou a me seguir. O Dr. Mike tentou conter o twa, pois as vozes de fora somente a mim se destinaram. Eu era a única embaixadora daqueles homens impotentes, agarrados em fino fio de esperança. O twa tinha seu amor impossível de se realizar. Veio a mim, como se estivesse dentro de um sonho ruim no qual eu precisasse de sua ajuda. Ainda que mil canhões ou caças franceses assestassem-lhe o terror, medo algum o pararia ou superaria seu desejo de me servir. Não foram necessários canhões ou aviões de combate para conter o twa. Assim que Tharcisse Mugabe rompeu a primeira cortina da neblina do largo, ouvi um vil estrondo. Um tiro, que passou ao meu lado, cravou-se no seu peito, derrubando-o na terra fria. Tão sinônimos foram que só percebi o segundo tiro, ao olhar o Dr. Mike realizar o milagre de escapar por um triz da bala que explodiu na parede ao lado da sua face. O médico atirou-se dentro da mercearia, buscando refúgio. Apenas eu tinha salvo-conduto para chegar ilesa perto dos nossos carrascos. A constatação do inquebrantável propósito dos guerrilheiros tutsis fez com que meus amigos se rendessem de vez para acabar com o suplício pela desconhecida sentença tutsi.

* * * * *

Os homens principiaram a sair do lugar. O Dr. Mike e o coronel Pierre Raynaud sobraçavam o general Gedeon, calçando-o para que se mantivesse ereto. Sentaram-no num banco encostado à parede, pois não tinha forças para se manter em pé, em razão da quantidade

de sangue que perdera. Isabelle tentou ir ao encontro do twa para socorrê-lo, porém uma voz proveniente do escuro a impediu:

— **Pare, mulher, não dê nem mais um passo, senão estouramos seus miolos!**

Tharcisse Mugabe agonizava ao lado, inspirando esparsos sorvos de ar, implorando, de voz embargada, o auxílio da médica.

— *Dra. Isabelle, socorro, ajude-me! Eu não quero morrer!*

Sendo médica, seria impossível Isabelle ficar vendo o twa estirado, mortalmente ferido e esvaído em sangue sem tomar uma atitude em relação àquela circunstância desesperadora. Outra vez, ela tinha a vida no limite, pois não obedeceria ao tutsi que do escuro dirigira-lhe a palavra. O Dr. Mike, compreendendo a delicadeza da situação, determinou-se ajudar:

— Deixe, Dra. Isabelle, que eu cuido de Tharcisse Mugabe!

Ao perceberem que a mulher fora substituída nos trabalhos de atendimento ao twa, os tutsis, diferentemente, do que fizeram antes, não se opuseram a que o Inglês cuidasse de Tharcisse. Sabiam que o médico inglês estava do lado deles na campanha.

Enquanto o Dr. Mike assistia o twa, os outros aguardavam silenciosos. Perceberam que os inimigos se abeiravam. Do matagal escuro que rodeava a clareira afiguraram sete inkotanyis que se avizinham e os descompuseram com impropérios. Ela pôde perceber ódio naqueles olhos de animais em rinha. Um guerrilheiro tutsi partiu para o lado dela com a intenção de batê-la, pois a enxergou como um integrante das tropas hutus.

Empurrou-a e a fez cair. A médica esperou o pior, contudo, para a contrariedade do tutsi, ele não estava autorizado a feri-la. Uma mente mais sã que a dele o comandava por trás da cortina negra daquela noite crespa. Seu chefe, o capitão Aaron Bitero, achegou-se e o fez parar.

Aquela foi a primeira vez que Isabelle viu o famoso capitão Aaron Bitero, líder duma das mais aguerridas tropas da Frente Patriótica Ruandesa que estava dentro do solo ruandês, em operações de combate. Era um importante retângulo do organograma inkotanyi a quem se deputava muita autoridade. Aaron Bitero era um guerreiro por natureza. Estava sempre avançado e embrenhado nas lutas dentro do solo ruandês. Por conseguinte, a mera alusão ao seu nome no Ruanda causava alvoroço entre os tutsis e temor aos hutus. Aproximou-se e a ergueu do chão. Ele sabia da importância estratégica dos trabalhos de espionagem para a Frente Patriótica Ruandesa, por conseguinte, tinha a intenção de matá-los, poupando apenas o Dr. Mike.

Pretendia enviar, em minutos, uma mensagem ao comandante Kagame contando a novidade de que o grande leão hutu fora abatido.

Quando percebi que a situação estava momentaneamente calma e que não havia mais nenhum estúpido tutsi com uma aleivosa arma apontada unicamente para mim, corri em direção a Tharcisse Mugabe e ao Dr. Mike. O twa desfalecia-se, aos poucos, com um quadro grave de hemorragia interna. O médico, como primeira medida urgente, tentava, inutilmente, encontrar uma forma de conter o sangramento. Porém, para ser salvo, Tharcisse Mugabe precisava, de imediato, ser transferido para uma unidade de terapia intensiva. Olhei para o inglês para que me desse um diagnóstico simples e direto do quadro clínico do twa. Compreendeu-me e sacudiu negativamente a cabeça. Vendo minha angústia, ele pegou meu braço e me afastou um pouco consigo para me falar em particular.

— Dra. Isabelle, o twa teve uma perfuração no lado esquerdo do seu pulmão e precisaria ser preparado, para fazermos uma delicada cirurgia de reconstituição dos seus tecidos. Necessitaríamos de muito sangue para ele. Levaríamos horas de atendimento e não temos a menor condição de operar aqui no campo aberto. Não suportaria uma remoção para Kigali, a não ser em uma unidade móvel especializada. O twa, que não dava muita importância para o conflito tutsi-hutu, foi pego por ele. A sorte de Tharcisse Mugabe foi decidida. Despeça-se dele, Dra. Isabelle. Ele gosta muito da senhora. Dê-lhe esta última alegria em vida!

— Como poderei fazer isso, Dr. Mike, com estes gorilas em volta, apontando armas para mim?

— Vá! Eu falarei com essas pessoas! Devem ter um mínimo de decência nas suas vidas pecadoras.

— Não adianta! Essa gente não gosta de nós. O senhor não vê o que nos fazem?

— Vá, doutora, para perto de Tharcisse Mugabe. Eu conheço esses homens e a resguardarei!

— De onde o senhor conhece esses assassinos, Dr. Mike?

— É uma longa história que fui obrigado a não lhe contar, para seu próprio bem! Já passou da hora de a senhora saber algumas coisas sobre mim. Quando chegarmos em casa, teremos uma longa e esclarecedora conversa! Despeça-se de Tharcisse Mugabe, enquanto há tempo.

O Dr. Mike foi conversar com os nossos verdugos e pedir respeito pelos meus sentimentos em relação ao twa.

— Capitão Aaron Bitero, dê um tempo a essa moça corajosa! Ela está sofrendo a perda de um amigo. Deixe-a se despedir dele!

— Eu venho perdendo amigos, amiudemente, há muitos anos, senhor!

— Não sei como tem sentido a morte dos seus parceiros, capitão! A Dra. Isabelle, eu percebo, sente muito!

— Ele é tão somente um twa!

— É um ser humano assim como somos! Para a médica, é mais especial que nós!

* * * * *

Para ele, aquela reação era um exagero desmedido, por a morte vir para um ser de etnia inferior. Já presenciara uma miríade de baixas e não mais sentia a menor emoção perante a perda de uma vida. Contava os soldados que morriam por necessidade de repor os pontos de artilharia. Não havia mais sentimentos de compaixão na mente do líder guerrilheiro. Mesmo quando se afeiçoava a uma pessoa, como ocorrera em relação à bela hutu de Kinyami, não chegava a ponto de guardar luto por muito tempo. Aaron Bitero perdia bons soldados e bons guerrilheiros, nada além disso. Ele havia de ser assim para o bem da causa tutsi.

* * * * *

Acheguei-me a Tharcisse Mugabe, sentei-me no chão, aconcheguei sua cabeça ao meu colo e o chorei retalhada de mim em mim em fatias de indignação. Ele era tão pequenino que me pareceu confortar um filho. Eu não tinha como aliviar seu sofrimento físico, mas tentava afagar seu coração com uma medicina paliativa e resignada. As lágrimas fugiam desobedientes e singravam-me a face numa suicida viagem ao precipício do meu ser. A tristeza invadira-me a alma, confundia meu raciocínio e aniquilava a empresa de lhe falar de coisas alegres, como lhe prometera fazer no nosso último encontro e despedida no Ruanda. Eu soluçava no peito uma mágoa pontiaguda por me perceber impotente para furtá-lo daquele escuro. Sofri juntando-me à sua dor, tentando arrancá-la de dentro dele com minhas mãos trêmulas, impotentes e escandalizadas. Ele partiu para onde eu não mais poderia acarinhá-lo. Eu simplesmente não sabia o que dizer nas minhas últimas palavras àquele amigo, pois virgulava entre indecisão, tristeza e encantamento. Só possuía pesar, gratidão e orações a lhe oferecer em derradeiras luzes. O twa estivera havia horas cheio de vida, em mim abraçado na garupa da minha motocicleta. Transformar-se-ia em pó que fertilizaria as colinas do Ruanda que sempre esperavam pelo brotar das suas flores para se perfumarem. Eu o senti sofrer o derradeiro sopro ao meu lado e temperar-me a dor. Enquanto Tharcisse Mugabe sucumbia à sombra que o destruía, sorria rebeladamente em minha direção. Eu recebia seu amor intenso e percebia a realeza do seu ser. O Ruanda perdia um dos seus príncipes que partia feliz e angelizado, consumido pelo amor no colo onde tanto desejara estar. Naquela noite, por sobre o chão de Murambi, vi um anjo subir aos céus com aspecto de fumos, esvaindo-se das minhas mãos. Senti a energia e o morno fluido da alma do twa subir ao firmamento. Um arcanjo veio buscá-lo. Pegou-o pelos braços e, suavemente, tirou-o de mim sem sentir peso algum. Sorri-me e me entregou compreensão, enquanto se transformava em luzes azuis espalhadas pelo ar.

Aquela foi uma grande perda para mim e para Kigali. Não teríamos belas e perfumadas tardes à sombra de um podocarpo. Perdi o meu florista querido e o Ruanda não mais teria os aromas das estrelícias, antúrios, helicônias, gengibres e violetas-africanas.

* * * * *

Aaron Bitero percebia que a situação estava se esgueirando do seu controle. O peso de Deus era-lhe um fado por demais pesado. Maior que o de mil rifles assestados em sua direção. Permitiu à Dra. Isabelle ter seus instantes de reflexão e oração e agora já não sabia como poderia matá-la sem enodoar a aura de espiritualidade que começava a contagiar sua gente. A energia fria trazida pela imaterialidade invizível arrepiara os pelos dos seus pares. A temperatura caída de chofre retornava ao normal. A pretensão inicial de poupar apenas o Dr. Mike seria difícil de ser cumprida, pois seus homens iniciavam-se em afeição pela mulher de útil profissão, em razão dos seus sentimentos puros em relação a um simples corpo de twa. Eles lutavam contra a discriminação e a opressão dos hutus no Ruanda e, por conseguinte, se solidarizaram com a defesa do pigmeu que assim como eles não possuía quinhão de bonança. Sentiram-se arrependidos por terem matado um twa inocente e inofensivo.

Pelo menos o francês e o general hutu morreriam logo ali!

Para assombro do general Gedeon Bagirubwira, pela primeira vez na sua vida, estava a dois metros de distância do capitão Aaron Bitero e não dispunha sequer de uma peteca em suas mãos que pudesse arremessar contra o diabólico tutsi. Era o momento sonhado havia quatro anos desde 1990, quando aquele soldado maltrapilho, em conjunto com seu líder, Paul Kagame, invadiram o imaculado solo ruandês. Como era ingrato o destino do general hutu. Estava em calvário à mercê de quem odiava monomaniacamente e cujo nome cinzelara numa bala guardada em algibeira. Por quatro anos, o general Gedeon sonhara mais com aquele homem afronteirado que com todas as ruandesas juntas. Ele vivia pelo ódio que sentia por gente da linhagem do soldado diante de si. O general falou desafiadoramente para o líder tutsi:

— Você é um maldito satanista tutsi, Aaron Bitero! Vou derrabá-lo, inyenzi herege! Se não fosse por sua tramoia, você já estaria sob as penas do inferno, neste instante!

Um inkotanyi abalou contra o general e aplicou-lhe uma coronhada na frente, fazendo-o tremer. Aaron Bitero o conteve e declarou:

— Pare, soldado, deixe o leão rugir!

O capitão Aaron Bitero fazia muito tempo queria um encontro como aquele. Sua posição de infinita superioridade em relação ao sumo general proporcionava um prazer indescritível.

Achou por bem usufruir o instante de humilhação do segundo mais poderoso hutu. Falou para Gedeon Bagirubwira:

— Pode continuar falando! Apresente seu testamento enquanto tem vida para isso.

— Eu não tenho de lhe apresentar nada, seu covarde! Dê-me cinco dos meus homens que eu abato estes tutsis fracotes que estão aí atrás, para você poder berrar contra um homem de verdade. Sua valentia não vem de você! Eu lhe digo que existem tutsis vivendo em locais onde a Frente Patriótica Ruandesa não tem presença!

— Você está pressupondo o genocídio? É isso que insinua?

O capitão Aaron Bitero percebeu que o general estava chantageando e ameaçando-o com a eclosão do genocídio. Tal ameaça e barganha recorrente o incomodavam muito. O comandante Paul Kagame temia que uma enorme matança de tutsis tornasse a ocorrer no Ruanda, como em ocasiões anteriores, pois uma crise de refugiados tutsis em Uganda somente traria prejuízos para a FPR. Ponderou a situação e achou que o melhor a fazer seria danar, logo de uma vez, o general hutu. Determinou que se fizesse um pelotão de fuzilamento composto por cinco inkotanyis e ordenou:

— Tragam o soldado hutu!

Do meio do escuro, saíram dois guerrilheiros trazendo um militar das FAR aprisionado, que tinha as mãos para trás e os pulsos amarrados. O rapaz tentara evadir-se no início do tiroteio, entretanto, fora capturado pelos tutsis que cercaram o lugar. Ele foi colocado na frente do pelotão de fuzilamento peado a um eucalipto. Entrou a pedir clemência, instando salvação, apelando, desesperadamente, num choro comovente.

— **Eu não quero morrer! Não quero morrer! Socorro, general! Salve-me! Não deixe que me matem. Negocie minha vida, iluminado senhor! Eu tenho filhos pequenos para criar!**

O general Gedeon escutou a lamúria sem atender aos rogos do soldado. Odiou o escândalo que o subordinado fazia, pois não suportou o fúnebre cainhar melodioso ferindo-lhe os tímpanos. Berrou para o rapaz atado ao tronco, pois a cena o remetia ao próprio fracasso no comando:

— **Cale a boca, miserável covarde! Você envergonhou seu regimento militar, ao fugir sem autorização superior. Ao menos, saiba morrer como um hutu, com honra!**

Um sargento da Frente Patriótica Ruandesa passou em revista seus comandados perfilados para execução do fuzilamento. Saiu um pouco para o lado e falou:

— Soldados, sigam o meu comando:

— Pelotão... Em forma!

— Pelotão... Apresentar armas!

— Pelotão... Apontar!

— Fogo!

O soldado hutu ceifado de luz tombou a cabeça e amarrado pendeu do eucalipto, elasticamente, extirpado do governo. O capitão Aaron Bitero ordenou que retirassem o corpo do soldado hutu da árvore e mandou que seus homens amarrassem e vendassem o general Bagirubwira no mesmo local. O general, inconformado, amaldiçoou tudo e todos neste mundo, com mais ênfase na esposa e na mãe do capitão Aaron Bitero, que não tinham nada com a história.

— **Aaron Bitero, seu filho da puta. Safado, corno! Sua mulher está a esta hora em casa fazendo o quê? Você vive feito macaco no mato e sua puta oficial dorme numa cama perfumada em Uganda, seu corno!**

O capitão Aaron Bitero perdeu a paciência com o general hutu. Deu ordens aos seus homens:

— **Por que vocês estão aí parados, seus imbecis? Amarrem esse boi pançudo na tora!**

Os soldados tutsis ataram o general ao eucalipto. O sargento tutsi iniciou o mesmo ritual de morte anteriormente realizado. Perfilou seus soldados em um pelotão de fuzilamento e iniciou o chamamento para a execução:

— Pelotão... Em forma!

— Pelotão... Apresentar armas!

— Pelotão... Apontar!

* * * * *

Eu, que estivera em choque por presenciar tanta violência e anestesiada em decorrência de ter testemunhado a morte do meu amigo Tharcisse Mugabe, tornei a mim. Algo deu logout em minha abstração e percebi o que transcorria em volta, enquanto eu divagara por lugares desconhecidos da compreensão humana. Tornou-me ao tino que eu era uma cidadã americana e que isso valia algo no Ruanda. Eu fazia parte da Cruz Vermelha Internacional. Decerto, uma instituição caritativa com algum prestígio, valor e dignidade naquele país de mentecaptos. Farta de tantas mortes, corri e me pus em face dos atiradores. Apesar de não ter apreço pelo malvado general hutu, defendi-o, pois ele era meu paciente na ocasião. Eu precisava parar a matança para que ela não se achegasse a mim igualmente. Ralhei alto contra todos:

— **Parem, seus animais! O que pensam que fazem?**

O Dr. Mike, percebendo outra de minhas crises, correu em minha direção e me puxou

para si.

— Pare, Dra. Isabelle, não torne as coisas mais difíceis para todos nós. Eles não lhe farão mal algum!

Ao ouvir o Dr. Mike me dizer o disparate de que “Eles não me fariam mal”, eu perdi de vez a temperança e rosnei pressionando as veias, trincando os dentes:

— *Como o senhor pode me dizer que estes insanos não me fizeram mal algum?*
Mataram o meu twa querido! Levaram o meu companheiro de dia a dia!

Ajoelhei-me e chorei, em desabafo de toda a angústia que me afligia.

— **Esses malditos mataram Tharcisse Mugabe! Esses loucos milicianos tutsis levaram o meu irmão!**

* * * * *

Aaron Bitero olhava tudo impassível. Ficara usado às atitudes intempestivas e birras da americana. Resolvera não mais lhe dar atenção.

* * * * *

O capitão tutsi falou para o Dr. Mike:

— Deixe essa maluca de lado, doutor. Deixe-a continuar o seu espalhafato!

Eu olhei para o capitão Aaron Bitero e uma força interior me elevou ao topo. Eu parti em direção ao grande líder tutsi e o encarei face a face.

— O senhor deve se achar uma pessoa especial, não é, capitão?

— Tenho meus defeitos e minhas virtudes, senhora, como qualquer um de nós!

— Pois pegue sua virtude e seus gorilas e ponha-se para fora do meu hospital!

O capitão Aaron Bitero olhou-me espantando e constatou que eu era mais insana do que lhe contaram. Pôs-se a rir.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Hospital? Que hospital? Ah! Ah! Ah! Ah!

O Dr. Mike olhou-me e riu baixinho, como se quisesse me dizer:

Que louca a senhora é, Dra. Isabelle, mas vá em frente, quem sabe pode até funcionar!

Eu peguei um adesivo do meu bolso. Era do tamanho de uma impressão A4. Preguei-o em um dos pedaços de parede que restou da mercearia. Nele estava estampado o inconfundível símbolo da Cruz Vermelha Internacional umedecido em sangue twa, uma rubrica da história da dor no mundo! Aaron Bitero olhou-me abismado. Percebeu que entrava a caminhar em lugar desconhecido e me perguntou:

— Que brincadeira é essa, Dra. Isabelle? Desde quando a Cruz Vermelha atua no comércio de Murambi?

— Desde hoje, capitão! O senhor cometeu um crime de guerra, no momento em que assassinou o meu ajudante enfermeiro de valise em punho e está prestes a danar um dos meus pacientes. Ainda que ganhe esta contenda contra os hutus, será levado a um tribunal internacional. Farei com que a ONU venha buscá-lo! Nem seu chefe Paul Kagame conseguirá salvar essa sua pele a não ser que o esconda para o resto da sua vida em uma mata tutsi.

* * * * *

Quando Isabelle tocou no nome do onipresente e onipotente Paul Kagame, o capitão Aaron Bitero lembrou-se que não estava só no mundo, que aquele pedaço de chão de sangue não era o Ruanda inteiro e que suas decisões deviam ser do agrado do seu judicioso líder e primaz guerrilheiro. Sabia que o atilado comandante, seu alter-ego vigilante, condicionante moral, era um homem probo biografado pelos feitos e que detestava injustiças ou violência desnecessária. O superior oficial tutsi sempre repreendia o capitão Aaron Bitero quando este cometia excessos ou comedia em zelos. Extratava-lhe os termos da sabedoria:

Amigo Aaron, travamos duas batalhas! Ambas possuem a mesma importância para nós. Deixo por sua conta a primeira, a luta contra as forças internas do Ruanda e o exército do Presidente Juvénal Habyarimana. A outra é a demanda para se conseguir o apoio da comunidade internacional para a causa da Frente Patriótica Ruandesa. Não conseguiremos a vitória final se não ganharmos ambas. Cuide dos trabalhos da morte, todavia não peje os meus pela vida. Mate, porém deixe-me falar aos vivos que precisem me escutar. Nunca dê motivos ou argumentos para que a França nos critique e apresente provas contra nós perante a opinião pública mundial. Quando você entrar com seus homens no palácio presidencial, nós herdaremos um país em destroços. Precisaremos do dinheiro e da ajuda dos outros para nos mantermos no poder. Não tema tão somente as armas dos hutus, mas suas palavras também. Esta é uma guerra de balas e de vozes. Aprenda a ser valente e a enfrentar destemido a baioneta à sua frente, entretanto, renda-se ao verbo, quando necessário for!

O Dr. Mike percebia que o capitão tutsi fraquejava. Aaron Bitero falou, para surpresa dos seus comandados:

— Desamarrem esse porco hutu!

O sargento que acompanhava o capitão da FPR falou, buscando reverter a decisão do seu superior, que julgou errada:

— Senhor, é uma ótima ocasião de matá-lo. Talvez não tenhamos outra!

— Sargento, se não tivermos outra oportunidade de liquidar esse homem, significa que perderemos a guerra. É isso que está a me dizer?

— Não, senhor! Contudo ele vivo pode torná-la mais difícil para nós?

— Já participou de alguma batalha fácil ao meu lado?

— Não, capitão!

— Pois então cumpra o que lhe mando fazer, antes que eu resolva pôr você no tronco em vez do gordo!

— Certo, senhor!

O capitão Aaron Bitero falou para nós:

— Vou vesti-los como meus guerrilheiros, para evitar que sejam alvos no caminho, antes de chegarem a Kigali. As estradas estão sob cerco! Um dos meus homens irá com vocês até o limite da nossa presença. Com certeza, na próxima vez que nos encontrarmos será em uma situação diferente. Hoje fica a sensação de que sobraram mais vivos do que deveria. A Dra. Isabelle fica conosco hoje. Podem ficar sossegados, pois nenhum mal será feito a ela. Não é do meu feitio machucar mulheres. Isto é uma especialidade do general Gedeon Bagirubwira e da Interahamwe dele.

O Dr. Mike falou:

— O que você quer dela?

— Precisamos de profissionais de saúde, Dr. Mike! Tenho vários feridos no campo de batalha, neste momento. Esse general hutu não pode se dar ao luxo de ter dois médicos cuidando dele, enquanto vários soldados agonizam nesta região!

Pierre Raynaud falou:

— Capitão, a senhorita Isabelle não poderá acompanhá-lo. Ela trabalha como civil no Centro Hospitalar de Kigali, não é militar e não deve ser capturada!

Para o capitão Aaron Bitero, o fato de ter me encontrado em uma frontaria encarniçada, atendendo um ferido, me tornava uma combatente contra sua tropa. Portanto, ficou firme em

sua decisão de me integrar ao seu grupo de assalto.

Eu falei:

— Não vejo problema, Pierre Raynaud. Eu sou médica e o que esse homem me pede não é estranho à minha rotina profissional. Se há feridos perto daqui, meu dever é atendê-los independentemente de quem sejam. Todo médico faz este juramento antes de receber seu diploma profissional. O capitão Aaron Bitero deu sua palavra de que nada de ruim me acontecerá. Em breve chegarei em casa.

E falei para o Dr. Mike:

— Dr. Mike, por favor, dê um funeral decente a Tharcisse Mugabe. É melhor eu não estar por perto durante seu enterro. Dois ou três dias longe me farão bem e me ajudarão a aceitar a ausência do irmão twa.

Eu segui serena, contígua aos guerrilheiros da Frente Patriótica Ruandesa. Tamanha experiência rude me anestesiara, a ponto de eu acreditar que nada de pior poderia me ocorrer no resto de noite. O amanhecer que entrava a escorrer pelas colinas não arrefecia o ímpeto dos homens que persistiam em guerrear por aquelas matas. O flagelo seguia renitente rumo ao caos absoluto. O convite dos rebeldes para que eu cuidasse dos seus feridos me fez acreditar que uma incumbência daquelas desviaria minha atenção do sofrimento causado pela perda do amigo twa. A morte de Tharcisse Mugabe me transformou e me tornou uma pessoa forte no Ruanda. O conflito entre tutsis e hutus que sempre se avizinhou de mim no Centro Hospitalar de Kigali, por meio dos seus moribundos disputados à morte, agora, em Murambi, penetrou o meu coração, avassaladoramente, com uma adaga que cortou em pedaços minha alma. Caminhei ao lado do capitão Aaron Bitero.

Os guerreiros, em sua maioria jovens, olhavam-me curiosa e sedutoramente estranhando o meu noviciado na FPR. Não estavam habituados à presença de uma mulher branca, acompanhando-os em momentos de privações. Devido à forma como estava sendo tratada pelo capitão Aaron Bitero, não foi difícil para eles perceberem que eu não era uma prisioneira e fora oficiada para a tropa. Elizaphan, jornadeando ao nosso lado, olhava-me seguidamente. De caminho, fez-me uma continência, como se eu fosse uma oficiala da FPR. Respondi-lhe, retribuindo seu aceno. O capitão tutsi olhou-me e riu. Falou-me:

— Os rapazes a consideram uma oficiala da Frente Patriótica Ruandesa, Dra. Isabelle!

— Por quê?

— Porque a senhora está comigo, ao meu lado. Bem-vinda à tropa!

— Só por isso? Todos que estão com o senhor se tornam oficiais?

Sem me responder, o capitão se afastou para conversar com um subordinado. Um soldado curioso que estava ao lado, discretamente, entreouvindo a conversa não se conteve e me falou:

— Não, Dra. Isabelle. Não é só porque a senhora está aqui na vanguarda em companhia do capitão!

* * * * *

O capitão Aaron Bitero olhou de longe e deixou que o soldado continuasse a conversa com Isabelle. Percebeu que ela passava por uma situação estressante havia horas e precisava relaxar um pouco. O colóquio com o rapaz poderia ajudar nesse sentido.

* * * * *

Eu perguntei ao garoto:

— Por que eu estou sendo bem-tratada por vocês?

— Porque a senhora é valente, Dra. Isabelle! Eu nunca tinha visto uma mulher tão ousada assim!

— Não imagine isso, meu jovem. A ocasião faz o ladrão! Apenas agi em minha defesa. Eu estava pelejando por minha vida. Nestas ocasiões, todos fazemos loucuras.

Notei que eu não convencera o moço. Ele me falou, cochichando em particular:

— A senhora foi a única pessoa que enfrentou e contradisse o capitão Aaron Bitero a ainda estar viva ao lado dele! Alguns colegas estão sussurrando que a senhora é uma poderosa feiticeira do bem com poder de esconjuro e, por conta disto, o capitão tem-lhe medo!

— Deixe de ser tolo, rapaz, como poderia aquele militar tutsi me temer?

— Recebemos uma mensagem do próprio comandante Paul Kagame. Ele quer conhecer a senhora!

— Só me faltava esta agora, colega! Que diabos eu teria a conversar com o major Paul Kagame?

— Não sei, doutora! Ninguém nunca sabe as pretensões do nosso líder. Quem descobrir antecipadamente os seus planos deve morrer! Se ele quer vê-la, deveria se sentir lisonjeada!

— Pois não tenho um pingão de vontade de conhecê-lo!

— Deve ser por isso mesmo que quer vê-la! Talvez no Ruanda a senhora seja a única pessoa importante que não tenha algum interesse em encontrar nosso comandante, pelo bem ou pelo mal. Temos outra percepção sobre a senhora, Dra. Isabelle!

— Ai! Ai! O quê?

— Os guerrilheiros estão achando que sua presença entre nós é um bom presságio!

— Por quê, meu rapaz?

— Temos na tropa quem acredite que a senhora é uma sacerdotisa santificada! Os cristãos pensam assim e os outros a veem como uma poderosa feiticeira branca! Um dos nossos, que se diz médium, jura que percebeu quando a senhora conversou com luzes e vultos do além, mais atrás, há pouco tempo, em Murambi! A senhora fez isso?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Não é à toa que vocês ruandeses sempre estão em briga entre si. Vocês são completamente malucos, quer sejam hutus ou tutsis!

— Disseram-nos que a senhora, em uma noite, caminhou por sobre as águas do Nyabarongo, falando com anjos e demônios. É verdade que a besta atacará Kigali e sairá do fundo do rio?

Eu estava me aborrecendo com a lorota do guerrilheiro. Resolvi encurtar o assunto, ao perceber sua pretensão.

— Soldado, vou lhe dizer uma coisa! Eu sou uma cristã deveras religiosa, temente a Deus! Diga aos seus amigos de tropa que não trago demônio algum para lutar ao lado deles contra os hutus! Diga-lhes que, se querem ganhar esta guerra, que lutem eles mesmos, pois o diabo não os ajudará!

* * * * *

Naquela altura, o Dr. Mike já dera um jeito de contatar o comandante Paul Kagame em Uganda. A morte de Tharcisse Mugabe e o revés que tal fatalidade causou a Isabelle deixaram o médico possesso. Até ele passou a sentir falta da chateação e supapos que dava no twa. Ameaçou deixar sua posição na Frente Patriótica Ruandesa. Informou que quase fora morto em decorrência da insanidade do capitão tutsi.

Aaron Bitero não passa de um pistoleiro inconsequente. O tutsi desajeitado levou a médica Dra. Isabelle e não há garantias de que esteja bem na companhia do desaprumado líder!

Ele ameaçou denunciar o rapto da médica americana à comunidade internacional. Paul Kagame sentiu um grande medo e um peso imenso sobre seus ombros. Seria uma tragédia para a Frente Patriótica Ruandesa ser associada, em nível mundial, a raptos de queridas médicas

da Cruz Vermelha Internacional. Isto criaria para sua sigla a imagem de selvagens repugnantes não merecedores de formarem uma nação e um estado civilizado. Entrou, de imediato, em contato com o capitão Aaron Bitero. Somente se acalmou quando este explicara que a médica branca estava do lado tutsi por conta própria e que, quando desejasse, poderia partir, de livre e espontânea vontade, em segurança. Paul Kagame pediu a Aaron Bitero que aproveitasse um momento oportuno para revelar à americana que o Dr. Mike trabalhava para a FPR e que fizesse de tudo para a deixar sã e salva em Kigali o mais breve possível. Deixou claro que, se algum mal fosse-lhe causado, alguém pagaria por isso. Paul Kagame, nos idos de 1994, estava em negociações com os hutus, para conseguir uma trégua estratégica para a peleja. Ambos os lados necessitavam de um tempo para recompor suas forças. Ele sabia que as preparações para o genocídio estavam em andamento. Muitas ações estavam sendo tomadas neste sentido. Precisava de fôlego para se organizar melhor antes do início da carnificina contra os tutsis civis residentes no Ruanda.

As Flores do Ruanda

Capítulo XV

A tutsi branca

Ao capitão Aaron Bitero foi deputado o comando de um razoavelmente numeroso pelotão da FPR, que fazia suas operações a pé por veredas dentro do solo ruandês. Durante quinze dias, caminhamos sem trégua pelos Distritos de Shyorongi, Murambi, Rutare, Muhura e Rukara. Os Inkotanyis adotavam uma tática de rápidos assaltos e recuos estratégicos. Nunca se demoravam muito tempo no cerco a uma localidade. Procuravam se aproveitar do fator surpresa. Nos meus primeiros dias, permanecia exausta, pois o ritmo da campanha era estafante.

A cada dia que passava, eu mais me enturmava e adquiria os hábitos, trejeitos e manias dos guerrilheiros e me identificava com eles, chegando ao ponto de passarem a me tratar como um elemento a mais na tropa. Fui adotada pelos rapazes da Frente Patriótica Ruandesa como oficiala dos Inkotanyis. No início daquela marcha, tive importância na atividade de assistência médica. Quando chegou o genocídio, não houve mais tempo para tratar os feridos, porquanto a sobrevivência passou a ser uma questão de manter-se em constante movimento, atirando e atacando sem parar, esquivando-se das hordas hutus que se formaram entre a população civil. Quando a situação chegou ao nível do impensável, o capitão Aaron Bitero entregou uma dose de morfina, um fortíssimo analgésico, a cada um de nós e explicou que era para utilizarmos no caso de sermos atingidos pelos hutus. Ele foi explícito que a ninguém estaria garantido o socorro médico na estrada adiante até que as botinas se acomodassem aos pés, pois acabar com as matanças do genocídio e tomar o poder central passaram a ser as prioridades inalienáveis. Havia uma movimentação coordenada das tropas da FPR, de forma que Kigali fosse cercada e sufocada. Se houvesse atraso por parte de algum grupo, o resultado geral da demanda poderia não ser o desejado. O capitão pediu aos que caíssem feridos ao longo do caminho que tínhamos pela frente, que utilizassem o anestésico para amenizar a dor e mantivessem no mínimo duas balas na pistola para o caso de aproximação de hutus.

Uma bala para derrubar um dos hutus como derradeira colaboração para a causa tutsi e a outra para usar na própria cabeça, de forma a ter-se uma morte menos dolorosa e digna que a proporcionada pelos vândalos!

Em certo ponto da caminhada, ao subirmos um íngreme cerro no distrito de Murambi, a canseira por desábito tomou conta de mim, pois não mais aguentava a vida de errante noctâmbula. Perguntei ao capitão Aaron Bitero:

— Vocês não descansam nunca, capitão?

— Nós estamos adotando táticas de guerrilhas aprendidas no Parque Nacional do Virunga, perto das montanhas vulcânicas, Dra. Isabelle!

— Qual o objetivo deste entra e sai sem resultados efetivos? — eu não percebia razão alguma para aquelas caminhadas infindas e me via como uma frágil e noctiflora plantinha mal regada.

— A senhora é perspicaz, doutora. Nós precisamos amolecer a resistência das Forças Armadas Ruandesas nesta região. Aqui eles formam um cinturão protetor da capital. Precisamos encontrar um ponto tépido por onde possamos penetrá-lo e depois dispararmos para o Ruanda austral até Kibungo. O intento do comandante Paul Kagame é sufocar a cidade por todos os lados. Nós vamos cercá-la em breve, entretanto, para isso, precisamos romper este cerco que margeia o lago Muhazi.

— Por que o senhor me relata os seus planos, capitão Aaron Bitero?

— Por que a senhora agora é uma das nossas guerrilheiras!

— Não me faça rir, senhor!

— Foi assim que o comandante Paul Kagame pediu-me que eu a visse, senhora. Ele me parabenizou e me revelou que sua incorporação à tropa levantou o moral tutsi em um momento delicado desta campanha. Corre em Uganda notícia de que a santa do Rio Nyabarongo desertou do lado hutu, é uma das nossas guerreiras e luta ao nosso lado.

— Ele deve ter falado isso em tom de brincadeira ou de lisonja comigo, não seja exagerado! Eu não desertei de lugar algum. Vocês militares são uns cegos e lunáticos!

Aaron Bitero riu.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Dra. Isabelle, quando estes meninos tutsis veem uma garota americana como a senhora lutar ao lado deles, arriscando a própria vida, sentem que realizam um trabalho importante aqui neste mato contaminado de sangue.

Em uma luzidia manhã de domingo, eu seguia minha estafante rotina de atendimento médico aos lesionados da Frente Patriótica Ruandesa para a qual meu tempo mal chegava. De repente, recebi dois rapazes em estado crítico, de maneira que pouco pude fazer pela saúde deles além da mera analgesia da medicina paliativa. Eram valentes e somente se entregavam aos cuidados médicos em último caso. Peguei minha valise e parti em direção à frente de batalha onde estava o capitão Aaron Bitero.

— **Capitão Aaron Bitero, o senhor não pode exigir que homens feridos continuem lutando. Devem ser recolhidos para atendimento médico na retaguarda!**

Ao me ver clamando como doida ao seu ouvido meando uma ação de combate, saída de onde ele não tinha a menor ideia, o capitão me falou:

— Quê? O que foi, Dra. Isabelle? O que diabos a senhora faz aqui?

Os Inkotanyis estavam em um combate ferrenho lutando pelas suas vidas entrincheirados em um lugarejo da cidade de Rukara. Inadvertidamente, Aaron Bitero empreendera uma perseguição a uma tropa da Interahamwe que lhe servira de isca para uma emboscada. Marchara como cordeiro para um açougueiro hutu. O local, isolado pelos inimigos, estava sob efeito de um estrondo espetacular. O capitão atirava nos inimigos como um soldado ensandecido. Ele tomou um susto, ao me presenciar abeirada de súbito ao fogo cruzado. Pegou-me pelos cabelos e me jogou ao chão, como se eu fosse uma pesada saca de café.

— A senhora está louca, Dra. Isabelle? Quem a mandou vir para cá?

* * * * *

Aaron Bitero imaginou que, se a americana morresse naquela encruzilhada, preferiria não sair vivo dali, pois teria de enfrentar a ira do major Paul Kagame, por a ter perdido tão estupidamente em uma escaramuça de segunda categoria.

* * * * *

— Eu mesma! Afinal foi o senhor quem me disse que sou uma oficiala do seu regimento!

— Pois eu já estou arrependido de ter-lhe dito isso! Considere-se rebaixada a soldada, Dra. Isabelle, e saia daqui imediatamente!

— Não posso ir, senhor!

— Como não pode ir? Isto é uma ordem para sua própria segurança!

— Eu estou a executar o meu ofício, capitão Aaron Bitero!

— Que raio de trabalho é esse que a senhora veio fazer neste tiroteio?

Enquanto me falava, o capitão tutsi atirava furiosamente. A situação estava desvantajosa para os Inkotanyis na colina de Rukara. A morte era uma questão de tempo, pois os hutus apertavam o cerco, obrigando os tutsis a gastarem suas últimas munições para desferirem o

bote final.

— O senhor está utilizando soldados feridos na linha de frente, capitão. Deste jeito meu trabalho se torna vão. Eu vim buscar os feridos que devem estar sob os cuidados médicos!

— De onde a senhora tirou essa ideia, Dra. Isabelle?

— De convenções internacionais e normas da Cruz Vermelha, senhor! Parlamente com os hutus e proponha um armistício, de sorte que sejam recolhidos os feridos dos dois lados para o atendimento de saúde!

Aaron Bitero não se conteve e riu em meio à própria desgraça.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Pelo menos a senhora me verá morrer sorrindo. Pensa que isso aqui é um duelo entre fidalgos franceses?

De repente, os hutus deram uma trégua e afrouxaram um pouco o cerco sobre os pobres tutsis que contavam suas inúmeras baixas. Eu corri para atender os necessitados. Percebi que não poderia salvar a vida da maioria daqueles jovens espingardeados pela ignorância de outros mais velhos que eles. Eu, pelo menos, apliquei morfina nos que me pareceram sentir maiores dores e os encaminhei sonolentos para o além-túmulo, ajudando-os a bem morrer. Belos sonhos deveriam povoar as mentes dos laudanizados garotos que jaziam aos meus pés, pois, expressavam contraditórios sorrisos e satisfação enquanto partiam sob analgesia e escuridão. Uma inútil luta pela sobrevivência era empreendida por eles. Como médica, apenas podia medir o tamanho dos ferimentos e sequelas produzidos pelos projéteis dos Kalashnikovs hutus.

* * * * *

Aaron Bitero, o mesmo que falara de modo emocional havia poucos minutos, agora descansava encostado ao respaldo de uma protetora pedra. O líder tutsi alçou os olhos ao céu à espera de um sinal que lhe mostrasse uma saída para a enrascada em que se afundava naquela fenda. Amaldiçoava a própria existência e a estupidez de ter perseguido os interahamwes de forma tão irresponsável. Olhava para a médica, enquanto ela assepsiava, inutilmente, os ferimentos dos companheiros caídos na terra úmida e se censurava pelo ocorrido. Caminhou para o mais jovem dos seus guerreiros que agonizava, dando seus últimos suspiros a estar por pouco. O rapaz lhe fizera um aceno para que comparecesse ao seu lado. Aaron Bitero achou que tinha obrigação de atender ao pedido do garoto desfalecido à sua frente. Avizinhou-se e lhe perguntou:

— O que você quer de mim, rapaz?

O moribundo tentou lhe dizer algo, mas não conseguiu coordenar a fala e apenas balbuciou alguma coisa incompreensível para o entendimento humano. O capitão Aaron Bitero

começou a sufragar o guerrilheiro, como se entregasse a jovem alma aos céus:

— Você foi um valente soldado. Estou orgulhoso de você. Eu lhe prometo que recomendarei seu nome ao major-comandante para que saiba que você foi um dos nossos bravos e que morreu com honra. Os tutsis ser-lhe-ão gratos até a eternidade. Seus familiares e amigos saberão o que houve aqui. Mas para isso precisamos encontrar um jeito de escapulirmos desta toca.

O jovem soldado tutsi da Frente Patriótica Ruandesa, em um último esforço de vida, roufenhou com balbúcie ao seu líder; a voz fraca e embargada apontando para a americana:

— A santa... A santa!

— Que santa, soldado? Você já está no céu?

Aaron Bitero, então, percebeu que ele queria ser tocado por Isabelle antes de partir para o além. Chamou-a.

— Dra. Isabelle, apresse-se; este soldado quer vê-la!

* * * * *

Olhei para o garoto e vi que seu estado era terminal e que não tinha mais nada o que fazer por ele. Afastei-me um pouco e puxei, pelo braço, o capitão Aaron Bitero.

— O que ele quer de mim, capitão? Eu já fiz por ele o que estava ao meu alcance.

— Não sei o que quer da senhora, Dra. Isabelle. Ele apontou em sua direção e me disse que precisa de uma santa para morrer em paz. Na certa quer se confessar antes de partir. Vá lá e diga-lhe algo de bom!

— O que eu poderei dizer-lhe de bom nesta ocasião, senhor?

— Não sei! Conte-lhe que a senhora perdoa seus pecados e que o aguarda algo de bom no céu!

— O senhor o conhece melhor que eu. O que eu poderia prometer-lhe que receberá de bom após sua morte?

* * * * *

Aaron Bitero pensou por um instante. Imaginou, esquadrinhou e perscrutou toda a fartura existente em busca dos objetos do desejo humano: diamantes, automóveis, ouro, joias, dinheiro, sexo e lazer. Todavia não teve como evitar dizer o que havia cristalino na dele e na

mente dos jovens guerreiros que caminhavam fazia anos pelas matas rudes do Ruanda.

* * * * *

— Conte-lhe que uma cama confortável com roupas limpas e água fresca o aguarda em uma planície silenciosa, na qual chegará em instantes.

Eu fui para junto do garoto da quase-morte e apertei-lhe a mão com força. Compartilhei com Deus minha tristeza com murmúrios de choro e reza entredentes. O guerrilheiro se expressava de maneira ilegível com linguagem virgulada e terminal de quem já não dá acordo de si. Tinha a vida semicerrada, aguardando o girar da chave que o levasse bem-ido ao além-mundo. O rapaz me olhou terna e apaixonadamente. Deitado na relva em uma poça de sangue, abraçou com resignação seu passamento. Faleceu, como se estivesse vendo, nos meus olhos azuis misturados à cor do céu por sobre minha cabeça, a porta do paraíso onde uma cama com roupa fresca o aguardava. Enquanto eu me entregava aos últimos suspiros do jovem guerreiro tutsi da FPR, o capitão e os demais homens olhavam para mim. O garoto fora o último a morrer e a consternação lúgubre, finalmente, tomou conta de todos, depois que a adrenalina dissipara-se nos nossos organismos. Os soldados tiraram seus bonés e, por uns instantes, soltaram seus rifles pecaminosos. Começaram a orar em silêncio, persignando-se cada um ao seu ritmo conforme sua crença e hábito. Alguns se ajoelharam; outros buscaram diferentes ritos. Todos entraram em um processo de meditação coletiva, menos um, o capitão Aaron Bitero que permaneceu ensimesmado, monologando vexado de si mesmo. Impressionou-se com a expressada religiosidade dos seus guerrilheiros. Eu estava no centro, chorando, ajoelhada ao lado do corpo do soldado tutsi, como se estivesse perdendo um filho por um aborto espontâneo.

* * * * *

Ao ver Isabelle qual diaconisa iluminada no centro de uma religiosidade pagã, lembrou-se da palavra dita pelo seu comandado ao apontar para ela: Santa! Uma luz clareou seus pensamentos e sua experiência de guerreiro mundano. Um brilho o irradiou e riu, imaginando como pôde ter sido tão ignorante e não perceber, em meio àquela confusão, a mensagem de salvação da tropa que a médica trouxera arrastada por seus passos inconsequentes. Aproximou-se dela, desesperado, e perguntou:

— Dra. Isabelle, como a senhora conseguiu chegar ileso até aqui junto de nós?

— Eu?

— Sim, a senhora!

— Está tudo cercado em sua volta, capitão. Há soldados hutus por toda parte!

— Isto já percebi. Eu preciso saber como a senhora conseguiu romper o cerco hutu!

— Não seria boba de romper cerco algum. Eu o evitei!

Desesperado, o capitão Aaron Bitero perdia a fala, não acreditando no descostume e ignorância da doutora sobre a problemática militar. Um soldado, mais calmo, tomou a frente da situação e indagou:

— Qual o caminho que a senhora utilizou, Dra. Isabelle?

— Eu vim pelo lago Muhazi.

— Como, se a senhora não está molhada?

— Encontrei um pequeno barco. Os hutus não vigiam o lago, pois cuidam que está longe daqui, no entanto, atrás desta escarpa, ao nosso lado, há um pequeno córrego que deságua no Muhazi a uns trezentos metros. Vindo ao encontro do barulho dos tiros e gritos de vocês, foi fácil chegar até aqui. Vocês formam a tropa mais escandalosa que eu já vi. Mais xingam que lutam — os tutsis e os hutus além de atirarem uns nos outros, trocavam ofensas aos berros.

Todos se agitaram. A animação tomou conta dos tutsis que perceberam um filete de esperança no qual poderiam se agarrar para tentarem salvar suas vidas. Uma velada operação de fuga foi montada. Porém, para terem sucesso, precisariam verter a atenção dos hutus para o lado oposto. Aaron Bitero amarrou os cadáveres dos soldados mortos em árvores parcialmente camuflados e estrategicamente posicionados de modo que fossem vistos de longe pelos hutus como uma tessitura tradicional de defesa da FPR. Ordenou que todos seguissem para o lago pelo arroio e se atirassem na água. Pediu que arrastassem a embarcação até o máximo de distância da margem, após o remanso, onde a correnteza e o vento fossem fortes o suficiente para facilitar o arrasto da embarcação. Ficaria atirando a esmo nos hutus até dar tempo de que todos mergulhassem no lago Muhazi e se afastassem. Depois, à ventura, correria sem freios para junto dos seus subordinados.

Quando os hutus perceberam que havia uma passagem para o Muhazi, correram para a sua margem, certos de que os tutsis tinham fugido naquela direção. Pararam na orla e olharam para todos os lados sem entender como uma tropa dos Inkotanyis sumira daquela forma. Um barquinho, ao largo, escorregando, silenciosamente, à deriva na frente deles chamou a atenção de um soldado por sua arfagem proeminente. O hutu engatilhou sua arma e deu dois tiros em direção à embarcação. Seu superior chamou-lhe atenção.

— Não desperdice munição, idiota. Já não lhe disse que o governo não está mais nadando em dinheiro!

— Eu apenas pretendia afundar o barco, senhor!

— Para que você o quer a pique, soldado?

— Para que os tutsis não o utilizem na fuga.

— Você acredita que um barquinho daqueles daria para transportar uma tropa de tutsis, idiota?

— Suponho que não, senhor!

— E com quantos tiros você o afundaria?

— Não sei, desculpe-me, senhor!

* * * * *

Os hutus saíram para vasculhar outra área adiante à procura dos guerrilheiros inkotanyis. No outro lado do barco, um tutsi levara na perna um dos dois tiros disparados pelo hutu e estava sendo amparado pelos demais. Nós nadávamos submersos, acompanhando a velocidade natural do barquinho e nos revezávamos quando vínhamos à tona respirar do lado oposto, de sorte que o barco ficasse entre nós e os hutus quando emergíamos três a três. Assim, a muito custo, nós nos mantínhamos fora do raio de visão dos inimigos na margem do lago. Enquanto passávamos pela frente dos hutus, rezávamos para não sermos descobertos. A situação tornou-se crítica, quando um de nós foi ferido. Precisou ser amparado pelos demais. Com sorte, fôlego e determinação, conseguimos escapar com um número aceitável de baixas em face da situação de desvantagem em que nos encontrávamos.

Aaron Bitero imaginou que, de alguma maneira, ficou devendo sua vida a Isabelle. Contou para o comandante Paul Kagame, pelo rádio, ao chegar vivo e feliz ao acampamento da Frente Patriótica Ruandesa em Murambi:

— Senhor, nós escapamos graças à médica americana. Ela salvou a todos nós e até agora não percebe a dimensão do seu feito. É ingênua e certa igualmente. Parece um míssil teleguiado que não tem jugo próprio, mas não erra o alvo. Ela é uma mulher especial, senhor!

— Você deve tomar cuidado, meu caro Aaron Bitero. Nós não podemos nos dar ao luxo de perdê-lo agora no final deste confronto.

— Eu aprendi uma dura lição hoje, comandante!

— A sorte parece acompanhar a Dra. Isabelle...

— Não sei se foi tão somente sorte, senhor! Os soldados que viram a morte de perto naquela cava em Rukara acreditam que o surgimento repentino e displicente da americana ileso dentro do tiroteio para salvá-los foi um milagre.

Paul Kagame riu da hagiolatria desmedida dos seus homens.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Você precisa de um descanso, amigo Aaron. Deixe que tenhamos uma santa armada ao nosso lado! Na Idade Média, os cruzados levavam um pavilhão sagrado em suas campanhas militares. Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

Após a operação de Rukara, o meu prestígio entre os soldados da Frente Patriótica Ruandesa cresceu bastante. Nunca fora tão paparicada. Os garotos brigavam entre si para atenderem aos meus pedidos. Ainda não tinha sido tão querida na vida por tanta gente de uma só vez. Foi estranho perceber carinho, amor, admiração e tantos sentimentos nobres em meio a um caldeirão fervente de carne humana ao fogo. Aqueles rapazes da Frente Patriótica Ruandesa prenes de sofrimento não mereciam aquela vida. Eu imaginava se tal refrega inconsequente dava-se por conflitos agrários. Descobri que uma das incompetências do ser humano é não saber dividir, repartir e compartilhar a fartura que Deus pôs no mundo. Era inconcebível que uma África tão imensa não pudesse abrigar aquela gente cada qual no seu lugar. O mundo carece de lideranças sinceras que possam redesenhar as fronteiras e balancear os egoísmos para que se extingam as guerras e a fome. Compreendi aqueles homens que foram expulsos do Ruanda pelos hutus e que queriam voltar para casa. Para isso tinham de se impor pelas armas. Lutavam por uma identidade nacional e por uma bandeira que os acolhesse. Formavam um povo sem nação, pois lhes faltava um pedaço de chão para hastear um pavilhão todas as manhãs. Uma vez, como de praxe, eu almoçava ao lado de uns soldados da FPR, conversando alegremente. Perguntei a um deles que estava sentado comendo uma insossa ração básica e parcamente nutritiva.

— Por que você luta, soldado?

— Por que assim há de ser. Obedeço a ordens, Dra. Isabelle! Outro me falou:

— Lutamos pelo direito de retornar ao nosso país e pela redenção dos tutsis!

Na realidade, aqueles homens apátridas não possuíam tanta afinidade com o solo ruandês. Muitos nasceram em Uganda e era nos maquis ugandenses que desejavam tocar adiante suas jornadas. Quem lhes dissesse que a vida naqueloutro país era dura não tinha como esconder que as condições no Ruanda eram piores. Eu notei entre os Inkotanyis um sentimento de repúdio não somente pelos hutus, mas também pelo solo que tantas agruras lhes infligia. Sob efeito do banzo, uns se tornaram xenófobos e outros nostálgicos. Durante as campanhas, amaldiçoavam as colinas onde lutavam contra os hutus, passavam privações e sentiam enorme saudade da Uganda cada vez mais distante nas raspas da lembrança. Porém, assim como em todas as guerras do mundo, no Ruanda foi preciso que poucos soubessem os motivos da contenda e muitos fossem motivados.

Aaron Bitero, desobedecendo e contrariando Paul Kagame, retornou ao distrito de Rukara. Dias depois da nossa primeira incursão naquele setor do Ruanda, eu fiquei sabendo

que o garoto que morrera agarrado em minhas mãos foi filho do nosso líder. Eu nunca percebera isso, pois o capitão não dispensara uma atenção diferenciada ao rapaz por ser seu progênito. Procurava ser um comandante justo e imparcial, por conseguinte, era respeitado na tropa. Talvez por ter sido tão profissional em relação ao próprio filho que não passava de um garoto imberbe, uma dor ingente o corroeou por dentro. Foi a única vez na vida que vi o capitão Aaron Bitero chorar. Ocorreu no momento em que retornou ao mesmo local da emboscada para encontrar o corpo do seu filho e dar-lhe um enterro decente. Nossos amigos tiveram morte sacrílega. Nós os encontramos violados e queimados, alguns esquartejados. Varetas foram introduzidas nos ânus dos cadáveres. Improvisamos uma módica e singela cerimônia fúnebre. Os soldados mandaram-me dizer uma breve missa de despedida e proferir a palavra sagrada de cunho religioso, pois argumentaram ser eu a única santa legítima entre tantos pecadores. Pontuei a oração:

Que Deus tenha estes garotos e os embale com as cobertas da paz e da candura. Que retornem às puerícias perdidas e que tenham resgatados seus brinquedos e seu direito de sonhar. Que encontrem a fartura e nunca tenham distanciado de si a luz divina e o Espírito Santo. Que não mais precisem atirar em outra pessoa e tampouco possam ser alvejados pela insensatez de um humano diante de si. Que apenas querubins se acerquem deles e que anjos a partir de então passem a ser!

Meu pai, uma vez, me afirmou:

Isabelle, tenha cuidado com as palavras! Eu sou político e entendo disto. Elas são mais pontiagudas que a lança de São Jorge e mais poderosas que os canhões que derrubaram a fortaleza da bastilha!

Ao concluir o epitáfio, orar e entoar alguns cânticos natalinos franceses que eu aprendera na infância, idiotamente, provoquei forte emoção nos homens rudes à roda de mim. Alguns durões choraram sentindo a dor da perda dos companheiros que tiveram seus corpos mutilados como ratos insignificantes. O enterro coletivo foi para o espaço e os mortos permaneceram insepultos. O capitão Aaron Bitero mandou cair os cadáveres dos soldados tombados em combate para que não fedessem e os amortalhou em sacos de lona. Falou para seus homens:

— Esta região profanada não é digna de ser sepulcro para meu filho e meus amigos. Vamos levá-los para solo irmão em Uganda onde seus ossos permaneçam quietos. Agora nós vamos visitar as pessoas que nos infligiram esta imensa perda!

Decorridos cinco dias do cerco a que fomos submetidos, a inteligência da FPR, infiltrada entre a população civil, apurou que boa parte dos hutus que participaram da operação em Rukara residia no distrito. Na ocasião, Aaron Bitero expressava uma tristeza ingente pela

perda do filho. Insondáveis pensamentos inçaram-lhe a aflição. Eu com minha boca solta me excedi no conteúdo emocional do meu discurso, que deveria ter sido para o sepultamento dos soldados abatidos em Rukara. Em consequência da minha falação, o capitão resolveu levar os restos de carne e ossos do filho e dos demais companheiros embalados como encomenda do além para um enterro alhures. O pior de tudo veio depois: estávamos com uma força infinitamente superior à patrulha que fora emboscada havia cinco dias. Ele resolveu invadir de surpresa a localidade de Rukara, ir à forra contra os hutus e purgar as colinas de malfeitores. Achei a atitude intempestiva, revanchista e caudilhesca da parte do nosso estimado prócer. O líder tutsi não estava a passeio. Simplesmente levou o horror em forma de massacre contra o povo hutu de Rukara. Não houve tempo para se investigar culpados ou inocentes. Com certeza, muita gente pura morreu no triste dia adulterado e nada me garante que tutsis, do mesmo modo, não tenham sido levados pelo insano reboque, mortos por acidente ou desconhecimento cego.

Eu, inicialmente, fiquei perto do lago Muhazi, enquanto a tropa invadia Rukara. Dois moços ficaram comigo para o caso de alguma eventualidade. O capitão Aaron Bitero falara ruidosamente para a tropa que nem de cócoras no mato eu prescindiria de homens por perto. Eu passara a ter a privacidade das formigas. Quando entrou o assalto dentro da cidade, os tutsis ao meu lado ficaram agitados. Nós ouvíamos os estrondos da artilharia incansável da FPR. Percebi que os inkotanyis queriam estar em combate com os companheiros. Lembrei-me de quando era adolescente e competia esportivamente pelo meu colégio em Nova Iorque e de uma ocasião em que, por causa de uma contusão, não pude participar de uma partida de voleibol importante para minha equipe. Uma angústia tomou conta de mim ao testemunhar, impotente, minhas amigas de time jogarem sem nada eu poder fazer para ajudá-las. Esta recordação me sensibilizou em relação à ansiedade dos dois tutsis.

— Rapazes, se vocês quiserem podem ir ao encontro dos seus colegas!

— Quem dera! Nós bem que queremos, Dra. Isabelle, entretanto, as ordens são para ficarmos ao seu lado.

— Besteira, podem ir, pois eu sei me cuidar sozinha.

— O capitão Aaron Bitero nos matará, se a abandonarmos aqui!

— Podem ir que eu me entendo com ele.

— A senhora quer uma arma, doutora?

— O que vocês têm aí?

Os soldados abriram uma mochila e me mostraram artilharias reservas que carregavam: espingardas, pistolas, facas, punhais...

— Como vocês conseguem tanto armamento? — perguntei-lhes.

— Com os hutus que nós matamos.

Eu peguei uma pistola tirante à que utilizei nas aulas de tiro na minha adolescência.

— Vou ficar com esta aqui, colega!

— Boa escolha. Essa é francesa. Os gauleses estão armando os hutus!

Eu fiquei sozinha por uma hora e meia. Um hutu apareceu e me atacou. Depois disto, eu temi que algum outro aparecesse e me encontrasse. Corri em direção a Rukara. Subi e desci duas elevações de terra velozmente. Ao adentrar na cidade, vi uma cena de desolação. Havia um sem-número de corpos espalhados pelas ruas da cidade. A situação estava praticamente apaziguada. Os soldados da FPR organizavam uma expedição para adentrar no Parque Nacional do Akagera, onde um grupo numeroso de hutus armados se refugiara. Eu me abaixei e comecei a tratar os ferimentos de uma garotinha hutu atingida na perna. Uma bala resvalara em sua coxa fina. Um guerrilheiro veio ao meu encontro e gritou o meu nome.

— **Dra. Isabelle!** — ele se aproximou.

— O que foi? O que você quer de mim? Alguém da tropa está ferido?

— Graças a Deus, por enquanto não, senhora! Contudo teremos baixas quando encontrarmos os hutus aquartelados no parque do Akagera.

— O que você deseja, então?

— O capitão Aaron Bitero quer vê-la do outro lado da rua, mais adiante!

— Volte e diga-lhe que estou atendendo esta menina!

— Ela não é tutsi, senhora!

— O que isso importa? Ela foi ferida e precisa de cuidados médicos. Não me faça crer que vocês atiraram de propósito neste anjinho, soldado!

— Claro que não, Dra. Isabelle! Matar crianças é um costume da Interahamwe, mas não nosso! Por certo, ela foi um acaso do azar.

— Vou acreditar em você, parceiro, contudo vou ficar de olho!

Após atender a garota hutu e suturar seu ferimento, falei que tomasse alguns anti-inflamatórios. Ela não me entendeu. O soldado disse-lhe algo em kinyarwanda e ela percebeu o que eu queria lhe dizer. Ele a orientou a utilizar uma erva local que tem efeito cicatrizante.

Finalmente, pude ir ao encontro de Aaron Bitero. A cidade de Rukara parecia um paraíso de fantasmas, tal o silêncio de morte que pairava no ar somente quebrado por gemidos de algum moribundo que agonizava nalgum canto. O capitão tutsi estava em um hangar de tamanho médio no final da rua, um pouco afastado da aglomeração urbana. Ele guarnecia a porta do local e, ao me ver, fez um meneio para que me apressasse. Circunspecto, falou-me solenemente:

— Dentro deste paiol, a senhora verá uma cena que a acompanhará pelo resto de sua vida

e talvez jamais esqueça enquanto viver, Dra. Isabelle! Eu percebo o quanto a senhora é uma mulher com retidão de caráter, que defende os direitos das mulheres...

Intriguei-me com o floreio no palavreado do capitão e resolvi entrar no recinto que servia de depósito para cereais plantados nas imediações de Rukara. Nele havia uma jovem mulher amarrada, deitada em uma cama imunda. O local exalava um odor horrível de fezes, urina, álcool e, por menos crível que parecesse, além disto, cheirava a esperma. Senti náuseas e vomitei, dando minha contribuição para a imundice do lugar. A garota estava magra e desidratada com um quadro comovedor de inanição, assialia e dipsose. Em minha consciência, não pude imaginar os tipos de constrangimentos por que passava dentro daquele recinto. De imediato, fiquei curiosa de saber desde quando ela estava sofrendo naquelas condições. Respondeu-me:

— Perdi a conta do tempo em que estou atada a esta cama, senhora, pois passei alguns períodos desmaiada. Eu lhe garanto que estou, neste leito, presa a estas cordas há mais de quarenta dias!

A voz da mulher era fraca. Ela estava faminta e sedenta. Comeu, bebeu e se limpou parcamente no período de cativo. Eu lhe ofereci água e lhe pedi que bebesse devagar, para não ter problemas gástricos. Falei-lhe:

— Não posso acreditar nesta aberração! Não sei como puderam lhe amarrar por tanto tempo!

Nós soltamos a mulher, porém não conseguimos fazê-la sentar ou andar confortavelmente. Por causa dos maus-tratos sofridos, sua musculatura estava fraca. Necessitaria ganhar corpo e fazer fisioterapia. Ela me contou que fora a mais bela jovem tutsi solteira da colina em Gikoro e que se recusara a casar com um hutu de Rwamagana. Ela, quando negou o pedido de casamento, não sabia que seu pretendente pertencia à Interahamwe. Ele ficou furioso, porquanto seus parceiros em Rwamagana comentaram que fora passado para trás por uma menina tutsi e riram dele. Como vingança, ele a raptara de dentro da sua casa na presença dos seus pais e a trouxe para a cidade de Rukara. Amarrou-a à cama e a pôs ao dispor de qualquer homem da cidade que a quisesse. Seu pai veio em seu socorro, todavia como lhe revelara um dos homens que entrara no lugar, fora morto pelos hutus. De início, as pessoas de Rukara estranharam sua situação e a deixaram em paz. Um casal que tentou desamarrá-la e pô-la em liberdade igualmente foi fustigado pelo seu captor e somente não foi ceifado por ser da mesma etnia. No quinto dia, um jovem hutu embriagado veio e fez sexo com ela. Na mesma noite, outro apareceu. Ela me asseriu que contou até a quadragésima vez. Depois parou e não conseguia mais saber quantas vezes fora violentada nem por quantos homens de uma única vez. Acreditava que cerca de cento e cinquenta hutus diferentes já a haviam seviciado naquela cama, pois este foi um número que ouvira. Às vezes, à noite, malfeitores faziam fila sentados no umbral do galpão. Alguns hutus ébrios ou sob o efeito de drogas bateram nela. Seus únicos momentos de sossego aconteciam quando desmaiava de dor ou fome temporariamente falecida. Contou-me que inclusive cachorros e cavalos trouxeram para boliná-la. O local se tornara um ponto de consumo de drogas, após ela ser posta à mercê da escória do lugar. A jovem não mais queria persistir, pois estava certa que contraíra o vírus da AIDS. Pelo menos

três homens diferentes confessaram com prazer sarcástico que eram soropositivos e que estariam transmitindo a doença para ela na ocasião em que a possuíram. Ela me expressou entre lágrimas que nunca mais, ainda que fosse possível viver cem anos, conseguiria tirar da sua boca o gosto ou do nariz o cheiro de esperma, por conseguinte, já não via motivos para viver.

Mandei que dois soldados trouxessem uma maca e a tirassem da alcova. Eu a levei para uma sombra à beira de um majestoso baobá e, sentada, fiquei escutando sua fantasia de menina bonita e garrida nos idos da puerícia e da época em que encantava a todos com seu jeito faceiro e jovial no distrito de Gikoro. Ela sentia prazer em me contar a primaveril história dos bons tempos de vida na tenra idade quando era uma menina. Percebi que editava uma quimera pueril e esmiudava a vida, como se dela estivesse se despedindo, entregando-a em confissão. Usou-me para acertar-se com as pendências do pretérito. Os Inkotanyis passavam por nós sob o baobá em direção ao Parque do Akagera no encalço dos últimos hutus e acenavam para mim, curiosos, para ver a face da Tutsi do Galpão que transara até com cavalos, consoante o boato que já corria na tropa. Ela, desdourada em alma, deitada com a cabeça no meu colo, tateou-me, como uma menina curiosa, que esclarece uma daquelas dúvidas com uma prima mais velha:

— Senhora, eu mereci sofrer tanto apenas por ter nascido tutsi?

— Claro que não, garota! Eu também, a partir de hoje, sou uma tutsi e tenho orgulho disto. Você deveria fazer o mesmo!

— Existem tutsis brancas?

— Não há tutsis apenas de uma única cor, querida. O mundo está cheio de tutsis como você, em todas as partes da terra!

— Elas sofrem nesses outros lugares como nós no Ruanda?

— Não, nem sempre! Felizmente, alguns países sabem cuidar melhor das suas tutsis.

Depois eu pediria ao capitão Aaron Bitero que providenciasse para que a adolescente fosse deixada em um local em que pudesse ter um mínimo de segurança. Ela foi levada para Byumba, onde a presença da Frente Patriótica Ruandesa era pujante e poderia ficar livre dos hutus que via como satanases. Tempos depois, eu saberia que o genocídio a alcançou. Quando me contaram que morrera em decorrência das matanças perpetradas pelos hutus, eu me perguntei se ela própria não procurara a morte, pois vida digna e saúde não mais possuía. Decerto, pusera termo à sua existência como mulher.

No final daquela tarde, quando os homens retornavam da campanha contra os hutus no Parque Nacional do Akagera, fui interpelada por um guerrilheiro.

— Dra. Isabelle, a senhora não sabe a surpresa que nós vamos lhe fazer!

— Que surpresa, soldado?

— A senhora nem imagina quem nós capturamos nos torrões do Rio Kagera!

— Quem foi que vocês pegaram naqueles campos de tão especial? O Presidente Juvénal Habyarimana?

— Não, senhora, nós pusemos a mão no hutu safado.

— Qual hutu safado? Conheço um monte deles.

— O que fez a maldade com sua amiga, Dra. Isabelle!

Gelei por dentro! Se houve em minha vida tão somente um homem que eu odiei antes de ver a face, este foi o hutu que amarrou aquela jovem e bela tutsi de Gikoro. Pedi que o trouxessem à nossa presença. O homem chegou escoltado e quieto, virgulando olhares. Acabrunhado, trazia uma imensa culpa pesando toneladas às costas. Ao enxergar a garota deitada na maca à sombra do baobá, teve certeza de que estava em uma viscosa enrascada. Ele pensou em um jeito de comutar sua pena em uma morte rápida. Imaginou que, em me ofendendo, conseguiria seu intento.

— O que vocês querem de mim, seus canalhas? O que faz esta piranha branca aqui?

Peguei um punhal da minha cintura, parti para ele e desferi um golpe habilmente contido por um dos soldados. Este me falou:

— Calma, Dra. Isabelle! Este hutu quer justamente nos enervar para que receba um tiro e tenha uma morte não dolorosa. Deixe-o conosco que vamos quebrar-lhe os ossos antes que morra!

Eu raciocinei, friamente, e resolvi interrogar o hutu, para tentar entender o que se passa na mente de um ser humano para fazê-lo capaz de maltratar outro de forma tão degradante como fez com a garota tutsi.

— Eu vou lhe dar uma oportunidade de você ter sua morte sem dor!

— O que eu tenho de fazer?

— Você terá de me responder, sinceramente, três perguntas.

Eu lhe fiz a primeira:

— Por que você fez tamanha perversidade com esta jovem tutsi?

Ele me respondeu:

— Por que ela me recusou e me humilhou!

— Você faria isso comigo também?

— Sim!

— E com sua irmã hutu, você faria?

— Não!

— Você está mentindo, cachorro nojento! Você é um desgraçado que estupraria até sua mãe, se a visse despida em sua frente, quanto mais sua irmã! Você não me respondeu com sinceridade as três perguntas...

A jovem olhava para o algoz se deliciando por vê-lo pagar pelo mal que lhe fez. O hutu se preparou para uma morte sofrida. Ao olhar-nos e nos ver como mulheres em estados tão díspares, entendeu finalmente a dimensão do que fizera. Eu o encarava bem dentro dos olhos em uma clara posição de repto e indignação! Minhas mãos tremiam e exigiam que eu pegasse um facão e o despedaçasse! No entanto, resolvi outorgar-lhe a liberdade que tanto queria. Eu lhe falei solenemente, após emergir da dor feminina:

— Não vou matá-lo, hutu! Alegre-se se existência é tudo o que almeja ter nesta ocasião! Dou-lhe de presente sua vida para que aprenda que ela só tem serventia para um quando outros a respeitam. A morte é uma dádiva grande demais para você!

O hutu me olhava enviesado, ressabiado, desconfiado do meu palavreado bonito, sem entender qual era minha intenção, contudo já se alegrava com a possibilidade de se manter vivo. Chamei um guerrilheiro e ordenei:

— Soldado, pegue sua faca e castre esse homem, agora, em nossa frente! Morrerá de hemorragia, se tiver sorte, entretanto, se lutar e sobreviver, nunca mais terá o direito a ter outra mulher!

Os Inkotanyis concordaram com minha decisão, achando justa a punição. Agarraram o maldito que, aos berros, atroou imprecações contra os céus, difamando todos os tutsis que conhecia de nome. Vociferou, principalmente, contra mim a quem descompunha com injúrias e impropérios grassados. O hutu ficou deitado sobre uma poça de sangue, urrando de dor, enquanto nós caminhávamos para nos juntar à tropa da FPR, que se dispunha em forma para abandonar Rutare.

Após terminarem o morticínio, os tutsis foram todos ao lago Muhazi para se lavarem e retirarem o suor que impregnava seus corpos. A noite caíra e a cantoria tomou conta do acampamento à beira-lago. Eles estavam sossegados, pois, segundo relatos da inteligência, não havia como os inimigos se aglomerarem em número suficiente para lhes fazer frente em uma batalha, por pelo menos alguns dias. Uns descansavam, outros bebiam e tão somente uma labutava: eu. Cuidava dos poucos feridos da operação. Malgrado formarem um percentual irrisório em relação ao total do regimento, os lesionados perfaziam um excessivo fardo para uma única médica. Eu reclamei ao capitão Aaron Bitero.

— O senhor precisa arregimentar mais profissionais de saúde para suas campanhas, capitão!

— Eu sei, Dra. Isabelle. Farei isso. Ocorre que, desde que a encontramos, estamos em uma sequência de improvisos.

— Por quê?

— Não sei, todavia sua presença trouxe um astral positivo para a tropa e o comandante Paul Kagame não quer perder esta oportunidade de ganharmos terreno hutu!

Eu o questionei acerca da barbárie daquela tarde. Ele redarguiu:

— Entenda, Dra. Isabelle, uma guerra não se ganha apenas no aspecto físico. O psicológico é assaz importante. Se eu não tivesse tomado uma atitude, na ocasião em que a senhora gerou aquela emoção nos meus homens, nós sairíamos dali com uma tropa menos confiante de si.

— Entendo, senhor, e me amaldiçoo por ter feito aquilo.

— Não, Dra. Isabelle, como chefe eu lhe agradeço a oportunidade que a senhora me criou. Mostrou-me indiretamente o que fazer e me proporcionou o momento adequado para realizá-lo!

Teatralizei uma resposta, clamando em gestos clássicos.

— Pare, capitão Aaron Bitero, pois, se o senhor continuar falando assim, sou capaz de me afogar neste lago com os fantasmas daquelas pessoas agonizantes atrás de mim, puxando-me para o fundo em um martírio de arrependimento.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Não se sinta culpada. A senhora não deu um tiro sequer!

— Isto é o que o senhor pensa!

— Quê? A senhora matou seu primeiro hutu?

— Infelizmente, sim; eu tive de me defender! Em meio àquela confusão, precisei me livrar de um perverso inconveniente!

Aaron Biteiro desabotoou o riso.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Pois é! Ele não sabia que é pecado desejar uma santa?

— É, pois é, não!

Rimos despreocupadamente. Eu me soltei, finalmente, pois um bloqueio me atormentara desde que eu atirara no hutu e matara um ser humano pela primeira vez na vida.

* * * * *

O hutu que me atacou aproveitou-se do fato de me encontrar só à beira do lago Muhazi. Arrastou-me pelos cabelos para uns arbustos, jogou-me ao chão e tentou tirar, à força, as minhas vestes. Deixei-o perder a noção do perigo. Ele não imaginou que eu pudesse estar

armada e se desguarneceu, ao fixar toda sua atenção no meu corpo feminino, que ia se mostrando para ele. Puxei minha pistola francesa e aponte para sua testa. Afastou-se e implorou, tentando me dissuadir.

— Não atire, senhora! Tenha misericórdia de mim. Tenho filhos pequenos para criar.

— Não merecem a porcaria de pai que têm. Se eu o matar, farei um favor para eles e para sua mulher, tarado safado!

O hutu ajoelhou-se e súplice iniciou uma lamúria sem fim, implorando-me que fosse misericordiosa. Suas palavras amoleceram o meu coração e, não obstante estar cogitando deixar o homem partir, perseverei com minha arma fixa apontada para ele. Os olhos do hutu brilhavam de medo e pasmo com minha atitude firme diante dele. Ele se perguntava se eu era uma realidade ou blefe. Questionei-o:

— Por que você está nessa vida de crimes?

— Os interahamwes me obrigam. Se não os ajudar, matam-me e, talvez, membros de minha família também.

— Mandaram você estuprar mulheres?

— Não, senhora... Perdoe-me! Deixei-me levar por sua beleza!

* * * * *

O hutu percebeu que estava na hora de tomar uma atitude em relação à mulher, pois não seria misericordiosa. Compreendeu a intenção de mantê-lo sob vigilância até os Inkotanyis chegarem e resolverem o que fariam com ele. Não queria, de forma alguma, cair como prisioneiro dos tutsis. Nem os hutus nem os tutsis costumavam manter seus prisioneiros vivos, após insidiosos interrogatórios. Ele se atirou e esbarrou nela na esperança de ela ser uma fraca atiradora. Não sabia das inúmeras aulas de tiro de que Isabelle participara por influência do pai, um político que acumulara uma vasta lista de inimigos nos Estados Unidos. Ele a derrubou, porém não conseguiu fazê-la soltar a arma da mão. Ao cair, ela se concentrou em permanecer com o dedo firme no gatilho, pois sabia que disto dependia sua sobrevivência. Ao vê-la caída, atirou-se pela terceira vez em cima dela, porém, antes que a tocasse novamente, ela atirou de modo simples e limpo. Míolos se espalharam pelo rosto da médica que sentiu na boca o gosto de cérebro humano morno misturado com sangue e pedaços de ossos do crânio despedaçado.

* * * * *

Depois daquele fato, achei por bem fixar quatro pistolas em partes diferentes do meu uniforme, em bolsos camuflados, pois eu sabia que teria desvantagem cada vez que um hutu se atirasse sobre mim, forçando uma briga de contato físico. Era impossível evitar as trocas de socos com eles, pois, às vezes, atirávamos uns nos outros a poucos metros de distância sob a escuridão das noites nubladas e, parcamente, alumiadas pelos rastros dos morteiros no céu. Os hutus, quando me atacavam fisicamente, invariavelmente me atiravam ao solo, ao perceberem que eu era mulher. A libido aflorava em seus corpos e, além de me baterem com força, procuravam, de algum jeito, explorar-me sexualmente, apalpando minha intimidade. Nestas ocasiões, tentavam me imobilizar e, por conseguinte, eu precisava alcançar uma pistola ou faca para poder atirar em meu agressor ou rasgar-lhe a jugular. Os jocosos rapazes da Frente Patriótica Ruandesa eram bem-humorados. Riram de mim e disseram que eu ficara parecida com um jipe de combate apetrechado de armas. Em pelo menos duas oportunidades, esta tática salvou-me a vida e dignidade feminina. Ao me renderem, os hutus me mandavam largar a arma e julgavam que eu ficara desprotegida. Não passava pelas suas mentes libidinosas que uma mulher portasse tantas pistolas no seu corpo para o qual planejavam uma serventia inebriante.

De uma hora para outra, eu me vi dentro de um país em caos violento, aterrorizada qual implume ave ao relento. Simplesmente já não podia abandonar a Frente Patriótica Ruandesa e sair andando normalmente para fora do Ruanda. As estradas para Kigali estavam em chamas. A serenidade passada era uma lembrança opaca impressa como rascunho em minha mente. Quando quis ir para longe, percebi que meu destino já dera volta à chave do meu ser e que de há muito meu caminho adiante não era mais uma questão à minha escolha e estava atrelado àquela tropa. Nada que fizesse pareceria autêntico. Perdera o livre-arbítrio. Minha sina passara a ser a sorte dos rapazes da guarnição do capitão Aaron Bitero. Irremediavelmente, tornei-me um deles. Percebi que devia entrar na peleja, de uma vez por todas, se quisesse viver. A guerra é darwinista, pois seleciona e premia com sorte e continuidade tão somente os mais fortes e adaptados. Por lascas de bonança no porvir, enrijei meu ser e pelejei duro. Os Inkotanyis não podiam me dar proteção vinte e quatro horas por dia. Tornei-me ativa por incontáveis dias e noites sob cáusticas intempéries: lutávamos contra os hutus de aurora a aurora, clonando dores, sob sol abrasador ou inverniais brumais, espalhando alegria ou tristeza por colinas, campos e paludes sombrios. Buscava fazer tudo dentro do possível e razoável para ter alguma serventia na tropa. Eu não possuía a causa que impulsionava os tutsis adiante naquela lida sangrenta. Invejava o brilho em olhos alheios ao meu redor. Nunca imaginara que a destreza adquirida no manejo de armas e a robustez proporcionada pelas artes marciais tidas por esporte e lazer encaixar-me-iam tão bem nas brenhas daquele pesadelo dantesco. Pela minha sobrevivência, passei a alvejar hutus e não mais pratos ou patos no céu americano. Medalhas ou ensopado de aves não me aguardavam após meus tiros letais. O horror rareou o riso e o descanso igualmente fez-se infrequente. O suor com barro brasido descia de minha testa e penetrava minha boca faminta e ofegante. Cercados, atolados e chafurdados na lama, passávamos dias a pão e água, aposentados no ar, dormitando quando podíamos. Charcos lodosos eram leitos que compartilhávamos com rãs. Diante de tamanha provação, eu me perguntava:

Onde, quando e como terminaria aquela estrada sem fim?

Duas coisas eu deveria prezar: a vigília e as batidas do meu coração. Ambas se enovelaram num abraço mútuo. Eu me tornara uma coruja atenta e uma pássara matutina.

Bebemos a noite inteira e celebramos a vida que ainda nos pertencia. Pelo menos a vida, a fim de respirarmos entre tantos mortos. A existência nos termos filosóficos, científicos ou religiosos da palavra não dizia respeito ao Ruanda de 1994.

Altas horas, a noite que ia serena sobressaltou-se com uma vozeria que acudiu à tropa. Ficamos curiosos de saber o motivo de tamanho júbilo poeirento que vinha na forma de um arrastão do outro lado do acampamento. Eu e o capitão Aaron Bitero estávamos sentados à luz de uma pequena fogueira de gravetos, entretendo-nos em assuntos vagos, escutando o chio de gordura ao fogo, enquanto preparávamos chá de ervas numa panela fumegante apoiada numa trempe corroída. Acendríamos, carinhosamente, nossas armas. Forçamos nossos braços contra o chão, de modo que a reação esticasse ao máximo os nossos pescoços, na tentativa de descobrirmos o motivo da algazarra. Percebemos que um soldado tépido e cambaleante era empurrado pelos companheiros em nossa direção. Igualmente, pensamos tratar-se de algum desgarrado de outra campanha que, afortunadamente, conseguia retornar à segurança da tropa, sem ter caído nas mãos do inimigo. Os extraviados eram comuns nas operações relâmpagos da FPR ao estilo vim, vi e venci. O comandante Paul Kagame aprendera a tática em um curso de formação que realizou nos EUA em 1990. Quando o tutsi visitante chegou perto o suficiente para ser reconhecido, o capitão Aaron Bitero alçou um grito de alegria que o fez compensar parte da dor pela perda do filho.

— Ora viva! Tenente Ota! Nem o nosso major-comandante ser-me-ia tão bem-vindo a este fim de mundo colinoso!

Aaron Bitero e Ota Uwiragiye se abraçaram tão calorosamente que nem irmãos gêmeos univitelinos se confundiriam e se mesclariam tanto um ao outro. O tenente Uwiragiye retornava ileso da difícilíssima missão de entregar aos pais o corpo do tenente hutu Fred Kaka. Estava satisfeito por ter cumprido sua demanda, todavia o custo fora alto, pois perdera todos seus companheiros de jornada. Fora perseguido pelos soldados das FAR e pelos interahamwes de Canisous Rubuga pelos campos à roda da cidade e sobrevivera bravamente a uma contenda titânica. Vira Canisous Rubuga enterrar, até o talo, seu machete na garganta de um dos seus comandados sem nada poder fazer. Por conseguinte, não se via como um vitorioso. Alguns soldados mais próximos aos rapazes que morreram na peleja perderam a graça e se recolheram aos seus cantos cabisbaixos. Porém Aaron Bitero não havia por que chorar a morte de soldados subalternos, quando seu valente oficial retornava ao seu lado para ajudá-lo a derrubar as muralhas de Kigali e subjugar o império hutu.

Eu perguntei ao tenente Ota Uwiragiye:

— Como o senhor conseguiu escapar dos satãs hutus, tenente Ota Uwiragiye?

— Dra. Isabelle, eu fio de verdade que, pelos recursos de que disponho e pela minha coragem, teria conseguido danar alguns hutus em um enfrentamento naqueles campos e colinas, todavia, na realidade, fui salvo por um demônio travestido de gente. Fiz um pacto com ele e lhe entreguei minha alma e vontade própria.

— Nossa, senhor! Quem poderia ter sido?

— Um sagaz pigmeu chamado Mukono salvou minha vida, senhora! Ele tem o dom da invisibilidade. Estes matagais são a sala de estar da sua imensa residência. Fio-lhe que o vi transmutar-se em macacos, lagartos e hienas nos vultos das consciências, conforme a serventia, qual matreiro camaleão. Conhece todos os atalhos deste país por acumular o saber dos animais que encarna e, para meu espanto, dispõe até de túneis por estes cantões!

— Túneis no Ruanda? Puxa Vida!

— Sim, túneis, Dra. Isabelle, segundo o vivaldino, construídos pelos egípcios há milhares de anos. Eu acredito que o próprio twa tenha cavoucado, ao longo dos registros, aquelas tocas espalhadas pelo mato para se proteger dos seus perseguidores. Relatou-me que os pigmeus serviram como escravos aos faraós e fora um deles. Percorremos boa parte do caminho como ratos sob o chão, acautelados até arrefecer-se a perseguição, subindo somente para passar de um sulco a outro. Pude sentir a vibração do solo quando as hordas hutus campeavam-nos por cima de nós.

— Mukono é um twa especial, senhor!

* * * * *

Ota Uwiragiye mal chegara à tropa e já ouvira falar da doutora e de sua visão, pois questionara os soldados a respeito quando curioso, de longe, a viu avizinhada do capitão Aaron Bitero. Um sujeito dos Inkotanyis respondera-lhe sarcasticamente apontando para ela:

Aquela loira é meio tonta, mas é gente boa! Ah! Ah! Ah! Ah!

Por isso, ele falou:

— Se o demônio que a senhora, em seu sonho, disse que emergirá do Rio Nyabarongo realmente chegar, será como aquele twa: lúçifer forrado de carne!

— Por que ele lhe ajudou, tenente?

— Revelou-me que odeia Canisous Rubuga e quem está contra o líder hutu está do seu lado! Contou-me que, por causa do outro, teve de amputar um dedo.

— É, realmente, conheço esta história.

Três dias depois, sentei-me ao lado do tenente Ota Uwiragiye e ele me contou em detalhes toda a aventura da sua desesperada fuga dos facões de Canisous Rubuga pelas matas da Kigali Rural.

* * * * *

Acheguei-me mais e mais à mediania dos guerrilheiros da FPR. Ficava muito tempo com eles, carteando a dinheiro. Sempre adorei todo tipo de jogo e qualquer competição me agrada. Eu perdia, mas também ganhava. Percebi que, me misturando e agindo como eles, chamava menos atenção para o fato de ser mulher e me livrava de inconvenientes. Reserva e clausura só me trariam mais olhares maliciosos e pouca irmandade nos momentos de aperto. Preferi encarar e me dei bem, ao assumir seus trejeitos mundanos. Nós pagávamos as apostas, quando perdíamos no jogo, com o dinheiro que retirávamos dos bolsos dos hutus exterminados ou com relógios, colares e outras bugigangas provenientes dos espólios da guerra. Nós nos abastecíamos em lugarejos e colinas que se transformavam, de uma hora para outra, em vilas fantasmas, assim que as sentinelas adiantadas percebiam nossa aproximação e davam alertas à população por meio de rojões estourados no céu. Nossa fama bastava ao medo.

Os Inkotanyis estão chegando!

Não pegávamos pesado se o lugar era amistoso. Mas sabíamos ser durões quando o reduto era interahamwe ou hostil aos tutsis de alguma forma. Quando havia extrema necessidade do elemento surpresa ao nosso favor, o capitão enviava um grupo de elite para abater os adiantados, caso houvesse. As campanas eram meticulosas e, às vezes, duravam dias a fio. Do grupo participava um belo soldado inkotanyi chamado Kimbolo, escolhido em decorrência de sua destreza com armas de fogo. Quanto mais nos distanciávamos do Norte do país e de nossas origens, mais necessitávamos do produto dos outros para sobrevivermos.

O capitão Aaron Bitero não gostava da minha aproximação excessiva com os guerrilheiros durante noites de cantorias, jogos e bebedeiras à beira do lago Muhazi. Falou-me que meu comportamento não calhava com a ordenança da FPR. Eu não havia me livrado da jovialidade e, às vezes, achava os garotos parecidos com os meus antigos colegas de faculdade. Talvez, por isso, existiu tal identificação de sentimentos. As prosas com os zelosos

inkotanyis me apraziam. Por seu lado, o capitão maliciava aqueles encontros e não cansava de me dizer que eu era jovem e bonita e seus rapazes muito salientes:

Dra. Isabelle, afaste-se desses safados tutsis e se comporte como uma oficiala da FPR. Far-lhe-ei valer a regra e não tornarei sua estada no meu batalhão a sua lua de mel!

O meu envolvimento com Kimbolo, um rapagão alto e forte, foi marcante e avassalador. Ele gostava de jogar xadrez, fato que me empolgou de certa maneira, pois sou uma entusiástica deste jogo de tabuleiro. Um dia, Kimbolo abeirou-se e me convidou:

— Vamos jogar, senhora?

— Hoje não quero mais saber do carteadado, Kimbolo! Acho que o pessoal trapaceou no jogo. Estou lisa, perdi tudo. Até as minhas latas de conserva os malditos levaram.

Kimbolo me entregou umas laranjas que trazia na mochila. Fiquei feliz de comer algo antes de dormir, pois costumo ter pesadelos quando durmo de barriga vazia. Estava apavorada, evitando pregar os olhos, visto que existiam muitas imagens terríveis em minha mente que dariam farto material para horríveis sonhos noturnos. Existia um acordo regulando-nos para moralizarmos as apostas e estatuirmos a credibilidade dos resultados: não deveria haver complacência com os perdedores. Se perdi o meu rango em um jogo limpo, que ficasse com fome até a chegada do próximo. Todavia este trato não valeu para Kimbolo, que veio discretamente em meu socorro, pois me via com outros olhos mais carinhosos. Respondeu-me:

— Não são cartas, Dra. Isabelle. Vamos jogar xadrez?

Fui pega de surpresa por Kimbolo. Ao vê-lo estender um tabuleiro plástico na relva que escorria para as águas do Muhazi, lembrei-me das leituras que fizera da teoria do jogo. Kimbolo era um autodidata meão e jogava pela intuição desprovida da ciência afeta ao jogo. Perguntei-lhe como aprendera a jogar.

— Aprendi ainda pequeno em Uganda. Minha mãe teve um amante belga que me ensinou a mover as peças pelo tabuleiro.

— Não diga amante, seu animal porco! Fale que sua mãe possuía um namorado belga... Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! — dei um cascudo na nuca do tutsi maledicente!

Kimbolo ficou surpreso, quando lhe contei que havia centenas de livros sobre xadrez e que os movimentos iniciais recomendados devem obedecer a alguma abertura criada no passado por algum grande mestre e que já tenha sido fartamente estudada em todas suas variantes de jogo. Admirado, não tirou os olhos de mim e, como bom aluno, pediu-me que falasse mais. Introduzi-o no mundo maravilhoso do xadrez, desde as milenares referências chinesas, persas e indianas aos dias de hoje na Europa Oriental, palco dos melhores praticantes do mundo.

— É preciso saber tudo isso para jogar xadrez?

— Para jogar não, mas, para ser competitivo em nível mundial, você terá de se dedicar aos estudos da teoria enxadrista.

— Como faço isso, Dra. Isabelle?

— A primeira coisa que você deverá aprender é a simbologia de transcrição das partidas.

Falei para Kimbolo que havia dois métodos principais para anotarmos em um caderno a movimentação das peças pelo tabuleiro, que são os lances do jogo.

— Para que precisamos anotar o jogo?

— Ora, meu rapaz, para termos a partida sempre conosco e estudarmos os nossos erros posteriormente ou para a mostrarmos aos amigos, se for de boa qualidade. As melhores performances dos grandes mestres são transcritas e analisadas em livros que são vendidos em todo o mundo.

— A senhora já jogou contra algum desses grandes mestres?

— Não! Somente jogam entre si em torneios patrocinados pela Federação Internacional de Xadrez, pois não somos adversários sérios para eles. Além do mais, em sua maioria, os grandes mestres do xadrez estão mortos.

— Entendo. As exhibições dos grandes mestres de outrora estão anotadas em livros e podemos reproduzi-las em um tabuleiro, para aprendermos com o jogo deles, certo?

— Bingo, Kimbolo! Vejo que é inteligente. Deixemos de papo-furado e vamos jogar uma partida!

Kimbolo ficou extasiado, quando lhe contei as histórias dos grandes mestres enxadristas desde Steinitz, Lasker, Capablanca, Alekhine, Bob Fisher até Kasparov. Detalhei-lhe o histórico confronto pelo título mundial, na Argentina, em 1927, entre Alekhine e Capablanca. Expliquei-lhe que o caminhar pelos lances daqueles jogos ao reproduzirmos aquele embate é um estupendo mergulho no mais profundo do intelecto humano. Indagou-me, então:

— Qual foi o melhor de todos?

— Esta é uma resposta difícil de ser encontrada, pois viveram em épocas diferentes e nem todos se enfrentaram entre si. Temos de levar em conta a evolução do jogo e o crescimento da oposição. Hoje é bem mais difícil ser campeão mundial que há cem anos, Kimbolo. Porém o enxadrista com quem eu me identifico é Raul Capablanca, o cubano.

— Por quê, Dra. Isabelle?

Percebi que nunca eu mesma havia-me feito tal pergunta. Por que raio eu achava Capablanca o melhor de todos? Pensei e respondi a Kimbolo:

— Ele foi o enxadrista que teve o jogo mais elegante e charmoso entre todos!

— Um dia também serei um campeão mundial de xadrez e a senhora falará de mim para outras pessoas que estiverem aprendendo o jogo!

Eu não pude me conter diante da ingenuidade e fanfarronice de Kimbolo.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Não seja tão petulante, inkotanyi! Primeiro você faça o obséquo de se manter vivo nesta guerra. Depois saia por aí procurando um mestre enxadrista, como faz atualmente com os hutus.

O capitão Aaron Bitero avizinhou-se de nós, olhou-nos curioso e mostrou-se avesso ao jogo. Disse-nos que o xadrez é uma perda de tempo e raciocínio. Não era um homem muito inteligente e estudioso. Seus aspectos marcantes eram a argúcia, coragem e resistência física. Era o tipo de líder que segue à frente do batalhão a peito descoberto e se choca contra o primeiro inimigo entre os que se arremessam contra a tropa. Percebi que não entendia nada de xadrez, por conseguinte, lhe falei:

— Capitão Aaron Bitero, meu pai diz que um cavalheiro que não saiba jogar xadrez um dia há de cometer uma gafe!

— Besteira, Dra. Isabelle! Seu pai é um político americano e, por causa disso, costuma falar bobagens!

Eu e Kimbolo passamos o resto da noite jogando. As laranjas que me dera amenizaram-me a fome. Os outros rapazes começaram a prestar atenção à nossa disputa. Kimbolo me surpreendeu, sinceramente. Notei que ele não tinha a menor noção das aberturas do jogo. No início das partidas e até a fase de desenvolvimento, ele ficava em franca desvantagem em relação a mim, pois não conhecia teoria alguma. Todavia, quando as peças diminuía no tabuleiro e adentrávamos no terceiro estágio do jogo, a finalização das partidas, conhecida etapa quando se separam os adultos das crianças e na qual a teoria vale menos que o dom natural, tudo mudava: Kimbolo me alcançava, equilibrava o embate, dava-me o troco e me derrotava, inapelavelmente. No princípio, acreditei que fosse má sorte, pois parecia impossível que um adversário com tal método torto, improvisado e heterodoxo pudesse me vencer. Todavia contra a fatalidade não há alternativa. Kimbolo era um belo talento enxadrista natural e selvagem, que deveria ser lapidado por mãos experientes. Percebi que ele antevia até seis lances. Os grandes chegam a dez, quinze, quem sabe... Foi firme e inclemente; derrotou-me partida a partida, enquanto ria caçoando de mim. Os rapazes perguntavam-me, esperançosos, quando percebiam que um confronto havia terminado:

— Quem ganhou, Dra. Isabelle?

Eu respondia sempre:

— Kimbolo!

— Quem ganhou, Dra. Isabelle?

— Kimbolo!

— Quem ganhou, Dra. Isabelle?

— Kimbolo!

* * * * *

Alta noite, o guerrilheiro afastou-se para urinar. Alguns inkotanyis, percebendo a tristeza da companheira por estar sendo derrotada de maneira humilhante, chegaram-se numa tentativa dissimulada de consolá-la.

* * * * *

Meu oponente demorou a voltar e perguntei para os meus amigos:

— Por que Kimbolo está demorando tanto, rapazes?

— Não sabemos, Dra. Isabelle. Vai ver que não foi somente urinar!

— Cruzes! Ah! Ah! Ah! Ah!

Os garotos ficaram contentes ao me verem sorrir novamente. Lá para tantas, Kimbolo retornou cabisbaixo e calado. Eu perguntei se estava com algum incômodo. Ele me falou:

— Claro que não! Por que eu haveria de sentir alguma dor? — achei-o grogue e confuso, mas poderia ser o sono...

Nós continuamos a jogar e eu, para minha alegria, ganhei três partidas de xadrez seguidas de Kimbolo. Perdi a quarta; entretanto, emplaquei mais duas contra ele.

Por fim, o tutsi me falou:

— Estou com sono, Dra. Isabelle. Deixemos para jogar em outro dia! — pretextou cansaço.

Eu não mais queria dormir. Senti-me orgulhosa de mim mesma, por ter me recuperado no jogo daquela maneira e dado uma lição de xadrez bem-jogado a Kimbolo. Porém, no dia seguinte, eu fiquei sabendo, por terceiros, que, à noite, enquanto urinava, Kimbolo fora segurado por uns cinco rapazes que lhe deram uma surra carinhosa:

Para que ele parasse de ganhar da Dra. Isabelle daquele jeito na frente de todo o mundo!

Fiquei com dó de Kimbolo e me senti culpada por ele ter apanhado dos belicosos Inkotanyis. Sabia que, quando os garotos pegavam alguém, como eles mesmos diziam:

Não davam mole e batiam no sujeito até fazê-lo comer sabão e depois batiam novamente até que aprendesse que sabão não se come!

Imaginei como pôde Kimbolo dissimular sua dor, enquanto coibia-se de ganhar, devolvendo-me as vitórias que tivera sobre mim num jogo lento como o xadrez. Por conta disto, na noite seguinte, passei calmamente com ele, ao meu lado, pelas margens do Muhazi. Paramos em um ponto aconchegante e discreto à beira-lago. Amoriscamo-nos e tivemos uma bela noite de paixão com segurança, atenção e carinho mútuos até raiar serena a madrugada. Após aquele namorico, os outros rapazes da Frente Patriótica Ruandesa se amaldiçoaram por não terem aprendido a jogar xadrez.

Como tão espertamente fizera Kimbolo!

Aquele inkotanyi nunca me falou que fora ele o algoz do meu twa Tharcisse Mugabe. Teve medo de me magoar e de perder minha amizade, pois me vira chorar muito, após aquela perda. No momento em que passei a conhecer bem Kimbolo, associei-o aos dois tiros que passaram rente à minha cintura e perna na trágica noite em Murambi, na qual morrera o twa. Além do que, ao ouvi-lo evasivo e dissimulado, solucionei uma dúvida retrospectiva que me perseguira até então: uma daquelas balas deveria ter sido cravada em mim, provavelmente a que se espatifou na parede da mercearia ao lado da cabeça do Dr. Mike. Há que se abstrair do mundo no instante do milimétrico bote predador. O sentimento de culpa parece uma bala fracassada. Não sei se por me achar uma mulher bonita ou uma pessoa inocente temeu arrepender-se e errou o tiro. O vacilo do homem social ocultou o soldado anônimo que deveria estar a postos. Nós, perfeccionistas, sabemos que os disparos são como assinaturas que revelam a personalidade dos atiradores. Mesmo em um ínfimo lapso de tempo, desprezível à percepção humana, o projétil transporta uma mensagem não só de dor. A trajetória da bala é uma reta vergada pela alma humana, pois é refém do cano de onde abalou. Uma bala em movimento expressa a perícia, a vontade, o estilo e o íntimo do atirador lançado pela mira. A guerra é um espaço barulhento riscado por linhas de balas. Uma delas quis que eu encontrasse aquele inkotanyi. Por sátira do destino, fui mulher do homem que, além de matar Tharcisse Mugabe, quase me alveja. Todavia, assim como eu para a seleção dos Estados Unidos, Kimbolo tinha para a Frente Patriótica Ruandesa alvos a serem acertados quer fossem patos, pratos ou não.

As Flores do Ruanda

Capítulo XVI

O genocídio

Dr. Mike sentiu a falta da Dra. Isabelle naqueles dias. Não imaginara até então que gostasse tanto dela. Somente percebeu isso quando constatou que sua ausência era um aceno de irremediável despedida. Teve consciência de que a perdera, de uma vez por todas. Nem mesmo as tutsis ao seu lado cada vez mais novas e belas, procurando sua proteção contra os hutus, consolavam seu coração. Ele nem ao menos saía se ela estava viva ao final de cada dia. Teve certeza que descobrira tarde demais, que o amor de sua vida escorregara pelas suas mãos. O sentimento que nutria por ela tornou-se um punhal enterrado no peito esquerdo, pois seus dias no Ruanda estavam se esgotando e não tinha como a rever. Teria de sair o mais depressa possível do país, senão sua máscara cairia e se mostraria para todos como um agente duplo e sem escrúpulos, atuando por interesse financeiro na contenda tutsi-hutu. Far-se-ia presente na menos nobre e mais sórdida entranha da peleja. Se fosse descoberto, sua vida não valeria um centavo de franco ruandês, pois os hutus o fritariam vivo e os tutsis participariam do banquete servido com sua carne frita em fogo brando, para demonstrarem que não possuíam envolvimento com ele. O anonimato era a matéria crucial do seu ofício. Se fosse desmascarado no Ruanda, não teria serventia em outros cantos do mundo. Sabia que a amada estava em uma tropa volante da FPR em incursões pelo Ruanda boreal, porém não imaginava onde e se ela permanecia viva. Tivera uma longa conversa com o comandante Kagame e chegaram a um acordo de que o “personagem Dr. Mike” deveria desaparecer da face da terra, de uma vez por todas, pois o nó se afrouxava e o desfecho da demanda da Frente Patriótica Ruandesa adjazia o fim. Destruíram o dossiê “Dr. Mike” feito por Ota Uwiragiye, de forma a não deixarem vestígios da sua passagem pelo Ruanda. Os líderes inkotanyis não queriam que o médico inglês, um indivíduo que atuou de forma tão pouco ética durante os últimos anos como agente secreto, viesse ao conhecimento da opinião pública mundial. Paul Kagame, tampouco confiava no espião, pois, se foi possível comprá-lo, nada garantia que não se vendesse novamente e desta vez para seus inimigos. Ponderou que tipos de gente como o Dr. Mike são necessários nos tempos de guerra, porém devem ser descartados, de imediato, quando se chega à paz. Na realidade, Paul Kagame via no horizonte avizinhar-se sua vitória e o soldado impávido e operoso instava-se a dar passagem ao estadista astuto e diplomático.

Quando retornou da perseguição ao tenente Ota Uwiragiye, Canisous Rubuga coligiu os

corpos dos soldados tutsis da Frente Patriótica Ruandesa e os derramou ao chão em um bar do centro de Kigali, escancaradamente. Pompeou-os como troféus e fez uma festa especial de comemoração, chamando a atenção de muita gente que passava pelo largo. O líder miliciano hutu, que já odiava os tutsis, passou a ter uma verdadeira ojeriza por eles, a partir do momento em que soube que a morte da sua prostituta preferida, Anne-Marie, seu verdadeiro amor, fora motivada pelo envolvimento dela com a gentalha da FPR. Remoeu-lhe a alma saber que participara ativamente do cerco aos rebelados tutsis nas imediações do aeroporto de Kigali, aonde viera a falecer sua amada. Doeu-lhe como uma clava em peito ter descoberto que fora todo tempo enganado pela sua tutsi predileta e que poderia ter sido dele o tiro que a matou na colina Karama. Canisous Rubuga já não desejava apenas exterminar tutsis. A partir dali, queria infringir-lhes dor e sofrimento, para que morressem agonizando aos seus pés. Ele passou a beber e a se drogar com mais intensidade e se transformou em um desmedido aleijão sanguinário durante o genocídio. Retalhou com seu facão centenas de tutsis, descansando sempre que não mais aguentava o esforço repetido, vencido pelas câibras.

Na oportunidade, vários hutus compareceram ao local onde estavam expostos os cadáveres dos inkotanyis. Um fato que poderia ter se tornado banal tomou proporções medonhas. Canisous Rubuga, em certa altura, declamou altissonante libelo:

— O governo deveria cobrar um imposto dos ricos deste país, vários deles tutsis, para adquirir mais armas para nós!

Muitos o ouviram também, aos berros, apregoar outras frases de efeito aos quatro ventos, porém esta gerou um boato no Ruanda de que o executivo iria promover uma derrama geral e expropriar o patrimônio dos tutsis residentes no país, para financiar a campanha de guerra. Ele somente emitiu uma opinião, porém o populacho tratou de engrandecer o conteúdo do que fora expresso por Canisous Rubuga em uma tarde de final de março de 1994. O povo hutu repartiria entre si as fortunas dos tutsis. Algumas pessoas puseram muita fé nas palavras do interahamwe, entre elas, influentes tutsis empresários. A autoridade do Ruanda não confirmou a afirmação, todavia, tampouco achou necessário desmentir apressadamente a história criada pelo hutu arruaceiro.

Por que haveria o governo de dar satisfações e prestar esclarecimentos aos empresários tutsis acerca do fisco em um momento tão delicado?

Esta era a posição de muitos políticos do partido radical de apoio ao Presidente Juvénal Habyarimana. Na realidade, havia gente que via com bons olhos esta ideia e entrou a apoiá-la abertamente. Para eles, os empresários tutsis que pensassem e analisassem os boatos do jeito que bem entendessem.

Em uma bela tarde do dia 25 de março de 1994, o Dr. Mike recebeu uma visita inusitada

em seu consultório médico. O Sr. Emmanuel Habimana o convidou para um passeio pelos campos locais.

— Do que se trata, Sr. Habimana?

— Não tenha receios, meu bom amigo, Dr. Mike. Não vou feri-lo ou fazer-lhe algum mal. Compreendo que estamos em uma época ruim neste país, mas não sou soldado, miliciano ou guerrilheiro. Como sempre faço, preciso tratar de negócios com o senhor!

— Não tenho capital suficiente para comprar suas sacas de café e não uso a fragrância do patchouli. Tampouco sou protetor de algum twa que atormente fazendeiros tutsis. Creio que o senhor procurou o negociante errado!

— Ah! Ah! Ah! Ah! O senhor sempre espirituoso, Dr. Mike!

Quando chegaram a um local discreto, o cafeicultor utilizou-se da sua conhecida léria e iniciou um longo discurso acerca da sua vida, desde a tenra idade até aqueles tempos. Falou do estorvo crescente de manter seus negócios com lucratividade em tempos de exceção. O Dr. Mike ouvia atentamente o estancieiro de Gitarama, pois, com sua experiência, farejava a presença de dólares no lero-lero tutsi. A conversa se estreitou, quando o Sr. Emmanuel Habimana começou a discorrer sobre o despropósito que seria o governo tomar todos seus bens como andavam dizendo por aí. Falou que estava cansado de tantas propinas nas suas costas.

O Dr. Mike estava de malas prontas para, literalmente, fugir do Ruanda, antes de ser descoberto pelos hutus. Sabia que o cerco estava se fechando contra ele. Temia o chefe da guarda particular do general Gedeon Bagirubwira, sargento Charles Musayidire, que tão somente dependia da resposta a uma consulta feita a alguém do serviço secreto americano para juntar as peças que o denunciariam como espião. Ponderando estas circunstâncias, ele resolveu ser franco para com o Sr. Habimana, pois não havia tempo para muitas delongas:

— Quer assassinar o Presidente Juvénal Habyarimana, Sr. Emmanuel?

O fazendeiro tremeu incontinente. Estava apenas fazendo uma sondagem ao Dr. Mike sobre suas opiniões políticas acerca da governança hutu e, depois de alguns encontros, se percebesse alguma receptividade por parte do médico inglês, pediria alguma orientação a respeito. Ele o escolhera em virtude da larga experiência internacional do médico. O Dr. Mike, que vira oportunidades naquele colóquio, criou coragem e continuou falando com o produtor rural às claras. Não tinha o que perder; era pegar e sair!

— Sr. Emmanuel, não tenha receios de se abrir comigo! Não sou ruandês ou xenófilo e não tenho sentimentalismo barato por este país. O Ruanda é somente um dos inúmeros lugares onde trabalhei.

— É bom ouvir isso, Dr. Mike, pois me conforta. Tenho de tomar uma atitude drástica para obstar esta peleja e vil exploração, senão vou à falência e a Fazenda Boa Esperança voltará a ser um torrão inculto, um matagal agreste a mais em um outeiro do Ruanda.

— Pare de ver em mim um médico! Assim como o senhor, também sou um negociante por estas partes do mundo. O senhor planta café e eu discórdias. Ah! Ah! Ah! Ah!

— Entendo, Dr. Mike. O senhor é inteligente. Nos dias de hoje, há mais mercado para o seu que para o meu produto!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Pode crer que sim, Sr. Habimana!

O estancieiro tutsi possuía excelentes contatos fora do país. Chegara antes dos hutus à verdadeira razão da estada do Dr. Mike no Ruanda. Algumas pessoas influentes na Frente Patriótica Ruandesa contaram-lhe o acordo que existia com o médico. Ficou sabendo que ele era um agente secreto, porém não conseguiu saber mais que isso, mesmo pondo dinheiro. Seus informantes do exterior estavam buscando mais dados, assim como faziam os hutus do outro lado do nó. O Dr. Mike sabia o quanto as pessoas descobriram sobre si e das intenções do fazendeiro. Estava revoltado com a intromissão generalizada em sua vida. Ficou pensativo um pouco, olhou para longe, contemplativamente, e falou para o interlocutor:

— É engraçado, Sr. Emmanuel, pois eu conheço alguns hutus e outros tantos tutsis importantes que também adorariam assassinar o Presidente Juvénal Habyarimana. Será o senhor a conseguir fazê-lo antes que o executem?

— Eu não saberia como, por isso preciso da sua ajuda. Pensei no senhor, que tem tantas amizades com as mulheres desta cidade. Talvez tenha a confiança de alguma que se envolva ou trabalhe com o presidente...

— Cogita envenenar o homem?

— Não sei... Eu peço sua opinião.

— Poderia até funcionar, senhor, entretanto, seríamos descobertos no mesmo dia em que o hutu desse o último suspiro. Seria fácil chegar ao executor, a mim e por tabela ao senhor, mediante tortura e depoimentos. Eu, sinceramente, não gosto de sofrer! Todo bom profissional somente aceita um encargo destes se houver uma rota de fuga que lhe dê margem de segurança para se safar. O plano não é esse, Sr. Emmanuel.

— Que plano? Já existe um plano? O senhor possui um?

— Como lhe disse, esta não é a primeira vez que lido com esta questão no Ruanda! Basta-nos apenas pôr em prática o que poderia estar programado e em curso para acontecer.

— Deus do céu...! E por que o assassinato do presidente não foi levado a termo?

— Meu cliente desistiu ou adiou a sua execução!

— Quem foi que o contratou, Dr. Mike?

— Isto nunca se saberá!

— Diga-me então: foi um tutsi ou hutu?

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Sem comentários, Sr. Emmanuel! Esta será uma boa pergunta por muitos anos à frente! Ah! Ah! Ah! Ah!

O Sr. Emmanuel Habimana se acercou de outros empresários de sua confiança para levantar os dois milhões de dólares acertados na negociata com o Dr. Mike. O planejamento militar ruandês em 1994 foi caótico e subestimou o impacto sobre o empresariado nacional. A economia do país estava em frangalhos. O médico inglês aproveitou vantajosamente uma situação que se apresentou no seu caminho, ao deixar o país em fuga. Para ele, tanto fazia abandonar o Ruanda como espião atuante em fatos nebulosos ou como assassino do presidente, pois, se fosse pego, receberia uma bala na testa desferida com o mesmo zelo, quem quer que fosse seu matador, tutsi ou hutu. A corrupção, extorsão e a indústria de propinas montada pelos políticos ligados ao executivo e, principalmente, o sucateamento dos setores de produção que estavam em via de colapso foram determinantes. A iniciativa do Sr. Habimana de se abeirar do Dr. Mike, em um momento singular para o inglês, pôs fogo na situação. O cafeicultor tutsi não imaginara que o médico, no desespero de fuga, se prontificaria de tal modo positivo a fim de levar às últimas consequências o plano de assassinato do presidente, que estava posto em suas mãos, aguardando em banho-maria, a hora propícia de acontecer. O acordo com os mercenários sul-africanos estava feito. Foi o bastante incitá-los e informar que chegara a hora, para se iniciar a sequência dos fatos que redundaram no assassinato do presidente hutu. A ocasião foi estatuída naquele encontro.

* * * * *

O Dr. Mike era um agente secreto ancorado em algum governo deste mundo. Ao retornar, comentei o assunto com meu pai e ele mexeu no caso em conjunto com um amigo da regência americana. Esbarraram no arrojo do partido republicano de não levar o caso adiante. Havia gente influente que não queria a continuidade das investigações sobre a participação do Dr. Mike na guerra tutsi-hutu. O envolvimento dum senador americano era inapropriado, pois a mídia mundial diariamente apresentava criancinhas negras morrendo de fome em campos de refugiados no Congo. Qual político queria ter seu nome associado àquilo? Existiu outra razão maior para o silêncio do meu pai em relação ao caso: eu, sua Isabelle querida. Seria terrível politicamente para ele vir a público que eu tivera um romance com um espião do submundo do crime internacional. Meu pai me falou, certa vez:

— Isabelle, minha filha, você se envolveu com um tipo perigosíssimo! Este Dr. Mike é o satanás em corpo humano. Considere-se com sorte de estar viva!

— O senhor acha que ele pretendia me matar, pai?

— Não tenho dúvidas disso, filha! Segundo uns amigos que tenho entre o pessoal da inteligência, é do tipo que não deixa rastros! Você mesma me falou que revirou a papelada dele. Por certo, sabia disto. Houve outras mulheres associadas a casos de espionagem supostamente atribuídos a ele.

— Elas foram mortas?

— Pior, filha! Não tiveram nem direito a enterro, pois sumiram como suspiros ao ar.

Eu lhe fiz a pergunta óbvia:

— Quem é o Dr. Mike, ao final das contas, pai?

— Ninguém sabe ao certo, Isabelle! Foi testa de ferro de alguém importante. É um clandestino aferrado, talvez, a alguns governantes e a nenhum em particular. A crise mundial faz surgir tais tipos de gente. É preciso que exista quem atenha-se ao trabalho sujo. Não se sabe ao certo de quem ele esteve a serviço no Ruanda. Há quem diga que é de uma das repúblicas da extinta União Soviética. Um checheno é o mais provável. Quanto ao nome Dr. Mike, desista que não é esse. O tipo deve ter dezenas de identificações falsas. É culto e inteligente. Não duvide se lhe disser que neste momento possa estar vivendo com uma identidade alemã, por exemplo, em algum lugar do mundo. Ele não é inglês como afirmou. Sua influência perante os organismos internacionais, se é que tinha alguma, não era dele, como todos pensaram no Ruanda, todavia de quem lhe dava suporte por trás de si, nalgum lugar do mundo ou em algum órgão clandestino dum Estado qualquer na África ou fora dela. Era um pau-mandado. Não duvido que a própria FPR o tenha financiado quando abastecia de dinheiro o bolso do presidente hutu como engodo para obtenção de informações privilegiadas.

* * * * *

Por dois milhões de dólares, o Dr. Mike pôs em prática o plano concebido dentro do próprio Ruanda, que consistia em derrubar o avião do Presidente Juvénal Habyarimana com ele e sua comitiva toda dentro.

Em 6 de Abril de 1994, Juvénal Habyarimana e Cyprien Ntaryamira, Presidente do Burundi, foram assassinados, quando o avião em que estavam foi derrubado por foguetes antiaéreos, nos minutos em que estava prestes a aterrar em Kigali. Este evento acendeu o pavio que desencadeou de imediato, na mesma noite, o genocídio ruandês. O Dr. Mike sumiu imediatamente. Os recursos e os homens, todos estrangeiros anônimos de um grupo de elite, estavam arregimentados. Evidentemente, teve de configurar uma adaptação de última hora: a retirada deveria contemplar outra porta. Mukono foi escolhido para guiar o espião e os mercenários pelas matas do Ruanda, em uma sorrateira fuga até a Tanzânia onde o grupo se dispersou, para não mais ser visto no mundo.

Na ocasião em que abateram o avião e suas chamas desciam velozes para o solo, Mukono viu ou pressentiu o demônio, a morte ou um breu pilotando a aeronave, acenando em sua direção. Inspirado, o twa proferiu, em forma de conjuro, a praga que se constituiu em seu último e maior trabalho de magia negra. Versejou obscurecido:

Que sete hutus portem sete clavas de madeira; dezessete tutsis levem cento e dezessete cacetadas; em sete colinas setecentos sejam mortos!

Por fim:

Que sete médicos se afoguem!

Em Kigali, de imediato, sete hutus armados com porretes mataram tutsis a pauladas. Foram seguidos e imitados por uma horda de assassinos.

Um fazendeiro em desespero, um médico oportunista e um twa ardiloso deflagraram o genocídio ruandês. Domitilla morreu tempos depois e levou consigo seu segredo hermeticamente guardado até agora. Ela procurou Isabelle pelos cerros ruandeses, quando esta caminhava em operação com os Inkotanyis e a encontrou, pois queria saber se a americana conhecia o paradeiro do Dr. Mike no exterior, de sorte que pudesse saber a verdade sobre o desfecho do seu amor. Mukono escafedeu-se para sempre naqueles dias. Acredita-se que o Dr. Mike e seus amigos mercenários deram-lhe fim, após não ter serventia durante a fuga. Queimaram o único arquivo nocivo que julgaram existir.

Na opinião dos poucos pigmeus que sobreviveram ao ano de 1994, o genocídio levou Mukono, o que não deixa de ser verdade. Segundo a crença atual dos twas, o outrora espevitado pigmeu assumiu uma condição espiritual zen nas selvas ruandesas e ganhou o direito a ter sua gruta, sacrário e altar no Parque Nacional do Virunga, nas montanhas vulcânicas, em meio aos gorilas ruandeses. Para o local, muitos acorrem em romaria. Desde então, Mukono recebe em morte, como oferenda, benesses que necessitava furtar para possuir em vida. Ele passou a ser um dos cultuados eruditos ancestrais dos pigmeus a quem se destinam orações e preces. Isabelle, em sua opinião, também incluiria no rol de divindades pigmeias Tharcisse Mugabe, o seráfico twa das flores do Ruanda, o cruzado mais cheiroso do lugar. Todavia, para os batwa, a lança de Mukono foi mais brava que as flores de Tharcisse, que resta esquecido. O seu twa foi muito avançado para os seus, pois nascera póstumo.

Nas cercanias de sua gruta, entre os gorilas do Virunga, o espírito de Mukono apenas sua personalidade ao corpo de um espécime jovem e ambicioso daquelas montanhas. Nestas ocasiões, pelo poder e pelo harém, enfrenta o macho dominante do grupo, um imenso gorila alfa batizado de Zeus pelos biólogos que monitoram o bando de símios. Na realidade, Mukono faz o que sempre soube fazer: contesta a ordem vigente e parte para a ação. Falta saber se como gorila ele está ou não melhor que como twa.

Emmanuel Habimana foi morto e engolido inteiro pelo genocídio que ele próprio ajudou a antecipar. O fazendeiro, que se gabava de ter enriquecido por perceber tendências, encontrou a desgraça na primeira vez em que falhou feio. Errou no seu diagnóstico sobre o que ocorreria à Fazenda Boa Esperança em 1994, após a morte do Presidente Juvénal Habyarimana. Um machete hutu cravado no peito foi sua paga pelo que julgou erroneamente ser o seu maior feito econômico.

* * * * *

Na noite do atentado contra o avião do Presidente Juvénal Habyarimana, acordei de um pesadelo sinistro, no qual vira novamente minha mãe. Ela estava ao lado de Mukono, pairando no ar por sobre o Rio Nyabarongo, atirando pétalas de flores para dentro das águas negras. Um fundo escuro alumado por uma opaca luz azul proporcionava um mínimo de visão da paisagem em volta dela. No sonho, ela me chamou.

— *Venha, Isabelle, venha se banhar!*

A noite brumosa era uma invernia gelada e eu estava parcamente coberta, deitada ao chão de um outeiro qualquer nos matos em roda da cidade de Rwamagana. Os rapazes da Frente Patriótica Ruandesa estavam dormindo em derredor. Eles me deixavam no centro, encoberta por seus corpos. Tornara-me uma espécie de amuleto para a tropa de guerrilheiros e não permitiriam que, se fôssemos emboscados, eu estivesse ao alcance dos primeiros tiros dos hutus. Por minha cor, eu era um alvo destacado para os inimigos, que na multidão prestavam atenção em mim.

No sonho, após o convite da minha mãe para entrar no Nyabarongo, pus as pontas dos dedos do pé sobre as águas turvas. Fazia isso na banheira de nossa casa em Nova Iorque: quando menina, era levada por ela para me banhar antes de seguir para a escola.

— A água está fria, mãe. Esquente-a mais.

— *Mukono está chegando, minha filha. Você gosta dele?*

— Gosto, mãe, mas ele é encrenqueiro!

— *Você também é sapeca, Isabelle. Olhe para as águas, minha filha. Cuide-se, pois Lúcifer acaba de chegar!*

Olhei para o Rio Nyabarongo e tudo estava calmo. A névoa fria cobria suas águas em breu sob a noite azevichada. De repente, um som inicialmente baixo foi crescendo, crescendo, crescendo até se transformar em um estrondo espetacular de barulho aterrador. Eu estava dentro da explosão. Uma língua de fogo caiu do céu e transformou em chamas as águas escuras. Tudo asserenou, lentamente. Um cenário de final de guerra afronteiu-se de mim:

milhares de cadáveres de homens, mulheres e crianças passavam por mim, boiando na correnteza. Minha mãe falou:

— Veja, Isabelle, você pode atravessar o rio agora. As águas não mais são frias. Estão quentes como o sangue em suas veias.

Ela caminhou pelo Nyabarongo, correndo para lá e para cá, borboleteando, pisando nos corpos que boiavam. Disse-me:

— Perceba, Isabelle. Há tantos mortos que não consigo mergulhar! Não quer andar por sobre as águas? Estes defuntos são todos tutsis. Estava escrito que Mukono traria o coisa-ruim para cá!

Vi minha mãe caminhar por sobre as águas do assoreado Rio Nyabarongo, a pisar em cadáveres sem afundar. Toda a calha estava repleta de corpos dificultando-lhe a vazão. As águas avermelharam de tanto sangue aspergido pelos abatidos. Subitamente, Mukono apareceu transformado em um imenso demônio e me puxou para o meio do rio. Misturei-me aos defuntos mutilados de homens e mulheres; adultos, crianças e anciãos. O twa atirou-me nas costas um enfeitiçado punhal feito de um puríssimo diamante rosa, embebido na peçonha de uma venenosa mamba-negra africana, que serpeou por dentro de mim, queimando-me as entranhas com um rastro viperino. Eu sentia as curvas que meu sangue envenenado de toxinas fazia por dentro de mim marcado por pontadas de agulha e dor. O twa virou-me de frente e tentou me afogar. Quando me arrastava pelos cabelos para as profundezas do Rio Nyabarongo, me falou:

— São todos tutsis amigos seus! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Cuidei enlouquecer. Gritei com todas as minhas forças, produzindo um som alto e estridente, sentindo uma imensa dor e falta de ar em decorrência da paralisação dos meus músculos. Eu havia que lutar ou morreria por asfixia.

— **Aaaah! Aaah! Aaaaahh! Aaaaaaah!**

Os soldados da Frente Patriótica Ruandesa acordaram em sobressalto. Alguns pegaram em armas. Tiros inadvertidos foram disparados a esmo, em decorrência do susto que tomaram. Todos correram ao meu encontro para me salvar do enorme terror que acreditavam que me contaminara. Queriam saber qual mal me acometia para que eu expressasse, na noite profunda, em tal altura, tamanha dor. Os soldados fizeram um círculo à roda de mim, enquanto me contorcia pelo chão. Estavam turbados com o meu estado de alucinação. Meus olhos estavam esbugalhados e tiravam a soltar da minha face. Muitos perceberam minha pele escurecer e meu corpo se molhar. Partes de mim alcançaram tonalidades nigérrimas como se estivessem sob forte açoite renitente. Os destemidos guerrilheiros da Frente Patriótica Ruandesa amedrontaram-se diante da efígie da besta.

Mukono me puxava para o fundo do Nyabarongo, tentando me afogar. As águas eram sangue puro. Eu urrava e me contorcia pelo chão, não conseguindo respirar. Rouquejava altissonante:

— **Aaaah! Aaah! Aaaaahh! Aaaaaaah!**

O capitão Aaron Bitero atirou-se em cima de mim e tentou me segurar. Com uma força descomunal, arremessei-o a três metros de distância. O tutsi voou alto. Eu estava possuída por um mal maior. Gritou para os soldados:

— **Não fiquem aí parados com essas caras de abestalhados! Façam alguma coisa e me ajudem a conter a Dra. Isabelle!**

Cinco homens fortes se lançaram sobre mim e empreenderam uma luta titânica, a ver se me continham. Nada conseguia me acalmar e coisa nenhuma parecia ser capaz de me conter. Eu estava condenada a sina pensa por aquele sortilégio. Por fim, laçaram-me e me ataram a uma árvore. Alguns rapazes saíram feridos da contenda. Kimbolo, o guerrilheiro amigo e mais avizinado a mim, que melhor me conhecia, ao ouvir-me falar repetidas referências ao Rio Nyabarongo, falou para o capitão Aaron Bitero:

— Capitão, atire a água deste cantil na cara dela!

— Por que isso serviria para asserená-la, Kimbolo?

— É água do Nyabarongo, senhor! Ela não para de falar no rio: Nyabarongo, Nyabarongo, Nyabarongo... Talvez dê certo e afugente o demônio que se apoderou da coitada!

— Deixe de ser idiota, soldado! Pois a Dra. Isabelle não está com diabo algum! É o estresse da guerra. Você não sabe nem o bê-á-bá desta lida. Já vi outros casos iguais a este. Deixemo-la liada aí até se aquietar. Nem a alma dela se solta desse nó. Essa menina é uma coitada que sequer treinamento fez ou preparação teve como nós para estar neste lugar, diante desta provação medonha.

O capitão afastou-se. Pela primeira e única vez na vida, o soldado não obedeceu ao seu superior. O tutsi aproximou-se de mim, sem se amedrontar com meus rosnados e expressão feroz. Olhou-me no fundo dos meus olhos lupinos, tão perto que transacionamos vapores quentes de suor e atirou no meu rosto provocante e lascivamente uma limpa, filtrada e exorcista água do Nyabarongo.

O capitão virou-se e viu o inkotanyi displicentemente sentado ao meu lado. Ele tinha me desamarrado. Aaron Bitero tornou célere para repreender seu subordinado.

— Você enlouqueceu, Kimbolo? Por que desamarrou a Dra. Isabelle?

— Ela serenou. Não percebe?

— Sim, sim, estou vendo! Como conseguiu concluir o que tantos homens juntos só tentaram?

— Foi a água do Nyabarongo do meu cantil!

— Como assim? — indagou curioso o capitão Aaron Bitero.

— Quando atirei a água, ela soltou fumaça e desfaleceu.

Aaron Bitero sentiu a temperatura do ar mais alta em minha volta.

— Ela deve estar febril! Não percebe que está quente e delirando? Não fale por aí que esta menina fumegou!

Ele se achegou interrogativo. O capitão Aaron Bitero começou a chamar meu nome suavemente, batendo com a palma da mão em minha face, tentando me acordar:

— Dra. Isabelle, Dra. Isabelle...

Eu voltei ao governo das ideias. Estava um pouco tonta e obnubilada, porém aos poucos, fui recobrando o controle dos meus sentidos. A visão que tivera retornou à minha mente. As peças foram se encaixando como em um jogo de quebra-cabeça. Ri em direção ao capitão Aaron Bitero para tranquilizá-lo. Pareceu-me grato por dizer-lhe que me sentia melhor. Pedi água fresca, pois uma sede infernal tomou conta de mim. Minha tontura passava aos poucos. Os dois amigos estavam ao meu lado me ajudando a recobrar minha consciência por completo. Os outros soldados cumpriram ordem do seu capitão e se afastaram de mim. De repente, uma luz aclarou minha imaginação. Percebi o que minha mãe tentava me dizer, pois, durante toda minha vida, fora a pessoa mais próxima e íntima de mim. Talvez ela tenha se comunicado comigo, utilizando a simbologia dos sonhos, por ser esta a linguagem comum dos mortos para conosco. Olhei de forma firme e assustadora para os meus companheiros que temiam uma recaída da minha parte. Gritei e fui ouvida por todos no acampamento:

— **Começou! Deus do Céu! Começou!**

Aaron Bitero percebia que desta feita era eu mesma que bradava desesperadamente e não uma entidade etérea qualquer. Agarrou-me pelos ombros e implorou:

— **Por Cristo! Não percebe que a senhora assusta a todos. Fale de uma vez o que tem a nos dizer!**

Muitos achegaram-se, de novo, em torno de mim. Estávamos em um canto qualquer talvez de uma colina de Rwamagana. Eu falei com toda certeza do mundo:

— Começou, capitão Aaron Bitero; desgraçadamente, tenho a lhe dizer que o demônio aportou no Ruanda caminhando na forma de ferro, fogo e fel!

Todos guardaram um silêncio terrível. Amedrontados, esperavam eu lhes predizer a apocalíptica revelação da chegada do fim do mundo naquele instante. Eu vaticinaria que o amargedon iniciara o fim da existência para nós todos na última badalada do tempo. Benzeram-se e olharam para o alto, esperando labaredas de fogo caírem do céu por sobre suas cabeças. Uns se ajoelharam, entraram a rezar e se despedir das lembranças de fatos impressos de há muito em suas vidas passadas, que os levavam às terras dos maquis ugandenses de onde partiram nos tempos de formação da contrarrevolução inkotanyi. Revelei enfaticamente para todos, com as mãos alçadas ao firmamento:

— **Começou o genocídio, senhores!**

* * * * *

Um cataclísmico torvelinho eclodiu e estrondou no céu nublado, espalhando nuvens, negreando a terra! Um frio doído penetrou nossas veias e uma chuva torrencial repleta de raios e trovões derramou-se sobre nós. O capitão e seu fiel escudeiro, tenente Ota Uwiragiye, guerreiros talhados para rúsgas, foram tomados de desmedido temor. Aaron Bitero emudeceu-se, cuidando o que fazer, pois escutara, em vida, tristes e terríveis relatos dos antigos genocídios praticados pelos hutus contra os tutsis e sabia que nada de bom sobrevivia a estas tragédias. Por seu lado, em meio ao aguaceiro, raios e trovões, o tenente Ota Uwiragiye tentou obter maiores detalhes.

— **Como pode a senhora saber disso?**

Os Inkotanyis ficaram parados em torno da médica, envoltos pela chuva forte, curiosos e atentos.

— Eu vi, senhor! Tive uma visão.

— O que exatamente a senhora viu, Dra. Isabelle?

— Eu vi o Rio Nyabarongo!

— Isto todos sabemos. No seu sonho, a senhora não parava de falar nele.

Ela falou e deixou todos atemorizados:

— Eu vi um sem-número de tutsis abatidos que estão agora boiando no Nyabarongo: vi homens e mulheres, adultos, crianças e velhos. Todos tutsis em mistura!

— Quantos tutsis mortos a senhora viu, doutora?

— Eu vi milhares de tutsis ceifados. Se quiser, vá, espere e os verá. Se lá ainda não estiverem, chegarão em breve. Na minha visão, eu os contei um a um. Pude atravessar o Rio Nyabarongo pisando em corpos de tutsis sem molhar os meus pés!

O capitão Aaron Bitero lembrou-se de uma conversa que tivera com Paul Kagame, quando lhe perguntara:

— Meu comandante, e se vier o genocídio quando estiver no campo, o que devo fazer?

O comandante tutsi olhou para seu subordinado e o orientou.

— Meu caro Aaron Bitero, se o genocídio vier, significará que se acabaram a ética e o respeito às regras. Não mais se recorrerão aos bons costumes e à etiqueta da guerra. Não valerão os meus ensinamentos e sim a pura valentia e a força dos animais irracionais. A cada suspiro seu, ter-se-á uma bala uivando pelo ar.

— O senhor não tem um mínimo aconselhamento sequer?

Paul Kagame pensou e por fim lhe falou:

— Se for pego pelo genocídio, acredite que inclusive as árvores em sua volta poderão

matá-lo. O genocídio não é uma obra apenas de humanos, mas um pacto com o demônio. Aconselho a nunca distanciar seu mais rápido dedo dum polido gatilho.

* * * * *

Aaron Bitero espalhou seus ouvidos pelo ar e escutou o ciciar do vento. O capitão, lobo velho da matilha, escutou bulícios vindos do mato, e gravetos estalando, como se o bote estivesse em curso. Os hutus transformados em feras aladas voavam em nossa direção, guiados pelo esconjuro do twa. O capitão ordenou aos seus guerrilheiros, de imediato, aos gritos:

— **Todos vocês, às armas! Preparem-se para tudo que puder nos atacar, venha de onde vier! Olhem para todos os lados e atirem até em cães que se movam ao redor!**

Os guerreiros da Frente Patriótica Ruandesa correram em direção às suas armas e não tiveram tempo sequer de se vestir, pois um tropel de hutus hipnotizados caiu como chuva pesada sobre nós, vindos de todos os cantos da mata. Vi-me dentro de um turbilhonado frenesi de gente se atirando ao léu em um vendaval de carne estraçalhada em noite fria sob intenso temporal, desses que não esquecemos mais.

O demônio entrou em cena e arremeçou-nos às trevas que nos envolveriam até o fim da jornada. Apoderou-se da matéria ao redor. Fez-se árvores em chamas, explodiu o barro e viciou o ar que penetrou quente em nosso ser. O vento rasante deu-nos laços, amarrou-nos e despedaçou alguns de nós, atirando-nos contra escarpas. Outros apavorados mergulharam vivos no sem-fim do mundo e de lá não voltaram mais. Os guerrilheiros viram-se cedidos às instâncias de ilocáveis vultos antes ignorados.

Os mesclados hutus estavam possuídos por um imenso mal, pois não tiveram o menor cuidado, ao convergirem para nós de peito aberto, expondo-se a riscos absurdos. Armados com rifles, facões, machados e bastões de madeira com a ponta tacheada com pregos, lançaram-se em voo rasante sobre os tutsis e cuspiram fogo contra nós. Vários guerrilheiros foram surpreendidos e tiveram morte horrível, sangrando impiedosamente ao perderem cabeças, braços ou pernas. Porém o providencial aviso do capitão salvou a maioria dos Inkotanyis: um enxurro de balas encontrou a desordenada horda hutu, matando um sem-número deles. Hutus caíam no chão, se contorciam e pulavam de dor. Vendo aqueles homens barulhentos caindo no solo como meteoros, imaginei um lago piscoso sendo abruptamente secado ao meu redor. Eu, enlouquecida, atirei em direção a todos os lugares do mundo, até ao céu de forma sacrílega, visto que, para onde quer que me voltasse, via um hutu com um facão na mão, correndo faminto em minha direção pronto a arrancar-me os fatos à presa de lobisomem.

No pousar da dor o clima serenou. O diabo tombou por fim, diante da santidade da nossa fé. Foi-lhe legado golpe único, mas desperdiçou. No entanto, lastrou-nos de medo para nos

manter aprisionados em sua bestial magia. Abeirou-me a ele e grunhiu em meus ouvidos que me aguardava e que era iniciada a peleja maior. Embrenhou-se no ar e se dissolveu na insubstancial matéria-escura que inunda o universo e é prevista nas distorções entrópicas e gravidade do cosmo magnífico.

Aquela foi a primeira grande e verdadeira contenda das tantas de que participei ao andar com o pessoal da FPR pelas colinas do Ruanda que circundavam Kigali, o objeto do nosso desejo, de 6 de abril a julho de 1994. Ao se iniciarem as ações do genocídio por parte dos hutus, os Inkotanyis viram-se obrigados a intervir o mais rapidamente possível e avassaladoramente. Nós nos dividimos em três frentes de batalhas, sendo que uma rumou para o norte do país e foi fustigar as tropas do exército na cidade de Ruhengeri. Esta tropa não teve muita efetividade. O poder das FAR naquela localidade tornara-se grande. O ataque no Norte serviu de proteção às outras duas campanhas que rumavam uma para a capital e outra para o leste para descer até alcançar o Sul do país.

O assalto à capital foi o mais intenso de todos e contou com o forte canhoneio da FPR disparado contra o topo do mal. As noites de Kigali passaram a me lembrar as comemorações de ano-novo à zero hora do primeiro dia do ano, em Nova Iorque. Todavia nada havia no açoite que representasse alegria ou felicidade. O fogo da morte amortalhou o centro do poder hutu com o manto do terror iluminado. Os hutus em fuga transferiram o governo provisório para Gitarama, em 12 de abril. Eu segui na tropa do capitão Aaron Bitero que fustigava o Leste do Ruanda. Nossa tropa desceu em luta até Kibungo e de lá chegamos à fronteira com a Tanzânia em 22 de abril. Após limparmos nossa retaguarda, retrocedemos para castigar a cidade no sentido sul-norte, cercanda-a definitivamente.

Entramos numa surreal Kigali e avistei um descalabro que suponho similar ao aspecto do inferno quando dos folguedos por diabos recém-nascidos. Milhares de fétidos e insepultos corpos carcomidos de tutsis estavam espalhados pelas ruas apodrecendo ao relento. Pavimentaram as ruas com carne humana. Bandos de corvos grasnavam alto e revoavam de telhado em telhado negrejando o dia. Quanto mais adentrávamos na capital, mais percebíamos a desgraça num crescendo sem fim. Cães, animais selvagens e vermes se fartavam com restos putrefatos de gente. A cidade desprendia um miasma fortíssimo e sufocante. Um mau cheiro insuportável envolvia todo o ambiente. Em alguns lugares, por onde passávamos, precisávamos romper a tapas espessas e turvas nuvens de moscas varejeiras que tomavam conta das ruas se reproduzindo velozmente em decorrência do alimento fácil. Ao nos movermos, pisávamos em pedaços de braços, pernas, cabeças e sombras de abutres. A partir daquele momento, acredito que vomitei umas mil vezes. Somente comia algo quando chegava ao limite da desnutrição, pois tudo que eu decompunha à força, de olhos fechados, dentro de mim, tornava, repulsivamente. Porcos ao léu se alimentam em condições de higiene melhores que as que tínhamos naqueles dias. Eu invejei os porcos do mundo inteiro.

Em 5 de maio, o aeroporto da capital foi fechado sob forte bombardeio de nossa

artilharia. Em 16 de maio, cortamos a estrada Gitarama-Kigali e, seis dias depois, tomamos o aeroporto. As FAR, em desespero, organizaram uma grande contraofensiva, porém nós a rechaçamos de pronto. Gitarama caiu em nossas mãos em 13 de junho, sob combates intensos. Em 3 de julho, as tropas hutus começaram a abandonar Kigali. Milhares de hutus seguiram o exército ruandês em fuga da capital que passou ao controle dos Inkotanyis. No Norte do país, Ruhengeri e Gisenyi foram tomadas nos dias 13 e 18 de julho, respectivamente, com a ajuda de parte da tropa de Kigali, movida naquela direção, após a queda da capital.

Durante três meses lutamos contra os hutus pelo domínio de Kigali, enquanto eles chacinavam milhares de civis. Tivemos de intervir em várias oportunidades, para estancar o sangue fartamente jorrado. Entramos triunfantes na cidade e lutamos pelos bairros de Rugenge, Kacyiru, Kimihurura, Gitega e Nyarugengena. Afugentamos os hutus que correram quase sem munições pela estrada que dava para o Sul do país. Continuamos em seu encalço, matando sem piedade os soldados hutus e os milicianos da Interahamwe que víamos pela frente. Eles haviam se enveredado na onda das matanças de tutsis civis e se enfraqueceram como grupos regulares de combate. Nós, pela fartura de alvos, não tínhamos métodos nem nos lembrávamos dos ensinamentos que o nosso comandante Paul Kagame nos trouxera dos USA. Agíamos como um bando de leas arrojadas, atacando búfalos. Segui, espontaneamente, engatilhada, na direção da reta, acompanhando os homens para o lugar donde as mulheres fugiam.

Andando pelas ruas da capital, eu estava, como sempre, contígua ao capitão Aaron Bitero. De uma feita, Kimbolo veio em nossa direção. Falou-nos:

— Senhor, o nosso sargento morreu e estamos sem líder no momento. Os rapazes querem saber quais são as ordens atuais.

O capitão Aaron Bitero olhou para Kimbolo e depois espalhou sua visão pela cidade e viu vários hutus em fuga como alvos fáceis demais. Simplesmente falou para o soldado:

— Matem hutus!

Tomado de surpresa, Kimbolo repetiu a pergunta em busca de uma tática, missão ou plano elaborado.

— Desculpe-me! Quais são as orientações?

Eu falei para Kimbolo:

— Largue de ser tolo, Kimbolo! Diga para os meninos que mantenham a pressão sobre esses hutus em fuga!

Aaron Bitero riu, surpreendido com minha perspicácia.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Vá com ele, Dra. Isabelle, e assumo o comando do grupo desse tutsi desmiolado!

Kimbolo achou que minha presença na sua equipe trar-lhe-ia problemas. Por isso,

questionou a decisão do capitão Aaron Bitero, insinuando que sua tropa não necessitava de um oficial médico.

— Senhor, nós não temos feridos entre nós!

— Questiona a competência de uma oficiala em comando, soldado?

— Não, senhor! Desculpe-me.

Fomos, desse modo, eu e Kimbolo em direção à sua turma. Ele, que viera buscar auxílio e alvitres do seu líder, dava-me a impressão que levava de volta uma cruz tão pesada quanto a que Cristo carregou pelas ruas de Jerusalém em martírio.

À tarde, encontrei um hutu esfaqueando uma tutsi em uma avenida do centro. Sem pestanejar, mandei uma bala no seu peito. Ele me olhou com raiva, apertou seu facão e mais facadas deu na pobre mulher. Por mais inacreditável que parecesse, quanto mais eu enfiava balas no seu corpo, mais maltratava a coitada já sem luz. Gritei para ele:

— **Saia daí, infeliz! Deixe essa mulher em paz! Não vê que ela está morta, idiota?**

Ele me olhou com um ódio nos olhos sem igual. Falou-me, acreditando que eu fosse homem:

— **Caia fora, travesti safado, senão o próximo será você!**

Eu me indignei com a ousadia e petulância do hutu e saí do local onde estava resguardada junto aos rapazes e segui atirando em sua direção. Kimbolo prestou atenção no que eu fazia e me alertou.

— Tenha cautela! Aquele hutu pode ter uma arma de fogo com ele.

Eu dei um tiro de AK-47 no hutu que arrancou seu braço, porém, para meu assombro, ele perseverou em pé. Olhou-me e urrou em meu sentido:

— **Desgraçado, vá para o inferno!**

Abeirei-me e o espingardei com outro disparo certo, porém ele continuou a esfaquear a defunta tutsi. Eu o entulhei com mais de oito tiros para poder vê-lo voltar para as trevas de onde nunca deveria ter saído. Todavia, o hutu, com mais de seis balas absorvidas, sangrando abundantemente, com um dos braços dependurado ligado ao seu corpo por um fino pedaço de pele, partiu para cima de mim com seu facão imenso que refletiu o sol abrasador no meu rosto.

Kimbolo se desesperou e gritou para mim:

— **Atire uma granada nele, Dra. Isabelle!**

Tirei o pino de uma das minhas granadas e aguardei uns segundos com ela em minhas mãos, esperando que o Hutu estivesse ao meu alcance. Kimbolo bracejava desesperado, chamando-me atenção. Percebendo a iminência de uma explosão sobre mim, gritou alucinadamente:

— **Por Cristo! Atire a granada! Atire a granada nele, Dra. Isabelle!**

Ao ouvir um Kimbolo tão enfático, dei-me conta que tinha uma morte latente nas mãos e outra correndo ao meu encontro. Resolvi juntar as duas. Atirei a granada contra o hutu e joguei-me ao chão. Suas pernas se despedaçaram e ele caiu finalmente exterminado. O inkotanyi estava ao meu lado. Nós nos aproximamos dos pedaços caídos do hutu. Kimbolo, impressionado com a resistência do homem, abobado, apontava seu rifle em direção à massa de carne espalhada.

— Baixe essa arma Kimbolo! Vai atirar na cabeça solta dele?

O inkotanyi olhou para a cena e girou sua mira em um ângulo de 45 graus, apontando para cada parte maior do hutu ainda intacta. Abaixei-me e avaliei o quadro. Falei para o meu colega ao lado:

— Este homem estava sob efeito de uma overdose de entorpecentes. Sabe lá Deus que tipos de drogas utilizou! Ele estava em tal estágio de devaneio que não mais sentia dor. Avise aos rapazes que poderemos enfrentar zumbis nesta cidade!

— Eles já perceberam isso. Os hutus fazem uso de drogas nos campos de batalha, contudo eu nunca tinha visto um caso de tanta intensidade.

— O genocídio transformou alguns hutus em animais.

Mais à frente, cercamos uma tropa das FAR. Ao desconfiar da maneira briosa como os soldados defendiam o lugar, o capitão Aaron Bitero nos disse:

— Ali naquela toca há peixe grande, fiquem de olho! — e foi-se em direção a outra rua.

Ele se referiu à possibilidade de alguém de alta patente do governo ou do exército estar sendo resguardado. Nós, da nossa patrulha da FPR, concentramos nossos esforços no ponto e, por causa disso, deixamos escapar alguns hutus que se escondiam em outros lugares. Passamos duas horas de cerco atirando, impiedosamente, nos hutus que morriam, um por um. Não aguentando mais a pressão que exercíamos sobre eles, renderam-se. Para minha surpresa, gordo como sempre, o general Gedeon apareceu à nossa frente. Ao reconhecer minha voz e ver-me vestida de guerrilheira inkotanyi como uma ruandesa conjurada, não se conteve e esbravejou, vomitando contra mim todo seu escárnio:

— Maldita seja a senhora, Dra. Isabelle, inyenzi simpatizante, e nefasto seja seu amante infiel, o Dr. Mike!

— Cale a boca, verme assassino! Não se arrepende de ter transformado esta cidade em fedentina? O senhor deveria ter vergonha de ser o oficial militar que está exterminando uma raça de civis inocentes! — falei asperamente.

— A senhora é uma traidora! Eu a porei em um pelotão de fuzilamento. Não perde por esperar um tronco de açoite!

Do píncaro da soberba, o general Gedeon Bagirubwira não percebia a gravidade da sua situação e não se via estirado no leito dos seus derradeiros tormentos. Não percebia o

momento em que a realidade jurava-lhe a morte. Não captava o inexorável findar do álcool que tanto prezava. Os rapazes da FPR, de rifles apontados para sua frente, somente aguardavam um meneio de minha parte que os indicasse que o assunto com o hutu não tinha mais serventia. Estavam ansiosos para estourar a cabeça do gordo, que lhes parecia ser um oficial importante em seu pelotão. O general esbravejava intensamente. Desferia improperios contra nós. Tirou uma pequena garrafa de uísque de um bolso frontal de sua farda e bebeu um farto gole. Falou, apontando com o dedo indicador da mão direita para a bebida à esquerda:

— Sabe, Dra. Isabelle, há coisas neste mundo de que sentirei falta!

— Deve haver alguns drinques iguais a esse no lugar aonde o senhor irá, general. Alegrese, pois sua farra persistirá em outras companhias mais adequadas!

— Ah! Ah! Ah! Só espero que não haja médicos no inferno! Ah! Ah! Ah! Ah! Traidores conjurados nojentos!

— Não lhe devo nada! Foi o senhor quem traiu a humanidade.

— O Dr. Mike, um mercenário de terceira categoria, eu até compreendo que tenha traído o partido, porém a senhora, filha de Senador de uma nação importante... A sua imagem contígua a esses selvagens é uma cena triste e vergonhosa, Dra. Isabelle!

* * * * *

O general Gedeon Bagirubwira estava completamente ébrio em busca do esquecimento do fracasso em que se atolara. Ele permanecera em Kigali agarrado à sua garrafa de uísque mais tempo do que deveria. Seu vício o deixara para trás. Com ele, arrastara para a morte o sargento Charles Musayidire e seus fiéis soldados da guarda pessoal.

Os Inkotanyis estavam inquietos e não entendiam por que a doutora condescendia. Qualquer pedaço de chão era um perigo em potencial. Para se manterem vivos, precisavam se movimentar constantemente, para não aglutinarem inimigos contra eles. Kimbolo, percebendo a indecisão, esclareceu:

— Dra. Isabelle, mais adiante há outros hutus com quem a senhora pode conversar!

* * * * *

Compreendi que Kimbolo não me queria clemente. Pedia-me licença para matar o ser ventruado, baixinho e arrogante. O general Gedeon esgotara sua cota de oxigênio na terra. Kimbolo, quanto mais via o hutu esbravejar, menos entendia porque eu estava me demorando com o indivíduo, a ponto de arriscar a segurança de todo o grupo. Ele não percebeu que

aquele senhor era a confrontação perfeita dos nossos ideais e que seria um desperdício não saborear a desaceleração da roleta que lentamente vinha marcar a posição das nossas fichas, ao final dos giros. Eu sabia que estávamos em uma peleja feroz e, na ocasião, em um campo de batalha hediondo e traiçoeiro. Desejava uma oportunidade de ter uma longa conversa com o general Bagirubwira. Ele seria um homem capaz de me explicar os reais motivos para toda aquela barbárie, que presenciava pelas ruas infernais em pleno auge do genocídio ruandês. Todavia, minha reflexão não era páreo para a sabedoria mundana do guerrilheiro ao meu lado. Nossa tropa era valente e justa, porém não podíamos nos dar ao luxo de retermos prisioneiros. Falei para o general hutu:

— Sinto muito, general! O senhor acaba de ser vítima desta desavença sem regras ou etiquetas que o senhor mesmo iniciou. Não dispomos de aposentos para prisioneiros ilustres e não há afagos para heróis neste lugar!

Na condição de oficiala tutsi, olhei para Kimbolo e fiz um gesto afirmativo, a senha que o liberava para mandar o hutu para outra dimensão de onde nunca mais deveria sair sua alma. O general Gedeon Bagirubwira, ao identificar qual seria seu algoz, afogueado em cólera, lançou seu verbo contra o inkotanyi.

— **Tutsi covarde, dê-me uma arma para que eu tenha oportunidade de enfiar uma bala em sua cabeça!**

Kimbolo olhou para nós e retirou uma pistola da cartucheira. Ficamos em alerta, pois estava claro que iria armar o hutu. Não sabíamos em quem o general atiraria, assim que seus dedos tocassem-na. Ele arremessou-a para o alto, de modo que descreveu uma parábola, atingiu seu máximo e desceu em direção às mãos do gordo hutu. Assim que o general Gedeon Bagirubwira tocou-a, foi atingido por uma bala de rifle M16 que rompeu seu crânio. Sem largar a arma, o homem pesado estatelou-se obliterado no solo por que tanto lutara. O tutsi falou:

— Ele morreu como queria: armado. Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

* * * * *

Kimbolo desferiu um tiro na testa do general que morreu instantaneamente sem a dor que causara aos tutsis que matou. O hutu passou a vagar de aspecto errante pelas curvas de níveis do inferno em uma eterna expiação, castigado em cada estação de parada, penado pelo mal que causou em vida.

* * * * *

Os hutus estavam em fuga abandonando Kigali e nós iríamos persegui-los. Seguimos adiante para as estradas meridionais. Naquela direção, os soldados das FAR fugiram quase todos a procura do último socorro. Os homens do exército ruandês que restaram vivos partiram para o sul, buscando auxílio no desconhecido para onde os seus líderes foram antes deles.

Enquanto eu me movia pelos becos à procura de soldados, pressentia que fantasmas vaporosos me espreitavam de dentro das taperas desertas murmurando suas dores. Os imagéticos seres que me curioseavam pelas frestas emanavam de tutsis ou hutus agonizantes e feridos, presenciando a própria morte ao evaporarem da matéria quente para o éter frio. Eu os via volatilizados por sobre os tetos das residências esfumando-se nos ares ardentes de Kigali. Como alerta, roufenhavam para mim os nomes dos seus algozes, aumentando minha aflição.

Escutei um pedido de ajuda.

— **Socorro, soldado! Socorro!**

Uma garotinha de uns dez anos correu ao meu encontro e se atirou em minhas pernas, derrubando-me, quando eu, célere, tropecei em seu corpo pequeno. Gritei para os meus companheiros que estavam comigo na empreitada.

— **Parem!**

Kimbolo parou, virou-se e me olhou. Viu-me de cócoras ao lado de uma criança que chorava assustada. A menina estava confusa e em choque. Disse-me que a cidade se tornara mal-assombrada à noite. Decerto, vira cenas horríveis que acompanhariam seus pesadelos pelo resto da vida. Kimbolo indignou-se por eu estar, outra vez, atrasando a marcha do grupo. Gritou:

— **Vamos, Dra. Isabelle, nós estamos atrasados demais. Se a senhora continuar assim, ficará para trás! Eu lhe garanto!**

— Não podemos deixar esta garota sozinha aqui! — ponderei.

— Por que não? Sabe-se lá quantas crianças iguais a essa estão dentro destas casas desertas? Precisamos antes vencer esta guerra e desmuniçarmos os hutus para, depois, socorrermos esses sobreviventes!

— Esta veio ao meu encontro!

Indignado com minha indolência, Kimbolo arrancou a menina das minhas mãos e encostou-lhe uma pistola na nuca, na tentativa de me chamar atenção e me tornar uma soldada responsável. Puxou os cabelos dela, inclinando-lhe a face para a minha. Falou-me em tom de reprimenda:

— **Olhe para esta garota! Ela é hutu!**

Peguei meu revólver e apontei para a testa de Kimbolo. Falei-lhe resoluta e em paz interior:

— Não me importa se ela é tutsi ou hutu! É uma criança de Deus! Se você atirar nela, não terá oportunidade de ouvir o outro disparo que sairá ao mesmo instante desta arma em minha mão!

Kimbolo ficou desconcertado com minha determinação. Se me ferisse, haveria de se entender com o capitão Aaron Bitero. Não havia como sair-se bem me contrariando. Ele estava agindo como um guerrilheiro que tentava preservar as nossas vidas. Para isso fora treinado. A demora e a indecisão eram o nosso passaporte para a morte. Nós estávamos distanciados da proteção dos outros colegas da Frente Patriótica Ruandesa. Sermos emboscados por hutus desgarrados das suas tropas era uma questão de tempo se continuássemos a tergiversar por ali. Era um tutsi alto e forte. Sobraçou a menininha hutu e a carregou com ele. Disse-nos:

— Vamos sair imediatamente daqui!

Eu achei absurda a ideia de Kimbolo levar a garotinha conosco para o meio do tiroteio contra os hutus, porém ele me informou que não havia tempo para encontrarmos uma solução melhor. Quando as bombas estouraram e as balas assobiaram em nossas cabeças, ela tampou os ouvidos e se atirou debaixo de mim como um pinto que busca o calor da galinha. Felizmente, após a segunda refrega, na estrada para o sul, encontramos um local que julgamos apropriado para ela ficar a salvo. Nós a deixamos dentro de uma plantação abandonada de bananeiras à beira da estrada. Eu lhe falei:

— Fique escondida no matagal aqui em roda! Não atenda nem se apresente a ninguém, enquanto escutar barulho de tiros. Quando você vir mulheres e crianças andando, por esta estrada, em segurança, saia da mata, mas não antes disto! Ouviu? Tome esta faca e, quando sentir fome, venha aqui e corte uma destas bananeiras e coma bananas. Tome este cantil e beba água, aos pouquinhos, para não acabar. Você me entendeu?

A pequerrucha hutu fez um sinal de positivo, agradecida. Depois, respirou à larga, afrouxou os lábios, cavoucou o nariz, esboçou um beicinho, beijou-me a face e correu qual franguinha esperta para dentro do mato. Eu ri e roguei a Deus que a safasse. Que se transformasse em breve numa moçoila libérrima. Para isso eu tinha uma arma em punho. Naquela altura do genocídio, qualquer perverso adoraria encontrar aquela menina pelas ruas de Kigali. O fato de estar viva até então era um milagre que eu não pude deixar de colaborar para que seguisse adiante quando passou por mim. A despeito de ser hutu, pela sua graciosidade, morreria na cota dos oitocentos mil tutsis exterminados durante o genocídio ruandês, se nós a tivéssemos ignorado quando, do nada, surgiu das tocas e mostrou a face para muita gente má naquele arruado.

Nossa tropa seguiu os hutus em fuga em direção ao sul. Por menos crível que pareça, comi uma ração proteica correndo e atirando nos inimigos. Percebemos que aquela poderia

ser a última refrega do conflito. Os rapazes, que estavam em campanha dentro do Ruanda desde 1990, fariam qualquer sacrifício para mudarem de vida depois daqueles dias. Às vezes lutavam por ódio aos hutus e em outras pelo direito de descansar, depois de terminada a guerra. Os inimigos estavam impotentes. Ao se evadirem da capital para salvarem as vidas, não tiveram tempo de levar munições. Seleccionavam os alvos dos seus disparos, para não desperdiçarem balas.

De uma feita, persegui um hutu. Ele não possuía nada de especial. Era um hutu muito do hutu! Todavia chamou minha atenção. Entre tantos oponentes, cismeí com ele, especificamente. Imagino que tinha a aparência de alguém que me magoara no passado, não sei, porém encrenquei com ele e o persegui obstinada. Dei-lhe três tiros sem sucesso. Um dos tiros, por sinal, matou outro infeliz afronteírado. Quando o alcancei, parou, tirou uma faca da algibeira de suas calças e, em silêncio, apenas dignou-se a me olhar com uma expressão diabólica. Nisto ouvi um grito de voz conhecida que vinha do local de onde eu partira em perseguição ao hutu:

— **Dra. Isabelle, volte pelo amor de Deus! A senhora está em meio aos hutus!**

Kimbolo gritou desesperadamente para que eu retornasse, pois, na minha louca fixação pelo interahamwe, perseguiu-o além da nossa margem de segurança. Olhei para todos os lados e só vi hutu ao redor. Há tantos loucos vivos no mundo, porque o absurdo nos dá um segundo para o arrependimento. Todos, não só eu, mas também os hutus fomos pegos de surpresa e fizemos caras de quem imagina: tem alguma coisa errada aqui! Pensaram: deve haver mais gente com ela e procuraram por isto em um momento. Pensei comigo mesma, odiando-me por ter sido tão aparvalhada: estou ferrada! Não tive escolha: atirei o meu pesado rifle travado para o hutu que, de impulso, o segurou e soltou a faca que estava na sua mão, deixando-a cair. Volvi em zigue-zague mais veloz que na corrida de ida, no tempo em que o diabo esfrega um olho. Os tiros dos hutus perpassavam sibilando pela minha cabeça ou estrondavam no solo ao lado dos meus pés. O interahamwe, irado, veio em minha perseguição, agora na condição de caçador, cobrindo-me da mira dos hutus, salvando-me, sem perceber, das balas. Quando me alcançou, pegou-me pelo braço, derrubou-me e enroscou-se em cima de mim. Procurei na mente todos os meus aprendizados de golpes de artes marciais, mas enchi minha mão com seus genitais e apertei com força. Ele, em desaprumo, ergueu-se um pouco, levantando sua testa até uma posição alta suficiente para levar um tiro de um dos nossos rapazes da FPR. Eu me salvei por pouco na ocasião.

Os hutus foram muito obreiros em apenas três meses de matanças. Percebi que, se tivéssemos demorado uma semana a mais, não teríamos encontrado um único tutsi vivo na região. Não conseguia entender nem passava pelo meu juízo como fora possível chegar-se àquele estágio e àquela visão à minha frente. Desejei que um competente cineasta Hollywoodiano estivesse ali no instante em que entrávamos na rua do comércio. Talvez ele pudesse ver alguma serventia na cena. Aquilo que via não era algo que me parecesse pertencer

à realidade, porém a uma película cinematográfica. Lamentavelmente, não havia um saco de pipocas, uma tela imensa e uma poltrona confortável para assistir ao que transcorria em meu entorno. Aqueles seres humanos que morreram no Ruanda sofreram de verdade e não eram figurantes de um filme americano, nem Kimbolo, ao meu lado, era o Brad Pitt. Ao me escandalizar com a dimensão épica do flagelo tutsi e da catástrofe circunvizinha, disse para o inkotanyi, companheiro mais próximo de balas e facões:

— Amigo Kimbolo, estamos dentro de um fato histórico. No futuro, irão escrever sobre o que nós vemos agora!

— Eu entendo, Dra. Isabelle, entretanto, a África não é um bom assunto nas escolas. Deve estar acontecendo, neste momento, algo em seu país, os Estados Unidos, que mereça mais atenção!

Ao ouvir tal afirmação do meu colega guerrilheiro de arma em punho, enquanto caminhávamos pisando em cadáveres de tutsis pelas ruas de sangue, meditei resignada. Eu tive certeza de que Kimbolo, com suas sábias palavras, me surpreendia novamente, assim como fizera por trás de um tabuleiro de xadrez à minha frente, em uma noite, às margens do Muhazi.

Se nós conseguimos expulsar aqueles pecaminosos hutus de Kigali, não haveria de ser diferente em Gashora, Nemba ou Ngenda, localidades menores e com menos pontos para sermos tocados. Nós simplesmente exterminamos vários grupos deles. Poderíamos ter terminado a peleja ali mesmo na fronteira com o Burundi, se fôssemos atrás dos hutus que agora giravam em direção leste-oeste, contudo o capitão Aaron Bitero nos pediu que passássemos um pente fino nos morros atrás de nós. Falou-nos:

— Nós temos de acabar com esta farra! Estes hutus não estão correndo à toa feito loucos. Se mais adiante encontramos grande resistência, seremos obrigados a retroceder. Não quero surpresas pelo caminho de volta!

A decisão de abandonarmos a perseguição aos hutus foi um erro que salvou da morte muitos assassinos que permanecem vivos, sem terem pago pelos crimes que cometeram. Os hutus que fugiam para o sudeste, não iriam longe, pois estavam mais cansados que nós, com pouca munição e com o moral baixo.

Revistamos os locais em Nemba de cima para baixo e encontramos um aglomerado de viajores acautelados em uma chapada gramínea. Estavam exaustos por carregarem suas tralhas domésticas, com vistas a reiniciarem vida no além-colinas. Famintos, foram obrigados a parar para descansar à sombra das grevíleas e preparar comida em fogueiras de gravetos. Não contaram com a decisão do capitão Aaron Bitero de dar uma batida na região. Nós cercamos o populacho. A maioria daquelas pessoas eram hutus civis que se esquivavam da rinha na capital, acompanhando os militares do exército, pois acreditavam que nós da FPR havíamos nascido para matar todos os hutus do mundo. Tudo estava bem até o capitão Aaron Bitero perceber pólvora nas mãos de alguns homens. Ele não condescendia com hutus armados. Puxou um deles que estava num grupo de mulheres e atirou na sua cabeça, amedrontando os outros que observavam a cena. Se aquele hutu morto havia atirado em nós, certamente existiam outros entreaquela grande quantidade de gente rendida. O capitão iniciou um procedimento

seguido por outros rapazes da FPR: ele se achegava a um homem e ordenava:

— **Aponte um perpetrador!** — referindo-se aos criminosos perpetradores do genocídio.

Se um hutu apontava um provável soldado ou miliciano da sua etnia, o indivíduo apontado era separado em um canto. Se, por outro lado, ele não apontava ninguém, era acareado e perguntado a outro se o desinformado era perpetrador. Desta forma matamos muitos hutus culpados e poucos inocentes. É pouco provável que tenha ficado algum soldado ou miliciano vivo entre os civis, pois notamos que aquelas pessoas tinham interesse em apontá-los, pois sabiam que nós os queríamos por perto e elas queriam nos ver longe dali.

Somente paramos em 2 de julho de 1994, quando fomos contidos pelos franceses que haviam estabelecido uma zona de exclusão ao sul do Ruanda, na altura da cidade de Butare, em uma mobilização chamada Operação Turquesa. Esta iniciativa foi uma ação de caráter militar e de intenções, a princípio, humanitárias, entre 22 de junho e 21 de agosto de 1994, conduzida pela França, mediante mandato da ONU, por uma resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas. A França abarreirou e isolou uma vasta região no Sul do país. A intenção era criar uma área imune à contenda tutsi-hutu, que servisse de refúgio para os ruandeses em fuga. Na prática, ela abrigou vários dos hutus que conduziram o genocídio ruandês.

Lá, diante dos franceses, tombamos o império tirano. Vi o jugo hutu desmoronar e terminei minha aventura no bang-bang de descalços. Não recebi as congratulações pela vitória no retorno da tropa a Kigali. Não pude desfrutar o primado do bem sobre o mal. Ali encontrei meu velho amigo gaulês, o coronel Pierre Raynaud, que abarreirara nossa tropa, impedindo-nos de prosseguir adiante. Ele fora negociar conosco, pois os hutus do exército e os interahamwes haviam-se refugiado por trás das linhas francesas e nós os queríamos longe dali e perto de nós. Criou-se um impasse e, por pouco, não fizemos a França entrar de vez no confronto do qual participava em surdina. Em meio à confusão, o coronel Pierre Raynaud olhou em minha direção. Eu estava escorada em uma árvore, por trás dos homens com o meu rifle ainda quente, engatilhado e pronto para estourar a cabeça do primeiro soldado francês que tossisse um pouco mais alto que os demais. De repente, as negociações com o capitão Aaron Bitero deixaram de povoar sua mente e começou a caminhar, em passos lentos, na minha direção. Baixou sua arma, temeroso de que algum tutsi o estourasse, se acreditasse que ele representava algum perigo para aquele soldado magro e roto, adiante. Eu notei que, ao passo que o coronel Pierre Raynaud se abeirava de mim, a tensão aumentava entre os meus colegas de tropa, que tudo faziam para me proteger. Fiz um sinal masculinizado para todos de que tudo estava numa boa e riram para mim. Eu aprendera as formas de comunicação por sinais usadas pelos Inkotanyis. Sentindo a pressão baixar, o francês acelerou os passos, não querendo crer na possibilidade que se apresentava em sua imaginação. Quando sua curiosidade avizinhou-se a um metro de mim, eu o saudei em francês:

— Bonjour, monsieur Raynaud, como estão as guerras da França?

Ao finalmente comprovar para si quem eu era, o coronel Pierre Raynaud fez aquela

expressão de quem fita o general Charles de Gaulle ressuscitado. Eu chegara até ali na salvação da Operação Turquesa pelo caminho e modo mais inimagináveis para ele: a ferro e fogo, rompendo as barreiras hutus.

— Dra. Isabelle! Santo Deus! É a senhora?

Ao ver fronteiroço um homem pasmo com o meu aspecto físico, pude prestar atenção na minha aparência depois de muito tempo e me constranger com a vaidade esvaída. Fazia mais de um mês que não tomava um banho sequer. Havia salpicos de sangue petrificados espalhados por todo o meu corpo e por minha farda masculina de guerrilheiro da FPR. Nada em mim tirava a ser de uma mulher. Afofei meus cabelos desgrenhados e eriçados, mas não os senti confortáveis nas mãos. Estavam encrespados e prendiam meus dedos. Não sei como, nem desde quando, estavam aparados, esburacados e eram menores que um cigarro usado. Devo tê-los desbastado em alguma ocasião em que me embriagara ou me drogara para afugentar a fome, dor ou medo de morrer. Magríssima e desornada, eu parecia um menino mercenário doutro país africano a serviço dos tutsis. Imaginava que, naquele momento, ninguém que me visse perceberia que era uma mulher. Não sei como o coronel francês desconfiou disto, mesmo estando a trinta metros de distância de mim. Talvez tenha sido por capacidades como esta que ele chegou ao oficialato no exército do seu país. De imediato, mandou um soldado correr em direção ao centro de Butare com uma missão qualquer e foi continuar sua conversa com o capitão Aaron Bitero. Vinte minutos depois, outro homem se achegou a mim. Este estava de camisa em desalinho e gravata esmolambada, tinha olheiras de noites em claro e uma expressão sofrida de quem recentemente havia passado pela experiência de perder pessoas queridas. Era o meu pai que, mesmo contra todas as opiniões contrárias, acreditou que eu ainda estivesse viva e não partiu do Ruanda. Ele que sempre fora meu torcedor número um nas competições pela equipe olímpica dos USA e me vira reverter contendas dadas por perdidas por muitos, aguardaria o último estampido de bala, se preciso fosse. Na pior das hipóteses, queria me dar um enterro americano cristão decente ao encontrar o meu corpo. Ele fora me buscar, como sempre fez, em todas as ocasiões em que eu me metera em encrencas nas ruas de Nova Iorque ou nos pátios das escolas onde estudei. Ele fora em meu socorro retirar-me daquela guerra que não era minha.

— Isabelle!

O capitão Aaron Bitero e os rapazes da Frente Patriótica Ruandesa aproximaram-se de mim e compreenderam que eu deveria partir de imediato. Meu líder me falou:

— Vá com seu pai, Dra. Isabelle! Esta guerra pelo poder no Ruanda a senhora nos ajudou a vencer. Todos nós merecemos sossego.

— E um bom banho, capitão!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Em sinal de agradecimento e por minha despedida, os garotos da Frente Patriótica Ruandesa deram várias saraivadas de tiros para o céu, a gritar e a pular loucamente em ruidosa alegria. Em face da cancela francesa de Butare, ao me verem partir com o

consentimento do capitão Aaron Bitero, começaram a perceber que a guerra acabara e que a vitória era deles. Os soldados franceses observavam incrédulos e assustados a comemoração ensurdecedora dos guerreiros tutsis. Os gauleses colocavam as mãos sobre as testas alpendrando-as para gerar sombra em seus olhos e esticavam a visão, procurando brechas de luz entre nossos corpos, para enxergarem a estrada atrás de nós, farta de hutus mortos caídos ao chão. Os que não conseguiram escapar das nossas balas, que os perseguiram por toda a estrada, que guiou muitos para a salvação em Butare, estavam sendo fritados pelo asfalto quente. Podia-se sentir o cheiro de carne e sangue sendo cozidos pelo calor do inferno preto do piche derretido. Os soldados franceses me respeitaram e me trataram, como se um militar africano eu fosse, tão letal quanto eles mesmos se julgavam ser. Suavam tensos com a possibilidade de enfrentar o momento mais difícil de sua missão no Ruanda, pois viam afronteirados tutsis determinados a romper o cerco formado por eles para atacar os apavorados hutus que estavam atrás de suas barricadas. Por conseguinte, ficaram aliviados por eu ter abandonado o meu regimento em paz, sem gerar dissensão. Acreditaram ter tido sorte de não precisarem enfrentar aquela tropa de maltrapilhos, loucos e valentes guerreiros tutsis em algazarra diante de si.

Abracei alguns guerrilheiros e senti o brotar aliviado e tristonho do adeus imperativo. Os inkotanyis me seguraram pelos braços, cintura, pernas e até pelo que restava de meus cabelos. Aos berros e em júbilo, atiraram-me para o alto, várias vezes, consagrando à grande uma mulher comum entre tantos homens valentes no lugar onde até os brutos vacilaram. Abracei o capitão Aaron Bitero, apresentei-lhe armas e olhei para a barreira construída pelos franceses da Operação Turquesa, que nos separava dos hutus remanescentes. Ele me compreendeu. Percebeu a que me referia, ao olhar para a contenção que nos apartava da cidade ruandesa de Butare e me falou:

— Não, Dra. Isabelle, esta baliza não nos cabe derrubar. Não irá abaixo pelos nossos rifles, mas pelo verbo do comandante Paul Kagame, igualmente letal.

Com os franceses da Operação Turquesa, chegou o poder mortal da Europa sedenta de sangue. Trouxeram tanques, helicópteros de guerra, muita munição e inclusive caças mirage. Nem o nosso mais valente soldado restaria em pé.

— Eu sei, senhor.

Aaron Bitero se sentiu aliviado por não haver transtornos ao me entregar em mau estado aos seus inimigos.

— Acompanhe seu pai e tenha seu descanso, minha valente menina. Você conseguiu derrotar o demônio do Nyabarongo!

Parti no mesmo dia de helicóptero francês para o Burundi, outro país na África Central, com o meu pai, que percebeu estar ao lado de outra mulher que precisaria reconhecer. Os tutsis somente se consideraram plenamente vitoriosos quando receberam da França a região do país da Zona Turquesa. Nos termos da negociação para expurgo definitivo do colonialismo

dos desígnios do Ruanda, houve o consenso de não se fazerem referências ao meu nome ou à minha jornada africana. Meu pai seguia firme como candidato majoritário às próximas eleições para presidente americano. Minha aventura em favor de uma rebelião hostil aos interesses da França na África Central, uma nação aliada, poderia ser utilizada pela oposição para manipular a opinião pública e prejudicar sua campanha política. Não cairia bem para o eleitorado americano conservador saber que seu próximo presidente era pai de uma guerrilheira tribal africana. Decerto, temeu que espalhassem por Nova Iorque cartazes com minha imagem de imensa e aterradora lança à mão ao lado de leões e hienas. Era protetor em relação à filha e não quis saber pormenores do que me acontecera naqueles campos. Coisas horríveis povoaram sua imaginação. Não passava pela sua cabeça paternal a possibilidade de sua filha, a meiga Isabelle, ter matado seres humanos ainda que hostis. Acreditou que os tutsis do seu desafeto Paul Kagame me fizeram uma faxina no cérebro e me manipularam com fins odiosos, talvez com a intenção de me utilizar como escudo humano em um possível confronto com o exército francês. Meu pai nunca perdoará os tutsis da Frente Patriótica Ruandesa por me terem utilizado em um dos seus grupos de assalto. Como político, considerou o fato uma agressão e desrespeito aos Estados Unidos e até hoje faz críticas no Congresso Americano contra o governo ruandês do Presidente Paul Kagame a quem julga o principal culpado pelo meu sofrimento. Ele achou que os tutsis deveriam ter me enviado para solo amigo dos americanos em vez de terem posto uma arma em minhas mãos. Eu fui a filhinha única que fora resgatada das mãos de homens maus.

Acredito que o espírito da minha mãe, a seu modo, travou um combate particular contra a magia negra de Mukono, que lançou um genocídio contra nós. Todavia, no final das contas, o amor de mãe foi maior que toda a malícia do sinistro mago twa. Em suas icônicas mensagens polissêmicas guiou-me para o encontro do seu amado esposo em Butare. Onde quer que ela estivesse, estaria feliz por me ver linda, limpa e perfumada, deitada em uma cadeira de um helicóptero francês, com a cabeça escorada no colo do meu pai.

* * * * *

Desta forma, foi acordado entre a Frente Patriótica Ruandesa e a França e assim foi feito. O tempo foi capaz de arrefecer os boatos da existência de uma valente tutsi branca lutando em uma das tantas tropas da FPR pelas mil colinas ruandesas, durante o genocídio de 1994. Os guerrilheiros usam cantarolar músicas compostas por eles mesmos com o intuito de celebrar os feitos em combate e levantar o moral da tropa. Uma destas canções justamente biografava a mulher tutsi guerreira. Ela foi proibida pelo comando da FPR e, durante os anos seguintes ao genocídio, foi cantada pelos soldados no anonimato das noites ruandesas maldormidas, nos cenários de combate da fronteira com o Congo.

As Flores do Ruanda

Capítulo XVII

Dez anos depois — O encontro

O tenente Ngoma chamou um soldado e o mandou buscar em uma viatura do exército que estava na frente do avião uma encomenda. Retornou com um lindo arranjo floral. O buquê não significaria muito para mim, se não constasse de antúrios, helicônias, estrelícias, gengibres e violetas-africanas. Peguei as flores e seu aroma me fez voltar dez anos no tempo. Lágrimas começaram a cair dos meus olhos, pois a recordação do twa Tharcisse Mugabe apareceu transparente em minha mente. Espantei-me por perceber que justamente no momento da minha saída de Kigali, os meus fantasmas finalmente se expressavam na tristeza que escorria em minha face.

— De onde são estas flores? — perguntei ao oficial. Ele me pegou pelo ombro e falou:

— No caminho para cá me disseram pelo rádio que a senhora me faria esta pergunta, Dra. Isabelle. Mandaram-me lhe dizer que a resposta para ela fará parte do assunto que será tratado, após me acompanhar.

Os outros passageiros do avião me olhavam admirados. Eu recebia flores, contudo, com o olhar lacrimojante, estava sendo obrigada a desembarcar contra minha vontade. Eles avaliavam-me:

O buquê é um aceno de amizade ou deboche de gosto duvidoso, inadequado à ocasião?

Os tripulantes procuravam entender por que motivo o exército daquele país havia parado a aeronave. Eles estavam assustados e com pena de mim, pois ficava evidente que eu era presa por aqueles homens sinistros, fardados e armados.

Perguntei ao tenente:

— Quem é esta pessoa que insiste tanto em falar comigo, oficial?

— O próprio Presidente da República deste país, Paul Kagame, Dra. Isabelle.

Levantei-me da cadeira e acompanhei os soldados pelo corredor apertado. Um sargento confiscara e carregava minha bagagem. Todos estavam assustados dentro da aeronave. Sentiram a tensão no ar que nos seguia, para alívio deles. Os militares, todos jovens, não sabiam ao certo por que me detinham e isso ficava explícito nos seus olhares curiosos. Desci as escadas ao encontro do destino. Enquanto passava pela pista, as pessoas a bordo do avião iam às janelas para me verem caminhar pelo kanombe escoltada por militares. Olhavam-me curiosas e temiam pela minha sorte. Percebi que elas acreditavam que eu me metera em uma bela encrenca ou que deveria ser uma pessoa muito perigosa a ponto de terem quase atropelado um avião daquele tamanho em pleno trabalho de decolagem, somente para me segurarem por mais tempo no Ruanda.

— Por que o presidente deste país quer me ver?

— Realmente não sei, mas não deve ser algo ruim em relação à senhora, pois o rádio passou a insistir que a tratemos com educação. O presidente acaba de me pedir que eu lhe diga que faz questão de vê-la pessoalmente, pois não a ter conhecido há dez anos é um dos seus arrependimentos dos tempos da operação da FPR de combate ao genocídio.

Fui levada à residência oficial do Presidente Kagame. Ao entrar, para minha alegria, fui recebida pelo meu velho amigo, o capitão Aaron Bitero.

— Capitão Aaron Bitero!

Ele sorriu à larga e me abraçou fortemente.

— Dra. Isabelle, que grande prazer em revê-la! Mas não me chame de capitão, pois agora sou o Ministro da Defesa deste país!

— O senhor ainda está matando muitos hutus? Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

— Não mais existem tutsis ou hutus no Ruanda. O presidente estatuiu que só haja uma etnia. Agora somos todos apenas ruandeses. Hutus ou tutsis existem somente no exílio.

— Ótimo, assim é melhor!

Aaron Bitero estava velho; era nítido. Percebi que seus cabelos estavam avelhentados pelo branco do tempo irrecoerível. Revelou-me que era um militar para quem, desgraçadamente, a guerra perseverava, pois os hutus radicais refugiados no Congo atacavam a fronteira oeste do país ao sul do lago Kivu.

— Ah! Ah! Ah! Ah! Quer me dizer que montaram a FPR deles?

— Quase isso. Os hutus do extinto exército e os interahamwes agora atuam como ex-FAR em solo congolês. Proclamam-se FDLR, Forças Democráticas de Libertação do Ruanda e fustigam nossas fronteiras. A FPR invadiu o Congo em 1996 e em 1998. Estamos avaliando a possibilidade de fazer isso novamente este ano, pois somos sistematicamente bombardeados naquela área.

— O governo do Congo aceita a presença de uma força estrangeira baseada em seu país?

— Estamos em negociações com os congolezes. Queremos que desarmem os hutus naquele país. Enquanto isso não acontece, precisamos manter a pressão na região até para podermos negociar em melhores condições, quando chegar a hora.

De repente, o silêncio tomou conta de nós, quando alguém esperado entrou na sala e vi, pela primeira vez na minha vida, pessoalmente, o meu antigo comandante tutsi, o senhor Paul Kagame, presidente do país e antigo líder guerrilheiro da Frente Patriótica Ruandesa.

— Dra. Isabelle, é uma grande honra conhecê-la! O Ruanda deve-lhe muito. Eu não poderia morrer sem conhecer em vida ao menos uma única tutsi branca!

— Também sou grata a este povo e a este país, senhor.

Pegamos, por longas horas, da palavra e relembramos as aventuras pelas quais passamos entre os anos de 1993 e 1994. O Presidente Paul Kagame me esclareceu os progressos que o país estava alcançando. Cobrei-lhe e ele me falou dos tratamentos que estavam sendo dados às comunidades twas. Disse-me, com fervor, que não havia mais tutsis ou hutus. Agora eram todos ruandeses. Falou-me da reconciliação nacional e da luta pela obtenção da justiça aplicada aos perpetradores dos crimes de genocídio. Acrescentou:

— Dra. Isabelle, sua presença no Ruanda animou as nossas tropas que lutam contra os hutus radicais que teimam em nos atacar na fronteira do Congo. Nós queremos que a senhora nos acompanhe em uma visita àquela região. Os soldados não cansam de pedir pelos rádios que a senhora passe a tropa em revista. Não sei mais o que lhes responder. Mandaram-me algemá-la e levá-la para eles na frente de batalha. Ah! Ah! Ah! Ah!

Desta maneira, fomos todos em um grande comboio militar em direção à fronteira com o Congo, pela estrada para Gitarama: eu, o presidente ruandês, o ministro da defesa e muitos festivos soldados. Notei que Paul Kagame, ao meu lado, cuidava com carinho de um genuíno rifle alemão de precisão e longo alcance, PSG-1, modificado por algum armeiro profissional para aumentar sua eficácia. Imaginei que, com aquele brinquedinho, certamente, não iria passear.

Na ocasião, deram-me a notícia de que o tenente Ota Uwiragiye morrera em combate durante o genocídio e que, por conseguinte, não estava conosco. Ao passarmos por Runda e depois por Gitarama, soube que a Fazenda Boa Esperança fora dividida em pequenos lotes de terra para os camponeses tutsis e hutus. Falaram-me detalhes da morte horrível do Sr. Emmanuel Habimana. Nos meses de matança, o trabalho produtivo escasseou-se e os hutus passaram a subsistir do que saqueavam das propriedades dos tutsis chacinados. Logicamente, a riqueza e fartura da Fazenda BE atiçaram a cobiça dos vândalos logo nos primeiros dias do morticínio.

O boato do retorno da guerreira tutsi branca espalhou-se feito areia ao vento, animou a tropa e transformou a música a ela dedicada no hit do momento, nas transmissões de rádio mantida para elevar o moral dos militares em combate. No caminho, prestava atenção aos

lugares por onde nós passávamos e via um povo alegre e feliz, acenando para nossa comitiva. Achei-os mais gordinhos e, para uma médica, isso era um sinal generoso de calorias e menos privações materiais. Percebia, pelos aspectos das pessoas, que estavam todos misturados, hutus e tutsis, convivendo pacificamente como nunca deveria ter deixado de ser.

No veículo, conversávamos animadamente. O Ministro Aaron Bitero, em tom de brincadeira, aventou a possibilidade de eu voltar a pelejar com armas na região para onde rumávamos. Foi veementemente repreendido pelo presidente, que não queria dar motivos de ser mais odiado pelo meu pai.

— Você perdeu a razão, meu caro ministro? A Dra. Isabelle é uma dama fina e não um dos seus soldados maltrapilhos!

Rimos todos:

— Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Havíamos viajado por muito chão, subido e descido cerros, quando um soldado de moto reduziu a velocidade e se abeirou da nossa viatura. Falou-me:

— Dra. Isabelle, há um recado para a senhora no rádio, vem da frente de combate!

O Ministro Aaron Bitero achou seu subalterno insolente por dirigir a palavra à convidada do Presidente Kagame, na presença deste, sem ter sido chamado ao local ou ter pedido licença e respondeu-lhe rispidamente.

— Como ousa vir aqui nos incomodar, soldado? Retorne ao seu posto imediatamente!

Eu falei em favor do rapaz:

— Deixe-o quieto, Ministro Aaron Bitero! Não nos faz mal algum. Eu quero saber qual é o recado que este soldado me traz. No meu país, é deselegante deixar-se uma dama curiosa sem resposta para algo insinuado.

O Presidente Kagame sorriu. O jovem motoqueiro, com muita dificuldade, em decorrência das irregularidades do terreno, pegou uma anotação no seu bolso e nos leu uma mensagem transcrita pelo operador de rádio do batalhão.

— Alguém da frente de combate manda lhe dizer, senhora: P4D; P4BD — (*pião a quatro da dama e pião a quatro do bispo da dama*).

Aaron Bitero, sem entender o significado das letras e números associados, questionou o rapaz:

— Mais nada? Somente isso? Que porcaria é essa, garoto?

O soldado pensara que havia transmitido uma nota codificada importante e se surpreendeu com o desconhecimento do ministro. Ele respondeu:

— Mais coisa nenhuma, senhor. Há somente esses códigos que eu li!

Aaron Bitero julgou se tratar de uma brincadeira de mau gosto dos jovens soldados e disse:

— Pois então saia daqui!

Paul Kagame, um homem de estudos e mais atualizado que seu ministro de defesa, falou:

— Aquiete-se, Aaron Bitero, pois você está agitado hoje. Respire o ar puro destas colinas verdes dos pacíficos campos à nossa volta! Pelo visto, parece-me que você não sabe tudo sobre a Dra. Isabelle como me ludibriou a crer. Um pião à quarta casa da dama é uma abertura apropriada para uma agradável partida de xadrez!

Paul Kagame me olhou curioso, pois a vida lhe ensinara que as minúcias não são vãs. A mensagem aclarou-me que Kimbolo, o meu antigo companheiro da FPR, persistia em luta contra os hutus dez anos depois. Talvez me pedisse auxílio, por isso não me franqueei para os amigos ao meu lado. Como estaria sua aparência e saúde mental, após tanto tempo na frente de combate? Ele fizera progressos no jogo de tabuleiro e procurara ler a teoria do xadrez, pois me desafiava com o gambito de dama, quaisquer que fossem meus dois primeiros lances no jogo. Esta é minha abertura predileta, e, com ela, Raul Capablanca, exímio enxadrista cubano, exerceu seu talento no combate em tabuleiro. Por conseguinte, percebi que o meu discípulo Kimbolo estava bem assenhoreado. Falei para o soldado mensageiro:

— Transmita de volta: P4D; P3R — (*pião a quatro da dama e pião a três do rei*).

Respondi ao desafiante em igual modo, garantindo-me uma defesa acertada, uma partida longa e uma boa disputa. Entendi que me esperavam, adiante, Kimbolo com um tabuleiro de xadrez e os hutus com rifles engatilhados. Como havia aprendido em 1994, eram durões.

Quando a falange tutsi passava pela zona rural da cidade de Cyangugu, às margens do lago Kivu, próximo ao Congo, pedi a Paul Kagame que parássemos. Ele, gentilmente, atendeu e me acompanhou até uma pequena casa de taipa aquém-fronteira à beira da estrada, onde uma senhora regava, com zelo comovente, um pequeno jardim em frente à sua residência. Ao nos aproximarmos, a mulher reconheceu a figura do seu Presidente da República e se desconcertou um pouco com a inusitada visita. Ele apertou-lhe a mão e a cumprimentou com elegância. Eu, ainda que soubesse a resposta, fiz-lhe uma pergunta:

— Minha amiga, que lindas flores são estas, que a senhora planta?

Ela pôs-se a apontar as variedades que possuía em seu jardim, enquanto as nomeava, certa de que me descrevia novidades, por eu ser estrangeira.

— Estas são antúrios, aquelas helicônias, as outras mais adiante estrelícias; há gengibres e as baixinhas são violetas-africanas.

Admirada, desejei saber onde aquela senhora havia conseguido comprar as mudas ou adquirido sementes.

— Mudas? Não, querida. Eu não comprei muda alguma. Estas flores brotam no mato!

— Que mato? Aqui no seu quintal?

Ela me falou:

— Não, não e não, minha filha! Nas matas do Ruanda inteiro! Estas são plantas silvestres deste país. Elas estão espalhadas por todas as colinas em qualquer lugar que se vá. Não são flores para gente rica como a senhorita. São do povo daqui, pois as catamos em qualquer pedaço de terra sem dono.

As palavras do botânico Padre Jumpe chegaram à minha mente:

Dra. Isabelle, a natureza é inteligente e próspera, pois contém o sopro de Deus, que suaviza a dor da ferida exposta. Ela sempre encontra caminhos alternativos para se desenvolver, ainda que o homem a agrida sistematicamente!

Antigas e turvas imagens passaram diante dos meus olhos como um triste filme em preto e branco rodado à manivela. Em uma janela pop up espectral, vi os hutus invadirem a aldeia twa de Kigali em abril de 1994 e matarem todos aldeões que encontraram. Queimarem as cabanas de folhas de bananeiras, os trastes e destruírem os jardins. Porém, levarem presas em suas botas enlameadas, em suas roupas sujas de sangue e em seus cabelos úmidos de lodo as sementes das helicônias, antúrios, estrelícias, gengibres e violetas-africanas e as espalharem pelas colinas ruandesas, durante suas jornadas pecaminosas. Enquanto matavam os tutsis, semearem a vida de algum modo naqueles campos. A mãe natureza e um anjo twa se encarregaram do resto, ao longo de várias estações.

Tharcisse Mugabe veio à minha presença. Sobranceiro à minha frente, vindo do alto, trazendo lascas de nuvens presas em seu ser, calmamente alteou-se o espírito do meu querido twa, assomado em glória, sorrindo em minha direção, rodeado por serafins, querubins e erelins cintilantes. Ele se esforçava para me comunicar seu encanto ao me rever. As flores me denunciaram ao levarem o meu aroma para si. Os anjos, guardiães do céu, olhavam-nos temerosos de que o imenso amor do twa o trouxesse de volta para mim. Eles conferiam a presença da opaca bruma azul ao nosso redor, como garantia de uma experiência etérea entre nós. Os anjos não sabiam o porquê de tal contato. O twa veio tão somente para me dizer que estava bem e, mais uma vez, se mostrar zeloso e atencioso, ao me falar, como em tantas outras vezes antes:

Não chore, Dra. Isabelle, pois assim a senhora parte o meu coração!

Percebi que apraz a Deus saber que Tharcisse Mugabe conseguiu cumprir sua derradeira demanda e vencer uma luta solitária em favor das flores do Ruanda. O obreiro twa

transformara a carrocinha de violetas-africanas nas mil colinas ruandesas. O Divino revelou-me como naquela diáfana tarde de abril de 2004, em Cyanguu, onde os campos em derredor alastrados de flores eram a prova transparente de uma vitória mais importante, convincente e digna para a humanidade que a minha ou a dos tutsis ao meu lado.

* * * * *

Enquanto Isabelle comungava com espíritos, Aaron Bitero serenava o presidente.

— Não se preocupe, senhor. Quando a doutora fica assim, é sinal de que fala aos do além!

Paul Kagame ficou sinceramente impressionado com o transe e capacidade de abstração da convidada. Questionou seu ministro:

— Os mortos com quem esta mulher fala estão aqui, ao nosso lado, neste momento, Aaron Bitero?

— Acredito que sim, senhor! A Dra. Isabelle me confidenciou, de uma feita, que Deus coloca as almas do paraíso avizinhas dos seus algozes vivos, para que elas se engrandçam na dor!

O Presidente Kagame, boquiaberto, circunvagou os olhos e mirou a paisagem ampla, com o peso do pretérito às costas. Imaginou quantas criaturas etéreas ilocáveis estariam perto de si na ocasião. Como grande estrategista, percebeu o quão é esperta a Divindade que, do alto, por sobre a existência, basta olhar para suas crias aqui embaixo e aquilatar a incidência de espíritos em roda de cada uma, para determinar responsabilidades. Questionou novamente seu ilustre subordinado:

— Você acredita que essa médica é mesmo uma santa como os rapazes dizem?

— Acho que não, senhor presidente!

— Como assim, “eu acho que não?”. Falar com os seres do além já não é uma santidade?

— Não creio que os santos matem com tanta eficácia quanto esta americana!

— Ela é tão boa assim, Aaron Bitero?

— A Dra. Isabelle me contou que efetuou muitos disparos em competições de habilidade pela equipe do seu país e atira muitíssimo bem. Dos nossos, apenas Kimbolo faz-lhe alguma frente. Ela é uma incansável máquina de moer carne hutu, senhor presidente!

Paul Kagame olhou-a intrigado, pois acreditava avistar uma mulher comum. Sondou seu ministro, ao voltar a pensar nos assuntos que o traziam àquela região:

— Será que ela ser-nos-ia útil na frente congoleza por sua destreza com armas e não

somente para atendermos ao desejo dos garotos?

— Isto eu não sei. Devemos deixar que esta seja uma decisão da Dra. Isabelle!

— Você tem razão, Aaron Bitero. Estou a me contradizer! Além do bom soldado que foi, agora é ótimo ministro!

— Muito obrigado pelo elogio.

* * * * *

Quando percebeu que eu retornara taciturna da minha viagem interior, Paul Kagame achegou-se interrogativo e me deu um lenço para que pudesse enxugar minhas lágrimas. Tateou-me, curioso:

— O que a aflige, Dra. Isabelle? Por que chora? Traz-nos más notícias? Não percebe que terminaram os tempos da lamentação?

— Sei disso, senhor. Não lhe trago nota ruim. Sua missiva assim como a minha ser-nos-ão entregues em momentos demarcados. Estas que o senhor enxuga em mim são lágrimas de contentamento. De alguma forma, me sinto mãe de todas as flores dos jardins. Veja como estão belas!

Paul Kagame ficou aliviado, por constatar que estavam tão somente naquele pedaço de chão as minhas preocupações. Falou, remetendo o caso ao país inteiro:

— Muitas mães estão felizes no Ruanda, pois seus filhos estão em paz, Dra. Isabelle. Muitos lutaram e morreram para que pessoas como esta camponesa tivessem a tranquilidade de regar um jardim em um pedaço de terra inteiramente seu.

Durante os anos que se passaram, após o genocídio, o Ruanda procurou seus culpados e tentou expiar sua culpa. Foi formado um tribunal internacional na cidade de Arusha, na Tanzânia, para julgar o crime de genocídio, um delito contra a humanidade. Pelo desenrolar das praxes processuais, calculou-se que, em cem anos, os presos das carceragens do país não seriam todos julgados. Criaram-se então as gacacas, tribunais compostos por conselhos de moradores incumbidos de julgarem os perpetradores do massacre nas comunidades em que praticaram os ilícitos penais. Entendeu-se que os crimes sexuais, como o estupro, não podem ser julgados pela justiça popular.

Eu, outra vez, tinha o meu destino atrelado àquele país atribulado, que novamente me tentava com sua beligerância. Daquela vez, porém, eu devesse fazer como o Dr. Mike. Ele, com sua personalidade talhada no movimento hippie dos anos sessenta, no século XX, saía pelas ruas de Kigali, com uma cerveja Primus à mão, com os dedos em V, cabelo ao vento e com um sorriso largo e solto a desejar paz e amor aos transeuntes quer conhecesse ou não. Eu sou uma pessoa ciosa de minha liberdade de ação e zelo por uma vida módica com um mínimo

de conforto material. Sou contra o mal do mundo. Prefiro o ócio, andar de chinelo e usar roupa fresca a me meter em uma contenda alheia. Queria sentar em um bar, em uma tarde de domingo, com aqueles atarefados tutsis ao meu lado para tomarmos um suave chope e jogarmos conversa fora em uma oportuna ociosidade. Quem sabe se um pouco de alienação não nos fizesse bem, tirasse das nossas costas o peso da conturbada história africana e trouxesse algum alento a mais para aquele povo sofrido? Ou o rifle do colo de Paul Kagame passaria para o meu? Esta resposta eu tive em questão de horas.

Os tutsis me levaram a uma clareira às margens do Kivu. Olhei em volta e percebi que estávamos muito perto do país vizinho. Vi uma paisagem larga, alta e diáfana sem obstáculos afronteirados. Comecei a imaginar minha serventia para os Inkotanyis. Os guerrilheiros ao meu lado estavam tensos. São homens práticos habituados a se fazerem presentes em ocasiões especiais quando nada é casual. O Presidente Paul Kagame entregou-me sua arma, sussurrou ao meu ouvido e apontou para um ponto no Congo, uma vila militar. Percebi, por fim, o motivo de estar ali: deram-me um alvo de oportunidade, um destacado oficial hutu, que estava do outro lado do Kivu trajado de medalhas e insígnias. Alonguei meus dedos e respirei fundo algumas vezes. Pus um projétil artesanal no rifle, uma bala redentora, e comunguei com seu vil metal. Medei a força do vento lateral com minha imaginação e fiz um ritual qualquer, buscando concentração maior. Eu não me perdoaria se errasse aquele tiro. Talvez não mais houvesse outro encontro. Pensei em crianças twas estiradas ao chão, em Rose Kabaguyoi, minha irmã tutsi, e em mulheres violentadas. Tensa e com imagens dolorosas na lembrança não conseguiria obter um bom resultado, então, pensei em flores. O tempo ruiu espremendo a história num funil e uma premência angustiosamente contida tornou mudo o entardecer luzidio.

Deitada sobre os musgos do Kivu, pus o dedo no gatilho. Ao meu lado, inkotanyis atentos e ofegantes empunharam binóculos e aguardavam o desfecho da tocaia. Ansiavam que aquele não fosse mais um inútil tiro tutsi disparado naquela direção. Relaxei, orei, mirei atentamente e me desviei dos ruídos ao redor. Alonguei os olhos, viajei por uma reta, abeirei-me do objetivo e assestei-lhe minha dor. Vi um insolente hutu sorrindo desafiadoramente para mim. Será que o alvo pressentiu o bote ou me enxergou? Acreditou estar em inacessível frontaria e por isto permaneceu ali? Eu nunca tive estas respostas. De minha parte, também sorri e, como havia uma arma resoluta sob meus seios, atirei.

Então, após o estampido houve um silêncio revelador. Antes de uma gritaria, eu vi por minha mira Canisous Rubuga a mais de dois quilômetros de distância, de pé em uma colina, tombar morto e acabado! Com aquele tiro, a Frente Patriótica Ruandesa mais uma vez invadia o Congo...

Na fronteira de Cyangugu, o lago Kivu, com sua imensa generosidade, saciava a sede e alimentava de peixe os tutsis ruandeses de cá e os hutus congolezes de lá!

